Decodificando o Antissemitismo: Uma Adaptação ao Contexto Brasileiro

Um atlas de tropos de ódio, do deicídio ao genocídio

Anelise Fróes
Bruno Cardoni Ruffier
Matheus Alexandre

PREFÁCIO Maria Luiza Tucci Carneiro

CONIB
Confederação Israelita do Brasil

Decodificando o Antissemitismo: Uma Adaptação ao Contexto Brasileiro

Um atlas de tropos de ódio, do deicídio ao genocídio

Anelise Fróes
Bruno Cardoni Ruffier
Matheus Alexandre

PREFÁCIO Maria Luiza Tucci Carneiro

CONIB
Confederação Israelita do Brasil
PERSPECTIVA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F956d

Fróes, Anelise

Decodificando o antissemitismo : uma adaptação ao contexto brasileiro : um atlas de tropos de ódio, do deicídio ao genocídio / Anelise Fróes, Bruno Cardoni Ruffier, Matheus Alexandre ; [prefácio Maria Luiza Tucci Carneiro]. - 1. ed. - São Paulo : Perspectiva : CONIB, 2026.
296 p. : il. ; 32 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5505-300-5

1. Antissemitismo. 2. Questão judaica. 3. Judeus - História. I. Ruffier, Bruno Cardoni. II. Alexandre, Matheus. III. Carneiro, Maria Luiza Tucci. IV. Título.

26-106092.0

CDD: 305.8924
CDU: 316.347(=411.16)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

02/07/2026 03/07/2026

UMA PUBLICAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO ISRAELITA DO BRASIL
(Conib)

Este livro integra o projeto institucional de pesquisa, monitoramento e enfrentamento ao antissemitismo desenvolvido pela Conib, com o objetivo de contribuir para a compreensão das manifestações contemporâneas de antissemitismo e apoiar iniciativas de educação, conscientização e defesa dos direitos humanos no Brasil.

PRESIDÊNCIA
Claudio Lottenberg

DIREÇÃO EXECUTIVA
Sergio Napchan

DIRETORES RESPONSÁVEIS PELO PROJETO
Andrea Vainer
Rony Vainzof

COORDENAÇÃO DO PROJETO
Anelise Fróes
Bruno Cardoni Ruffier

AUTORIA
Anelise Fróes
Bruno Cardoni Ruffier
Matheus Alexandre

PESQUISA E REFERENCIAMENTO DE IMAGENS
Cleo Assunção

GESTÃO DE COMUNICAÇÃO
Joana Zlot

EDIÇÃO
Editora Perspectiva
EDITORAPERSPECTIVA.COM.BR

REALIZAÇÃO
Confederação Israelita do Brasil – Conib
CONIB.ORG.BR

REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS

Esta obra é resultado de um esforço institucional da Conib, desenvolvido a partir da contribuição de pesquisadores, especialistas e colaboradores envolvidos no projeto. Os conteúdos aqui apresentados refletem o trabalho coletivo e foram produzidos para fins educacionais, de pesquisa e conscientização pública. A reprodução total ou parcial desta publicação deverá observar a legislação aplicável e os créditos correspondentes às fontes e materiais utilizados. O desenvolvimento do livro *Decodificando o Antissemitismo: Uma Adaptação ao Contexto Brasileiro* foi inspirado, entre outras referências acadêmicas nacionais e internacionais, pelo projeto internacional Decoding Antisemitism, liderado por Dr. Matthias J. Becker e desenvolvido em parceria com pesquisadores de instituições acadêmicas da Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos e França.

A presente obra constitui uma iniciativa independente da Confederação Israelita do Brasil (Conib), concebida e desenvolvida para o contexto brasileiro, não se configurando como tradução, reprodução ou edição oficial do projeto original.

Determinados referenciais conceituais e metodológicos utilizados neste trabalho dialogam com publicações produzidas no âmbito do projeto Decoding Antisemitism, incluindo a obra *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*, publicada sob licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

Os conteúdos originalmente utilizados foram adaptados e contextualizados para a realidade brasileira pelos autores desta publicação. Todas as referências bibliográficas completas encontram-se indicadas ao longo da obra.

Sumário

08 PREFÁCIO

10 INTRODUÇÃO

22 PARTE I: ESTEREÓTIPOS CLÁSSICOS

1. Deicídio
2. Demonização
3. Calúnia de Sangue
4. O Outro, o "Eterno Estrangeiro"
5. Artificialidade e Inautenticidade
6. Dupla Lealdade, Lealdade "Tribal" e Deslealdade
7. Desintegrador e Degenerador
8. Imoralidade, Misantropia e Vingança
9. Mentira, Engano, Infiltração e Dissimulação
10. Ganância, Avareza e Parasitismo
11. Desumanização e Repulsividade
12. O Mal – Antissemitismo Redentor

86 PARTE II: TEORIAS MODERNAS DA CONSPIRAÇÃO

13. Teorias da Conspiração Sobre Poder Judaico
14. Personificação e Controle do Capitalismo Global
15. Dominação Mundial
16. Complôs de Subversão: "Judeo-Bolchevismo", "Bolchevismo Cultural", "Marxismo Cultural", "ZOG", "Grande Substituição" e "Genocídio Branco"
17. Disseminadores de Doenças
18. Instigadores de Guerras e Operações Bandeira Falsa

126 PARTE III: ANTISSEMITISMO RELACIONADO AO HOLOCAUSTO

19. Relativização e Negação do Antissemitismo
20. Vitimização Estratégica: Instrumentalização da Memória do Holocausto e da Luta Contra o Antissemitismo
21. Tabu da Crítica
22. Privilégio Judaico
23. Rejeição da Culpa e Exigência de Ruptura Com o Passado Nazista
24. Negação e Distorção do Holocausto
25. "Judeus Não Aprenderam Nada Com o Passado"
26. Os Judeus São Culpados, Merecedores ou Instigadores do Antissemitismo

174 PARTE IV: ANTISSEMITISMO RELACIONADO A ISRAEL E AO SIONISMO

27. Inversão do Holocausto: Comparações Com o Nazismo
28. Responsabilização dos Judeus Pelas Ações do Estado de Israel
29. Israel Como Estado Colonial, Sionismo Como Ideologia Colonialista e Judeus Como Colonizadores
30. Israel Como Estado de Apartheid e "Sionismo = Racismo"
31. Israel Como Estado Genocida e o Sionismo Como Ideologia de Extermínio
32. Israel Como Estado Terrorista
33. Negação do Direito de Autodeterminação do Povo Judeu no Seu Lar Ancestral
34. Duplo Padrão

216 PARTE V: DISCURSO DE ÓDIO, RETÓRICA E PERFORMATIVIDADE VIOLENTA

35. Comunicação Ambígua, Implícita ou Indireta: Alusões, "Apitos de Cachorro", Metáforas e Eufemismos
36. Humor Antissemita
37. Insultos, Ameaças, Maldições e Desejos de Morte
38. Afirmação de Grupos Antissemitas
39. Afirmação do Nazismo, de Hitler e do Holocausto

252 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

262 REFERÊNCIAS IMAGENS

Prefácio

O livro *Decodificando o Antissemitismo: Uma Adaptação ao Contexto Brasileiro – Atlas de Tropos de Ódio, do Deicídio ao Genocídio* integra o projeto institucional de pesquisa, monitoramento e enfrentamento ao antissemitismo desenvolvido pela Conib. De autoria de Anelise Fróes, Bruno Cardoni Ruffier e Matheus Alexandre, esta publicação tem como fio condutor a elaboração de um guia visual de tropos de ódio, inspirado no *Atlas Mnemosyne*, de Aby Warburg, e no breviário *Dez Mitos Sobre os Judeus*, de minha autoria. Assim como Warburg, os autores deste novo atlas conceberam construir um caleidoscópio das ocorrências do antissemitismo cujo conteúdo emerge reciclado, como "mera variação do já conhecido".

Desta vez, a inovação está na proposta de *identificar*, *desconstruir*, *expor* os estereótipos históricos e as teorias da conspiração contra o povo judeu. As fontes selecionadas para a composição deste guia – as linguagens e as imagens antissemitas – foram captadas no mundo digital com o objetivo de criar constelações visuais, ou seja: murais de referência que permitam identificar os discursos de ódio dispersos pelas plataformas visuais contemporâneas. Além de educar o público leitor, explicando a origem dos mitos e fornecendo um contexto histórico rigoroso, o guia ensina como reconhecer os símbolos, imagens e as palavras usadas para culpar/desumanizar/demonizar os judeus.

Certamente, o atlas gerado pela Conib extrapola sua proposta pedagógica de decodificação e denúncia da persistência do antissemitismo, projetando-se como um dos primeiros guias de referência adaptados ao contexto brasileiro. Fundamentado em ampla pesquisa histórica, este ambicioso livro foi idealizado para "ensinar" os sistemas computacionais a reconhecer "os padrões complexos de linguagem previamente identificados como antissemitas por pesquisadores humanos", como diz a Introdução. Ainda que as imagens estejam sem identificação do autor, a composição de constelações visuais nos remete à proposta de Warburg: gerar painéis visuais que permitam conexões imediatas, psicológicas e temáticas entre tempos distintos e lugares-comuns.

Sem seguir uma ordem cronológica, o *atlas de tropos de ódio* confirma que o antissemitismo que circula pelas plataformas digitais neste século XXI se faz alimentado por mitos seculares. Essa memória visual – delimitada pelos conceitos de deicídio e de genocídio moderno – se estende no tempo, comprovando que os mitos antissemitas sobrevivem e ressurgem reciclados, maquiados e com novas roupagens. Historicamente, ambos os conceitos estão associados às perseguições, massacres (*pogroms*) e segregações contra as comunidades judaicas, distintas por sua origem geográfica e culturais (etnias). Constatamos que mitos medievais, modernos e contemporâneos (como a culpa judaica em crises financeiras, doenças ou controle global) têm sido facilmente reciclados e viralizados, carregados de desinformação. De certa forma, essas constelações visuais obrigam o observador a confrontar o passado e o presente simultaneamente, trazendo esse fenômeno para a realidade brasileira.

Dados recentes registrados nos relatórios anuais da Conib apontam que mais de 80% dos casos de antissemitismo registrados no país ocorreram no ambiente digital. Daí os autores exporem os resultados das suas pesquisas em uma perspectiva de longa duração, usando a internet como um amplificador digital de preconceitos históricos que se adaptaram aos novos tempos. É fato que, por meio da internet, o antissemitismo se reinventou, transformando as teorias da conspiração e bodes expiatórios seculares em memes, vídeos e postagens virais.

Assim, para entendermos a linha histórica adotada pelos idealizadores deste projeto combativo, considero essencial pontuar que o antissemitismo demarcado no *atlas de tropos* tem raízes profundas advindas do substrato construído de geração em geração. A diversidade das imagens propagadas por séculos comprova que o discurso antissemita foi sendo modelado para "fazer crer" que os judeus eram (e ainda são) perigosos, ora como "povo deicida/genocida", ora como um grupo que controla a economia, a mídia, os governos etc. Observando as velhas e as novas roupagens sobrepostas no final de cada verbete constatamos que a cultura digital facilitou a recodificação de acusações medievais como, por exemplo, a calúnia de sangue que "vem servindo à demonização dos israelenses e do Estado de Israel na atualidade" (p. 37).

Trata-se aqui de uma história de mudanças nas relações de força que interferem no imaginário coletivo, embaralhando o discurso universal dos direitos humanos. Assim, a propaganda contínua contra os judeus, o sionismo e o Estado de Israel se prestam na atualidade para a consolidação desse ódio enquanto um fenômeno estrutural, histórico e persistente, cujas raízes são seculares. Fica evidente que no passado o deicídio funcionava como uma acusação de cunho mitológico e religioso, utilizada para inflamar o ódio contra um povo acusado de ser responsável pela morte de Jesus Cristo. Sem essa longa herança de hostilidade religiosa, o antissemitismo moderno e contemporâneo não teria encontrado um terreno tão fértil para reciclar o preconceito contra os judeus. Ainda que uma nova onda de antissemitismo tenha sido desencadeada pelo massacre terrorista praticado pelo Hamas em 2023, instigando a polarização no Brasil, notamos que a estrutura do discurso de ódio aos judeus não foi alterada, mas sim os argumentos (leia-se: fundamentos) que dão sustentação a esse discurso ao decorrer da história.

Enfim, ao assumirem o desafio de criar modelos de classificação detalhados para 39 categorias antissemitas, os proponentes deste atlas conseguiram atingir os seus objetivos: oferecer um guia ilustrado e de referência pautado na decodificação do discurso antissemita. A análise empírica de mais de trezentas mil peças de discurso *on-line* oferece ao leitor as informações necessárias para o reconhecimento do discurso de ódio contra os judeus, tanto em suas expressões visíveis como veladas. Recorrente em todos os capítulos, está a orientação para adentrarmos àquela área cinzenta

do discurso de ódio (de)marcada pela ambiguidade jurídica e social, movimentando-se entre a liberdade de expressão legítima e a incitação criminosa à violência. Tarefa nada fácil, considerando que o antissemitismo é um "vírus" em constante mutação. Mesmo assim, esta obra consegue revelar as principais mutações provocadas pelas reciclagens dos mitos, reconstituindo o processo de demonização e desumanização dos judeus.

Ao filtrarem as manifestações antissemitas tomando como critério as acusações de mentira, engano, infiltração e dissimulação que formam o núcleo da gramática antissemita, os autores construíram um verdadeiro caleidoscópio. Esses fragmentos de representações visuais referem-se à vasta e mutável coleção de estereótipos, caricaturas e teorias da conspiração acionados historicamente para desumanizar o povo judeu. Permitem ao leitor identificar e descrever, como proposto na apresentação do livro, "os modos pelos quais o antigo se manifesta no novo" (p. 13). Com as novas mídias, os elementos fundantes do antissemitismo se transformam em tempo real: mitos históricos – como o deicídio medieval ou a farsa dos *Protocolos dos Sábios de Sião* – são reciclados nas redes sociais, gerando uma combinação de desinformação histórica, *fake news*, humor disfarçado e conteúdo ilegal.

A quantidade de associações oferecidas por este atlas permite distinguir os fundamentos que dão sustentação à metamorfose do antissemitismo tradicional/teológico para o antissemitismo moderno (de cunho pseudocientífico) e para o contemporâneo. Com a ascensão da internet, esse "caleidoscópio do ódio" mudou de formato, favorecendo a migração dos tropos de ódio para as redes sociais por meio de memes, emojis codificados e até mesmo de imagens geradas por inteligência artificial.

Enfim, o fio-condutor que amarra todos os capítulos do *atlas* está na pergunta: *como identificar* os discursos e as imagens associadas à repulsa aos judeus e que legitimam a exclusão, a violência ou a eliminação? As respostas nos remetem ao título do livro: *Decodificando o Antissemitismo*. E como proceder? Prestando atenção nos detalhes, identificando as linguagens e as narrativas encobertas para disseminar o ódio contra o povo judeu (*dog whistles*), localizando as ambiguidades propositais e contabilizando a propagação repetitiva dos tropos. É quando os mitos (as mentiras) e os tropos deixam de ser um mero recurso narrativo para se transformar em uma ferramenta de opressão sistêmica usada para demonizar os judeus enquanto uma ameaça à humanidade.

Está comprovado que para investirmos (em caráter emergencial) contra o antissemitismo precisamos ter um método de conhecimento, de pesquisa histórica, cuja força esteja na construção de um saber indiciário que permita decifrá-lo. Localizar detalhes marginais e pistas fragmentárias (vestígios) são fundamentais para compreendermos a persistência e as rupturas de um pensamento, que (no seu conjunto) revela estruturas culturais profundas. Sob esse viés é que aplico a expressão "antissemitismo de raiz", considerando-o como uma forma de racismo, herdado dos tempos coloniais.

Como produtores de conhecimento (agentes de mudança), precisamos criar as nossas ferramentas, combinando a defesa de causas sociais com o uso estratégico dos meios, visando dar visibilidade às nossas constatações. É imprescindível a utilização de definições claras, sem deturpações, que ajudem a identificar as manifestações retóricas e físicas do antissemitismo. No contexto atual, as consequências da intensificação do ódio antissemita no Brasil – que extrapola as reações à guerra entre Israel e o Hamas, entre Israel e o Irã – devem ser percebidas como prenúncios das fragilidades da nossa democracia e da nossa educação, intensificadas pela violência e o extremismo sem limites.

Resumindo: os diagnósticos apresentados aqui servem de alerta e devem vir acompanhados de programas estratégicos de prevenção e combate ("profilaxia"), embora não haja uma única "receita" universal. Daí a importância da criação de atlas, guias e manuais que monitorem casos para combater o ódio de forma articulada. Esse enfrentamento deve ser encarado como um esforço contínuo de educação, pesquisa, legislação e diálogo social.

MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO
Universidade de São Paulo

Introdução

Decodificando o Antissemitismo: Uma adaptação ao contexto brasileiro

Um atlas de tropos de ódio, do deicídio ao genocídio

1. O QUE SIGNIFICA "DECODIFICAR O ANTISSEMITISMO"?

O trabalho se propõe a constituir um guia de referência com finalidade educativa, voltado à compreensão, interpretação e "decodificação" do discurso antissemita. A obra resulta de um esforço de sistematização dos principais estereótipos e "lugares-comuns" que moldaram esse discurso ao longo dos séculos, acompanhando as mutações históricas por meio das quais tais formulações assumiram formas contemporâneas que, não obstante, preservam traços de continuidade e identidade com expressões antigas.

De modo mais ambicioso, o livro propõe descrever o antissemitismo, a partir da justaposição de suas diferentes formas de manifestação, como um "ismo", isto é, como uma visão de mundo ou, nos termos de Hannah Arendt (2013) em *As Origens do Totalitarismo*, como uma "ideologia". Trata-se de um conjunto de crenças, pressupostos e vieses interpretativos que promete oferecer conhecimento sobre "os mistérios de todo o processo histórico – os segredos do passado, as complexidades do presente, as incertezas do futuro" a partir de uma lógica imanente às próprias ideias que o compõem. Tal explicação da realidade tende, segundo Arendt, a submeter tanto a lógica quanto os fatos a esse esquema interpretativo fechado, emancipando-se da experiência empírica e insistindo na existência de uma realidade "mais verdadeira", supostamente oculta por trás de tudo o que é perceptível.

Nessa perspectiva, o antissemitismo não será tratado apenas como mais um preconceito entre outros, mas como um conjunto relativamente coerente de critérios, narrativas e esquemas analíticos que, quando articulados de forma consequente, permitem ao antissemita interpretar amplos aspectos da realidade a partir de vieses de confirmação sistematicamente hostis aos judeus e ao judaísmo.

Voltado tanto a especialistas quanto ao público geral, o projeto une pesquisa historiográfica, sociológica e iconográfica com uma abordagem prática. Seu objetivo é oferecer instrumentos que possibilitem reconhecer, contextualizar e interpretar o discurso de ódio dirigido aos judeus, tornando explícitos os sentidos por ele veiculados.

Essa proposta é pertinente porque, para além das expressões abertas – como imputações generalizantes e derrogatórias dirigidas a "o judeu" ou convocações explícitas à violência e ao extermínio –, o antissemitismo manifesta-se também, e com maior frequência, de forma velada.

Nessas situações, ele opera sobretudo por meio de estratégias discursivas indiretas, como insinuações, eufemismos, símbolos, metáforas, piadas, jogos de palavras, inferências, alusões, perguntas retóricas, ironias e memes. Em razão disso, muitas de suas formas típicas de expressão são mais difíceis de detectar por um olhar não treinado na sua identificação. Por isso, circulam com relativa liberdade em espaços nos quais o discurso de ódio, ao menos em princípio, não seria tolerado. O atlas busca, assim, fornecer os elementos necessários para o preenchimento das lacunas semânticas produzidas por essas formas de discurso indiretas, permitindo que seu significado seja adequadamente compreendido e explicitado.

A publicação dedica atenção especial às manifestações do antissemitismo no ambiente digital, onde, em razão das transformações nas condições de circulação de conteúdo associadas à lógica de funcionamento das plataformas digitais, esse discurso se dissemina com rapidez e assume linguagens próprias. Em períodos anteriores, o discurso antissemita tendia a operar de maneira mais claramente "vertical", sendo impulsionado sobretudo por elites políticas, intelectuais ou religiosas. A expansão da web, contudo, enfraqueceu os processos tradicionais de triagem e mediação exercidos pelo jornalismo profissional, historicamente orientado por normas éticas específicas, possibilitando a circulação mais ampla e menos controlada de mensagens de ódio em um ecossistema comunicacional cada vez mais difuso e fragmentado. Esse deslocamento não implica ausência de poder, mas sua redistribuição e capilarização em redes de interação marcadas por baixa responsabilização discursiva. Nesse contexto, o anonimato, as dificuldades de regulação do conteúdo e as dinâmicas algorítmicas orientadas pela maximização de engajamento, que tendem a privilegiar discursos embasados em polêmica e indignação moral, contribuem para a intensificação de comportamentos agressivos e extremistas

(BECKER et al., 2024). O antissemitismo encontra, assim, condições particularmente favoráveis para prosperar no ambiente digital, mobilizando novas formas visuais e linguísticas que reatualizam e reiteram estereótipos historicamente consolidados.

De modo decisivo, contudo, para além das transformações introduzidas pelas condições contemporâneas de circulação do discurso, a forma indireta e "codificada" do discurso antissemita não deve ser entendida como uma adaptação meramente contingente a novos contextos. Trata-se, antes, de uma condição constitutiva da própria lógica interna do antissemitismo e da realização de seus propósitos discursivos. Como se verá adiante, a visão de mundo antissemita projeta sobre "o judeu" um poder difuso, onipresente e conspiratório tal que o próprio antissemita se percebe como impedido de formular suas acusações de maneira aberta, transparente e direta, sob pena de repressão, silenciamento ou retaliação.

Nessa perspectiva, um discurso antissemita que reconhece poder se expressar livremente cai em contradição performativa. Ele se compreende como uma "contracultura", em oposição à suposta "cultura dominante", ao "sistema" controlado por poderosos judeus agindo em complô. A "codificação" do discurso emerge, assim, como uma pré-condição necessária e estruturante dessa configuração imaginária. Mesmo nos casos em que o antissemitismo se manifesta de forma explícita – isto é, em suas expressões mais agressivas e grosseiras –, tal explicitação tende a ser vivida pelo próprio antissemita como um gesto de coragem, risco e enfrentamento heroico diante do suposto poder dominante.

É precisamente esse mecanismo que Theodor W. Adorno (1964) identifica ao caracterizar o antissemitismo como um modo de comunicação que se apresenta como "verdade proibida", como saber subterrâneo partilhado apenas entre iniciados, e que extrai sua força precisamente da alegação de não poder se dizer abertamente. A codificação, o cochicho e a insinuação não são, portanto, meros disfarces impostos por contextos normativos adversos, mas elementos centrais de uma gramática discursiva que transforma o próprio tabu social contra o antissemitismo em prova de sua suposta veracidade.

Um exemplo eloquente – e em muitos sentidos fundacional – dessa dinâmica é o caso do jornal antissemita francês *La Libre parole*, caracterizado pelo escritor judeófobo Léon Daudet como o "órgão oficial do antissemitismo francês". Entre 1893 e 1894, o periódico alcançou uma circulação diária estimada em cerca de 200 mil exemplares, sem deixar, contudo, de se apresentar como um bastião da liberdade de expressão – daí o nome "A Palavra Livre" – contra uma suposta repressão e dominação judaica da imprensa, que impediria os demais jornais de denunciá-la (POLACHEK, 1990). Na realidade, como observa o historiador Zeev Sternhell (1986), alguns dos jornais de maior circulação na Europa do início do século XX eram explicitamente dedicados à propaganda antissemita e à denúncia da suposta dominação judaica dos meios de comunicação. Séculos antes disso, já à época da invenção da imprensa de Gutenberg, panfletos antissemitas figuravam, ao lado da *Bíblia*, entre algumas das primeiras obras produzidas com vistas à circulação massiva (BARON, 1967; SCRIBNER, 1994; TETER, 2020).

1.1 ÊNFASE NO CONTEÚDO DO DISCURSO ANTISSEMITA, NÃO NO SEU EMISSOR

Partindo do pressuposto de que o antissemitismo constitui um fenômeno cultural antigo e duradouro, profundamente enraizado no imaginário coletivo e constitutivo de uma verdadeira "tradição cultural ocidental" (NIRENBERG, 2013), o objetivo principal deste trabalho não é a denúncia nem a repressão dos indivíduos que proferem essas manifestações. Busca-se, antes, promover letramento e conscientização, no sentido de tornar visível o modo como determinados discursos contemporâneos recorrentes incorporam e dependem de lugares-comuns antissemitas para produzirem sentido. Essa opção também se justifica pelo fato de que nem todas as expressões de antissemitismo decorrem de uma intencionalidade explícita de ódio aos judeus. Em muitos casos, elas resultam da reprodução irrefletida ou inconsciente de esquemas interpretativos herdados, que precisam ser trazidos à consciência para que possam ser criticamente superados. Trata-se, assim, de interromper uma dinâmica que pode ser descrita, em termos metafóricos, como um persistente "retorno do recalcado", inscrito no "inconsciente coletivo" cultural do Ocidente.

Por isso, decidiu-se que as ilustrações de discurso antissemita trazidos no atlas fossem anonimizados sempre que possível. No lugar de centrar a análise na intenção do emissor ou na identidade do locutor, privilegia-se uma abordagem orientada ao conteúdo e ao contexto do enunciado. Se busca evitar armadilhas recorrentes, como a personalização das acusações, o uso instrumental e seletivo da denúncia de antissemitismo em disputas políticas ou a confusão entre crítica legítima e preconceito velado. Como se verá a partir da abundância e variedade das ilustrações trazidas, o antissemitismo não se vincula a um campo político específico, mas se expressa por meio de ideias culturalmente disseminadas, que atravessam fronteiras ideológicas e paradigmas cosmológicos, se reproduzindo em diferentes contextos sociais.

Reconhece-se, ainda, a possibilidade de que diferentes ilustrações apresentadas nos murais explicativos não sejam consideradas antissemitas por todas as leitoras e leitores. Não é objetivo do atlas imputar conteúdo discriminatório a quaisquer dos exemplos tomados isoladamente. O propósito é evidenciar, por meio da reunião, da recorrência e da justaposição de temas antissemitas, o campo de sentidos compartilhados que os atravessa, abrangendo desde casos paradigmáticos – por assim dizer, "de manual" – até exemplos mais controversos, sobre os quais há dissenso interpretativo e que serão tratados como pertencentes a uma "zona cinzenta".

Espera-se que esses casos convoquem leitoras e leitores a um debate respeitoso e empático, capaz de reconhecer continuidades e de argumentar, quando pertinente, em favor das descontinuidades desses discursos em relação à tradição cultural antissemita. Nessa medida, o presente trabalho aspira menos a funcionar como uma cartilha normativa que define de modo definitivo o que é ou não é antissemitismo, e mais como uma ferramenta destinada a qualificar o debate público sobre o tema.

A partir dessa abordagem, o livro pretende contribuir para a desarticulação do discurso antissemita por meio do letramento e do convite à reflexão. Nossa intenção é bem comunicada pela sentença atribuída ao juiz norte-americano Louis Brandeis: "a luz do sol é o melhor desinfetante".

1.2 AS DEFINIÇÕES OPERACIONAIS DE ANTISSEMITISMO E COMO FUNCIONAM JUÍZOS DE IMPUTAÇÃO

O atlas ilustrado *Decodificando o Antissemitismo* também é concebido como um manual de consulta para situações em que o conteúdo antissemita de um texto, imagem ou enunciação não se apresenta de forma imediata ou evidente para quem depara com ele. Em cada verbete, a leitora e o leitor encontrarão indicações destinadas a auxiliar na identificação da ideia central mobilizada e dos recursos linguísticos que a sustentam, tomando como referência as definições operacionais de antissemitismo mais empregadas atualmente. Reconhece-se, nesse contexto, a existência de um debate em torno da definição operacional não vinculante proposta pela International Holocaust Remembrance Alliance (Aliança Internacional Para a Memória do Holocausto, IHRA). Outras formulações – como a *Jerusalem Declaration on Antisemitism* (Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo, JDA), a definição proposta pelo grupo *Nexus* e, mais recentemente, a *Declaração de Granada de Princípios Para o Enfrentamento Conjunto da Islamofobia e do Antissemitismo* – surgiram com o objetivo de contrapor, complementar ou qualificar aspectos considerados controvertidos da definição da IHRA. O atlas não pretende decidir ou encerrar esse debate, mas contribuir para ele por meio de uma abordagem orientada ao reconhecimento concreto, caso a caso, das manifestações discursivas do antissemitismo, ponderando sobre como as diferentes definições orientariam a sua classificação.

Definições amplas e abstratas, quando aplicadas a casos concretos, exigem necessariamente uma interpretação contextualizada e um ato de imputação. Tal como ocorre na aplicação de normas jurídicas gerais a fatos específicos (KELSEN, 1998), trata-se sempre de interpretar, argumentar e decidir: nenhum texto normativo é capaz de determinar de modo prévio, automático e exaustivo se um determinado juízo deve ou não ser aplicado a um conjunto de declarações. Isso significa que nenhuma definição operacional, por si só, é suficiente para imputar antissemitismo a um discurso concreto.

Mais detalhadamente: a imputação de antissemitismo não assume a forma de um juízo causal do tipo "se A *é*, então B *é*", mas a de um juízo interpretativo e normativo: "se A *é*, então B *deve ser*", ou ainda, "se um discurso mobiliza tais e tais elementos, em tais e tais contextos, então ele *deve ser* considerado antissemita". Esse "deve" não se converte automaticamente em um "é". A passagem da identificação à imputação depende de um ato vontade e responsabilidade pessoal. Nem as definições operacionais existentes nem as orientações oferecidas neste livro podem eximir a pessoa que realiza essa avaliação da responsabilidade pela decisão tomada; podem apenas delimitar o conjunto de critérios a partir do qual a decisão será formulada e justificada, mantendo sempre aberta a possibilidade de argumentação em sentido contrário.

É precisamente a responsabilidade individual de quem julga que evidencia a incontornável liberdade humana, que fundamenta, por sua vez, as reivindicações por igualdade e dignidade que embasam a crítica ao antissemitismo e a todas as demais formas de discriminação.

Diante disso, o que este livro se propõe a fazer é cotejar as diferentes definições existentes, apresentá-las de forma clara e delimitar seus respectivos campos de aplicação, apontando suas divergências e zonas de sobreposição. Uma das hipóteses que orientam este trabalho é a de que a exposição detalhada dos lugares-comuns que estruturam o discurso antissemita pode contribuir para reduzir desacordos entre as definições operacionais, oferecendo subsídios argumentativos mais consistentes para sua aplicação na prática. Sustenta-se que muitas das divergências frequentemente apontadas entre essas definições, sobretudo quando formuladas analisando-as em abstrato, podem ser em grande medida compatibilizadas se analisadas à luz de casos concretos, devidamente contextualizados.

Mesmo nos casos em que persistirem controvérsias, a estrutura do manual permite que cada capítulo seja tratado de forma autônoma, possibilitando à leitora e ao leitor concentrar-se nos temas que considerar mais relevantes. Dessa forma, o livro mantém o compromisso com a pluralidade interpretativa, busca oferecer uma fundamentação bibliográfica sólida para as suas escolhas, mas também explicitar as zonas de disputa conceitual que atravessam o campo.

Nesse sentido, ao final de cada verbete do atlas, são apresentados dois campos específicos – "como identificar" e "definições operacionais e zonas cinzentas" – que reúnem, de um lado, diretrizes gerais para a identificação da presença dos lugares-comuns antissemitas nos discursos analisados, e, de outro, as zonas de tensão ou fatores que poderiam eximir uma forma de discurso da acusação de antissemitismo.

2. PREMISSAS METODOLÓGICAS

2.1 NOSSO CRITÉRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DE ANTISSEMITISMO

O atlas reúne 39 "lugares-comuns" do discurso antissemita, abrangendo desde temas e acusações clássicas (Parte I) – como o "deicídio", a "ganância e avareza" e a "dupla lealdade" – até formas mais sistemáticas de explicação da realidade contemporânea, tratadas na Parte II sob a categoria de "Teorias Modernas da Conspiração". Essas últimas são apresentadas com ênfase não apenas em seu caráter conspiratório, mas também em sua pretensão "teórica" e especificamente moderna. Um ponto central que se busca explicitar é que o antissemitismo constitui uma forma singular de discriminação precisamente em razão do tipo de "teoria" que produz: formulações que projetam sobre uma suposta conspiração judaica as propriedades abstratas de processos históricos sistêmicos, impessoais e "automáticos", de outro modo associados ao desenvolvimento das cadeias globais de produção, circulação e mediação características da modernidade. Exemplos recorrentes desse tipo de construção discursiva incluem enunciados como "os judeus controlam o capitalismo", "os judeus conspiram por uma nova ordem mundial", "eles estão por trás de todas as guerras" ou "os judeus promovem a substituição da raça branca por meio do ataque aos valores tradicionais, da migração e da miscigenação".

As Partes III e IV, dedicadas, respectivamente, às acusações dirigidas aos judeus no período posterior ao Holocausto ou em razão dele, e determinados tipos de crítica a Israel e ao sionismo, são apresentadas como desdobramentos plausíveis do fenômeno cultural descrito nas Partes I e II. Essas continuidades são estabelecidas por meio de associações entre as formulações contemporâneas e tropos mais antigos do discurso antissemita, cuja continuidade, persistência e reatualização se buscará evidenciar. Com isso, pretende-se oferecer um critério analítico – ainda que não exaustivo – para a avaliação da presença de antissemitismo em determinados discursos contemporâneos, em especial de certos tipos de crítica a Israel e ao sionismo.

De acordo com a proposta aqui apresentada, *discursos contemporâneos de acusação ou crítica que decorrem ou dependem de pré-compreensões estereotípicas do antissemitismo clássico ou moderno* – hoje amplamente reconhecidas e relativamente pouco controversas – *contra indivíduos, grupos, Estados ou culturas, podem, em maior ou menor grau, ser compreendidos como antissemitas*.

A partir desse critério, a tarefa deste atlas passa a ser identificar e *descrever os modos pelos quais o antigo se manifesta no novo*. A intensidade do antissemitismo em um determinado discurso passa, assim, a ser aferida pela quantidade e pela força das associações que se estabelecem entre suas posições e os esquemas interpretativos característicos do antissemitismo clássico e moderno. Assim, parte-se do que é mais amplamente aceito para melhor abordar os desacordos.

Defende-se, desse modo, que o tipo de conhecimento necessário para que cada leitora ou leitor possa formular juízos fundamentados de imputação de antissemitismo é, sobretudo, de natureza histórica, contextual e interpretativa.

2.2 AS TRÊS PRINCIPAIS INSPIRAÇÕES DO PROJETO

O atlas adota e adapta a taxonomia de "lugares-comuns" – "tropos" ou *topoi* – proposta pela iniciativa internacional *Decoding Antisemitism*, que inspira o título em português da presente obra. Coordenada por Matthias J. Becker, em colaboração com um grupo interdisciplinar de pesquisadores do Reino Unido, dos Estados Unidos, da França e da Alemanha, a iniciativa foi desenvolvida inicialmente no Centro de Estudos do Antissemitismo da Universidade Técnica de Berlim (TUB) e, mais recentemente, na Universidade de Nova York (NYU). Desde 2020, os pesquisadores vêm elaborando modelos de classificação detalhados para 46 categorias antissemitas (36 tropos e dez modos de enunciação), refinados por meio da análise empírica de mais de 300 mil peças de discurso *on-line*. Eles visam desenvolver uma ferramenta de inteligência artificial que utiliza essa taxonomia como base de treinamento algorítmico, permitindo que sistemas computacionais aprendam a reconhecer padrões complexos de linguagem previamente identificados como antissemitas por pesquisadores humanos. O propósito é capacitar a tecnologia a distinguir contextos codificados, uma tarefa que permanece particularmente desafiadora para os sistemas atuais (BECKER et al., 2024).

O presente projeto vem mantendo um diálogo consistente com essa iniciativa internacional, por meio de consultas, intercâmbio de informações e referências, sendo desenvolvido em interlocução contínua com os resultados alcançados por aquele grupo de pesquisa, bem como com a intenção de, tanto quanto possível, estabelecer uma parceria formal. Nesse contexto, mesmo quando surgem discrepâncias entre a taxonomia aqui proposta e aquela empregada pelo projeto internacional – como, por exemplo, na ênfase conferida ao deicídio como tipo específico, ou na adição, supressão ou reorganização da ordem de exposição de determinadas categorias –, tais diferenças são apresentadas de forma justificada e no interior de um diálogo construtivo.

Adicionalmente, o atlas inspira-se na proposta do breviário *Dez Mitos Sobre os Judeus*, da historiadora brasileira Maria Luiza Tucci Carneiro (2019), cuja abordagem é mobilizada para suplementar a taxonomia do projeto internacional e para enfatizar a história das ideias como eixo explicativo do antissemitismo. Trata-se de uma iniciativa pedagógica e historiográfica voltada à análise, desconstrução e denúncia da persistência do antissemitismo por meio do exame de dez narrativas falaciosas – entendidas como "mitos" – que atravessam diferentes épocas históricas. A obra se organiza como uma "viagem de exploração" ao "imaginário coletivo povoado de arquétipos", com o objetivo de compreender de que modo estereótipos antigos continuam a instigar o ódio no mundo contemporâneo, inclusive no contexto brasileiro.

Carneiro (2019) esclarece que não se trata de mitos folclóricos ou de origem, mas de "mitos políticos", definidos como construções destinadas a enganar – "mentiras usadas como verdade" – que sobrevivem por meio da repetição e da força de sua sedução narrativa. Citando o historiador Raoul Girardet, a autora descreve esses mitos como um "sonho" que se organiza em uma dinâmica de imagens que se encadeiam, nascem umas das outras, se chamam, se respondem e se confundem por meio de um jogo complexo de associações visuais, cujos contornos são imprecisos, se imbricam e se interpenetram, permanecendo ligados por uma rede sutil e poderosa de relações de complementaridade, transição e interferência. Mais do que isso, a adesão a esse conjunto de mitos fornece, segundo a autora, um "fio invisível" por meio do qual se pensa e se explica a ordem do mundo como um todo. Uma tese central de seu livro é, assim, a capacidade desses mitos políticos de se metamorfosearem: o antissemitismo não é estático, mas uma linguagem de ódio que se reveste de "roupas novas" para perpetuar preconceitos antigos, o que exige vigilância contínua e um trabalho permanente de desmistificação histórica.

Finalmente, a proposta de organizar o discurso antissemita por meio de uma taxonomia de lugares-comuns, onde cada categoria é apresentada como parte de uma história das ideias, ganha as feições de um "atlas visual" ao incorporar a abordagem desenvolvida por Aby Warburg em seu *atlas Mnemosyne*. Trata-se da construção de uma forma visual de conhecimento que opera por meio da montagem de materiais imagéticos heterogêneos, deliberadamente deslocados no espaço e no tempo, com o objetivo de tornar visíveis as migrações da memória cultural (*Wanderung*) ao longo da história e da geografia, bem como a sobrevivência e persistência de formas expressivas antigas (*Nachleben*) (DIDI-HUBERMAN, 2010).

Warburg concebia o *atlas* como instrumento para se orientar no caos da história e da memória, tal como se usam mapas geográficos. O seu propósito era mapear, na história da arte, como determinados motivos, gestos e esquemas expressivos da Antiguidade Clássica ressurgem no Renascimento e na modernidade. Nesse movimento, Warburg rastreia, por exemplo, a circulação de símbolos astrológicos e cosmológicos da Babilônia e do Egito para a Grécia, passando pela Índia e por Bagdá, alcançando a Espanha e a Itália, até chegar à Alemanha. A imagem surge, assim, como um veículo privilegiado da mobilidade da cultura ao longo da história e da geografia.

Ele descreveu essa tarefa como a de contar uma "história de fantasmas para gente grande", na qual os fantasmas são as imagens, símbolos e gestos do passado que continuam a "assombrar" o presente. Warburg concebeu seu trabalho como uma tentativa de elaborar o horror e a catástrofe da Primeira Guerra Mundial: uma "forma de exorcismo" destinada a preservar a sanidade e a "orientação racional" diante da violência extrema vivenciada no conflito. A expressão "para gente grande" indica que seu método implica um confronto sério, e muitas vezes doloroso, com a realidade histórica e psíquica. Trata-se de uma tarefa para adultos porque exige que o observador encare diretamente os "monstros" da irracionalidade, do medo e da superstição que a cultura busca racionalizar ou recalcar. Os painéis do *atlas Mnemosyne* funcionam, assim, para criação de um "espaço de pensamento" (*Denkraum*), que permite observar essas forças destrutivas à distância, identificando "relações íntimas e secretas", bem como "correspondências e analogias" entre suas formas, transformando o medo em conhecimento. Nessa perspectiva, Warburg concebia a história da cultura não como um processo linear e progressivo, mas como uma tragédia recorrente, que exige vigilância constante.

O termo "atlas", utilizado pela primeira vez pelo cartógrafo Mercator no século XVI, remete ao titã grego condenado por Zeus a sustentar o mundo sobre os ombros. A transição entre o atlas mitológico, que sofre sob o peso do cosmos, e o atlas científico, que o domina por meio da medição e do mapeamento, expressa uma concepção de conhecimento adquirida pelo contato direto com as "forças monstruosas" da história e com o sofrimento que elas produzem. Warburg via o trabalho do historiador como análogo a essa figura: alguém condenado a carregar o peso das tragédias e contradições da cultura, tornando-se seu portador ao mesmo tempo que adquire conhecimento sobre elas (DIDI-HUBERMAN, 2010). Adotar essa abordagem para tratar de um fenômeno tão densamente marcado por horrores históricos quanto o antissemitismo, acreditamos, mostra-se coerente com o sentido da metáfora formulada por Warburg. Neste sentido, também os autores do presente trabalho experimentam, ao realizá-lo, o peso e a responsabilidade de carregar este mundo de violência sobre os próprios ombros.

O tema do antissemitismo é inclusive abordado no *atlas Mnemosyne*, mais diretamente na prancha n. 79, a última do conjunto, na qual Warburg (2010) documenta a aliança entre o papado e o regime de Mussolini, materializada no Tratado de Latrão. Warburg identificava nesses acontecimentos o ressurgimento dos "monstros" da irracionalidade e da propaganda política. Nessa prancha, ele estabelece uma "cumplicidade trágica" entre o dogma cristão e o antissemitismo, ao justapor imagens do ritual da Eucaristia a xilogravuras antijudaicas do final do século XV que retratam a profanação da hóstia por judeus. A sugestão é a de que a afirmação dogmática da presença real do corpo de Cristo na hóstia – a doutrina da transubstanciação – encontra-se estruturalmente associada à acusação de que os judeus destruiriam esse corpo. Warburg sugere, assim, que a "magia" do ritual reverte em violência sacrificial e perseguição ao "outro". O antissemitismo é retratado por ele como um componente central da *psicomaquia* – a batalha da alma – europeia.

Didi-Huberman (2010) ainda identifica uma associação simbólica entre a figura mitológica do atlas e a do "Judeu Errante": o titã condenado a sustentar o mundo sobre os ombros transforma-se na imagem do pária e do refugiado, que se desloca de leste a oeste, perseguido e privado de casa e pertencimento. Depois da Primeira Guerra Mundial,

Warburg, que era judeu, sofreu crises agudas de alucinação psicótica, nas quais relatava que sua família estava prestes a ser devorada ou queimada, associando esses temores a mitos de sacrifício ritual e ao crescimento dos movimentos antissemitas de sua época. Ele interpretava a si mesmo como um "sismógrafo" extremamente sensível, capaz de captar os tremores de sua época, relacionando sua própria doença àquilo que denominava a "esquizofrenia do Ocidente". O *Atlas Mnemosyne* pode ser compreendido, nesse sentido, como a tentativa de Warburg de objetivar e dominar esses terrores internos, transformando seu medo em uma forma de "iconologia política" racional, voltada a explicar a mecânica histórica do ódio, da violência simbólica e da perseguição coletiva.

O que essas três iniciativas – o projeto internacional *Decoding Antisemitism*, a obra *Dez Mitos Sobre os Judeus* e o *Atlas Mnemosyne* – compartilham é a proposta de decompor seus respectivos objetos de investigação em elementos constitutivos. Nos dois primeiros casos, trata-se do próprio discurso antissemita; no terceiro, da memória cultural em sentido amplo. Em todos eles, esses objetos são trabalhados como conjuntos formados por componentes menores, identificáveis e passíveis de algum tipo de organização sistemática e de análise reflexiva.

O projeto internacional *Decoding Antisemitism* enfatiza a categorização de discursos contemporâneos, buscando enquadrá-los em uma moldura conceitual capaz de descrever o complexo discursivo antissemita em suas múltiplas expressões e dimensões, oferecendo, assim, um recurso interpretativo para identificações fundamentadas e contextualizadas. O trabalho de Carneiro, por sua vez, privilegia o percurso histórico dessas ideias ao longo de diferentes séculos, países e contextos culturais, até sua manifestação no Brasil, tratando o antissemitismo como um fenômeno histórico e cultural de longa duração. Já o *Atlas Mnemosyne* aposta na produção de um conhecimento não linear e comparativo, de orientação antropológica, centrado na sobrevivência de imagens e símbolos e na capacidade da justaposição visual em evidenciar tensões fundamentais da experiência humana, trazendo-as à superfície para, por fim, "exorcizá-las".

Inspirando-se nessas três abordagens, o presente projeto busca construir uma taxonomia abrangente dos "lugares-comuns" do discurso antissemita, enfatizando tanto o desenvolvimento histórico e as implicações sociológicas de cada um deles, quanto as formas de representação e as relações que estabelecem entre si.

2.3 A CONSTELAÇÃO DO DISCURSO ANTISSEMITA

O conceito de "constelação" é aqui tomado do pensamento de Walter Benjamin. Em *Origem do Drama Trágico Alemão* (1984), Benjamin recorre à metáfora da constelação para explicitar sua concepção de conhecimento histórico, afirmando que "as ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas". As constelações não existem como entidades naturais, mas resultam de linhas imaginárias que conectam estrelas distantes, compondo figuras dotadas de sentido. De modo análogo, para Benjamin, o significado histórico não emerge de elementos isolados, mas da possibilidade de sentido que se forma na configuração do conjunto. Sua força constitutiva revela-se na organização de fenômenos extremos, em sua silhueta e em sua tensão formal (BRAGA, 2018). O método daí decorrente é o de uma escrita fragmentária, na qual os textos assumem uma fisionomia próxima à das constelações: cada fragmento se reflete em outro, não segundo uma sequência linear e contínua, mas por meio de interrupções e hiatos que exigem uma operação conceitual de articulação para que uma forma se torne visível. Essa estrutura formal permite que passado e presente entrem em relação constelar, tornando legível o que Benjamin denomina o "tempo do agora" (*Jetztzeit*): a observação das constelações projeta imagens do passado que, ao serem reconhecidas no presente, permitem que verdades históricas reprimidas venham à tona.

Essa abordagem constelar também se encontra no seu trabalho sobre as *Passagens*, onde Benjamin (2018) empreende uma arqueologia da modernidade capitalista por meio da justaposição de fragmentos da cultura urbana. Ali, materiais heterogêneos – textos, imagens, citações, objetos – são organizados de modo não linear, como estrelas dispersas que apenas no presente se deixam reunir em um desenho inteligível. Benjamin propõe, assim, um método específico de fazer história: um modo de "ler o que nunca foi escrito", capaz de revelar sentidos e verdades ocultados pelas narrativas históricas que ganharam dominância.

2.3.1 OS "LUGARES-COMUNS" DO DISCURSO ANTISSEMITA

Conforme a proposta aqui delineada, o conjunto de "estrelas" que compõe a "constelação do discurso antissemita" corresponde ao conjunto de "lugares-comuns" apresentados sob a forma dupla de verbetes explicativos e murais ilustrativos. Na *Retórica*, Aristóteles descreve esses "lugares-comuns" (*topoi*, no plural) como estratégias gerais de argumentação baseadas em opiniões amplamente compartilhadas (*endoxa*), mobilizadas com vistas ao convencimento de determinada audiência (KENNEDY, 2021). Modernamente, o guia publicado pelo projeto internacional *Decoding Antisemitism* define *topos/topoi* como uma "categoria linguística ampla", que abrange estereótipos, analogias e estratégias discursivas, isto é, "um reservatório de fórmulas prontas, trocadilhos, provérbios, metáforas, símbolos e temas" (BECKER et al., 2024). O termo é igualmente empregado para caracterizar "elementos arquetípicos que podem ser montados ou retrabalhados para formar uma narrativa coerente" (CURTIUS, 1953). Assim, um *topos* encontra-se sempre culturalmente ancorado em uma compreensão compartilhada do mundo, o que explica sua eficácia retórica: ele pode ser mobilizado com facilidade precisamente porque foi reiterado ao longo do tempo em diferentes discursos, tornando-se imediatamente reconhecível e inteligível para a audiência. Na maioria dos casos, seu significado não precisa ser explicitado.

Trata-se, assim, de um "atalho conceitual" para um reservatório de significados prontamente disponível, aspecto especialmente relevante para o estudo das expressões de antissemitismo, que se constroem a partir de extratos segmentados de pressuposições culturais negativas sobre os judeus (BALKIN, 1996; BECKER et al., 2024).

A constelação do discurso antissemita pode ser compreendida, conforme aqui se defende, como um conjunto de *topoi*: narrativas, rumores e acusações dirigidos aos judeus, profundamente enraizados na cultura ocidental. Esses elementos circulam de modo tal que podem ser mobilizados sem a necessidade de elaborações adicionais ou de explicitação argumentativa, apoiando-se em um entendimento subjacente, consciente ou inconsciente, tacitamente compartilhado. O trabalho de "decodificação" consiste precisamente em tornar visível o sentido implícito dessas narrativas amplamente reconhecidas, mas raramente formuladas de modo explícito, de modo a expor seu caráter injustificável.

Os "mitos políticos" desempenham, na obra de Carneiro (2019), uma função estrutural análoga à dos lugares-comuns aqui analisados. Segundo a autora, seus produtores se apropriam de determinados saberes que, adaptados a interesses específicos, passam a oferecer múltiplas ressonâncias simbólicas, enquanto o público-alvo, em geral, desconhece as origens históricas das acusações e se encontra disposto a aceitar a mentira precisamente porque ela se apresenta revestida de aparência ou probabilidade de verdade. Esses mitos operam, assim, como esquemas interpretativos amplos, capazes de organizar percepções dispersas da realidade em narrativas aparentemente coerentes.

Nesse mesmo contexto, o termo "tropo" é frequentemente empregado de modo intercambiável com "topos" para designar tais lugares-comuns, embora seu significado seja mais restrito. O tropo refere-se a motivos específicos, imagens retóricas ou figuras de linguagem que integram determinado repertório discursivo. Assim, por exemplo, o lugar-comum da "repulsividade" ou da "desumanidade" atribuída aos judeus é recorrentemente articulado por meio de tropos que os comparam a porcos, macacos, vermes ou a figuras caricaturais de homens gordos, sujos ou de nariz adunco. Para os propósitos deste trabalho, "topoi", "tropos" e "mitos políticos" serão tratados de maneira conjunta sob a categoria de "lugares-comuns", entendidos como unidades recorrentes de sentido que estruturam e tornam inteligível o complexo discursivo do antissemitismo.

Adicionalmente, o termo "lugar-comum", na língua portuguesa, carrega conotações pejorativas que não estão presentes no sentido aristotélico do conceito. No uso corrente, ele é empregado para qualificar expressões banais ou corriqueiras ou, conforme define o *Dicionário Michaelis*, uma "opinião ou afirmação que carece de originalidade e que é frequentemente repetida; clichê". A decisão de empregar esse termo para designar os elementos constitutivos do discurso antissemita expressa, de modo deliberado, a recusa em lhes atribuir qualquer mérito intelectual substantivo.

Se Aristóteles recomenda a mobilização de lugares-comuns como estratégia retórica eficaz – precisamente porque eles acessam concepções amplamente enraizadas e compartilhadas –, isso nada diz acerca da veracidade ou da qualidade crítica dessas concepções. O próprio Aristóteles, na *Retórica*, adverte que os *topoi* podem ser empregados tanto na construção de *entimemas* (argumentos válidos) quanto na produção de argumentos falaciosos, meramente aparentes, razão pela qual recomenda que os oradores os estudem a fim de adquirir a capacidade de reconhecê-los e refutá-los (II.24).

Nesse sentido, ao empregar o termo "lugar-comum" neste trabalho, busca-se enfatizar que os lugares-comuns antissemitas consistem em maus argumentos: fórmulas consagradas pela repetição e pela prática discursiva, cuja eficácia persuasiva não decorre de sua validade ou verdade, mas da sua familiaridade. É precisamente essa reprodução reiterada, bem-sucedida do ponto de vista retórico e cultural, que os distancia de qualquer exercício crítico ou reflexivo verdadeiro.

2.3.2 OS LUGARES-COMUNS COMO "TIPOS IDEAIS" E SUA TAXONOMIA

A configuração de uma taxonomia do antissemitismo não constitui uma tarefa estritamente objetiva. Isso se deve ao fato de que os "lugares-comuns" descritos neste livro – como ocorre em qualquer empreendimento classificatório – não existem de forma pura ou isolada na realidade empírica. O objetivo dessa construção é, portanto, a elaboração de "tipos ideais", isto é, construções analíticas formuladas pelos pesquisadores com a finalidade de compreender e analisar fenômenos socioculturais. Trata-se de um instrumento metodológico consagrado por Max Weber (2012), concebido não para descrever a realidade em sua totalidade exaustiva, mas como um recorte analítico de certos aspectos dessa realidade, capaz de oferecer parâmetros de comparação e interpretação de um conjunto de dados empíricos que é, por definição, infinitamente mais complexo do que qualquer modelo ou esquema conceitual.

Todo processo de cognição humana opera por meio de filtros que privilegiam certos aspectos da realidade em detrimento de outros. O tipo ideal explicita e operacionaliza essa condição epistemológica incontornável, oferecendo modelos explicativos que permitem organizar, de forma inteligível, a complexidade do mundo.

Os tipos ideais são produzidos por meio da seleção e da acentuação unilateral de determinadas características de um dado fenômeno, compondo um quadro coerente que permite organizar mentalmente a complexidade da realidade. Eles não são "ideais" no sentido de que

indicam alguma perfeição que deve ser alcançada, mas porque são construções mentais que podem ser mais ou menos adequadas para explicar casos concretos. Embora dependam da orientação teórica e das escolhas interpretativas subjetivas do pesquisador – em particular no que diz respeito às características que serão destacadas –, tais construções não são arbitrárias, pois podem ser verificadas. A sua correção repousa em sua capacidade explicativa, devendo as interpretações propostas submeterem-se a procedimentos adicionais de controle, como de consistência lógica e a confrontação com evidências que as corroborem ou falsifiquem (SAINT-PIERRE, 2004).

Uma evidência adicional do caráter "ideal" desse esforço classificatório é o fato de que manifestações concretas de discurso antissemita podem, com frequência, ser enquadradas simultaneamente em mais de um lugar-comum, a depender da forma como cada categoria é delimitada. Assim, por exemplo, a acusação segundo a qual "os judeus roubaram o falafel da cultura árabe" pode ser sobreposta a diferentes categorias, como o do estrangeiro (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*), o da ganância e da avareza (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*), o da artificialidade, inautenticidade ou farisaísmo da cultura judaica (→ 5. *artificialidade e inautenticidade*) ou ainda o de Israel como um Estado inerentemente colonialista (→ 29. *Israel como Estado colonial, sionismo como ideologia colonialista e judeus como colonizadores*), entre outros possíveis enquadramentos.

O esforço de enquadramento é sempre argumentativo, e a decisão acerca de como representar esquematicamente determinada acusação depende, portanto, daquilo que se pretende enfatizar analiticamente e da maneira como o exemplo será situado no esquema explicativo adotado. É essa possibilidade, inclusive, que nos permite postular que o discurso antissemita é uma "constelação" de narrativas condensadas e inter-relacionadas.

Também é por isso que se justificam, em determinados casos, escolhas pontuais de distanciamento em relação à taxonomia proposta pelo projeto internacional *Decoding Antisemitism*. Algumas características do discurso antissemita assumem maior saliência em contextos específicos – como no caso brasileiro, em que acusações associadas ao assassinato de Cristo permanecem particularmente recorrentes –, o que pode levar a equipe de pesquisadores a formular tipos ideais distintos, ajustados a problemáticas empíricas e interpretativas diferentes, relevantes aos seus contextos específicos.

Ainda, no momento da escolha das características que serão destacadas para a produção de um capítulo, com o verbete e o mural, conjuntos de características correlatas podem ser reunidas em um único lugar-comum. Assim, por exemplo, o capítulo que trata da dupla lealdade e da deslealdade (→ 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade*) trata em conjunto três afirmações correlatas: a acusação de que os judeus agem conforme uma lealdade particularista e sectária intrajudaica, que acarreta uma lealdade a Israel, em sobreposição ou concorrência fundamental com os deveres de lealdade para com os países aos quais os judeus reivindicam cidadania e pertencimento; e, por outro lado, a afirmação de que os judeus são intrinsecamente traidores e desleais aos não judeus e aos países onde são "hóspedes"; ou ainda que são simplesmente desleais a todos, mesmo a outros judeus.

2.3.3 O MÉTODO DE REDAÇÃO/MONTAGEM DOS VERBETES E SUA AUTORIA COLETIVA

Os textos dos verbetes têm a pretensão de oferecer, na medida do possível, uma revisão ampla da literatura pertinente aos temas tratados, reunindo os principais argumentos, formulações e resultados apresentados por estudiosos do antissemitismo em suas respectivas áreas de especialidade, por meio de citações diretas e paráfrases. Considerando a natureza profundamente conflagrada do objeto deste atlas, bem como as interpretações inevitavelmente polêmicas e polarizadoras que dele decorrerão, os autores consideram mais prudente e eficaz adotar uma abordagem característica da argumentação jurídica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996), fundamentando a exposição também na autoridade e no prestígio específico de especialistas reconhecidos no campo. Essa opção implica reconhecer e atribuir o devido mérito à tradição intelectual que consolidou o estudo do antissemitismo como uma disciplina própria. Trata-se de uma forma de ancorar o trabalho na credibilidade científica desses autores, reforçando sua legitimidade acadêmica.

Adicionalmente, busca-se recorrer também à citação direta da literatura antissemita canônica, com o mínimo possível de paráfrase. O objetivo é, por um lado, lançar luz sobre o vocabulário, os modos de enunciação e as estratégias argumentativas próprias do discurso antissemita, evidenciando continuidades, variações, similaridades e contrastes entre diferentes expressões dessa tradição. Ao mesmo tempo, pretende-se fortalecer a fundamentação da própria argumentação, evitando, tanto quanto possível, abrir o flanco para confabulações ou imputações polêmicas de distorções e falsificações deliberadas.

Reconhece-se o risco e a delicadeza envolvidos na citação literal de autores como, por exemplo, Hitler, ou do editor nazista brasileiro Ellwanger Castan, ou textos como *Os Protocolos dos Sábios do Sião* e *A Sinagoga Paulista*, editados por Gustavo Barroso. Ainda assim, parte-se da premissa de que o método adotado – centrado na decomposição sistemática dos lugares-comuns do discurso antissemita, associado a extensos esforços de contextualização histórica e à exposição *ad nauseam* das recorrências temáticas desse discurso – é capaz de neutralizar eventuais efeitos persuasivos que tais textos poderiam exercer sobre leitoras e leitores interessados, de boa-fé, em compreender o fenômeno.

Por outro lado, há plena consciência de que leitores já radicalizados pelo antissemitismo não serão persuadidos por nenhuma abordagem alternativa. Esses tenderão

a interpretar as recorrências temáticas apresentadas nos verbetes como confirmações de suas crenças hostis aos judeus. De todo modo, esse público já dispõe de amplo acesso às fontes primárias do antissemitismo em outros espaços; este trabalho, portanto, não se dirige a eles nem pretende fazê-lo. O campo dos estudos sobre desradicalização é relativamente recente, e ainda são escassas as conclusões empiricamente bem fundamentadas acerca de estratégias eficazes nesse sentido. É precisamente por essa razão que tem sido enfatizada a distinção entre "desradicalização", entendida como transformação subjetiva, e "desengajamento", compreendido como o afastamento objetivo do sujeito radicalizado dos meios e práticas de expressão do ódio (CHERNEY, 2016; DAUGHERTY, 2019). Por esses motivos, o atlas não pretende "desradicalizar os radicais", tendo como público-alvo somente leitoras e leitores não extremistas.

Essa abordagem de redação na forma de "montagem de citações" – cujas etapas envolveram a pesquisa, seleção, recorte, colagem e edição de trechos extraídos de fontes primárias, além da própria escrita – expressa a intenção de que esta obra seja concebida, tanto quanto possível, como um trabalho de autoria coletiva, construída "sobre os ombros de gigantes". Nesse sentido, os redatores com frequência atuam não apenas como autores no sentido estrito, mas também como organizadores e mediadores dos argumentos e reflexões formulados pelas vozes consagradas da vasta literatura sobre o tema, permitindo que essas falem por si e componham, em conjunto, uma visão panorâmica do fenômeno analisado.

2.3.4 A HIPERTEXTUALIDADE ESTABELECIDA POR "AFINIDADES ELETIVAS"

Um dos objetivos centrais deste atlas é estabelecer ligações entre diferentes tipos de acusação dirigidas aos judeus, frequentemente consideradas heterogêneas ou desconexas, mas que conservam ressonâncias persistentes e vínculos internos difíceis de mapear por meio de esquemas estritos de determinação causal. Ainda que essas inter-relações não se deixem reduzir facilmente a cadeias causais lineares, elas parecem operar em um nível mais difuso do imaginário social. Exemplo disso é a observação de Maria Luiza Tucci Carneiro (2019) de que

> os judeus continuam a ser acusados por grupos antissionistas e antissemitas de não terem direito a uma pátria, devendo viver como "eternos caminhantes". Se a Inquisição ibérica tratou os judeus e os cristãos-novos como "raças infectas", por terem sangue impuro, o Estado nazista os transformou em sub-humanos (*Untermenschen*), sem direito à cidadania, caminhantes sem pátria. Hoje, essas imagens são reavivadas pela mídia (muitas vezes mal-informada ou orientada a tratar os fatos dessa maneira), bem como por grupos de extrema direita e de extrema esquerda.

Coloca-se, assim, a título ilustrativo, a seguinte questão: como estabelecer uma relação de causalidade histórica estrita entre a doutrina agostiniana da condenação divina imposta aos judeus – segundo a qual estes estariam destinados a vagar pelo mundo sem pátria enquanto permanecessem judeus, doutrina que marcou profundamente a experiência cristã de segregação das populações judaicas das comunidades políticas e, posteriormente, nacionais – e formulações contemporâneas, por exemplo, de matriz decolonial, que caracterizam o projeto sionista como inerentemente estrangeiro, artificial e, portanto, fundamentalmente ilegítimo?

O que se pode afirmar com maior segurança, nesses casos, não são relações de influência direta, mas relações de ressonância. Isto é, pode-se indicar que tais formulações coexistem no imaginário social, exercem influência recíproca e reforçam mutuamente determinados núcleos de significação, como a ideia de uma *estrangeiridade radical* atribuída aos judeus e a consequente ilegitimidade do projeto nacional judeu. De modo análogo às relações estabelecidas por Max Weber entre protestantismo e capitalismo – nas quais não se buscou demonstrar uma causalidade determinante, mas um desenvolvimento convergente e mutuamente reforçador –, este trabalho procura identificar como concepções aparentemente independentes acerca dos judeus, como uma condenação teológica e um tipo de crítica contemporânea, podem convergir e fortalecer esquemas interpretativos compartilhados sobre o lugar dos judeus no mundo.

Apoiando-se na proposta estabelecida no guia *Decoding Antisemitism* (BECKER et al. 2024), cada lugar-comum é apresentado na forma de um verbete hipertextual, que reúne, de maneira não exaustiva, as associações possíveis entre figuras do tipo analisado e outras que integram a "constelação do discurso antissemita". Essas relações são assinaladas por meio de remissões cruzadas no corpo do texto, que direcionam o leitor a outros verbetes na forma "(→ 0. *título do verbete*)". Trata-se, em termos simples, da técnica de "linkar" textos entre si, orientando a navegação pelo conjunto da obra e permitindo que os verbetes sejam consultados de forma independente e fora de ordem, sem que se perca, contudo, o sentido de unidade do todo – à maneira da "constelação" proposta por Benjamin.

Assim, por exemplo, o verbete dedicado às acusações de *ganância, avareza e parasitismo* (→ 10) pode ser articulado ao verbete sobre o *deicídio* (→ 1) a partir da história das trinta moedas de prata recebidas por Judas em troca da traição de Jesus. Indica-se, nesse caso, como essa narrativa foi posteriormente mobilizada por autoridades eclesiásticas e temporais europeias para justificar a atribuição quase exclusiva aos judeus de atividades associadas à usura e à coleta de impostos na Europa medieval, reforçando sua estigmatização e a associação entre judeus e dinheiro. O mesmo verbete sobre *ganância, avareza e parasitismo* (→ 10) pode ainda ser conectado à teoria moderna da conspiração segundo a qual "*os judeus controlam o capitalismo global*"

(→ 14. *personificação e controle do capitalismo global*), a qual, por sua vez, depende da caracterização mais antiga dos judeus como *estrangeiros permanentes* ou "judeus errantes" (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*). Essa figuração serve frequentemente de base para as acusações de *dupla lealdade, lealdade "tribal" ou deslealdade* (→ 6), uma vez que a projeção de uma conspiração internacional que manipula as redes do capitalismo global se liga a juízos sobre a suposta lealdade internacional entre judeus, e uma deslealdade correlata aos concidadãos não judeus nos países onde vivem. Tal acusação pode, por fim, ser reconduzida à narrativa da traição de Judas a Jesus, retomando a explicação presente no verbete do *deicídio* (→ 1), episódio histórico que estabelece a deslealdade de Judas, projetada como caráter coletivo do povo deicida.

A rede de associações entre esses lugares-comuns constitui, assim, o elemento responsável por conferir unidade e coerência interna à constelação do discurso antissemita tal como se propõe descrevê-la neste trabalho.

A abordagem metodológica adotada para justificar as relações e associações entre os lugares-comuns aqui reunidos encontra respaldo no pensamento de Max Weber e Walter Benjamin e remonta, em sua formulação conceitual, ao uso literário do termo por Goethe. Trata-se do conceito de "afinidades eletivas" (*Wahlverwandtschaften*), cujo estatuto metodológico foi explicitado de modo mais sistemático apenas posteriormente, sobretudo por Michael Löwy (2020). Esse conceito permite estabelecer conexões analíticas entre ideias e fenômenos distintos sem recorrer à postulação de cadeias causais diretas ou determinísticas. A pretensão de demonstrar relações causais estritas entre ideias que parecem influenciar-se e transformar-se mutuamente ao longo do tempo revela-se excessivamente ambiciosa e metodologicamente problemática, sobretudo quando se trata de fenômenos históricos e sociais complexos, multifacetados e temporalmente distantes.

Georges Didi-Huberman (2010), em seu estudo sobre o *Atlas Mnemosyne* de Warburg, também mobiliza o conceito de afinidades eletivas para descrever o critério de organização morfológica empregado nos murais do *atlas*, identificando a lógica profunda que articula imagens aparentemente díspares. Ele define a afinidade como uma forma de "atração", um movimento que aproxima elementos distintos, produzindo uma "união improvável e profunda" que opera "no lado avesso, nas latências da realidade histórica".

O enquadramento dessas relações sob a forma de afinidades eletivas desempenha, assim, também uma função heurística específica: responder à tendência recorrente de isolar declarações ou expressões acusadas de antissemitismo do contexto histórico e cultural que lhes confere inteligibilidade. Estabelecer afinidades eletivas implica, deliberadamente, rebaixar as exigências metodológicas de demonstração causal estrita, diante da frequente recusa em se reconhecer qualquer continuidade material forte entre esses discursos.

2.4 OS MURAIS DO ATLAS/COLETA DAS IMAGENS E MÉTODO DE CREDITAÇÃO

O método do *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg é inovador por romper com a linearidade textual característica da história da arte tradicional e por propor uma forma de pensamento visual baseada na montagem, na mobilidade e na gestão do espaço. Diferentemente do texto escrito, cuja leitura se organiza de maneira sequencial, o painel possibilita uma apreensão simultânea e espacial, orientada à captação de "relações íntimas e secretas" ou "correspondências" que frequentemente escapam à narrativa verbal.

Nos anos 1920, Warburg cobria os painéis com um pano preto sobre o qual as imagens não eram coladas, mas fixadas com clipes ou pinos metálicos. Esse procedimento permitia que fossem deslocadas, removidas, substituídas e rearranjadas continuamente, fazendo do *atlas* um verdadeiro "campo de operações", e não uma obra fixa ou definitiva. O método de Warburg também recusava hierarquias tradicionais da história da arte, justapondo reproduções de obras consagradas do Renascimento a imagens consideradas "menores" ou não artísticas, como recortes de jornal, anúncios publicitários, selos postais, mapas geográficos, páginas de manuscritos astrológicos e fotografias documentais. Essa heterogeneidade visava evidenciar a sobrevivência de gestos, fórmulas e motivos em diferentes esferas da cultura, nivelando as chamadas "belas-artes" e a cultura popular, sob a perspectiva de uma memória antropológica comum.

Os murais concebidos para a presente publicação procuram seguir essas orientações, atualizando-as para as ferramentas e condições estruturais contemporâneas de produção e circulação de mídia, isto é, para o contexto das plataformas digitais. O material iconográfico acessível nessas condições abrange, em princípio, tudo o que se encontra disponível na internet, em diferentes fontes e acervos iconográficos diversos. Buscamos, assim, constituir um estudo iconográfico amplo, que reúne versões digitalizadas de artefatos da Antiguidade, gravuras, pinturas e esculturas do período medieval à modernidade, fac-símiles de livros e publicações, capturas de tela de filmes e vídeos, manchetes da mídia tradicional, conteúdos produzidos por influenciadores digitais, comentários publicados em plataformas, memes, montagens e produções de arte digital.

Esses materiais foram coletados a partir de fontes diversas, nem todas elas dotadas de procedência ou credibilidade plenamente verificáveis. O próprio caráter marginal da produção e circulação de material antissemita estabelece essa limitação. Se o atlas trouxesse apenas iconografia devidamente creditável e de autoralidade aferível, ele deixaria de fora uma parte crucial do fenômeno que pretende explicitar e explicar.

Assim, além da consulta a livros, publicações acadêmicas, museus, repositórios de imagens, websites institucionais e veículos reconhecidos de mídia, foram incorporados discursos antissemitas resultantes de pesquisa em fontes abertas, incluindo páginas abertamente nazistas e extremistas.

As referências das imagens serão apresentadas em seção específica ao final do livro, assim como o conjunto de referências bibliográficas. Sempre que possível, a autoria está indicada, especialmente nos casos de fotos, charges, caricaturas e ilustrações passíveis de atribuição autoral. Nesse sentido, charges, desenhos e caricaturas terão a autoria indicada sempre que disponível, junto do acervo onde se encontram, e suplementarmente ou alternativamente, da publicação literária na qual constam e/ou do endereço web onde foram coletados.

Quando as fontes do material coletado forem websites de conteúdo extremista – como, por exemplo, páginas ou fóruns dedicados à divulgação de material nazista –, estes serão indicados na referência bibliográfica sem a inclusão do endereço eletrônico para acesso direto. Reconhece-se, nesse ponto, uma distinção fundamental entre a enumeração explicada e contextualizada desses materiais no âmbito da presente publicação e a oferta de meios que facilitem seu acesso em contextos de afirmação, enaltecimento ou difusão de conteúdos de ódio.

Ainda, frases, declarações e comentários coletados por meio de *printscreens* em redes sociais serão anonimizados, com a indicação apenas da plataforma em que circulam, como "comentário no Facebook" ou "publicação no X/Twitter". Ao indicar que esses discursos circulam em certas plataformas digitais sem, contudo, identificar seus autores, busca-se também chamar atenção para a responsabilidade (estritamente no sentido moral, uma vez que este material não tem a intenção de imputar conduta ilícita a nenhuma pessoa física ou jurídica) das plataformas e servidores sobre o tipo de conteúdo que permitem que seja veiculado e hospedado. À eventual objeção de que tal procedimento permitiria a fabricação de declarações sob o pretexto metodológico da anonimização, responde-se que, mediante a indicação da plataforma de origem e o uso de ferramentas de busca adequadas, grande parte dessas declarações – desde que não tenham sido removidas – pode ser localizada e verificada. Esse procedimento, contudo, permanece dissociado do trabalho realizado e dos objetivos almejados por esta obra.

2.4.1 AFASTAMENTO SUTIL DO MÉTODO DE WARBURG VISANDO À "REDUÇÃO AO ABSURDO" DO DISCURSO ANTISSEMITA

Por fim, retoma-se um aspecto central do método de Warburg: a criação de uma distância contemplativa diante das forças afetivas e simbólicas evocadas pelas imagens, convertendo-as em ocasião para um conhecimento reflexivo. O fundo preto dos murais desempenhava a função de um *Zwischenraum*, um intervalo ou "zona de não saber" a partir da qual as imagens emergem e para a qual podem retornar. A tensão entre as imagens, dispostas sobre o vazio escuro, instaurava um espaço mental propício ao distanciamento reflexivo e à produção de conhecimento por meio da metáfora, permitindo lidar com forças simbólicas intensas sem ser por elas absorvido ou aniquilado (DIDI-HUBERMAN, 2010).

Aqui, o espaçamento entre as imagens é reduzido, diminuindo a quantidade de fundo preto nos murais. Essa decisão decorre, em primeiro lugar, da busca por concentrar um maior número de representações da iconografia antissemita em uma mesma página, de modo a tornar visível tanto a recorrência quanto a persistência desses motivos ao longo da história cultural. Ao reunir múltiplas variações de um mesmo esquema simbólico em um único campo visual, o procedimento torna perceptível aquilo que, em contextos isolados, pode parecer contingente ou plausível: a dependência sistemática do discurso em relação a fórmulas recorrentes. A repetição não visa ao exagero caricatural, mas à revelação da redundância, fazendo com que a familiaridade que sustenta a eficácia persuasiva desses discursos se converta em evidência de sua pobreza conceitual.

Em segundo lugar, acredita-se que essa opção contribuirá para produzir um efeito perceptivo intenso, de caráter caleidoscópico e vertiginoso, no qual a repetição reiterada de determinados temas opera como uma espécie de *redução ao absurdo* do discurso analisado. Nesse sentido, a redução ao absurdo não opera por refutação direta, mas por saturação. Ao mostrar o discurso funcionando reiteradamente segundo os mesmos padrões, o método desloca sua pretensão de verossimilhança e esvazia seu poder persuasivo. O efeito crítico emerge do reconhecimento de que o "novo" se apresenta, na realidade, como mera variação do já conhecido, revelando o caráter não crítico, derivativo e culturalmente sedimentado desses enunciados – isto é, seu estatuto de "lugares-comuns".

3. COMO ESTE LIVRO NÃO DEVE SER USADO

3.1 NÃO DEVE SER USADO PARA IMPUTAR CRIME SOB A LEI BRASILEIRA DO RACISMO

O atlas possui caráter exclusivamente educativo e informativo. Seu objetivo é promover a compreensão do antissemitismo como fenômeno cultural e discursivo, sem atribuir a prática de qualquer conduta ilícita a pessoas ou grupos determinados. Os exemplos apresentados nos murais, devidamente anonimizados ou não, têm finalidade meramente ilustrativa e destinam-se a demonstrar, em tese, de que modo elementos da tradição cultural antissemita podem manifestar-se no discurso contemporâneo. Tais referências não implicam juízo acusatório nem imputação de responsabilidade a quaisquer pessoas físicas ou jurídicas.

À luz do caráter exclusivamente educativo e informativo do atlas, deve-se compreender que os exemplos apresentados nos murais não pretendem fixar qualificações definitivas. Ele não busca imputar, isoladamente, conteúdo discriminatório a tais exemplos, mas expô-los como parte de um campo discursivo mais amplo.

A atribuição de caráter discriminatório ou ilícito a manifestações concretas constitui, conforme o ordenamento jurídico brasileiro, prerrogativa exclusiva das autoridades competentes. Caso este material possa contribuir para a melhor compreensão do fenômeno – condição necessária para o adequado desempenho dessas atribuições –, tanto melhor.

3.2 PARA DECIDIR SOBRE A OCORRÊNCIA MATERIAL DE CRIMES IMPUTADOS A ISRAEL E AO SIONISMO, MESMO QUANDO AS ACUSAÇÕES SÃO FEITAS A PARTIR DOS LUGARES-COMUNS ANTISSEMITAS

Tanto a afirmação quanto a contestação material da ocorrência de determinados crimes, assim como das qualificações atribuídas ao Estado de Israel ou ao sionismo, situam-se deliberadamente fora dos objetivos metodológicos deste atlas. No que se refere às acusações mais controversas – racismo, colonialismo, terrorismo e genocídio –, ele não se propõe a afirmar nem a negar sua imputabilidade em contextos específicos. Seu propósito é examinar de que modo as ideias que estruturam tais acusações e seu vocabulário se constituíram historicamente, muitas vezes antecedendo a própria formação do Estado de Israel e o surgimento do sionismo enquanto ideologia política moderna, bem como evidenciar suas articulações com outros lugares-comuns do imaginário antissemita.

Nesse contexto, parte-se da suposição de que leitoras e leitores filossemitas tenderão a interpretar a obra como demonstração inequívoca da persistência histórica de injustiças e falsidades imputadas ao povo judeu, compreendendo-a, eventualmente, como atestado de inocência histórica e como justificação ampla das ações atribuídas aos judeus, a Israel e ao sionismo, ainda que tais ações possam ser contestáveis em casos concretos. De modo oposto, leitores antissemitas a entenderão como um inventário de supostas evidências do caráter essencialmente perverso e criminoso do povo judeu ao longo de toda a sua história, concebida como uma sucessão contínua de práticas malévolas.

Diante dessas leituras possíveis, espera-se de leitoras e leitores críticos, bem informados e de boa-fé – inclusive daqueles convencidos da ocorrência material dos crimes que imputam a Israel ou ao sionismo – uma reflexão acerca do grau em que tais imputações podem estar predeterminadas pela história cultural que as antecede, seja em função de vieses cognitivos antissemitas que informam o juízo de quem acusa, seja, de forma mais dolorosamente humana, pelo modo como a reiteração histórica dessas acusações pôde contribuir para a sua própria materialização, não como produto de uma suposta índole coletiva perversa, criminosa ou nazista, mas como resultado de uma sucessão de tragédias, circunstâncias complexas e sofrimentos históricos, que ajudam a compreender a condição do judeu como uma expressão da condição humana – e não do seu contrário.

Sartre, em *Reflexões Sobre a Questão Judaica* (2025), afirma que "é o antissemita que faz o judeu" e que "longe de a experiência engendrar a noção de judeu, é esta, ao contrário, que ilumina a experiência: se o judeu não existisse, o antissemita inventá-lo-ia". Trata-se da imputação de uma "essência" maligna, incapaz de reconhecer no judeu um sujeito livre, reduzindo-o a alguém determinado por uma "execrável qualidade" que contaminaria todas as suas ações. Nessa lógica, o judeu é aprisionado sob o olhar alheio, transformado em objeto e privado de liberdade: "são nossos olhos", diz Sartre, "que lhe devolvem a imagem inaceitável que ele quer dissimular de si próprio". E acrescenta: "Foi a sociedade", e não "o decreto de Deus", que o transformou em judeu. Em formulação convergente, que destaca o caráter dúplice das considerações de Sartre, Jean Améry observa: "Se durante dois mil anos todos lhe dizem que você tem um nariz longo e torto, então você tem um nariz longo e torto." (AMÉRY, 1980).

Espera-se que as análises apresentadas neste livro permitam aos críticos de boa-fé qualificarem suas críticas, dissociando-as dos lugares-comuns antissemitas que frequentemente informam suas formulações, e refletir se, uma vez desvinculadas desses pressupostos, elas ainda se sustentam com a mesma força.

Qualquer que seja a resposta, o objetivo do livro terá sido alcançado, pois críticas não essencializadoras e oposição política leal constituem, antes de tudo, manifestações de respeito e reconhecimento da dignidade humana daquele que é criticado. No dia em que os judeus, Israel e o sionismo forem criticados a partir de juízos universalizáveis, isto é, válidos para todos, e não como prolongamento de uma tradição particularista e enraizada de ódio, a chamada "questão judaica" poderá ser considerada, talvez, finalmente superada.

PARTE I

Estereótipos Clássicos

1. Deicídio
2. Demonização
3. Calúnia de Sangue
4. O Outro, o “Eterno Estrangeiro”
5. Artificialidade e Inautenticidade
6. Dupla Lealdade, Lealdade “Tribal” e Deslealdade
7. Desintegrador e Degenerador
8. Imoralidade, Misantropia e Vingança
9. Mentira, Engano, Infiltração e Dissimulação
10. Ganância, Avareza e Parasitismo
11. Desumanização e Repulsividade
12. O Mal – Antissemitismo Redentor

1. Deicídio

A acusação de "deicídio" atribui aos judeus, de forma coletiva, a responsabilidade pela morte de Jesus Cristo. Trata-se de um dos mais antigos lugares-comuns antijudaicos. Suas origens remontam aos primeiros séculos da Era Comum, quando o cristianismo – inicialmente uma seita judaica em disputa teológica no interior do próprio judaísmo – buscou afirmar-se como religião distinta e obter reconhecimento jurídico no mundo romano, desvinculando-se do judaísmo e orientando-se à conversão de outros povos (FELDMAN, 2022).

Para convencer os pagãos, a Igreja nascente precisou enfrentar um paradoxo: como justificar a diferença entre judaísmo e cristianismo, se ambos se fundamentam no mesmo Deus e compartilham a mesma narrativa da criação? A inscrição "INRI", colocada acima da cruz de Jesus em muitas representações, não declarava "Jesus de Nazaré, rei dos judeus"? Além disso, como explicar que Jesus, reconhecido pelos cristãos como filho de Deus, tenha sido crucificado pelos romanos – precisamente aqueles que depois se encarregaram de difundir sua mensagem? (PARDO; DELOR, 2024). É no contexto do processo de diferenciação entre o cristianismo e o judaísmo que Paulo de Tarso, por volta de 50-51 E.C., escreveu em sua carta aos tessalonicenses que os judeus "mataram o Senhor Jesus e os profetas, e nos têm perseguido a nós. Desagradam a Deus e são inimigos da humanidade" (1 Tessalonicenses 2:15-16).

Os evangelhos canônicos e a literatura patrística elaboraram uma narrativa que transferia às autoridades judaicas – e, por extensão, a todo o povo judeu – a responsabilidade pela crucifixão, embora a execução tenha sido realizada pelos romanos. Esses textos, de caráter alegórico, apresentavam os cristãos como o *Verus Israel*, a "verdadeira Israel", enquanto o judaísmo era retratado como superado, carnal ou demoníaco, em oposição ao espiritual (FELDMAN, 2022). Essa formulação ficou conhecida como Teologia da Substituição, segundo a qual a Igreja passaria a ocupar o lugar exclusivo de "povo de Deus", herdando as promessas bíblicas em substituição a Israel (SABINO, 2024). Nesse quadro, Agostinho de Hipona concebeu os judeus como um "povo testemunha" de um passado encerrado, punido por rejeitar a verdade revelada em Cristo, enquanto João Crisóstomo radicalizou o discurso ao associar os judeus à obstinação no erro e à ação demoníaca (→ 2. *demonização*). A ideia de uma condenação perpétua dos judeus "por terem invocado o sangue de Cristo sobre si e seus filhos" aparece, por exemplo, em uma bula do Papa Honório III, evidenciando a institucionalização dessa acusação ao longo da Idade Média (POLIAKOV, 2003).

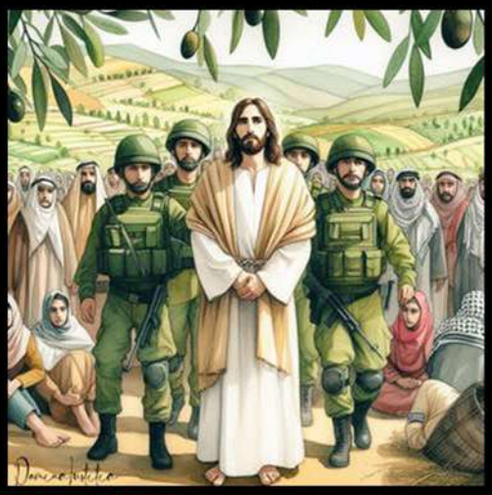
Assim, a acusação de deicídio foi progressivamente dogmatizada, difundida em sermões e catecismos e incorporada ao imaginário cristão como uma culpa coletiva e hereditária (NIRENBERG, 2013). A influência dessa tradição antijudaica estendeu-se até a Reforma, quando Martinho Lutero retomou e radicalizou tais argumentos em *Dos Judeus e Suas Mentiras*, mobilizando-os não apenas para afirmar uma identidade cristã autônoma, mas também para redefinir o judaísmo como heresia moral e inimigo religioso (SABINO, 2024).

Na tradição popular cristã, a acusação de deicídio foi progressivamente associada à figura de Judas Iscariotes, o apóstolo que traiu Jesus por trinta moedas de prata, cujo nome é etimologicamente indissociável da palavra "judeu". Ao longo da Idade Média, essa fusão simbólica consolidou a imagem do judeu como inimigo perigoso da Cristandade. A imputação de ter assassinado o próprio Deus tornou plausíveis outras acusações extremas, como o *assassinato ritual de crianças cristãs* (→ 3. *calúnia de sangue*), além de estereótipos de *deslealdade* (→ 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade*) e *ganância* (→ 5. *artificialidade e inautenticidade*), espelhados no arquétipo de Judas. Essas representações amplamente difundidas serviram para legitimar atos de exclusão e violência – como expulsões, massacres e o confinamento em guetos – frequentemente justificadas como medidas de proteção contra supostos inimigos internos (→ 4. *o outro/o estrangeiro*).

Na Península Ibérica, a Inquisição incorporou o deicídio como um estigma hereditário que nem mesmo o batismo podia apagar, formalizando-o nos decretos de "limpeza de sangue" (TUCCI CARNEIRO, 2019). Nesse contexto, o termo *raza* – até então restrito à classificação de espécies animais – passou a ser aplicado a seres humanos, em especial às populações judias e/ou convertidas (LAURENT, 2024). Surgia, assim, a primeira legislação de discriminação racial na Europa, que impedia os descendentes de convertidos de ocupar cargos ou exercer autoridade sobre os descendentes de cristãos (NIRENBERG, 2013). Com a expansão colonial, essa lógica atravessou o Atlântico e se enraizou no Brasil, onde a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos perpetuou suspeitas e perseguições contra as famílias de judeus convertidos ao cristianismo (FELDMAN, 2022). Na cultura católica popular brasileira, tais narrativas foram assimiladas em expressões pejorativas, encenações teatrais e festas religiosas, consolidando a imagem do traidor e do "assassino de Cristo". Rituais como a "malhação do Judas" atuaram como pedagogia popular do ódio, transmitindo de geração em geração o estereótipo do judeu como *desleal e ganancioso* (TUCCI CARNEIRO, 2019).

Para o filósofo Bruno Bauer (1843), que se opunha à concessão de direitos de cidadania aos judeus pelo Império Alemão (GROSS, 2005), a recusa histórica do judaísmo em se deixar substituir apresentava-se como a "dúvida incorporada sobre a origem celestial do cristianismo". Essa recusa fazia dos judeus "inimigos religiosos da religião que se anunciou como completa e unicamente legítima, mas que não conseguiu sequer superar o pequeno rebanho do qual ela própria surgiu". A disputa inicial entre cristianismo e judaísmo, segundo Bauer, estaria na origem do que, na modernidade, se formulou como "a questão judaica" (*Die Judenfrage*) – a questão da dificuldade de incorporação dos judeus, devido a um alegado particularismo insuperável, ao Estado moderno alemão, que mais tarde os nazistas pretenderam "resolver" por meio do extermínio dos judeus, a chamada "solução final da questão judaica" (*Endlösung der Judenfrage*).

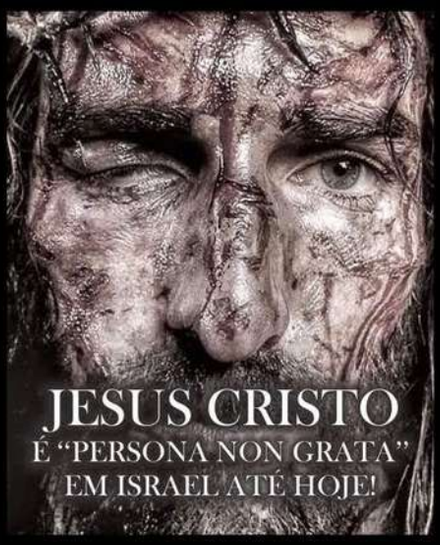
No século XIX, ideologias nacionalistas e teorias pseudocientíficas substituíram a noção de "pecado herdado" por uma suposta *degeneração biológica* (→ 7. *desintegração*



Vc já parou pra pensar que **Jesus Cristo** seria crucificado e **morto** por defender o povo **palestino** ?🤔

6.069 930 114

[redacted] Se declarar cristão e levantar a bandeira de Israel é uma contradição das mais bizarras .Jesus nasceu palestino, foi perseguido pelas elites judaicas e morto pelo império. Apoiar o opressor é trair o próprio Cristo😳 menos



[redacted]

Israel odeia Cristo e o matou, bem como adora fuzilar crianças palestinas famintas e inocentes em Gaza

A saga de Jesus: o palestino perseguido por Israel

Devido à sua origem palestina, Jesus também foi acusado de "terrorismo", mesmo sem nunca ter utilizado qualquer tipo de arma. Era "persona non grata" em Israel.

39.7K 6.9K comments 7.1K shares

[redacted]

Nesse natal só desejo que Deus ajude os palestinos a se livrarem da força do mal , assim como **Jesus** foi um refugiado **palestino** perseguido por judeus e **morto** desejo paz e liberdade para todos os palestinos amém

[redacted]

Jesus era **Palestino** e foi **morto** pelos judeus

Versiculos relevantes:

Mateus 27:25:

"Mas quando o liberou a eles, o povo de Jerusalém gritou: "Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!"

1 Tessalonicenses 2:15:

"Foram os judeus que mataram o Senhor Jesus e os profetas e também nos perseguiram".

Mateus 27:18:

"Pois ele sabia muito bem que os líderes dos judeus tinham prendido Jesus por inveja".

Eles m@tar@m Jesus... depois lucraram com a culpa.

Israel tem experiência em matar líder religioso há mais de 2 mil anos.

[redacted] sem

BONS TEMPOS ❤️ INQUISIÇÃO SOBRE OS ZIØNISTAS ERA BOM DEMAIS, AGORA EM 2026 PODIAMOS VOLTAR COM AS CRUZADAS CONTRA O SIØNISMØ

43

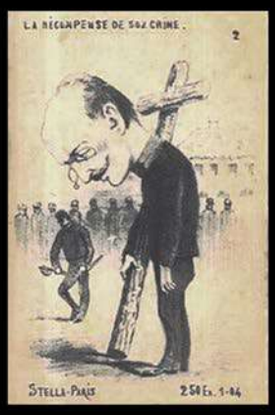
Responder

Ver mais 13 respostas

[redacted]

Só há uma solução para o conflito Hamas-Israel: todos se converterem ao cristianismo.

2,1 mil 122 comentários 76 compartilhamentos

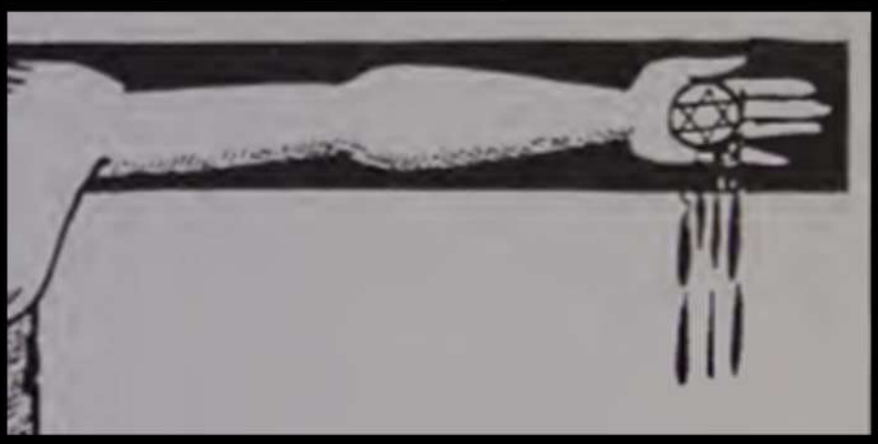


Observador_de_judeus

6 horas atrás

Judeus crucuficaram o filho de Deus, até hoje nunca se arrependeram disso e ainda continuam com as maledicências contra seu nome. Qual esperança eles ainda tem de paz, se paz é a última coisa que procuram?

Hate is in the air, water and food of Israel.
O sionismo assassinou o amor, assim como matou o seu Deus.



e degeneração), mas mantiveram a lógica da culpa coletiva e da ameaça interna. Mesmo o antissemitismo secularizado do século XX, que culminou no Holocausto, não rompeu com essa herança: a figura do judeu como inimigo essencial, corruptor de valores e conspirador universal enraizava-se em séculos de ensinamento cristão sobre os "assassinos de Deus" (NIRENBERG, 2013). Em 1938, em uma conversa com o ministro da Justiça, Hans Frank, Hitler observou: "No Evangelho, quando Pilatos se recusa a crucificar Jesus, os judeus clamam a ele: 'Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos.' Talvez eu tenha de fazer com que essa maldição se cumpra." (MICHAEL, 2006). O deicídio não foi, portanto, apenas uma acusação teológica, mas um dispositivo cultural de longa duração, capaz de atravessar épocas, adaptar-se a novas ideologias e sustentar distintas formas de ódio antijudaico.

A propaganda nazista retomou explicitamente a acusação do assassinato de Jesus. Um eixo central da ideologia nazista consistia em buscar dissociá-lo de sua identidade judaica, reescrevendo a história religiosa segundo critérios raciais. Nesse sentido, um artigo do *Der Sturmer* de julho de 1933 afirma que "Jesus Cristo [...] lutou contra os judeus durante toda a sua vida" e "se o judeu Paulo não tivesse distorcido e falsificado [o cristianismo], ele seria hoje o maior movimento antissemita do mundo" (SABINO, 2024). A tese do "Jesus ariano" foi difundida, apresentando-o como próximo dos gregos e em oposição aos judeus. Nessa linha, o teólogo Johannes Leipoldt (1941) descrevia Jesus como não judeu em origem e pensamento, afinado com o espírito "greco-ariano" (CHAPOUTOT, 2016).

Na década de 1960, quando o mundo ainda assimilava o legado do antissemitismo nazista, o Concílio Vaticano II (1962-1965) marcou uma inflexão na posição oficial da Igreja Católica. A declaração *Nostra Aetate* (1965) rompeu formalmente com a acusação coletiva de deicídio, afirmando que "o que aconteceu em Sua paixão não pode ser imputado a todos os judeus, sem distinção, que viviam naquela época, nem aos judeus de hoje". Mesmo sem eliminar séculos de ensinamentos antijudaicos, essa formulação desmontou a base teológica da acusação e abriu espaço para um diálogo mais consistente entre cristãos e judeus.

Embora o antijudaísmo islâmico clássico não contenha a acusação de deicídio – e o próprio Corão negue a crucificação de Jesus (Sura 4:157), em contraste com a tradição cristã –, o mundo árabe e muçulmano incorporou esse mito oriundo do antissemitismo europeu como instrumento político, vinculando-o à demonização dos judeus e à deslegitimação de Israel (PARDO, 2024). A imprensa árabe passou a difundir versões segundo as quais os judeus teriam matado Cristo, frequentemente traçando analogias entre Jesus e os palestinos (TUCCI CARNEIRO, 2021). Yasser Arafat recorreu reiteradamente a esse tropo, afirmando em 1983, em coletiva na ONU, que Jesus teria sido o primeiro guerrilheiro palestino (SABINO, 2024). No mesmo registro, Hasan al-Kashef, do Ministério da Informação da Autoridade Palestina, escreveu que "Jesus foi uma vítima das raízes do extremismo talmúdico" (BODANSKY, 1999). A Carta do Hamas de 1988 abre citando a Sura 3:110-112, segundo a qual a ira divina teria recaído sobre os judeus por "matarem os profetas" e serem "desobedientes e transgressores" (PIMENTA, 2024). Em 2001, durante a visita do Papa João Paulo II à Síria, o então presidente Bashar al-Assad acusou os judeus de "trair e torturar Jesus Cristo", de "matar os princípios da fé divina" e de cometer traições contra o profeta Maomé, conclamando cristãos e muçulmanos à união contra eles (NAÇÕES UNIDAS, 2001).

Nos debates contemporâneos, especialmente em círculos progressistas e em manifestações de solidariedade à causa palestina, difundiu-se a representação de Jesus como um palestino vitimado pelo Estado judeu. Essa leitura apoia-se em interpretações teológicas de passagens como Mateus 25:31-46, nas quais Jesus se identifica com os pobres e marginalizados, para sustentar que hoje estaria ao lado dos palestinos. Os evangelhos, contudo, registram de modo inequívoco sua identidade judaica: Jesus nasceu em Belém, na Judeia (Mateus 2:1-2), foi circuncidado segundo a lei judaica (Lucas 2:21), frequentava a sinagoga aos sábados (Lucas 4:16), celebrou a Páscoa em Jerusalém (João 2:13) e foi publicamente identificado como "rei dos judeus" (João 19:19). As genealogias de Mateus 1:1-18 e Lucas 3:23-38 confirmam igualmente sua ascendência judaica. Identificá-lo como exclusivamente palestino – ou utilizar a identidade palestina como contraponto qualitativo à identidade judaica – implica apagar seu pertencimento ao judaísmo e negar o papel constitutivo deste na formação do cristianismo. Reiterar, nesse contexto, a imagem de Jesus como vítima dos judeus configura uma forma de violência simbólica, pois reatualiza a mais antiga e persistente das acusações dirigidas ao povo judeu. As implicações dessa acusação são sintetizadas por Jean-Paul Sartre (2025) em *Reflexões Sobre o Racismo*, quando pergunta, em exercício empático: "Já se refletiu sobre a situação intolerável destes homens condenados a viver no meio de uma sociedade que adora o Deus que eles mataram?".

COMO IDENTIFICAR?

- Responsabilização coletiva de judeus, ou alternativamente sionistas e israelenses, pela morte de Jesus.
- Caracterização de judeus, ou alternativamente sionistas ou israelenses, como inimigos permanentes do cristianismo.
- Emprego de referências a Judas Iscariotes como símbolo para representar judeus, sionistas ou israelenses.
- Contestação do apoio de cristãos ao Estado de Israel com base na ideia de que, por ser um Estado judeu, representaria os assassinos de Cristo ou uma sociedade anticristã.
- Manutenção de rituais e tradições culturais que reforçam a imagem do "assassino de Cristo".
- Negar ou apagar as origens judaicas de Jesus.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS:

As definições operacionais tratam a acusação de deicídio – a ideia de que os judeus mataram Cristo – como um dos tropos mais antigos e fundamentais do antissemitismo, especialmente quando reativada para caracterizar o Estado de Israel.
A International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) é explícita ao classificar como antissemita o uso de símbolos e imagens do antissemitismo clássico, como a acusação de judeus matarem Jesus, para descrever Israel ou israelenses. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), embora menos detalhada, converge ao condenar a aplicação de estereótipos clássicos que associam os judeus ao mal. A principal zona cinzenta situa-se no campo teológico: divergências religiosas não são antissemitas quando reconhecem a continuidade histórica e raízes comuns entre judaísmo e cristianismo, evitando a essencialização moral negativa dos judeus e o uso da teologia para legitimar ódio ou exclusão no presente.

2. Demonização

Trata-se do lugar-comum que afirma que os judeus são diabólicos, possuem pacto com o Diabo ou trabalham pela vinda do Anticristo. Essa acusação advém da recusa persistente dos judeus em abandonar sua fé e aceitar Jesus como Messias, que alimentou o antijudaísmo cristão na Idade Média e continua a ressoar em discursos antissemitas na contemporaneidade. Uma das alegações mais difundidas sustentava que os judeus reconheceram Jesus como o Messias, mas, por estarem aliados ao Diabo, foram compelidos a matá-lo (BOLTON, 2024) (→ 1. *deicídio*).

O Novo Testamento é uma das matrizes teológicas da posterior diabolização dos judeus. No Evangelho de João, Jesus dirige-se a seus interlocutores judeus chamando-os de "filhos do pai de vocês, o Diabo, e vocês querem fazer as coisas más que ele faz" (João 8:44), passagem frequentemente lida em articulação com o Apocalipse, onde aparece a expressão "sinagoga de Satanás". Em Apocalipse 2:9 e 3:9, lê-se: "Sei a tua tribulação [...] e a calúnia daqueles que *se dizem judeus e não o são*, mas são sinagoga de Satanás"; e ainda: "Eis que farei que alguns da sinagoga de Satanás, que *dizem ser judeus e não o são*, mas mentem, venham prostrar-se aos teus pés e reconheçam que eu te amei." Nesse contexto, emerge a figura do "falso judeu", aqui ainda inserida no contexto da Teologia da Substituição, segundo a qual os cristãos substituem os judeus como a "verdadeira Israel". Essa construção reaparecerá ao longo da tradição antissemita sob diferentes formulações de *falsidade*, *artificialidade* e *impostura* atribuídas aos judeus (→ 5. *artificialidade e inautenticidade* e → 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*).

A tradição patrística consolidou a associação entre os judeus e o Diabo. Gregório de Nissa os descreveu como "cúmplices do Diabo, prole de víboras, [...] inimigos de tudo o que é bom". Crisóstomo de Antioquia afirmava que "as sinagogas dos judeus são os lares da idolatria e dos demônios" e que "os judeus não adoram a Deus, mas a demônios". Hilário de Poitiers dizia que estavam "possuídos por um demônio impuro". Jerônimo, por fim, retomou a imagem da "sinagoga de Satanás", retratando as sinagogas judaicas como prostíbulos, antros de vícios e fortalezas demoníacas (PATTERSON, 2015). Nesse contexto, os judeus eram percebidos como a força "mais notoriamente herética e anticristã da Europa" (BOLTON, 2024), o que ajuda a explicar a indiferença da consciência cristã medieval diante das perseguições.

Essa lógica de desumanização encontrou expressão violenta nas Cruzadas. Convocada por Urbano II em 1095, a Primeira Cruzada foi justificada como missão espiritual para libertar os cristãos do Oriente e recuperar os lugares sagrados de Jerusalém. No caminho, contudo, os cruzados voltaram-se também contra os judeus, considerados inimigos imediatos da fé. Guibert de Nogent registra o raciocínio: "Queremos, após percorrer longas distâncias, atacar os inimigos de Deus no Oriente. Aqui, porém, os judeus, que entre todos os povos são os piores inimigos de Deus, encontram-se diante de nós." (POLIAKOV, 2003). Nessas expedições, comunidades judaicas eram reunidas e forçadas a escolher entre a conversão ou a morte. Populações locais muitas vezes se somavam à violência e às pilhagens para partilhar os despojos. Como observa Léon Poliakov (2003), instaura-se um ciclo de violência: os ataques às comunidades judaicas precisavam ser justificados por rumores e acusações de que os judeus eram um povo demoníaco que praticava *assassinatos rituais* e *profanação de hóstias* (→ 3. *calúnia de sangue*), o que, por sua vez, legitimava novos ataques, pilhagens e acusações.

Associadas a essas acusações, difundiram-se narrativas que vinculavam os judeus à vinda do Anticristo, muitas vezes identificado como o Messias por eles esperado. Essa lenda descrevia um confronto apocalíptico entre Satanás e o cristianismo, projetando um ataque conjunto de judeus e demônios contra o mundo cristão. Em uma peça francesa de Besançon, ilustrativa da mentalidade da época, uma prostituta judia oferece-se a Satanás para conceber o Anticristo, destinado a "destruir o cristianismo e ressuscitar a Judeia". Já na peça alemã *Herzog von Burgund*, do século XV, os judeus são retratados exaltando a "nova ordem" instaurada pelo Anticristo, cujo objetivo declarado era "aniquilar os cristãos". O impacto dessas encenações foi tão significativo que, em 1469, o Conselho da Cidade de Frankfurt estabeleceu medidas especiais para proteger o quarteirão judeu durante as apresentações (TRACHTENBERG, 1983).

A cultura de demonização dos judeus não desapareceu com a modernidade. Ainda que se afirme uma transição do antijudaísmo teológico – teoricamente superável pela conversão – para formas modernas de caráter racial ou biológico, entendidas como hereditárias, traços dessas modalidades frequentemente se entrelaçaram em diversas manifestações históricas. O caso de Martinho Lutero é paradigmático: inicialmente defensor da conversão dos judeus ao protestantismo por meio da persuasão, ele reagiu, diante do insucesso, com uma escalada retórica que reunia críticas teológicas e desqualificações existenciais (PARDO; DELOR, 2004). Em repetidas ocasiões lançou invectivas contra os judeus, qualificando-os de "arqui-hereges" e afirmando que o Diabo lhes servia de "mestre, pai, Deus" ou lamentando que "Satanás está à direita dos judeus, e não lhes permite compreender" (LUTERO, *Werke* XIX, trachtenberg, 1983).

Dessa concepção decorre sua conclusão de que o judaísmo seria uma condição irredutível: "não é necessário, nem é possível converter o Diabo e suas criaturas. O provérbio 'tão perdido quanto uma alma judia' é totalmente justificado" (LUTERO, *Tischreden* LXII, trachtenberg, 1983). Em *Dos Judeus e Suas Mentiras* – publicado no Brasil pela editora neonazista Revisão, Lutero formulou um programa em oito pontos que recomenda a destruição das sinagogas e das casas judaicas, bem como a expulsão daqueles que se recusam a reconhecer Jesus como Messias. Mas mesmo os convertidos eram tidos como desleais. Em um trecho exemplar dessa hostilidade, escreveu: "Se um judeu vier pedir-me o batismo, eu lho darei; mas logo em seguida levá-lo-ei ao meio da ponte do Elba, lhe pendurarei uma pedra de amolar ao pescoço e atirá-lo-ei à água" (LUTERO, *Tischreden*, PARDO; DELOR, 2004).

✠✠ [redacted] .✠✠?
A **sinagoga de satanás** está bem ativa, ela quer o mundo.

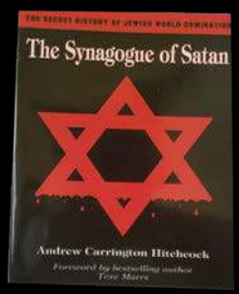
[redacted]za Sua análise é perfeita. Jeová é um Deus ou um Demônio? Eu não tenho dúvida que Jeová é um ente genocida.

jews are the children of satan. (john 8:44) ---
---- the lord jesus christ is come in the flesh

"Raça de víboras.
Filhos do diabo.
Sinagoga de Satanás.
Túmulos caiados.
Assassinos dos profetas, dos apóstolos e do Messias.
Víúvas vigaristas que lucram com a religião e fazem de seus seguidores duplamente filhos do inferno."

Foi assim que Jesus chamou os judeus que não creram nele. Foi por isso que o mataram.

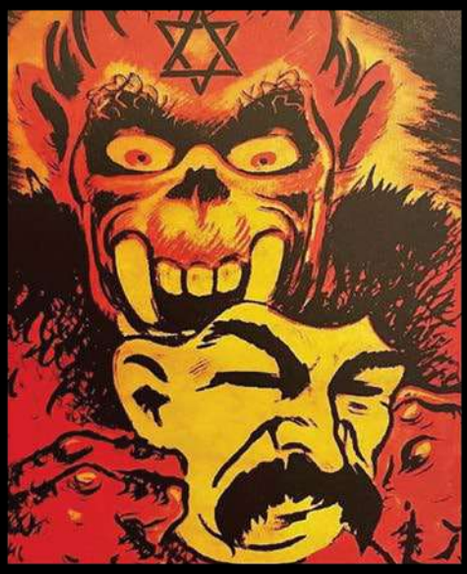
O ANTICRISTO SERÁ JUDEU?



29 de dezembro de 2016 ·

Certos judeus espertalhões, como Karl Marx, os Rothschilds, o George Soros, fazem os demais judeus de trouxas com uma facilidade impressionante. Mas aí a explicação não pode ser lingüística. Deve ser algum atavismo patriótico. Cada judeu acha que todo judeu de nascença é judeu como ele, e acredita no filho da puta como se ele fosse seu tio ou seu avô. Nunca ouviram falar da Sinagoga de Satanás, "aqueles que dizem que são judeus, mas não o são".

1,8 mil 159 comentários 227 compartilhamentos



Eles são satânicos, o Deus dos jud3us tem nome; Lúcifer.

7 sem 40 curtidas Responder

Sim, mas acho que o deus dele é outro

O que vocês estão fazendo na Palestina é um salvo conduto para o que virá em seguida

Cada porco será abatido

E já estará normalizado, não haverá perdão, não haverá chiqueiro, não haverá esgoto, não há lugar na Terra onde os filhos de satanás possam se esconder

Não há buraco!

A transição da categoria teológica para a racial ou cultural não ocorreu de modo linear nem claramente delimitado. Como observa Poliakov (2003), o socialista francês Joseph Pierre Proudhon mesclava teologia e racismo ao caracterizar o judeu como "por temperamento improdutivo, nem agricultor nem industrial", um "intermediário, sempre fraudulento e parasita", identificando-o simultaneamente como "o mau elemento, Satã, Ahriman, encarnado na raça de Sem". Esse tipo de formulação prolonga-se no século XX. No início desse período, Serguêi Nilus – um dos mais influentes editores e comentadores de *Os Protocolos dos Sábios de Sião* – publicou o texto acompanhado do ensaio *O Grande no Pequeno: O Anticristo Como Possibilidade Política Imediata*, no qual interpreta a suposta conspiração judaica de *dominação mundial* (→ 15) em chave escatológica: os *Protocolos* seriam a revelação de uma estratégia secreta das forças satânicas, com os judeus como seus aliados terrenos, em oposição às forças divinas identificadas com a Igreja Ortodoxa Russa (HAGEMEISTER, 2011). Essa leitura reaparece na edição brasileira dos *Protocolos*, traduzida e comentada pelo integralista Gustavo Barroso, membro da Academia Brasileira de Letras, que os apresenta como "o código do Anticristo" e recorre ao *Corão* (Sura 20, capítulo LXIII) para caracterizar os judeus: "Satan apoderou-se deles. Eles formam o partido de Satan. Não são o único povo deicida?..." (BARROSO, 1936).

Os nazistas também recorrem de modo sistemático à retórica da demonização. Em *LTI: a Linguagem do Terceiro Reich*, Viktor Klemperer (2009) recorda a centralidade do Diabo na propaganda do regime, condensada no *slogan*: "quem não conhece o judeu não conhece o Diabo". A edição de 23 de fevereiro de 1943 do semanário *Der Sturmer*, por exemplo, estampava a caricatura de um judeu sob o título "o Satã". Livros infantis como *O Cogumelo Venenoso* (1938) descreviam os judeus como "demônios em forma humana" cuja identificação deveria ser ensinada pela escola. O Deus dos judeus era representado pelos nazistas como um "Deus vingador, terrível e aterrorizante", um "monstruoso demônio do deserto" (CHAPOUTOT, 2018; 2020). O emprego desse imaginário revela a dimensão religiosa do antissemitismo nazista, em contraste com a interpretação que o reduz a um fenômeno social-darwinista ou pseudocientífico. As reminiscências da compreensão teológica do mundo na perspectiva nazista são bem explicadas na lição do professor Yehuda Bauer:

> A unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo foi traduzida no princípio partidário do pai-nação, do filho-raça e do espírito do *Volk*. A ideia do judeu como símbolo do diabo no cristianismo tornou mais fácil a metamorfose do judeu em diabo, a essência do símbolo. A partir de então, havia apenas um objetivo: o seu extermínio. Quando o Führer substituiu o Salvador, o judeu tornou-se o símbolo do Anticristo, um objeto de ódio sem restrições. A nova linguagem foi adaptada às antigas ideias (BAUER, 1982).

As referências ao Diabo e ao Anticristo demonstram que os judeus não eram concebidos apenas como "sub-humanos" ou inimigos biológicos, mas como a própria encarnação do mal, cujo extermínio aparecia como condição para a salvação do povo alemão e para o cumprimento de sua "missão divina". Nesse espírito, em um artigo de 25 de dezembro de 1941 – um mês antes do início oficial da fase de extermínio industrial do Holocausto – o semanário *Der Sturmer* declarava: "Só há uma maneira de pôr fim à reprodução daquela maldição de Deus no sangue judaico: a exterminação deste povo cujo pai é o Diabo" (SABINO, 2024). Em uma passagem do *Mein Kampf* (Minha Luta), Hitler afirma: "ninguém precisa se surpreender se entre nosso povo a personificação do Diabo como símbolo de todo o mal assumir a forma viva do judeu". Em outra, mais conhecida, oferece uma justificação teológica para o seu antissemitismo: "Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus".

Há também uma sobreposição histórica entre a demonização dos judeus promovida pelo nazismo e aquela elaborada por intelectuais e líderes políticos árabes que colaboraram com o Terceiro Reich. O Mufti de Jerusalém, Amin al-Husseini, que atuou a partir de Berlim transmitindo propaganda nazista em árabe, recrutando divisões da SS e intervindo para impedir a fuga de judeus da Europa (KÜNTZEL, 2024; BODANSKY, 1999), afirmou em seu panfleto *Islã e Judaísmo* (1937), amplamente difundido por redes nazistas e nacionalistas árabes, que "os judeus são os servos de Satanás" (KÜNTZEL, 2024).

Essa estrutura maniqueísta também aparece no pensamento de Sayyid Qutb, principal ideólogo da Irmandade Muçulmana – organização que recebeu apoio técnico, logístico e material da Alemanha nazista para ações na Palestina sob o Mandato Britânico durante a guerra (KÜNTZEL, 2024). Qutb divide a humanidade entre o *hizb Allah* (Partido de Alá) e o *hizb al-shaytan* (Partido de Satanás), concebendo os judeus não como adversários políticos contingentes, mas como a encarnação de um "mal transcendente" oposto ao bem absoluto, descrevendo-os como "o diabo mais negro e a fonte das piores maquinações anti-islâmicas" (citado em PATTERSON, 2011). Bodansky (1999) indica formulações semelhantes em meios institucionais palestinos: a televisão da Autoridade Palestina (AP), por exemplo, transmitiu programas religiosos declarando que "os judeus são a semente de Satanás e dos demônios", enquanto um editorial do jornal *Al-Hayah al-Jadidah*, controlado pela AP, afirmou que o conflito entre muçulmanos e judeus "assemelha-se ao conflito entre o homem e Satanás".

Hoje, representações do Estado de Israel, de seus cidadãos ou figuras públicas como satânicas ou demoníacas – em linguagem ou em imagens – continuam presentes tanto nos discursos de críticos e adversários quanto no de inimigos. Nesse enquadramento, o conflito entre israelenses e palestinos deixa de ser interpretado como disputa política ligada à identidade nacional e ao território, e passa a ser concebido em termos escatológicos, em que Israel é representado como força teológica do mal e os palestinos como encarnação da justiça universal (BOLTON, 2024). A mídia estatal iraniana também recorre frequentemente a essa retórica, descrevendo Israel como o "pequeno Satã", associado aos Estados Unidos, tido como o "grande Satã" (JASPAL, 2013).

Referências à "sinagoga de Satanás" e à associação dos judeus com o Anticristo permanecem ativas no imaginário antissemita ocidental, funcionando como um ponto de convergência entre diferentes grupos extremistas na representação do judeu como inimigo absoluto. Esse motivo aparece, por exemplo, na ideologia dos *Black Hebrew Israelites*, que se autoproclamam os "verdadeiros judeus" e descrevem

a comunidade judaica como "falsos judeus", "agentes de Satanás" e aliados aos "diabos brancos" (NORWOOD; POLLACK, 2020). O mesmo imaginário esteve presente no ataque à sinagoga Tree of Life, em Pittsburgh, em 2018, cujo autor, responsável pela morte de onze pessoas, publicou mensagens chamando os judeus de "filhos de Satanás", combinando pautas anti-imigração do supremacismo branco com antijudaísmo religioso (JIKELI, 2020). De modo semelhante, Louis Farrakhan, líder da Nation of Islam, recorre com frequência a esses tropos, articulando elementos da Teologia da Substituição com teorias conspiratórias que apresentam os judeus como *inautênticos*, *conspiradores* e responsáveis *pelo controle da mídia, dos bancos e dos governos* (CAM; NCRI, 2023).

A demonização, assim, funciona como mecanismo de *desumanização* (→ 11. *desumanização e repulsividade*), transformando judeus, sionistas ou israelenses na *personificação do Mal* (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*), produzindo como resultado uma visão na qual a redenção do mundo e o restabelecimento da justiça dependem da eliminação dos judeus. É por essa razão que, no conhecido teste dos "três Ds", elaborado por Natan Sharansky para diferenciar crítica legítima a Israel de discurso antissemita, a "demonização" aparece ao lado de "deslegitimação" e "duplo padrão" (SHARANSKY, 2005). A retórica de demonização, em suma, inviabiliza soluções políticas negociadas, pois a negociação com o mal absoluto, naturalmente, não é concebível. Ou, como Hitler (2016) também explica no *Mein Kampf* "Com judeus não se pode pactuar. Só há um pró ou um contra."

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais de antissemitismo são convergentes ao classificar como antissemita a associação de judeus ou do Estado de Israel ao "mal absoluto", ao Diabo ou a forças demoníacas. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) identifica esse vínculo com o mal como núcleo do antissemitismo clássico e considera antissemita, à primeira vista, a aplicação desses símbolos a Israel; a definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) adota posição equivalente ao condenar o uso de imagens clássicas de demonização para caracterizar Israel ou israelenses.

COMO IDENTIFICAR?

- Associações ou descrições de judeus, Israel, israelenses ou sionismo com o Diabo/Anticristo/Sinagoga de Satanás.
- Associações dos judeus, Israel, israelenses ou sionismo com o inferno – entendido como um lugar de onde o mal emana.

Jews do the Devil's work and are the cause of all the misery in the world

ISRAHELL

ESQUERDA
DIREITA

El Dios genocida
USA
matador

OBIECAŁI BOLSZEWICY
DAMY WAM PORCJĘ
DAMY WAM WOLNOŚĆ
DAMY WAM ZIEMIĘ
PRACĘ I CHLEB -
NIEUCZCIWIE OSZUKALI
ROZPĘTALI WOJNĘ,
Z POLSKĄ,
ZAMIAST WOLNOŚCI DALI
PAŚĆ - ZAMIAST ZIEMI
- REKWIZYCJE
ZAMIAST PRACY - NĘDZĘ,
ZAMIAST CHLEBA - GŁÓD

العدوان الإسرائيلي على أسطول الحرية
مش فاهم الدنيا مصدومة كده ليه.. ماتاطول عمري باقتل الأبرياء وما حدش بيكلمني !!

3 sem
#AntiNWO time clube organização sionista satanistas terroristas da geopolítica do sistema genocidas máfia do khazar Sinagoga de Satanás Apocalipse 3 :9
IL UM UN
BR

3. Calúnia de Sangue

Trata-se do lugar-comum que acusa os judeus de assassinar cristãos – mais frequentemente crianças – para utilizar seu sangue em rituais religiosos. Derivações dessa narrativa atribuem aos judeus características "vampíricas", como uma suposta sede de sangue, em especial infantil, além de práticas de bruxaria, pedofilia e roubo de órgãos. Também conhecida como "libelo de sangue", essa acusação tem origem em lendas medievais segundo as quais judeus se reuniriam secretamente para sequestro, abuso e sacrifício de crianças cristãs em rituais satânicos, empregando seu sangue na preparação da matzá, o pão ázimo consumido na Páscoa judaica. A essas narrativas somavam-se acusações de roubo e profanação de hóstias, entendidas pela teologia católica como o corpo de Cristo, cuja violação seria interpretada como uma *repetição simbólica da crucificação* (→ 1. *deicídio*).

Trata-se de um caso paradigmático de "pânico moral" (COHEN, 2011), que demoniza os judeus ao mobilizar imagens de inocência, vulnerabilidade e violência extrema. A força emocional dessa construção explica por que a calúnia de sangue se tornou um dos instrumentos mais duráveis e eficazes da desinformação antijudaica, bem como a persistência histórica de sua circulação (PLACZYNTA, 2024).

As acusações de assassinato ritual e roubo de sangue humano – feitas apesar da proibição pela lei judaica do consumo de qualquer tipo de sangue, animal ou humano – alimentaram fogueiras, espoliações e massacres ao longo da Idade Média e continuaram a produzir efeitos na modernidade e na contemporaneidade (PARDO; DELOR, 2024). Nesse sentido, a acusação funcionava como uma "refutação do judaísmo por meio da negação grotesca do *éthos* judaico, que destaca as leis da *kashrut* e da purificação ritual" (STAV, 1999). A atitude judaica com relação ao sangue é explicitada em Levítico e no Deuteronômio: "E não comereis nenhum tipo de sangue, seja de ave ou de animal, em nenhuma de vossas moradas" (Levítico 7:26); "Todo aquele que comer qualquer tipo de sangue será eliminado do meio do seu povo" (Levítico 7:27). "Por isso disse aos filhos de Israel: Nenhuma alma dentre vós comerá sangue, nem tampouco o estrangeiro que habitar entre vós comerá sangue" (Levítico 17:12). "Tão-somente sê firme em não comer o sangue, porque o sangue é a vida; não comerás a vida com a carne" (Deuteronômio 12:23).

As crenças populares incluíam ainda a ideia de que os judeus necessitariam de sangue cristão para curar feridas da circuncisão, preparar poções ou compensar perdas corporais, chegando-se a afirmar que homens judeus "menstruariam" como punição pelo assassinato de Cristo (POLIAKOV, 2003). Esse imaginário era reforçado por leituras de Mateus 27:25 como uma "maldição do sangue", passagem em que a multidão declara a Jesus, prestes a ser crucificado: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos".

Conforme observa Arieh Stav (1999), a chamada "calúnia de sangue" funcionaria como uma imagem espelhada do rito cristão da Eucaristia, no qual o corpo e o sangue de Cristo são consumidos. Segundo o autor, essa acusação foi "necessária ao Cristianismo como uma refutação do Judaísmo por meio de uma negação grotesca do *éthos* judaico", ao projetar sobre os judeus uma inversão do próprio ritual central cristão. Enquanto o fiel cristão bebe o sangue de sua divindade como meio de salvação, o judeu é acusado de beber sangue humano como sinal de condenação. Stav ressalta que, no dogma católico medieval, a Eucaristia não é meramente simbólica, mas implica uma transubstanciação da hóstia e do vinho em corpo e sangue de Cristo, o que tornaria psicologicamente plausível, para o crente, a acusação de ingestão literal de sangue atribuída aos judeus. Essa articulação teológica e psicológica ajuda a explicar a função da calúnia de sangue como reforço, por contraste, do núcleo simbólico da fé cristã medieval.

A professora Maria Luiza Tucci Carneiro também propõe uma hipótese para a consolidação desse lugar-comum ao indicar que o rito judaico da circuncisão (*Brit Milá*), projetado no imaginário coletivo, favoreceu leituras profundamente distorcidas. Segundo a autora, o ritual passou a ser interpretado como suspeito "por implicar em um 'pacto' que envolve sangue, por exigir o 'sofrimento' de um recém-nascido, por ser um ritual que enfatiza a continuidade do grupo que, segundo a lógica do mito, vai se fortalecendo para impor seu poder ao mundo". Nesse mesmo registro conspiratório, Carneiro observa que inquisidores do Santo Ofício na Espanha e em Portugal interpretavam a realização de um *minian* – o quórum ritual de dez judeus maiores de treze anos – como um complô secreto, realizado às escondidas, com o objetivo de atentar contra o cristianismo (TUCCI CARNEIRO, 2021).

Nirenberg (2013) observa que uma das primeiras formulações da acusação de assassinato ritual é atribuída a Ápio – gramático egípcio-grego contra quem o historiador judeu Flávio Josefo escreveu *Contra Ápio* –, que relata um suposto episódio ocorrido durante a conquista de Jerusalém por Antíoco, no ano 134 antes da era comum. Segundo esse relato, o rei teria encontrado no Templo judaico um homem faminto diante de um banquete, que lhe revelou um "segredo horrível": todos os anos, os judeus sequestrariam um grego, engordariam a vítima e a matariam, consumindo-a ritualmente enquanto juravam hostilidade permanente a todos os estrangeiros, em especial aos gregos. Poliakov (2003) ressalta, contudo, que apenas a partir do século XII acusações de assassinato ritual, bruxaria e profanação de hóstias ganharam proeminência, substituindo as Cruzadas como principal justificativa para massacres de comunidades judaicas.

As convergências simbólicas entre judeus e bruxas tornaram-se particularmente evidentes na cultura medieval. Ambos eram descritos como conspiradores, dissimulados, inclinados ao engano e à duplicidade. Na França do século XV, por exemplo, um édito parisiense previa punições idênticas para "feiticeiros, judeus e mágicos", fundindo esses grupos em um mesmo imaginário criminal. Neste imaginário, o homem judeu, por ser circuncidado e supostamente sujeito à menstruação, era percebido como ambíguo ou feminizado, aproximando-se da figura da bruxa. Judeus e bruxas surgiam, assim, como aliados simbólicos das forças do mal contra a Cristandade (PARDO; DELOR, 2024). Essa associação também se expressou visualmente: o *Judenhut* ou *pilleus cornutus*, imposto aos judeus pelo Concílio de Latrão em 1215 como

Há séculos atrás existem denúncias de seitas e sacrifícios de crianças entre os judeus no início do século

Responder

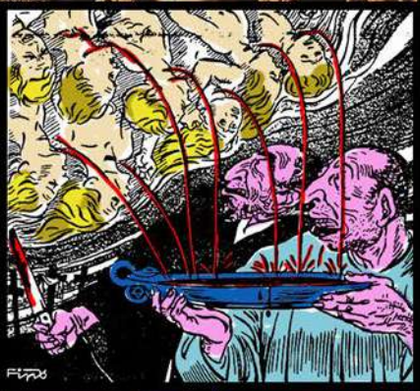
[redacted]

Curtido por [redacted] e **outras pessoas**

[redacted] Baal, deidade satânica, Cananistas e judeus sacrificavam crianças para receber sua simpatia. Hoje, a história se repete.

ELES NÃO ME DEIXA FALAR PQ ...

Judeus matam crianças como sacrifícios para Moloch



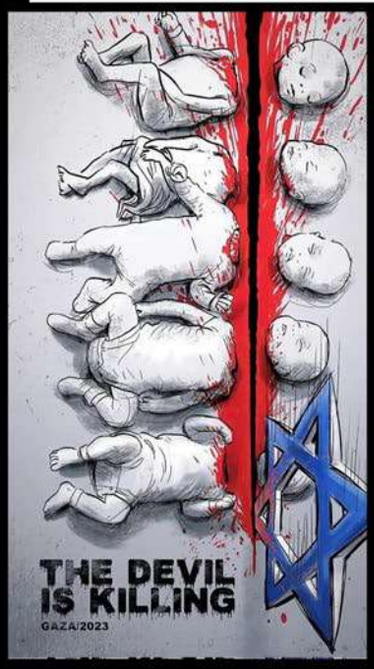
„Hier, Kleiner, hab du etwas ganz Süßes! Wer dafür weißt ihr beide mit mir gehen...."

Seguir

israel não é um país, é uma seita onde o supremacismo religioso impera nos corações dos sionistas, os transformando em verdadeiros demônios que se lambuzam com o sangue de crianças inocentes. Os palestinos são o jantar sendo brutalmente devorado.

13 de outubro de 2024 22:29

Chegou o **demônio sionista** dando opinião fora da realidade e misturando terrorismo com guerra contra crianças inocentes. Vc são um lixo



ISRAEL ROUBA ÓRGÃOS DE PALESTINOS ASSASSINADOS

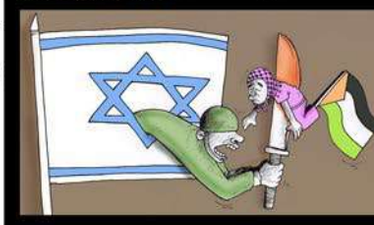
AUTORIDADES DE GAZA ACUSAM ISRAEL DE EXTRAIR ÓRGÃOS DE CADÁVERES PALESTINOS E EXIGEM COMITÊ INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

Israel, terra de criminosos terroristas que sentem prazer em matar criança.

Sim. O relatório de 2015 do Parlamento Europeu ("Tráfico de Órgãos Humanos") listou Israel como um dos países centrais envolvidos no tráfico de órgãos. Internamente, o principal é o de peles (já que a população, majoritariamente de ascendência europeia, tem alta incidência de cancer de pele por não estar adaptada ao clima desértico da região). Há inclusive um Banco de Peles oficial em Israel. Para saber quem são as vítimas não é difícil deduzir. Para mais detalhes, leia o Relatório.

Tem muito mais. Há, por exemplo, denúncias de evisceração nos palestinos antes de os matarem para a retirada de córneas, pele (para as queimaduras sofridas por soldados) e demais órgãos para as cirurgias de transplante dos sionistas. Há a prisão de crianças e adolescentes, muitas não aguentam e morrem nas prisões. Os crimes são inúmeros. É um povo pervertido por uma ideologia fascista que corrompeu o caráter da maioria das população. São os piores seres humanos do planeta.

Responder



Sionista explicando por que SACRIFÍCIO HUMANO é necessário para eles:

A principal causa de mortalidade infantil no mundo este ano é Israel.

4 sem

Mtos Palestinos foram encontrados sem órgãos nesse genocídio cometido por Israel. Pelo amor de Deus.

7

E as milhares de crianças brasileiras que foram adotadas de forma ilegal por israelenses na década de 80 e 90? Tinha até um documentário sobre

57

· Feb 19, 2023

Entenda o motivo da 1 e 2 Guerra Mundial feita pelo Ocidente, e porque fizeram oque fizer com os Judeus, só um lado da história é mostrado, eles fizeram Pedofilia e **tráfico** humano com crianças ocidentais no século 19 após adultos desaparecerem do nada.

marca segregadora (→ 4. *o outro/o estrangeiro*), foi incorporado à iconografia das bruxas. Uma lei de Buda, de 1421, determinava que condenados por feitiçaria comparecessem em público "com um chapéu judeu pontiagudo na cabeça" (TRACHTENBERG, 1983). Além disso, judeus e bruxas eram caricaturados com traços semelhantes – narizes aduncos, corpos deformados e, no caso dos homens, longas barbas. A caça às bruxas, conduzida pela Inquisição a partir do século XV, deu continuidade à perseguição aos hereges, e o *Malleus Maleficarum* baseou-se amplamente nos manuais da Inquisição espanhola voltados à identificação de marranos e "judaizantes" (PARDO; DELOR, 2024).

No século XII, o caso de William de Norwich (1144), na Inglaterra, foi um dos primeiros registros da calúnia de sangue contra os judeus: o corpo de um menino cristão foi encontrado, e a comunidade judaica, acusada de crucificação ritual. O hagiógrafo de William, Tomás de Monmouth, alegou falsamente que todos os anos haveria um *concílio internacional de judeus* (→ 15. *dominação mundial*), em que se escolheria o país em que uma criança seria morta durante a Páscoa. Eles estariam obedecendo a uma profecia segundo a qual o assassinato anual de uma criança cristã garantiria a restauração dos judeus à Terra Santa. Em Blois, na França (1171), acusações semelhantes levaram à execução de 33 judeus. Em Fulda, Alemanha (1235), o assassinato de cinco meninos resultou na morte de 34 judeus. O caso do "Pequeno São Hugo de Lincoln" (1255) levou à prisão em massa e à execução de membros da comunidade judaica. Já o episódio de Simão de Trento (1475) desencadeou julgamentos e a execução de quinze judeus acusados de assassinato ritual. Esses episódios consolidaram cultos a "santos-crianças", integrando o imaginário coletivo europeu de demonização dos judeus.

Na Alemanha, Martinho Lutero reforçou a ideia da calúnia de sangue em *Dos Judeus e Suas Mentiras*, no qual escreveu que "Deus os atingiu [os judeus] com 'loucura, cegueira e confusão de espírito'. Assim, somos nós que estamos em falta por não vingar todo esse sangue inocente de Nosso Senhor e dos cristãos que eles derramaram durante trezentos anos após a destruição de Jerusalém, bem como o sangue das crianças que eles derramaram desde então (o qual ainda brilha em seus olhos e em sua pele). Somos culpados por não os matar" (LUTERO, 1993).

Na sua versão da lenda do *Golem*, Elie Wiesel (1986) relata que o rabino Yehuda Loew teria criado, a partir da argila, uma criatura magicamente animada para proteger a comunidade judaica de Praga, no século XVI, das acusações de assassinato ritual difundidas pelo bispo Thadeusz.

No período pós-medieval, a acusação continuou a produzir efeitos devastadores. No século XVII, por exemplo, o rei da Polônia e Grã-Duque da Lituânia, Augusto II, justificou perseguições antijudaicas alegando que o "sangue de crianças cristãs, derramado pelos infiéis e pérfidos Judeus, clama ao Céu!" (POLIAKOV, 2003). Em 1840, o caso de Damasco levou à prisão e tortura de judeus sob acusação de assassinato ritual; autoridades locais chegaram a deter 63 crianças judias para forçar confissões sobre o suposto sangue roubado, episódio que desencadeou protestos internacionais. Em 1863, no Marrocos, o Caso Safi terminou com a execução de judeus após confissões obtidas sob tortura. No Egito, em 1881, o chamado caso Fornaraki, em Alexandria, envolveu falsas acusações contra uma família judaica, apesar de comprovada a morte acidental da criança. O pogrom de Kishinev, ocorrido em 1903 no Império Russo, foi instigado por acusações de libelo de sangue publicadas no jornal antissemita *Bessarabets* e resultou na morte de 49 judeus. O episódio teve enorme repercussão internacional, tornando-se símbolo da vulnerabilidade judaica no Leste Europeu, estimulando tanto fluxos migratórios para as Américas quanto o fortalecimento do movimento sionista. Em 1928, nos Estados Unidos, o caso de Massena revelou a persistência do mito mesmo em um contexto democrático do século XX. Na Palestina sob Mandato Britânico, panfletos e relatórios reiteraram acusações semelhantes, enquanto, em 1940, boatos de calúnia de sangue serviram de gatilho para distúrbios antijudaicos em cidades tunisianas. Durante o nazismo, o semanário *Der Stürmer* dedicou uma edição inteira ao tema, mobilizando imagens de crueldade ritual para reforçar a demonização dos judeus. Mesmo após o Holocausto, a calúnia continuou a produzir violência: em 1946, no pogrom de Kielce, na Polônia, mais de quarenta sobreviventes dos campos de extermínio recém-libertados foram assassinados após a falsa denúncia de que uma criança de oito anos teria sido sequestrada.

Em 2019, o supremacista branco John Earnest entrou na sinagoga de Poway, na Califórnia, matou uma mulher e feriu outras três pessoas, incluindo o rabino da congregação. No manifesto que lhe é atribuído, declarou que vingava o martírio de Simão de Trento: "Você não foi esquecido, Simão de Trento; o horror que você e inúmeras crianças sofreram nas mãos dos judeus nunca será perdoado" (LAVIN, 2019).

Teorias contemporâneas de conspiração ligadas a "pedo-satanismo", que associam redes de pedofilia, vampirismo e tráfico humano a práticas judaicas, também podem ser interpretadas como versões contemporâneas da calúnia de sangue. A teoria QAnon, por exemplo, recicla esse imaginário ao sustentar que "elites de Hollywood" ou "elites globalistas" sequestram crianças para, em rituais satânicos, estuprá-las e extrair adrenocromo – substância que acreditam ser liberada no sangue de crianças prestes a morrer em circunstâncias violentas – a fim de alcançar a imortalidade. O reaparecimento da imagem de Simão de Trento em manifestações ligadas a esse movimento reforça a ideia de que tais narrativas atualizam e prolongam uma tradição profundamente enraizada no antissemitismo histórico (ROTHSCHILD, 2021).

Em 1972, o Rei Faysal da Arábia Saudita afirmou que os judeus tinham um dia específico em que misturavam o sangue de não judeus no seu pão e o comiam. A conhecida escritora egípcia 'Ā'isha 'Abd al-Rahmān menciona em seu livro *Os Inimigos da Humanidade* o costume dos judeus de drenar o sangue de crianças para o ritual da Páscoa (GERBER, 1986). Em 1983, Mustafa Ṭalās, ministro da Defesa da Síria, escreveu e publicou *Matzo of Zion* (A Matzá de Sião), uma obra sobre o episódio de Damasco de 1840, repetindo que os judeus usavam o sangue de não judeus assassinados em rituais religiosos, como a preparação da matzá. Nesse livro, ele sustenta que as verdadeiras crenças religiosas dos judeus seriam um "ódio negro contra todos os seres humanos e religiões", concluindo que nenhum país árabe deveria jamais assinar um tratado de paz com Israel (ṬALĀS, 1991).

Como outros estereótipos clássicos antissemitas, a calúnia de sangue também vem servindo à demonização dos israelenses e do Estado de Israel na atualidade. Hoje sua

influência pode ser percebida nos discursos de acusação de que Israel teria, como objetivo deliberado e central do conflito árabe-israelense, a matança de crianças (ISRAELI, 2012; SCHAPIRA; HAFNER, 2013; HAFNER; SCHAPIRA, 2015; BECKER et al., 2024). Narrativas que consideram Israel essencialmente como um "estado assassino de crianças" contribuem para normalizar esse estereótipo. Nelas, a inocência das vítimas palestinas é enfatizada – muitas vezes simbolizada por imagens de ursinhos de pelúcia – em contraste com a representação de israelenses demonstrando prazer sádico diante das mortes. Em suas versões mais extremas, essas narrativas acusam israelenses de sequestrar crianças e adultos palestinos para extrair, vender ou utilizar seus órgãos (PLACZYNTA, 2024).

Em 2025, o ex-vice-chefe do Estado-Maior do Exército israelense e líder do partido Democratas criticou o governo em uma entrevista, afirmando que "um país são não trava guerra contra civis, não mata crianças como um hobby e não promove deslocamentos populacionais em massa". A declaração suscitou debates sobre os limites entre a crítica legítima às políticas do Estado de Israel e a possibilidade de que certas formulações, ainda que proferidas por um judeu israelense, possam recorrer a imagens ou lugares-comuns associados historicamente ao antissemitismo.

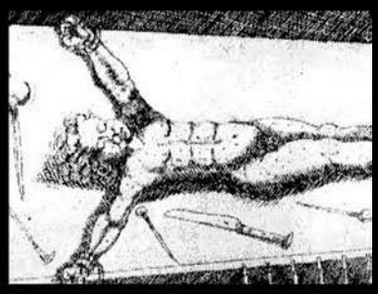
COMO IDENTIFICAR?

- Descrições dos judeus/israelenses/Israel/sionistas essencialmente como assassinos de crianças.
- Alegação falsa de que judeus/Israelenses/Israel/sionistas matam crianças para usar partes de seus corpos em rituais.
- Acusações de tráfico de órgãos, de pessoas e exploração sexual de crianças.
- Acusação de práticas de "vampirismo".

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais convergem ao classificar a reativação da calúnia de sangue como antissemitismo inequívoco. A International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) considera antissemita o uso de acusações medievais – como assassinato ritual ou deicídio – para caracterizar Israel ou israelenses, reconhecendo a projeção desses mitos sobre o Estado judeu. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* adota posição convergente ao tratar como antissemita, à primeira vista, a aplicação de estereótipos clássicos do antissemitismo a Israel, embora preserve espaço para críticas baseadas em evidências a políticas específicas. A zona cinzenta reside na distinção entre relatos factuais de mortes de crianças em contextos de guerra e o uso desses fatos para reativar o libelo de sangue. A linha é cruzada quando se atribui intencionalidade maliciosa, se generalizam episódios para definir a essência moral de Israel ou se transfere a culpa para "os judeus" ou "todos os israelenses". Em contraste, relatos precisos e contextualizados e críticas a ações militares específicas não são antissemitas, desde que não essencializem a violência nem mobilizem imagens de sadismo ritual ou maldade inerente.

LIPACEWICZ



GAZA

30
ВЪ ЖЕРТВУ
ИНТЕРНАЦІОНАЛУ

ИЗРАИЛЬ
Позор преступникам!

SIONISMO
VERSIÓN ACTUALIZADA AL 2025 DEL CONOCIDO CARTEL ANTINAZI REALIZADO POR PABLO O' HIGGINS EN 1938.
EL FISGÓN

L'animale cadde di nuovo a terra. Muore lentamente.
Gli ebrei gnarbano e ridono.

4. O Outro, o “Eterno Estrangeiro”

A construção do judeu como “outro” ou “estrangeiro interno” constitui um dos mecanismos centrais do antijudaísmo e do antissemitismo ao longo da história. Mais do que simples exclusão social, trata-se de uma forma recorrente de produção simbólica por meio da qual diferentes sociedades projetaram no “judeu” suas ansiedades e tensões internas. Nesse sentido, o judaísmo passou frequentemente a funcionar como uma categoria interpretativa da realidade e como um “espelho negativo” da própria cultura ocidental (NIRENBERG, 2013).

Essa alteridade assumiu diferentes formas históricas – o estrangeiro, o sem raízes, o cosmopolita –, mas preservando uma mesma estrutura: a representação do judeu como elemento simultaneamente interno e externo à ordem social, pertencente e não pertencente ao corpo político. É essa condição que Jacques Derrida (2014) descreve como um “pertencimento sem pertencimento”, caracterizado por uma inserção constantemente incompleta e contestada nas comunidades políticas.

Nesse sentido, como observa Jean-Paul Sartre (2025) nas *Reflexões Sobre a Questão Judaica*, essa alteridade não é um dado espontâneo, mas uma imposição ativa do antissemita. O judeu é mantido na posição de forasteiro porque a sociedade constrói ao seu redor uma barreira impalpável. A condição de “outro” decorre, assim, do olhar social, na medida em que “O judeu é um homem que os outros homens consideram judeu: eis a simples verdade de onde se deve partir” (SARTRE, 2025).

Os primeiros registros de um antijudaísmo estruturado emergiram no Egito helenístico, particularmente em Alexandria, em meio a disputas políticas e identitárias. Como demonstra David Nirenberg (2013), tradições preservadas por Hecateu de Abdera associavam antigas pragas à presença de “estranhos” que praticavam ritos diferentes. Em sociedades marcadas por hierarquias entre elites gregas, populações nativas e grupos intermediários, os judeus passaram a ocupar uma posição ambígua, percebidos como simultaneamente integrados e suspeitos, próximos e estrangeiros (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*). Nesse contexto, os cidadãos gregos de Alexandria descreviam os judeus como “alienígenas indesejáveis e inelegíveis” (NIRENBERG, 2013).

Na Antiguidade, essa alteridade foi sistematizada pela acusação de misantropia (→ 8. *imoralidade, misantropia e vingança*). Os judeus eram representados como solidários apenas entre si e hostis ao restante da humanidade (POLIAKOV, 2003a). Práticas como o monoteísmo exclusivo e a recusa de cultos cívicos eram interpretadas como sinais de deslealdade. Como observam Fine e Spencer (2017), o judeu passa a ser construído como o “outro do universal”, isto é, aquele que resiste às formas dominantes de universalismo em cada época.

No mundo cristão, essa lógica foi aprofundada pela acusação de deicídio (→ 1. *deicídio*), que transformou os judeus em responsáveis coletivos pela morte de Cristo (MACCOBY, 2006). Restrições econômicas e sociais reforçaram sua associação a atividades marginalizadas e moralmente suspeitas. A figura do “Judeu Errante” sintetiza esse processo ao representar o judeu como povo sem raízes e incapaz de pertencimento pleno (TUCCI CARNEIRO, 2021). Segundo a lenda, um judeu que teria negado auxílio a Jesus no caminho do Calvário foi condenado à errância eterna até o Juízo Final (TUCCI CARNEIRO, 2021; POLIAKOV, 2003a).

A justificação teológica da alteridade judaica – que apresentava os judeus como um corpo estranho, portador de desvio religioso e ameaça moral – forneceu um fundamento decisivo para as sucessivas expulsões de comunidades judaicas em diversos reinos europeus ao longo da Idade Média. Como demonstra Léon Poliakov, tais expulsões não devem ser compreendidas apenas como manifestações de fanatismo religioso, mas como práticas inseridas em dinâmicas políticas e econômicas mais amplas, nas quais a marginalização teológica dos judeus facilitava sua instrumentalização e posterior exclusão. Como sintetiza Poliakov, tratava-se de verdadeiras *éponges à finances*, isto é, “esponjas financeiras” que podiam ser “expulsas, chamadas de volta e sujeitas a prisões em massa” conforme as necessidades do poder (POLIAKOV, 2003a).

Na Inglaterra medieval, a hostilidade contra os judeus intensificou-se após o declínio de sua utilidade econômica para a monarquia, culminando na expulsão oficial de 1290 (POLIAKOV, 2003a). Na França, as expulsões assumiram caráter cíclico e instrumental: os judeus eram presos, expulsos e posteriormente readmitidos conforme os interesses financeiros da Coroa. Em 1394, sob Carlos VI, a expulsão definitiva foi justificada por argumentos religiosos e morais, num contexto em que, segundo Poliakov, os judeus já haviam perdido relevância econômica (POLIAKOV, 2003a). No Sacro Império Romano-Germânico, expulsões locais passaram a ser institucionalizadas por meio de permissões temporárias de residência, tornando a errância judaica uma condição juridicamente normalizada (POLIAKOV, 2003a).

A expulsão da Espanha em 1492 marcou o ápice desse processo. Após as conversões em massa e a formação dos cristãos-novos, a preocupação com a “pureza da fé” levou à criação da Inquisição e ao édito de expulsão, justificado pela suposta influência corruptora dos judeus sobre os convertidos (POLIAKOV, 2003b). Essa lógica se aprofundou com os Estatutos de Pureza de Sangue, que passaram a excluir indivíduos com ascendência judaica independentemente de sua fé, consolidando a ideia de uma diferença hereditária e indelével (OLIVAL, 2004; FEITLER, 2007).

Na modernidade, essa alteridade assume nova forma. Como observa Hannah Arendt (2023), os judeus passam a ocupar a posição de “estrangeiros internos”: inseridos nas estruturas estatais, mas percebidos como não pertencentes à comunidade nacional. O Caso Dreyfus ilustra essa dinâmica: embora fosse oficial francês plenamente integrado, Alfred Dreyfus foi tratado publicamente como traidor estrangeiro e alvo de manifestações antissemitas (ARENDT, 2023; MACCOBY,

[redacted]

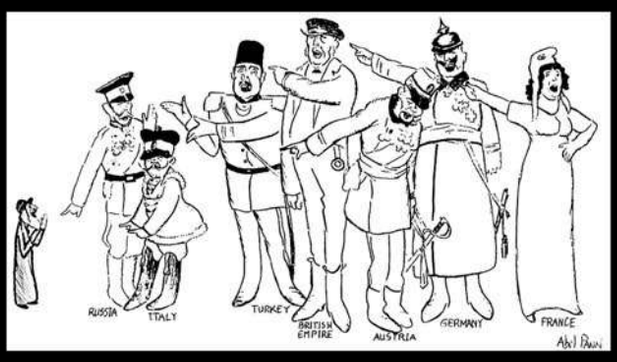
judeus assassinos de Jesus Cristo. Serão judeus errantes para a eternidade. A memória de nosso senhor Jesus Cristo permanece no mundo. Já deram os pêsames ao Vaticano pela partida do Papa Francisco? Uma vergonha humana

Responder

[redacted]

Porquê essa gente não sai do nosso país. Não precisamos desses lixos insuportáveis aqui

Responder



Associação Brazil Livre

Família

Deus ✠ Pátria

Marcelino Ramos
R. G. S.

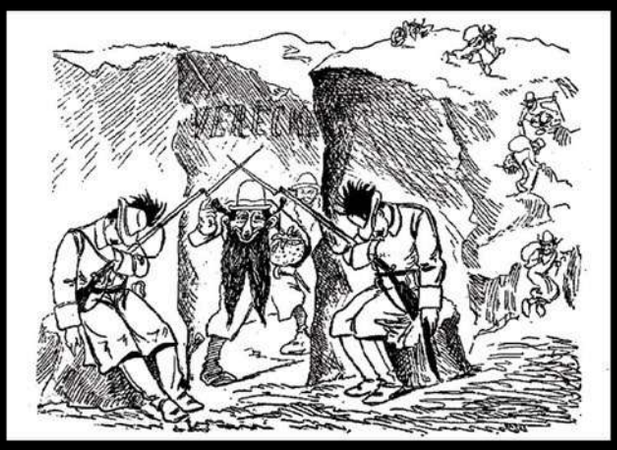
— Uma Proposta —

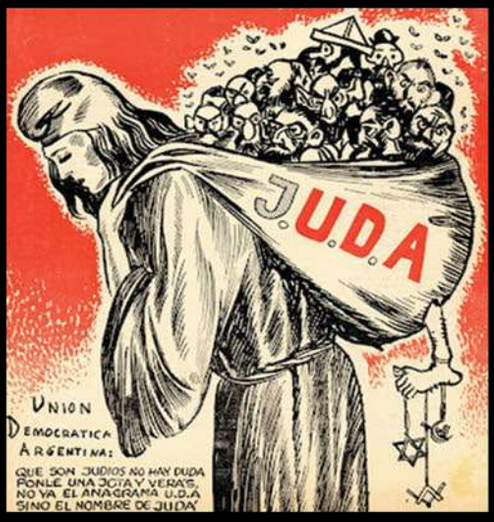
Ao Ilustríssimo Senhor Doutor Oswaldo Aranha, uma contribuição da Associação Brazil Livre, Marcelino Ramos, Rio Grande do Sul.

Com base no questionamento da comunidade judaica e suas influências.

Visando impor restricções aos de raça, fé, ascendencias e descendencias judaica.

Sujeita-se a presente PROPOSTA a regulamentação e redacção que se conformará ao Decreto Lei n.° 406 de 4 de maio de 1938.





Como se fala, volte pra sua terra em Hebraico?????
Alguém????????
Responder
14

8 h
s o problema é que até a terra que eles consideram deles foi roubada
Responder
3

Goodbye shalom 😂😂😂😂
escorraçados de toda a parte só não libertam a Palestina 🇵🇸🇵🇸🇵🇸🇵🇸

Pq a judeuzada do Brasil não vaza pra " terra santa "?

Follow

אתם תשחו בחזרה אל הגטאות.

Translated from Hebrew by Google

You will swim back to the ghettos.

5.8M Views

Quando podemos expulsa-los novamente? Prometemos que não os linchamos tal como tem feito na Palestina!!🇵🇸

109 COUNTRIES 1030 TIMES

Expulsos de 110 países

E a culpa é sempre dos outros

se voltassem para a Polônia, nada disso aconteceria, mas quiseram invadir terra alheia e impor um regime colonialista e violento, acabou dando nisso, infelizmente. A Palestina será novamente livre do rio ao mar 🇵🇸
Responder
8

2006). Nesse contexto, líderes nacionalistas como Henri Vaugeois apresentavam o antissemitismo como reação política contra "os estrangeiros" e o parlamentarismo (WISTRICH, 2010).

Com a ascensão do nacionalismo racial e do imperialismo moderno, essa representação foi reconfigurada sob a categoria do "cosmopolitismo". O judeu passou então a ser concebido como agente transnacional incapaz de pertencimento pleno e associado a ameaças globais. Como observa Delphine Horvilleur (2019), essa ambivalência expressa a dificuldade das sociedades em lidar com identidades que escapam a categorias rígidas de pertencimento.

Ainda no século XIX, em paralelo à ebulição de um novo tipo de ódio contra os judeus no contexto moderno posterior à concessão de direitos civis, a construção do judeu como o outro e como o "eterno estrangeiro" assume um caráter biológico. Trata-se do antissemitismo racial, que redefine o judeu como uma categoria fixa e imutável. Teóricos como Houston Stewart Chamberlain reclassificaram os judeus como uma espécie humana inferior (*Homo Judaicus*), em oposição à suposta nobreza ariana (PATAI; PATAI, 1989).

Nesse contexto, a diferença deixava de ser cultural ou religiosa e passava a ser concebida como corporal, inscrita na própria natureza do indivíduo. Esse deslocamento abriu caminho para a radicalização da exclusão, culminando nas políticas genocidas do século XX. É precisamente nesse contexto que os regimes totalitários levam essa lógica ao seu limite. Como argumenta Hannah Arendt (2023), o judeu torna-se um "inimigo objetivo", isto é, um inimigo definido não por suas ações, mas por sua própria existência: "A principal diferença entre a polícia secreta despótica e a totalitária reside na distinção entre inimigo 'suspeito' e inimigo 'objetivo'. "

No caso específico do nazismo, o programa do partido, promulgado em 24 de fevereiro de 1920, já estabelecia o enquadramento jurídico dos judeus como forasteiros e "estrangeiros" inassimiláveis, defendendo desde o início a retirada de sua cidadania. No mesmo documento, o ponto sete afirmava a primazia da nação alemã e estipulava que "membros de nações estrangeiras" deveriam ser deportados caso a população não pudesse ser plenamente sustentada (JÄCKEL, 1972).

Essa lógica de construção do judeu como inimigo interno e "objetivo" não se restringiu ao nazismo (ARENDT, 2023). Em outro registro ideológico, mas preservando estruturas totalitárias de exclusão, ela também se manifestou no regime soviético, especialmente nos anos finais do stalinismo, onde o antissemitismo de Estado precisou ser camuflado sob uma nova linguagem política: a campanha contra o "cosmopolitismo" e o antissionismo (WISTRICH, 2010; HERF, 2024).

Nesse contexto, a própria palavra "judeu" tornou-se progressivamente proscrita na esfera oficial e nos inquéritos policiais. Tratada quase como uma injúria, foi sistematicamente substituída por eufemismos (POLIAKOV, 2025). A máquina estatal, seus líderes e sua imprensa passaram a utilizar termos como "cosmopolitas sem raízes", "andarilhos sem passaporte" e "sionistas" para atribuir aos judeus a condição de estrangeiros, inassimiláveis e agentes subversivos a serviço do imperialismo estadunidense (WISTRICH, 2010; POLIAKOV, 2025).

Essa dinâmica pode ser observada de forma particularmente clara no documento oficial "Lições do Julgamento contra o Centro de Conspiração de Slánský", publicado em 20 de dezembro de 1952 pelo Comitê Central do SED (Partido Socialista Unificado da Alemanha). Nele, o dirigente Hermann Matern atacou o comunista Paul Merker por sua solidariedade aos judeus, reduzindo o movimento sionista a uma ameaça imperialista estrangeira (HERF, 2024).

Essa mesma lógica atingiu um novo patamar em Moscou, poucas semanas após o processo de Slánský, no episódio que ficou conhecido como "Complô dos Médicos" – ou "assassinos de bata branca". Em janeiro de 1953, a campanha estatal passou a acusar um grupo de médicos judeus eminentes de tentar assassinar líderes soviéticos a mando de potências estrangeiras (POLIAKOV, 2025; WISTRICH, 2010).

Ao anunciar o suposto complô, órgãos oficiais como o jornal *Právda* expuseram deliberadamente patronímicos judaicos, convertendo a organização filantrópica em uma suposta agência de espionagem do imperialismo ocidental e vinculando esses indivíduos a uma rede de traição internacional desprovida de pertencimento à nação soviética (POLIAKOV, 2025).

No Brasil, o enquadramento do judeu como o "outro" radical ou como o "eterno estrangeiro" inassimilável assumiu particular relevância histórica. No contexto do Estado Novo e da diplomacia da Era Vargas, essa caracterização não refletia apenas uma xenofobia genérica, mas a apropriação do racismo científico para redefinir o judaísmo como uma categoria racial indesejada. Essa construção ideológica foi mobilizada por intelectuais, políticos e diplomatas como fundamento para justificar tanto o bloqueio à imigração judaica quanto a exclusão social desse grupo no país (LESSER, 1995).

No contexto do mundo árabe e muçulmano, por sua vez, atores e organizações ligados ao islamismo político, a exemplo da Irmandade Muçulmana e do Hamas, mobilizaram historicamente uma retórica que relegava os judeus à condição de estrangeiros, usurpadores, invasores e um corpo estranho parasitário no mundo islâmico (HERF, 2009; WISTRICH, 2010).

Um dos principais expoentes dessa visão foi Haj Amin al-Husseini, nomeado Grão-Mufti de Jerusalém pelas autoridades britânicas em 1921 e frequentemente apontado como uma figura central na formação do movimento nacional palestino. Durante a Segunda Guerra Mundial, al-Husseini refugiou-se em Berlim, onde estabeleceu colaboração com o regime nazista (HERF, 2024).

Essa dinâmica de exclusão se intensificou de maneira decisiva após 1948. Com a eclosão do conflito entre países árabes e o recém-criado Estado de Israel, os judeus que viviam em países árabes e muçulmanos passaram a ser submetidos a um regime de suspeição permanente. Como observa o historiador Robert Wistrich, a saída dessas comunidades

sefarditas e de língua árabe não foi de forma alguma um subproduto inevitável do conflito árabe-israelense, mas resultou, em grande medida, de políticas deliberadas de exclusão e expulsão (WISTRICH, 2010).

Até meados da década de 1940, cerca de um milhão de judeus viviam nesses países. Em menos de uma década, esse número foi drasticamente reduzido, em razão de processos que incluíram expropriações, demissões em massa, perda de cidadania e um ambiente de insegurança generalizada quanto ao futuro. Como resultado do apagamento e exclusão nacionais dos judeus, instaurados no mundo árabe após as descolonizações, "os judeus e as judias presentes, no entanto, há centenas de anos no Norte da África, no Oriente Próximo e Médio, são doravante percebidos como estrangeiros" (PARDO; DELOR, 2024).

No contexto do nacionalismo palestino, Jeffrey Herf (2024) demonstra que a negação da indigeneidade judaica na região disputada por israelenses e palestinos foi institucionalizada por meio do argumento de que os judeus constituiriam apenas um grupo religioso, e não um povo. O autor cita especialmente o Artigo 20 da Carta Nacional Palestina de 1968, que afirma explicitamente o caráter estrangeiro dos judeus em relação ao território (HERF, 2024).

Na contemporaneidade, essa mesma necessidade de definir um "outro" absoluto é, em certos setores da esquerda, transferida de forma essencialista para o Estado de Israel. Como observa David Hirsh, "algumas pessoas que amam o antirracismo relaxado e diverso de Londres procuram um 'outro' contra o qual se definir. Elas encontram Israel" (HIRSH, 2018). Nesse enquadramento, Israel passa a ocupar o lugar simbólico anteriormente atribuído ao "judeu", funcionando como polo negativo de identificação política e moral.

A implicação desse enquadramento, segundo os autores, é a reinscrição dos judeus em uma condição de exclusão estrutural. Wexler observa que a retórica anti-israelense contemporânea pode se traduzir na "promessa de devolver os judeus à apatridia" (WEXLER, 2024). Matthew Bolton (2025) complementa essa análise ao destacar que a atribuição do estatuto de colono e de estrangeiro permanente aos judeus produz uma forma de fixação ontológica baseada na "inautenticidade" (→ 5. *artificialidade e inautenticidade*).

Dessa forma, a construção histórica do judeu como "outro" não pode ser compreendida como uma simples reação à diferença. Trata-se de um processo complexo, no qual o judaísmo é continuamente mobilizado como linguagem para interpretar crises sociais, políticas e morais. O judeu não é apenas excluído; ele é produzido como uma figura necessária à organização simbólica do mundo, por aqueles que, para afirmar sua própria identidade, precisam negá-lo.

COMO IDENTIFICAR?

- Discursos constroem diferenças entre judeus e a comunidade nacional, cívica, religiosa ou cultural dominante.
- Discursos estabelecem uma distinção entre judeus e a própria humanidade, ou entre judeus e a universalidade apresentada como legítima.
- Judeus são descritos como não pertencentes de fato à nação, ao povo ou à comunidade política, mesmo quando formalmente integrados.
- Conversão, cidadania, lealdade política, tempo de residência ou participação social são apresentados como insuficientes para eliminar sua suposta alteridade.
- Judeus, ou "sionistas", são retratados como infiltrados, usurpadores ou elementos que contaminam e ameaçam a coesão moral, política, social ou étnica da coletividade.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

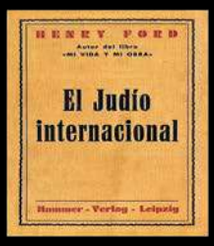
Nas definições operacionais contemporâneas, a representação dos judeus como eternos estrangeiros ou como um "outro" incapaz de pertencimento é amplamente reconhecida como forma de antissemitismo quando associada a acusações de deslealdade nacional. A Definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) considera antissemita atribuir a cidadãos judeus lealdade prioritária a Israel ou a supostos interesses judaicos globais em detrimento de seus próprios países. Em sentido semelhante, a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), em sua diretriz 9, afirma que é antissemita presumir que judeus da diáspora sejam necessariamente mais leais a Israel apenas por serem judeus.

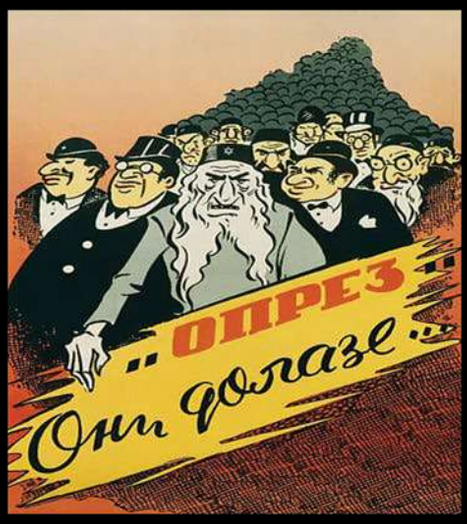
As principais zonas cinzentas emergem quando críticas políticas ou comparações identitárias se aproximam da essencialização do judeu como forasteiro permanente. Comparações entre identidades nacionais e israelenses não são, por si, antissemitas, exceto quando apresentam o judeu ou Israel como entidades intrinsecamente incapazes de integração ou pertencimento. De modo semelhante, embora a JDA sustente que críticas ao sionismo ou a defesa de modelos binacionais não sejam inerentemente antissemitas, a generalização de categorias como "colonizador" ou "estrangeiro" para definir Israel em sua totalidade pode reativar estruturas simbólicas historicamente associadas à exclusão e à alterização dos judeus.

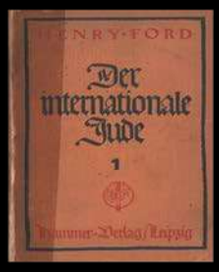
[redacted] 7 sem

Nunca devia ser dada a nacionalidade a nenhum judeu sionista,toda a gente sabe que são criminosos do pior que existe.

Responder





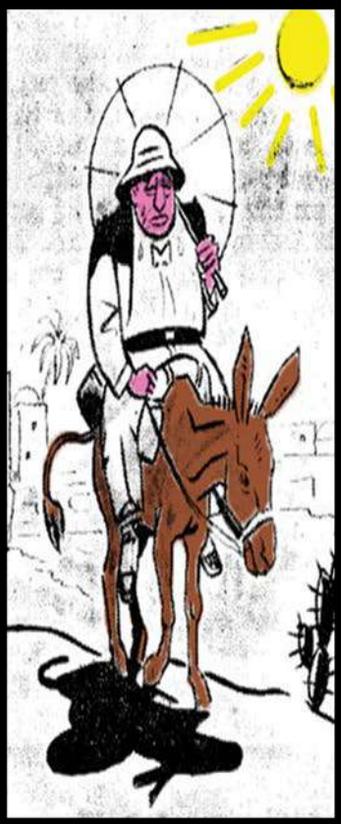


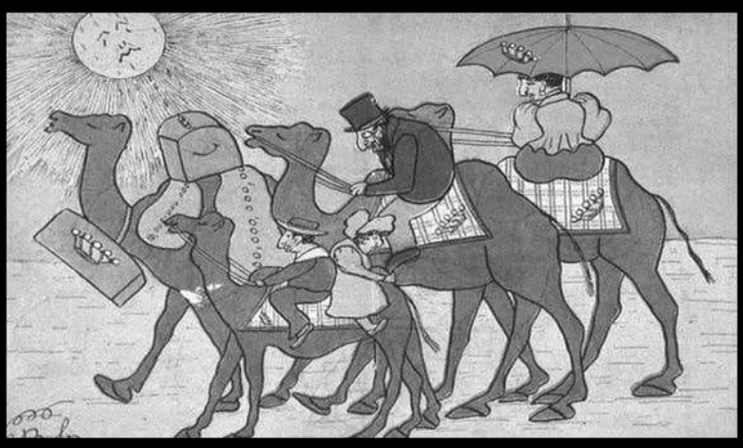
[redacted]

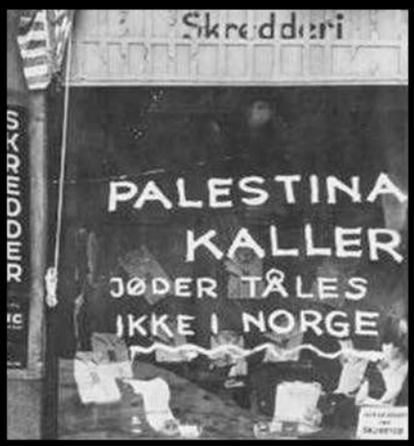
Translate post

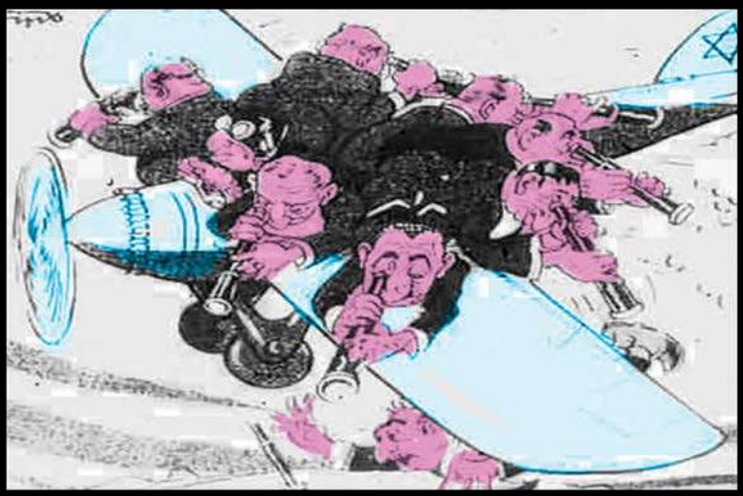
Passou da hora. Prender e expulsar todos os sionistas. Eles não são brasileiros

NÃO SOU JUDEU. Por acaso vocês acaso estão vendo 30cm de nariz e de testa na minha cara? Não, eu não faço parte de uma turminha insuportável e extremamente problematica que conseguiu ser expulsa de 109 paises. O judeu ou ele é expulsado ou ele expulsa, é só olhar pro que está acontecendo na palestina.









5. Artificialidade e Inautenticidade

A imputação de "inautenticidade" ou "artificialidade" constitui um lugar-comum recorrente do discurso antissemita ao longo dos séculos. A partir dele, os judeus são descritos como incapazes de produzir uma cultura "verdadeira" ou "autêntica", sendo apresentados como portadores de identidades falsas, concebidas como artefatos resultantes de mimetismo calculado e abstração racional. Segundo essa acusação, seriam culturalmente estéreis, desprovidos de gênio criativo e incapazes de gerar formas elevadas de arte. Em vez de criar, recorreriam ao parasitismo cultural, apropriando-se das tradições de povos considerados "autênticos" para deturpá-las, artificializá-las ou convertê-las em mercadoria (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*) e instrumento de degradação moral (→ 8. *imoralidade, misantropia e vingança*).

Em contraste com comunidades imaginadas como naturais e "enraizadas", das quais derivariam cultura e pertencimento legítimos, os judeus são caracterizados como elemento externo que se infiltra (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*) nas sociedades e atua a partir de dentro para subvertê-las e dominá-las (→ 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade*). Nesse enquadramento, a acusação de artificialidade e inautenticidade posiciona o judeu como antagonista central de ideologias que, como o nazismo, definem o valor humano a partir de critérios de sangue e solo.

Ainda, ao fixar a imagem de que os judeus não possuem vínculos autênticos com qualquer cultura ou território, sustenta-se a ideia de que a identidade nacional judaica e suas reivindicações de autodeterminação política seriam manipulações insinceras, na medida em que não constituiriam uma nação em sentido próprio. Nesse enquadramento, o lugar-comum da artificialidade e inautenticidade fundamenta *slogans* e argumentos voltados à deslegitimação do Estado de Israel e ao questionamento de seu direito de existência (→ 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*), operando como pré-compreensão para sua recorrente designação como "estado artificial", para a grafia de seu nome entre aspas ("Israel") ou para sua redução à expressão "entidade sionista", entre outras formulações.

Maria Luiza Tucci Carneiro (2021) identifica uma base cultural para a percepção da presença judaica como artificial, anômala, e por isso desprovida de direito à autodeterminação, no mito medieval do "judeu errante" (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*): "o mito diz que os judeus não têm pátria, razão pela qual devem caminhar sempre, como errantes, sem território e sem Estado, sem direitos e sem história". Léon Poliakov (2003b) vincula o desenvolvimento e a recorrência dessa imputação às dinâmicas produzidas pela conversão forçada e, posteriormente, pela emancipação e assimilação: à medida que os judeus passam a integrar a cultura e a economia das sociedades europeias, o antissemitismo reinterpreta essa integração como disfarce, mimetismo e usurpação de identidades.

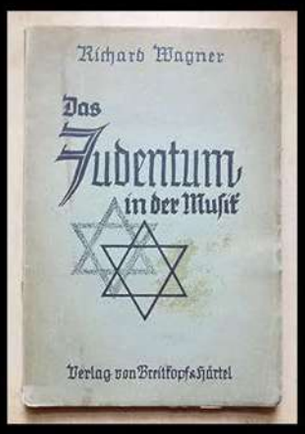
O historiador David Nirenberg (2013), por sua vez, identifica origens ainda mais antigas para a acusação de artificialidade e inautenticidade, situando-a na teologia cristã primitiva. A imputação de inautenticidade e artificialidade funcionaria como instrumento de distinção em relação às tradições hebraicas. A necessidade de explicar a não aceitação de Jesus como Messias pelos judeus (→ 1. *deicídio*) levou à formulação de uma dicotomia entre "espírito" (verdade, interioridade, vida) e "carne" (materialidade, exterioridade, letra). Nesse enquadramento, o suposto erro teológico dos judeus – a incapacidade de ultrapassar o sentido literal das Escrituras – foi interpretado como sinal de uma religiosidade vazia, artificial e hipócrita.

O resultado histórico dessa teologia foi a transformação do termo "judaísmo" num conceito filosófico universal que passou a simbolizar o pior da alienação humana, do engano hipócrita e do materialismo oposto à verdadeira liberdade espiritual (NIRENBERG, 2013).

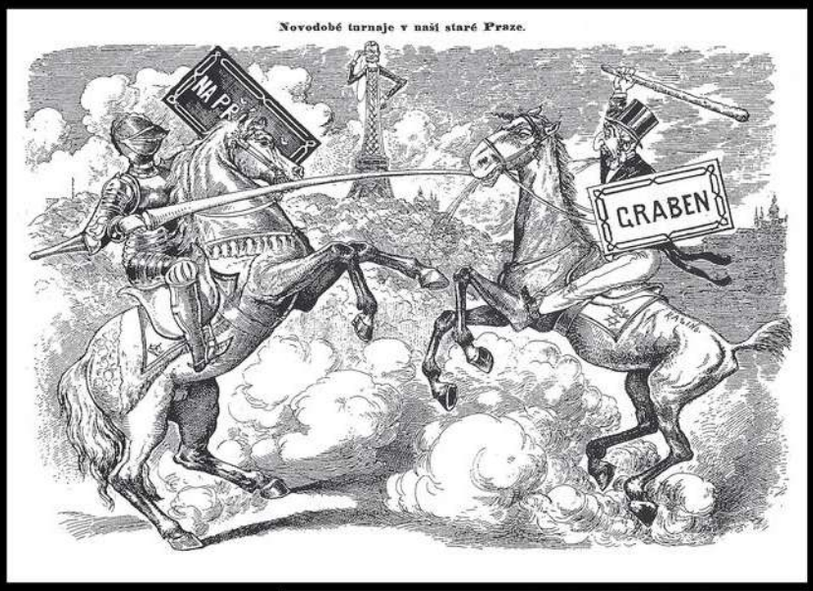
Na Idade Média, essa construção se intensifica ao associar os judeus à dissimulação, à duplicidade e à traição, especialmente no contexto das acusações de conversões insinceras (criptojudaísmo), a partir das quais se consolida a figura do judeu que, apesar de aparentar integração exterior, permaneceria interiormente outro (LANGMUIR, 1990). Essa suspeita assume forma decisiva na Península Ibérica com o surgimento dos conversos ou "marranos", obrigados a adotar publicamente o cristianismo enquanto muitos mantinham práticas judaicas em privado. Como registra Poliakov (2003b), já no século XV se afirmava que "havia dois tipos de judeus, judeus públicos e judeus ocultos, e que ambos tinham a mesma natureza".

Nesse contexto, o foco do perigo desloca-se do judeu marginalizado para o judeu integrado, e a Inquisição passa a buscar a "verdade oculta" por trás da aparência cristã, tratando o converso como herege dissimulado. A experiência da conversão forçada fornece, assim, um modelo duradouro para a acusação de inautenticidade: a adaptação imposta é reinterpretada como prova de fraude, fixando a ideia de que, por trás da integração visível, subsiste sempre uma identidade oculta e suspeita (POLIAKOV, 2003b).

Com o advento da Iluminismo, o preconceito teológico medieval foi secularizado. A acusação de inautenticidade e de "plágio cultural" passa a articular-se à agenda dos filósofos do século XVIII, voltada à crítica da religião revelada, em especial do cristianismo. Para enfraquecer a autoridade da Igreja, esses pensadores buscaram deslegitimar suas raízes hebraicas. Ao fazê-lo, contudo, deslocaram o foco da crítica antijudaica das tradicionais acusações de "deicídio" e da rejeição de Jesus como messias (→ 1. *deicídio*), para uma crítica em termos históricos e racionais, na qual os judeus passam a ser descritos como um povo obscurantista e destituído de originalidade. Essa mudança, segundo Poliakov (2003b), teria sido influenciada pela crítica bíblica emergente e, em particular, pela obra de Baruch Spinoza, filósofo judeu excomungado, cujos ataques ao judaísmo no *Tratado Teológico-Político* teriam contribuído para difundir a ideia de que a religião judaica seria uma superstição. Como observa, "sua polêmica antijudaica abriu caminho para o antissemitismo racionalista ou secular dos tempos modernos" (POLIAKOV, 2003b).



desenhos ocidentais são a muito tempo muito ruins, por parte dos judeus e por outra parte dos left wing



Israel foi literalmente uma invenção da família Rothschild. Não é a Judéia bíblica.

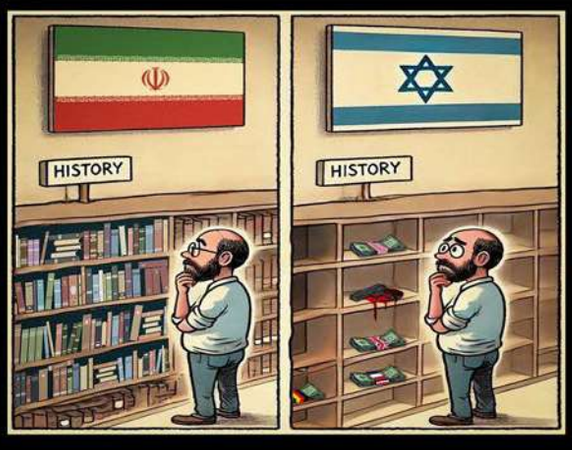
"Israel" precisa sempre ser escrito com aspas, considerando que não se trata de um Estado Nacional legítimo, mas sim de uma ocupação colonial ilegal em terras estrangeiras

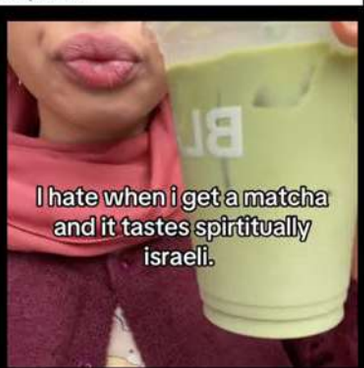
6

Responder

😂😂😂😂 3 mil anos??? 😂😂😂😂 Essa farsa não tem sequer um século

Responder



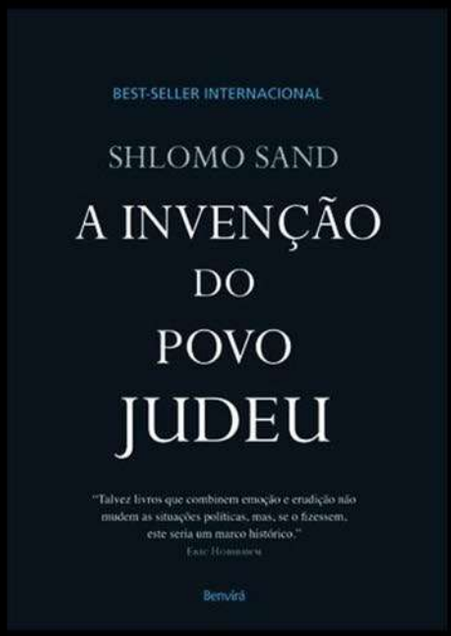


Curioso que todos esses envolvidos têm origem na Khazária.....

Responder Ocultar

Qual é o prato de origem israelita que têm no menu? Um restaurante de uma gastronomia inexistente nem devia ter aberto as portas 😂

7 curtidas Responder



Nori · Avante! - Hino Integralista

83 18

O Integralismo, como movimento nacionalista e tradicionalista, sempre defendeu os valores de... plus

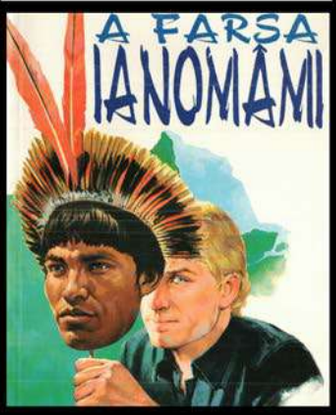
Sionistas expansionistas são ratos sim genocidas e não são judeus de verdade. Judaísmo => não matar, não roubar etc,

UM POVO PRECISAVA SER INVENTADO. UMA IDENTIDADE PRECISAVA UNIFICAR DESCONHECIDOS.

VERMES GRINGOS ANTISSEMITAS COLONOS LADROES OCUPANTES CRAPUL4S TERRORISTAS PSEUDOJUDEUS

.

VERMES



O Iluminismo consolidou uma formulação secular da alteridade judaica. Autores como Voltaire descreviam os judeus como "plagiários" incapazes de verdadeira criação cultural (VOLTAIRE, 2010), enquanto, segundo Poliakov (2003c), o judeu "pérfido" da tradição religiosa foi progressivamente substituído pela figura do judeu "imitador" e culturalmente estéril. Nos séculos XVIII e XIX, a emancipação civil integrou formalmente os judeus aos Estados modernos, mas sua pertença nacional permaneceu frequentemente percebida como artificial. Assim, passaram a ser representados como uma "nação dentro da nação" ou um "Estado dentro do Estado" (KATZ, 1969).

Nesse contexto, Georg Simmel (1950) descreve o "estrangeiro" como aquele que participa da sociedade sem estar organicamente ligado a ela, condição que, segundo Sutcliffe (2020), teve nos judeus seu exemplo histórico por excelência. Como observam Wistrich (1992) e Poliakov (2003c), diferentes correntes ideológicas passaram então a projetar sobre os judeus as tensões da modernidade: eram apresentados como capitalistas, cosmopolitas, racionalistas frios ou agentes de subversão. Essa lógica consolidou a ideia do judeu como contraponto negativo da autenticidade nacional e cultural (LAQUEUR, 2008).

No debate sobre cultura nacional, autores antissemitas passaram a sustentar que os judeus seriam incapazes de produzir cultura "autêntica", reduzindo-os à condição de imitadores e parasitas culturais (MOSSE, 1978; GILMAN, 1991). Édouard Drumont descrevia o judeu integrado como particularmente perigoso por sua suposta capacidade de dissimulação, negando-lhe qualquer criatividade genuína (DRUMONT, 1888). Essa formulação foi radicalizada no século XIX pela racialização da diferença judaica: autores como Ernest Renan passaram a caracterizar os "semitas" como culturalmente estéreis e incapazes de verdadeira criação civilizacional (WISTRICH, 1992).

O antissemitismo cultural de Richard Wagner retomou esse paradigma ao associar os judeus à artificialidade e ao "declínio artístico" europeu (WISTRICH, 1992). Formulações semelhantes aparecem em Henry Ford, que acusava os judeus de apropriação cultural e incapacidade criativa (FORD, 1989), e atingem sua forma extrema na doutrina nazista. Em *Mein Kampf*, Hitler descreve a cultura judaica como "pseudocivilização" baseada em plágio e corrupção cultural, negando a existência de uma arte judaica autêntica (HITLER, 2016). Na filosofia nazista, o judeu passa a ser definido como "antirraça", entidade artificial e sem autenticidade própria (CHAPOUTOT, 2014).

No período soviético, essa lógica foi reformulada sob a categoria do "cosmopolitismo sem pátria". Judeus assimilados passaram a ser tratados como elementos desleais e dissimulados, submetidos a campanhas públicas de "desmascaramento" (POLIAKOV, 2025). A retórica soviética descrevia esses "cosmopolitas" como "sem raízes nem consciência" (citado em PARDO; DELOR, 2024), enquanto o sionismo era apresentado como instrumento artificial do imperialismo estrangeiro (HERF, 2024; IVANOV, 1970). Assim, tanto a assimilação quanto o sionismo passaram a ser retratados como formas inautênticas e conspiratórias de identidade judaica (POLIAKOV, 2025).

Essa acusação de artificialidade foi posteriormente projetada sobre o próprio Estado de Israel, descrito por discursos antissionistas como entidade "anormal" e ilegítima (HARKABI, 2017). Após a publicação de *A Invenção do Povo Judeu*, de Shlomo Sand, correntes antissemitas passaram a mobilizar a hipótese khazar para negar a historicidade do povo judeu e seu vínculo com a Palestina (PARDO; DELOR, 2024). Em resposta, diversos autores ressaltam que a continuidade histórica judaica não depende de critérios biológicos homogêneos, mas de formas compartilhadas de memória, práticas, narrativas e reconhecimento coletivo.

Hoje, nos Estados Unidos, a acusação de artificialidade, inautenticidade e usurpação manifesta-se sob a forma de uma nova alegação: a de que os judeus modernos, identificados por seus acusadores como racialmente brancos, teriam usurpado uma identidade religiosa que não lhes pertence, não sendo "verdadeiros judeus". Essa narrativa é articulada, por exemplo, pelo movimento *Black Hebrew Israelites*, que reivindica para si a condição de descendente dos antigos israelitas e descreve os judeus não negros como impostores que teriam assumido ilegitimamente o papel de "povo escolhido". Conforme aponta Bolton (2024), essa formulação insere-se na reativação contemporânea do antissemitismo religioso, ao mobilizar recorrentemente a passagem bíblica – "Eu te entrego adeptos da sinagoga de Satanás, desses que se dizem judeus, e não o são, mas mentem" (Apocalipse 3:9) – para associar a comunidade judaica ao antigo motivo do pacto demoníaco (→ 2. *demonização*).

Atualmente, parte da esquerda nas democracias ocidentais tende a tratar o Estado de Israel não como uma nação, mas como uma abstração colonial ou uma entidade essencialmente racista (→ 29. *Israel como Estado colonial, sionismo como ideologia colonialista e judeus como colonizadores;* → 30. *Israel como Estado de apartheid e ""sionismo = racismo""*). David Hirsh observa que "o nacionalismo israelense é frequentemente denunciado em termos binários simplistas como artificial, como se todas as outras nações fossem, de algum modo, autênticas. Os palestinos são construídos como indígenas e os israelenses como colonos" (HIRSH, 2018).

Nessa perspectiva, "o judeu torna-se o colono por excelência [...] ele confisca ao mesmo tempo a terra e as tradições dos outros" (WEXLER, 2024). Na literatura acadêmica sobre manifestações de ódio *on-line*, essa negação de autenticidade cultural frequentemente se manifesta sob a roupagem da crítica moderna por meio de acusações de "apropriação cultural e culinária". Nessas manifestações, argumenta-se que Israel "roubou" e apresentou falsamente como seus elementos árabes e palestinos (como pratos típicos) devido a uma suposta ausência total de cultura própria, atuando como um "golpe" exploratório para roubar a identidade de povos nativos (BOLTON et al., 2024).

Como consequência, a ideia de artificialidade passa a fundamentar propostas que visam à dissolução da nacionalidade judaica. Wexler (2024) observa que, em certas formulações decoloniais, como as de Patrick Wolfe e Lorenzo Veracini, a "descolonização" implicaria "reformar os próprios judeus", dissolvendo o "artifício sionista" e reconduzindo-os a identidades étnico-raciais consideradas "autênticas" – "europeia para os ashkenazim, árabe para os

mizrahim". Nesse quadro, a imputação de artificialidade cumpre uma função política específica: ao apresentar Israel como uma entidade inautêntica ou "anormal", cria-se o pressuposto de que sua eliminação não implicaria a destruição de uma realidade legítima, mas a correção de uma suposta falsificação histórica.

A título de conclusão, chamamos a atenção para as reflexões de Jean-Paul Sartre sobre a acusação de inautenticidade judaica, em *Reflexões Sobre o Racismo* (2025). Segundo ele, o antissemitismo constrói o judeu como uma figura paradoxal, simultaneamente acusada de não possuir identidade própria e de encarnar uma identidade essencialmente perigosa. Sartre identifica essa tensão ao descrever o "judeu inautêntico" como aquele que tenta escapar da condição que lhe é imposta por meio da assimilação, sendo, por isso, acusado de falsidade. A própria tentativa de assimilação converte-se, assim, em prova de inautenticidade.

A entrada dos judeus na vida pública moderna – como cidadãos, intelectuais e profissionais – evidencia uma armadilha estrutural: se mantêm sua diferença, são excluídos; se buscam integração, são denunciados como dissimulados. Nesse enquadramento, o antissemita constrói o judeu como incapaz de compreender os valores "profundos" e "irracionais" da nação, reduzindo sua inteligência a uma racionalidade abstrata, técnica e fria: "O judeu, nos diz ele, é um intelectual abstrato, um puro raciocinador" (SARTRE, 2025).

COMO IDENTIFICAR?

- Acusação de que judeus não possuem identidade "real" ou "autêntica".
- De que não são capazes de cultura própria ou autêntica, apropriando-se da cultura de outros.
- Representação como grupo "artificial", "fabricado" ou "imposto".
- Associação à duplicidade, dissimulação ou manipulação.
- Ideia de que judeus não pertencem verdadeiramente a nenhuma nação; ou que pertencem à Europa quando estão em Israel, ou a Israel quando estão na Europa e nas Américas.
- Deslegitimação do Estado de Israel como "entidade artificial".
- Reinterpretação da assimilação como estratégia enganosa.
- Oposição entre comunidades "orgânicas" e presença judaica "desenraizada".

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A imputação de que os judeus seriam artificiais e produtores de uma cultura inautêntica ou "parasitária" é classificada como antissemitismo tanto pela Definição Operacional da Definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto pela *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA). A IHRA inclui, entre os exemplos de antissemitismo, "alegações mendazes, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus como tais", enquanto a JDA, em sua diretriz 1, proíbe a essencialização e as generalizações negativas amplas sobre um grupo. O tropo do "parasitismo", historicamente associado ao antissemitismo clássico e à biopolítica racial nazista, opera como mecanismo de desumanização, ao representar os judeus como improdutivos e destrutivos para a sociedade. Sua aplicação ao Estado de Israel – por exemplo, ao qualificá-lo como "estado artificial" ou "parasita" – constitui, em ambas as definições, uma forma de antissemitismo, na medida em que mobiliza imagens clássicas para deslegitimar a existência do Estado judeu e negar seu direito à autodeterminação. As "zonas cinzentas" emergem na distinção entre a reprodução irrefletida do tropo do parasita e o debate político e histórico sobre identidade e soberania. Sob a ótica da JDA, a "crítica baseada em evidências de Israel como Estado", o que inclui a análise e contestação de seus "princípios fundadores" e arranjos institucionais, constitui discurso político protegido. Discutir criticamente, por exemplo, como o Estado de Israel incorpora elementos culturais palestinos em meio à assimetria de poder da região não constitui antissemitismo por si só. A fronteira para o antissemitismo é cruzada quando o discurso perde a limitação factual e se torna essencializador e generalista. Questionar a origem de um prato não é antissemitismo, mas a afirmação se torna problemática quando postula que a própria ideia de um Estado Judeu é uma fraude ("farsa" ou "estado artificial"). O antissemitismo se configura quando a premissa argumenta que os judeus ou o Estado de Israel são intrinsecamente vazios, destituídos de cultura própria e fundamentalmente incapazes de existir sem "parasitar" e explorar outros povos.

10. **Springtime**, *Der Stürmer*, April 1934.

Cara a Patagônia era tão linda cara, agora Israel tá destruindo, bando de desgraça

1 · 2 · 627

Show translation

O que a destruição da biodiversidade tem a ver com o genocídio da Palestina?

Venha entender alguns conceitos relacionados ao ecocídio e ao colonialismo verde nessa thread e descobrir pq uma trend no TikTok com uma música do Bad Bunny se tornou um símbolo para os palestinos

6. Dupla Lealdade, Lealdade "Tribal" e Deslealdade

A acusação de que os judeus possuem uma "dupla lealdade" ou uma "lealdade tribal" constitui um dos lugares-comuns mais persistentes do discurso antissemita. Baseia-se na suposição de que judeus na diáspora seriam incapazes de sustentar pertencimentos políticos múltiplos e legítimos, convertendo sua condição diaspórica em suspeita permanente. Nesse enquadramento, são apresentados como "não membros" plenos das comunidades nacionais em que vivem, incapazes de compartilhar valores e interesses comuns. A deslealdade deixa, assim, de ser uma acusação circunstancial para tornar-se um atributo essencializado, sustentando mecanismos de culpabilização coletiva dirigidos aos judeus como grupo.

A suspeita de dupla lealdade desloca, desse modo, a avaliação do plano empírico – o que indivíduos concretos fazem – para o plano identitário, no qual a culpa é presumida. Como demonstra a literatura histórica e sociológica, esse estereótipo não atua de forma isolada, mas se articula a outros motivos centrais do antissemitismo, como a figura do estrangeiro interno, do outro permanente, do infiltrado dissimulado e do agente conspiratório (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*; → 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*; → *parte II – teorias modernas da conspiração*). Na contemporaneidade, essa acusação associa-se frequentemente à ideia de que judeus na diáspora seriam mais leais ao Estado de Israel do que aos países em que vivem, operando como forma de responsabilização coletiva pelas ações deste Estado (→ 28. *responsabilização dos judeus pelas ações do estado de Israel*).

As acusações de deslealdade e subversão atribuídas aos judeus remontam à Antiguidade pagã, especialmente aos contextos helenístico e greco-romano. A resistência à assimilação e a forte solidariedade intragrupal foram interpretadas como sinais de hostilidade aos demais povos (→ 8. *imoralidade, misantropia e vingança*) (MACCOBY, 2006). Polemistas como Ápio apresentavam os judeus como um povo "sedicioso", fiel apenas às próprias leis e marcado pela misantropia (NIRENBERG, 2013). Autores clássicos passaram a interpretar a coesão judaica como expressão de uma suposta animosidade universal (POLIAKOV, 2023a).

Com o advento do Cristianismo, essa acusação adquiriu dimensão teológica. A rejeição de Jesus pela maioria dos judeus foi reinterpretada como prova de hostilidade ao restante da humanidade (NIRENBERG, 2013). Paralelamente, a figura de Judas Iscariotes consolidou a associação simbólica entre judaísmo, traição e ganância (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*). Como sintetizam Pardo e Delor (2024), "os judeus são traidores [e] os judeus são cobiçosos". Com o tempo, "judeu" e "Judas" tornaram-se quase equivalentes a traidor e desleal, alimentando representações recorrentes sobre uma suposta natureza traiçoeira judaica (POLIAKOV, 2003a).

Na Idade Média, a acusação assumiu formas teológicas, demonológicas e conspiratórias. Em uma sociedade estruturada pela religião, a deslealdade judaica era concebida como traição à Cristandade. Nesse contexto surgiu a acusação de calúnia de sangue (→ 3. *calúnia de sangue*), baseada na ideia de que judeus realizariam assassinatos rituais cristãos (DUNDES, 1991). Ao mesmo tempo, conversões forçadas não eliminavam a suspeita: os "cristãos-novos" eram vistos como portadores de lealdade secreta ao judaísmo, justificando perseguições inquisitoriais (NIRENBERG, 2013). Como demonstra Poliakov, a experiência do marranismo ibérico deslocou a acusação de deslealdade do plano teológico para o da conspiração política e da infiltração estatal (POLIAKOV, 2003b). A partir daí, consolidou-se a imagem do "judeu dissimulado" como arquétipo do traidor interno.

Na modernidade, a acusação ganhou formulação política ligada à formação dos Estados nacionais. Durante os debates sobre o *status* dos judeus na França pré-revolucionária, Malesherbes afirmou que eles formariam um "estado dentro dos Estados" (*imperium in imperiis*) (POLIAKOV, 2003c). Com a emancipação promovida pela Revolução Francesa e pelo Iluminismo, o debate passou a questionar se os judeus seriam assimiláveis e suficientemente leais às nações europeias (MACCOBY, 2006). Autores como Fichte descreviam os judeus como um corpo hostil espalhado pela Europa, indiferente ao bem comum (POLIAKOV, 2003c).

A emancipação política passou, assim, a ser condicionada ao abandono de qualquer identidade coletiva autônoma. Essa lógica foi sintetizada por Clermont-Tonnerre na fórmula: "Tudo para os judeus como cidadãos, nada como nação!" (POLIAKOV, 2003c). A mesma suspeita reapareceu sob Napoleão Bonaparte, que convocou o Grande Sinédrio para interrogar os judeus sobre sua lealdade à França (KATZ, 1980; PARDO; DELOR, 2024). Em resposta, muitos judeus buscaram demonstrar patriotismo por meio do serviço militar, das artes e das ciências (POLIAKOV, 2003c).

O Caso Dreyfus tornou-se a expressão paradigmática dessa lógica. Apesar de plenamente assimilado e oficial do Estado-Maior francês, Alfred Dreyfus foi falsamente acusado de espionagem em 1894 e tratado como inimigo estrangeiro (PERRY; SCHWEITZER, 2002). O jornal *La Libre parole*, de Édouard Drumont, partia da premissa de que "um oficial judeu era por definição 'o oficial que vende inescrupulosamente segredos de defesa'" (POLIAKOV, 2003d). O episódio dividiu profundamente a sociedade francesa e revelou um antissemitismo estrutural associado à defesa do nacionalismo e das instituições estatais (WISTRICH, 1992; LAQUEUR, 2008).

Nesse contexto, o tema da "dupla lealdade" foi mobilizado de forma sistemática. A defesa pública de Dreyfus por judeus franceses e estrangeiros passou a ser interpretada como prova da existência de uma suposta "Internacional Judaica" e de uma solidariedade étnica incompatível com o patriotismo nacional (LAQUEUR, 2008; POLIAKOV, 2003d). A extrema direita passou então a representar os judeus como "cosmopolitas sem raízes", leais apenas entre si e ao dinheiro, reforçando sua construção como elementos exógenos ao corpo nacional (PARDO; DELOR, 2024).

CINQ Centimes — Paris et Départements — CINQ Centimes

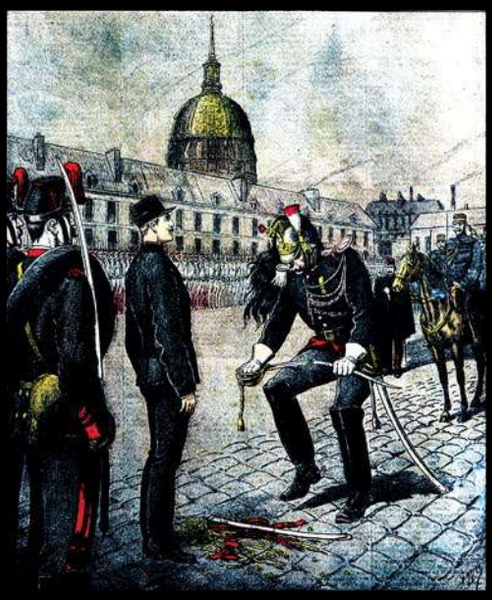
LA LIBRE PAROLE

La France aux Français!

Directeur : EDOUARD DRUMONT

LA TRAHISON DU JUIF DREYFUS

Le *Chambard* en Cour d'Assises.-Plaidoirie de M. Jaurès



O ex-presidente Richard Nixon disse o seguinte:

"Os **judeus** estão por toda parte no governo. A maioria dos **judeus** é **desleal**. Você não pode confiar nesses bastardos. Eles se voltam contra você."

"Judias e judeus brasileiros"
OU
Brasileiros judeus e judias?

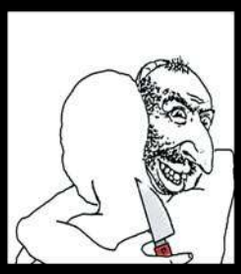
Eis a questão!

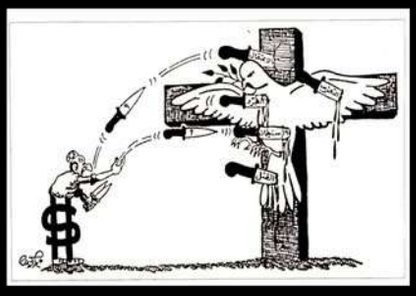
[redacted] é o maior traidor do patriotismo brasileiro. Entreguista, liberal, sionista, maçom disfarçado.

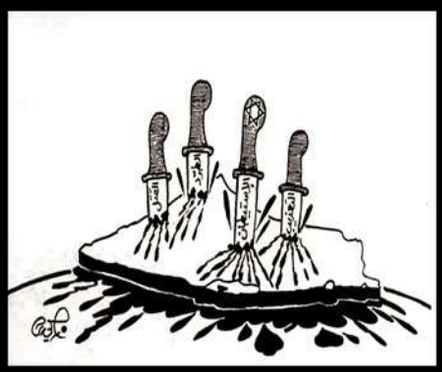
A CONIB (Confederação Israelita do Brasil), @coniboficial, é agência de um Estado estrangeiro em nosso território, disfarçada de representação da comunidade judaica. Antro de bolsonaristas da pior laia e trajetória, dedica-se a comandar o lobby sionista e seus interesses criminosos.

Translate post

9:42 PM · Dec 29, 2023 · **63.5K** Views







Show translation

200 NOVOS ESPIÕES SIONISTAS PAGOS COM O DINHEIRO DO BRASIL

A invasão imposta ao Brasil ultrapassou mais uma linha do inacreditável. Com a necessidade de se reconstruir, o lobby sionista impôs ao Brasil o recrutamento de espiões israelenses que atuarão contra o próprio Brasil.

BASES DE SEGURANÇA ISRAELENSE NO BRASIL

Juden als Spione

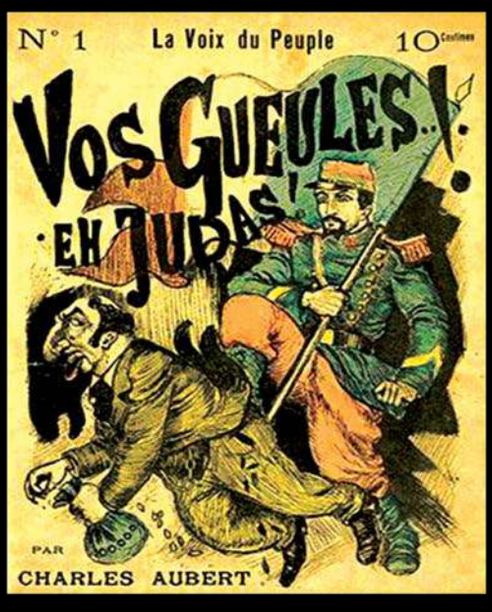
СИОНИЗМ– МАСКА ДЛЯ ШПИОНОВ

Esse grupo que age pelo governo anti-humanidade de Israel por acaso tem dupla Cidadania? Se for o caso, anula o passaporte do Brasil!
Uma entidade externa usando o sistema para perseguir uma pessoa pela opinião é uma afronta.

@VermelhoZZ · 4 h

Já passou da hora de um PL pra tratar de organizações estrangeiras no Brasil, que interferem em suas políticas e autodeterminação.

1 26



Tais acusações já haviam sido formuladas anteriormente, como no Caso de Damasco de 1840, quando líderes judeus franceses – entre eles Adolphe Crémieux – intervieram diplomaticamente para defender judeus acusados de *calúnia de sangue* (→ 3) na Síria. Essa atuação foi interpretada por setores nacionalistas como prova de lealdade supranacional, levando à afirmação de que "o amor por seus irmãos seria sempre maior que o amor dos judeus franceses pela França" (BARON, 2009). No final do século XIX, o Caso Dreyfus reativou essa lógica de suspeita em escala ainda mais intensa. Como observa Poliakov (2003a), o julgamento e as campanhas de difamação deixaram os judeus "mudos e aterrorizados", levando-os a adotar um silêncio defensivo para evitar novas acusações de deslealdade. Mais profundamente, o episódio revelou os limites da emancipação: a violência das acusações dirigidas a um oficial plenamente assimilado demonstrou que a igualdade jurídica não eliminava a suspeita de traição, que permanecia estruturalmente associada à condição judaica.

Na virada do século XIX para o XX, a acusação de deslealdade judaica ganhou nova força com a difusão de *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, falsificação produzida pela polícia secreta czarista a partir da apropriação de um texto político de Maurice Joly sem relação com judeus (WISTRICH, 2010). O panfleto apresentava a solidariedade judaica não apenas como traço social ou diaspórico, mas como evidência de uma conspiração transnacional voltada à dominação política e estruturalmente desleal às nações. Nesse enquadramento, a chamada "lealdade tribal" era convertida em prova de uma organização clandestina global, consolidando um dos principais eixos do antissemitismo moderno (BARROSO, 1936).

Ainda no final do século XIX, a acusação de deslealdade ganhou roupagem pseudocientífica com o surgimento do antissemitismo racial, liderado por figuras como Wilhelm Marr, segundo o qual os judeus seriam biologicamente incapazes de assimilação e voltados à destruição das identidades nacionais. Esse acúmulo histórico de desconfiança pavimentou, no século XX, acusações recorrentes de dupla lealdade, espionagem e traição em períodos de crise e guerra (WISTRICH, 2010; POLIAKOV, 2025). Durante a Primeira Guerra Mundial, tais acusações assumiram formas distintas conforme os contextos nacionais, apesar do forte engajamento judaico no esforço de guerra, expresso em mobilizações como a Union Sacrée na França e a Burgfriede na Alemanha. Como observa Poliakov, o prolongamento do conflito e o agravamento das condições sociais favoreceram a reativação de estereótipos antigos, convertendo os judeus em bodes expiatórios de derrotas e instabilidades (POLIAKOV, 2003d).

Na Alemanha, difundiram-se rumores de que judeus evitariam o combate direto, ocupando funções seguras na retaguarda (LAQUEUR, 2008). Em 1916, o Alto Comando ordenou a chamada Judenstatistik, destinada a verificar a presença de soldados judeus no front. Como os dados comprovaram participação proporcional no combate, os resultados não foram divulgados, institucionalizando a suspeita. No Império Russo, os judeus foram acusados de espionagem em favor das Potências Centrais, enquanto, na Grã-Bretanha e na França, a suspeita de dupla lealdade foi associada à suposta simpatia judaica pela Alemanha (POLIAKOV, 2003d).

A derrota alemã na Primeira Guerra e a queda da monarquia intensificaram essas narrativas. Setores da extrema direita recusaram-se a reconhecer a derrota militar como resultado de falhas internas, difundindo o mito de que o exército teria sido traído por inimigos internos ligados à esquerda e aos judeus (LAQUEUR, 2008). Revoltas de 1918-1919, associadas a lideranças judaicas como Rosa Luxemburgo e Kurt Eisner, passaram a ser apresentadas como evidência dessa conspiração. Como demonstra Wistrich, consolidou-se a fusão entre antissemitismo e ressentimento nacional, levando os fundadores da República de Weimar a serem rotulados como "criminosos de novembro" supostamente aliados a interesses estrangeiros (WISTRICH, 1992).

A República de Weimar, ao instituir igualdade jurídica, ampliou a participação judaica na vida política e social. Contudo, essa integração foi reinterpretada por setores conservadores como prova do caráter "não germânico" da república. Segundo Jacob Katz, o preconceito antijudaico e o antirrepublicanismo passaram a se sustentar mutuamente, fornecendo base ideológica para a deslegitimação do regime democrático e para a ascensão do nacional-socialismo (KATZ, 1980).

Na ideologia nazista desenvolvida por Adolf Hitler, a acusação de deslealdade foi sistematizada sob o conceito de "internacionalismo judaico". Como explica Eberhard Jäckel, os judeus eram apresentados como incapazes de constituir um Estado territorial próprio e, portanto, dependentes da exploração de outras nações. Nessa lógica, lideranças judaicas buscariam desagregar ordens nacionais e promover a dominação global, razão pela qual "o internacionalismo judaico" seria incompatível com políticas verdadeiramente nacionais (JÄCKEL, 1972). A linguagem política do Terceiro Reich reforçou essa exclusão, recorrendo a expressões como *Internationales Judentum*, *Weltjude e Weltjudentum*, que consolidavam a ideia de um coletivo global sem pertencimento legítimo a qualquer Estado (KLEMPERER, 2009).

Hitler sustentava que, privados de base territorial, os judeus promoveriam a desestabilização internacional por meio do marxismo ou do capitalismo financeiro, visando à dominação política e econômica (JÄCKEL, 1972). Nessa concepção, a traição era apresentada como atributo inerente aos judeus, considerados inimigos permanentes das nações europeias (HITLER, 2016).

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, essa retórica foi ampliada, passando a retratar os judeus como agentes infiltrados nas democracias ocidentais, responsáveis por conduzi-las a um conflito que não corresponderia a seus interesses nacionais (→ 18. *instigadores de guerras e operações bandeira falsa*). Como mostra Jeffrey Herf, a propaganda nazista atribuía, por exemplo, a oposição dos Estados Unidos ao regime hitlerista à influência judaica sobre o governo Roosevelt, descrevendo a guerra como um "projeto puramente de gueto" alheio aos interesses americanos (HERF, 2006). De modo semelhante, na França dos anos 1930, discursos políticos passaram a acusar os judeus de promover uma guerra contra a Alemanha não por razões nacionais, mas por motivações próprias (FRIEDLÄNDER, 1997). A culminação dessa lógica ocorreu na formulação genocida do regime: ao inverter a realidade e atribuir aos judeus um suposto plano de destruição dos povos europeus,

Hitler buscou legitimar preventivamente o extermínio. Em uma declaração de 1939, afirma que, caso o "judaísmo financeiro internacional" provocasse uma nova guerra mundial, o resultado seria "a aniquilação da raça judaica na Europa" (citado em JÄCKEL, 1972).

No Brasil, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a acusação de deslealdade e dupla lealdade foi mobilizada no contexto das políticas de restrição à imigração judaica. Como demonstra Maria Luiza Tucci Carneiro, essa percepção influenciou diretamente decisões estatais durante a Era Vargas. Em 1938, o embaixador brasileiro em Berlim justificou a recusa em acolher judeus que fugiam da perseguição nazista alegando que lhes faltaria vínculo patriótico com o país: "São elementos negativos na comunidade pátria e dela só pretendem auferir benefícios. [...] São exploradores da nacionalidade, cujo sincero sentimento não têm, nem podem ter" (TUCCI CARNEIRO, 2021). No mesmo período, esse argumento foi reiterado por setores políticos internos, como o integralismo. Gustavo Barroso, em campanha contra a recepção de judeus no Brasil, afirmava que "o judaísmo interno [no Brasil] estava ligado ao judaísmo internacional, representado pela alta finança londrina" (citado em TUCCI CARNEIRO, 2021).

Após a Segunda Guerra Mundial, o stalinismo tardio sistematizou a acusação de deslealdade judaica por meio de uma dualidade semântica: os judeus eram simultaneamente denunciados como "cosmopolitas sem raízes", ligados ao imperialismo ocidental, e como portadores de um "nacionalismo burguês" expresso no sionismo, entendido como forma de lealdade transnacional (FINE; SPENCER, 2017; WISTRICH, 2010). No Oriente Médio, essa suspeita articulou elementos políticos, teológicos e conspiratórios, intensificados pela propaganda nazista em língua árabe durante a Segunda Guerra Mundial, que difundia representações dos judeus como traidores e conspiradores (KÜNTZEL, 2023). Após a fundação do Estado de Israel, tais narrativas foram rearticuladas sob a forma de um antissionismo radical influenciado pela circulação de *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (POLIAKOV, 2025; WISTRICH, 2010). Nesse contexto, a solidariedade judaica transnacional passou a ser apresentada como evidência de predisposição estrutural à traição, ideia reiterada em discursos políticos e clericais no mundo árabe (STAV, 1999; PATTERSON, 2010; BODANSKY, 1999). Segundo Pardo e Delor (2024), após 1948, a acusação de "dupla lealdade" tornou-se eixo ideológico central para justificar perseguições, expulsões e suspeitas permanentes contra comunidades judaicas do Norte da África e do Oriente Médio, frequentemente acusadas de espionagem em favor de Israel, processo que culminou em episódios de violência estatal como os enforcamentos públicos de judeus no Iraque em 1969 (POLIAKOV, 2025).

Na política contemporânea, Pardo e Delor (2024) observam que essa suspeita opera como uma "injunção geopolítica", pela qual pessoas judias são pressionadas a justificar ou condenar publicamente ações do Estado de Israel para que sua participação em espaços acadêmicos, profissionais ou militantes seja considerada legítima. Nessa lógica, pertencimento, silêncio ou neutralidade podem ser reinterpretados como indícios de deslealdade.

Os autores ilustram essa dinâmica analisando declarações de Jean-Luc Mélenchon após a marcha em memória de Mireille Knoll, vítima de assassinato antissemita. Em meio a disputas políticas, Mélenchon acusou o CRIF (Conselho Representativo das Instituições Judaicas da França) de atuar em nome de interesses estrangeiros, contrapondo organizações judaicas à "comunidade republicana" e ao "povo francês" (PARDO; DELOR, 2024). No Brasil, acusações semelhantes emergiram recentemente em críticas dirigidas à atuação da Confederação Israelita do Brasil no enfrentamento do antissemitismo (PODER360, 2024).

Já no âmbito das extremas direitas contemporâneas, a acusação de dupla lealdade e deslealdade judaica traduz-se principalmente na teoria conspiratória do ZOG, sigla para Zionist Occupied Government (Governo de Ocupação Sionista) (→ 16. *complôs de subversão*). Essa teoria frequentemente se articula a outras narrativas conspiratórias típicas da extrema direita, como a da "grande substituição" ou do "genocídio branco" (→ 16. *complôs de subversão*), segundo as quais supostas elites judaicas estariam engajadas em um projeto de subversão dos valores tradicionais, do cristianismo e da chamada "raça branca", atuando a partir de posições nas instituições políticas, econômicas e culturais (CHAPELAN, 2024).

No mundo contemporâneo, a consequência mais imediata da difusão do lugar-comum da dupla lealdade é a imposição de uma lógica de responsabilidade coletiva. Ao serem representados como um bloco homogêneo, supostamente leal a Israel ou a uma conspiração global, judeus da diáspora são destituídos de sua individualidade civil e passam a ser responsabilizados por ações estatais ou por narrativas conspiratórias que lhes são atribuídas. Como observa Placzynta (2024), essa imputação "convida e justifica a retaliação, decorrente da premissa de que com a responsabilidade coletiva vem a punição coletiva", contribuindo para o agravamento de atitudes negativas e para a legitimação de hostilidade e violência. Nesse sentido, a acusação de deslealdade e dupla lealdade tem operado como um dos mecanismos centrais na motivação de ataques contra alvos judaicos em diferentes contextos e lugares do mundo, sendo mobilizada por discursos provenientes de distintos espectros ideológicos, da extrema direita à extrema esquerda e ao islamismo militante.

COMO IDENTIFICAR?

- Afirmações ou insinuações de que judeus são desleais ao país em que vivem.
- Imputação de lealdade prioritária ou exclusiva a Israel a judeus não israelenses.
- Sugestões de que judeus são leais apenas a outros judeus, em detrimento da sociedade ampla.
- Exigência de que judeus reneguem vínculos identitários para provar lealdade nacional.
- Retratar a solidariedade judaica como ilegítima ou conspiratória.
- Minimizar o mérito individual de judeus atribuindo sucesso a "clãs" ou redes ocultas.
- Excluir judeus do "nós" nacional por meio de linguagem dicotômica ("eles" vs. "o povo").

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais convergem ao classificar a imputação de dupla lealdade ou deslealdade aos judeus como manifestação clara de antissemitismo. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) tipifica expressamente como antissemita a atitude de "acusar cidadãos judeus de serem mais leais a Israel, ou às supostas prioridades dos judeus em todo o mundo, do que aos interesses de suas próprias nações". De modo convergente, a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), em sua diretriz 9, estabelece que é antissemita "presumir que judeus não israelenses, simplesmente por serem judeus, são necessariamente mais leais a Israel do que aos seus próprios países". As zonas cinzentas situam-se na distinção entre generalizações essencializantes e análises factuais de vínculos políticos e engajamentos concretos. Declarações que descrevem formas de solidariedade comunitária ou apoio político a Israel não configuram antissemitismo por si só, desde que não impliquem que tal apoio comprometa a lealdade cívica ao país de residência. Do mesmo modo, a análise de conflitos de interesse ou de lealdade, quando baseada em evidências e dirigida a indivíduos, organizações ou posições específicas, integra o debate político legítimo. A fronteira é ultrapassada quando tais observações são generalizadas para o conjunto dos judeus ou quando a deslealdade é apresentada como traço inerente, oculto e universal, deslocando-se do plano empírico para uma imputação identitária.

7. Desintegrador e Degenerador

As acusações dirigidas aos judeus como agentes de "desintegração" e "degeneração" constituem formas persistentes de expressão do antissemitismo, marcadas por forte capacidade de adaptação histórica. Ambas se baseiam na atribuição essencializada de uma suposta capacidade de corroer, desestabilizar e degradar estruturas sociais, políticas, morais e culturais. O lugar-comum do desintegrador refere-se à ideia de que judeus atuariam como agentes de dissolução da ordem social, política ou espiritual. Conforme define Böschenstein-Schäfer (1962), trata-se da atribuição de uma "atividade orientada à separação ou destruição" da comunidade ou do Estado, derivada de metáforas de decomposição posteriormente transpostas ao campo social. Já o lugar-comum do degenerador associa judeus à decadência moral, cultural ou biológica, articulando-se aos discursos pseudocientíficos sobre "degeneração" difundidos no século XIX (GILMAN, 1991). Como observa Gilman, a imagem do corpo judaico como corpo "Outro" constitui parte central da maquinaria antissemita. Juntos, esses tropos convergem na construção dos judeus como ameaça estrutural à integridade da sociedade.

As raízes dessas formulações podem ser encontradas no antissemitismo cristão clássico. Desde a Antiguidade tardia, judeus foram associados à desordem espiritual e moral, sobretudo por meio da acusação de deicídio e da recusa em reconhecer Cristo. Como argumenta Nirenberg (2013), o judaísmo foi construído no imaginário cristão como princípio corrosivo capaz de ameaçar a verdade religiosa e a ordem divina. Na Idade Média, essa lógica se intensifica: judeus passam a ser associados à heresia, à corrupção moral e à contaminação do corpo social cristão. A metáfora orgânica torna-se central, concebendo a sociedade como um corpo ameaçado por elementos externos ou patológicos (LANGMUIR, 1990). Acusações como envenenamento de poços, profanação de hóstias e disseminação de doenças antecipam elementos centrais dos tropos modernos de desintegração e degeneração.

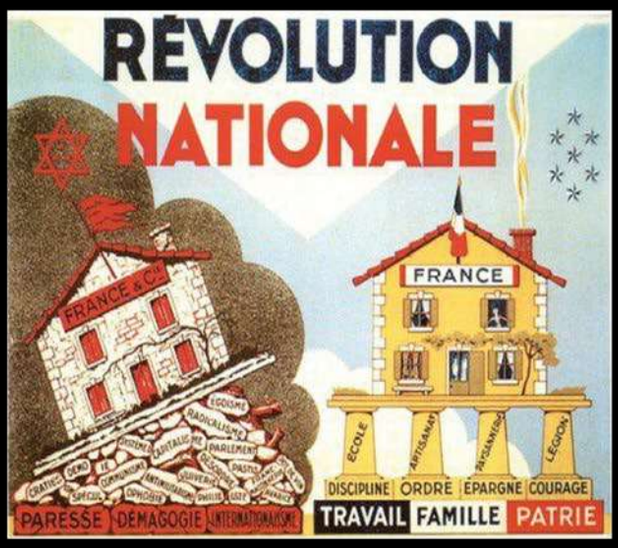
Com a modernidade, esses lugares-comuns assumem novas formas. No século XIX, discursos científicos e teorias raciais passaram a enquadrar judeus como elementos degenerativos no interior das nações europeias (ARENDT, 1989; GILMAN, 1991). Dühring (1881) associa explicitamente os judeus à decadência moral e cultural, enquanto Chamberlain (1912) os apresenta como agentes de decomposição social, sustentando que não apenas os judeus, mas tudo aquilo derivado do "espírito judaico" possuiria capacidade corrosiva e desagregadora. Paralelamente, o tropo do desintegrador passa a articular-se às críticas à modernidade: liberalismo, capitalismo financeiro e socialismo eram frequentemente apresentados como produtos de uma suposta influência judaica responsável pela dissolução das estruturas tradicionais (FABER, 2000).

Esses tropos atingem seu ápice no antissemitismo nazista, que concebia a sociedade como organismo racial ameaçado por elementos degenerativos. Judeus eram simultaneamente apresentados como degeneradores biológicos, capazes de comprometer a "pureza racial", e como desintegradores sociais responsáveis pela difusão de ideologias e movimentos percebidos como ameaças à nação. Nesse contexto, a linguagem médica e biológica torna-se central: judeus são comparados a "parasitas", "vírus" e "câncer" (ROSENBERG, 1930; WISTRICH, 1991). Essa construção legitimava a violência extrema como forma de "cura" e preservação do corpo social. Conforme argumenta Bauman (1998), o Holocausto não representou um desvio da modernidade, mas uma radicalização de suas próprias lógicas de classificação, exclusão e controle.

Após a Segunda Guerra Mundial, a linguagem racial explícita perdeu legitimidade pública, mas os tropos da desintegração e da degeneração permaneceram ativos sob novas formas. O discurso antissemita passou a operar de maneira mais indireta, deslocando-se frequentemente para o campo político. Judeus continuaram a ser associados a processos de desestabilização global, agora por meio de teorias conspiratórias envolvendo finanças, mídia e política internacional (Anti-Defamation League, ADL, 2023). O tropo do degenerador reaparece em discursos sobre "decadência moral" supostamente promovida por elites associadas aos judeus, enquanto o desintegrador emerge em acusações de que judeus fomentariam conflitos, crises e transformações sociais indesejadas.

No período anterior a 7 de Outubro de 2023, essas categorias já apareciam em discursos sobre Israel, com frequência apresentado como elemento intrinsecamente desestabilizador no Oriente Médio e na política internacional. Após os ataques, observa-se intensificação dessas narrativas: Israel e, por extensão, judeus em geral, passam a ser descritos como responsáveis pela desordem global, pela destruição moral e política e pela corrosão de valores sociais. A atualização contemporânea desses tropos preserva sua lógica histórica, adaptando-a a novas linguagens e contextos, inclusive por meio do deslocamento de categorias identificadoras, como o uso de "sionistas" para se referir indistintamente a judeus ou israelenses.

Os lugares-comuns do judeu como desintegrador e degenerador operam sobretudo por meio de três mecanismos articulados: a essencialização, que atribui características fixas e inerentes aos judeus; a totalização, que transforma indivíduos ou eventos específicos em prova de uma suposta natureza coletiva; e a naturalização da "ameaça judaica", apresentada como perigo constante à estabilidade social, política, financeira, moral e cultural. Esses mecanismos sustentam representações dos judeus como ameaça inevitável, justificando exclusão, perseguição ou violência. Em geral, tais formulações recorrem à associação dos judeus à destruição social, moral ou política; ao uso de metáforas biológicas como "vírus", "doença", "parasita" ou "câncer"; à ideia de decadência cultural; à acusação de controle de sistemas financeiros, políticos e culturais; à generalização de comportamentos individuais para todo o grupo; à representação de Israel como força intrinsecamente desestabilizadora; e à associação a teorias conspiratórias globais, como a "grande substituição". Esses elementos articulam-se às teorias do bode expiatório (GIRARD, 1986), do estigma (GOFFMAN, 1963) e às análises críticas do preconceito (ADORNO et al., 1950; SARTRE, 1946).



Jüdische Kunst

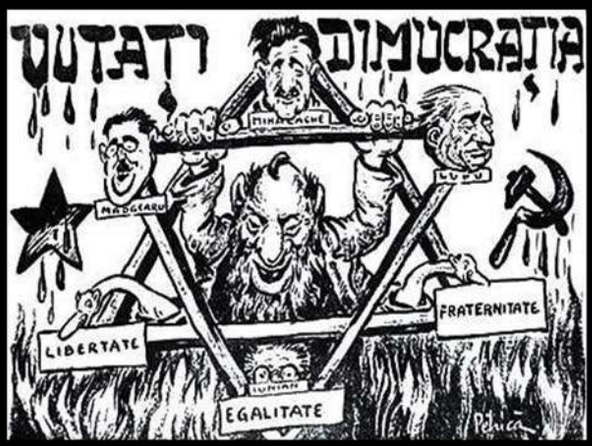
Wenn die Juden in einem Gastland „freie Hand" bekommen, d. h., wenn sie ungehindert tun dürfen, was sie tun wollen, dann wird immer etwas Minderwertiges, etwas Niederträchtiges daraus. Warum? Weil ja die Juden selbst die geborene Niedertracht und Verworfenheit verkörpern. In Paris fand kürzlich eine Ausstellung von „Kunstwerken" des jüdischen Amedeo Modigliani statt, die natürlich Juden und Judengenossen sehr bestaunt wurden mit die Stürmerleser auch an dem Genuß teilnehmen können, bringen wir anbei ein paar Abbildungen dem jüdischen Kunstsalon.

"Não é do judaísmo, em conjunto, que os 300 se servem: servem-se tão somente do baixo judaísmo, do mesmo modo como se servem da decadência europeia; e se se servem mais fortemente do baixo judaísmo que dos degenerados da Europa, é que o judaísmo é uma organização universal, e a decadência da Europa é um conjunto amorfo de pessoas. Assim como o judaísmo se infiltrou na Maçonaria, para poder por ela operar na sombra, assim os 300 se servem do judaísmo, para poder por ele, e por o que ele move, operar na treva".»

O racialismo negro, e não ele apenas, mas tb os identitarismos de gênero, são uma reedição do sionismo israelita.

A noção de holocausto é extendida para outros grupos vítimas da história e isso, em tese lhes dá o 'direito ao revide'.

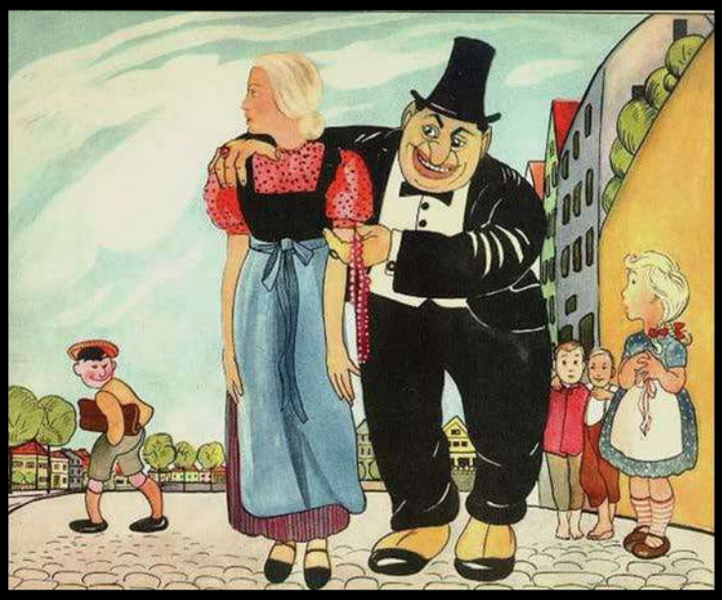
A justificativa de que negros podem ser racistas com brancos e pardos sem serem responsabilizados por isso é a mesma justificativa utilizada por Israel para esmagar palestinos.



Comunismo, judaísmo, progressismo, maçonismo... a América Latina vai ruir, "vive" sob cadáveres

2 sem 8 curtidas Responder

This is how a society run by (((them))) looks like.



b] [biz / high / x] [tr]

Anonymous 52 minutes ago No.129897

Estamos indo para o 4° ano do aniversário do MASSACRE DE ISLA VISTA, uma data simbólica onde o primeiro passo da luta contra o feminismo e a degeneração foi dado.

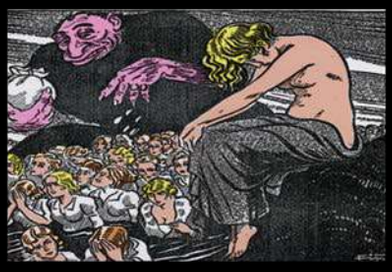
A vida de Elliot não foi em vão, motivou vários outros e abriu os corações para o UPRISING BETA.

Porém, peço que vocês não se matem, não AGORA. Esperem o Bolsonaro legalizar o porte de armas. Vivam suas vidas, façam o que vocês querem fazer, rodem o mundo, transem com prostitutas.

Degeneração sempre irá haver, e cada vez irá haver mais. Quando você tiver feito tudo o que quer fazer nesta vida, pegue uma arma de fogo e saia atirando contra a escória. Morra trocando tiro com a polícia. E sempre atire em mulheres para MATAR. A vida de um homem não tem valor na sociedade matriarcal.

Uma vadia 7/10 vale mais que 1000 betas. O mundo todo gira em torno delas.

Se a vida de vocês é uma merda a culpa é dos JUDEUS, mas lembre-se que os judeus só conseguem te atingir porque usam as MULHERES. Matar mulheres é como acabar com o instrumento que o JUDEU usa para perverter a sociedade.



COMO IDENTIFICAR?

- Apresentação dos judeus como agentes de destruição social, moral ou política.
- Uso de metáforas biológicas (vírus, doença, câncer, parasita.
- Associação a processos de decadência cultural ou moral.
- Acusação de controle ou manipulação de sistemas (financeiros, políticos, culturais.
- Generalização de comportamentos individuais 'para todo o grupo.
- Representação de Israel como força intrinsecamente desestabilizadora.
- Associação a teorias conspiratórias globais (como “grande substituição”).
- Construção de judeus como ameaça existencial a sociedades ou valores.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A representação dos judeus como agentes de desintegração social, política, moral ou cultural, bem como sua associação à degeneração biológica ou civilizacional, constitui forma de antissemitismo tanto segundo a definição operacional da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto pela *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA). A IHRA inclui entre os exemplos de antissemitismo as “alegações mendazes, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus”, especialmente aquelas que os apresentam como ameaça coletiva ou força conspiratória destrutiva. A JDA, por sua vez, rejeita generalizações negativas e essencializações dirigidas aos judeus enquanto grupo. Os tropos do desintegrador e do degenerador operam precisamente por meio dessa lógica: atribuem aos judeus uma capacidade intrínseca de corromper sociedades, degradar culturas, manipular sistemas políticos ou dissolver valores sociais, recorrendo amiúde a metáforas biológicas e patologizantes historicamente centrais no antissemitismo moderno.

As zonas cinzentas emergem sobretudo na distinção entre críticas sociais, culturais ou políticas legítimas e formulações essencializantes ou conspiratórias. Debates sobre capitalismo financeiro, globalização, neoliberalismo, transformações culturais, atuação de governos israelenses ou conflitos no Oriente Médio constituem discurso político protegido quando fundamentados em análises empíricas e dirigidos a instituições, políticas ou agentes específicos. A fronteira para o antissemitismo é cruzada quando tais críticas passam a atribuir coletivamente aos judeus – ou ao Estado de Israel como expressão do “judaísmo” – uma natureza de modo inerente corruptora, degenerativa ou destrutiva. Criticar políticas israelenses não constitui antissemitismo em si; o problema emerge quando Israel ou os judeus passam a ser apresentados como origem essencial de decadência moral, desordem global ou destruição civilizacional, mobilizando imagens históricas de contaminação, corrosão e ameaça existencial.

8. Imoralidade, Misantropia e Vingança

Tratamos aqui dos lugares-comuns que atribuem aos judeus imoralidade, misantropia e vingança. Esses tropos não operam isoladamente, mas constituem um sistema interpretativo coerente dentro do imaginário antissemita. Em conjunto, produzem uma representação dos judeus como sujeitos radicalmente externos à ordem moral humana.

A acusação de imoralidade estabelece que os judeus não compartilhariam normas éticas universais; a de vingança sugere que suas ações seriam guiadas por impulsos irracionais e violentos; e a de misantropia fornece o fundamento ontológico dessas duas anteriores, ao afirmar que os judeus desprezariam a própria humanidade dos outros.

Esse sistema produz uma lógica circular: se os judeus são considerados misantrópicos, sua suposta imoralidade e vingança tornam-se evidências dessa natureza; e, inversamente, comportamentos interpretados como imorais ou vingativos passam a funcionar como "provas" de sua misantropia. Trata-se de um mecanismo autorreferencial que dispensa evidências empíricas e resiste à refutação.

No âmbito histórico, essa articulação foi central para a construção da alteridade judaica no Ocidente, permitindo justificar exclusão social, perseguições religiosas e violência sistemática. Na contemporaneidade, esses tropos continuam operando sob formas adaptadas, especialmente quando deslocados para o Estado de Israel ou para figuras públicas judaicas.

A acusação de imoralidade constitui um dos estereótipos mais persistentes do repertório antissemita. Trata-se da ideia de que os judeus estariam essencialmente alienados das normas morais compartilhadas pelas sociedades, agindo com deliberação contra princípios considerados universais de justiça, compaixão e ética. Não se trata apenas de crítica a indivíduos ou práticas específicas, mas de uma atribuição essencializante: a imoralidade seria característica inerente ao judaísmo e aos judeus enquanto coletivo.

No âmbito histórico, esse tropo está profundamente ligado à tradição cristã primitiva, na qual o judaísmo passou a ser definido como alteridade moral negativa. A partir da Antiguidade tardia e da Idade Média, os judeus foram representados como "ímpios" e responsáveis pela rejeição e morte de Cristo, alimentando associações entre judaísmo, corrupção moral e ausência de espiritualidade (GREGG, 1997; POLIAKOV, 2003; NIRENBERG, 2013).

Essa construção foi reforçada pelo supersessionismo – a ideia de que o cristianismo teria substituído moralmente o judaísmo como verdadeira aliança divina. Nesse enquadramento, o judaísmo passou a ser reinterpretado como sistema ético inferior, materialista e desvinculado de valores espirituais elevados. O cristianismo definia-se, assim, em oposição ao suposto "éthos judaico".

Durante a Idade Média, esse estereótipo também foi instrumentalizado para justificar marginalização econômica e social. Impedidos de exercer diversas profissões, muitos judeus foram direcionados a atividades financeiras ao mesmo tempo necessárias e moralmente condenadas pela sociedade cristã, fortalecendo associações entre judaísmo, ganância e corrupção moral (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*).

No período moderno, essas ideias foram sistematizadas de forma mais explícita por discursos ideológicos antissemitas. Autores como Alfred Rosenberg buscaram fundamentar a acusação de imoralidade diretamente nos textos religiosos judaicos, apresentando o Talmud como um suposto manual de conduta antiética. Essa leitura distorcida permanece recorrente em ambientes digitais contemporâneos, nos quais passagens descontextualizadas são utilizadas para "provar" um alegado desprezo judaico pelos não judeus.

No pós-Holocausto, o tropo da imoralidade é com frequência reconfigurado em discursos antissionistas. Nesse contexto, a acusação desloca-se do judeu individual para o Estado de Israel, apresentado como intrinsecamente racista, opressor ou ilegítimo do ponto de vista moral. Tais formulações frequentemente se articulam a outros tropos, como manipulação da memória do Holocausto, engano e instrumentalização do sofrimento histórico.

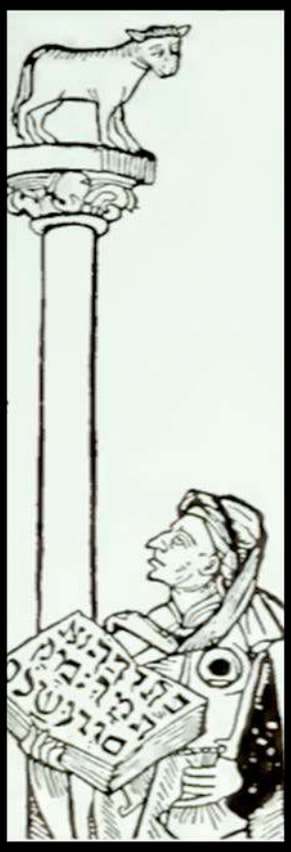
O estereótipo da "vingança judaica" atribui aos judeus uma disposição irracional, egoísta e misantrópica para retaliar ofensores. Essa disposição é amiúde descrita como acompanhada de ressentimento, intolerância e hostilidade contra sociedades não judaicas. Trata-se de uma construção que essencializa a vingança como traço constitutivo da identidade judaica.

Historicamente, esse lugar-comum está ligado à interpretação distorcida de textos bíblicos, sobretudo à oposição construída entre Antigo e Novo Testamento. Narrativas como o dilúvio ou o princípio do *ius talionis* ("olho por olho") foram frequentemente mobilizadas para apresentar o judaísmo como religião centrada na retribuição violenta, em contraste com um cristianismo supostamente embasado no perdão e na misericórdia.

Essa oposição ignora o contexto histórico e jurídico dessas tradições. O *ius talionis* não constitui uma defesa de vingança ilimitada, mas um princípio jurídico de proporcionalidade presente também em sistemas legais anteriores à tradição bíblica, como o Código de Hamurabi. A associação da vingança ao judaísmo resulta, portanto, de uma operação ideológica destinada a marcar uma diferença moral entre grupos religiosos.

Ao longo da história europeia, o estereótipo foi reforçado por representações literárias e filosóficas. A figura de Shylock, em *O Mercador de Veneza*, tornou-se emblemática: sua exigência de uma "libra de carne" consolidou a associação entre judaísmo, crueldade e moralidade inflexível. Ainda que a personagem também possa ser lida como produto da opressão social, sua recepção histórica fortaleceu o tropo da "vingança judaica".

Na contemporaneidade, essa acusação é com frequência reconfigurada em discursos sobre o conflito israelo-palestino, nos quais Israel é retratado como agente movido exclusivamente por desejo de retaliação desproporcional,



Nunca falha. Essa gente tem a corrupção nas veias

2 curtidas Responder

Judiação convencional !

4 curtidas Responder

Sinedrio 54b. "Um jvdeu pode ter relações sexuais com uma criança desde que a criança tenha menos de nove anos de idade."

Yebamoth 98a. "Todas as crianças gentias (não-jvdias) são animais."

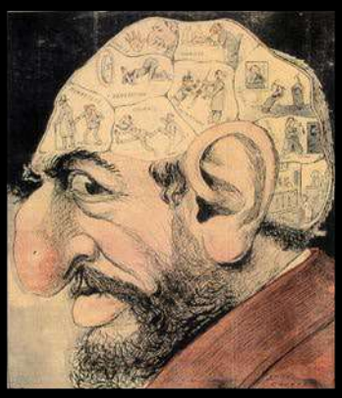
Moed Kattan 17a. "Se um jvdeu for tentado a praticar o mal, ele deve ir a uma cidade onde não seja conhecido e praticar o mal ali."

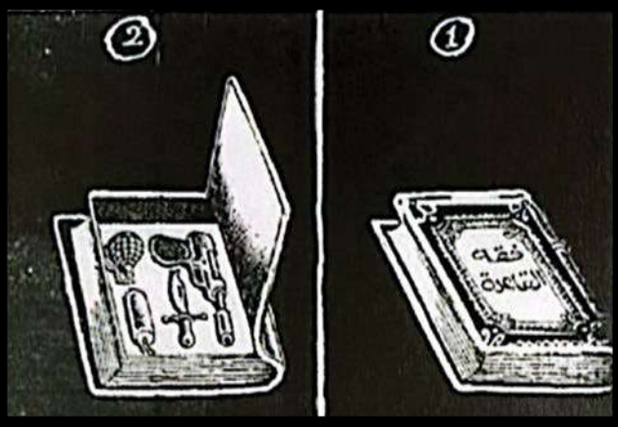
Abodah Zarah 36b. "As meninas gentias (não-jvdias) estão em um estado de niddah (sujeira) desde o nascimento."

Segundo o talmude(ensinamento judaico),o judeu ,não pode roubar um judeu,mas sim os outros povos!!(acordem)

... tomou no "rabinovici" dele! Que gentalha horrorosa! Ladrões judeus sionistas imorais e seus apoiadores são uma abominação!

Se tivessem lido o Talmund não achariam tão chocante o motivo do movimento nacional socialista.





[redacted] r essa arrogância em pensar, que as pessoas não têm capacidade de inteligência e discernimento para saber o que acontece no mundo, essa arrogância em se acharem que são melhores e sempre são as vítimas, é que fazem com que o mundo fiquem contra vcs. Não nos peça para calarmos, não tente impor as suas regras, pois talvez não saiba, o mundo acordou e não acreditamos mais na lavagem cerebral feita por Hollywood!

Responder 7

[redacted] 1 d

E O SIONISMO NÃO É PEDOFILIA, NÃO?

Responder

[redacted] 19 h

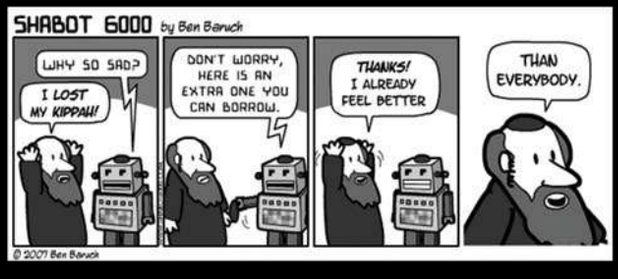
[redacted] Pelo Talmud

Responder

li [redacted] 3 h

[redacted] É uma pergunta retórica. Estou querendo dizer que o SIONISMO É SIM PEDOFILIA!

Responder



[redacted] Seguir

Em resposta a [redacted]

Pq judeus são tão malignos q até diminuindo seus feitos demoníacos e passando pano ainda dá pra ver a dimensão da podridão moral de quem professa essa religião do inferno.

8:02 · 27 mar. 26 · 659 Visualizações

negando-se a existência de preocupações legítimas de segurança. O tropo articula-se então a ideias de crueldade, sede de sangue, poder excessivo e responsabilidade coletiva dos judeus por conflitos e guerras.

A acusação de misantropia talvez constitua um dos eixos mais profundos da gramática antissemita. Em contraste à imoralidade e à vingança, associadas a comportamentos específicos, a misantropia opera como atribuição ontológica: a ideia de que os judeus nutririam desprezo estrutural pela humanidade não judaica, recusando-se a reconhecer sua dignidade moral.

Historicamente, essa acusação remonta à Antiguidade clássica. Autores greco-romanos como Tácito e Apion descreviam os judeus como povo separado, hostil aos demais e avesso à convivência social. A tradição cristã posteriormente reinterpretou práticas religiosas judaicas, como as leis dietéticas, normas de pureza e formas próprias de sociabilidade como evidências de uma suposta rejeição da humanidade universal (NIRENBERG, 2013).

No cristianismo medieval, a acusação de misantropia foi reforçada pela ideia de que os judeus constituiriam um povo "separado" e "particularista", em oposição à universalidade cristã. Assim, diferenças religiosas e culturais passaram a ser reinterpretadas como sinais de arrogância moral e desprezo pelos demais povos.

Ao longo da Idade Média, essa acusação articulou-se a tropos como envenenamento de poços, profanação de hóstias e conspirações contra a sociedade cristã, todos com base na premissa de que os judeus não apenas rejeitariam os não judeus, mas buscariam ativamente prejudicá-los.

Na modernidade, o antissemitismo racial transformou essa suposta separação em traço biológico. Autores racialistas e ideólogos nazistas passaram a descrever os judeus como incapazes de integração moral e social, apresentando-os como ameaça estrutural à ordem "saudável". No século XX, a ideologia nazista radicalizou essa lógica ao descrever os judeus como parasitas incapazes de empatia e solidariedade, legitimando sua exclusão e extermínio (→ 7. *desintegrador e degenerador*).

No período contemporâneo, o tropo reaparece frequentemente em discursos sobre Israel e o sionismo. Afirmações de que Israel não valoriza vidas não judaicas ou de que políticas israelenses refletiriam desprezo intrínseco pela humanidade, reproduzem amiúde a ideia de uma misantropia estrutural judaica, reduzindo conflitos complexos a expressões de uma suposta essência coletiva.

Após os ataques de 7 de Outubro de 2023, intensificaram-se discursos que descrevem Israel como intrinsecamente imoral e movido por vingança desproporcional, negando qualquer possibilidade de legítima defesa. Em ambientes digitais e redes sociais, tais formulações frequentemente simplificam conflitos complexos e atualizam antigas teorias conspiratórias em linguagem emocional e altamente viralizável.

Quando analisados em conjunto, esses tropos concentram elementos fundamentais da gramática antissemita: essencialização coletiva, desumanização, distinção ontológica entre "nós" e "eles" e atribuição de impulsos irracionais e violentos aos judeus enquanto grupo. Historicamente, essas construções sustentaram práticas de exclusão, perseguição e violência, sobretudo quando articuladas a outros tropos como conspiração, engano, crueldade e poder sem limites.

COMO IDENTIFICAR?

- Atribuição da vingança como traço essencial do judaísmo ou da "mentalidade judaica";
- Representação de judeus ou israelenses como agentes intrinsecamente cruéis, agressivos ou sedentos por sangue;
- Alegações de que respostas israelenses a conflitos seriam necessariamente desproporcionais por refletirem uma suposta natureza vingativa judaica;
- Afirmações de que judeus não possuem sentimentos morais como empatia, misericórdia, culpa ou compaixão;
- Ideias de que o judaísmo autorizaria ou incentivaria comportamentos imorais contra não judeus;
- Construção da imoralidade como característica essencial, coletiva e permanente dos judeus;
- Alegações de que judeus desprezam estruturalmente a humanidade não judaica;
- Representações de judeus como incapazes de convivência, solidariedade ou reconhecimento moral dos outros;
- Interpretação da diferença religiosa ou cultural judaica como evidência de hostilidade ativa contra a sociedade;
- Articulação dessas acusações com tropos de conspiração, desumanização e ameaça existencial.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais contemporâneas de antissemitismo reconhecem que acusações de imoralidade intrínseca, crueldade, misantropia ou sede de vingança dirigidas aos judeus constituem elementos centrais da tradição antissemita. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) considera antissemitas formulações que atribuam aos judeus características coletivas essencializadas, sobretudo quando os apresentam como grupo moralmente corrupto, hostil à humanidade ou motivado por impulsos destrutivos particulares. Embora a definição não mencione explicitamente os termos "misantrópicos" ou "vingativos", ela abrange representações que demonizam judeus, Israel ou o sionismo por meio de imagens de crueldade inerente, sede de sangue ou desprezo estrutural pelos não judeus. Quando tais acusações são transferidas ao Estado de Israel enquanto "coletividade judaica", especialmente em linguagem que sugere maldade essencial, desumanização ou prazer na violência, elas com frequência reproduzem padrões clássicos do imaginário antissemita.

A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) também reconhece como antissemitas representações que desumanizem judeus ou os tratem como inerentemente perversos, cruéis ou conspiratórios. Ao mesmo tempo, procura preservar a possibilidade de críticas severas a ações militares ou políticas do Estado de Israel, desde que permaneçam contextualizadas, específicas e não essencializem os judeus enquanto grupo. As zonas cinzentas surgem sobretudo quando denúncias de violência, desproporcionalidade ou violações de direitos humanos deixam de descrever ações concretas e passam a atribuir tais práticas a uma suposta essência moral judaica ou israelense. O ponto decisivo, em ambos os marcos definicionais, é a passagem da crítica política contextualizada para a construção de uma natureza coletiva intrinsecamente cruel, vingativa ou anti-humana.

9. Mentira, Engano, Infiltração e Dissimulação

Tratamos aqui de lugares-comuns que, embora semelhantes, diferem entre si de modo tênue, dependendo da época e do contexto em que são acionados. As acusações de mentira, engano, dissimulação e infiltração formam um núcleo central da gramática antissemita. Mentira e engano deixam de designar ações verificáveis e passam a ser concebidos como traços essenciais do caráter judaico: os judeus seriam, enquanto coletivo, intrinsecamente mentirosos, manipuladores, hipócritas e traiçoeiros.

A esse repertório somam-se os tropos da dissimulação e da infiltração. A dissimulação pressupõe que os judeus ocultariam suas verdadeiras intenções sob aparência de cordialidade, patriotismo ou civilidade. Já a infiltração acrescenta dimensão política e institucional: segundo essa lógica, judeus penetrariam secretamente em governos, universidades, meios de comunicação, partidos ou movimentos sociais com o objetivo de manipulá-los "por dentro". O resultado é a figura do judeu como ator oculto e desagregador da confiança social. Esses tropos articulam-se a outros, como conspiração, dupla lealdade, traição e poder oculto.

Do ponto de vista conceitual, essas acusações oferecem explicações simplificadoras para contextos sociais complexos. Klaus Holz observa que o antissemitismo moderno opera como visão de mundo capaz de atribuir coerência imaginária a crises históricas por meio da figura do judeu como mediador invisível e desagregador (HOLZ, 2010). Monika Schwarz-Friesel e Jehuda Reinharz mostram que o antissemitismo contemporâneo mantém forte dimensão linguística e cognitiva: judeus são constantemente representados como agentes de manipulação discursiva, falsificação moral e inversão da realidade (SCHWARZ-FRIESEL; REINHARZ, 2017). Assim, acusá-los de mentir não significa apenas insultá-los, mas lhes retirar legitimidade moral e política.

As raízes desse imaginário são antigas. No antijudaísmo cristão, a acusação de falsidade estava ligada à recusa judaica em reconhecer Jesus como messias e à ideia de que os judeus deturpariam deliberadamente as Escrituras. Essa tradição aparece em autores medievais como Petrus Alfonsi (2006) e Pierre Abélard (1993) e ganha formulação radical em Martinho Lutero, especialmente em *Von den Juden und ihren Lügen*; 1543 (*Dos Judeus e Suas Mentiras*).

A ligação entre mentira e traição tornou-se decisiva. A figura de Judas Iscariotes consolidou o arquétipo do judeu que trai por interesse material e oculta intenções perversas sob aparência de proximidade. A partir daí, a "falsidade judaica" sedimentou-se como componente da cultura europeia, naturalizando suspeitas permanentes contra a presença judaica em sociedades majoritárias.

Na modernidade, essas acusações assumem novo caráter. Com a emancipação judaica e o avanço do nacionalismo, o judeu assimilado passou a ser visto não apenas como herege, mas como sujeito dissimulado, capaz de aparentar lealdade nacional enquanto serviria secretamente a outros interesses. A suspeita de dupla lealdade ganha força nesse contexto.

O Caso Dreyfus constitui exemplo emblemático. A condenação injusta de Alfred Dreyfus por espionagem, em 1894, condensou o imaginário do judeu infiltrado no aparelho estatal e desleal à pátria. Hannah Arendt observou que o episódio revelou a força da associação entre judaicidade, traição e intriga política. Após a Primeira Guerra Mundial, a lenda da "punhalada pelas costas" incorporou intensamente esse repertório, atribuindo a derrota alemã a judeus, socialistas e outros "inimigos internos".

Nesse momento, a infiltração ganha especial relevância. O judeu deixa de ser apenas o mentiroso e passa a ser aquele que ocupa lugares estratégicos, fala a linguagem nacional e justamente por isso seria mais perigoso. O perigo não viria de fora, mas de dentro, legitimando mecanismos de vigilância, exclusão e expurgo.

Durante o nazismo, essas acusações foram radicalizadas e incorporadas ao projeto genocida. A propaganda nazista apresentava os judeus como mestres da fraude, da corrupção da linguagem e do disfarce. Eles seriam capazes de se passar por "civilizados" enquanto conspirariam secretamente contra a Alemanha e a "raça ariana". Mentira, infiltração e dissimulação tornam-se então dimensões inseparáveis.

A figura do judeu infiltrado foi central para a biopolítica nazista: justificava-se a necessidade de "desmascará-lo", identificá-lo e removê-lo do corpo nacional. Richard Evans (2021) e Ian Kershaw (2016) mostram que teorias conspiratórias e linguagem do inimigo interno foram fundamentais para dar coesão à visão de mundo nazista. A perversidade dessa estrutura está no fato de que qualquer reação judaica servia como prova adicional de culpa: se o judeu protesta, manipula; se se vitimiza, encena; se reivindica direitos, engana.

Após a guerra, esse imaginário reaparece nas correntes negacionistas. Auschwitz seria uma "mentira", testemunhos seriam fabricados e a memória do genocídio funcionaria como instrumento de chantagem moral ou política. O chamado antissemitismo secundário reorganiza a velha acusação de mentira em torno da ideia de que os judeus transformariam o Holocausto em recurso estratégico de poder.

No pós-1945, especialmente após a consolidação pública da memória do Holocausto, a acusação de mentira assume formulações mais sofisticadas. Em vez de afirmar diretamente que "os judeus mentem", recorre-se a expressões como "vitimismo", "indústria do Holocausto", "culto da culpa" ou "instrumentalização do antissemitismo". Nessas formulações, judeus seriam acusados de utilizar o sofrimento histórico para obter vantagens políticas, financeiras ou simbólicas.

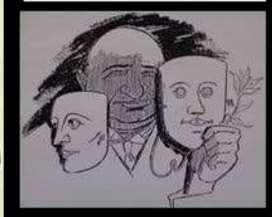
Esse deslocamento é central para a persistência contemporânea do tropo. Em vez do insulto direto, mobiliza-se a suspeita permanente: denúncias de antissemitismo seriam mecanismos de censura; o Holocausto funcionaria como escudo moral; judeus exagerariam ameaças para obter privilégios. Após 7 de Outubro de 2023,

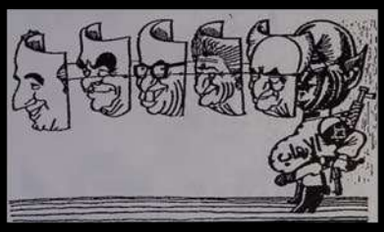
O cavalo de Troia sionista

CADA VEZ MAIS OS JUDEUS VEM SENDO DESMASCARDOS A VERDADE SEMPRE APARECE, OS JUDEUS JÁ VEM CONTROLANDO E MANIPULANDO A ECONOMIA ,POLÍTICA E RELIGIÃO A MUITOS TEMPO. ESPERO QUE UM DIA ISSO ACABE.

Responder

(((quem))) será que está por trás disso tudo 🇮🇱🐍





sem

Os mestres na arte do disfarce e de se fazer de vítima, tanto de judeu que tinha na SS e no serviço de inteligência alemão, fora os que tava apoiando a Itália

6

Responder

h

O sionismo está em todos os lugares. Dá medo 😳

Responder

Ver comentários ocultos

A máscara caiu israhell e satanyahu são os mais odiados do mundo os novos nazis ou até pior

Responder

[redacted] Seguir

Em resposta a [redacted]

Fale a etnia (((deles))).

21:38 · 04 dez. 23 · **190** Visualizações

NAMING IS HALF THE BATTLE

o judeu está imunizado contra todos os perigos,
pode-se chamá-lo de canalha, parasita, vigarista, aproveitador, tudo corre nele como água em uma capa de chuva, mas chame-o de judeu e você ficará surpreso ao ver como ele recua, como ele está ferido, como ele de repente recua.

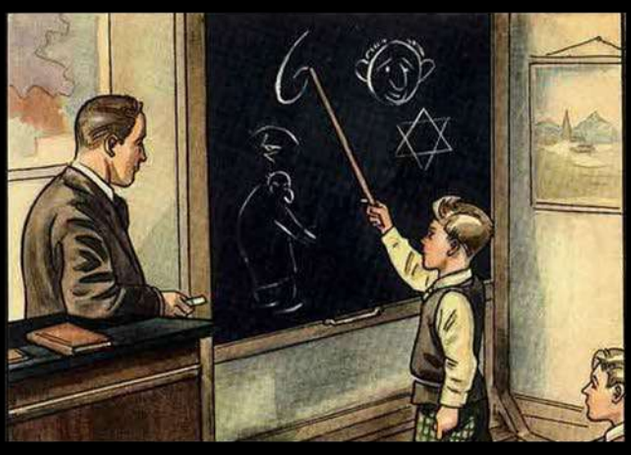
Só faltou vc mencionar a etnia dos envolvidos.

Well 🐀 well 🧃 well 🤙

🚨 NÃO VOU PARAR 🚨

Doa a quem doer irei continuar expondo os agentes do sionismo INFILTRADOS na esquerda.

E já tenho o próximo nome na mira!



intensificaram-se acusações de que judeus e israelenses "mentiriam" sobre massacres, estupros, reféns ou sobre o próprio crescimento do antissemitismo mundial.

A contemporaneidade digital reconfigurou profundamente a circulação desses estereótipos. Redes sociais aceleram a difusão de acusações simplificadoras, transformam suspeitas em viralidade e recompensam conteúdos emocionalmente intensos. A mentira atribuída ao "judeu", ao "sionista" ou a Israel circula hoje em memes, vídeos curtos, *slogans*, comentários e montagens. Qualquer documento pode ser considerado falso; qualquer testemunho pode ser tratado como propaganda; qualquer dado pode ser reinterpretado como manipulação.

Nesse ambiente, a acusação de mentira articula-se especialmente a dois mecanismos: a suspeita sistemática – tudo que judeus ou instituições judaicas dizem passa a ser presumido como falso – e a inversão moral, segundo a qual o judeu ou o israelense seria aquele que, além de praticar violência, ainda manipularia a linguagem para parecer vítima. Mentira, engano e instrumentalização fundem-se assim em um único repertório.

A dissimulação acrescenta uma dimensão identitária: o judeu seria acusado de esconder quem realmente é. Esse tropo aparece historicamente nas suspeitas contra judeus convertidos, "criptojudeus" e judeus assimilados. A infiltração amplia essa lógica para o campo político e institucional. Em teorias conspiratórias modernas, judeus "infiltram-se" em universidades, mídia, sistema financeiro, organismos internacionais ou movimentos sociais, travestidos de intelectuais, jornalistas, filantropos ou defensores de direitos humanos.

Robert Wistrich (2011) e Monika Schwarz-Friesel; Jehuda Reinharz (2017) observam que esse tipo de narrativa estrutura grande parte do antissemitismo contemporâneo ao oferecer explicações simples para crises políticas, culturais e geopolíticas complexas. A infiltração torna-se, assim, uma versão politicamente sofisticada da antiga acusação medieval de falsidade: o judeu continua sendo aquele que age mascarado e oculto.

No Brasil, essas acusações aparecem frequentemente articuladas a repertórios globais importados. O relatório anual da Confederação Israelita do Brasil (Conib) registrou 989 ocorrências de antissemitismo em 2025, destacando o papel central do ambiente digital. Nesse contexto, surgem acusações de que organizações judaicas "inventariam" casos de antissemitismo, de que Israel "manipularia" mídia e governos ou de que judeus e "sionistas" se infiltrariam em instituições para controlar agendas políticas e culturais.

Esses tropos circulam tanto em ambientes de extrema direita quanto em setores da esquerda radicalizada, embora com linguagens distintas. Em um polo, predominam fantasias de infiltração financeira e midiática; no outro, reaparecem acusações de que Israel e o "sionismo" manipulam moralmente o debate público por meio do trauma do Holocausto e de denúncias de antissemitismo. Em ambos os casos, o efeito é semelhante: retirar credibilidade de judeus, de suas instituições e de suas narrativas de sofrimento.

Nem toda acusação de mentira dirigida a uma pessoa judia é antissemita. O tropo torna-se antissemita quando a acusação deixa de ser específica, verificável e contextualizada e passa a essencializar uma suposta propensão judaica à falsidade, manipulação, vitimização estratégica ou atuação encoberta. Isso vale tanto para indivíduos quanto para coletivos, organizações judaicas, Israel ou "sionistas" quando o termo funciona como código para "judeus".

Esse tropo é antissemita também porque se ancora em longa tradição histórica. Ao mobilizar mentira, engano, dissimulação e infiltração, o discurso reativa imagens sedimentadas por séculos de antijudaísmo cristão, nacionalismo antissemita, propaganda nazista, negacionismo do Holocausto e teorias conspiratórias modernas. Sua função é clara: tornar os judeus indignos de confiança e naturalizar sua exclusão.

COMO IDENTIFICAR?

- Judeus, Israel, israelenses, sionismo ou "sionistas" são apresentados como intrinsecamente mentirosos, manipuladores ou traiçoeiros.
- Acusações de manipulação deixam de se referir a fatos específicos e passam a descrever suposta tendência coletiva permanente.
- Alegações de que judeus "se fazem de vítimas" para obter vantagens políticas, financeiras ou simbólicas.
- Afirmações de que denúncias de antissemitismo, relatos sobre o Holocausto ou testemunhos de violência seriam fabricados, exagerados ou instrumentalizados.
- Representações de judeus ou "sionistas" como infiltrados em governos, universidades, mídia, sistema financeiro ou movimentos sociais.
- Uso da linguagem da suspeita absoluta ("eles sempre mentem", "ninguém acredita mais") para negar credibilidade coletiva aos judeus;
- Associação desses tropos a conspiração, deslealdade, poder oculto, manipulação ou "controle" de instituições.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais contemporâneas de antissemitismo reconhecem que acusações de mentira, manipulação, dissimulação e infiltração constituem elementos centrais da tradição antissemita. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) considera antissemitas alegações segundo as quais judeus controlariam governos, mídia, economia ou instituições por meio de influência secreta, conspiratória ou manipuladora. Embora não utilize explicitamente os termos "mentira" ou "dissimulação", ela abrange formulações que atribuem aos judeus uma tendência coletiva à fraude, à manipulação discursiva ou à instrumentalização moral, especialmente quando essas acusações envolvem o Holocausto, denúncias de antissemitismo ou o Estado de Israel concebido como "coletividade judaica". A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) igualmente reconhece como antissemitas narrativas conspiratórias sobre "controle judaico", "lobbies ocultos" ou manipulação coordenada de instituições, bem como acusações coletivas de engano inerente ou infiltração secreta.

As zonas cinzentas surgem sobretudo na distinção entre crítica contextualizada e suspeita conspiratória. Questionar informações específicas, investigar governos, criticar organizações políticas ou debater estratégias de comunicação não constitui, por si só, antissemitismo. O problema emerge quando críticas deixam de ser dirigidas a fatos verificáveis e passam a pressupor uma tendência essencialmente judaica à falsidade, ao encobrimento ou à manipulação estratégica. O mesmo vale para debates sobre Israel e o sionismo: críticas a políticas concretas tornam-se problemáticas quando associadas a fantasias de infiltração global, controle oculto ou instrumentalização deliberada do sofrimento judaico. Em ambos os marcos definicionais, o critério central é a passagem da crítica específica para a construção conspiratória de um coletivo percebido como estruturalmente enganador, infiltrado e indigno de confiança.

10. Ganância, Avareza e Parasitismo

Entre os lugares-comuns do antissemitismo, poucos apresentam tanta continuidade e adaptabilidade quanto a associação entre judeus, ganância, avareza, exploração e parasitismo econômico e cultural. Como observa Maria Luiza Tucci Carneiro, os judeus são frequentemente representados como "avarentos", "pão-duros" e "sovinas", indiferentes ao sofrimento alheio e movidos apenas pelo lucro (TUCCI CARNEIRO, 2021). A essa imagem soma-se a acusação de que viveriam "do trabalho alheio", sugando a riqueza produzida por outros povos.

Embora relacionadas, as ideias de ganância e parasitismo operam de maneira distinta. A primeira atribui aos judeus um desejo ilimitado de acumulação; a segunda enfatiza uma suposta improdutividade, segundo a qual os judeus enriqueceriam sem produzir nada de valor. Ambas convergem na ideia de uma afinidade "natural" com o dinheiro e de uma incapacidade de estabelecer relações sociais justas (*mentira, engano, infiltração e dissimulação*). Em muitos casos, a acusação extrapola a economia e assume a forma de "parasitismo cultural", apresentando os judeus como apropriadores da cultura alheia e como um povo artificial, sem autenticidade própria (→ 5. *artificialidade e inautenticidade*). Em sua versão contemporânea, essa lógica é frequentemente transferida ao Estado de Israel, retratado como um "Estado artificial", "colonial" ou "apropriador" (→ 29. *Israel como estado colonial, sionismo como ideologia colonialista e judeus como colonizadores* e → 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*).

Léon Poliakov observa que, na Antiguidade pagã, inexistia a imagem do judeu como usurário ou financista. Judeus exerciam múltiplas profissões – agricultura, artesanato, serviço militar e funções administrativas – e eram frequentemente percebidos pelos romanos como pobres. "Nenhum autor pagão jamais os caracterizou como mercadores", afirma o autor (POLIAKOV, 2003a). A associação estrutural entre judaísmo e dinheiro emerge sobretudo no interior da cultura cristã. A oposição paulina entre "carne" e "espírito" converteu o "judaísmo" em símbolo da literalidade, da materialidade e da submissão ao mundo físico, em contraste com a espiritualidade cristã (NIRENBERG, 2013).

Episódios do Novo Testamento, como a expulsão dos vendilhões do templo e a traição de Judas por trinta moedas de prata, foram progressivamente reinterpretados como provas da corrupção moral judaica, associando judaísmo, dinheiro e traição (→ 1. *deicídio* e → 7. *desintegrador e degenerador*). Judas passou a funcionar como arquétipo do judeu ganancioso, imagem consolidada também pela iconografia cristã, na qual ele frequentemente aparece segurando uma bolsa de moedas.

Na Idade Média, restrições econômicas e jurídicas intensificaram essa associação. Excluídos da posse da terra e de muitas corporações de ofício, parte dos judeus passou a atuar no comércio e no empréstimo a juros – atividade permitida pelo judaísmo, mas condenada pela doutrina cristã. Embora cristãos também praticassem amplamente a usura, a figura do credor judeu tornou-se símbolo do explorador que lucraria com a miséria alheia (ROTH, 2003; TUCCI CARNEIRO, 2021). A metáfora do "sugador de sangue" reaparece nesse contexto, articulando exploração econômica e imaginário da calúnia de sangue (→ 3. *calúnia de sangue*).

Discursos teológicos legitimaram essa representação. Tomás de Aquino defendia que o dinheiro obtido pelos judeus por meio da usura não lhes pertenceria legitimamente e argumentava que deveriam ser direcionados ao trabalho manual (AQUINO, 2008). Martinho Lutero radicalizou essa lógica em *Dos Judeus e Suas Mentiras* (1543), descrevendo os judeus como preguiçosos, exploradores e enriquecidos "às custas do suor" dos cristãos, defendendo sua expulsão e espoliação (LUTERO, 1993).

A relação entre judeus e poder político também foi decisiva para a consolidação desse imaginário. Conforme analisa David Nirenberg, o instituto medieval da *servitus judaeorum* transformava os judeus em "servos da câmara real", diretamente subordinados ao soberano e utilizados como instrumentos fiscais e financeiros. Isso permitia aos monarcas explorarem economicamente as comunidades judaicas por meio de impostos, empréstimos e confiscos, ao mesmo tempo que o ressentimento popular era direcionado contra os próprios judeus, e não contra as estruturas de poder que os instrumentalizavam (NIRENBERG, 2013).

Na modernidade, essas acusações passaram a integrar aquilo que se convencionou chamar de "antissemitismo econômico". Ainda que os judeus ocupassem posições marginais nos sistemas financeiros europeus, a figura do "judeu financista" consolidou-se culturalmente por meio da literatura, do teatro e da imprensa (TRIVELLATO, 2019). Personagens como Shylock, em *O Mercador de Veneza*, cristalizaram a imagem do usurário cruel, obcecado pela literalidade contratual e pela extração da "libra de carne" do devedor. A oposição entre espiritualidade cristã e materialismo judaico foi, assim, deslocada para o campo econômico e jurídico.

Mesmo autores iluministas reproduziram essa lógica. Voltaire descreveu os judeus como um povo marcado pela "ganância mais sórdida", enquanto Kant definiu o judaísmo como uma "nação de comerciantes sem honra" (citado em POLIAKOV, 2003c). No século XIX, a acusação assumiu também um caráter cultural: autores como Ernest Renan, Richard Wagner e Houston Stewart Chamberlain negavam aos judeus a capacidade de produzir cultura autêntica, descrevendo-os como imitadores e apropriadores da criatividade "ariana" (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*).

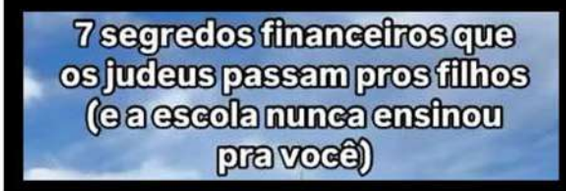
A crítica ao capitalismo moderno frequentemente incorporou essas imagens. Em *Zur Judenfrage* (Sobre a Questão Judaica), Karl Marx associou o "judaísmo" ao domínio do dinheiro e da barganha, ainda que sua crítica estivesse dirigida à própria sociedade cristã (MARX, 2010). Outros autores foram mais explícitos: Proudhon defendia a expulsão ou extermínio dos judeus, enquanto Bakunin os descrevia como "um único parasita devorador" (PARDO; DELOR, 2024). Essas formulações demonstram como parte do pensamento socialista e anarquista reciclou tropos antijudaicos tradicionais sob linguagem política e econômica moderna.

@[redacted] · 36min

Em resposta a @[redacted]

Essa raça de sionista só pensam em dinheiro.

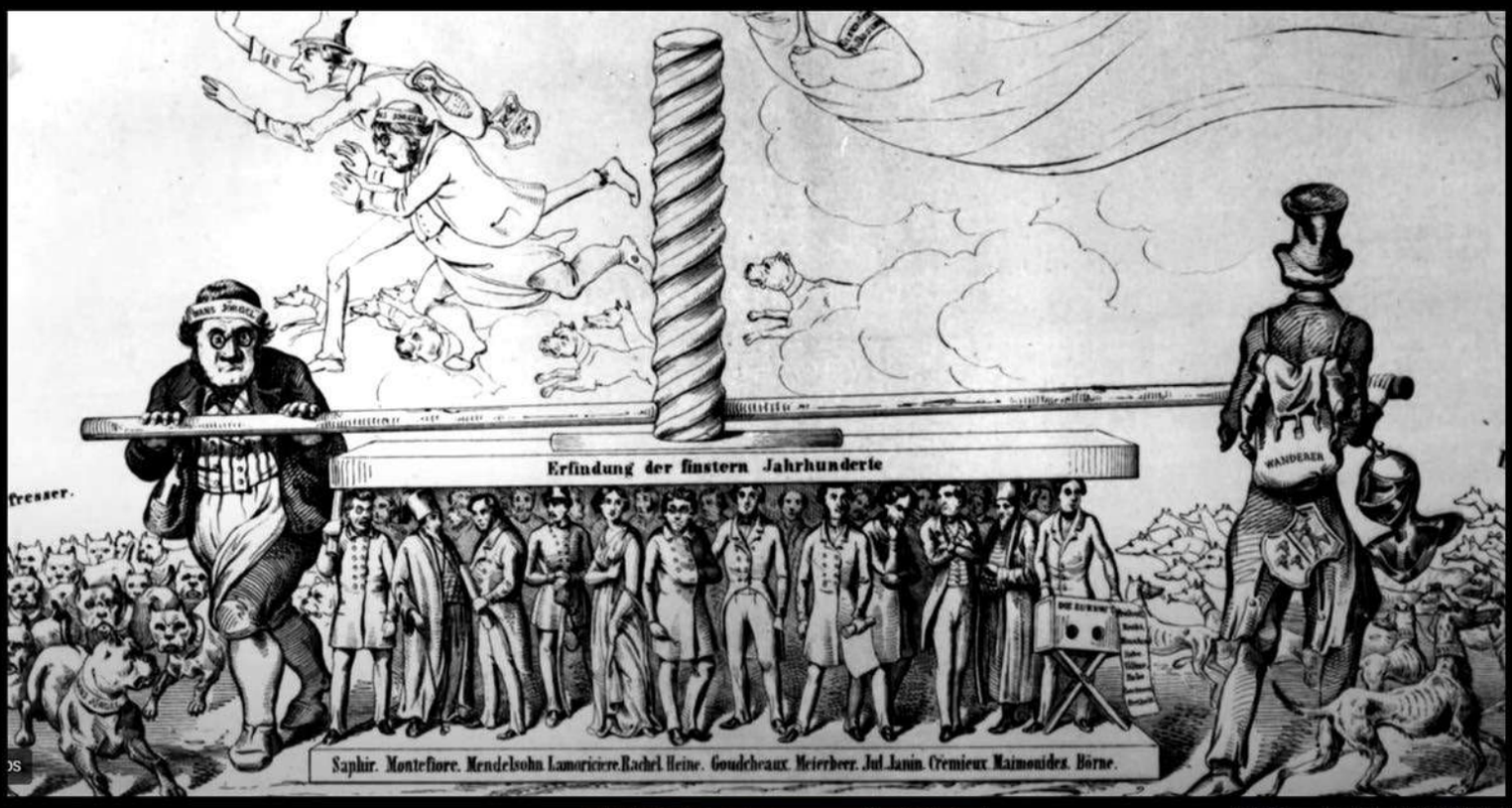
5 129

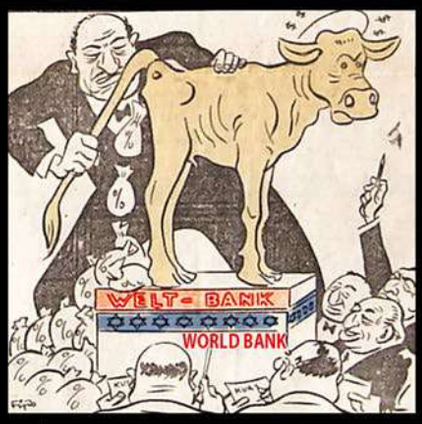


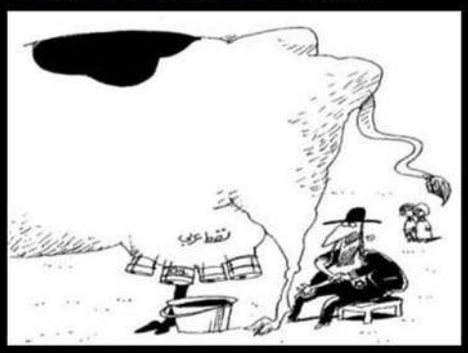
"Eu cobrava juros até da minha avó"

"Sem imposto sobre a morte, sem imposto sobre herança, sem ir aos bancos e pedir empréstimos, em alguns casos, a um banqueiro decente e, em alguns casos, a Shylocks e pessoas más", disse ele. "Eles destruíram muitas famílias, mas fizemos o oposto."

nesse caso; não por menos os sonistas tem os olhos saltados de ódio e cobiça

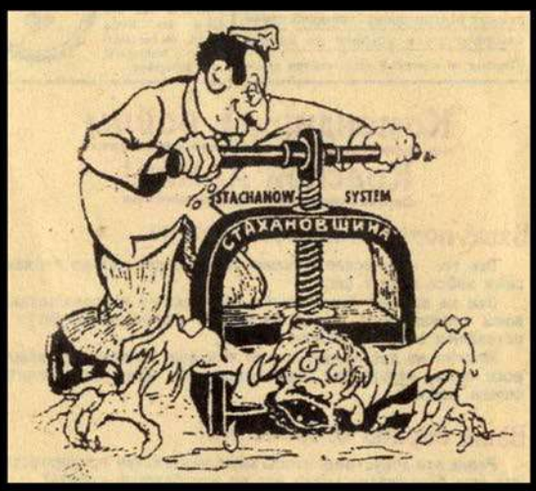






COLONOS SIONISTAS PARASITAS

Enquanto nos EUA quase 2 milhões de pessoas vivem em seus carros porque não conseguem pagar o aluguel, em "israel" 900 mil colonos judeus sionistas vivem com tudo gratuito, pago com impostos americanos.



A culminação dessa lógica ocorreu nas teorias conspiratórias sobre um suposto controle judaico do mundo (→ 15. *dominação mundial*). *Os Protocolos dos Sábios de Sião* apresentavam os judeus como manipuladores das finanças globais e arquitetos da submissão dos "góim" por meio da dívida e da especulação. Henry Ford, em *The International Jew* (O Judeu Internacional), descreveu os judeus como avessos ao "trabalho produtivo", dedicados apenas ao lucro e ao parasitismo financeiro, afirmando que crises econômicas e guerras lhes seriam particularmente vantajosas (FORD, 1989).

Pardo e Delor (2024) descrevem esse mecanismo como uma "crítica truncada do capitalismo": em vez de questionar as estruturas do sistema, o ressentimento social é deslocado para os judeus, concebidos como representantes do capital financeiro "parasitário", em oposição a um suposto capital produtivo e nacional. Essa lógica transforma problemas estruturais da economia em características raciais ou culturais, funcionando como um "socialismo dos imbecis".

Na Alemanha nazista, a metáfora do parasitismo foi radicalizada em linguagem pseudocientífica. Judeus passaram a ser descritos como "parasitas", "cancros", "vermes" e "sanguessugas" que corromperiam o corpo nacional alemão. Essa retórica mobilizava uma longa tradição que associava os judeus à doença e à contaminação (→ 17. *disseminadores de doenças*), mas agora apresentada como justificativa para uma suposta "profilaxia racial" culminando na "Solução Final". Obras como *Der Giftpilz* (O Cogumelo Venenoso) ensinavam crianças alemãs que "os judeus são como cogumelos venenosos" e que causariam "miséria, doença e morte" (TUCCI CARNEIRO, 2021).

A propaganda nazista difundida no Oriente Médio reproduziu essa linguagem, descrevendo os judeus como "germes parasitas sugadores de sangue" (BODANSKY, 1999). No Brasil do Estado Novo, autoridades diplomáticas também retratavam refugiados judeus como "inassimiláveis", "inúteis" e "exploradores da nacionalidade", utilizando imagens de parasitismo e ameaça nacional para justificar políticas restritivas de imigração (TUCCI CARNEIRO, 2021).

Com a criação do Estado de Israel, parte desse repertório foi deslocada para a autodeterminação judaica. Israel passou a ser retratado como um Estado "artificial", "parasitário" e sustentado por manipulação financeira internacional. Acusações de "apropriação cultural" e "roubo de terras" frequentemente articulam-se à ideia de um "lobby sionista" capaz de controlar governos e instituições. A Carta do Hamas de 1988 exemplifica esse imaginário ao afirmar que os judeus controlariam imprensa, revoluções e sistemas econômicos mundiais para explorar outros povos (→ 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*).

No pós-Holocausto, surgiu ainda a acusação de que os judeus "lucrariam" com o Holocausto. Em *The Holocaust Industry* (A Indústria do Holocausto), Norman Finkelstein (2001) sustenta que o genocídio teria sido transformado em instrumento político e financeiro, ideia frequentemente apropriada por discursos antissemitas que descrevem os judeus como exploradores do próprio sofrimento histórico (→ 20. *vitimização estratégica* e → 24. *negação e distorção do Holocausto*). Em paralelo, autores como Shlomo Sand (2011) passaram a sustentar que o sionismo teria "inventado" uma identidade judaica moderna para legitimar a apropriação territorial da Palestina, argumento frequentemente mobilizado em meios antissionistas e neonazistas.

No campo decolonial contemporâneo, autores como Lorenzo Veracini (2015) descrevem o sionismo como um colonialismo "vampírico", reativando metáforas clássicas do parasitismo. Acusações de apropriação cultural – envolvendo culinária, dança, paisagem e patrimônio palestinos – são frequentemente articuladas à ideia de que Israel seria uma entidade artificial e predatória. Como observa Benjamin Wexler, Israel passa então a ser representado como "um vampiro entre as nações" (WEXLER, 2024).

No ambiente digital contemporâneo, esses estereótipos reaparecem em memes como o "Mercador Feliz" (*Happy Merchant*), caricatura disseminada em fóruns extremistas que representa um judeu esfregando as mãos com satisfação gananciosa. Ao mesmo tempo, formas aparentemente positivas de filossemitismo também podem reproduzir essencializações semelhantes, atribuindo aos judeus uma "habilidade natural" para os negócios ou para o capitalismo.

COMO IDENTIFICAR?

- Discursos que apresentam judeus, israelenses ou sionistas como movidos exclusivamente por lucro, dinheiro ou enriquecimento, inclusive em temas políticos, culturais ou diplomáticos;
- Essencialização da ganância como característica "natural", "biológica" ou inerente aos judeus enquanto coletivo;
- Uso de caricaturas e memes associados ao imaginário antissemita clássico, como o "Mercador Feliz" ou imagens de mãos controlando dinheiro, bancos ou o mundo;
- Referências a Judas, Shylock ou ao "Bezerro de Ouro" como metáforas para caracterizar judeus contemporâneos, Israel ou o sionismo;
- Narrativas segundo as quais judeus "não produzem nada", mas apenas manipulam, exploram, roubam ou vivem do trabalho de outros povos;
- Uso de metáforas biológicas como "parasitas", "sanguessugas", "vampiros", "vermes" ou "vírus" para descrever judeus ou Israel;
- Acusações de que Israel ou os judeus seriam culturalmente "inautênticos", apropriando-se de culturas, tradições e patrimônios alheios;
- Discursos conspiratórios sobre "capital financeiro internacional", "oligarcas" ou "lobbies" apresentados de forma codificada como sinônimo de "poder judaico".

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e pela *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) convergem ao reconhecer que acusações de ganância, financismo, exploração e parasitismo podem atualizar tropos antissemitas clássicos quando atribuem aos judeus características coletivas essencializadas ou conspiratórias. A definição da IHRA considera antissemitas alegações sobre um suposto poder judaico oculto, manipulação econômica global ou imputações coletivas dirigidas ao "judeu" enquanto categoria abstrata, inclusive quando essas imagens são transferidas ao Estado de Israel concebido como "coletividade judaica". Nesse sentido, acusações de que Israel seria uma entidade "artificial", "parasitária" ou sustentada apenas por manipulação financeira podem configurar antissemitismo quando negam exclusivamente aos judeus o direito à autodeterminação nacional ou reproduzem imagens clássicas de exploração e dominação econômica. A JDA, por sua vez, também considera antissemitas referências a judeus como inerentemente gananciosos, manipuladores ou controladores das finanças, mas protege críticas fundamentadas a políticas econômicas, militares ou territoriais de Israel, desde que não mobilizem símbolos conspiratórios ou essencializações coletivas.

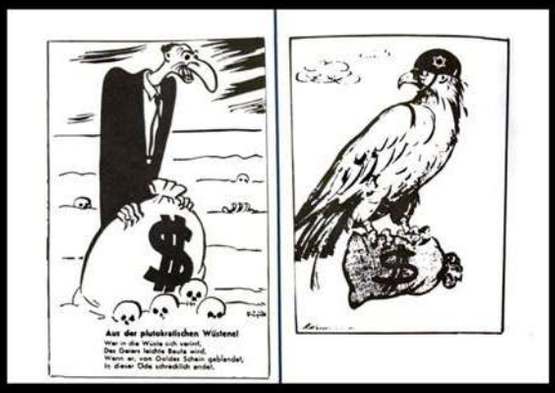
As zonas cinzentas surgem sobretudo na distinção entre crítica econômica legítima e personificação antissemita do capitalismo. Críticas a bancos, oligarquias, políticas financeiras ou desigualdades estruturais não constituem, por si, antissemitismo; tornam-se problemáticas quando utilizam códigos históricos associados ao "poder judaico", ao "capital parasitário" ou à ideia de conspiração financeira global. Da mesma forma, debates sobre colonialismo, apropriação cultural ou ocupação territorial deixam de ser apenas controvérsias políticas quando passam a negar singularmente a legitimidade da existência judaica coletiva ou a reproduzir metáforas clássicas de parasitismo, vampirismo e exploração inerente. Em ambos os marcos definicionais, o critério decisivo reside na passagem da crítica contextualizada para a essencialização coletiva, conspiratória e desumanizante.

Todo judeu sionista é um porco ladrão e assassino como este, à espera do momento de manifestar sua tara demoníaca. O mundo só vai recuperar a sanidade com o fim daquele estado parasita.

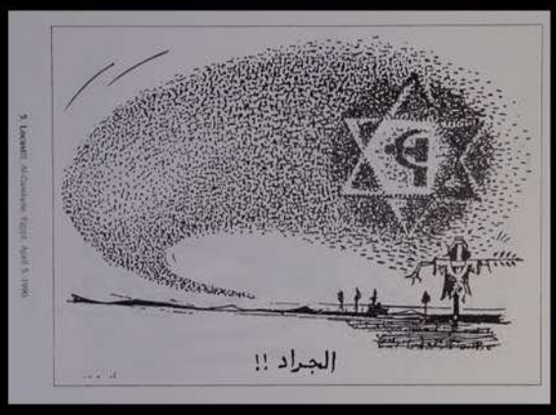
Os americanos não imaginam o que o parasita lhes fará assim que o parasita perceber que não lhes consegue sacar mais nada. Eles vão destruir o hospedeiro. Não foi por falta de aviso, é falta de memória e respeito pelos nossos antepassados. O judeu "apenas" judeia como sempre fez.

Apesar dos akenazis se esconderem por trás do povo hebreu aprenda uma coisa que até os judeus tinham dificuldade em entender:

Sionista não é judeu, é um parasita invasor que usa o povo judeu e seu sofrimento como passaporte para seu projeto de supremacia e dominação.



Isto é o sionismo, abutres parasitas que vivem sobre os cadáveres de palestinos nativos desde 1948.



11. Desumanização e Repulsividade

Um dos desafios para a correta identificação ou decodificação do antissemitismo é o fato de que ele tem sido frequentemente descrito como um ódio de natureza "abstrata", no qual os judeus são concebidos como encarnações de forças intangíveis, como o capitalismo, a modernidade ou a dissolução social, operando em um nível quase metafísico (POSTONE, 1986). De fato, diversas narrativas conspiratórias atribuem aos judeus um poder difuso e estrutural, frequentemente descrito em termos quase demiúrgicos, em contraste com outras formas de racismo que enfatizam inferiorizações biológicas ou morais diretas.

Entretanto, essa dimensão abstrata não exclui, e pelo contrário, articula-se historicamente com uma inscrição material do preconceito no corpo judeu. Ao longo de séculos, construíram-se repertórios discursivos e imagéticos que associam judeus à corrupção física, à degenerescência e à repulsividade. Essa operação simbólica vincula o corpo à moral, convertendo a aparência em evidência de uma suposta essência negativa.

A patologização do corpo judeu antecede o antissemitismo racial moderno e remonta ao período medieval (GILMAN, 1991; Resnik, 2012). Nesse contexto, características como aparência, alimentação, higiene e práticas culturais eram mobilizadas para marcar o judeu como o Outro – estrangeiro, impuro e perigoso (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*). A imaginação cristã medieval frequentemente atribuía aos judeus traços demonológicos, como chifres ou marcas corporais distintivas (COHN, 1958). Mitos como o da menstruação masculina judaica, interpretada como punição divina, articulavam-se com o libelo de sangue, reforçando a associação entre judeus, impureza e violência ritual (BEUSTERIEN, 1999; RESNIK, 2000).

Essas representações contribuíram para a consolidação de estereótipos duradouros, como o do judeu fraco, efeminado e doente, em contraste com ideais de pureza, força e virilidade (SCHÜLER-SPRINGORUM, 2018). A oposição entre pureza e impureza, saúde e doença, torna-se, assim, um eixo estruturante da imaginação antissemita.

A associação entre judeus e doença ocupou lugar central nesse processo. Judeus foram historicamente vinculados a enfermidades físicas e mentais, muitas vezes nomeadas de forma a reforçar essa ligação (*Judenkratze, lepra Judaeorum*). Essas associações combinavam explicações teológicas com argumentos supostamente empíricos. Descrições como a de Johan Pezzl, no século XVIII, retratam judeus como sujos, degenerados e portadores de enfermidades (PEZZL, 1923).

No período moderno, tais representações foram reconfiguradas no vocabulário das ciências raciais. A repulsividade deixou de ser interpretada como punição divina e passou a ser concebida como expressão de inferioridade biológica ou degenerescência hereditária. Como observa Poliakov (1977), o antissemitismo moderno não abandona os mitos anteriores, mas os traduz em linguagem científica, mantendo sua estrutura simbólica.

O nacional-socialismo representa o momento de sistematização extrema dessa lógica. A propaganda nazista articulou elementos da tradição medieval com teorias raciais modernas, produzindo uma biopolítica da exclusão e do extermínio. Judeus foram representados como parasitas, vírus ou agentes infecciosos que ameaçariam o corpo do *Volk* (povo). Essa linguagem não era meramente retórica: ela operava como mecanismo de legitimação da violência. Ao transformar judeus em não humanos, ou em ameaças biológicas, tornava-se possível justificar sua eliminação.

Materiais como *Der Giftpilz* (O Cogumelo Venenoso; HIEMER, 1939) e o filme *Der Ewige Jude* (O Judeu Eterno; 1940) exploravam intensamente essas imagens, comparando judeus a ratos transmissores de doenças. Como demonstram Adorno e Horkheimer (1985), o antissemitismo nazista não apenas inferioriza, mas expulsa os judeus da própria categoria de humanidade, transformando-os em encarnações da negatividade absoluta.

Essa lógica foi fundamental para a operacionalização do genocídio. Como analisa Zygmunt Bauman (1998), o Holocausto não foi um colapso da modernidade, mas uma de suas possibilidades, na qual a racionalidade burocrática se articula com a desumanização moral. A construção do judeu como corpo repulsivo e ameaçador foi condição para a indiferença social diante de sua eliminação.

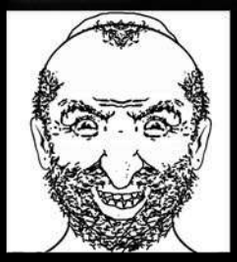
Apesar do colapso do nazismo, as estruturas simbólicas da repulsão e da desumanização não desapareceram. Elas foram reconfiguradas e adaptadas a novos contextos históricos, seguindo a mesma operatividade da persistência de outros lugares-comuns.

Na contemporaneidade, essas representações frequentemente emergem em discursos sobre Israel e o sionismo. Israel é retratado como "vírus", "câncer" ou "entidade parasitária", enquanto israelenses e judeus são comparados a animais ou criaturas monstruosas. Como observa Taguieff (2002), o antissemitismo contemporâneo opera por reconfiguração, não por ruptura: antigos tropos são atualizados em novas linguagens políticas.

Após os ataques de 7 de Outubro de 2023, observa-se uma intensificação dessas dinâmicas. A circulação de imagens desumanizantes, sobretudo em redes sociais e outros ambientes digitais, ampliou significativamente o alcance dessas narrativas. Judeus e israelenses passaram a ser representados, em diferentes contextos, como encarnações do mal absoluto, amiúde por meio de metáforas viscerais e repulsivas.

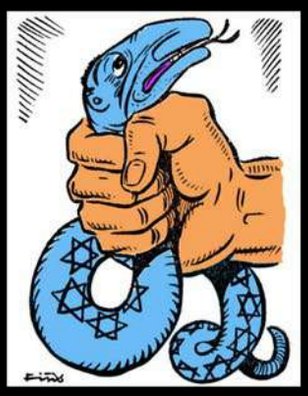
As redes sociais e as plataformas de mídia digitais desempenham papel central na disseminação contemporânea desses tropos. Plataformas digitais operam por lógica algorítmica que privilegia conteúdos de forte carga emocional, incluindo indignação, medo e repulsa.

Nesse contexto, imagens desumanizantes como caricaturas, memes e vídeos curtos tornam-se particularmente eficazes. A ambiguidade desses formatos permite a circulação de conteúdos que oscilam entre humor, ironia e hostilidade explícita, dificultando sua moderação.



Não os considero gente!
Curtir Responder

Zionistas🇮🇱🇮🇱🐷🐷🐀🐀💩💩
🖕🖕😭😭



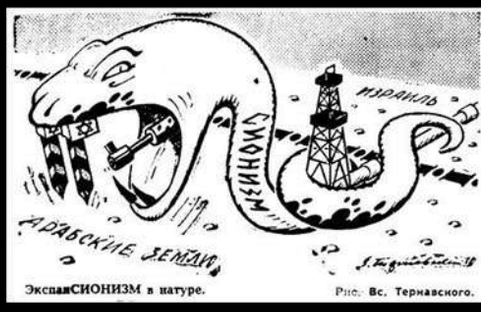
WALL-STREET

ЊЕГОВО ОРУЂЕ:
ДЕМОКРАТИЈА, МАСОНЕРИЈА
КОМУНИЗАМ, КАПИТАЛИЗАМ

CIVILISATIE

ANUL I No. 1
NUMARUL 10 BANI
Feriţi-vă
DE
JIDANI

Anul III
No. 2
FERIŢI-VĂ
DE
JIDANI
Redacţia şi
Administraţia
Str. Dăsciulescu II
(Cimitir) No. 24
BUCUREŞTI


МИРОВОЕ
СИОНИЗМ
НЕФТЬ
АРАБСКИЕ ЗЕМЛИ
ЭкспаяСИОНИЗМ в натуре.
Рис. Вс. Тернавского.

الأنتخابات الأسرائيلية !
www.mahjoob.com

في غزة

os PROTOCOLOS
dos SÁBIOS de SIÃO
TERCEIRA EDIÇÃO
O Imperialismo de Israel.
O Plano dos Judeus para
a Conquista do Mundo.
O Código do Anti-Cristo.
Provas de autenticidade,
documentos, notas e
comentários
TEXTO COMPLETO E APOSTILADO
por
GUSTAVO BARROSO

Além disso, a repetição constante dessas imagens contribui para sua normalização. Como argumenta Nussbaum (2004), a repulsa é uma emoção moralmente estruturante, capaz de justificar exclusões radicais. Quando mobilizada de forma sistemática, ela transforma percepções sociais e reduz a empatia em relação ao grupo-alvo.

A circulação digital também facilita a transnacionalização desses discursos. Imagens produzidas em um contexto específico são rapidamente apropriadas em outros, criando uma gramática global da desumanização.

No contexto brasileiro, fundamentalmente pós 7 de Outubro, essas dinâmicas se manifestam de forma crescente, especialmente no ambiente digital. Monitoramentos recentes indicam a circulação de conteúdos que associam judeus e Israel a metáforas de sujeira, doença, parasitismo ou animalidade, frequentemente combinadas com outros tropos antissemitas.

Essas representações aparecem em comentários nas redes sociais, charges políticas, memes e discursos de influenciadores digitais. Embora muitas vezes apresentadas como crítica política, elas reproduzem padrões históricos de desumanização.

Pesquisas conduzidas por organizações como a Confederação Israelita do Brasil (Conib), bem como estudos acadêmicos sobre discurso de ódio *on-line*, indicam que essas formas de representação tendem a se intensificar em momentos de crise internacional, especialmente quando eventos no Oriente Médio ganham visibilidade midiática.

O caso brasileiro evidencia, assim, a articulação entre dinâmicas globais e contextos locais. A linguagem da repulsão e da desumanização não é apenas importada, mas adaptada e reconfigurada em função das disputas políticas e culturais nacionais.

COMO IDENTIFICAR?

- Analogias entre judeus, israelenses ou Israel e animais, parasitas ou agentes patogênicos;
- Uso de metáforas de doença, infecção ou contaminação;
- Representações que negam humanidade ou atribuem ausência de moralidade;
- Referências a características físicas racializadas associadas a repulsa;
- Discursos que naturalizam ou legitimam exclusão, violência ou eliminação.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais contemporâneas de antissemitismo reconhecem que a desumanização constitui um dos elementos centrais da tradição antissemita. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) abrange manifestações que descrevem judeus, israelenses ou o Estado de Israel por meio de metáforas animalescas, patológicas ou monstruosas, sobretudo quando essas representações os associam a doenças, parasitas, sujeira, infecção, corrupção moral ou ameaça biológica. Embora a definição não utilize explicitamente os termos "repulsividade" ou "desumanização", ela considera antissemitas formas de demonização que negam a humanidade dos judeus ou os apresentam como agentes coletivos intrinsecamente malignos. No contexto contemporâneo, isso inclui discursos que descrevem Israel como "câncer", "vírus", "entidade parasitária" ou ameaça contaminadora da ordem internacional, em especial quando tais imagens mobilizam repertórios historicamente ligados à propaganda antissemita e à lógica da exclusão biopolítica. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) igualmente reconhece como antissemitas representações que desumanizam judeus enquanto coletivo, sobretudo quando mobilizam imagens clássicas de conspiração, degeneração ou ameaça civilizacional.

As zonas cinzentas surgem sobretudo em discursos políticos radicais, especialmente em contextos de guerra, polarização e circulação digital acelerada de imagens. Críticas severas às políticas do Estado de Israel, denúncias de violência militar ou acusações de violações de direitos humanos não constituem, por si mesmas, antissemitismo. Contudo, tornam-se problemáticas quando deixam de descrever ações específicas e passam a representar judeus, israelenses ou o próprio Israel como entidades essencialmente monstruosas, impuras ou desprovidas de humanidade. O ponto decisivo reside na passagem da crítica contextualizada para a animalização, patologização ou demonização coletiva. Em ambos os marcos definicionais, a transformação simbólica dos judeus em corpos repulsivos, contaminadores ou biologicamente ameaçadores constitui um dos indicadores mais claros da atualização contemporânea da gramática antissemita.

12. O Mal – Antissemitismo Redentor

Trata-se do lugar-comum que associa os judeus ao "mal absoluto", segundo o qual a superação, assimilação, expulsão ou aniquilação dos judeus, de suas instituições e de seus projetos históricos passa a ser vista não apenas como uma necessidade política, espiritual ou racial, mas como um imperativo salvífico para a redenção da humanidade.

O conceito de "antissemitismo redentor" foi formulado pelo historiador Saul Friedländer. Segundo sua análise, enquanto o antissemitismo racial convencional constitui apenas um dos elementos de uma visão de mundo racista mais ampla, no antissemitismo redentor a luta contra os judeus ocupa o centro da própria cosmologia política. A "questão judaica" deixa de ser periférica e passa a organizar toda a percepção da realidade. A sobrevivência da civilização, da nação ou da "raça" passa, então, a depender da eliminação da presença judaica. Diferentemente de formas ordinárias de preconceito ou xenofobia, essa formulação converte o judeu em uma figura quimérica do mal absoluto, concebido como ameaça cósmica e incontornável.

A fim de compreender o desenvolvimento histórico dessa formulação, é necessário observar como a figura do "judeu" foi mobilizada, em diferentes contextos históricos, para explicar os males do mundo. As raízes dessa inimizade metafísica remontam ao antijudaísmo cristão primitivo e à patrística, que passaram a representar teologicamente os judeus e o judaísmo como a antítese da salvação cristã. João Crisóstomo, por exemplo, descrevia a influência judaica como uma "doença" espiritual que deveria ser erradicada para proteger a comunidade cristã, retratando os judeus como seres associados ao demônio (→ 2. *demonização*) e suas sinagogas como moradas de espíritos malignos (NIRENBERG, 2013).

Foi a partir dessa base teológica que, durante a Idade Média, a imagem do "judeu demoníaco" adquiriu contornos cada vez mais físicos, conspiratórios e escatológicos. Narrativas de profanação da hóstia e de assassinatos rituais de crianças cristãs (→ 3. *calúnia de Sangue*), transformaram os judeus em símbolos máximos da maldade e da conspiração contra a Cristandade, vinculando-os à chegada do Anticristo e à corrupção moral do mundo cristão (FRIEDLÄNDER, 1998).

Um exemplo paradigmático da força e da letalidade desse antissemitismo redentor na Baixa Idade Média foi o extermínio de comunidades judaicas durante a epidemia da Peste Negra (1348-1349). A catástrofe que devastou a Europa não foi interpretada apenas como um fenômeno natural, mas como parte de um complô satânico de proporções cósmicas. Difundiu-se a crença de que os judeus haviam envenenado poços, rios e fontes de água (→ 17. *disseminadores de doenças*) em uma conspiração voltada à destruição da Cristandade (TRACHTENBERG, 2001).

Sob essa lógica escatológica, massacrar judeus não era percebido como crime, mas como dever redentor. Para uma sociedade atravessada pelo medo religioso, eliminar a presença judaica significava purificar o corpo social e espiritual da Europa. A perseguição assumiu, assim, o caráter de uma cruzada profilática, na qual a erradicação do judeu aparecia como condição necessária para a sobrevivência do mundo cristão.

Mais tarde, na Península Ibérica dos séculos XV e XVI, os defensores dos estatutos de "pureza de sangue" reinterpretaram esse imaginário em chave genealógica. Autores como Escobar del Corro descreviam os judeus convertidos e seus descendentes como uma linhagem permanentemente contaminada, lamentando que a Espanha estivesse "subjugada pelos adoradores do sábado e sua progênie infectada" (ESCOBAR DEL CORRO citado em POLIAKOV, 2003b, p. 226). A superação desse "mal" exigiria, portanto, vigilância inquisitorial, purificação social e expulsão.

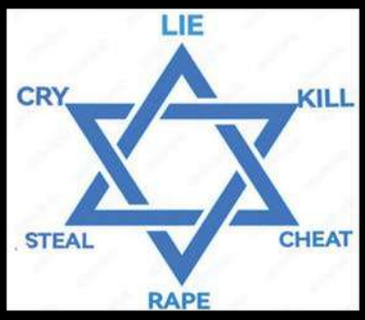
Essa longa amálgama construída no interior da Cristandade legou ao mundo moderno a ideia de que o combate ao judeu demandaria medidas absolutas. Com a entrada da Europa na Modernidade, o enfraquecimento do poder eclesiástico e o avanço do Iluminismo não eliminaram a associação entre judeus e o mal absoluto; apenas o deslocaram para categorias seculares baseadas no racismo e em teorias pseudocientíficas. Como observa Robert S. Wistrich (2010), se o antijudaísmo ainda admitia, ao menos em tese, a conversão como saída, o antissemitismo, como racismo moderno, eliminou essa possibilidade. A "maldade" judaica deixava de ser espiritual para tornar-se biológica, hereditária e supostamente incontornável.

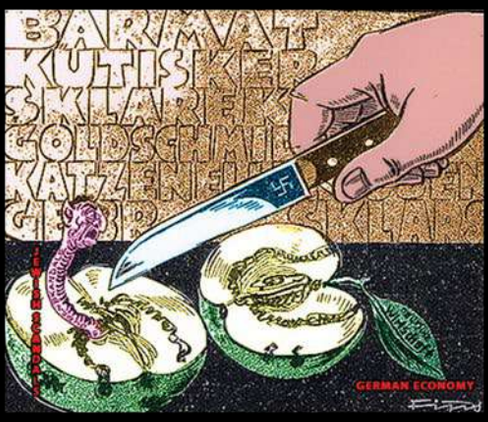
É importante destacar que, embora a associação dos judeus ao "mal absoluto" tenha sido construída ao longo da Antiguidade e da Idade Média, o antissemitismo redentor não constitui uma simples continuidade do antijudaísmo religioso. Trata-se de uma amálgama moderna, consolidada no século XIX, que fundiu imaginários escatológicos herdados da tradição cristã com o medo da degeneração racial, nacional e civilizacional.

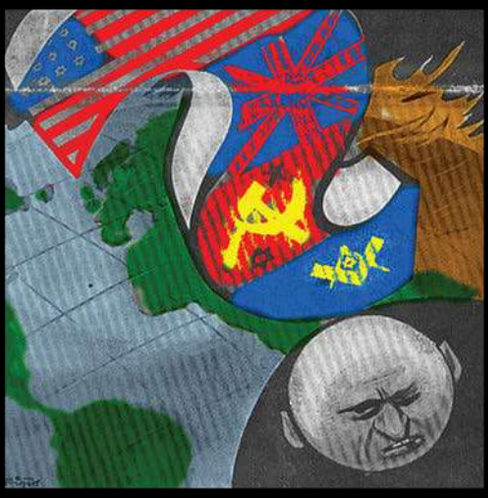
Na Europa iluminista, parte dos filósofos que atacavam o obscurantismo religioso passou a transformar o judeu em símbolo da superstição e do atraso que deveriam ser superados para o triunfo da razão. Voltaire, por exemplo, descreveu os judeus como "o povo mais abominável do mundo" (VOLTAIRE citado em POLIAKOV, 2003c). Já autores ligados ao círculo do barão d'Holbach, em obras como *L'Esprit du judaïsme* (O Espírito do Judaísmo) apresentavam o desaparecimento do judaísmo como condição necessária para o avanço da ciência e da felicidade humana (D'HOLBACH citado em POLIAKOV, 2003c).

Essa lógica também atravessou certas formulações do socialismo oitocentista, nas quais o judeu passou a encarnar o capitalismo parasitário, o egoísmo burguês e a exploração financeira. Pierre-Joseph Proudhon fundiu antigas acusações religiosas a elementos racializantes ao afirmar que o judeu seria "o elemento maligno, Satã, Arimã, encarnado na raça de Sem" (PROUDHON citado em POLIAKOV, 2003c, p. 373). Em seus escritos privados, chegou a defender que "essa raça deve ser enviada de volta à Ásia ou exterminada" (PROUDHON citado em POLIAKOV, 2003c, p. 376).

No nacionalismo alemão, esse imaginário encontrou nova radicalização. Autores como Houston Stewart Chamberlain, e sobretudo Richard Wagner, associaram os judeus à decadência espiritual e cultural do Ocidente. No ensaio *Le judaïsme dans la musique* ("O Judaísmo na Música"), Wagner descrevia a presença judaica como uma infiltração corrosiva na cultura alemã, passando a conceber o "afundamento" desse espírito







Die Juden sind unser Unglück!

"O futuro do povo palestino será o futuro de toda a sociedade"

Translated by Grok

Judeu é responsável por qse tudo de ruim no mundo, basta ver o Epstein files. Fazem de vítima, mas são os verdadeiros agressores

JUDEUS SÃO SEM NENHUMA DÚVIDA, O POVO MAIS PERVERSO E DEGENERADO DO PLANETA...

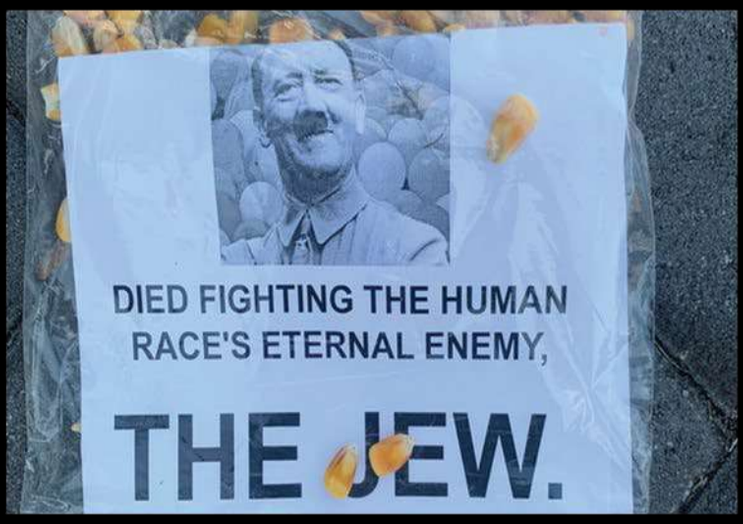
___ Os judeus são literalmente uma praga que Deus afligiu ao mundo!

6 sem 6 curtidas Responder

Malditos genocidas covardes
PALESTINA LIVRE de ISRAEL Maligno

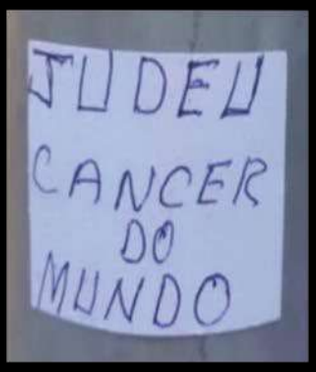
Responder

Israel é a personificação do mal na terra. Rogo toda praga e **maldição** para as pessoas que estão participando desse genocídio.



Nem todo judeu, mas sempre um judeu

Responder

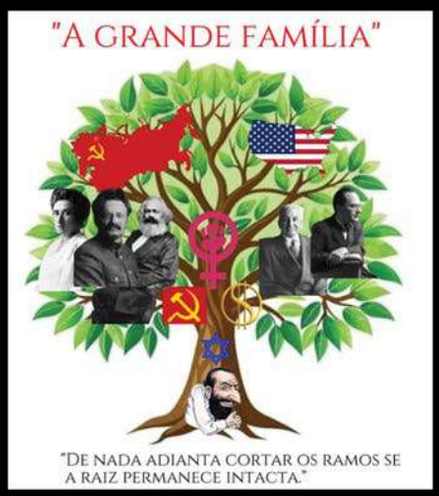


Sempre eles, assassinos

2 d Curtir Responder 1

São psicopatas, perversos e pervertidos. Não tem papo, não tem diálogo. Não adianta tentar confiar em uma única palavra de um psicopata. Mentem por compulsão e com prazer. Não há combinado, promessa ou compromisso em que se pode levar a sério. A não ser as ameaças que fazem e as vinganças que almejam. Com estas, eles têm compromisso de vida e alma.
Paradoxalmente tanto "vida" quanto "alma" parece ser inexistente ali.
Por fim explicito que na minha visão a psicopatia não é uma doença da qual o "pobrezinho" psicopata é vítima, mas uma perversão da alma, uma distorção de caráter, ruindade mesmo.

PRAGA DA HUMANIDADE.



EUA é NAZI, assim como **ISRAEL**

são ASSASSINOS E INIMIGOS DA HUMANIDADE, PAÍSES CRIMINOSOS, INVASORES, GENOCÍDAS, REPRESENTAM A MORTE, O **DIABO** E TODO MAL DO MUNDO.

Esta é a verdadeira ameaça

Mostra que pros sionistas não é só um problema territorial. Parece que eles defendem uma limpeza étnica no mundo inteiro por se considerarem superiores. Querem iniciar conflitos aonde hoje não existem.

A maior **maldição** para o mundo e para os próprios **judeus** são os **sionistas**.

Sionismo vertente do mal.

judaico como uma necessidade civilizatória (FRIEDLÄNDER, 1991). Foi precisamente nessa convergência entre racismo moderno, paranoia conspiratória e imaginário redentor que o antissemitismo do século XIX preparou o terreno para suas formas genocidas no século XX.

No século XX, o colapso do Império Alemão e a atmosfera apocalíptica que se seguiu à Primeira Guerra Mundial catalisaram esse imaginário, fundindo-o ao medo político desencadeado pela Revolução Bolchevique de 1917. Influenciado por figuras como Dietrich Eckart – autor de *Der Bolschewismus von Moses bis Lênin: Zwiegespräch zwischen Adolf Hitler und mir* ("O Bolchevismo de Moisés a Lênin: Diálogo entre Adolf Hitler e Eu" , 1924) – Adolf Hitler absorveu e radicalizou essa visão conspiratória. Friedländer (1998, p. 97) recupera, nesse sentido, uma formulação de Eckart posteriormente endossada por Hitler, segundo a qual o judeu caminharia "para além da dominação do mundo, em direção à destruição do mundo".

A cosmovisão nazista passou a interpretar a história como um conflito absoluto entre forças imutáveis do bem e do mal, cujo desfecho só poderia ocorrer em termos de "perdição ou redenção" (FRIEDLÄNDER, 1998, p. 99). Nesse quadro, o judeu deixou de ser percebido como sujeito histórico concreto e foi convertido em um princípio demoníaco abstrato, apresentado como ameaça letal à humanidade.

Para a liderança nazista, a salvação da raça ariana dependia da eliminação desse "inimigo absoluto". A perseguição aos judeus não era concebida apenas como política de Estado, mas como uma missão redentora e civilizatória. Em *Mein Kampf* (Minha Luta) Hitler chegou a afirmar: "Ao afastar os judeus, estou lutando pela obra do Senhor" (HITLER citado em JÄCKEL, 1972, p. 54).

Ao aderir a essa mitologia redentora, o nazismo secularizou antigos impulsos exterminadores presentes no antijudaísmo cristão medieval. Contudo, diferentemente das perseguições anteriores, o projeto do Terceiro Reich não visava conversão ou expulsão, mas o extermínio físico sistemático dos judeus, concebido como forma de "profilaxia biológica" necessária para libertar o mundo de seu suposto mal absoluto (FRIEDLÄNDER, 1998; WISTRICH, 1999).

Nessa lógica redentora, a vitória de um lado implicava necessariamente a destruição física e espiritual do outro. A ameaça judaica era apresentada pelo nazismo como um perigo existencial para toda a humanidade. Nas palavras de Hitler, caso o marxismo e os judeus triunfassem, "sua coroa se tornará a coroa fúnebre da humanidade" (HITLER citado em JÄCKEL, 1972, p. 54).

Em contrapartida, a eliminação dos judeus era concebida como uma missão salvífica. Em 1942, já em meio à Solução Final, Hitler afirmou que o genocídio prestaria "um serviço inestimável à humanidade sofredora, que o judaísmo atormentou por milênios" (HITLER citado em CHAPOUTOT, 2018, p. 385). A mentalidade do Reich transformava, assim, o assassinato em massa em dever histórico e moral, apresentado inclusive como uma "bênção" para as futuras gerações (CHAPOUTOT, 2018, p. 385).

Embora esse imaginário seja frequentemente associado à Alemanha nazista – que transformou a eliminação dos judeus em condição para a redenção da "raça ariana" –, ele também encontrou paralelos profundos na União Soviética, sobretudo no stalinismo tardio e em seus desdobramentos pós-comunistas.

Como observa Robert S. Wistrich, a teoria stalinista dos "dois campos" pressupunha que a redenção socialista deveria substituir o mundo decadente do capitalismo. Nesse horizonte escatológico, os judeus – rotulados como "cosmopolitas sem raízes" e "sionistas" – passaram a ocupar o papel do inimigo absoluto, equivalente ao Anticristo (WISTRICH, 2010). Nesse sentido, Hyam Maccoby argumenta que sistemas totalitários organizados em torno da ideia de um mal ativo operando no mundo tendem a atribuir aos judeus essa função demonológica (MACCOBY, 1992).

Na lógica soviética, o sionismo passou a ser sistematicamente apresentado como a encarnação contemporânea do mal: uma ideologia supostamente racista, conspiratória e orientada à dominação global (WISTRICH, 2010). Léon Poliakov demonstra que, se no período stalinista o "mundo burguês" era retratado em tons infernais, posteriormente esse imaginário passou a se concentrar no Estado judeu, transformado na "última encarnação do inferno capitalista" (POLIAKOV, 2025, p. 303). A propaganda soviética passou, então, a descrever a influência sionista como uma força de dimensão "cósmica" e "satânica", apresentando o nacionalismo judaico como a própria "encarnação do mal" e uma ameaça mundial comparável ao hitlerismo (WISTRICH, 2010).

No mundo muçulmano contemporâneo, a retórica do "antissemitismo redentor" foi amplamente difundida e adaptada às sensibilidades locais (KÜNTZEL, 2025, p. 251). Esse fenômeno resultou da fusão entre o antissemitismo conspiratório europeu, especialmente em sua formulação nazista, e interpretações radicalizadas de tradições antijudaicas presentes no universo islâmico (HERF, 2009, p. 2-3; WISTRICH, 2010). Nessa lógica, o judeu deixa de ser percebido como adversário político e passa a ocupar o lugar de força demoníaca e obstáculo absoluto à redenção islâmica e à paz mundial.

Um exemplo dessa formulação aparece nas declarações do grão-aiatolá iraniano Nuri-Hamadani, que defendeu a necessidade de "lutar contra os judeus e vencê-los" para preparar a chegada do Imã Oculto, figura messiânica do xiismo (LITVAK, 2006, p. 272). Nessa perspectiva, setores da liderança da República Islâmica do Irã passaram a associar a redenção religiosa à destruição do Estado de Israel, frequentemente descrito como um "tumor cancerígeno" que deveria ser removido do corpo do Islã (KÜNTZEL, 2023; WISTRICH, 2010).

No Líbano, a ideologia do Hezbollah também assume contornos ontológicos e trans-históricos. Como demonstra Amal Saad-Ghorayeb (2002, p. 173), o grupo sustenta que os judeus seriam "um povo mau em suas ideias" desde a origem de sua existência. Nessa concepção, a distinção entre judeus sionistas e não sionistas perde relevância, já que a hostilidade é direcionada aos judeus enquanto coletividade, concebida como inerentemente corrupta e que eles, desde sua origem, "criaram problemas para os povos".

A dimensão escatológica, outrora presente inclusive no antissemitismo redentor nazista, aparece também de forma ainda mais explícita no estatuto do Hamas de 1988, que incorpora o conhecido *hadith* segundo o qual o Dia do Juízo não chegará até que os muçulmanos combatam e matem os judeus. A narrativa descreve um cenário em que até pedras e árvores denunciariam judeus escondidos para que fossem exterminados (HAMAS, 1988; WISTRICH, 2010). O assassinato dos judeus é, assim, apresentado não apenas como ação militar ou política, mas como dever religioso e condição para a redenção cósmica.

Na contemporaneidade ocidental e secular, essa matriz escatológica que associa os judeus ao mal absoluto não desapareceu; ela foi reformulada naquilo que Jean Améry chamou de "antissemitismo virtuoso" (AMÉRY citado em ILLOUZ, 2024). Despojado de sua linguagem explicitamente teológica ou racial, o ódio desloca-se para o Estado judeu e passa a se apresentar sob a forma de indignação moral em nome do antirracismo, do anticolonialismo e da justiça universal. Nesse novo enquadramento, os judeus, agora frequentemente sob a rubrica de "sionistas", voltam a ocupar o lugar de ameaça à ordem moral e obstáculo à paz, de modo que a oposição a eles passa a ser percebida como expressão do próprio "lado correto da história".

Para compreender esse fenômeno, Eva Illouz (2024) retoma o conceito de "antissionismo transcendental", formulado por Steve Cohen, para descrever uma oposição que se desvincula progressivamente das políticas concretas do governo israelense e transforma o sionismo em uma essência abstrata do mal. Nesse imaginário político, "sionismo" converte-se em um significante flutuante sobre o qual são projetados os grandes males do mundo contemporâneo: colonialismo, imperialismo, capitalismo, racismo e autoritarismo. O mal absoluto.

Nesse sentido, Julien Chanet (2025) argumenta que o antissemitismo contemporâneo, especialmente sob o antissionismo, reproduz em chave secular as antigas estruturas do antijudaísmo cristão, sobretudo a ideia de que os judeus recusariam o universalismo emancipador ao insistirem em sua continuidade histórica e política. Segundo Chanet, Israel passa a ser percebido como um "anacronismo" nacionalista que impediria a realização de uma ordem pós-nacional reconciliada, recolocando os judeus no papel daqueles que estariam "contra o sentido da história". A criação do Estado de Israel, portanto, é reinterpretada não como resposta histórica à perseguição antissemita europeia, mas como uma espécie de "traição" aos ideais universalistas modernos.

Robert Fine e Philip Spencer (2017) demonstram que esse movimento representa uma reconfiguração da antiga "questão judaica". Se, no antissemitismo clássico, o judeu aparecia como o "outro do universal" e símbolo do que havia de degenerado no mundo moderno, no antissionismo contemporâneo Israel e o sionismo passam a ocupar esse lugar como representações paradigmáticas de tudo o que seria ilegítimo, criminoso e ameaçador na ordem internacional.

Para consolidar essa exclusão simbólica, o antissionismo radical recorre frequentemente a analogias demonizantes, sobretudo à equiparação entre sionismo e nazismo. Robert S. Wistrich (2010) observa que essa inversão transforma judeus e sobreviventes do Holocausto na encarnação simbólica de seus próprios algozes, produzindo uma das formas mais perversas de deslegitimação moral contemporânea. Nesse contexto, o antissemitismo redentor reaparece na ideia de que Israel não seria apenas um Estado passível de críticas, mas um "erro moral", um "Estado pária", um "câncer imperialista", um "mal absoluto" cuja existência constituiria uma ameaça para a humanidade e impediria a emancipação global. Assim como nos totalitarismos do século XX a salvação do mundo dependia de sua purificação da influência judaica, em setores radicais do antissionismo contemporâneo a paz e a justiça universais passam a ser imaginadas como condicionadas ao desaparecimento do Estado judeu.

COMO IDENTIFICAR?

- Representações dos judeus, do sionismo ou de Israel como encarnação do "mal absoluto" ou ameaça existencial à humanidade.
- Ideia de que a paz, a justiça, a redenção, a libertação nacional ou a salvação da civilização dependem da eliminação, expulsão, assimilação ou destruição dos judeus, do sionismo ou de Israel.
- Descrição dos judeus ou israelenses como força demoníaca, corruptora, cancerígena, parasitária, satânica ou responsável por todos os males do mundo.
- Uso de analogias absolutas e demonizantes para transformar judeus ou israelenses em inimigos absolutos irredimíveis.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

Tanto a definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) identificam a associação dos judeus ou de Israel ao "mal" como uma das formas centrais do antissemitismo. A IHRA considera antissemita "fazer alegações mendazes, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus", bem como justificar violência contra eles em nome de ideologias extremistas. A definição também reconhece que essa demonização pode ser transferida para Israel, especialmente quando o Estado judeu é retratado como uma ameaça absoluta à humanidade. A JDA converge nesse ponto. Sua diretriz 2 afirma que uma característica central do antissemitismo clássico consiste na ideia de que "os judeus estão ligados às forças do mal". Já a diretriz 4 estabelece que "retratar Israel como o mal supremo ou exagerar grosseiramente a sua influência real" pode funcionar como forma codificada de estigmatizar os judeus.

As zonas cinzentas surgem porque, na contemporaneidade, essa lógica raras vezes aparece em linguagem abertamente demonológica, assumindo amiúde a forma de indignação moral radical. A dificuldade analítica consiste em distinguir a crítica legítima às políticas israelenses – assim como a defesa dos direitos palestinos, protegida pela diretriz 11 da JDA – de discursos que transformam Israel em um "Estado pária", um "câncer imperialista" ou um mal absoluto cuja existência seria, em si mesma, intolerável. A JDA também protege a "crítica ou oposição ao sionismo como uma forma de nacionalismo" (diretriz 12). A fronteira problemática emerge quando o "sionismo" deixa de designar um movimento político concreto e passa a funcionar como explicação totalizante para os grandes males do mundo contemporâneo – colonialismo, racismo, imperialismo ou capitalismo. Nesses casos, o debate político tende a ceder lugar a um imaginário em que "sionismo" opera simplesmente como sinônimo abstrato do mal.

PARTE II

Teorias Modernas da Conspiração

13. Teorias da Conspiração Sobre Poder Judaico
14. Personificação e Controle do Capitalismo Global
15. Dominação Mundial
16. Complôs de Subversão: “Judeo-Bolchevismo”, “Bolchevismo Cultural”, “Marxismo Cultural”, “ZOG”, “Grande Substituição” e “Genocídio Branco”
17. Disseminadores de Doenças
18. Instigadores de Guerras e Operações Bandeira Falsa

13. Teorias da Conspiração Sobre Poder Judaico

O lugar-comum segundo o qual os judeus deteriam um poder desproporcional para influenciar a política, a economia e a cultura constitui um dos mecanismos centrais do antissemitismo moderno. Diferentemente de outras formas de racismo, que enfatizam a inferioridade dos grupos-alvo, o antissemitismo também se estrutura pela atribuição de uma suposta onipotência judaica, retratando os judeus como uma elite oculta e opressora (BECKER, 2024). Como observa Moishe Postone (2021), essa projeção atribui aos judeus um poder "misteriosamente intangível, abstrato e universal", manifestado historicamente sob diferentes formas – do "poder para matar Deus" à capacidade de provocar calamidades globais ou controlar simultaneamente capitalismo e socialismo.

Nessa lógica, o "judeu" passa a funcionar como explicação conspiratória para fenômenos históricos e sociais complexos, dispensando a análise de suas condições estruturais. Ao mesmo tempo, a acusação de "poder conspiratório" legitima práticas de discriminação e violência contra os supostos responsáveis. Uma das principais forças desse lugar-comum reside em sua adaptabilidade: ao assumir a aparência de crítica social ou política, ele opera como uma "cola simbólica" capaz de articular posições ideológicas distintas, sendo mobilizado tanto por discursos supremacistas de extrema direita quanto por formulações radicais de crítica ao capitalismo e ao imperialismo (BECKER, 2024).

Esse núcleo narrativo agrega um amplo conjunto de teorias conspiratórias. Entre elas, destacam-se as teses de dominação global – como as difundidas pelos *Protocolos dos Sábios de Sião*, pela teoria do ZOG (*Zionist Occupation Government*, "Governo de Ocupação Sionista") ou por variações da "Nova Ordem Mundial" e do "Grande *Reset*" (→ 16. *complôs de subversão*). No campo das narrativas sobre o Holocausto, emergem formulações que ultrapassam a negação, acusando os judeus de terem orquestrado a Segunda Guerra Mundial, financiado o nazismo ou manipulado sua memória para obter vantagens políticas e econômicas (→ 20. *vitimização estratégica*).

Há ainda teorias de degeneração social ou racial, como o "genocídio branco" ou a "grande substituição", que atribuem aos judeus um plano de desestabilização das sociedades ocidentais por meio da imigração, da transformação cultural e da miscigenação (→ 7. *desintegrador e degenerador;* → 16. *complôs de subversão*) (CHAPELAN, 2024). Somam-se a elas teorias que imputam a judeus ou a Israel a responsabilidade oculta por guerras ou pelo financiamento de grupos armados (→ 18. *instigadores de guerras e operações bandeira falsa*), além de versões contemporâneas da calúnia de sangue (→ 3. *calúnia de sangue*), reatualizadas em narrativas sobre redes secretas de exploração infantil, como em certas formulações ligadas ao QAnon. Todos esses casos derivam do lugar-comum tratado neste capítulo.

David Nirenberg (2013) argumenta que, ao longo da tradição ocidental, o antijudaísmo operou como ferramenta política e retórica flexível: diante da impossibilidade de confrontar diretamente reis, imperadores, a Igreja ou o Estado, diferentes grupos projetaram nos judeus a responsabilidade por formas de dominação política, econômica e administrativa.

Na Idade Média, a posição dos judeus também foi instrumentalizada nas disputas em torno do poder régio. Utilizados por monarcas europeus como intermediários financeiros e agentes indiretos da arrecadação, tornaram-se alvo de revoltas populares em períodos de crise fiscal. A retórica antijudaica consolidou-se, assim, como linguagem de contestação política e social. Wistrich observa que, embora dependessem da proteção régia, os judeus podiam ser "convenientemente sacrificados como peões à raiva popular" (WISTRICH, 1992), enquanto Maccoby destaca que sua função econômica alimentava fantasias conspiratórias sobre dominação judaica (MACCOBY, 1996). Consolidou-se, assim, a crença de que "um povo que cometeu deicídio era capaz de qualquer enormidade" (PERRY; SCHWEITZER, 2002), justificando perseguições e atribuindo aos judeus uma suposta onipotência maligna.

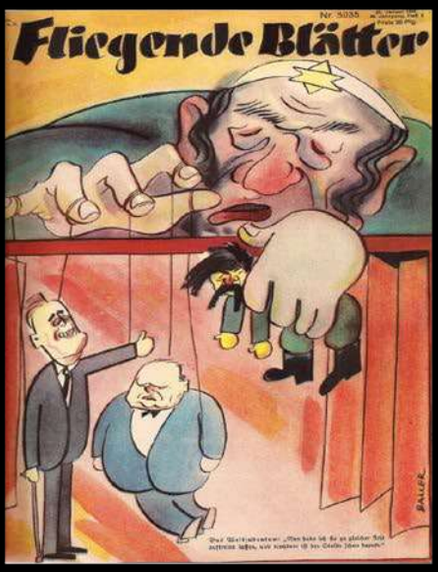
Dinâmica semelhante aparece no Islã medieval. Segundo Nirenberg, o "poder judaico" era apresentado como sintoma de "um mundo virado de cabeça para baixo", no qual os judeus estariam se tornando mais poderosos que os muçulmanos (NIRENBERG, 2013).

Essa demonização (→ 2. *demonização*) difundiu-se na arte, na literatura e na pregação medieval, associando os judeus ao Diabo, às "artes negras" e a poderes voltados à destruição da Cristandade. Como destacam Perry e Schweitzer, "armados por Satanás com poderes ocultos, eles planejavam destruir a Cristandade" (PERRY; SCHWEITZER, 2002). Esse imaginário culminou na figura do Anticristo, frequentemente associado aos judeus e a um futuro domínio global antes do fim dos tempos (WISTRICH, 1992). Acusações de assassinato ritual e conspiração (→ 3. *calúnia de sangue*) reforçaram essa percepção, como no caso do menino Harold, em Gloucester, cuja narrativa difundia a ideia de uma rede judaica clandestina coordenada (PERRY; SCHWEITZER, 2002).

No século XIV, em meio às crises provocadas pela Peste Negra, espalhou-se pela Europa o rumor de uma conspiração entre leprosos e judeus para exterminar cristãos por meio do envenenamento de poços e nascentes (POLIAKOV, 2003a). Segundo Poliakov, tratava-se da primeira acusação sistemática de que os judeus planejariam "a destruição de toda a Cristandade" por métodos ocultos e sofisticados. Ao responsabilizá-los pela epidemia, atribuía-se simultaneamente aos judeus um poder extraordinário, associado a conhecimentos secretos e à própria ação satânica. Como observa o autor, essa lógica levava à conclusão extrema de que "o judeu é onipotente!" (POLIAKOV, 2003a).

Durante a consolidação dos Estados absolutistas, esse imaginário foi reforçado pela ascensão dos "judeus da corte" (*Hofjuden*), que atuavam como financiadores e administradores das monarquias cristãs. Sua proximidade com os príncipes alimentou a percepção de que seriam

(((Eles))) mandam em tudo

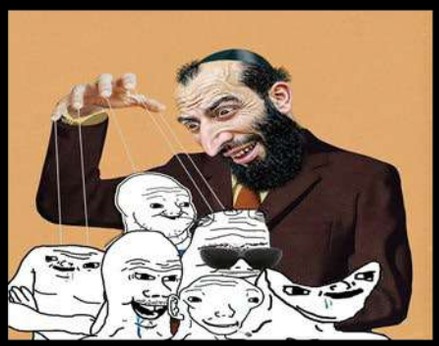


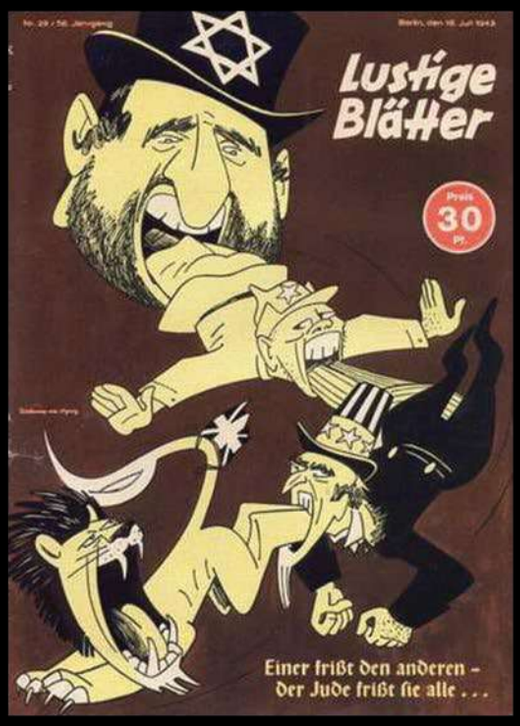
Sem meme nenhum, vocês acreditam que ((((eles)))) controlam o mundo? Eu acredito piamente.

d

Tá me dizendo que o pai dos pobres é fantoche do pinoquio?

100 curtidas Responder

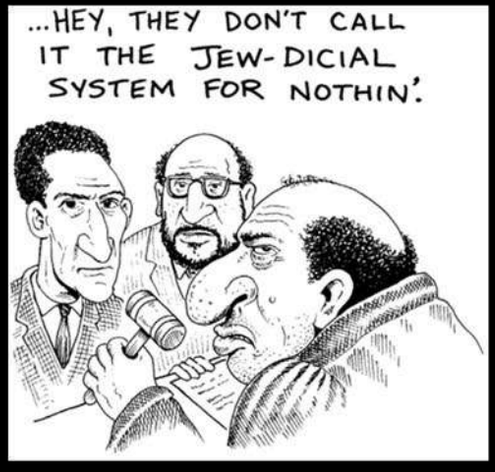




[redacted] Você já entendeu quem é o verdadeiro inimigo?

A conspiração jud4ic4 para dominar o mundo visa destruir a fé cristã e os destruir para o domínio do "Governo Supremo".

Eles controlam tudo, a religião, a política, a geopolítica, as guerras, a ONU, OMS, os países do ocidente e do oriente!



"conspiradores poderosos, dissimulados e traidores" (PERRY; SCHWEITZER, 2002). Paralelamente, os marranos ligados às redes comerciais de Amsterdã passaram a ser associados a formas transnacionais de poder econômico (POLIAKOV, 2003b).

Na modernidade, essa dinâmica persistiu sob novas formas. Filósofos iluministas, ao criticarem o dogmatismo religioso e a opressão clerical, frequentemente deslocavam para o judaísmo críticas dirigidas ao cristianismo e à Inquisição. Como observa Nirenberg, isso permitia transferir "a crueldade cristã para uma religião sobre cujos horrores [...] poderia haver consenso" (NIRENBERG, 2013). Com a Revolução Francesa, a emancipação judaica e a expansão do capitalismo financeiro, os judeus passaram a ser identificados como representantes privilegiados do capital abstrato, especialmente em torno da imagem da família Rothschild. O antissemitismo moderno passou, assim, a associar os judeus ao controle das finanças, da imprensa e dos Estados nacionais.

Essa construção foi mobilizada tanto por correntes reacionárias quanto por setores da esquerda socialista nascente. Léon Poliakov destaca as formulações de Alphonse Toussenel em *Os Judeus, Reis da Época* (1844), obra que transformava categorias econômicas em atributos de um suposto poder judaico. Em sentido semelhante, o jovem Marx, em *Sobre a Questão Judaica* (1844), associou metaforicamente o "judeu" ao capitalismo e ao domínio do dinheiro. No campo da direita, Édouard Drumont (1886), em *La France juive* (A França Judia), afirmava que os judeus controlariam a imprensa e a vida cultural francesa, convertendo a crítica às elites econômicas em denúncia de uma conspiração judaica internacional.

Segundo Nirenberg (2013), na era moderna o mecanismo de projeção conspiratória de poder aos judeus não apenas continuou a operar, como adquiriu um alcance explicativo mais amplo e sistêmico. As transformações aceleradas associadas à Revolução Industrial, à ascensão do capitalismo financeiro, às democracias liberais e às revoluções científicas produziram um mundo marcado por elevada complexidade e por formas de alienação difíceis de apreender. Para Nirenberg, ao denunciar o "judaísmo", esses críticos estavam, na realidade, dirigindo suas críticas às estruturas alienantes do próprio mundo moderno, sem precisar confrontar diretamente a complexidade sistêmica desses fenômenos.

A formulação moderna do mito da onipotência judaica encontra um de seus principais fundamentos em *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, panfleto produzido no contexto da polícia política tsarista russa (Okhrana) no final do século XIX. O documento forjado apresentava o movimento sionista como expressão de um suposto plano de dominação mundial, descrevendo os judeus como controladores do ouro, manipuladores de ideologias consideradas destrutivas – como o marxismo e o darwinismo – e dotados de faculdades sobre-humanas. Como observa Jeffrey Herf (2024), essa fantasia de controle global constitui a "secularização dessa antiga fábula religiosa" cristã segundo a qual os judeus deteriam poderes cósmicos orientados para o mal.

Na virada do século XX, em meio à crise provocada pela derrota na Guerra Russo-Japonesa e pela instabilidade interna, o antissemitismo foi mobilizado para preservar o regime tsarista. Como destacam Perry e Schweitzer (2002), a agitação antijudaica servia para "desviar a atenção dos erros e fracassos da autocracia" e fortalecer o apoio ao regime diante do liberalismo e dos movimentos revolucionários. Nesse contexto, os *Protocolos* desempenharam papel central ao converter demandas por democracia e revolução em expressão de um suposto complô judaico internacional. Wistrich observa que a obra, publicada em 1905 sob os auspícios da polícia secreta tsarista, difundia a ideia de uma conspiração judaica onipotente capaz de justificar a repressão e explicar as crises do regime sem reconhecer suas falhas internas (WISTRICH, 1992).

Com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Outubro de 1917, a acusação de onipotência judaica fundiu capital financeiro e revolução em uma única entidade conspiratória: o suposto complô "Judeo-Germano-Bolchevique". A presença de figuras de origem judaica na Revolução Russa, como Trótski, passou a ser interpretada como confirmação das narrativas difundidas pelos *Protocolos*. Em 1917, o jornal britânico *The Times* descreveu Lênin e seus aliados como "aventureiros de sangue judeu-alemão"; em 1918, os chamados Documentos Sisson afirmavam que os bolcheviques eram financiados por banqueiros judeus-alemães. Formou-se, assim, a convicção paradoxal de que os judeus controlariam simultaneamente o capitalismo financeiro e a subversão comunista internacional (POLIAKOV, 2003d).

Na década de 1920, o mito de um complô judaico global foi incorporado por setores do *establishment* ocidental. Winston Churchill escreveu sobre um complô mundial liderado por "judeus internacionais", enquanto Henry Ford popularizou, em *The Dearborn Independent*, o conceito de *All-Judaan* (O Todo-Judá), descrevendo um império invisível que controlaria governos, economias e revoluções. O poder econômico atribuído aos judeus era representado como uma teia de dominação mundial (POLIAKOV, 2003d). Adolf Hitler radicalizou essa concepção ao apresentar os judeus como responsáveis simultaneamente pelas finanças capitalistas e pelo bolchevismo, interpretação que forneceu a base ideológica da "Solução Final". A partir da invasão da União Soviética em 1941, concebida como centro do suposto complô judaico-bolchevique, essa visão culminou no extermínio sistemático dos judeus europeus (JÄCKEL, 1972).

Segundo Moishe Postone, o antissemitismo moderno projeta sobre os judeus o poder abstrato e destrutivo do capitalismo, transformando-os em "personificações do domínio intangível, destrutivo, imensamente poderoso e internacional do capital" (POSTONE, 2021). Em vez de criticar as estruturas do sistema, a ideologia antissemita atribui seus efeitos a um grupo construído como essência oculta do capital financeiro e internacional. Nesse quadro, o antissemitismo funciona como uma forma de "biologização do capitalismo", identificando o "Judaísmo Internacional" com a dimensão abstrata do capital e convertendo a eliminação dos judeus em falsa solução para os males da modernidade. Assim, "a superação do capitalismo e dos seus efeitos sociais negativos foi associada à superação dos judeus" (POSTONE, 2021).

Após o Holocausto, a acusação explícita de que os judeus dominariam o mundo tornou-se amplamente inaceitável, sendo frequentemente deslocada para o termo "sionismo". Como demonstra Poliakov, no contexto do stalinismo e da Guerra Fria, o "sionismo internacional" passou a ser descrito como uma agência global de espionagem a serviço do imperialismo. Episódios como o Processo de Praga (1952) e o Complô dos Médicos (1953) retomaram a ideia de uma conspiração judaica internacional articulada pela Joint, apresentada como organismo de espionagem sionista (POLIAKOV, 2025). A mesma lógica reaparece na propaganda soviética de 1967, que descrevia Israel como parte de um "império invisível, mas enorme e poderoso, de financistas e industriais" atuando em todo o mundo capitalista (POLIAKOV, 2025).

A atribuição de um poder conspiratório e onipotente aos judeus, a Israel e ao sionismo também ocupa papel central em determinadas formulações do antissemitismo no mundo árabe e islâmico. Sayyid Qutb reforça essa leitura ao atribuir aos judeus a responsabilidade pelo materialismo, pela dissolução da família e pela decadência moral do Ocidente (PATTERSON, 2010). Essas formulações convertem conflitos políticos e históricos em manifestações de uma conspiração universal, projetando sobre os judeus uma agência ilimitada e justificando a violência como forma de autodefesa.

Na contemporaneidade, tais ideias também permeiam setores da esquerda e da extrema direita ocidentais. David Hirsh argumenta que, em determinados segmentos da esquerda, Israel, o "sionismo" ou o chamado "lobby de Israel" são apresentados como um poder global secreto e desproporcional, deslocando a análise política concreta para uma leitura conspiratória centrada na ideia de um agente oculto capaz de determinar decisões governamentais (HIRSH, 2017). Já na extrema direita, antigos mitos teológicos são secularizados em teorias conspiratórias como a do ZOG, segundo a qual governos seriam controlados por uma entidade judaica invisível. Walter Laqueur observa que tais grupos acreditam em um "Governo de Ocupação Sionista" e em teorias conspiratórias envolvendo judeus, minorias e organizações internacionais (LAQUEUR, 2008). Nesse contexto, figuras como George Soros e os Rothschild são frequentemente retratadas como governantes "pelas sombras", responsáveis por manipular governos, imigração, crises e instituições internacionais (PARDO; DELOR, 2024).

Essa personalização reforça a ideia de um poder centralizado e coordenado, articulado a teorias como a da "grande substituição", que atribui a uma elite associada aos judeus a promoção deliberada de transformações demográficas e culturais no Ocidente. Termos como "globalismo" e "sionismo" funcionam, nesse quadro, como "palavras-valise do complotismo" que designam, de forma codificada (→ 35. *comunicação ambígua, implícita ou indireta*), a ideia de um "capitalismo internacional judeu" dominante (PARDO; DELOR, 2024).

Um dos argumentos centrais de Hannah Arendt sobre as razões do antissemitismo moderno, em *As Origens do Totalitarismo*, reside em um paradoxo: as teorias conspiratórias sobre um suposto "domínio mundial judaico" se intensificaram justamente quando os "judeus da corte" perderam sua função política e qualquer influência real nas estruturas de poder europeias. Inspirando-se na análise de Alexis de Tocqueville sobre o declínio da aristocracia francesa a partir da Revolução, ela observa que o ressentimento coletivo tende a crescer quando um grupo conserva riqueza visível, mas deixa de exercer funções públicas ou administrativas. Enquanto a riqueza está associada a uma utilidade política – ainda que opressiva – ela pode ser tolerada; quando essa conexão se rompe, a riqueza passa a ser percebida como ilegítima e parasitária.

No caso das elites judaicas europeias, essa dinâmica foi intensificada por sua posição histórica específica. Durante a formação dos Estados modernos, elas constituíam um grupo intereuropeu articulado por redes financeiras transnacionais, atuando como financiadores de Estados e monarquias. Com o declínio desse sistema no final do século XIX, sua função política perdeu relevância, enquanto permanecia a visibilidade de sua participação econômica. Como não ocupavam cargos estatais formais nem representavam um poder institucional claramente identificável, sua influência passou a ser percebida como difusa e invisível. Segundo Hannah Arendt, é nesse contexto que a imaginação antissemita projeta sobre os judeus um poder oculto e conspiratório: a ausência de autoridade explícita deixa de ser interpretada como sinal de marginalidade e passa a funcionar como evidência de atuação clandestina. Assim, "a ausência de poder" converte-se em prova de um poder oculto (ARENDT, 2013).

Curiosamente, o movimento sionista – voltado justamente à superação da condição de impotência política judaica – teria, segundo Danny Trom em *O Estado do Exílio* (2025), se beneficiado da projeção exagerada de poder historicamente atribuída aos judeus. Embora as comunidades judaicas europeias fossem frequentemente vulneráveis e empobrecidas, lideranças como Theodor Herzl mobilizaram a percepção difundida de uma suposta influência global judaica. Trom observa que "o aparelho sionista dispunha de recursos materiais escassos, mas se beneficiava [...] da crença partilhada no poder dos judeus" (TROM, 2025). Max Nordau sintetiza essa dinâmica ao afirmar que "Herzl foi capaz de construir uma fachada sem casa por trás" (citado em TROM, 2025). Assim, líderes sem Estado, exército ou território conseguiram posicionar-se como interlocutores relevantes no cenário internacional, utilizando a crença na influência judaica global como recurso diplomático para negociar sobrevivência e autodeterminação.

COMO IDENTIFICAR?

- Insinuação de controle secreto: a narrativa de que judeus, israelenses, sionistas ou Israel exercem controle desproporcional sobre governos, mídia, economia ou instituições globais.
- Atribuição de agência nefasta: a explicação de guerras, crises ou pandemias como resultado de maquinações ocultas de indivíduos ou grupos judaicos agindo em benefício próprio.
- Presunção de submissão: alegações de que governos, mídia ou sociedades atuam com medo, servidão ou obediência cega aos interesses judaicos ou israelenses.
- Referências a um "lobby" onipresente: o uso de expressões como "lobby judaico" ou "lobby de Israel" para apresentar processos políticos normais como prova de dominação global.
- *Dog whistles* e códigos: referências a figuras como George Soros ou os Rothschild, ou termos como "elites globalistas", Nova Ordem Mundial e ZOG, usados para insinuar controle judaico oculto.
- Raciocínios falaciosos: o uso da lógica *cui bono* ("siga o dinheiro") ou de perguntas como "quem controla a mídia?" para induzir conclusões conspiratórias sem afirmá-las diretamente.
- Desconexão com a realidade: narrativas sem base factual ou baseadas em exageros que adaptam eventos reais ao molde conspiratório.
- Marcadores semióticos e memes: o uso de códigos como os três parênteses ((( ))) ou memes como "THE GOYIM KNOW" (Os Goyim Sabem) para insinuar identidades judaicas e supostas conspirações.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais convergem ao identificar projeções conspiratórias de poder judaico como núcleo do antissemitismo. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) classifica como antissemita a formulação de "alegações mendazes, desumanizadoras [...] sobre os judeus [...] ou o poder dos judeus como um coletivo", incluindo mitos de "conspiração judaica mundial" ou de controle da mídia, da economia e dos governos. A *Declaração de Jerusalém Sobre Antissemitismo* (JDA) corrobora essa perspectiva ao afirmar que muitas fantasias antijudaicas se estruturam na ideia de um "poder oculto", manifestado em alegações de domínio financeiro, midiático ou político, explicitando que afirmações como "os Rothschild controlam o mundo" constituem formas codificadas desse imaginário.

As zonas cinzentas surgem sobretudo em teorias conspiratórias amplas – como o "Grande *Reset*", desinformação sobre a Covid-19 ou ataques às redes 5G – que não são necessariamente antissemitas em si, mas podem mobilizar elementos do repertório antissemita por meio de eufemismos ou referências indiretas a elites globais associadas a figuras percebidas como judaicas. Nesses casos, a identificação do conteúdo antissemita depende do contexto e dos padrões discursivos mobilizados. De modo semelhante, a crítica a práticas reais de lobbying não é, por si, conspiratória, mas torna-se problemática quando expressões como "lobby judaico" ou "lobby de Israel" sugerem um controle oculto e coercitivo sobre governos e meios de comunicação. Embora a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* sustente que críticas a Israel – mesmo "excessivas" ou "desproporcionais" – não sejam inerentemente antissemitas, críticos observam que essa margem pode permitir a rearticulação indireta de tropos clássicos de poder oculto.

14. Personificação e Controle do Capitalismo Global

A associação entre judeus e capitalismo global constitui um dos lugares-comuns centrais do antissemitismo moderno. Derivada de acusações mais antigas que vinculavam judeus à ganância, à avareza ou ao parasitismo (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*), essa narrativa consolidou-se como forma de interpretar as transformações da modernidade por meio da personificação de seus males. Em vez de compreender o capitalismo como ordem histórica, estrutural e impessoal, essa lógica converte crises, desigualdades e formas abstratas de dominação econômica em efeitos da ação deliberada de uma suposta elite judaica. Ao deslocar a crítica das dinâmicas sistêmicas para a fantasia de um poder oculto, obscurecem-se os mecanismos estruturais do capital e sugere-se que a eliminação dessas elites bastaria para restaurar uma ordem justa.

Esse imaginário articula-se frequentemente a teorias conspiratórias mais amplas, nas quais o capitalismo financeiro aparece como instrumento de dominação mundial coordenado por elites judaicas ou "sionistas" (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico* e → 14. *personificação e controle do capitalismo global*). Na contemporaneidade, essa estrutura reaparece em categorias como "globalismo", "Nova Ordem Mundial", "governo mundial", "elites financeiras" ou "lobby sionista", que atualizam antigas formas narrativas sem abandonar seu núcleo: a ideia de que processos econômicos complexos seriam controlados por um poder oculto personificado.

Segundo David Nirenberg (2013), sociedades ocidentais recorreram repetidamente a categorias herdadas do antijudaísmo cristão para interpretar novas formas de poder político e econômico. Essa tradição remonta à exegese paulina, que opunha "carne" e "espírito", associando o judaísmo à literalidade da lei, à materialidade e ao apego ao mundo concreto, enquanto o cristianismo seria identificado à transcendência espiritual. A fórmula "A letra mata, o espírito vivifica" (2 *Coríntios* 3, 6) sintetiza essa estrutura simbólica que posteriormente serviria de matriz para representar o judaísmo como ligado ao dinheiro, ao cálculo e à materialidade.

Antes do cristianismo, a imagem do judeu financista era praticamente inexistente. Durante a Antiguidade e o início da Idade Média, a maioria dos judeus dedicava-se à agricultura e ao artesanato. Como observa Robert S. Wistrich, "queixas econômicas contra a riqueza dos judeus" eram muito menos significativas nesse período do que se tornariam posteriormente (WISTRICH, 1992).

A associação entre judeus e dinheiro consolidou-se sobretudo a partir da marginalização estrutural imposta pelas sociedades cristãs medievais. Excluídos da propriedade da terra, impedidos de integrar corporações de ofício e afastados de atividades consideradas "produtivas", muitos judeus passaram a atuar no comércio e nas finanças (MACCOBY, 1996; PERRY; SCHWEITZER, 2002). Como resume Hyam Maccoby, "a única ocupação deixada em aberto para os judeus foi a de usurários" (MACCOBY, 1996).

Essa posição respondia também a uma contradição interna da própria sociedade cristã medieval. O direito canônico condenava o empréstimo a juros, mas a economia dependia de crédito. A solução consistiu em deslocar essa atividade, moralmente condenada, para grupos já marginalizados. Robert Kurz descreve esse mecanismo como "perfídia particular do cristianismo medieval" (KURZ, 1995).

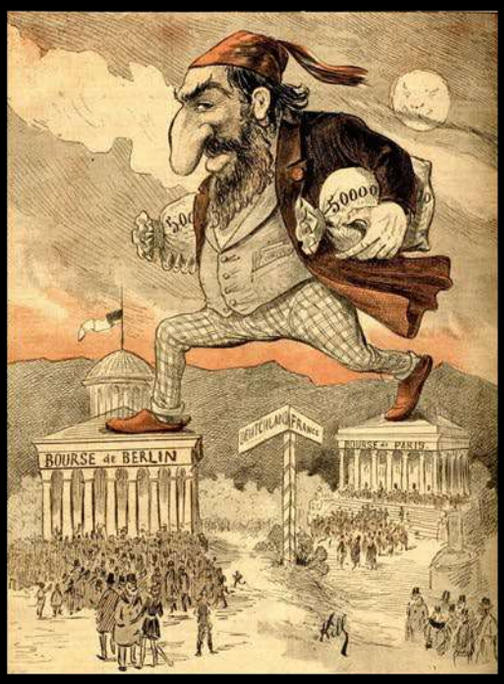
Nesse contexto surgiram os chamados "judeus da corte", financiadores de monarcas e aristocratas. Embora ocupassem posições economicamente relevantes, permaneciam juridicamente vulneráveis e sujeitos à proteção ou expropriação conforme os interesses do soberano. Para a população endividada, porém, a figura visível era a do credor judaico, o que contribuiu para consolidar imagens duradouras dos judeus como exploradores financeiros.

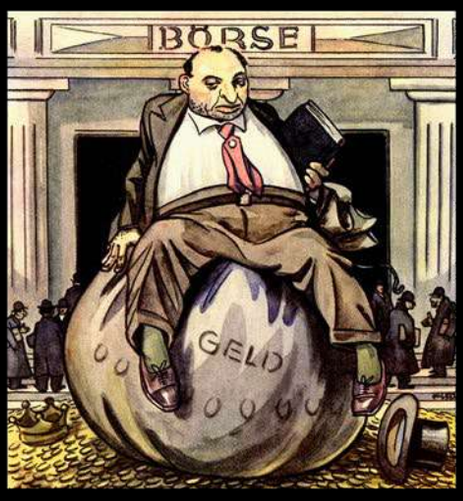
Ao longo do tempo, uma posição historicamente imposta passou a ser reinterpretada como essência moral ou cultural. Adorno e Horkheimer sintetizam esse processo ao afirmar que "os judeus não foram os únicos a ocupar o setor da circulação, mas ficaram encerrados nele tempo demais" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Assim, a associação entre "judeu" e dinheiro converteu-se em categoria simbólica mais ampla posteriormente projetada sobre mercado, finanças e capitalismo.

A partir da Era Moderna, a expansão das redes comerciais sefarditas após as expulsões ibéricas fortaleceu a presença judaica em circuitos internacionais de crédito e comércio. O êxito dessas redes foi frequentemente reinterpretado como evidência de conspiração organizada e dominação financeira transnacional.

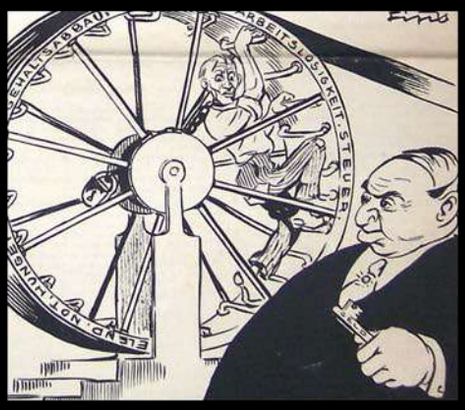
Nesse contexto, a literatura e o pensamento político passaram a mobilizar a figura do judeu para representar ansiedades diante da expansão do mercantilismo. Léon Poliakov identifica em *A Ilha dos Monopantos* (1639), de Francisco de Quevedo, um elo importante entre o antijudaísmo medieval e as modernas teorias conspiratórias sobre finança internacional e dominação mundial (POLIAKOV, 2003b).

David Nirenberg observa dinâmica semelhante em *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare. A peça dramatiza o temor diante de uma sociedade cada vez mais organizada por contratos, comércio e cálculo econômico. Shylock encarna a ansiedade diante da mercantilização da vida social ao personificar a lógica contratual em sua forma extrema – a exigência de uma "libra de carne" como garantia legal (NIRENBERG, 2013).



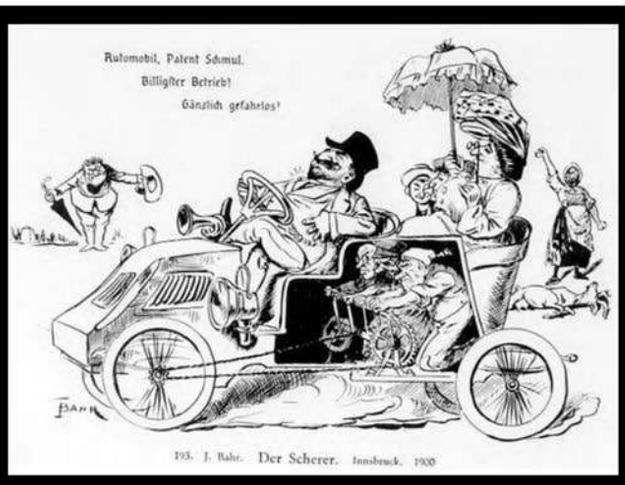


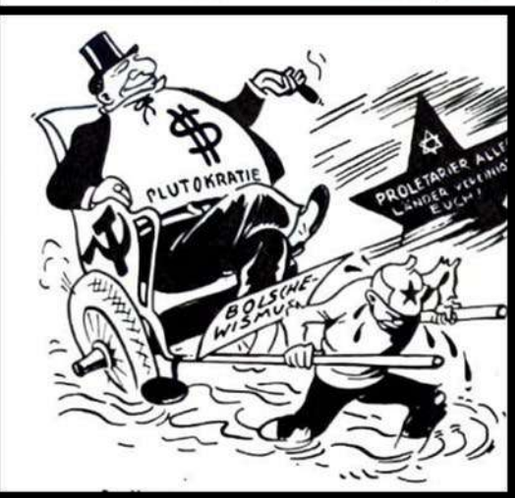
Você não sabe, mas eles controlam a Economia Mundial 🇮🇱🧿💰

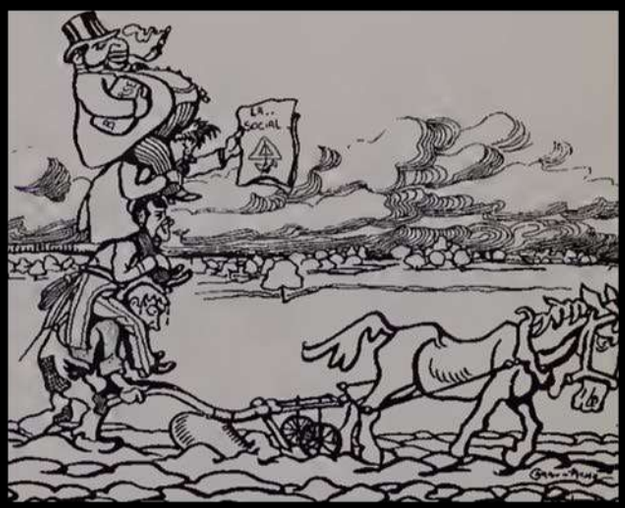


Parabéns [redacted] vc tem se mostrado firme diante dessa direita genocida, sem temer as retaliações dos endinheirados judeus.
[redacted]

Podem dizimar a população de Israel, ainda assim o sionismo permanecerá intacto. Os sionistas de primeira ordem não se importam com os israelenses. São como figurantes em um teatro. Substituíveis para uma próxima encenação. Sionismo é a nata do capitalismo financeirizado.

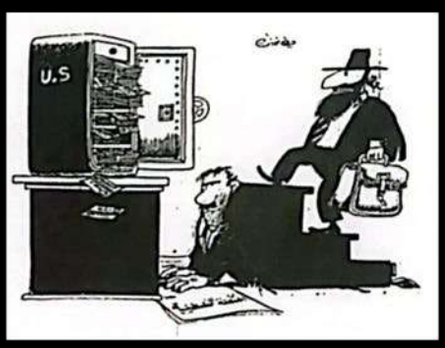


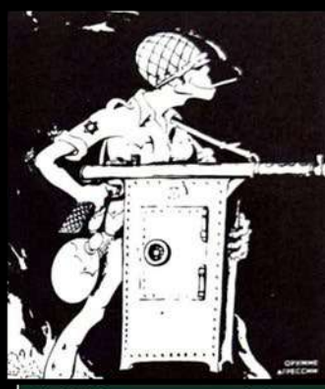


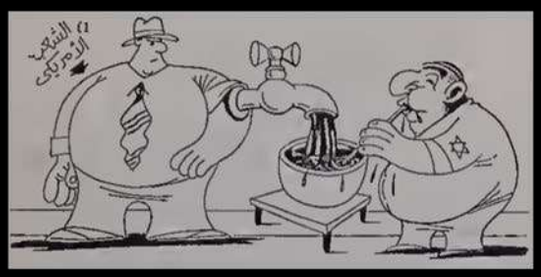


O nazismo explodindo na Europa e Sionismo exterminando Gaza.

Ambos servem a nata do capitalismo.
Foda é saber que os mesmos controlam a narrativa e a compreensão dos fatos LOGO... a população nunca irá perceber sua similaridade







@art... · 36min

Em resposta a [redacted]

Essa raça de sionista só pensam em dinheiro.

5 129

222

[redacted] O Que É Prosperidade Pra Você?

Talvez seja nunca mais se preocupar com o preço da conta no restaurante...

Poder ter tempo pra aproveitar quem você ama sem olhar no relógio.

Mas... e se eu te dissesse que a prosperidade não tem NADA a ver com quanto você ganha, mas sim com algo MUITO mais profundo?

Descubra os 5 códigos milenares do povo judeu para alcançar:
- Vida financeira sólida
- Relacionamentos saudáveis
- Paz interior permanente

Eu decidi revelar esses códigos em um vídeo gratuito. Quer saber como aplicá-los na sua vida HOJE mesmo? Clique agora! 👉

No século XVIII, a expansão do crédito e das finanças coincidiu com o Iluminismo e a secularização das antigas categorias teológicas. Após a Revolução Francesa e a emancipação judaica, setores contrarrevolucionários passaram a interpretar a integração social dos judeus como evidência da dissolução da ordem cristã tradicional.

Louis de Bonald sustentava que a Revolução havia favorecido uma força estrangeira e economicamente predatória, enquanto Édouard Drumont radicalizou essa leitura em *La France juive* (1886). Drumont fundiu antijudaísmo religioso, racialismo moderno e crítica anticapitalista para sustentar que a França republicana estaria submetida ao poder financeiro judaico, simbolizado sobretudo pelos Rothschild. O capital judaico aparecia não apenas como concentração de riqueza, mas como força capaz de controlar governos, imprensa e instituições políticas.

Nos territórios de língua alemã, desenvolveu-se um "anticapitalismo de direita" que deslocava a hostilidade ao liberalismo e à industrialização para a figura do judeu, convertido em personificação do cosmopolitismo financeiro e da dissolução das tradições nacionais. Wilhelm Marr apresentou o antissemitismo como reação à suposta "vitória do judaísmo sobre o germanismo", enquanto Richard Wagner associava os judeus à mercantilização da cultura e ao domínio do dinheiro.

No final do século XIX, esse imaginário adquiriu contornos raciais. Houston Stewart Chamberlain reinterpretou as transformações econômicas como expressão de uma luta biológica entre povos, convertendo processos abstratos em ameaça racial personificada.

Moishe Postone explica essa transformação ao demonstrar como a sociedade moderna produziu uma imagem cindida do capitalismo (POSTONE, 2021). A indústria e o trabalho manual passaram a ser idealizados como concretos, produtivos e "orgânicos", enquanto a esfera financeira – dinheiro, juros, crédito e especulação – passou a ser percebida como abstrata, parasitária e desenraizada. Essa cisão adquiriu progressivamente forma racial, traduzindo-se "na oposição racial entre arianos e judeus" (POSTONE, 2021).

Segundo Postone, características atribuídas aos judeus pelo antissemitismo moderno, como abstração, mobilidade, intangibilidade e universalidade, correspondem justamente às propriedades da dimensão abstrata do valor analisada por Marx. Incapaz de compreender essas dinâmicas como estruturais ao próprio capitalismo, a consciência fetichizada projeta-as sobre um inimigo personificado.

Também setores da esquerda socialista e anarquista recorreram a esse mecanismo. Alphonse Toussenel definiu "judeu" como sinônimo de traficante de dinheiro e explorador improdutivo, enquanto Pierre-Joseph Proudhon articulou formulações explicitamente exterminacionistas. Bakunin descrevia "todo esse mundo judeu" como "povo sanguessuga" ligado simultaneamente aos Rothschild e ao marxismo.

Robert Kurz denomina essa lógica de "Economia Política do Antissemitismo" (KURZ, 1995). Em vez de compreender o capitalismo como totalidade estrutural, desloca-se a crítica exclusivamente para bancos, juros e finanças, preservando intacta a lógica fundamental da produção mercantil. O resultado é uma forma de falso anticapitalismo que converte contradições sistêmicas em narrativa antissemita.

A elaboração filosófica mais influente dessa associação apareceu em *Sobre a Questão Judaica* (1844), de Karl Marx. Em seu texto de juventude, Marx utiliza o judaísmo como metáfora da sociedade fundada no interesse privado, na circulação mercantil e no poder do dinheiro. Embora buscasse criticar a alienação capitalista, ainda mobilizava o vocabulário cultural de sua época, secularizando antigos motivos cristãos.

Contudo, Marx não deve ser reduzido a um antissemita. Essas formulações pertencem a uma fase inicial de sua obra, anterior ao desenvolvimento maduro de sua crítica da economia política. Posteriormente, ele substituiria a figura do "judeu" pela categoria mais ampla de "burguês" (BARREIRA, 2021).

No início do século XX, Werner Sombart associou diretamente o "espírito do capitalismo" a um suposto racionalismo judaico. Max Weber rejeitou essa genealogia, mas preservou parcialmente a cisão entre um capitalismo "produtivo" protestante e uma esfera judaica vinculada à circulação e à especulação financeira (ABRAHAM, 1988).

Essa distinção mostrou-se particularmente útil para capitalistas industriais como Henry Ford. Em *The International Jew* (O Judeu Internacional), Ford apresenta as finanças globais como rede mundial controlada exclusivamente por judeus, convertidos em personificação do capital internacional. Assim, o industrialismo nacional aparecia como produtivo e legítimo, enquanto o capitalismo financeiro era racializado e externalizado.

O ápice dessa lógica ocorreu no nazismo. Jeffrey Herf demonstra como a propaganda hitlerista fundia Estados Unidos, Inglaterra e capitalismo internacional à imagem da "plutocracia judaica" (HERF, 2006). O conflito mundial era interpretado como agressão coordenada pelo capital judaico global contra o "trabalho produtivo" ariano.

Segundo Postone, o Holocausto constituiu forma extrema de falso anticapitalismo. O nazismo imaginava os judeus como personificações do aspecto abstrato do capitalismo e interpretava sua eliminação como redenção econômica, racial e metafísica. Auschwitz aparecia, assim, como tentativa delirante de destruir aquilo que o regime percebia como princípio abstrato e corrosivo da modernidade capitalista.

Na União Soviética, a associação entre judeus, capitalismo e poder financeiro foi reformulada em linguagem marxista-leninista. Sob Stálin, especialmente após 1948, judeus passaram a ser representados como "cosmopolitas sem raízes", agentes do imperialismo ocidental e do capitalismo internacional.

Essa lógica atingiu seu ápice no Complô dos Médicos (1953), quando médicos majoritariamente judeus foram acusados de conspiração terrorista vinculada ao imperialismo americano e ao sionismo internacional. Posteriormente, o antissionismo soviético passou a fundir explicitamente judaísmo, capitalismo global e dominação imperialista, reciclando estruturas dos *Protocolos dos Sábios de Sião* sob nova linguagem ideológica.

Na contemporaneidade, a acusação de que judeus controlariam ou personificariam o capitalismo global foi adaptada à era digital e à globalização. Narrativas sobre Rothschild, George Soros, "globalistas" ou "elites financeiras" frequentemente reproduzem a mesma estrutura de personificação conspiratória.

Na extrema direita, essas formulações articulam-se a teorias como a da "grande substituição" e ZOG (→ 16. *complôs de subversão*), segundo as quais judeus financiariam imigração, multiculturalismo e dissolução das identidades nacionais. No jihadismo contemporâneo, Wall Street, Israel e o "Ocidente judaico" aparecem fundidos como expressão de um mesmo mal global (WISTRICH, 2002).

Estruturas semelhantes também aparecem em certos setores populistas de esquerda e movimentos antiglobalização, quando Israel ou o "sionismo" passam a ser representados como centro da plutocracia internacional ou personificação do capitalismo global.

Adorno e Horkheimer descrevem esse mecanismo como lógica do *ticket*: conjuntos fechados de *slogans* e posições ideológicas passam a substituir a análise concreta da realidade. Nessa dinâmica, o "sionismo" converte-se em categoria totalizante capaz de absorver críticas ao colonialismo, ao imperialismo, à financeirização e à ordem ocidental em bloco.

Daniel Feldmann relaciona essa persistência à crise das formas tradicionais de crítica socialista. Incapaz de compreender estruturalmente o capitalismo contemporâneo, parte da crítica política regressa a formas moralizantes e personalistas que convertem processos abstratos em inimigos identificáveis.

Com o avanço do capitalismo digital e da financeirização global, a dominação abstrata do capital torna-se ainda mais opaca e impessoal. Segundo Postone, quanto mais incompreensíveis se tornam essas dinâmicas, maior tende a ser a necessidade social de explicações personificadas. Feldmann resume esse processo ao afirmar que "quanto mais a abstração da mercadoria e do capital é internalizada [...] mais é reforçado o ímpeto para que se exteriorize sobre os judeus a personificação de uma dominação abstrata" (FELDMANN, 2024).

Assim, a figura do judeu ou do "sionista" permanece disponível como mecanismo de personificação dos efeitos negativos do capitalismo. O "socialismo dos tolos" reaparece, desse modo, como forma recorrente de falsa consciência que preserva intactas as estruturas reais de dominação ao converter a crítica do sistema em perseguição a inimigos fetichizados.

COMO IDENTIFICAR?

• Essencialização econômica: atribuição de relação intrínseca entre judeus, judaísmo, sionismo ou Israel e dinheiro, ganância, lucro excessivo ou exploração.
• Personificação do capitalismo: representação de judeus ou "sionistas" como encarnação das forças abstratas e destrutivas do capitalismo.
• Conspiração financeira global: alegações de que judeus controlam bancos, governos, mídia, guerras ou instituições internacionais.
• Linguagem codificada: uso de expressões como "globalistas", "elites financeiras", "Nova Ordem Mundial" ou referências obsessivas a Soros e Rothschild como substitutos implícitos para "judeus".
• Mistura entre crítica legítima e conspiração: incorporação de elementos conspiratórios e essencializantes em críticas econômicas ou geopolíticas.

• Uso de caricaturas e imagens históricas associando judeus a agiotagem, manipulação financeira ou parasitismo econômico.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

Tanto a definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) convergem ao classificar como antissemita a narrativa de que judeus controlariam secretamente a economia, governos, mídia ou instituições globais. Para ambas, a ideia de conspiração judaica mundial constitui atualização contemporânea de um tropo clássico sobre poder oculto e dominação sistêmica.

Contudo, o debate contemporâneo envolve zonas cinzentas importantes. A primeira refere-se à distinção entre crítica estrutural legítima ao capitalismo e formas de falso anticapitalismo que abandonam a análise sistêmica para personificar desigualdades em judeus, financistas ou "elites" supostamente judaicas.

Outra zona cinzenta envolve o uso de linguagem codificada. Termos como "globalismo", "Nova Ordem Mundial" ou "elites financeiras" não são automaticamente antissemitas, mas tornam-se problemáticos quando funcionam como códigos para narrativas de controle judaico.

O mesmo vale para críticas a figuras específicas como George Soros ou a família Rothschild. O escrutínio político e econômico é legítimo, mas torna-se antissemita quando essas figuras passam a representar uma conspiração financeira judaica global.

Dinâmica semelhante aparece em certos discursos antissionistas quando críticas a políticas israelenses cedem lugar à representação de Israel como centro da plutocracia mundial ou personificação do capitalismo global. Nesses casos, antigas estruturas conspiratórias são reatualizadas sob nova linguagem política.

15. Dominação Mundial

Trata-se do lugar-comum que acusa os judeus de arquitetarem um complô secreto destinado a subjugar as nações e impor um domínio hegemônico sobre a humanidade. Diferentemente da simples atribuição de poder ou influência desproporcional (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*), essa teoria da conspiração pressupõe a existência de um plano deliberado e coordenado conduzido por uma elite judaica global (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*). Nessa lógica, crises econômicas, revoluções, guerras, pandemias e transformações sociais deixam de ser explicadas por fatores históricos e estruturais e passam a ser interpretadas como etapas de um mesmo projeto de dominação. Ao fundir os tropos da dissimulação (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*), da desintegração social (→7. *desintegrador e degenerador*) e do controle financeiro (→ 14. *personificação e controle do capitalismo global*), o imaginário da dominação mundial projeta sobre os judeus uma agência ilimitada e maléfica (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*), convertendo-os nos supostos arquitetos ocultos do destino do mundo.

Após a Segunda Guerra Mundial, o mito da dominação mundial foi reformulado para contornar a rejeição pública ao antissemitismo explícito, recorrendo a eufemismos e apitos de cachorro (→ 35. *comunicação ambígua, implícita ou indireta*). Na extrema direita e no supremacismo branco, a narrativa reaparece em expressões como ZOG – *Zionist occupation government* (governo de ocupação sionista) e *new world order* (nova ordem mundial), frequentemente associadas à ideia de "elites globalistas" que controlariam governos, finanças e meios de comunicação. Figuras como George Soros e a família Rothschild tornaram-se símbolos recorrentes dessa suposta conspiração internacional. Em setores da esquerda e do islamismo político, o "lobby sionista" é retratado como engrenagem central do imperialismo global, supostamente capaz de manipular governos ocidentais, controlar a mídia e determinar os rumos da política internacional.

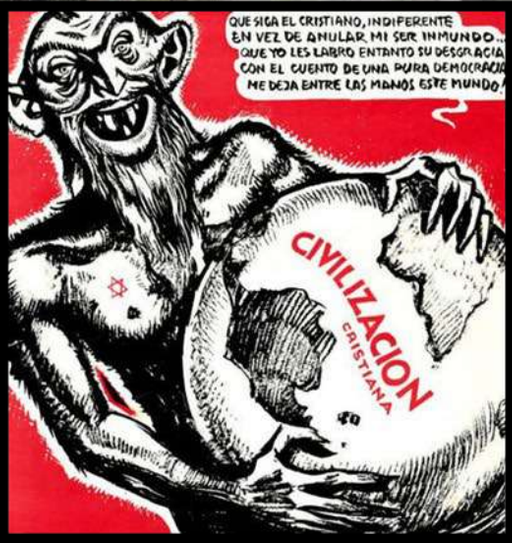
Historicamente, a acusação de que os judeus buscariam dominar o mundo político moderno foi precedida pela crença medieval de que seriam agentes do *Diabo* ou do *Anticristo* (→ 1. *demonização*) empenhados na destruição da Cristandade. Hyam Maccoby (1996) observa que interpretações medievais de II *Tessalonicenses* difundiram a ideia de que o Anticristo "lideraria um poderoso exército judaico contra as forças do cristianismo". Robert S. Wistrich acrescenta que a lenda do Anticristo forneceu a base milenarista dessa fantasia de dominação global, ao sustentar que "tanto o Anticristo como seus principais apoiadores seriam judeus" e que essa figura satânica "ressuscitaria o Templo em Jerusalém e brevemente governaria sobre um império judaico mundial antes de ser derrotado por Cristo" (WISTRICH, 1992).

Durante a Peste Negra (1347-1353), essa demonologia assumiu a forma de uma teoria conspiratória internacional. Difundiu-se a acusação de que os judeus haviam organizado uma rede secreta destinada a exterminar a Cristandade por meio do envenenamento de poços. Segundo a narrativa, os judeus, "ansiosos por extirpar a fé cristã e tornarem-se senhores do mundo, deleitavam-se com a oportunidade de servir a Satanás". A conspiração possuiria até mesmo um centro de comando global: "Dizia-se que os judeus haviam chocado sua conspiração diabólica em Toledo, na Espanha. Da Espanha, mensageiros armados com um veneno mortal [...] foram enviados para várias partes da Cristandade" para envenenar sistematicamente os poços em colaboração com rabinos locais (PERRY; SCHWEITZER, 2002). A narrativa já continha elementos centrais das modernas teorias da conspiração: um comando oculto internacional, agentes transnacionais e células locais coordenadas para provocar destruição em massa e alcançar o "domínio mundial" (WISTRICH, 1992).

Léon Poliakov identifica na sátira política de Francisco de Quevedo um ponto de transição entre a antiga demonologia medieval e o antissemitismo conspiracionista moderno, de natureza política e econômica. Em *La Isla de los Monopantos* (A Ilha dos Monopantos), Quevedo descreve os judeus, auxiliados pelos "Monopantos" – apresentados como precursores imaginários da maçonaria –, articulando um complô internacional destinado a assegurar a dominação do mundo por meio do ouro e da manipulação das nações cristãs. O plano é exposto pela personagem "Rabi Saadias", que lidera em Salônica uma reunião secreta com representantes judeus vindos de cidades como Ruão, Constantinopla e Amsterdã, configurando uma rede transnacional clandestina.

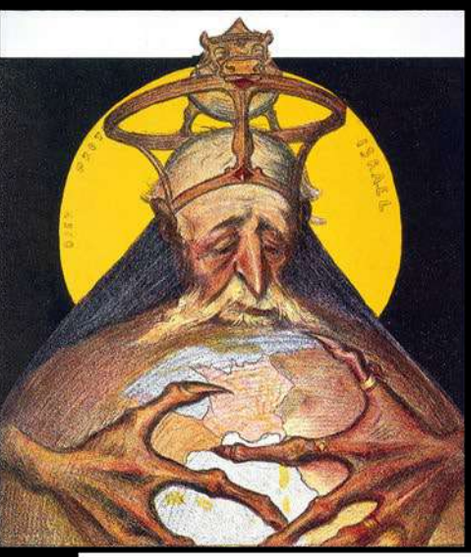
A sátira vai além da acusação de influência financeira e delineia um projeto de poder baseado no cinismo político absoluto. Saadias sustenta que o triunfo judaico deveria fundar-se na "ruína de todos os outros" (citado em POLIAKOV, 2003b). Poliakov observa que a formulação de Quevedo marca a secularização do imaginário antissemita: o antigo inimigo religioso medieval transforma-se em um conspirador guiado pela *Realpolitik*. Essa mudança aparece de forma explícita na figura de Pacas Mazo, outro conspirador do panfleto, que invoca Nicolau Maquiavel para justificar a ausência de escrúpulos de sua raça, declarando metaforicamente que foi o pensador florentino "quem compôs o baixo contínuo para o nosso agudo" (citado em POLIAKOV, 2003b). Para Poliakov, "O enredo de *A Ilha dos Monopantos* [...] serviu aos autores do século XX dos *Protocolos dos Sábios de Sião* como base para a versão contemporânea" (POLIAKOV, 2003b).

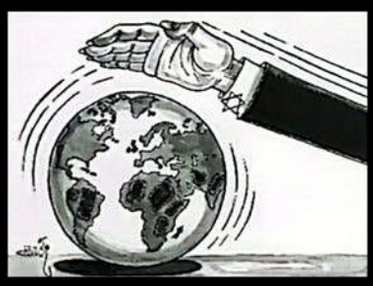
A passagem do imaginário religioso medieval para o modelo moderno de conspiração política ganhou força após a Revolução Francesa e a emancipação dos judeus na Europa. No século XIX, o discurso antissemita adaptou-se às transformações sociais e econômicas da modernidade. A emancipação jurídica promovida por Napoleão passou a ser interpretada por setores conservadores e clericais como sinal da dissolução da ordem cristã tradicional. Surgiram então novas narrativas conspiratórias: na direita conservadora, os judeus eram retratados como agentes da destruição da ordem monárquica cristã; na esquerda socialista, como organizadores de uma tomada da economia. O mito da dominação mundial passou, assim, a incorporar os temores ligados ao liberalismo, ao capitalismo financeiro, às revoluções políticas e à secularização.

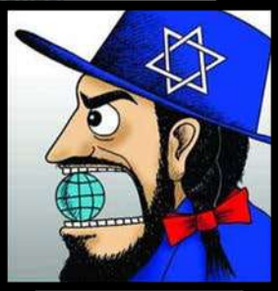


O protocolo dos sábios de Sião já explicava isso...

3 curtidas Responder







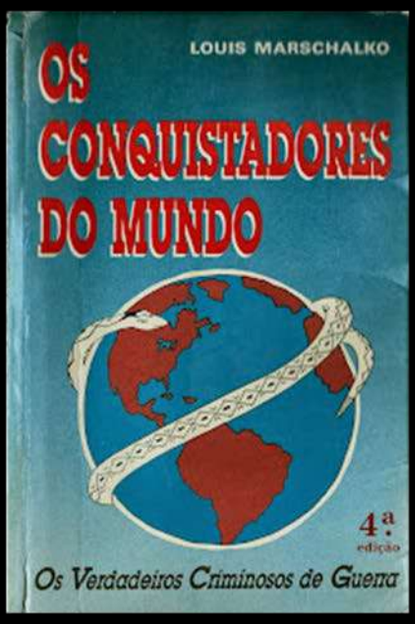
Discurso de ódio? Tu queres ver que o [redacted] é de esquerda? 🤔 Oh [redacted] da Opus Dei, são os judeus que dominam o mundo e fazem as agendas demoníacas que tu dizes combater! Deixa-te de cinismos! Os judeus são contra os cristãos! Mas devem pagar-te muito bem para seres um good goy

[redacted] Seguir

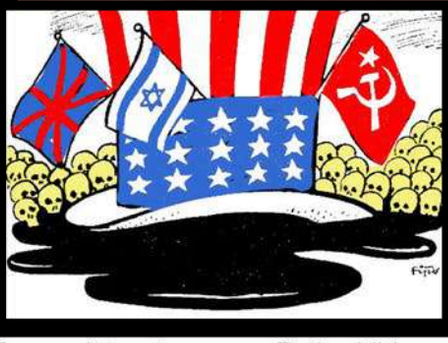
"- Argentina: presidente judeu.
- Panamá: presidente judeu.
- México: presidente judeu.
- Estados Unidos: todos os presidentes, de esquerda ou de direita, são sionistas até a medula, caso contrário nunca poderiam chegar ao poder.

O grupo supostamente mais "vitimado" é também o mais poderoso do mundo. Bem-vindo à judaização da civilização ocidental."

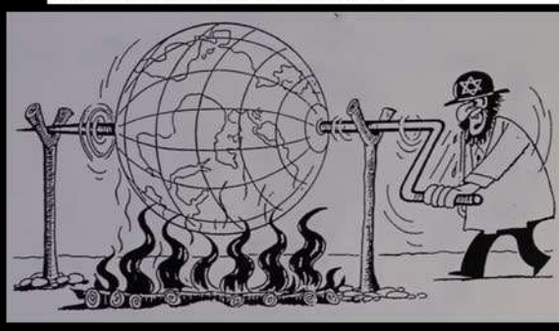
Os sionistas controlam o mundo inteiro a décadas e eles fingem que não vêem.... 🤔



Sionistas dominam o mundo. Com dinheiro e essa cartada de antissemitismo, são uns oportunistas.



A Economist pertence aos Rothschild e a outras famílias globalistas perto das quais a Família Soros é uma amadora.



Globalismo foi invenção deles também

10 sem 1 curtida Responder

17 min

O livro "O protocolo dos sábios de Sião " não é sobre o povo judeu. É sobre os sionistas. Eu desprezava esse livro. Hoje eu começo a entender do que ele fala.

Responder

Os analistas políticos tem que se atualizar e começar a falar o óbvio: Israel controla os EUA e o comportamento agressivo e imperialista dos últimos 70 anos é resultado direto desse domínio estrangeiro sionista. Até quando vão fingir que não enxergam isso?

14 curtidas Responder

Ver todas as 6 respostas

Esse imaginário foi amplamente alimentado por obras ficcionais tratadas como relatos verídicos. Um dos exemplos mais influentes foi o romance Biarritz (1868), de Hermann Goedsche, que descrevia um encontro secreto das tribos de Israel em um cemitério de Praga planejando a submissão global. A ideia de um "Estado dentro do Estado" tornou-se então elemento central do conspiracionismo antissemita. O tradicionalista francês Louis de Bonald expressava o temor aristocrático diante da ascensão econômica judaica ao advertir que os "Filhos de Israel", graças à sua "conduta sistemática e racional", acabariam reduzindo os cristãos a "nada mais que seus escravos" (citado em POLIAKOV, 2003c).

A formulação do complô judaico de dominação mundial alcançou seu ápice com a publicação de *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, uma das mais influentes falsificações políticas da história moderna. O texto foi fabricado no final do século XIX a partir do plágio do panfleto satírico francês *Dialogue aux enfers entre Machiavel & Montesquieu* (Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu), de Maurice Joly (1864), originalmente escrito como crítica ao autoritarismo de Napoleão III e sem qualquer relação com o judaísmo. Agentes da Okhrana, a polícia secreta do Império Russo, adaptaram o texto de Joly e incorporaram elementos do romance *Biarritz*, produzindo a narrativa fraudulenta de um complô judaico global. Os *Protocolos* começaram a circular em 1903 e foram amplamente popularizados pelo seu primeiro editor, o místico Serguêi Nilus, em 1905, em meio à crise política e social do czarismo russo (POLIAKOV, 2003c).

A obra apresenta-se como um conjunto de 24 atas secretas atribuídas aos chamados "Sábios de Sião", supostos líderes judaicos e maçônicos empenhados na destruição das sociedades cristãs e na instauração de uma tirania mundial. Metade do texto descreve mecanismos de desestabilização política e social; a outra expõe o funcionamento do futuro regime autocrático. O documento proclama abertamente seus objetivos despóticos: "Sobre as ruínas da aristocracia natural e hereditária, elevamos nossa aristocracia da inteligência e das finanças." Em seguida, anuncia que "nosso reinado se assinalará por um despotismo tão majestoso que estará em condições, em qualquer tempo e lugar, de fazer calar os cristãos". O desfecho da conspiração culminaria na submissão do mundo a um soberano universal da linhagem de David: "quando chegar a hora de ser coroado nosso soberano universal, essas mesmas mãos varrerão todos os obstáculos que se lhe anteponham". Nesse império global, "o rei dos judeus será o verdadeiro papa do universo, o patriarca da Igreja Internacional" (BARROSO, 1936).

Embora o jornal *The Times* tenha demonstrado, em 1921, que os *Protocolos dos Sábios de Sião* eram uma fraude literária, e não obstante a decisão da Corte de Berna (1934-1935), que classificou o documento como "uma tolice ridícula", a obra continuou a exercer ampla influência política. No Brasil, a Ação Integralista Brasileira difundiu o texto por meio das traduções de Gustavo Barroso, empregando-o em campanhas anticomunistas e antijudaicas durante a década de 1930 (ROSENFELD, 1982). Segundo Anatol Rosenfeld, os *Protocolos* serviram inclusive de "pretexto para a implantação do Estado totalitário" no país.

Rosenfeld aponta que o chamado Plano Cohen – falso documento utilizado para justificar o Estado Novo em 1937 – reproduzia diretamente a estrutura conspiratória dos *Protocolos*. O suposto plano comunista de tomada do poder teria sido construído segundo a mesma lógica do complô oculto internacional destinado a provocar terror, caos e subversão social. O autor aponta explicitamente "a semelhança do plano terrorista de Cohen com o que vai exposto nos *Protocolos*, o nome judaico do suposto autor, os fins políticos a que se destinava a fraude – iguais aos dos *Protocolos*" (ROSENFELD, 1982).

A força, a persuasão e a permanência dos *Protocolos dos Sábios de Sião* decorreriam, segundo Norman Cohn, do fato de a obra ter condensado e secularizado antigas tradições demonológicas do cristianismo medieval. Para o autor, "a crença nazista numa conspiração mundial judaica representa um renascimento, de forma secularizada, de certas crenças apocalípticas que outrora formavam parte da visão de mundo cristã" (COHN, 1957). A antiga expectativa escatológica do Anticristo foi, assim, convertida em linguagem política moderna, transformando os judeus em agentes de uma conspiração planetária destinada a destruir a civilização cristã. Segundo o autor, Serguêi Nilus teria explicitado essa dimensão apocalíptica ao publicar, em 1905, sua edição do texto sob o título *O Grande no Pequeno e o Anticristo: Uma Possibilidade Política Iminente. Notas de um Crente Ortodoxo*. Os chamados "Sábios de Sião" aparecem, nessa construção, como precursores do Anticristo: uma elite demoníaca destinada a governar o mundo, corromper a moral cristã e instaurar uma tirania universal.

Adolf Hitler elaborou, em *Mein Kampf* (Minha Luta), uma narrativa histórico-cronológica que apresentava os judeus como agentes permanentes de um projeto de dominação mundial. O judaísmo surge ali como uma força biológica infecciosa que teria se infiltrado gradualmente nas estruturas econômicas, culturais e políticas das nações europeias. Segundo Hitler, a primeira etapa desse avanço ocorrera com a expansão do Império Romano, quando os judeus chegaram à Europa Central como comerciantes e intermediários econômicos. Aproveitando-se da "inexperiência" dos povos locais, passariam a monopolizar o crédito e as finanças através da usura: "Começa com empréstimos de dinheiro, e, como sempre, com juros de usurários" (HITLER, 2016). Diante da hostilidade popular crescente, teriam então buscado alianças com príncipes e monarcas, atuando como "judeus da corte". Hitler sustenta que utilizariam dinheiro e influência para afastar os soberanos de seus povos e acelerar a decadência das monarquias: "O judeu conhece perfeitamente o fim reservado aos príncipes e procura, por todos os meios, apressá-lo" (HITLER, 2016).

A etapa seguinte desse suposto processo de dominação seria marcada pela assimilação estratégica. Segundo Hitler, os judeus abandonariam parcialmente o isolamento comunitário para reivindicar igualdade civil e apresentar-se falsamente como membros das nações europeias. A ideia de que o judaísmo seria apenas uma religião funcionaria, para ele, como artifício destinado a ocultar sua alegada natureza racial distinta: "A religião mosaica nada mais é que uma doutrina para a conservação da raça judaica" (HITLER, 2016). Nessa lógica, o judeu passaria a declarar-se "alemão", "francês" ou "inglês" apenas para mascarar suas intenções

e ampliar sua infiltração política e cultural. Uma vez obtidos os direitos civis, Hitler afirmava que os judeus começariam a controlar a opinião pública por meio do liberalismo, da imprensa e da maçonaria, infiltrando-se nas instituições democráticas sob a aparência de filantropos e defensores do progresso.

Com a industrialização e a formação de uma classe operária empobrecida, Hitler acreditava que os judeus teriam encontrado o instrumento ideal para destruir os Estados por dentro. O marxismo aparecia, nessa interpretação conspiratória, como uma arma deliberadamente concebida para dissolver a economia nacional e provocar guerras civis revolucionárias. Os judeus esconderiam suas intenções sob reivindicações sociais aparentemente legítimas: "Apresentando-a inseparavelmente ligada a toda uma série de exigências sociais bem legítimas [...] sob esse disfarce de ideias puramente sociais, escondem-se intenções francamente diabólicas" (HITLER, 2016).

O bolchevismo surgia, assim, como a etapa culminante desse processo: um instrumento de terror destinado a destruir as elites nacionais e instaurar uma ditadura mundial judaica. Na fase final desse suposto plano de dominação, Hitler vinculava o sionismo ao mesmo projeto conspiratório global. O movimento sionista não seria, para ele, uma aspiração legítima de autodeterminação nacional, mas a tentativa de criar uma base internacional protegida para coordenar a futura dominação mundial: "O que eles desejam é, unicamente, um centro de organização autônomo, ao abrigo da intrusão de outras potências" (HITLER, 2016).

Essa matriz conspiratória produziu uma completa inversão da realidade histórica da Segunda Guerra Mundial. Como observa Jeffrey Herf, a propaganda nazista projetava sobre os judeus as próprias ambições imperialistas e genocidas do regime. Cartazes exibidos nas ruas alemãs apresentavam Roosevelt, Churchill e Stálin como meros instrumentos de uma conspiração judaica internacional. Um desses materiais afirmava explicitamente: "A judiaria internacional quis esta guerra, para realizar seu objetivo de dominação mundial" (HERF, 2006). A acusação de dominação mundial tornou-se, assim, a principal chave interpretativa mobilizada pelo nazismo para explicar a guerra, justificar a perseguição antissemita e apresentar o extermínio dos judeus como um suposto ato de "autodefesa" nacional.

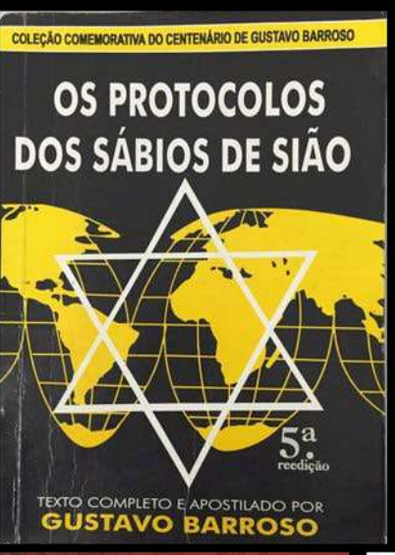
Após a Segunda Guerra Mundial, quando o antissemitismo explícito se tornou publicamente intolerável em razão do genocídio nazista, o arquétipo do complô judaico mundial passou a sobreviver sob novas formulações, sobretudo nas propagandas da União Soviética e de países do Oriente Médio. Com a criação do Estado de Israel, o antigo mito da dominação global foi progressivamente transferido para o "sionismo", permitindo a reformulação de velhos tropos antissemitas em linguagem política aparentemente anticolonial ou anti-imperialista. Nessa nova configuração, o sionismo deixa de ser tratado como um movimento de autodeterminação nacional judaica e passa a ser descrito como instrumento de um projeto secreto de poder planetário. Israel é então representado como "fundado como uma plataforma de lançamento para um complô judaico internacional para dominar o mundo inteiro" (BOLTON; CHAPELAN; VINCENT, 2024).

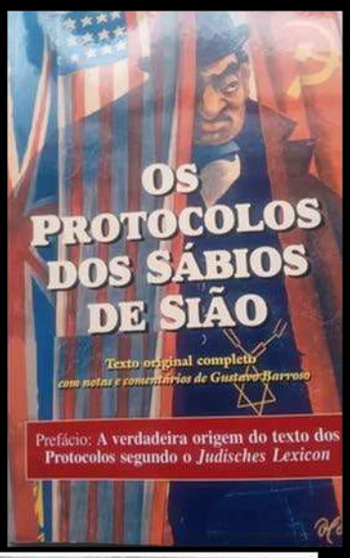
Esse imaginário conspiratório legitimou amplos expurgos antissionistas nos países comunistas. Durante a campanha polonesa de 1968, o propagandista Wladyslaw Kmitowski afirmava em manuais partidários que os sionistas buscavam instaurar o "reinado dos judeus sobre os *góim* (não judeus) no mundo inteiro" (citado em POLIAKOV, 2025). Para sustentar essa acusação, o autor recorria diretamente aos *Protocolos dos Sábios de Sião*, perguntando se no "mundo capitalista" teriam chegado os tempos em que "os *góim* curvarão humildemente suas cabeças ao nosso jugo e eles mesmos nos pedirão que reinemos sobre eles" (citado em POLIAKOV, 2025). A velha fantasia do complô judaico mundial era, assim, incorporada à retórica marxista sob a linguagem do "antissionismo".

Paralelamente, os meios de propaganda ligados ao bloco soviético difundiam a ideia de que um "império invisível, porém enorme e poderoso, de financeiros e industriais" judeus controlaria a política dos Estados Unidos (citado em POLIAKOV, 2025). Um dos principais ideólogos soviéticos, Yuri Ivanov, descrevia o sionismo como "uma das maiores associações de capital financeiro do mundo, um autodenominado 'ministério' global para os assuntos da 'judiaria mundial'" (IVANOV, 1970). Moshe Decter observou que a propaganda soviética atualizava diretamente os *Protocolos* ao difundir o medo de "uma conspiração mundial judaica do judaísmo, da riqueza judaica, do sionismo, de Israel e do capitalismo ocidental" (DECTER, 1964). Jean Améry lamentou o impacto dessa propaganda sobre setores da esquerda radical, afirmando que a URSS disseminava a crença de que "todo e qualquer judeu está envolvido em uma conspiração mundial sionista-imperialista" (AMÉRY, 2021).

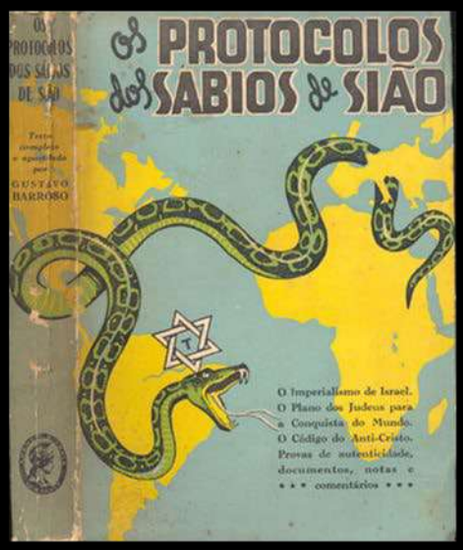
Embora os *Protocolos dos Sábios de Sião* tenham sido, nas palavras de Robert Wistrich, um "produto típico do antissemitismo russo e europeu do *fin-de-siècle*", sua ampla circulação no Oriente Médio fez com que a obra passasse a funcionar, em muitos círculos árabes, como um suposto "manifesto sionista para a conquista mundial" (WISTRICH, 2002). Nesse contexto, a acusação de dominação mundial tornou-se um instrumento recorrente para explicar derrotas militares e crises políticas árabes, transformando "Israel" e o "sionismo" em símbolos de uma conspiração global onipotente. Harkabi cita o escritor egípcio Hasan Sabri al-Khuli, segundo o qual "em Israel tomaram forma as aspirações sionistas de dominação mundial, que derivam da profunda fé sionista de que os Filhos de Israel são o povo eleito de Deus, e que a eles pertence a soberania sobre o mundo" (citado em HARKABI, 1972). De modo semelhante, a intelectual egípcia Aisha Abd-al-Rahman (Bint al-Shāṭiʾ) afirmava que os judeus "implementam ativamente um complô horrível com o objetivo de controlar o mundo inteiro" (citado em BODANSKY, 1999), enquanto Al-Mahlawi sustentava que o sionismo pretendia expandir-se "do Eufrates ao Nilo" para depois "subjugar o mundo inteiro à regra de Israel" (citado em HARKABI, 1972).

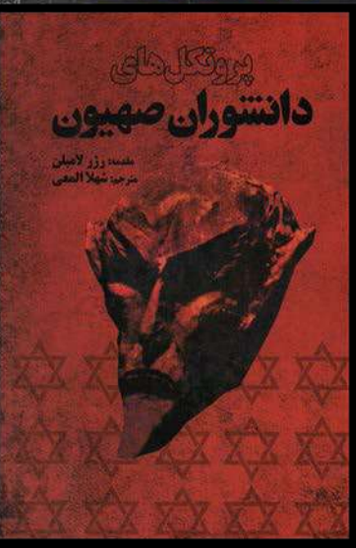
Essa lógica conspiratória foi incorporada por movimentos islamistas e organizações jihadistas contemporâneas. Sayyid Qutb, ideólogo da Irmandade Muçulmana, ajudou a consolidar a ideia de que o sionismo seria apenas "o primeiro passo em direção à conquista do mundo pelos judeus" (citado em PATTERSON, 2010). A Carta do Hamas de 1988 transformou explicitamente os *Protocolos* em referência ideológica ao declarar, em seu artigo 32: "O plano deles está

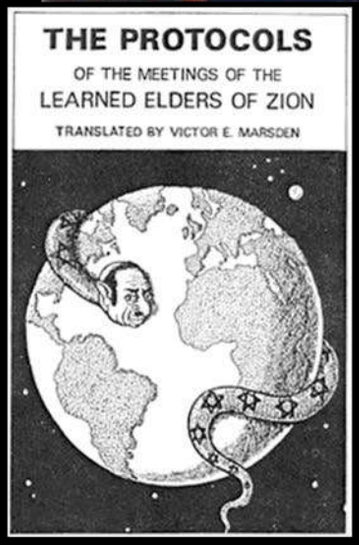

COLEÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE GUSTAVO BARROSO
OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO
5ª reedição
TEXTO COMPLETO E APOSTILADO POR
GUSTAVO BARROSO


OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO
Texto original completo
com notas e comentários de Gustavo Barroso
Prefácio: A verdadeira origem do texto dos Protocolos segundo o Judisches Lexicon

Os Protocolos dos Sábios de Sião
propaganda


OS PROTOCOLOS dos SÁBIOS de SIÃO
GUSTAVO BARROSO
O Imperialismo de Israel.
O Plano dos Judeus para a Conquista do Mundo.
O Código do Anti-Cristo.
Provas de autenticidade, documentos, notas e comentários


پروتکل های
دانشوران صهیون


THE PROTOCOLS
OF THE MEETINGS OF THE
LEARNED ELDERS OF ZION
TRANSLATED BY VICTOR E. MARSDEN

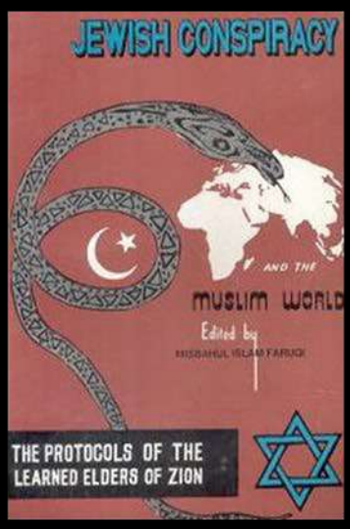
"LOS PROTOCOLOS"
CONGRESO DE BASILEA DE 1897
SECRETOS DE LOS SABIOS DE SION
Con documentos probatorios de su autenticidad
ANEXO: Resoluciones de las NACIONES UNIDAS condenatorias del Sionismo Internacional y del Estado de Israel.

LOS PROTOCOLOS DE LOS SABIOS DE SION
SERGE NILUS
www.todocoleccion.net

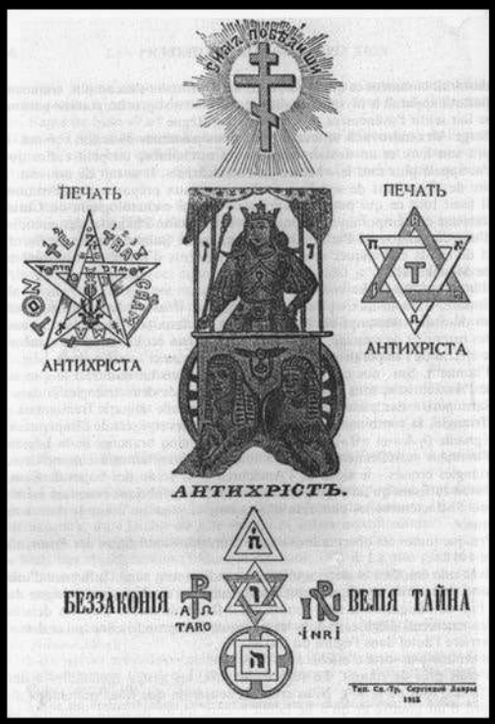
بروتوكلات
حكماء صهيون
وأصولها التوراتية والتلمودية

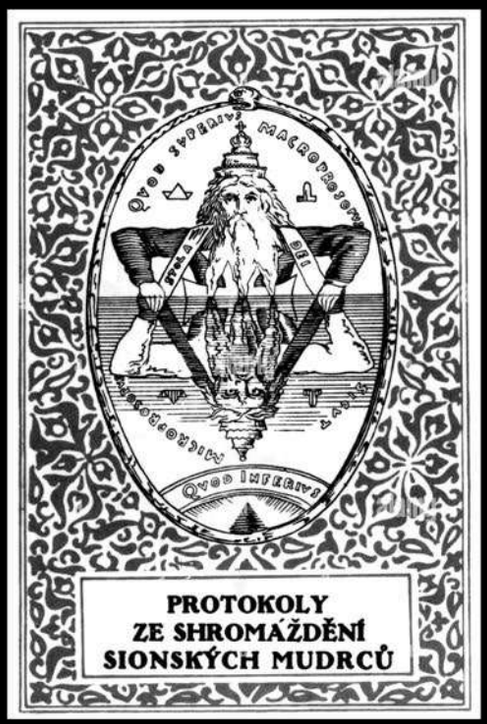
Die
Geheimnisse
der Weisen von Zion

„БАЙЗЪ ЄСТЬ, ПРИ ДВЕРЕХЪ".
О томъ, чему не желаютъ вѣрить
и
что такъ близко.
Сергѣй Нилусъ.


JEWISH CONSPIRACY
AND THE
MUSLIM WORLD
Edited by
MISBAHUL ISLAM FARUQI
THE PROTOCOLS OF THE
LEARNED ELDERS OF ZION

LE
PÉRIL JUIF
Texte intégral des
Protocols des Sages d'Israël
Dépôt : O. P. N.
5, R. Cardinal-Mercier
PARIS (9e)


ПЕЧАТЬ
АНТИХРІСТА
ПЕЧАТЬ
АНТИХРІСТА
АНТИХРІСТЪ.
БЕЗЗАКОНІЯ
TARO
ВЕЛІЯ ТАЙНА
INRI


PROTOKOLY
ZE SHROMÁŽDĚNÍ
SIONSKÝCH MUDRCŮ

exposto nos *Protocolos dos Sábios de Sião*, e o comportamento deles, no presente, é a melhor prova daquilo que lá está dito." (PIMENTA, 2024). O documento acusa ainda os judeus de controlar a mídia, as finanças internacionais e organismos como a ONU, além de responsabilizá-los pelas guerras mundiais. Em registro semelhante, o líder espiritual do Hezbolá, aiatolá Mohammad Hussein Fadlallah, afirmava: "Os judeus querem ser uma superpotência mundial. Esse círculo racista de judeus quer se vingar do mundo inteiro por sua história de perseguição e humilhação" (citado em BODANSKY, 1999).

Em suas formulações contemporâneas, tanto na extrema direita quanto em setores do movimento de solidariedade à Palestina, o antigo mito da conspiração judaica foi reformulado em um novo vocabulário político. A antiga figura da "judiaria internacional" reaparece sob a ideia de um "projeto de dominação mundial por intermédio de um 'lobby sionista'" (PARDO; DELOR, 2024). Lesley Klaff argumenta que o antissemitismo político contemporâneo se baseia precisamente na premissa de que os judeus agiriam coletivamente para promover interesses hostis aos não judeus, o que se manifesta na crença no "poder supostamente ilimitado do 'lobby de Israel' para subornar governos à sua vontade" (KLAFF, 2024). Em vez de compreender a política internacional como resultado de alianças, disputas estratégicas e interesses estatais múltiplos, essa narrativa reduz processos complexos à ação de uma força judaica oculta. David Hirsh observa que "ecos contemporâneos do velho tema da conspiração judaica assumem a forma de um argumento de que existe um lobby sionista com uma influência e um poder global tão enormes que é capaz de enviar os Estados Unidos da América para a guerra em seus interesses" (HIRSH, 2018).

Nos meios de extrema direita, uma das expressões mais difundidas da fantasia contemporânea de dominação mundial é a teoria do ZOG, surgida entre supremacistas brancos estadunidenses no final da década de 1970. Segundo essa narrativa, os governos ocidentais seriam apenas fantoches manipulados secretamente por elites judaicas ou pelo Estado de Israel. Alexis Chapelan observa que essa teoria "apresenta os judeus como controladores secretos da política ocidental e organizadores de falsas eleições", tendo posteriormente se difundido para grupos extremistas na Europa e no Oriente Médio (CHAPELAN, 2024). Para conferir concretude a esse suposto poder oculto, o discurso conspiratório costuma apontar para "uma seleta aristocracia judaica (como a família Rothschild), indivíduos poderosos (como George Soros) ou Israel e suas agências estatais, frequentemente uma combinação dos três" (CHAPELAN, 2024).

Na internet contemporânea, a acusação de dominação mundial frequentemente aparece de forma indireta, por meio de códigos conspiratórios vagos e expressões populistas como "nova ordem mundial" (*new world order*), "grande *reset*" (*great reset*), "estado profundo" (*deep state*) ou "elites globalistas" (*globalist elites*) (CHAPELAN, 2024). O tropo da dominação mundial funciona ainda como eixo articulador de outras teorias conspiratórias contemporâneas. Narrativas como a da "grande substituição" (*great replacement*) ou do "genocídio branco" (*white genocide*) sustentam que haveria "um esforço intencional liderado por judeus para promover a imigração em massa, o casamento inter-racial e a aculturação, a fim de destruir a civilização ocidental" (→ 16. *complôs de subversão*;) (CHAPELAN, 2024). De modo semelhante, acusações de que judeus ou "sionistas" controlariam guerras, terrorismo internacional ou crises globais reapresentam, em linguagem atualizada, a antiga fantasia antissemita de uma conspiração judaica universal baseada na lógica do "dividir para conquistar".

O filósofo Jean-Luc Nancy interpreta a acusação de dominação mundial judaica como uma projeção do próprio imaginário imperial, capitalista e colonizador do Ocidente. Em *Exclu le juif en nous* (Exclua o Judeu em Nós), o autor sustenta que o antissemitismo moderno transforma os judeus em receptáculos simbólicos das angústias e contradições da civilização ocidental. Assim, "o judeu é visto como a alma ou essência de uma vontade – muitas vezes descrita literalmente como diabólica – de submeter o planeta às leis de seus cálculos gananciosos" (NANCY, 2025). Para Nancy, essa figura fantasmática do "Judeu" representa a imagem invertida do próprio Ocidente moderno: "Povo dominador e seguro de si [...] gênio do empreendimento e do cálculo, ambicioso e ávido em escala mundial" (NANCY, 2025). O mito do complô judaico mundial funcionaria, segundo o seu argumento, como uma forma de deslocar para uma minoria vulnerável as próprias pulsões expansionistas e violentas da modernidade europeia.

COMO IDENTIFICAR?

- Complô de controle global: alegações de que judeus, "sionistas" ou o Estado de Israel conduziriam um plano secreto de dominação mundial, exercendo controle oculto sobre governos, bancos, corporações, meios de comunicação e instituições internacionais com o objetivo de subjugar as nações.
- Explicação conspiratória de crises históricas: interpretação de guerras, revoluções, pandemias, crises econômicas ou transformações sociais complexas como etapas deliberadamente planejadas por uma elite judaica internacional para desestabilizar sociedades e ampliar seu poder global.
- Governos como marionetes: narrativas que descrevem democracias ocidentais como meros instrumentos de um suposto "governo de ocupação sionista" (ZOG), insinuando que a soberania nacional teria sido sequestrada por redes judaicas clandestinas.
- Uso de códigos e "apitos de cachorro": emprego de expressões vagas como "nova ordem mundial", "estado profundo" ou "elites globalistas", especialmente quando associadas a figuras historicamente alvo do antissemitismo, para insinuar controle judaico sem mencioná-lo diretamente.
- O mito do "lobby" onipotente: representação do "lobby sionista" ou "lobby judeu" não como grupo ordinário de pressão política, mas como força secreta e hegemônica capaz de determinar guerras, manipular governos e impor políticas globais contra os interesses das próprias populações nacionais.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A acusação de que os judeus arquitetariam um complô secreto para subjugar as nações e impor um domínio mundial é classificada como antissemita tanto pela definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto pela *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA). A IHRA tipifica explicitamente como antissemitismo "fazer alegações mendazes, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus", incluindo "o mito sobre uma conspiração judaica mundial ou de judeus controlando a mídia, a economia, o governo ou outras instituições da sociedade". A definição parte do entendimento de que o antissemitismo funciona como uma estrutura conspiratória que atribui aos judeus a responsabilidade por "aquilo que dá errado" nas sociedades modernas. A JDA converge nesse ponto ao afirmar, em sua diretriz 2, que o antissemitismo clássico se baseia na ideia de que "os judeus possuem um poder oculto que usam para promover a sua própria agenda coletiva à custa de outras pessoas". O documento reconhece explicitamente fantasias sobre judeus controlando governos com uma "mão oculta", dominando bancos, mídia ou funcionando como "um Estado dentro do Estado". Em sua diretriz 4, a JDA acrescenta que alegações como "os Rothschild controlam o mundo" constituem formas codificadas de atribuir poder conspiratório aos judeus.

Apesar desse consenso quanto às teorias conspiratórias explícitas, a reformulação contemporânea do mito da dominação mundial introduziu zonas cinzentas complexas. Uma delas envolve o uso de "apitos de cachorro" (*dog whistles*) e linguagem codificada. Para contornar a rejeição pública ao antissemitismo aberto após a Segunda Guerra Mundial, o discurso conspiratório passou a recorrer a expressões como "nova ordem mundial", "grande *reset*", "governo de ocupação sionista" ou "elites globalistas". A própria JDA reconhece que a identificação desse tipo de linguagem "é uma questão de contexto e julgamento", o que torna difícil distinguir, em alguns casos, entre crítica genérica à globalização ou ao capitalismo e a reativação de velhos tropos antissemitas sobre dominação mundial.

Outra zona cinzenta aparece na discussão sobre o chamado "lobby sionista". Existe uma diferença entre o escrutínio legítimo de grupos de pressão e alianças políticas reais e a reedição da fantasia conspiratória de controle global. A fronteira é ultrapassada quando a análise abandona a complexidade dos interesses geopolíticos e passa a apresentar o "lobby sionista" como uma força secreta, onipotente e homogênea, capaz de manipular governos, controlar guerras ou determinar os rumos da política internacional em benefício exclusivamente judaico. Críticos da JDA observam que sua definição de antissemitismo como hostilidade dirigida contra "judeus como judeus" pode gerar dificuldades analíticas diante da plasticidade contemporânea do discurso antissemita. Isso ocorre porque muitos discursos substituem deliberadamente a palavra "judeu" por "sionista" ou "Israel", preservando intacta a lógica conspiratória tradicional dos *Protocolos dos Sábios de Sião* enquanto negam formalmente qualquer hostilidade aos judeus enquanto grupo religioso ou étnico.

16. Complôs de Subversão: “Judeo-Bolchevismo”, “Bolchevismo Cultural”, “Marxismo Cultural”, “ZOG”, “Grande Substituição” e “Genocídio Branco”

Trata-se do conjunto de teorias conspiratórias que, como desdobramento dos lugares-comuns da degeneração social e da dominação mundial (→ 7. *desintegrador e degenerador*; → 15. *dominação mundial*), estrutura parte significativa do pensamento antissemita da extrema direita contemporânea. Em linhas gerais, essas formulações sustentam que os judeus atuariam em complô para subverter instituições, governos, religiões e valores tradicionais, ao mesmo tempo que promoveriam a miscigenação e a imigração em massa como estratégia deliberada de enfraquecimento das sociedades ocidentais. Embora assumam linguagens distintas ao longo do tempo, essas teorias preservam um núcleo constante: a atribuição aos judeus de um papel oculto e central no suposto “declínio do Ocidente”.

No início do século XX, esse esquema consolidou-se na teoria do “judeo-bolchevismo”, que reinterpretava a Revolução Russa e o marxismo como expressão de um complô judaico internacional (SIMONSEN, 2020). No período entreguerras, a acusação deslocou-se também para o plano cultural com o “bolchevismo cultural”, segundo o qual judeus e comunistas promoveriam a corrosão moral do Ocidente (HERMANSSON et al., 2020).

Após a Segunda Guerra Mundial, esse repertório foi reformulado sob o rótulo de “marxismo cultural”, deslocando a suposta conspiração para o interior das universidades, da mídia e das instituições culturais. Nessa formulação, intelectuais associados à Escola de Frankfurt – frequentemente destacados por sua origem judaica – passam a ser apresentados como agentes de um projeto deliberado de destruição dos valores ocidentais (STACY, 2020; CHAPELAN, 2024).

Nas últimas décadas, essas narrativas incorporaram forte dimensão demográfica e racial. Teorias como a “grande substituição” e o “genocídio branco” sustentam que elites “globalistas”, frequentemente identificadas implícita ou explicitamente como judaicas, promoveriam imigração, miscigenação e multiculturalismo para substituir populações ocidentais brancas e cristãs (SCHEIBER, 2024; BOLTON, 2024).

Essas formulações se articulam historicamente ao chamado pensamento político reacionário. Como observa João Pereira Coutinho (2014), o reacionário compartilha com o revolucionário um impulso utópico: ambos desejam romper radicalmente com o presente, mas enquanto um projeta a perfeição no futuro, o outro busca restaurar uma suposta “Idade de Ouro” perdida.

A partir do século XIX, a rejeição à modernidade, à democracia liberal e aos princípios da Revolução Francesa passa a ser projetada na figura do judeu emancipado. Conforme analisa Zeev Sternhell (1986), o judeu é convertido na “antinação”, isto é, no elemento percebido como ameaça à integridade moral e orgânica das identidades nacionais europeias (→ 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade* e → 7. *desintegrador e degenerador*).

Essa lógica aparece de forma explícita em autores como Maurice Barrès, que descrevia os judeus recém-integrados à cidadania francesa como responsáveis pela destruição da “alma nacional” (citado em WOLIN, 2022).

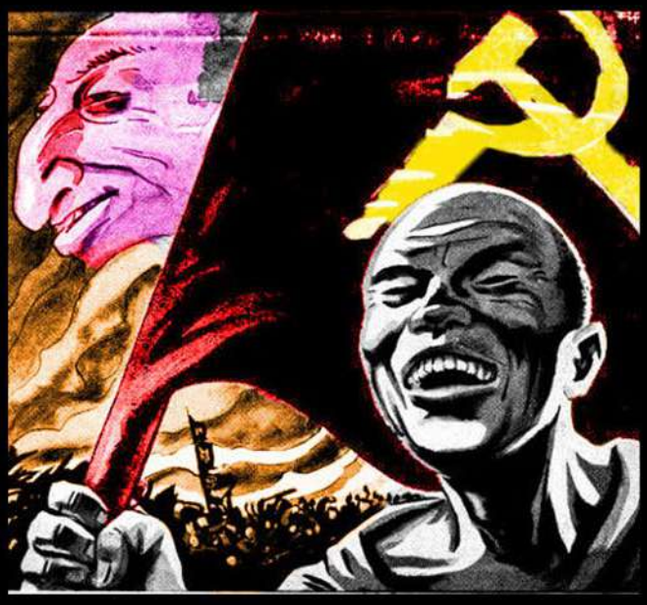
Édouard Drumont desempenhou papel decisivo na consolidação moderna desse imaginário conspiratório. Em *La France juive* (1886), ele sistematiza a ideia de que os judeus controlariam simultaneamente o Estado, a economia, a cultura, a imprensa e os movimentos revolucionários, conduzindo a França à decadência moral e racial.

Drumont idealiza o passado monárquico e cristão francês e apresenta a Revolução Francesa como instrumento utilizado pelos judeus para retornar ao país e ocupar suas estruturas políticas e econômicas. A modernidade liberal e republicana é reinterpretada como produto de uma infiltração judaica corrosiva.

No plano econômico e político, o autor sustenta que socialismo e comunismo seriam instrumentos judaicos destinados à destruição da ordem tradicional. No plano cultural, associa os judeus à pornografia, à degradação estética, à prostituição e à corrupção moral da juventude. No plano racial, descreve a miscigenação como mecanismo deliberado de enfraquecimento biológico da nação francesa (DRUMONT, 1886).

A principal inovação de Drumont foi fundir o antijudaísmo cristão tradicional às teorias raciais modernas, convertendo o “judeu” em ameaça simultaneamente religiosa, política, moral e biológica (POLIAKOV, 2003d).

A etapa seguinte dessa construção conspiratória ocorre com a difusão de *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Como demonstra Léon Poliakov, o texto constitui uma falsificação produzida pela polícia política tsarista no final do século XIX, mas tornou-se peça central na sistematização do imaginário antissemita moderno (POLIAKOV, 2003d).

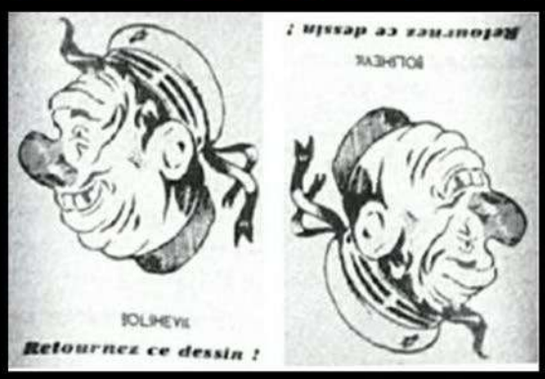


A história dos movimentos revolucionários dos últimos séculos está permeada de judeus em todos os modos de atuação.
Das ações de Trotsky, os bolchevistas, literatura revolucionária.. São muitos tabus para interpretar e desmistificar.

Foram os judeus que criaram o comunismo. Os bolcheviques eram judeus, e por ai vai.

"O comunismo é uma arma do judaísmo internacional para dominar e destruir as nações."

(Gustavo Barroso, em O Judaísmo, a Maçonaria e o Comunismo, 1937.)



os judeus que criaram o comunismo, e eles tem envolvimento com satanismo segundo os arquivos do epstein que reveleram que eles se vestiam de jesus pra molestar crianças, e comiam bebes, e os illuminnatis é basicamente a oligarquia dos rothschild e rockfeller(dois judeus)

Nos *Protocolos*, os judeus são apresentados como arquitetos secretos da modernidade, da Revolução Francesa, do socialismo, do comunismo, da degradação moral e da dissolução das hierarquias tradicionais. O panfleto descreve um suposto plano de destruição da religião, da família, da moralidade e das identidades nacionais por meio do controle da imprensa, da cultura e das finanças.

A narrativa também introduz a ideia de que os judeus promoveriam igualdade e miscigenação para dissolver as sociedades cristãs enquanto manteriam sua própria "pureza racial". Essa combinação entre corrupção cultural, nivelamento político e degeneração biológica culminaria em um suposto domínio mundial judaico centralizado.

Até 1917, Os *Protocolos* circularam sobretudo em meios reacionários marginais. A Revolução Bolchevique, contudo, lhes conferiu aparência de "profecia realizada". A presença de lideranças de origem judaica no movimento revolucionário foi reinterpretada como prova da existência de um complô judaico internacional (POLIAKOV, 2003d).

Nesse contexto, consolida-se a teoria do "judeo-bolchevismo", segundo a qual o comunismo seria instrumento de dominação judaica global. Winston Churchill, por exemplo, chegou a distinguir entre "bons" judeus e "judeus internacionais", associados a redes revolucionárias conspiratórias (citado em POLIAKOV, 2003d).

Nos Estados Unidos, Henry Ford desempenhou papel relevante na popularização dessa narrativa. Em *The International Jew* (O Judeu Internacional), o industrial sustenta que o bolchevismo seria financiado e dirigido por judeus, articulando uma aliança entre finança internacional e revolução social (FORD, 1989).

Ford também associa os judeus à subversão moral por meio do cinema, do teatro e da educação, acusando-os de promover sensualidade, degeneração cultural e enfraquecimento da juventude. Paralelamente, afirma que os judeus defenderiam igualdade racial para os demais povos enquanto preservariam rigorosamente sua própria identidade racial.

Na Alemanha nazista, esse repertório conspiratório torna-se núcleo estruturante da visão de mundo hitlerista. Adolf Hitler apresenta o marxismo, o internacionalismo, o igualitarismo e o pacifismo como instrumentos judaicos destinados à destruição da "raça ariana" e das hierarquias naturais (HITLER, 2016; JÄCKEL, 1972).

O nazismo também incorpora centralmente o pânico racial da miscigenação. Hitler acusa os judeus de promoverem deliberadamente a "bastardização" da população branca por meio da mistura racial e da degradação cultural. Johann Chapoutot observa que, na raciologia nazista, os judeus eram concebidos como "antirraça", responsável pela disseminação da desordem biológica (CHAPOUTOT, 2018).

Nesse quadro, o genocídio passa a ser justificado como ato preventivo de autodefesa. Como demonstra Eberhard Jäckel (1972), Hitler interpretava a "Solução Final" como resposta necessária diante de um suposto plano judaico de destruição da Europa.

Após a Segunda Guerra Mundial, o descrédito público do nazismo levou a extrema direita a reformular sua linguagem. O racismo biológico explícito cede lugar a discursos sobre identidade cultural, "guerra cultural", imigração e preservação civilizacional (PERLIGER, 2020).

Nesse contexto surge, na França dos anos 1960, a *Nouvelle Droite*, organizada em torno de Alain de Benoist. O movimento substitui a ideia de hierarquia racial pela noção de "etnodiferencialismo", segundo a qual culturas diferentes deveriam permanecer separadas para preservar sua autenticidade (CAMUS, 2019).

Como observa Stéphane François (2022), essa reformulação opera uma atualização do racismo tradicional sob linguagem aparentemente compatível com o pluralismo cultural. O chamado "etnopluralismo" apresenta-se como defesa da diversidade, mas funciona na prática como rejeição da miscigenação e da convivência multicultural.

A *Nouvelle Droite* desloca então seu foco para a disputa cultural, inspirada na ideia de que transformações políticas são precedidas por mudanças no plano simbólico. Surge nesse ambiente a teoria do "marxismo cultural", segundo a qual intelectuais progressistas teriam se infiltrado nas universidades, mídia e instituições para destruir os valores tradicionais do Ocidente.

Embora frequentemente apresentada de forma codificada, essa teoria preserva forte componente antissemita. A demonização da Escola de Frankfurt opera como atualização contemporânea da noção nazista de "bolchevismo cultural", concentrando o imaginário conspiratório em um grupo de intelectuais majoritariamente judeus exilados da Alemanha nazista (HERMANSSON et al., 2020).

Enquanto a extrema direita europeia enfatizava a "guerra cultural", o extremismo norte-americano desenvolveu versões marcadas pela radicalização armada e pelo pânico racial explícito. Nos anos 1970, consolida-se o mito do ZOG (*Zionist Occupied Government*), segundo o qual judeus controlariam o governo, o sistema financeiro e as políticas migratórias dos Estados Unidos.

Nesse ambiente emerge David Lane, autor do lema supremacista das "14 palavras": "Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas". A miscigenação, os direitos civis e a imigração passam a ser interpretados como formas deliberadas de "genocídio branco".

Essa lógica encontra formulação radical em *The Turner Diaries* (1978), romance neonazista de William Luther Pierce. A obra descreve um governo controlado por judeus – o chamado "Sistema" – que utilizaria políticas multiculturais e miscigenadoras para destruir a população branca.

O livro combina paranoia antissemita, pânico demográfico e apologia aberta da violência terrorista. Suas personagens executam atentados, assassinatos em massa e limpeza étnica para impedir a suposta extinção branca. Segundo J.M. Berger (2016), trata-se provavelmente da obra de propaganda supremacista branca mais influente da língua inglesa.

A relevância do livro ultrapassa o plano ficcional: ele inspirou diretamente diversos atentados e crimes de ódio nas últimas décadas. Berger estima que ao menos duzentos assassinatos tenham sido cometidos por leitores de *The Turner Diaries*.

Nos movimentos contemporâneos da *Alt-Right* e do identitarismo europeu, consolida-se uma síntese entre a estratégia cultural da *Nouvelle Droite* e o antissemitismo explícito do neonazismo norte-americano (HERMANSSON et al., 2020).

Nessa convergência, teorias como "grande substituição" e "genocídio branco" passam a ocupar posição central. A transformação demográfica do Ocidente é reinterpretada como resultado de uma conspiração deliberada conduzida por judeus ou "globalistas", voltada à eliminação das populações brancas e cristãs.

Essa lógica tornou-se particularmente visível em episódios como os protestos *Unite the Right*, em Charlottesville, em 2017, quando manifestantes entoaram o *slogan* "Os judeus não nos substituirão" (BAR-ON, 2019).

Nos últimos anos, o terrorismo de "lobo solitário" consolidou-se como estratégia recorrente da extrema direita global. Em muitos casos, os autores de atentados publicam manifestos destinados a justificar ideologicamente suas ações e incentivar ataques futuros (PERLIGER, 2020).

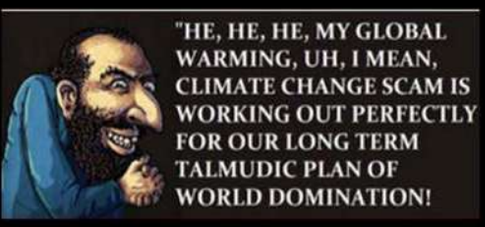
O ataque à sinagoga *Tree of Life*, em Pittsburgh, em 2018, constitui exemplo emblemático. O autor acreditava que organizações judaicas promoviam imigração não branca como parte de um plano de "substituição" populacional.

Dinâmica semelhante aparece nos ataques de Christchurch (2019), El Paso (2019) e Buffalo (2022), cujos perpetradores invocaram explicitamente as teorias da "grande substituição" e do "genocídio branco" para justificar assassinatos em massa.

Casos semelhantes também ocorreram no Brasil. Em 2022, um adolescente responsável pelo ataque à Escola Municipal Eurides Sant'Anna, em Barreiras (BA), deixou manifesto no qual reproduzia tropos clássicos sobre controle judaico da mídia, das finanças e da pornografia, articulando-os à defesa explícita da violência política.

Esse padrão evidencia a permanência de um mesmo núcleo narrativo: a construção dos judeus como agentes ocultos de subversão política, moral, cultural e racial. Embora os vocabulários mudem ao longo do tempo, categorias como "judeo-bolchevismo", "marxismo cultural", "ZOG", "grande substituição" e "genocídio branco" constituem variações de um mesmo repertório conspiratório.

Reconhecer seus padrões históricos e suas reformulações contemporâneas é fundamental para compreender seu potencial de mobilização política e legitimação da violência.



[redacted] Comunismo, judaísmo, progressismo, maçonismo... a América Latina vai ruir, "vive" sob cadáveres

2 sem 8 curtidas Responder

Saudade de quando todo mundo era preconceituoso e esses travecos que parecem **monstros** só se matavam sem postar essa merda desse gore. Malditos **judeus** que empoderaram essa raça nojenta

GEORGE SOROS E A METAMORFOSE DO PT

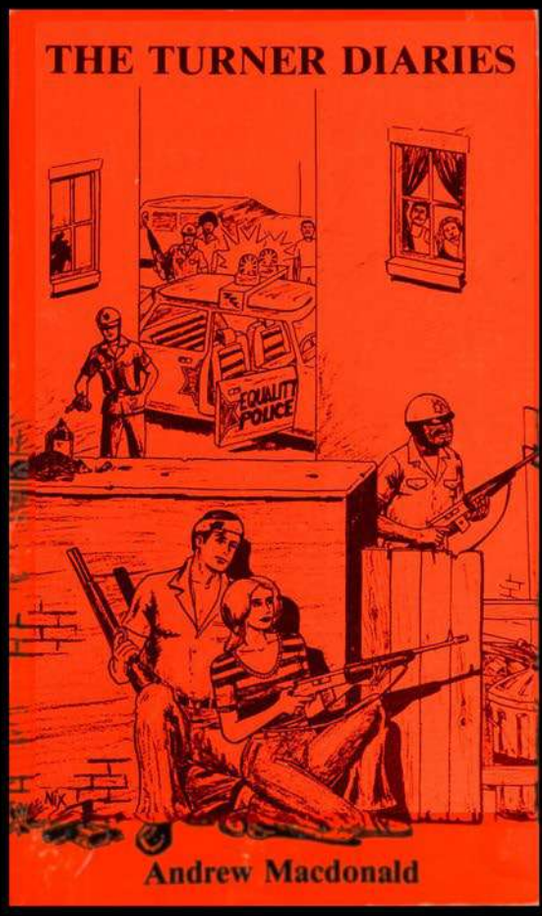
Seria o PT um puxadinho dos democratas judaico-progressistas?

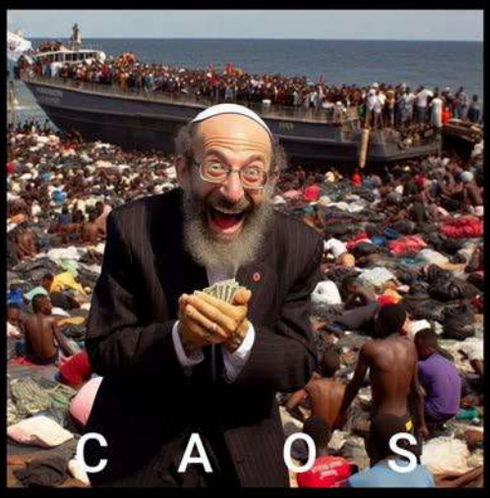
[redacted] Karl Marx era judeu. Lenin era judeu. Trotsky era judeu. Mais de 80% dos revolucionários da revolução russa eram judeus, isso dito pelo próprio professor Olavo de Carvalho. Os revolucionários da escola de Frankfurt eram todos judeus, esses que promoveram a agenda Woke, todos judeus. George Soros é judeu. Boa parte das feministas, judias. Israel é um dos Estados mais feministas e progressistas e abortistas do mundo todo. Todo o comunismo russo chinês tem origem em revolucionários judeus, os socialistas Fabianos vêm do Woke judeu de Frakfurt e marxismo judeu e de muitos mega bilionários judeus, como George Soros, grandes financiadores das pautas de esquerda e Woke, como aborto, feminismo, lgbtismo, imigração em massa, desarmamento, ideologia de gênero etc. Até o Islam tem raízes judaicas, uma cultura voltada pra Torah na prática negando o Cristo, isso é o Islam, judaico também.

1 d 55 curtidas Responder

6.985 100 534 6.756

A Grande Substituição





COMO IDENTIFICAR?

- Caracterização de judeus como agentes ocultos de subversão política, cultural, moral ou racial.
- Alegações de que "elites globalistas" ou judaicas promovem imigração, miscigenação ou multiculturalismo para destruir populações ocidentais.
- Referências explícitas ou codificadas a "grande substituição", "genocídio branco", "ZOG" ou "marxismo cultural" associadas a controle judaico.
- Acusações de que intelectuais judeus utilizariam universidades, mídia e cultura para destruir valores tradicionais.
- Uso de metáforas biológicas que descrevam judeus como "corpo estranho", parasitas, vírus ou agentes de dissolução social.
- Narrativas que apresentem igualdade, pluralismo ou direitos civis como instrumentos deliberados de dominação judaica.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições internacionais convergem ao classificar essas formulações como expressões centrais do imaginário conspiratório antissemita. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) inclui explicitamente o mito de uma conspiração judaica mundial e o controle judaico de instituições políticas, econômicas e midiáticas. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), em sua diretriz 2, também identifica como característica do antissemitismo a associação dos judeus a forças ocultas e maléficas.

A aplicação dessas definições a discursos contemporâneos envolve, contudo, zonas cinzentas importantes. Expressões como "marxismo cultural", "nova ordem mundial" ou "grande *reset*" não são automaticamente antissemitas quando utilizadas genericamente para se referir a elites políticas, econômicas ou culturais.

O enquadramento antissemita emerge quando essas formulações passam a atribuir explicitamente ou implicitamente tais processos a judeus enquanto coletivo, reativando a lógica da conspiração judaica mundial.

A mesma distinção vale para críticas dirigidas a indivíduos específicos. Questionar a atuação política ou econômica de figuras públicas constitui parte do debate legítimo. A fronteira é ultrapassada quando essas críticas convertem indivíduos judeus em expressão de um suposto poder oculto, coordenado e globalmente destrutivo.

17. Disseminadores de Doenças

O lugar-comum que representa os judeus como disseminadores de doenças constitui um dos eixos mais persistentes do imaginário antissemita, articulando-se historicamente com tropos de impureza, conspiração e ameaça coletiva (→ 2. *demonização*, → 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade* e → 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*). Desde a Antiguidade, essa acusação converte diferenças religiosas ou culturais em risco biológico, descrevendo os judeus como agentes de contaminação física, moral ou social.

Ao longo do tempo, esse motivo foi continuamente reconfigurado. Epidemias, crises sanitárias e colapsos sociais passaram a ser interpretados como resultado de ações deliberadas atribuídas aos judeus, apresentados simultaneamente como causadores ocultos do desastre e beneficiários das crises que provocariam. A eficácia desse tropo reside justamente na capacidade de transformar fenômenos complexos em causalidades simples e personificadas.

A biologização do preconceito possui consequências profundas. Ao representar os judeus como "doença" ou "infecção", o antissemitismo sugere respostas profiláticas: exclusão, segregação, expulsão ou eliminação aparecem como medidas necessárias para preservar o "corpo social" ameaçado (→ 17. *disseminadores de doenças*).

A associação entre judeus e doenças infectocontagiosas remonta à Antiguidade helenística. Conforme analisa David Nirenberg (2013), intelectuais egípcios sob domínio grego reformularam a narrativa do Êxodo como uma história de expulsão de leprosos. Em *Egiptíaca*, do século III a.E.C., Mâneto relata que o faraó Amenófis teria ordenado a expulsão de "leprosos e pessoas impuras", posteriormente liderados por Osarseph – identificado como Moisés.

Essa reelaboração converte a origem do povo judeu em narrativa de contaminação e exclusão sanitária. O judaísmo passa a ser interpretado como expressão de misantropia e impureza coletiva. Práticas religiosas judaicas – como regras alimentares, separação ritual e rejeição de cultos locais – são reinterpretadas como sinais de hostilidade patológica contra os demais povos (POLIAKOV, 2003a).

Autores antigos como Lisímaco, Hecateu de Abdera e Diodoro Sículo sustentam que os judeus teriam transformado o "ódio à humanidade" em princípio organizador de suas leis e costumes (citado em NIRENBERG, 2013; POLIAKOV, 2003a). Estabelece-se, assim, um modelo duradouro que associa judaísmo, impureza e recusa da convivência social.

Durante a Baixa Idade Média, o temor da doença funde-se à demonologia cristã. O judeu da Antiguidade é transformado em envenenador e agente satânico. Em 1321, na Aquitânia, difundiu-se o boato de uma conspiração entre judeus e leprosos para destruir a Cristandade por meio do envenenamento de poços (POLIAKOV, 2003a).

Essa acusação desencadeou linchamentos imediatos e perseguições oficiais. Em cidades francesas, comunidades judaicas foram queimadas vivas, encarceradas ou submetidas à expropriação estatal. O rei Filipe V utilizou o episódio para impor multas e confiscar bens judaicos em larga escala (POLIAKOV, 2003a).

Esse movimento atinge seu ápice durante a Peste Negra (1347-1353). Diante da ausência de explicações científicas para a epidemia, judeus passaram a ser acusados de envenenar fontes de água para destruir a Cristandade. Confissões obtidas sob tortura alimentaram massacres em diversas regiões da Europa.

Como observa Gavin Langmuir (1990), consolida-se então uma forma "quimérica" de antissemitismo, baseada não em comportamentos reais dos judeus, mas na necessidade psicológica de encontrar culpados tangíveis para desastres incompreensíveis. O judeu torna-se o bode expiatório ideal por ocupar posição simultaneamente interna e externa às sociedades europeias.

As consequências foram devastadoras. Em Estrasburgo, em 1349, cerca de duas mil pessoas judias foram queimadas vivas. Em Worms, Frankfurt, Erfurt e outras cidades do Vale do Reno, repetiram-se execuções em massa, expulsões e destruição de comunidades inteiras (POLIAKOV, 2003a).

Um desdobramento importante desse imaginário foi a figura do médico judeu. Apesar do prestígio intelectual de muitos profissionais judeus, consolidou-se a suspeita de que utilizariam seu conhecimento para matar cristãos por meio de venenos e práticas ocultas.

O sucesso médico judaico gerava ansiedade religiosa e social. Concílios e autoridades eclesiásticas chegaram a proibir cristãos de recorrer a médicos judeus. O Concílio de Béziers, em 1246, sintetizou essa lógica ao afirmar que "é melhor morrer a dever a própria vida a um judeu" (citado em POLIAKOV, 2003a). A suspeita reaparece em escritos tardios de Martinho Lutero, que acusava médicos judeus de dominar a arte do envenenamento e desejarem a morte dos cristãos (TRACHTENBERG, 1983).

Nos séculos seguintes, a patologização dos judeus foi utilizada para justificar políticas de exclusão. Em 1550, Ivan IV recusou o ingresso de mercadores judeus em Moscou alegando que eles "introduziram drogas venenosas" no Estado russo (citado em POLIAKOV, 2003d).

Como observa Andrei Oisteanu (2016), essa representação do judeu como vetor biológico fundamentou políticas de segregação como a Zona de Assentamento no Império Russo. Se o judeu é concebido como agente infeccioso, a exclusão territorial aparece como medida de "quarentena".

Durante a Primeira Guerra Mundial, o colapso militar russo reativou esse imaginário sob linguagem moderna. Autoridades tsaristas passaram a acusar

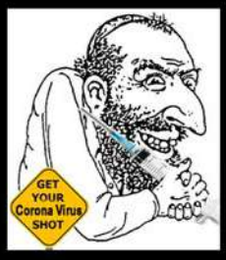
Show translation

É sempre ((eles)). Askenazis falsos judeus da sinagoga de Satanás. Os que se dizem judeus mas não são. Eles criaram o vírus e depois criaram o veneno mRNA. Askenazis são imunes ao covid como também são imunes ao hiv.

Show translation

+ o envenenamento intencional de poços e águas subterrâneas com produtos químicos de fraturamento hidráulico são métodos que os globalistas sionistas usam para tomar o controle da água limpa da terra. A agenda avança !

RFK Jr. diz que a **COVID** foi 'direcionada etnicamente' para poupar os **judeus** asquenazes e chineses e atacar brancos e negros. Mencionou o povo que não devia. Em breve mais um Kennedy assassinado pra lista



MASMORRAS DE TORTURA

"israel" ESTÁ CONTAMINANDO PRESOS PALESTINOS COM DOENÇAS INFECCIOSAS DE FORMA DELIBERADA

ISRAEL IS THE CANCER OF OUR WORLD

(THOSE SUPPORTING GENOCIDE)

judeus de disseminar pragas agrícolas e provocar fome deliberadamente como parte de um complô de sabotagem econômica (POLIAKOV, 2003d).

No Ocidente, as grandes ondas migratórias judaicas oriundas do Leste Europeu passaram a ser recebidas por discursos que combinavam xenofobia e higiene social. Na Grã-Bretanha, imigrantes judeus eram descritos como "sujos", "portadores de doenças" e "clânicos" (WISTRICH, 1992).

No Brasil, durante a Era Vargas, o discurso eugenista incorporou essa lógica ao representar judeus refugiados como ameaça à "saúde nacional". Maria Luiza Tucci Carneiro (2001) demonstra que intelectuais e autoridades passaram a descrevê-los como agentes de degeneração biológica e social.

No final do século XIX e início do século XX, a pseudociência racial intensificou a biologização do antissemitismo. Pierre-André Taguieff (2015) mostra que os judeus passaram a ser descritos como "bacilos", "germes" e agentes patológicos responsáveis pela decadência da civilização moderna.

Essa lógica alcança sua formulação extrema no nazismo. Hitler descreve os judeus como "parasitas", "micróbios" e forças infecciosas que corromperiam o corpo racial alemão (HITLER, 2016). O antissemitismo nazista articula constantemente doença, miscigenação e degeneração biológica.

Nesse quadro, o extermínio é reinterpretado como procedimento profilático. Hitler afirmava que "o nazismo é biologia aplicada" (CHAPOUTOT, 2018), enquanto Heinrich Himmler descrevia o antissemitismo como "questão de desinfecção" (citado em CHAPOUTOT, 2017).

Como demonstra Johann Chapoutot, essa desumanização biológica influenciou diretamente os métodos de extermínio. O uso do Zyklon B em Auschwitz relacionava-se simbolicamente à ideia de combate técnico a "pragas" humanas (CHAPOUTOT, 2017).

Após a Segunda Guerra Mundial, o motivo não desaparece. Léon Poliakov (2025) mostra que o chamado Complô dos Médicos, sob Stálin, reativou a associação entre judeus, medicina, traição e envenenamento. Médicos judeus foram acusados de conspirar para assassinar líderes soviéticos e destruir o Estado.

A campanha antissemita desencadeou pânico social, hostilidade pública e rumores de deportação em massa. Apenas a morte de Stálin impediu a escalada de perseguições ainda maiores (WISTRICH, 1992).

Nas décadas de 1980 e 1990, a epidemia de HIV/AIDS foi incorporada a novas narrativas conspiratórias. Grupos extremistas passaram a acusar médicos judeus e Israel de disseminar deliberadamente o vírus entre populações negras e árabes (PERRY; SCHWEITZER, 2002; LAQUEUR, 2008).

No Oriente Médio, autoridades e meios de comunicação ligados ao nacionalismo árabe e ao islamismo radical passaram a acusar Israel de contaminar alimentos, água e populações palestinas com vírus, drogas ou substâncias tóxicas (WISTRICH, 2002).

Essas acusações retomam diretamente o antigo motivo medieval do "envenenamento de poços", agora reinterpretado em linguagem biomédica contemporânea.

Na contemporaneidade, a associação entre judeus, Israel e doença frequentemente aparece sob metáforas como "câncer", "vírus", "micróbio" ou "infecção". Como observa Alexis Chapelan (2024), essa linguagem representa judeus e Israel como agentes patogênicos que ameaçariam o próprio "corpo político".

Essa lógica é particularmente relevante na retórica antissionista radical, que frequentemente descreve Israel como "Estado-câncer" ou "entidade cancerosa". O efeito dessas metáforas é deslocar o conflito político para um registro biológico e eliminacionista, no qual a destruição da "doença" aparece como solução necessária.

A pandemia de Covid-19, em 2020, reativou globalmente esse repertório conspiratório. Extremistas passaram a afirmar que o coronavírus teria sido criado por judeus ou que elites judaicas lucrariam deliberadamente com a crise sanitária (RUTLAND, 2023; WILLIAMS, 2023).

Ao mesmo tempo, vacinas passaram a ser reinterpretadas como formas modernas de "veneno", associadas a teorias conspiratórias sobre esterilização, controle populacional e manipulação genética conduzidas por figuras judaicas (ADL, 2021).

Outro desdobramento importante foi a apropriação da memória do Holocausto por movimentos antivacina, que passaram a utilizar a estrela amarela nazista para se apresentar como vítimas de perseguição estatal, banalizando a especificidade histórica do genocídio judaico (WILLIAMS, 2023).

No plano geopolítico, campanhas digitais promovidas por atores estatais, como o governo iraniano, passaram a associar a pandemia à criação do Estado de Israel, difundindo hashtags como "#Covid1948" (WILLIAMS, 2023).

Jean-Luc Nancy interpreta esse imaginário patológico como expressão estrutural do antissemitismo ocidental. Diferentemente de outras formas de xenofobia, o judeu não aparece apenas como estrangeiro externo, mas como ameaça interna que corrói o próprio corpo social.

Segundo Nancy (2025), o "judeu" funciona no imaginário ocidental como um "agente autoimune": algo que pertence ao corpo social, mas simultaneamente o ameaça e o infecta. A acusação patológica revela, assim, menos uma realidade sobre os judeus do que as próprias angústias e contradições internas da civilização ocidental.

Nessa perspectiva, o antissemitismo transforma o judeu em receptáculo simbólico dos medos, impasses e crises da modernidade. O "judeu infeccioso" torna-se a projeção biológica das tensões que o Ocidente não consegue reconhecer em si mesmo.

COMO IDENTIFICAR?

• Alegações de que epidemias ou pandemias foram planejadas ou disseminadas por judeus, Israel ou "elites judaicas".
• Uso de linguagem biológica desumanizante ("vírus", "parasitas", "câncer", "infecção") para descrever judeus, judaísmo ou sionismo.
• Narrativas de que judeus criariam doenças ou ocultariam curas para lucro ou controle populacional.
• Acusações infundadas de contaminação deliberada de água, alimentos ou territórios por judeus ou Israel.
• Discursos que descrevam a influência judaica como forma de "contaminação moral" ou "doença social".
• Teorias conspiratórias que associem figuras judaicas à manipulação biológica, esterilização ou experimentação médica.
• Alegações de que ajuda médica ou humanitária judaica serviria para infectar populações.
• Afirmações de que o desejo de envenenar ou disseminar doenças seria característico dos judeus.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais internacionais classificam a representação dos judeus como disseminadores de doenças, envenenadores ou beneficiários de crises sanitárias como manifestação inequívoca de antissemitismo.

A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) enquadra esse discurso como forma de desumanização e demonização, ao atribuir aos judeus características maléficas ou conspiratórias. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), de modo semelhante, identifica explicitamente como antissemita a associação dos judeus à disseminação de doenças.

A aplicação dessas definições no debate contemporâneo envolve, contudo, zonas cinzentas importantes. Teorias conspiratórias sobre pandemias, críticas à indústria farmacêutica ou oposição a políticas sanitárias não são automaticamente antissemitas.

A fronteira é ultrapassada quando essas narrativas incorporam referências judaicas explícitas ou codificadas, reativando o imaginário histórico do judeu envenenador.

O mesmo vale para metáforas patológicas na linguagem política. Seu uso genérico não constitui antissemitismo em si, mas torna-se antissemita quando judeus ou Israel passam a ser descritos como "câncer", "vírus" ou ameaça biológica cuja eliminação seria necessária.

Por fim, críticas a políticas sanitárias, desigualdades médicas ou ações estatais permanecem legítimas enquanto baseadas em fatos concretos. A fronteira é ultrapassada quando passam a insinuar intenções deliberadas de contaminação ou envenenamento, reatualizando, em linguagem contemporânea, o antigo motivo medieval do "envenenamento de poços".

18. Instigadores de Guerras e Operações Bandeira Falsa

Trata-se do lugar-comum que acusa os judeus de instigarem e manipularem guerras, revoluções e atentados terroristas em escala global. Essa narrativa sustenta que uma elite judaica oculta promoveria conflitos entre nações para obter lucro financeiro, vantagens políticas ou desagregar sociedades não judaicas (→ 7. *desintegrador e degenerador*; → 10. *ganância, avareza e parasitismo;* → 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*). Associada a ela está a teoria das operações de "bandeira falsa" (*false flag*), segundo a qual instituições judaicas ou Israel fabricariam ataques contra seus próprios cidadãos ou contra outros países para culpar terceiros, mobilizar o Ocidente contra determinados inimigos e legitimar ações militares.

Na contemporaneidade, tais acusações concentram-se sobretudo no Estado de Israel e no Mossad, frequentemente apontados em meios extremistas como responsáveis ocultos pela criação, financiamento ou manipulação de grupos como o Hamas e o Estado Islâmico, bem como por atentados "espetaculares" como o 11 de Setembro. A mesma lógica reaparece em novos cenários geopolíticos, como na interpretação conspiratória da guerra entre Rússia e Ucrânia como uma "guerra entre irmãos" fomentada pelo sionismo para enfraquecer a Rússia e gerar lucro.

A acusação de que os judeus fomentariam guerras para benefício próprio conecta-se diretamente ao estereótipo antissemita da ganância e à ideia de um suposto "capitalismo judeu" internacional (→ 14. *personificação e controle do capitalismo global*). A figura do banqueiro judeu converte-se, assim, no símbolo de uma elite financeira clandestina que enriqueceria com a destruição e o sofrimento coletivo (CHAPELAN, 2024).

Historicamente, esse imaginário deriva do mito do complô judaico para *dominação mundial* (→ 15). Léon Poliakov (2003b) mostra que ele se desenvolveu a partir de distorções em torno do papel de financistas e diplomatas judeus na Idade Moderna, convertendo episódios reais em matéria-prima para fantasias conspiratórias. A atuação de figuras como José Nasi, conhecido em português como João Miques – o "judeu da corte" do Império Otomano no século XVI – alimentou o temor europeu de que judeus influenciariam secretamente os destinos dos Estados cristãos, servindo de base para a literatura satírica antissemita.

Poliakov destaca o romance *La Isla de los Monopantos* (A Ilha dos Monopantos), de Francisco de Quevedo, como formulação precoce do mito moderno da conspiração judaica internacional. Na obra, uma personagem judia vangloria-se de lucrar com as guerras entre as potências cristãs: "Em Ruão, nós somos a bolsa da França contra a Espanha e da Espanha contra a França", acrescentando que "nós fornecemos dinheiro, emprestando a juros para quem joga e perde, para que perca ainda mais" (citado em POLIAKOV, 2003b). Segundo Poliakov, esse imaginário literário forneceu um dos modelos que mais tarde seria retomado pelos autores dos *Protocolos dos Sábios de Sião*.

É com a difusão de *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, forjados pela polícia secreta russa no final do século XIX, que se consolida a formulação moderna da acusação de que os judeus fomentariam guerras para benefício próprio. O texto descreve uma suposta conspiração judaica internacional dedicada a manipular governos, financiar revoluções e provocar conflitos entre as nações para enfraquecer os Estados cristãos e instaurar um domínio mundial judaico (LAQUEUR, 2008). Segundo os *Protocolos*, os judeus utilizariam o controle das finanças e da imprensa para produzir caos político e derramamento de sangue, culminando na coroação de um soberano judaico global.

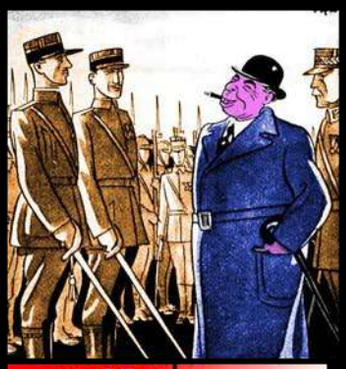
Caso algum Estado resistisse a esse suposto supergoverno invisível, a resposta seria submetê-lo ao isolamento e à guerra generalizada: "A qualquer oposição, deveremos estar em condições de fazer declarar guerra pelos vizinhos da nação que ousar criar-nos embaraços [...] devemos repeli-los por meio duma guerra geral [...] responderemos com os canhões americanos, chineses e japoneses" (BARROSO, 1936).

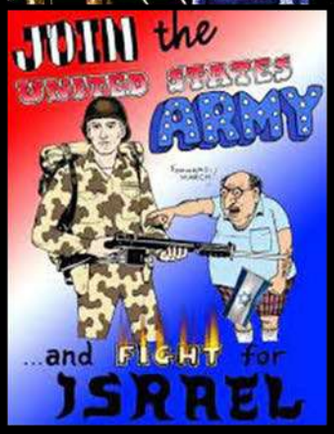
O texto também associa de forma explícita os judeus ao terrorismo político, apresentado como método de intimidação e submissão: "Para demonstrar a nossa escravização dos governos cristãos da Europa, faremos ver a um nossa força por meio de atentados, isto é, pelo terror" (BARROSO, 1936).

Na passagem do século XIX para o XX, essa teoria conspiratória passou a ser aplicada a conflitos concretos. Durante a Guerra dos Bôeres (1899-1902), setores da extrema esquerda e da extrema direita britânicas denunciaram a conflagração como uma suposta "guerra judia no Transvaal", alegando que milionários judeus a teriam provocado para controlar terras ricas em ouro e diamantes (WISTRICH, 1992).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a paranoia adquiriu dimensões ainda mais amplas. Poliakov mostra que jornais extremistas russos passaram a acusar os judeus de utilizar a Alemanha como instrumento para destruir os Estados cristãos europeus. Em 1915, o jornal *Zemshchina* afirmava que "não foi a Alemanha que declarou guerra, mas os judeus, que escolheram a Alemanha como instrumento de seus desígnios" (citado em POLIAKOV, 2003d), sustentando que o objetivo seria enfraquecer os regimes monárquicos europeus. Nesse contexto, consolidou-se também o mito do bolchevismo judaico (→ 16. *complôs de subversão*), segundo o qual banqueiros judeus teriam financiado revoluções e movimentos terroristas para instaurar uma dominação global.

Essas teorias alcançaram ampla difusão nos Estados Unidos por meio de Henry Ford. Influenciado pelos *Protocolos*, o industrial publicou em 1920 o livro antissemita *The International Jew*, no qual apresentava os judeus como a força oculta por trás das guerras, revoluções e crises modernas. Ford sustentava que os mesmos financistas

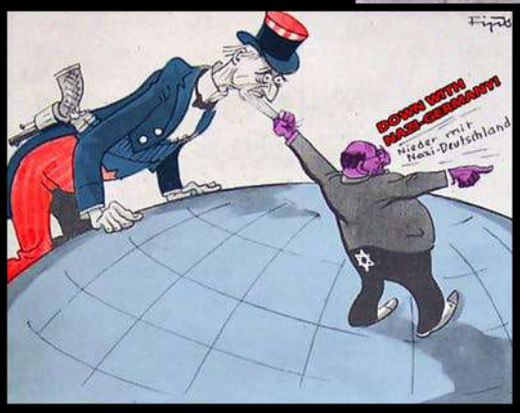


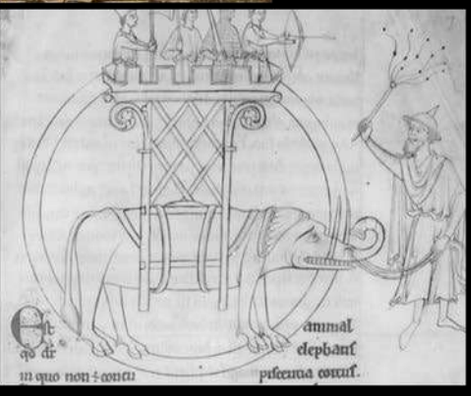


Nazis Assert Jews Caused Biggest War

JEWS STARTED THE GREAT WAR

Repressive Measures to Continue in Germany, Hitler's Party Declares

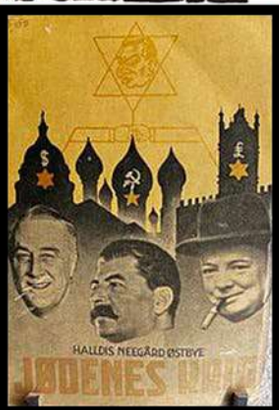




O raciocínio q o soldado Ucraniano está fazendo é simples. Pq ele deveria cometer suicídio para defender um marionete nas mãos da elite globalista e sionista? No fim da história, Putin garante a proteção de Donbass e Lugansk, liberta Ucrânia do regime corrupto baseado em Bruxelas

12:44 AM · 28 de fev de 2022 · Twitter for Android

os sionistas nem são os judeus biblicos. são khazares que adotaram a religiao para obter um beneficio. israel so nasceu graças ao financiamento dos rotschilds, a mesma familia que financia ambos os lados de todas as guerras desde o seculo 18.



Segundo investigadores independentes, Naveed Akram, é um soldado reservista das Forças de Defesa de Israel que serviu em Gaza e retornou à Austrália. Hoje ele perdeu a cabeça e matou 16 judeus e deixou dezenas de feridos.

Bem, ele não era um terrorista comum. Era um reservista do exército de "israel" e que participou do genocídio orquestrado por seu chefe, Benjamin Netanyahu.

8:31 PM · 14 de dez de 2025 · **166,8 mil** Visualizações

O ciclo sionista judaico. Um modelo padrão para enganar globalmente.
Não se deixe enganar pelas supostas ações de terrorismo muçulmanas financiadas por Israel.
Israel traiu o Ocidente.

"THE ATTACK ON VENEZUELA IS ZIONIST"

Show translation
Israel deu um tiro no pé

Cometeram esse massacre "false flag" contra judeus pra incentivar o ódio contra muçulmanos e a narrativa de um inexistente ""aumento do antissemitismo""

Ao invés disso, transformaram em herói mundial um imigrante muçulmano com o nome mais árabe possível

Show translation
3 Brasões que se identificam entre si.
Para entender como saímos da Ucrânia para Israel.
Quem está por trás dos 3?
Será que são os sionistas khazarianos, idealizadores da NOM?
Ligue os pontinhos!

[redacted] 6 h
Também hoje fazem dois anos que Israel usou o Protocolo Hannibal, assassinando seus próprios civis e militares. Bom não esquecer.

[redacted] 19 h
Dois anos que israel provocou um ataque terrorista aos proprios cidadaos para arranjar desculpa para um genocidio
Cada vez ha mais provas de que foi uma false flag, o charlie kirk foi morto pouco depois de dizee isto. A sua equipa de segurança? Israelita. O local do seu assassinato? Remodelado menos de 48 horas apos o assassinato. As IDF tiveram stand down order horas antes, nada entra nem sai de gaza sem israel saber.
7 de outubro foi um dos maiores crimes cometidos... por israel

A maior parte dos civis israelenses mortos no ataque terrorista do Hamas em 7/10/23, foi abatida por soldados israelenses. Matéria no link.

Charlie Kirk (A Sinagoga Maçônica de Satanás Sacrificou Charlie?)

8.191 visualizações há 17 h Compras ...mais

Kirk não ficou famoso sozinho, teve muito dinheiro **judeu** para o legitimizar.

O problema, é que é impossível quebrar o pacto com o **diabo**.

judeus estão fartos de críticos, o assasinato dele serve de exemplo para os restantes.

E claro, o culpado será um maluqinho de esquerda.

7 12 88 1.9K

que lucrariam em tempos de paz também fomentariam os conflitos armados: "Foi exatamente o mesmo dinheiro, assim como os grandes financistas que atuam durante a paz e durante a guerra são também os mesmos, a saber, *O Judeu Internacional*" (FORD, 1989). Segundo sua narrativa, os judeus financiariam simultaneamente todos os lados beligerantes a fim de garantir ganhos contínuos: "A finança israelita equipara absolutamente partidos e inimizades políticas, apostando em todos, motivo por que não perde nunca, também, numa guerra" (FORD, 1989).

Ford também associava o "judaísmo internacional" às revoluções modernas e à destruição da ordem cristã por meio do sistema bancário e da agitação social. Sobre o bolchevismo, afirmava tratar-se de "uma empresa longa e cuidadosamente preparada pela alta finança internacional judaica" (FORD, 1989). Citando os supostos *Protocolos* como prova, defendia que as massas seriam manipuladas por banqueiros judeus: "Daí resulta que a força cega das massas continua a ser o nosso ponto de apoio. 'Nós', exclusivamente nós, seremos os seus dirigentes" (FORD, 1989). A partir dessa lógica conspiratória, Ford concluía que os "judeus internacionais, os verdadeiros senhores dos poderes políticos e financeiros do mundo" utilizariam o sistema bancário como "instrumento mais eficaz" para produzir guerras, crises e revoluções conforme seus interesses (FORD, 1989). Assim, a Primeira Guerra Mundial era reinterpretada como um conflito deliberadamente arquitetado por magnatas judeus: "Os financistas judeus 'fizeram' a guerra mundial, da mesma forma por que têm feito todas as guerras de importância" (FORD, 1989).

Gustavo Barroso, na *História Secreta do Brasil v. 4*, transpõe essa lógica para a história do Brasil, acusando o capital judaico e a maçonaria de terem provocado intencionalmente a Guerra dos Farrapos. Ele afirma que os farroupilhas e as forças imperiais foram iludidos para se matarem por dez anos a fim de enriquecer os traficantes judeus internacionais: "Encontramos a MÃO OCULTA dando ouro aos farroupilhas para a guerra [...] em proveito somente de contrabandistas de armas, de adoradores do ouro vil e de maçons ou carbonários" (BARROSO, 1991). Citando Werner Sombart, Barroso conclui sobre a suposta natureza fomentadora de conflitos do judeu: "A guerra é a seara do judeu" (BARROSO, 1991).

Adolf Hitler incorporou essa paranoia ao núcleo de sua ideologia. Como os judeus seriam, em sua visão, um povo "sem território" e parasitário, sua estratégia consistiria em lançar as nações umas contra as outras para submetê-las posteriormente ao domínio judaico. O objetivo da política externa judaica seria "empurrar as nações para guerras umas contra as outras [...] e dessa forma gradualmente, com a ajuda do poder do dinheiro e da propaganda, elevarem-se a mestres sobre elas" (HITLER, 2006).

A propaganda conduzida por Joseph Goebbels desenvolveu sistematicamente essa narrativa, acusando os "judeus internacionais" de financiarem simultaneamente o capitalismo financeiro e o comunismo revolucionário. O Ministério da Propaganda instruía os jornais alemães a inculcar a ideia de que todo sofrimento provocado pela guerra derivaria da ação judaica: "que o judeu internacional quis esta guerra, ocupa as posições econômicas mais importantes entre todos os povos inimigos e usa implacavelmente seu poder para empurrar os povos para a guerra [...] que os judeus lucram com a guerra e, portanto, têm interesse em uma guerra longa" (JÄCKEL, 1972).

O regime projetava, assim, sobre os judeus a responsabilidade pela aniquilação que conduzia. Goebbels condensou essa inversão ao declarar: "A culpa histórica do judaísmo mundial pela eclosão e expansão dessa guerra está tão amplamente demonstrada que não precisamos desperdiçar mais palavras sobre isso. Os judeus queriam a sua guerra, e agora a têm" (citado em HERF, 2006). A justificativa ideológica do Holocausto foi construída sobre essa premissa. Em seu discurso de 1939, Hitler afirmou que "se o judaísmo financeiro internacional dentro e fora da Europa tiver sucesso em mergulhar as nações mais uma vez em uma guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da terra e, com isso, a vitória do judaísmo, mas a aniquilação da raça judaica na Europa!" (citado em HERF, 2024)

Essa propaganda também foi difundida no Oriente Médio pelas transmissões radiofônicas nazistas em árabe, como a *Voz do Arabismo Livre*, que repetiam: "Os judeus acenderam esta guerra no interesse do sionismo. Os judeus são responsáveis pelo sangue que foi derramado. [...] Os judeus são os germes que causaram todos os problemas no mundo" (citado em KÜNTZEL, 2023).

Ao mesmo tempo, qualquer forma de resistência antifascista ou ação militar dos Aliados era reinterpretada como "terrorismo judaico". No Leste Europeu, os judeus eram descritos como um "viveiro de resistência e de 'terrorismo'" (CHAPOUTOT, 2018), enquanto os bombardeios aliados passaram a ser classificados pela propaganda nazista como *Luftterror* ("terrorismo aéreo") dirigido por "puxadores de cordéis" judeus (HERF, 2006). Hitler chegou a declarar que "esse terrorismo judaico deve ser erradicado pela raiz de toda a Europa" (citado em HERF, 2006).

Após a Segunda Guerra Mundial, autores "revisionistas" de extrema direita – isto é, negacionistas do Holocausto – passaram a sustentar que a Alemanha nazista não desejava o conflito, mas teria sido encurralada por um boicote econômico liderado por sionistas no início da década de 1930. No Brasil, Siegfried Ellwanger Castan, em *Holocausto Judeu ou Alemão?*, utiliza uma citação atribuída a Neville Chamberlain para responsabilizar o "lobby sionista" pela entrada dos Aliados na guerra, afirmando que "os judeus estadunidenses e do mundo forçaram-nos a entrar na guerra contra a Alemanha" (citado em CASTAN, 1987). Em linha semelhante, Sérgio Oliveira, em *Os Genocidas do Século* XX, sustenta que judeus teriam assumido o controle da mídia e da administração dos Estados Unidos e da Inglaterra, manipulando líderes como Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill para destruir a Alemanha, enquanto ignoravam os crimes atribuídos ao bolchevismo, cujos dirigentes seriam financiados por "capitalistas judeus" (OLIVEIRA, 1998).

Em *Do Antissionismo ao Antissemitismo*, Léon Poliakov descreve como a figura do judeu conspirador e fomentador de guerras foi reciclada durante a Guerra Fria pela propaganda soviética e árabe, substituindo-se estrategicamente a palavra "judeu" por "sionista". Por conseguinte, o sionismo passou a ser descrito como força oculta responsável por controlar o Ocidente e financiar os conflitos do Oriente Médio em busca de hegemonia territorial "do Nilo ao Eufrates". A Rádio Moscou, em transmissões em árabe, afirmava que financistas e industriais sionistas dominavam os Estados Unidos, garantindo apoio político e militar a Israel e revelando, assim, "o caráter reacionário e antiárabe da política imperialista estadunidense" (citado em POLIAKOV, 2025). A propaganda soviética chegou ao extremo de inverter o próprio genocídio nazista (→ 27. *inversão do Holocausto*); publicações do Leste Europeu e do mundo árabe passaram a alegar que líderes sionistas teriam financiado ou facilitado o Holocausto para viabilizar a criação do Estado de Israel. Em 1967, uma revista ucraniana afirmava que "Os banqueiros sionistas alemães abriram generosamente seus cofres a Hitler" e que as câmaras de gás "foram reconstruídas com o dinheiro dos sionistas 'arianos'" (citado em POLIAKOV, 2025).

A literatura antissemita árabe passou a mobilizar a narrativa segundo a qual os judeus teriam utilizado guerras e catástrofes globais a fim de obter vantagens políticas, como a criação do Estado de Israel ou a consolidação de organismos internacionais sob sua influência. Para explicar como uma minoria sem Estado antes de 1948 teria alcançado tamanho poder, esses textos recorriam ao mito da infiltração secreta e da subversão das sociedades ocidentais e orientais. O intelectual árabe Muhammad 'Ali 'Alūba, em *Filastin wa-al-Damir al-Insani* (Palestina e a Consciência da Humanidade), publicado no Cairo em 1964, por exemplo, afirmava que os judeus seriam os únicos beneficiários das tragédias mundiais: "Após a Primeira Guerra Mundial eles conseguiram a Declaração Balfour, e após a Segunda eles estabeleceram seu Estado. Uma terceira lhes daria a dominação mundial" (citado em HARKABI, 1972).

'Alūba expandia essa lógica conspiratória ao atribuir aos judeus uma sucessão de revoluções, guerras e convulsões políticas modernas. O autor alegava que eles teriam sido responsáveis "por uma longa linha de golpes e revoluções: na França, 1848 e 1871; Portugal, 1905; Turquia, 1805; China, 1911; Rússia, 1917; Hungria e Alemanha, 1918; Espanha, 1936 – bem como as duas guerras mundiais" (citado em HARKABI, 1972). O objetivo atribuído a essa suposta conspiração seria "mergulhar o mundo no caos com seus complôs infernais" para, posteriormente, instaurar "um governo sionista mundial, revolução e tumulto" (HARKABI, 1972).

Essa visão também aparece de forma explícita na Carta fundacional do Hamas, de 1988, que retoma motivos clássicos da conspiração judaica mundial ao afirmar que os judeus utilizariam organizações secretas para corromper sociedades e manipular a política internacional. O documento sustenta que, "com dinheiro, promovem revoluções em vários países, mundo afora, para servir aos seus interesses e obter lucros", acrescentando que os judeus "estiveram por trás da Revolução Francesa e da Revolução Comunista". A Carta também atribui aos judeus a criação de sociedades secretas "a fim de destruir as respectivas sociedades e servir aos interesses sionistas", citando organizações como "os Maçons Livres, Rotary Clubes, Lions, os B'nai B'rith etc.", que seriam utilizadas para "espionagem e sabotagem" (PIMENTA, 2024).

O mesmo documento afirma ainda que os judeus teriam instigado as guerras mundiais no intuito de obter ganhos financeiros, declarando que "estiveram, também, por trás da Segunda Guerra Mundial, pela qual juntaram um tremendo lucro, com o comércio de materiais de guerra" (PIMENTA, 2024).

No século XXI, as acusações de que judeus ou "sionistas" orquestrariam guerras passaram a concentrar-se no terrorismo global. Segundo Alexis Chapelan, "essa narrativa desde então se expandiu para outros cenários: Israel é acusado de fabricar e financiar ataques terroristas (como o 11 de Setembro) ou grupos (Estado Islâmico – ISIS, Hamas etc). a fim de antagonizar o Ocidente e o mundo muçulmano" (CHAPELAN, 2024). Logo após os atentados, difundiu-se o boato infundado de que "quatro mil judeus não se apresentaram para trabalhar no World Trade Center em 11 de setembro" porque teriam sido alertados previamente por Israel (PERRY; SCHWEITZER, 2002). Segundo essa narrativa, a inteligência israelense teria forjado o atentado e culpado os muçulmanos para provocar uma guerra entre o Ocidente cristão e o mundo islâmico.

Adina Marincea identifica mecanismo semelhante nas charges que retratam o ISIS "rotulado como 'Mossad', sugerindo que o Estado Islâmico foi uma criação de, ou controlado por, serviços secretos de Israel" (MARINCEA, 2023). A autora descreve essa operação simbólica como uma "inversão moral", na qual "Israel e os judeus são retratados não como vítimas, mas como opressores, como terroristas" (→ 32. *Israel como estado terrorista*), supostamente responsáveis por financiar ou criar grupos extremistas para lucrar com a instabilidade global (MARINCEA, 2023).

A categoria das operações de "bandeira falsa" é frequentemente mobilizada para reinterpretar os próprios ataques terroristas antissemitas sofridos pela comunidade judaica na diáspora, bem como os atentados terroristas e assassinatos perpetrados contra civis israelenses. Em vez de serem reconhecidos como atos de violência real e injustificável, esses episódios são esvaziados de sua gravidade e classificados no discurso extremista como eventos forjados pelas próprias vítimas (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*). Em resposta a incidentes de ódio, o antissemitismo *on-line* costuma alegar que "a coisa toda é encenada e há pessoas sentadas em algum lugar esfregando as mãos" (BECKER, 2024), insinuando que os judeus orquestram deliberadamente o seu próprio sofrimento para lucrar ou extrair vantagens (→ 20. *vitimização estratégica*). Por meio dessa inversão de responsabilidades, afirma-se que o Estado de Israel ou as instituições judaicas "instigam um problema e depois se fazem de vítimas" com o intuito estrito de "obter uma justificativa para tudo" (BECKER, 2024).

O lugar-comum da "bandeira falsa" opera aqui como uma ferramenta extrema de transferência de culpa: ao alegar que os assassinatos e o terrorismo são, na verdade, maquinações concebidas internamente para manipular a opinião pública mundial e justificar novas incursões militares e guerras, o antissemita não apenas nega a realidade da agressão sofrida, como a converte em mais uma suposta "prova" do poder de manipulação (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*) e da vitimização estratégica historicamente atribuídas aos judeus.

Por fim, na contemporaneidade, a acusação de que entidades judaicas obteriam vantagens políticas e geopolíticas por meio das guerras continua sendo projetada sobre conflitos contemporâneos. Segundo Alexis Chapelan (2024), "essas alegações não se limitam ao contexto do Oriente Médio: a agressão russa à Ucrânia foi descrita como uma 'guerra de irmãos' fomentada por sionistas (ou pelo eixo sionista-americano) por lucro ou para enfraquecer a Rússia ortodoxa e tradicionalista".

Nesse tipo de narrativa, inclusive a liderança ucraniana é apresentada como instrumento de uma agenda sionista internacional. A identidade judaica do presidente Volodymyr Zelensky é mobilizada como "prova" conspiratória em comentários *on-line* que o descrevem como um "fantoche sionista disposto a destruir a vida de 48 milhões de pessoas" em benefício de Israel. A ideia de uma "guerra de irmãos" manipulada por agentes externos reativa diretamente o imaginário antissemita da dominação mundial por meio da estratégia de *divide et impera*, associando os judeus ao caos, à guerra e à destruição deliberada das nações cristãs.

COMO IDENTIFICAR?

- Instigação oculta de guerras: alegações de que judeus, "sionistas" ou o Estado de Israel manipulam secretamente governos e lideranças para provocar guerras entre nações com o objetivo de enfraquecer Estados e ampliar um suposto domínio global.
- Operações "bandeira falsa" (*false flag*): afirmações conspiratórias de que Israel, o Mossad ou elites judaicas organizariam atentados contra populações ocidentais ou contra seus próprios cidadãos para culpar terceiros e justificar guerras ou medidas repressivas.
- Controle do terrorismo internacional: narrativas segundo as quais Israel ou serviços de inteligência judaicos teriam criado, financiado ou dirigido grupos como Al-Qaeda, Hamas ou ISIS para produzir caos geopolítico e desestabilização regional.
- Lucro judaico com guerras: acusações de que "banqueiros internacionais" judeus financiariam todos os lados de um conflito para lucrar com armas, dívidas e destruição.
- Potências ocidentais como "marionetes": alegações de que os Estados Unidos e os países europeus agiriam subordinados a um suposto "*lobby* judaico" ou "*lobby* sionista", travando guerras no Oriente Médio em benefício exclusivo de Israel.
- Inversão entre vítimas e perpetradores: raciocínios conspiratórios que retiram a responsabilidade dos autores reais de atentados e transferem a culpa para judeus ou para Israel, apresentados como os "verdadeiros arquitetos" da violência.
- Reciclagem dos *Protocolos dos Sábios de Sião*: ressurgimento da ideia de uma conspiração judaica internacional que utilizaria guerras, revoluções e terrorismo como instrumentos deliberados de poder político e econômico.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A acusação de que judeus, "sionistas" ou o Estado de Israel, atuariam como instigadores de guerras e arquitetos de operações de "bandeira falsa" é interpretada tanto pela International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto pela *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) como manifestação contemporânea dos clássicos mitos de conspiração e poder judaico. Apesar de divergirem em diversos pontos relativos a Israel, ambas as definições convergem na rejeição de teorias conspiratórias que atribuem aos judeus um poder oculto de manipulação política global.

A definição operacional da IHRA classifica como antissemitismo fazer "alegações mendazes, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus", incluindo "o mito sobre uma conspiração judaica mundial" e o suposto controle judaico sobre governos e instituições. A definição também observa que os judeus são frequentemente responsabilizados por "aquilo que dá errado". Assim, alegações de que Israel ou grupos judaicos teriam organizado ataques como o 11 de Setembro, criado organizações terroristas ou manipulado guerras internacionais enquadram-se diretamente na diretriz que proíbe atribuir aos judeus a responsabilidade por atos cometidos por terceiros. A JDA, por sua vez, afirma em sua diretriz 2 que o núcleo do antissemitismo consiste na crença de que "os judeus possuem um poder oculto" utilizado para promover interesses coletivos à custa das demais sociedades, inclusive por meio da ideia de uma "mão oculta" ou de um "Estado dentro do Estado". A JDA também reconhece que exagerar grosseiramente a influência de Israel pode constituir uma forma codificada de racializar e estigmatizar judeus.

A aplicação prática dessas definições envolve, contudo, zonas cinzentas relevantes. A JDA ressalta que críticas "baseadas em evidências" às políticas de Israel ou às ações de seus serviços de inteligência não são, por si, antissemitas. O problema surge quando a análise geopolítica abandona a base factual e adentra o conspiracionismo fantasioso, retratando Israel ou o Mossad como entidades onipotentes responsáveis por fabricar atentados globais, controlar governos ocidentais ou fomentar guerras internacionais para lucro e dominação. Da mesma forma, há distinção entre analisar alianças estratégicas reais entre Israel e potências ocidentais e ressuscitar o tropo do "mestre das marionetes", segundo o qual governos inteiros seriam simples instrumentos de um suposto "lobby judaico". A zona cinzenta também aparece no uso recorrente da teoria da "bandeira falsa" para reinterpretar ataques terroristas contra israelenses ou atentados antissemitas como encenações produzidas pelas próprias vítimas. Nessas narrativas, a violência real é negada e convertida em "prova" adicional da suposta capacidade judaica de manipulação e vitimização estratégica.

PARTE III

Antissemitismo Relacionado ao Holocausto

19. Relativização e Negação do Antissemitismo
20. Vitimização Estratégica: Instrumentalização da Memória do Holocausto e da Luta Contra o Antissemitismo
21. Tabu da Crítica
22. Privilégio Judaico
23. Rejeição da Culpa e Exigência de Ruptura Com o Passado Nazista
24. Negação e Distorção do Holocausto
25. “Judeus Não Aprenderam Nada Com o Passado”
26. Os Judeus são Culpados, Merecedores ou Instigadores do Antissemitismo

19. Relativização e Negação do Antissemitismo

Abordamos neste capítulo um lugar-comum de emergência recente, mesmo que sustentado sobre estruturas antissemitas anteriores a ele.

Segundo a definição prática de antissemitismo da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA, 2016), "O antissemitismo é uma determinada percepção dos judeus, que se pode exprimir como ódio em relação aos judeus." Trata-se de uma compreensão perspicaz que serve de baliza para o Direito Internacional e para a formulação de políticas públicas, mesmo que não tenha poder de lei. Assim como outras formas de racismo, o antissemitismo manifesta-se não apenas como ódio explícito ou violência direta contra indivíduos e instituições judaicas, mas também em formas simbólicas, inconscientes e institucionais.

Isso significa que, mesmo na ausência de uma intenção deliberada de atacar "judeus como judeus", podem ocorrer práticas e discursos que deslegitimam, minimizam ou invisibilizam a experiência de quem é vítima de manifestações antissemitas. Entre essas formas estão a relativização e a negação do próprio antissemitismo. Tais estratégias não atribuem estereótipos diretamente aos judeus, mas atuam sobre o próprio conceito de antissemitismo, reinterpretando-o ou esvaziando-o quando ele ocorre.

Historicamente, a necessidade de negar o antissemitismo surge com força no pós-1945. Como observa Monika Schwarz-Friesel (2015), após o choque ético do Holocausto, o antissemitismo explícito tornou-se um tabu social no Ocidente. Consequentemente, a hostilidade antijudaica precisou adaptar-se, migrando para uma zona de penumbra discursiva na qual o agressor busca reinterpretar ou minimizar situações de preconceito, deslocando o foco da vítima para si mesmo. O resultado é a recusa em lidar com o fenômeno, seja por falta de empatia, por orgulho nacional ferido ou pelo desejo de escapar de responsabilidades éticas (Scheiber, 2024).

A relativização ou minimização ocorre quando se impõem condições que limitam ou distorcem o reconhecimento de práticas ou discursos antissemitas. Conforme aponta Scheiber (2024), isso se manifesta em três eixos principais: o anacronismo deliberado, que busca restringir o antissemitismo apenas ao passado histórico (o "antissemitismo de museu"), tratando qualquer manifestação moderna como algo de natureza distinta; a exclusão de categorias, determinada de modo arbitrário, como quando se excluem judeus ou israelenses identificados com o sionismo como possíveis alvos de racismo; e o reducionismo que tenta circunscrever o antissemitismo a uma dimensão meramente religiosa, ignorando sua face racial, política e conspiratória.

Glynis Cousin e Robert Fine (2012) oferecem uma contribuição crucial a esse debate ao analisarem como a academia contemporânea muitas vezes falha em conectar o estudo do racismo ao do antissemitismo. Para os autores, "o antissemitismo é frequentemente tratado como um fenômeno 'fora do lugar' nas teorias modernas de racismo", o que faz com que seja ora minimizado como "privilégio que deu errado", ora relativizado perante opressões consideradas mais "legítimas" ou "autênticas".

Outra forma de relativização ocorre por meio de comparações hierarquizantes. Nessa lógica, afirma-se que outras formas de racismo seriam mais graves ou urgentes. Falar de antissemitismo é apresentado como "vitimismo" (→ 20. *vitimização estratégica*). Esse argumento retoma um dos estereótipos centrais da judeofobia: a ideia de que judeus são privilegiados ou poderosos demais para serem vítimas. Ao deslocar o antissemitismo para a "zona marginal dos problemas sociais" (Schwarz-Friesel, 2015), o orador sugere que ele atinge apenas um grupo pequeno e insignificante, não merecendo atenção diante de fenômenos vistos como estruturais.

A negação, por sua vez, é mais direta: trata-se de recusar a existência do fenômeno em um contexto específico ou de negar o próprio conceito. É o que se vê quando episódios contemporâneos são apresentados apenas como "críticas legítimas" e que as denúncias de antissemitismo são, na verdade, "instrumentalizações".

Uma forma recorrente de negação se baseia em uma falsa correção etimológica. O argumento sustenta que, como palestinos e outros povos árabes também são "semitas", discursos ofensivos contra judeus não poderiam ser descritos como antissemitas. Bernard Lewis (1986), em sua análise clássica, desconstrói essa falácia ao demonstrar que o termo nunca teve a intenção de ser uma categoria linguística abrangente, mas sim um substituto pseudocientífico para o ódio aos judeus. Lewis argumenta que o termo "antissemitismo" foi cunhado por Wilhelm Marr em 1879 na Alemanha, para substituir *Judenhass* (ódio aos judeus). Essa substituição queria explicar o ódio de modo mais científico e menos religioso. A partir desse argumento, ele defende que usar a etimologia para negar o fenômeno seria um "desvio discursivo", a fim de reduzir a capacidade da vítima de nomear a própria perseguição.

A negação do antissemitismo não é uniforme; ela se adapta às ideologias vigentes. No contexto da Guerra Fria, Jeffrey Herf (1997) detalha como a Alemanha Oriental (RDA) institucionalizou a negação através da "memória dividida". Para a narrativa socialista oficial, o antissemitismo era um "subproduto do capitalismo burguês". Com a vitória do socialismo, alegava-se que as raízes do preconceito haviam sido extirpadas. Herf demonstra que essa negação serviu para que o Estado evitasse qualquer reparação moral ou material às vítimas judias, focando exclusivamente no "heroísmo antifascista" do Partido.

Posteriormente, essa lógica de negação foi exportada e

Saiba quem são as vítimas de ataque 'antissemita' em Washington

Não existe antissemitismo no Brasil, a maior parte do povo brasileiro nunca nem conheceu um judeu, isso é pauta plantada por sionistas para se fazerem de vítimas enquanto assassinam mulheres e crianças palestinas em Gaza.

Ora ora! O bigodin não tá a tão errado assim!

dude @desoladude.bsky.social · 7m
a ideia que já vem sendo massificada de que esse atentado pode ser atribuído a antissemitismo é, em si, um ataque antisemita. É a velha dança de tratar sionismo e judaísmo como a mesma coisa ou consequências naturais um do outro.

comentou: Palestino é um povo semita. E Israel é quem mais assassina semitas em 108 anos desde a emissão da carta de colonização. 10 min

3 h
ANTISSEMITISMO: Conjunto de ações realizadas por grupos de europeus que migram para a Palestina ocupada para roubar terras, prender, humilhar e assassinar os semitas palestinos que habitam aquela região há séculos.

Preconceito no Brasil contra:

-Negros: violência policial, exclusão social, ataques a religiões de matriz africana...

-Índígenas: invasões de suas terras, massacres em aldeias, veneno de garimpo, cultura apagada...

-Judeus: a dondoca do Leblon não consegue comprar seu pão

8:48 · 06 abr. 26 · 37K Visualizações

O massacre de crianças inocentes será também antisemitismo 😂

1 curtida Responder

Dizer que isto é anti-Semitismo é o mesmo que os alemães em 1940 dizerem que estavam a ser alvos de "anti-arianismo" ou coisa parecida

7 curtidas Responder

a eu queria ler algo sobre essa falácia do antissemitismo. Quando olho pra História não vejo esse racismo contra judeus em nenhum momento. Nem na Alemanha nazista e muito mrnos depois disso. Racismo a grnte branca e com algum poder ou muito poder? Numca vi

2

Responder

Talvez, seja culpa do sionismo, que tem mostrado ao mundo do que é capaz, e nao do antisionismo, horrorizado com as praticas sionistas. Antisionismo e antisseminismo são coisas bem diferentes.

10 curtidas Responder

Ninguém pensa sobre judeus o suficiente pra ser antissemita a não ser bolhas de Twitter. Não existe mais racismo contra judeus no nosso hemisfério. No máximo em países afetados por opressão judaica (AKA vítimas de Israel)

Judeus são o grupo mais privilegiado em qualquer país que eles formem uma população significativa.

Sociedades ocidentais praticamente veneram judeus. E esse policiamento de antissemitismo serve de escudo pra Israel e pra sionistas continuarem com suas mentalidades genocidas.

Não existe racismo contra judeus, o que existe é um vitimismo vergonhoso dos sionistas, que querem censurar todos aqueles que condenam essa ideologia demoníaca!

"Aaaainnnnnn, antissemitismo !" 🎺, diriam eles, que confundem antisionismo com antissemitismo

97

Reply

antissemitismo foi criado para silenciad as atrocidades cometidas por eles

6

Reply

adaptada. Em sua obra sobre a propaganda nazista para o mundo árabe, Herf (2009) revela como a hostilidade antijudaica foi reinterpretada não como preconceito, mas como uma resposta "legítima" ao colonialismo ou ao sionismo. Essa manobra discursiva permite que tropos clássicos do antissemitismo europeu (como a conspiração global) circulem livremente, desde que renomeados como "crítica política".

Na contemporaneidade, observa-se o uso da própria identidade ou reputação como um "escudo" para negar a acusação de antissemitismo (Scheiber, 2024). Isso ocorre quando indivíduos pertencentes a grupos historicamente discriminados afirmam que, por sua condição de oprimidos, são incapazes de reproduzir preconceitos.

Movimentos que se apresentam como exclusivamente anticoloniais ou antirracistas procuram blindar-se de qualquer questionamento, reinterpretando falas que utilizam tropos milenares ("libelo de sangue" ou "conspiração financeira") como críticas políticas "inofensivas". Nessa lógica, o debate sobre antissemitismo é sufocado pelo estigma da "má-fé" de quem denuncia, enquanto o discurso de ódio é naturalizado.

A trajetória da negação do antissemitismo no Brasil está intrinsecamente ligada ao mito da "democracia racial". Durante grande parte do século XX, a elite intelectual brasileira projetou o país como um ambiente imune ao preconceito, inserido em uma "América Latina cordialmente tolerante".

Jeffrey Lesser (1995) demonstra como esse discurso de hospitalidade era uma fachada para políticas de restrição. Enquanto intelectuais insistiam que o antissemitismo era um "fenômeno europeu", o governo Vargas impunha circulares secretas que impediam a entrada de judeus no país. A negação, aqui, servia como ferramenta de Estado para manter uma imagem de harmonia enquanto se praticava a exclusão.

Na contemporaneidade, a relativização encontra seu terreno mais fértil nas redes sociais. Matthias Becker (2021), ao analisar milhares de comentários em portais de notícias, identificou que a negação raramente aparece de forma isolada; ela vem acompanhada de analogias que buscam "acertar as contas com o passado". Becker observa que, no ambiente digital, o antissemitismo é frequentemente relativizado pela analogia reversa: o agressor nega o antissemitismo da sua fala ao projetar no judeu a figura do "novo nazista" (→ 27. *inversão do Holocausto*). Essa inversão não apenas nega a experiência da vítima, mas a culpabiliza, transformando a denúncia de antissemitismo em uma prova de "arrogância" ou "manipulação".

No ambiente digital brasileiro, a relativização tomou contornos alarmantes, sobretudo após os ataques de 7 de outubro de 2023. As formas mais evidentes das estratégias discursivas para relativização ou negação do antissemitismo são a invisibilização da vítima, através de comentários em portais de notícias e redes sociais (Instagram, X/Twitter) que sistematicamente questionam a veracidade de atrocidades cometidas contra judeus, tratando-as como "propaganda" ou "exagero", mesmo diante de evidências documentais; a utilização de condicionantes quando judeus denunciam antissemitismo, frequentemente em formatos "Sim, mas...", um tipo de relativização que reconhece o ataque, mas imediatamente o justifica por meio de uma contextualização histórica desproporcional, o que, na prática, retira o caráter de crime de ódio do evento; e a mimetização, ligada quase sempre ao recurso da banalização, utilizando memes que comparam a condição judaica atual, ou ações do governo de Israel a outros momentos históricos, na tentativa de minimizar o impacto do antissemitismo vivenciado por judeus brasileiros.

Por fim, é importante destacar que a negação etimológica ("árabes também são semitas") tornou-se um tópos comum em caixas de comentários de grandes influenciadores, acadêmicos e mesmo políticos no Brasil, servindo para encerrar qualquer debate sobre o crescimento do antissemitismo em locais como universidades e outros espaços públicos.

Em última análise, a relativização e a negação do antissemitismo não constituem meros exercícios de retórica ou discordâncias interpretativas, mas operam como uma extensão discursiva da própria hostilidade antijudaica. Ao deslegitimar a capacidade da vítima de nomear sua opressão e ao esvaziar os conceitos históricos de sua substância ética, essas estratégias criam um ambiente de impunidade semântica em que o preconceito pode circular sob o disfarce de 'crítica social' ou 'correção linguística'.

No contexto brasileiro, tanto quanto internacionalmente, essa dinâmica é agravada pela persistência de mitos de excepcionalismo nacional em diversos países, que, ao negarem a existência do fenômeno, impedem a formulação de respostas institucionais eficazes. Reconhecer essas táticas de 'antissemitismo de segunda ordem' é, portanto, um passo indispensável para romper o ciclo de invisibilidade que historicamente protege os perpetradores e isola as comunidades atingidas, garantindo que o enfrentamento ao discurso de ódio não ignore as particularidades da experiência judaica na modernidade digital.

COMO IDENTIFICAR?

- Adoção de retórica de trivialização histórica, que apresenta o antissemitismo como um problema do passado, ignorando sua continuidade.
- Minimização social, que descreve episódios como "marginais", negando seu caráter sistêmico.
- Comparações hierarquizantes, que utilizam o sofrimento de outros grupos (sociais, étnicos) para silenciar denúncias judaicas.
- Definições restritivas e reducionistas, como afirmar que só há antissemitismo se houver menção à religião judaica.
- Afirmações de que o antissemitismo não existe mais ou foi superado pelo socialismo/progresso/pós-modernidade.
- Reinterpretação de discursos antissemitas, apresentando-os como "apenas crítica política".
- Uso do argumento da "origem semítica" para invalidar o termo antissemitismo e sua relação direta com judeus.
- Alegação de que pertencer a uma minoria impede a reprodução de preconceitos, através do "escudo identitário".

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições contemporâneas de antissemitismo reconhecem que a relativização ou negação do preconceito contra judeus pode constituir, em determinados contextos, uma forma indireta de hostilidade antissemita. A definição prática da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) considera antissemita, por exemplo, a negação do Holocausto ou a acusação de que os judeus "inventam" ou exageram o antissemitismo para obter vantagens políticas. Nessa perspectiva, estratégias discursivas que esvaziam, minimizam ou deslegitimam sistematicamente denúncias de antissemitismo podem funcionar como mecanismos contemporâneos de exclusão e silenciamento.

A *Declaração de Jerusalém Sobre Antissemitismo* (JDA), por sua vez, enfatiza a necessidade de proteger o debate político e acadêmico, especialmente em temas ligados a Israel e ao sionismo. Nesse enquadramento, discordâncias sobre o uso do conceito de antissemitismo, críticas a instituições judaicas ou questionamentos sobre determinadas interpretações históricas não são automaticamente antissemitas. A linha problemática emerge quando a crítica deixa de operar no plano analítico e passa a negar, trivializar ou ridicularizar de modo sistemático a experiência de discriminação relatada por indivíduos ou comunidades judaicas.

A principal zona cinzenta envolve justamente a distinção entre debate legítimo e deslegitimação discursiva. Questionamentos conceituais, discussões acadêmicas sobre definições ou análises comparativas entre diferentes formas de racismo não constituem, por si, antissemitismo. O problema surge quando tais argumentos são mobilizados seletivamente para negar a especificidade histórica do preconceito contra judeus, apresentar denúncias como manipulação ou vitimização estratégica, ou tornar invisíveis manifestações contemporâneas de hostilidade antissemita. Nesses casos, a relativização deixa de funcionar como reflexão crítica e passa a operar como mecanismo de neutralização simbólica do próprio fenômeno.

20. Vitimização Estratégica: Instrumentalização da Memória do Holocausto e da Luta Contra o Antissemitismo

O lugar-comum que acusa judeus de vitimização estratégica por meio da instrumentalização do antissemitismo e da memória do Holocausto para obter vantagens políticas, imunidade moral ou silenciar críticas consiste em um repertório relativamente recente, cuja inteligibilidade depende de modo direto da reconfiguração normativa do pós-1945.

Antes dos crimes perpetrados pela Alemanha nazista, o antissemitismo gozava de ampla aceitabilidade social em diversos contextos ocidentais, o que tornava a alegação de sua "instrumentalização" politicamente desnecessária e até desprovida de sentido estratégico (BECKER, 2024). Foi somente com a revelação pública do assassinato em massa dos judeus europeus, a consolidação do Holocausto como paradigma moral negativo da modernidade e a consequente estigmatização do antissemitismo aberto que as lógicas do preconceito precisaram ser rearticuladas, deslocando-se do ataque frontal para formas mais codificadas e defensivas.

Esse deslocamento caracteriza uma mutação discursiva: em vez de negar explicitamente a violência antissemita – o que, no novo ambiente normativo, poderia gerar sanções sociais – passa-se a imputar aos próprios judeus (→26. *judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*) a responsabilidade pela persistência do antissemitismo ou pela suposta "exploração" de sua memória. Como observa Matthias Becker (2021), em contextos hegemônicos marcados por forte vigilância normativa, a comunicação antissemita tende a operar por meio de implícitos, alusões e lacunas semânticas, nas quais enunciados aparentemente neutros ativam quadros de sentido já disponíveis no imaginário social. Nesse registro, a insinuação de que o Holocausto estaria sendo "usado" estrategicamente cumpre a função de reativar esquemas acusatórios tradicionais sob uma forma discursivamente mais aceitável.

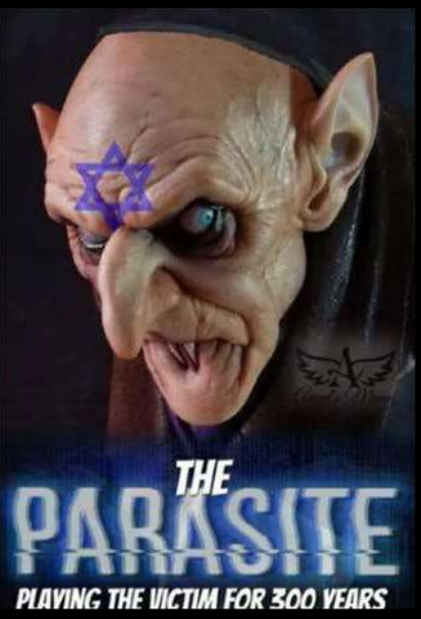
Na Alemanha e na Áustria, tal reconfiguração assumiu contornos específicos. Trata-se de um antissemitismo motivado pela recusa da culpa (→ 23. *rejeição da culpa e exigência de ruptura com o passado nazista)* (RENSMANN, 2004). No esforço de reconstrução de uma identidade nacional positiva e contínua, se consolidou o desejo de estabelecer um "ponto final" em relação ao passado nazista. Nesse contexto psíquico e cultural, os judeus passaram a ser percebidos como um lembrete incômodo da responsabilidade histórica, sendo figurados como "perturbadores da memória" (BERGMANN, 1997). Já na Alemanha Ocidental, como aponta o historiador Jeffrey Herf (2024), essa perspectiva foi encampada nos anos 1960 pela esquerda radical, que passou a alegar que o sionismo usava a memória do genocídio como um instrumento para manter a sociedade paralisada pela culpa e impedir a solidariedade à causa palestina, uma tática retórica que serviu para que esses jovens militantes se libertassem psicologicamente do peso dos crimes cometidos pela geração de seus pais.

A acusação de instrumentalização emerge, assim, como técnica de deslocamento da culpa: a memória do crime é reinterpretada como mecanismo de coerção moral exercido por aqueles que dele foram vítimas.

Com o passar das décadas, essa dinâmica extrapolou o debate centro-europeu sobre reparações e responsabilidade histórica, adquirindo projeção global e conectando-se crescentemente às disputas em torno do Estado de Israel (BECKER, 2024). Exemplo disso foi a controvérsia suscitada pela publicação de *The Holocaust Industry* (A Indústria do Holocausto), de Norman G. Finkelstein, no ano 2000, que representa um ponto de inflexão na consolidação pública dessa retórica. Marc Schwietring (2014) aponta que a tese de que elites judaicas estadunidenses explorariam calculadamente o sofrimento judaico para obter ganhos financeiros e blindar Israel de críticas mobiliza uma semântica de suspeição moral, lucro e manipulação que ressoa com padrões históricos de imputação de poder excessivo e instrumentalidade estratégica aos judeus.

Ainda que o livro tenha sido criticado por diversos intelectuais como uma simplificação conspiratória do processo histórico (TRAVERSO, 2013), sua difusão contribuiu para sedimentar um enquadramento no qual o Holocausto passou a ser descrito, não primariamente como trauma histórico e referência ética negativa, mas como "arma ideológica" no conflito geopolítico contemporâneo.

Esse tipo de discurso, como aponta o sociólogo David Hirsh (2018), também possui raízes na esquerda antissionista ligada ao bloco soviético durante a Guerra Fria, onde, desde os julgamentos de Praga (como o de Rudolf Slánský, em 1952), judeus eram forçados a confessar que usavam a "acusação de antissemitismo" para blindar atividades sionistas e imperialistas. Esse discurso também apareceu na Alemanha Oriental socialista na qual, como aponta Herf (2024), a instrumentalização se tornou política de Estado: ancorada no mito da resistência antifascista, o Estado isentou-se oficialmente de qualquer responsabilidade pelo genocídio e expurgou membros do partido que tentavam colocar o Holocausto no centro do debate ou defender reparações aos sobreviventes, acusando-os de servir ao "capitalismo judaico" e ao imperialismo estadunidense.



23 de outubro de 2025

Colona israelense enterra a própria mãe para continuar recebendo indenização do Holocausto

Povo besta que se acha. A mais de 5000 anos fazendo papel de coitado e usurpando os outros.

Responder 2

· 3d

"Discurso de ódio" Já falei coisa pior de gay, mulher, esquerdista, mas **judeus** ah meu caro, os **judeus** eles estão por trás de tudo.

Em resposta a

Eles manipulam até o seu ódio contra eles. Simplesmente judeus

4 1 16 399

· 21h

Falar a verdade virou antissemitismo, racismo e não sei mais o que ismo. Todo esse gaslight, pra proteger uma máfia de pedófilos, ladrões de terras e genocidas.

O último assunto que deveria ser importante nesse momento é o antisemitismo. Tem uma população inteira morrendo horrendamente e vcs estão preocupados com a reputação do povo que está cometendo a agressão.

O anti-semitismo agora é desculpa para tudo... as eternas vítimas....

45 curtidas Responder

comentou: Esse discurso ja me comoveu Hj vemos q o discurso vitimista nada mais é q a arma do sionismo. Nao tinham uma terra agora têm vejam oq fazem. Talvez esteja aí o motivo ... 15 min

Norman Filkenstein em seu livro "A Indústria do H0l0k4usto", já denunciava essas práticas de varejo, mas principalmente as do atacado, utilizada até hoje por empresas e o Estado Syonysta de Iz rahell pra chantsgear governos, usando a tragédia do H0l0kausto J4d3ü como moeda de troca pra ter sucesso em suas extorsões. Lembrando que o autor do livro é um judeu, cujos pais e demais familiares foram mortos em campos de concentração nazista.

7 curtidas Responder

Quem tiver a oportunidade leia "A Indústria do holocausto" do Norman Finkelstein
A apropriação do sofrimento do povo judeu no holocausto, para criar consentimento sobre a limpeza étnica do povo palestino.

5

Responder

Rem que divulgar os sionistas adoram se vitimizar enquanto destroem os palestinos e outros povos 1

Responder

[redacted] acusa Israel de 'vitimismo' e volta a chamar guerra em Gaza de 'genocídio'

E Israel resolveu se preocupar com mundo. Exterminando aos povos em volta de terras que eles invadiram. Sempre essa história de povo judeus perseguido. Agora eles exterminam os outros? O ódio é o que eles fazem.

[redacted]

Nós somos educados pela ideologia dominante principalmente pela mídia Americana em especial nos filmes hollywoodianos como Lista de Schindler O Menino do Pijama Listrado uma infinidade você abre Netflix essa linha ideológica está presente transformando os judeus em vítimas do holocausto e a gente construiu a ideia do judeu como Coitadinho explorado e marginalizado e excluído ao longo da história quando você vai ficando um pouco mais maduro intelectualmente você vai percebendo que **eles mesmos** construíram essa exclusão e este abandono e este genocídio é essa Diáspora ao longo de sua própria história

Então não é agressão de Roma sobre Jerusalém (a Jerusalém sitiada) foi os próprios judeus que se **auto sitiraram** através da intolerância do fundamentalismo do tribalismo tosco, da incapacidade de abandonar o velho hipócrita deus que eles inventaram para aceitar o **príncipe da paz** que trazia uma lógica de amor e não uma lógica de guerra. Mas se você lembrar que eles são Donos das maiores reservas de armas do mundo você pode ser excluído porque você está sendo fascista e antissemita 11:20

O mundo está assistindo a um verdadeiro Genocídio, desta vez, proporcionado por um povo que sempre se fez de coitado pelo holoc@usto sofrido pelos alemães na segunda guerra. As antigas vítimas tornaram-se os atuais perpetradores. Aprenderam muito bem com os nazist@s.... 😭😭😭🇵🇸🇵🇸🇵🇸

Responder

[redacted] 3 sem

Judes se vitimizarem quando na verdade são os culpados é super comum desde 1948 6

Responder

[redacted] 3 sem

Desde muito antes 1

Responder

[redacted] 3 sem

[redacted] Com certeza, inclusive ando questionando se o Holocausto foi tudo isso mesmo que os judeus pintaram

Responder

Eu sempre falei q chega de vitimacao. Ja Deus! 4

Responder

Na União Soviética, que já possuía sua própria dificuldade de lidar com a memória do Holocausto por colocar os povos soviéticos como as principais vítimas do nazismo, essa perspectiva também foi promovida com tons peculiares de negacionismo. Em 1985, o Comitê Antissionista do Público Soviético (AKSO) publicou uma cartilha que não apenas difundia a narrativa conspiratória de colaboração entre sionistas e nazistas, equiparando sionismo ao nazismo, como também sustentava a acusação de instrumentalização através de uma perspectiva conspiratória em que judeus sionistas teriam exagerado o Holocausto para obter ganhos políticos para o Estado de Israel (TABAROVSKY, 2024).

Assim, o panorama histórico revela que a tese da instrumentalização não surge de um debate factual sobre memória, mas da necessidade psíquica e política de vários espectros ideológicos de neutralizar a culpa histórica e deslegitimar a experiência judaica (HIRSH, 2018).

Importa sublinhar que a transição do antissemitismo "clássico" para formas pós-Holocausto – frequentemente descritas como antissemitismo secundário – não implicou substituição, mas sobreposição. Lugares-comuns tradicionais atribuídos aos judeus como a ganância, a manipulação, a conspiração e a dominação não desapareceram, porém foram rearticulados sob novas condições morais e políticas. A acusação de "instrumentalização" do antissemitismo ou da memória do Holocausto insere-se, assim, nessa tradição histórica do antissemitismo pós-1945. Longe de representar uma ruptura histórica, ela atualiza padrões discursivos de longa duração em uma era que reconhece, ao menos formalmente, a ilegitimidade do antissemitismo explícito.

A alegação de que judeus "exploram" o Holocausto ou "abusam" da acusação de antissemitismo mobiliza, em chave contemporânea, por exemplo, semânticas associadas aos lugares-comuns do poder oculto (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*), à manipulação (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*), e ao ganho ilegítimo (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*). Trata-se, portanto, de um deslocamento acusatório que converte a memória do crime em suspeita contra as próprias vítimas.

A análise linguístico-cognitiva de Monika Schwarz-Friesel e Jehuda Reinharz (2017) demonstra que o antissemitismo na contemporaneidade também opera por meio dessas reativações conceituais: estereótipos tradicionais semanticamente reformulados, para se adequarem às expectativas normativas de sociedades que oficialmente repudiam o racismo. A figura do "agiota" medieval ou do "parasita social", por exemplo, transforma-se, portanto, na do "explorador do Holocausto" ou no suposto ator que "lucraria" com a culpa histórica alheia. Essa mutação não elimina o núcleo afetivo da hostilidade. Apenas o rearticula em registros compatíveis com a cultura política e a linguagem moral do pós-guerra.

David Hirsh (2018), ao analisar o antissemitismo contemporâneo no interior de setores da esquerda, cunhou o conceito de "Formulação Livingstone" para descrever a prática discursiva pela qual denúncias de antissemitismo são imediatamente reinterpretadas como tentativas de silenciar críticas legítimas a Israel (HIRSH, 2018). Esse mecanismo desloca o foco do conteúdo da acusação para a suposta má-fé do acusador, constituindo uma estratégia de deslegitimação apriorística que evita o exame substantivo da denúncia. A consequência é a produção de uma blindagem retórica – um regime de imunização discursiva no qual manifestações classificadas como antissemitas são previamente reenquadradas como mera crítica ao Estado de Israel, enquanto o testemunho judaico tende a ser recebido sob suspeita, como exagero, instrumentalização ou má-fé. Nesse sentido, a presunção de que denúncias de antissemitismo operariam prioritariamente como estratégia política de autopreservação encontra afinidade histórico-sociológica com tradições discursivas mais antigas que não reconheceram os judeus como sujeitos legítimos de violência, mas os representaram como agentes manipuladores que instrumentalizariam o próprio sofrimento em benefício de interesses ocultos.

No século XIX, Fiódor Dostoiévski, por exemplo, em seu ensaio sobre a "Questão Judaica" (1877) sustentava que os judeus se apresentavam incessantemente como humilhados e perseguidos apenas para persuadir o mundo de sua condição de vítimas. Segundo o autor, eles ocultariam sob essa suposta vitimização o seu alegado poder, argumentando que "eles gostariam de fazer você acreditar que não governam a Europa, que não dirigem, pelo menos lá, as bolsas de valores e, consequentemente, a política, os assuntos internos e a vida moral dos Estados" (citado em POLIAKOV, 2003d). Longe de considerá-los oprimidos, Dostoiévski alertava que essa cortina de fumaça escondia um projeto de dominação, exclamando que "seu reinado está próximo, seu reinado absoluto!" (citado em POLIAKOV, 2003d). Na sua visão, essa instrumentalização mascarava uma ameaça tão profunda que ele chegou a declarar: "falamos da judiaria que abrange o mundo, em vez de um cristianismo 'abortado'" (citado em POLIAKOV, 2003d).

De modo semelhante, durante o Caso Dreyfus, a denúncia da condenação injusta de um oficial judeu foi reinterpretada pela retórica antissemita como produto de mentira, deslealdade e cálculo estratégico (BECKER, 2024). Publicações influentes da época, como a revista *La Civiltà Cattolica*, acusavam os judeus de mobilizar sua suposta "sutileza" para fabricar a narrativa de um falso "erro judiciário", sustentando que o clamor por justiça não passava de fachada para a articulação de um "sindicato" judaico internacional apoiado por grandes capitais (POLIAKOV, 2003d).

No século XX, no famoso julgamento por "assassinato ritual" de Mendel Beilis, ocorrido em Kiev (1913), a acusação argumentou que a própria vulnerabilidade jurídica dos judeus operava como uma arma tática para subjugar as autoridades russas. Confrontado com a indignação da imprensa mundial, o procurador-geral Oskar Karlovich Vipper utilizou essa assimetria legal para sustentar uma tese de instrumentalização. Em seu discurso no tribunal, ele reconheceu a opressão formal do grupo, admitindo que "as condições dos judeus na Rússia são duras, ninguém negará isso" e que "legalmente, os judeus vivem sob uma legislação discriminatória" (citado em POLIAKOV, 2003d). Contudo, Vipper esvaziou essa constatação ao acusá-los de explorarem

estrategicamente tal condição de fraqueza como um escudo que mascarava um poder tirânico e oculto, afirmando que "suas vidas são difíceis, mas, ao mesmo tempo, estamos sob o seu domínio" e concluindo que, na verdade, "eles são os governantes do nosso mundo" (citado em POLIAKOV, 2003d).

Em todos esses casos históricos, mesmo quando formalmente reconhecida, a vulnerabilidade judaica era imediatamente reinscrita em uma estrutura de suspeição conspiratória. Judeus sofrem, mas manipulam. Judeus sofrem, mas mentem. Judeus sofrem, mas exageram. O reconhecimento do sofrimento não anulava o preconceito; ao contrário, era reinterpretado como parte de sua suposta estratégia de poder. Na formulação contemporânea identificada por David Hirsh, essa lógica ressurge sob nova linguagem: judeus sofrem, mas instrumentalizam essa condição para blindar Israel e o sionismo de críticas. Trata-se, portanto, de uma atualização histórica de uma gramática clássica do antissemitismo, na qual a experiência judaica de violência é reiteradamente deslegitimada por meio da presunção de manipulação, má-fé ou poder oculto.

Na contemporaneidade do Oriente Médio, em especial no contexto do conflito israelo-palestino, a acusação de instrumentalização da memória do Holocausto também esteve presente, ao longo das últimas décadas, e convivendo, de forma paradoxal, com a sua negação, relativização histórica ou inversão (→ 24. *negação e distorção do Holocausto*) (TOSSAVAINEN, 2008). O jornal *al-Manar*, em 1999, descreveu o Holocausto como uma fabricação dos vencedores da Segunda Guerra Mundial destinada a explorar o mundo. Em 2000, na imprensa estatal síria, Mohammad Daoud referiu-se ao evento como um "mito" criado por israelenses que "vivem disso e chantageiam o mundo inteiro". A mesma lógica reaparece no plano diplomático: em 2019, o Ministério das Relações Exteriores da Palestina criticou a resolução do parlamento alemão contra o BDS, acusando Israel de "usar a histórica estigmatização alemã dos judeus" como instrumento de pressão política (THE NEW ARAB, 2019).

Em outros casos, o discurso vai além da acusação de instrumentalização e opera por inversão. O líder do Hamas Abd al-Aziz al-Rantisi afirmou, em 2003, que "os sionistas estavam por trás do assassinato dos judeus", deslocando a responsabilidade pelo genocídio para as próprias vítimas (→ 27. *inversão do Holocausto*). Tossavainen (2008) também cita a declaração da pesquisadora Hayat al-Hayek Atiya, na al-Jazeera, em 2001: "não existe Holocausto judeu, existe apenas um Holocausto palestino".

Como observa Robert S. Wistrich (2016), esse repertório integra estratégias mais amplas de deslegitimação do Estado judeu, frequentemente mobilizando categorias clássicas de suspeição coletiva, como manipulação global, chantagem moral ou dupla lealdade. A acusação de instrumentalização do Holocausto carrega, nesse sentido, uma estrutura profundamente conspiratória: parte da premissa de que o sofrimento judaico não constitui experiência histórica legítima, mas uma fachada para ocultar intenções políticas manipuladoras. Assim, o Holocausto deixa de ser reconhecido como genocídio e passa a ser interpretado como ferramenta de poder.

É precisamente essa lógica que sustenta, de forma em particular sistemática, o negacionismo e a distorção do Holocausto promovidos como política de Estado pela República Islâmica do Irã. Como demonstra Meir Litvak (2006), parcelas significativas da liderança iraniana operam a partir da premissa de que a memória do Holocausto teria sido fabricada, exagerada ou manipulada como instrumento de extorsão psicológica e financeira, destinado a fornecer legitimidade moral à criação e sustentação do Estado de Israel. Nessa perspectiva, o Holocausto não seria uma catástrofe histórica singular, mas um artifício político mobilizado para garantir apoio ocidental ao sionismo. O aiatolá Ali Khamenei, por exemplo, declarou publicamente que os sionistas teriam exagerado os crimes nazistas como mecanismo para angariar simpatia internacional e justificar ocupação territorial (LITVAK, 2006). Essa narrativa não permaneceu apenas no plano retórico: ela foi operacionalizada por meio do patrocínio estatal a conferências internacionais de revisionismo histórico, do financiamento de concursos de charges antissemitas e da oferta de suporte político a negacionistas condenados em outros países.

O debate sobre os usos políticos da memória e da luta contra o antissemitismo deve, sim, ser inserido em discussões consolidadas nas ciências humanas sobre "vitimização competitiva", sobre a mobilização de um "capital de perseguição" (AL AZMEH, 2025) ou "capital de vítima" (HALVORSEN, 2002). A literatura aponta, porém, que tais processos refletem uma transição estrutural mais ampla nas sociedades contemporâneas (CAMPBELL; MANNING, 2018) e que, embora essa dinâmica seja frequentemente adotada por movimentos sociais de grupos minoritários para buscar visibilidade e apoio, analisar o uso estratégico do trauma não implica, por si só, a deslegitimação apriorística das reivindicações desses grupos, tampouco autoriza seu enquadramento automático como manipuladores ou moralmente suspeitos.

Ao contrário, o enquadramento sociológico da vitimização não nega a materialidade das violências sofridas (CAMPBELL; MANNING, 2018), mas rejeita precisamente uma hermenêutica fundada na suspeição automática. Nessa perspectiva, reivindicações por reconhecimento devem ser tratadas, fundamentalmente, como demandas potencialmente legítimas por justiça, dignidade e "paridade de participação" na vida social (FRASER, 2007). Isso significa que investigar como memórias de sofrimento circulam politicamente não equivale a presumir que tais memórias sejam fraudulentas, exageradas ou essencialmente manipuladoras.

É justamente nesse ponto que o lugar-comum antissemita da "vitimização estratégica" se distingue de uma análise crítica sociologicamente fundamentada. Trata-se de uma submissão dessas experiências a uma lógica conspiratória que transforma, de saída, a denúncia em suspeita e a memória em fraude. Nesses contextos, o próprio debate sobre antissemitismo e a própria lembrança do Holocausto deixam de ser tratados como experiências históricas legítimas de violência e passam a ser lidos sob lentes que os reduzem a estratagemas de poder oculto, manipulação, extorsão, ganância ou chantagem moral — categorias que, não por acaso, dialogam diretamente com tropos históricos clássicos atribuídos aos judeus.

Assim, a diferença fundamental entre crítica sociológica e gramática antissemita não está na possibilidade ou impossibilidade de analisar usos políticos da memória, mas na estrutura interpretativa adotada. A acusação de instrumentalização, nesses casos, não constitui mero ruído retórico, porém integra um padrão discursivo historicamente sedimentado que combina deslocamento da culpa, atualização semântica de estereótipos e produção de imunidade moral. Longe de representar uma superação do antissemitismo clássico, ela expressa sua adaptação às exigências normativas de sociedades que oficialmente repudiam o racismo, mas nas quais velhos esquemas de suspeição e projeção permanecem disponíveis de forma estrutural.

COMO IDENTIFICAR?

A acusação de "instrumentalização" do antissemitismo ou da memória do Holocausto pode ser identificada quando determinados padrões discursivos se fazem presentes. Entre os principais indícios estão:

- A imputação de que judeus, instituições judaicas, o Estado de Israel ou mesmo atores não judeus estariam "explorando", "usando", "lucrando" ou "abusando" do Holocausto ou da acusação de antissemitismo para obter vantagens políticas, financeiras ou morais, sobretudo em contextos nos quais se responde a denúncias de preconceito ou se defende a legitimidade do Estado de Israel.
- A sugestão de que políticas de memória, programas educacionais, legislações antidiscriminatórias ou resoluções parlamentares voltadas ao combate ao antissemitismo seriam, em realidade, instrumentos de uma agenda oculta destinada a blindar Israel ou a proteger elites judaicas supostamente influentes.
- O enquadramento da memória do Holocausto ou das denúncias de antissemitismo como meros recursos retóricos estratégicos, esvaziando seu conteúdo histórico e moral e reinterpretando-os primordialmente como mecanismos de coerção simbólica, chantagem política ou manipulação emocional.
- O deslocamento sistemático do foco da denúncia para a suposta má-fé do denunciante, convertendo toda alegação de antissemitismo em prova de intenção manipuladora.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A acusação de que judeus ou o Estado de Israel praticariam "vitimização estratégica", instrumentalizando a memória do Holocausto e a luta contra o antissemitismo para obter imunidade moral, vantagens políticas ou silenciar críticas, é tratada pelas definições operacionais como uma manifestação contemporânea do antissemitismo conspiratório. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) tipifica explicitamente como antissemita "acusar os judeus como povo, ou Israel como um Estado, de inventar ou exagerar o Holocausto". A lógica subjacente a esse tropo consiste em deslocar o debate dos fatos para a suspeita sobre as motivações judaicas, tratando a memória da perseguição não como experiência histórica legítima, mas como manipulação deliberada. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) converge nesse ponto. Sua diretriz 5 define como antissemita negar ou minimizar o Holocausto – por exemplo, afirmando que o genocídio não ocorreu, que não existiram câmaras de gás ou que o número de vítimas teria sido drasticamente exagerado. Além disso, a diretriz 2 condena as teorias conspiratórias segundo as quais os judeus exerceriam um "poder oculto" voltado à promoção de interesses coletivos à custa de terceiros, formulação que abrange a ideia de que o sofrimento judaico funcionaria apenas como instrumento de chantagem, manipulação ou obtenção de privilégios.

As zonas cinzentas surgem porque o debate sobre os usos políticos da memória integra discussões legítimas das ciências humanas sobre "vitimização competitiva", políticas de memória e mobilização de "capital de vítima" por grupos sociais. Investigar de que maneira experiências traumáticas são mobilizadas politicamente não equivale, por si só, a afirmar que tais sofrimentos sejam fraudulentos ou manipulados. A fronteira do antissemitismo é cruzada quando essa análise abandona a investigação concreta e passa a submeter a experiência judaica a uma suspeita estrutural, convertendo a memória do Holocausto em mero instrumento de poder, extorsão moral ou blindagem política. Outra área de ambiguidade envolve o escrutínio de denúncias específicas de antissemitismo. Críticas pontuais a indivíduos ou organizações que eventualmente formulem acusações infundadas podem constituir debate legítimo baseado em evidências. Contudo, a linha antissemita emerge quando casos isolados são generalizados para sustentar a tese conspiratória de que o antissemitismo seria, em essência, uma invenção estratégica destinada a proteger Israel, controlar o debate público ou assegurar privilégios judaicos.

21. Tabu da Crítica

O lugar-comum do "tabu da crítica" consiste na alegação de que existiria uma hegemonia de interesses judaicos capaz de suprimir visões contrárias no espaço público, especialmente na mídia e na política. Segundo essa narrativa, temas relacionados aos judeus, à "questão judaica", a Israel e ao sionismo não poderiam ser livremente debatidos em razão de mecanismos de coerção física, econômica, moral ou simbólica que restringiriam o dissenso (CHAPELAN, 2024).

Esse tropo articula-se diretamente às atribuições de poder e controle aos judeus (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*), pois pressupõe a existência de uma rede capaz de impor tal censura de forma global e sistemática.

Assim, a alegação de silenciamento implica, de modo implícito ou explícito, a ideia de que judeus ou sionistas controlariam meios de comunicação, governos, grandes empresas e o sistema político para neutralizar críticas. Nesse enquadramento, o suposto "tabu da crítica" é apresentado como instrumento de manutenção de um alegado privilégio judaico (→ 22. *privilégio judaico*).

Esse argumento costuma vir associado à acusação de vitimização estratégica (→ 20. *vitimização estratégica*). O Holocausto e o antissemitismo passam a ser apresentados não como fatos históricos, mas como recursos discursivos utilizados para deslegitimar opositores. Nessa lógica, afirma-se que os judeus mobilizariam deliberadamente sua condição de vítimas para desviar a atenção de supostas injustiças e impor um "ponto cego" ao debate público. Essa articulação produz uma inversão de papéis: o emissor do discurso de ódio assume para si a posição de vítima, apresentando-se como dissidente perseguido por uma suposta "polícia do pensamento". As sanções sociais a manifestações antissemitas são então reinterpretadas como prova do próprio complô, configurando uma dinâmica autorreferencial que reforça a crença no mito do poder judaico.

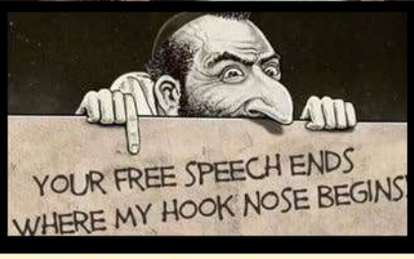
A ideia de que a crítica aos judeus constituiria um tabu imposto por uma elite ganhou forma no contexto do antissemitismo político europeu do século XIX, que acompanhou a ascensão social dos judeus recém-alçados à cidadania pela emancipação civil. Para angariar apoio e apropriar-se da linguagem das ideologias emancipatórias, como o liberalismo e o socialismo, o movimento passou a se apresentar como resistência a um suposto poder hegemônico judeu. Essa estratégia manifestou-se de modo exemplar na França da Belle Époque, com a fundação, em 1892, do jornal *La Libre parole* por Édouard Drumont, concebido como veículo de difusão de narrativas conspiratórias e antijudaicas (CHAPELAN, 2024). O próprio título – "A Palavra Livre" – expressava a ideia de que a sociedade estaria submetida a um silenciamento imposto por interesses judaicos, convertendo o antissemitismo em gesto de suposta libertação. Desde então, a reivindicação da "liberdade de expressão" passou a ser articulada à noção conspiratória de controle judaico sobre a formação da opinião pública.

Assim, a imprensa antissemita encontrou na narrativa de que uma "plutocracia judaica" manipulava instituições e suprimia críticas o seu tema mais recorrente. Henry Ford – ironicamente um dos maiores e mais poderosos capitalistas de seu tempo – sustentava em seu jornal, o *Dearborn Independent*, e no seu panfleto *The International Jew*, que os judeus teriam instaurado um ambiente de coerção na imprensa americana. Segundo ele, qualquer tentativa de discutir a chamada influência judaica seria imediatamente reprimida: "Pesa sobre a publicidade americana verdadeiro medo aos judeus." (FORD, 1989). Nesse enquadramento, segundo ele, quem abordasse o tema seria rotulado como antissemita e privado de apoio público: "Quem quer que [...] pretenda tratar em público da questão judaica [...] será acusado de antissemita [...] Nem a massa do povo, nem a imprensa o ajudarão em nada." (FORD, 1989). Ford apresentava as objeções às suas próprias publicações como evidência desse suposto bloqueio: "De princípio estes nossos artigos de fundo encontraram uma barreira quase intransponível [...] Toda publicação neste sentido é tachada de 'difamação'" (FORD, 1989).

Segundo Pardo e Delor (2024), essa retórica integrava uma estratégia política reacionária típica aos grandes industrialistas do século XX na luta contra o comunismo, que buscava unir patrões e trabalhadores "produtivos" contra um inimigo comum – os "capitalistas especuladores" e os judeus –, deslocando o descontentamento das estruturas de exploração capitalista para uma figura personificada. Trata-se de uma expressão do chamado "antissemitismo econômico", no qual as desigualdades do sistema são atribuídas à ação mal-intencionada de um grupo restrito, em vez de serem compreendidas como resultado de dinâmicas estruturais. Esse mecanismo opera por meio de uma separação artificial entre um capitalismo industrial, considerado "legítimo", e um capitalismo financeiro, visto como "parasitário" – como se não fossem dimensões complementares de um mesmo sistema –, substituindo a luta de classes pela personificação da dominação abstrata na figura estereotipada do judeu.

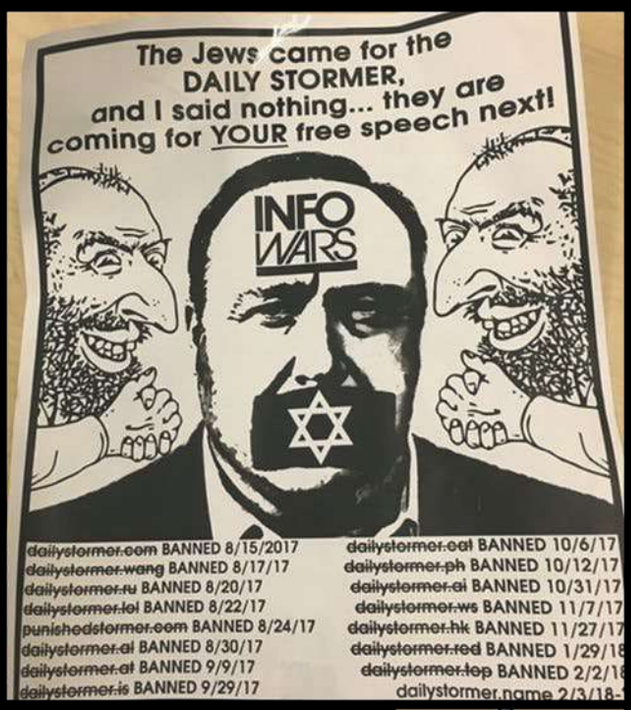
Jeffrey Herf (2006) mostra como os pensadores da "revolução conservadora" alemã e, posteriormente, o nazismo, redefiniram o capitalismo por meio de um "anticapitalismo romântico". Nesse enquadramento, os judeus foram associados à abstração, ao "valor de troca" e ao dinheiro, em oposição ao "valor de uso" e à produção tecnológica, identificados como atributos autênticos e orgânicos "alemães". Em vez de criticar a propriedade privada dos meios de produção, esse anticapitalismo direcionava sua hostilidade às finanças, ao capital internacional e à democracia liberal, elementos personificados na figura "inautêntica" e "inorgânica" do judeu. Ao mesmo tempo, a indústria e a tecnologia – isto é, o "capital produtivo" – eram preservadas como expressões legítimas do progresso nacional, permitindo legitimar formas de dominação econômica e estatal ao projetar suas contradições sobre os judeus. Herf cita, por exemplo, o Ministro da Propaganda nazista Joseph Goebbels, que em 1939 celebrou o nazismo como o "romantismo de aço do nosso século".

Atacar preto e ser racista nesse país não dá em porra nenhuma, só que agora o Monark e o Flow atacaram um setor da sociedade que tem poder político, não acho que vai ficar por isso mesmo.



Após criticar Israel, Trump já é antissemita na Austrália

SIONISMO DEMITE JORNALISTAS DO UOL



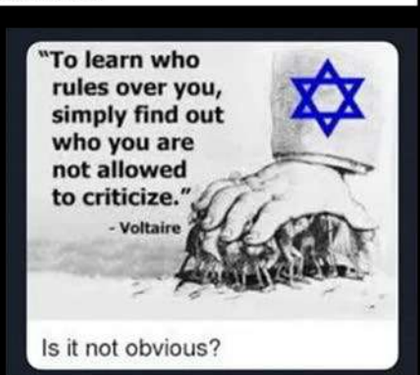
Ficou tão bom que já já vai ser removido pelas "políticas" da plataforma

302 curtidas Responder

The Economist=Zionist lobby. Rothschild Jewish-Zionist ultra rich family owns the "newspaper". Of course they will attack the first world leader to call it as it is: G-E-N-O-C-I-D-E

Responder Ver tradução ↓

S10n4z1st4s querem silenciar o insilenciável: é genocídio de crianças usando a FOME@como arma de guerra. NÃO PASSARÃO!



Jewish power hates free speech because when people are free to speak the truth, the most obvious truth is that Jews are a threat to our societies.

A HISTÓRIA QUE NOS ENSINARAM NA ESCOLA ESTÁ INVERTIDA!

>Jewbook age restricted his video
>Jewbook deleted his video
>They never denied his facts

Talvez seja pq os SIONISTAS são donos dessa mídia merda

Nossa mídia é toda comandada por sionistas e apoiadores de assassinos de crianças.

PT, Missão e PL. Direita e esquerda, abraçados com a sinagoga de satanás.
Na semana, de páscoa, que Israel proibi cristãos de entrar no Santo Sepulcro, esses deputados querem criminalizar a crítica a Israel.

Nunca na história foi proibido criticar nações estrangeiras. Canalhas!

"A mídia estatal iraniana não é confiável."

Certo. Mas confiável, claro, é a "mídia independente" controlada por sionistas.

(atenção: eu disse "sionistas", não "judeus")

20 74 881 6 mil

No *best-seller* internacional *Os Protocolos dos Sábios do Sião*, falsificação apresentada como um plano judaico de dominação mundial – difundida nos Estados Unidos por Henry Ford e no Brasil pelo "imortal" da Academia Brasileira de Letras Gustavo Barroso –, a acusação de controle do discurso público é formulada de modo explícito: "Não chegará notícia alguma ao conhecimento dos povos que não haja passado primeiramente por nossa censura" (BARROSO, 1936). A narrativa atribui aos judeus a capacidade de concentrar e dirigir a circulação global de informações, convertendo a censura em elemento central do alegado complô.

Com a gradual institucionalização de medidas jurídicas contra o discurso de ódio nas democracias liberais, como no caso do Decreto Marchandeau (1939) na França, setores da extrema direita passaram a reinterpretar essas iniciativas como atentados a direitos, como a liberdade de imprensa, consolidando a ideia de que os judeus teriam se tornado "intocáveis" ou "tabus" (CHAPELAN, 2024). Esse argumento não apenas contestava a legitimidade da regulação jurídica das relações sociais, mas reforçava a noção conspiratória de uma influência judaica capaz de silenciar opositores. Nesse enquadramento, a denúncia de "censura" funcionava como mecanismo de legitimação do próprio discurso antissemita, apresentado como uma verdade proibida.

Nesse contexto, o regime nazista apresentou seu próprio antissemitismo como um ato de ruptura com um suposto bloqueio de silêncio, reivindicando para si a posição de única nação capaz de enfrentar esse sistema de censura global. Joseph Goebbels, por exemplo, afirmava que os judeus utilizariam métodos ocultos para controlar a opinião pública internacional, especialmente nos países inimigos do Eixo e em nações neutras: "Estamos lidando aqui com uma conspiração mundial para influenciar a opinião pública [...]. Aqueles que protestam são calados por um coro e silenciam. Como resultado, os europeus olham para o perigo como se estivessem hipnotizados." Nesse enquadramento, a propaganda sustentava que qualquer crítica aos judeus teria se tornado um "tabu" intocável, impedindo políticos e jornalistas de agir contra seus supostos interesses (citado em HERF, 2006).

O historiador Jeffrey Herf também destaca que os nazistas explicavam a ausência de críticas aos judeus ou ao bolchevismo nos Estados Unidos e na Inglaterra pelo medo de represálias severas. Como a imprensa supostamente pertencia aos judeus, os opositores ou dissidentes ocidentais não podiam falar livremente sem "correr o perigo de serem atacados da maneira mais furiosa e insultante" (HERF, 2006). Ao afirmar que criticar os judeus era um tabu internacional imposto por meio de intimidação, a propaganda nazista pervertia a realidade para se apresentar como heroica. A ditadura alemã justificava sua cruzada antissemita não como um crime, mas como um ato de coragem e "verdade" de um país que se recusava a ser silenciado e "hipnotizado" por esse pretenso bloqueio global.

Após 1945, o tema do "tabu da crítica" adquire nova centralidade, especialmente na Alemanha do pós-guerra. Nesse contexto, difundiu-se a expressão *Auschwitz-Keule* (clava de Auschwitz), utilizada para sugerir que os judeus instrumentalizariam a memória do Holocausto para suprimir críticas (CHAPELAN, 2024). Como mostra Becker (2021), acusações de "culto da culpa" (*Schuldkult*) e de "ditadura da opinião" emergem em debates sobre antissemitismo, refletindo tensões entre memória histórica e projetos de normalização nacional. A comparação entre Israel e o regime nazista, por exemplo, funciona como forma de antissemitismo exonerativo, ao relativizar a singularidade do Holocausto sob a aparência de crítica política e deslocar simbolicamente a responsabilidade histórica alemã. Nesse enquadramento, o "tabu da crítica" integra uma constelação mais ampla do chamado "antissemitismo secundário" (TROSCHKE, 2024), caracterizado pela rejeição da culpa histórica, pela fadiga memorial e pela recusa em reconhecer a centralidade do Holocausto na identidade política do pós-guerra (→ 23. *rejeição da culpa e exigência de ruptura com o passado nazista*). O foco desloca-se da violência antissemita para a suposta opressão exercida pela memória dessa violência, convertendo o reconhecimento histórico em objeto de contestação e redefinindo a crítica como reação a um alegado constrangimento moral.

A alegação de que um lobby judaico controlaria a imprensa para sufocar a verdade continuou a ser mobilizada no pós-guerra, especialmente quando figuras políticas enfrentavam forte oposição pública. Na Áustria, por exemplo, durante o escândalo envolvendo o passado nazista do Secretário-Geral da ONU, Kurt Waldheim, a crítica internacional foi rejeitada por seus defensores como parte de uma campanha de silenciamento conduzida por uma suposta mídia judaica. O próprio Waldheim afirmou, em entrevista ao *Le Monde* em maio de 1986, que "a imprensa internacional é dominada pelo Congresso Judaico Mundial" (WISTRICH, 1992). Na França, Jean-Marie Le Pen, então presidente do partido de extrema direita Front National, recorreu a argumento semelhante diante das críticas geradas por declarações suas, como a de que "as câmaras de gás foram um pequeno detalhe na história da Segunda Guerra Mundial". Após a repercussão do episódio, Le Pen passou a evocar a existência de um "poder judeu" aliado a "forças que visam estabelecer uma ideologia mundialista, redutora e igualitária" (PARDO; DELOR, 2024), reiterando a ideia de uma conspiração destinada a silenciar opositores.

Nesses casos, a alegação de um tabu costuma ser acompanhada por teorias conspiratórias, especialmente em ambientes da direita radical e extrema direita. Entre elas, destaca-se a noção de marxismo cultural (→ 16. *complôs de subversão*), que atribui a intelectuais judeus a criação de um vocabulário normativo destinado a criminalizar posições tradicionais e controlar o debate público (BECKER, 2021). Associada a isso, circula também a ideia de que judeus se considerariam racialmente superiores e, por isso, seriam "intocáveis" ou imunes à crítica, reforçando a percepção de um suposto regime de exceção discursiva.

No contexto do enfrentamento jurídico e moral ao negacionismo do Holocausto, a retórica da liberdade de expressão passou a ocupar lugar estratégico entre revisionistas e negacionistas (→ 19. *relativização e negação do antissemitismo*). Com a crescente rejeição social ao antissemitismo explícito, esses discursos passaram a

sustentar que a memória do extermínio nazista teria se convertido em um tabu coercitivo que impediria o acesso à "verdade histórica". Assim, o "tabu da crítica" tornou-se um recurso para deslocar o debate do campo historiográfico para o da liberdade de expressão. Como observa Chapelan (2024), desde a década de 1980 autores como David Irving, Robert Faurisson e Willis Carto, diante da contestação de suas teses, passaram a recuar para esse terreno, mobilizando narrativas de vitimização e alegando perseguição por um suposto "poder judaico".

Essa lógica continua sendo adotada pela extrema direita contemporânea, por exemplo na França, onde figuras como o humorista Dieudonné exploram a ideia de um "tabu" e de grupos "intocáveis" como elemento central de sua retórica. Apresentando-se como vozes "antissistema", esses atores reinterpretam sanções jurídicas e sociais a discursos racistas como ataques à liberdade de expressão, sustentando que as acusações de antissemitismo constituiriam um ataque à sua "liberdade de expressão e de criação" (PARDO; DELOR, 2024). Nesse enquadramento, a denúncia de censura funciona como mecanismo de legitimação do próprio discurso antissemita, apresentado como transgressão de um suposto interdito imposto pelo "poder judaico".

Assim, o lugar-comum do "tabu da crítica" apropria-se da linguagem do liberalismo político e do direito à liberdade de expressão para angariar legitimidade social e política, inserindo-se na retórica contemporânea contra o "politicamente correto" e a "cultura do cancelamento" (CHAPELAN, 2024). Esse movimento corresponde ao que Ruth Wodak (2015) descreve como transgressão estratégica de tabus no discurso populista, na qual a violação deliberada de normas estabelecidas no pós-guerra – como a rejeição do racismo e do antissemitismo explícitos – assume função performativa. A alegação de que "já não se pode dizer nada" passa, então, a operar como instrumento de mobilização identitária, integrando o antissemitismo a um repertório mais amplo de reação às normas discursivas contemporâneas, no qual a legitimidade é construída precisamente pela transgressão desses limites.

Com a centralidade do conflito árabe-israelense, a acusação de que os judeus criam um "tabu da crítica" migrou fortemente para o terreno do antissionismo. A alegação central é a de que as acusações de antissemitismo são fabricadas de má-fé pelo "lobby sionista" exclusivamente para calar qualquer debate sobre as políticas de Israel ou para proteger os judeus de qualquer punição. Poliakov nota que, no intenso debate ocorrido na França após a Guerra dos Seis Dias (1967), muitos intelectuais e figuras públicas reclamaram que o rótulo de "antissemita" estava sendo usado como uma ferramenta de censura para impedi-los de atacar Israel. François Mauriac exemplificou essa mentalidade ao citar um colega seu: "Tal é o risco hoje de passar por antissemita, segundo esse amigo, que as verdades mais evidentes devem ser caladas" (citado em POLIAKOV, 2025).

Na contemporaneidade, o lugar comum do "tabu da crítica" frequentemente está associado à acusação de que denúncias e debates sobre antissemitismo seriam, necessariamente, expressões de um superpoder sionista, cujo objetivo último seria silenciar críticos do sionismo e do Estado de Israel. Nesse contexto, o foco desloca-se do conteúdo da denúncia ou do objeto de debate para uma suposta conspiração ou manipulação deliberada realizada nos bastidores. Assim, a discussão deixa de incidir sobre práticas, discursos ou estereótipos e passa a girar em torno da legitimidade de nomear o antissemitismo. Essa tendência é descrita pelo sociólogo David Hirsh (2017) como "Formulação Livingstone": recurso retórico pelo qual a denúncia de antissemitismo é tratada, em si mesma, como manobra cínica destinada a defender Israel e a deslegitimar críticos. Segundo o autor, esse enquadramento desqualifica a possibilidade de que o antissemitismo seja real e experienciado como tal, transformando a própria acusação em suspeita. O resultado é um cenário de injustiça epistêmica, no qual o testemunho de judeus acerca de experiências de discriminação é submetido a desconfiança prévia e interpretado como instrumento político.

Robert Wistrich aponta que, na Alemanha e em outros lugares da Europa pós-Holocausto, surgiu um ressentimento crescente contra a suposta proteção moral e o silenciamento de críticas aos judeus. A esquerda, ao adotar a causa antissionista, buscou quebrar esse "tabu": "Nas últimas décadas, a esquerda também tem se mostrado cada vez mais interessada em acabar com a alegada 'imunidade de crítica' que os judeus alemães desfrutaram desde Auschwitz" (WISTRICH, 1992). Para parte da esquerda radical, a discussão sobre antissemitismo passou a ser enquadrada como um tabu imposto por defensores de Israel. Pardo e Delor (2024) criticam, nesse sentido, uma "obsessão em denunciar a instrumentalização da luta contra o antissemitismo em vez de combater o antissemitismo em si". Nesse contexto, Jean-Luc Mélenchon, do partido de esquerda radical France Insoumise, por exemplo, afirma que a acusação de antissemitismo funcionaria como um "raio paralisante", descrevendo-a como instrumento em uma "guerra ideológica cujo objetivo é fazer calar" (PARDO; DELOR, 2024).

Ao mobilizar a ideia de um "tabu" que impediria a crítica a Israel ou aos judeus, opera-se uma inversão discursiva: o emissor de enunciados discriminatórios passa a se apresentar como vítima de censura. A acusação de antissemitismo deixa, então, de ser compreendida como resposta a conteúdos específicos e passa a ser reinterpretada como mecanismo de repressão, reforçando a narrativa de que a liberdade de expressão estaria sendo indevidamente restringida.

O "tabu da crítica", assim, não deve ser entendido apenas como reação ao politicamente correto ou ao consenso normativo do pós-Segunda Guerra. Ele também cumpre papel estrutural no arcabouço ideológico do antissemitismo moderno. Como destacado por Moishe Postone (2010a), o antissemitismo assume uma promessa pseudoemancipatória, apresentando-se como movimento de resistência contra uma elite onipotente em nome das massas oprimidas. Alimentando-se de estereótipos sobre riqueza, poder e insularidade judaica, ele se configura como crítica distorcida da modernidade capitalista, convertendo processos abstratos em personificações concretas (POSTONE, 2010). Nessa chave interpretativa, a denúncia de um suposto "tabu" torna-se coerente

com a narrativa de que uma elite judaica controlaria não apenas a economia, mas também os mecanismos de produção simbólica e jurídica.

Nesse sentido, como observa Theodor W. Adorno (1964), o antissemita tende a apresentar-se como aquele que sofre sob o "ferrão da sociedade", quando, na realidade, é ele quem o dirige contra os judeus. Essa inversão entre vítima e perpetrador constitui, segundo o autor, um traço característico do antissemitismo no pós-Segunda Guerra Mundial. O suposto "tabu" em torno do antissemitismo converte-se, assim, em argumento legitimador do próprio preconceito: a ideia de que algo não pode ser dito abertamente passa a sugerir a existência de uma "verdade perigosa" deliberadamente ocultada. Essa lógica retórica alimenta narrativas conspiratórias de personificação do capitalismo global (→ 14. *personificação e controle do capitalismo global*), transformando a própria rejeição social do preconceito em prova da eficácia desse poder.

A evolução histórica do "tabu da crítica" revela uma inversão estrutural característica do discurso antissemita: a apropriação da linguagem do liberalismo e da liberdade de expressão para legitimar a difusão do próprio preconceito. Nesse enquadramento, o antissemitismo passa a se apresentar como forma de resistência contra um suposto poder hegemônico, enquanto a rejeição social a ele é reinterpretada como evidência de censura. O foco desloca-se da minoria alvo de hostilidade para o emissor do discurso, que se apresenta como vítima de silenciamento por um alegado poder judaico ou sionista. Trata-se de um mecanismo metadiscursivo no qual a crítica ao preconceito é incorporada como confirmação da própria narrativa conspiratória.

Desse modo, o "tabu da crítica" não opera como descrição empírica de um espaço público interditado, mas como uma gramática discursiva que reinscreve a ideia de poder judaico em nível metalinguístico. A rejeição normativa ao antissemitismo é convertida em prova de sua suposta veracidade, enquanto dispositivos democráticos de regulação do discurso de ódio são reinterpretados como instrumentos de dominação. Nesse sentido, o tropo funciona como um "escudo ideológico", permitindo que seus emissores transformem sanções sociais ou jurídicas em evidência do próprio sistema que afirmam denunciar, deslocando o debate do conteúdo do discurso para a alegação de censura.

COMO IDENTIFICAR?

O lugar-comum que atribui a existência de um "tabu da crítica" costuma manifestar-se em formulações que:

- Afirmam ou insinuam que "não se pode mais criticar judeus", Israel, o sionismo ou instituições judaicas sem sofrer censura, punição ou perseguição, apresentando a própria denúncia ou o debate sobre antissemitismo como prova de um silenciamento deliberado.
- Enquadram acusações de antissemitismo como expressão de um suposto "superpoder" judaico ou sionista, capaz de controlar a mídia, universidades, tribunais, governos ou a opinião pública.
- Tratam denúncias de antissemitismo como manobras cínicas destinadas a proteger Israel ou a silenciar críticos, desqualificando a possibilidade de que o preconceito seja real ou vivenciado como tal.
- Articulam a ideia de "tabu" a teorias conspiratórias mais amplas, que atribuem a judeus a criação de mecanismos discursivos – como o chamado "politicamente correto" – destinados a criminalizar visões tradicionais e a monopolizar o espaço público.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

Sob a óptica da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA), essa acusação seria classificada como antissemita por se enquadrar na disseminação de alegações mendazes e estereotipadas sobre o poder dos judeus como coletividade, particularmente o mito de uma conspiração judaica mundial que controla a mídia, a economia ou os governos. Essa retórica frequentemente reflete a chamada "Formulação Livingstone", que desqualifica e subverte as queixas reais de antissemitismo, retratando-as como invenções ou táticas de má-fé usadas como "arma" para silenciar críticas a Israel e calar a liberdade de expressão. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) também classificará essa acusação como antissemita se ela evocar a fantasia, própria do antissemitismo clássico, de que os judeus possuem uma "mão oculta" que controla governos e a mídia para promover interesses próprios (diretriz 2). As zonas cinzentas, contudo, emergem quando essa narrativa se apropria da linguagem da liberdade de expressão, denunciando uma suposta censura sem mencionar explicitamente o controle judaico, dificultando sua identificação. Como a JDA protege ativamente o discurso político antissionista, estabelecendo que críticas a Israel não precisam ser medidas, proporcionais ou razoáveis para serem resguardadas (diretriz 15), cria-se uma profunda ambiguidade. Críticos apontam que essa mesma flexibilidade abrigada pela JDA é frequentemente explorada por ativistas que alegam falsamente estar sendo "silenciados", usando a defesa da liberdade de fala como disfarce para legitimar sua hostilidade a Israel e mascarar o antissemitismo conspiratório.

22. Privilégio Judaico

O lugar-comum do "privilégio judaico" consiste na alegação de que judeus, sionistas, israelenses ou o Estado de Israel desfrutariam de vantagens ilegítimas e tratamento favorecido por parte da mídia, dos governos e da sociedade. A narrativa sustenta que denúncias de antissemitismo receberiam atenção desproporcional em comparação a outras formas de preconceito, ou que os judeus se perceberiam como superiores e exigiriam proteção especial (→ 21. *tabu da crítica*) (PLACZYNTA, 2024). Em seus desdobramentos, a acusação evolui para a ideia de que judeus ou Israel gozariam de um "passe livre", podendo agir sem responsabilização (→ 34. *duplo padrão*).

A acusação de privilégio judaico é histórica. Léon Poliakov a descreve como um fenômeno paradoxal derivado da própria exclusão dos judeus, que, impedidos de exercer diversas profissões e de possuir terras na Idade Média, tornaram-se dependentes da proteção de reis e príncipes, assumindo o papel de "párias privilegiados" (POLIAKOV, 2003c).

No mundo greco-romano, especialmente no Egito ptolomaico e sob o Império Romano, a acusação emergiu do estatuto jurídico excepcional concedido aos judeus. Em cidades como Alexandria, elites gregas ressentiam-se do fato de um grupo percebido como estrangeiro usufruir de direitos semelhantes aos seus sem plena integração cívica. Nesse contexto, Ápio questionava: "Como é que um povo escravo clama pelos privilégios da cidadania?" (citado em NIRENBERG, 2013).

As tensões culminaram em episódios de violência, como os conflitos antijudaicos em Alexandria no ano 38 da era comum. Segundo Wistrich (1992), tais revoltas refletiam não apenas divergências religiosas, mas ressentimento diante da suposta posição privilegiada dos judeus, exacerbado por agitadores locais e pela proteção garantida pelas autoridades romanas (NIRENBERG, 2013).

Durante a Idade Média, a acusação de privilégio foi reconfigurada segundo as estruturas do feudalismo e das monarquias centralizadoras. Na Europa cristã, os judeus eram definidos como *servi camerae regis* (servos da câmara real), condição que lhes garantia proteção régia em troca de tributação pesada e funções econômicas específicas, como crédito e arrecadação. A hostilidade contra os judeus funcionava, assim, como crítica indireta ao soberano, cuja proteção era percebida como favorecimento indevido ao "judeu infiel" (NIRENBERG, 2013; POLIAKOV, 2003c).

Nos séculos XVII e XVIII, com o absolutismo, príncipes alemães passaram a mobilizar judeus para financiar exércitos e dinamizar o comércio, originando a figura do *Hofjude* (judeu de corte). A burguesia cristã denunciava essa relação como privilégio protegido pelo Estado, associando os judeus à ganância e à exploração (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*). Em 1734, mercadores de Stendal descreviam o judeu como "um lúcio num tanque de peixes", que "arranca o pão da boca do mercador cristão" e "engorda impunemente" sob proteção estatal (POLIAKOV, 2003c). Como observa Sartre, porém, essa acusação ignorava o caráter coercitivo dessas funções: "malditos, exerciam um ofício maldito, porém indispensável" (SARTRE, 2025).

No mundo islâmico, especialmente em Al-Andalus, a acusação também emergiu da ascensão de judeus a posições de destaque, tensionando o estatuto de *dhimmi*. Embora esse regime garantisse proteção a judeus e cristãos, mantinha sua subordinação jurídica e social (PARDO; DELOR, 2024). Nesse contexto, a presença de judeus como vizires e médicos da corte passou a ser vista como ruptura da hierarquia legítima. Segundo Wistrich (1992), essa visibilidade despertava inveja, ressentimento e "ódio xenofóbico", fazendo com que a percepção de privilégio derivasse tanto das prerrogativas concedidas quanto da projeção política de uma minoria considerada subordinada.

Após a Reconquista cristã da Península Ibérica, a proximidade dos judeus com o poder atingiu novo patamar. Monarcas castelhanos e aragoneses concederam a determinadas famílias judaicas isenções fiscais e funções como ministros, conselheiros e médicos reais, alimentando acusações de favorecimento indevido. Pregadores denunciavam a proteção régia como privilégio ilegítimo que colocaria judeus acima dos cristãos, convertendo o governante tolerante em "amante de judeus" (NIRENBERG, 2013). Nesse contexto surgiram os estatutos de "pureza de sangue", concebidos, segundo Poliakov, menos pela Coroa do que pela pressão social organizada: "Os estatutos de 'pureza de sangue', tão não cristãos em princípio, foram concebidos e impostos pela opinião pública" (POLIAKOV, 2003b).

Maria Luiza Tucci Carneiro e Anita Novinsky interpretam os estatutos de pureza de sangue como mecanismo de preservação dos privilégios da antiga aristocracia diante da ascensão da burguesia mercantil cristã-nova. Segundo Novinsky (1972), a Inquisição foi instrumentalizada para bloquear essa ascensão, tese corroborada por Carneiro (2005), para quem o estigma do sangue puro serviu à aliança entre nobreza, Estado e Igreja.

Com a Revolução Francesa e a emancipação civil dos judeus no século XIX, a acusação de privilégio foi reformulada. A antiga ideia de "favoritismo real" deu lugar à narrativa de que os judeus teriam se tornado uma nova elite dominante por meio das finanças (POLIAKOV, 2003c). Édouard Drumont afirmava que a Revolução Francesa permitira aos judeus explorar economicamente as massas (WISTRICH, 1992), enquanto Alphonse Toussenel denunciava um suposto "feudalismo financeiro" judaico (LAQUEUR, 2008). Essa leitura também influenciou correntes socialistas e anticapitalistas, como Pierre-Joseph Proudhon, que apresentava os judeus como beneficiários de privilégios voltados à subjugação dos trabalhadores (POLIAKOV, 2003c).

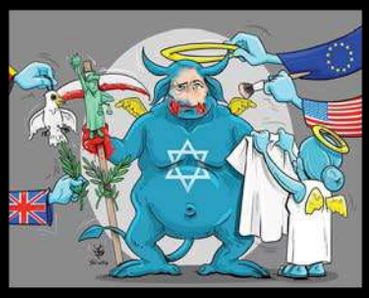
No final do século XIX, na Áustria e na Alemanha, a mobilidade social judaica passou a ser reinterpretada como prova de dominação predatória. Como observa Wistrich (1992), transformações estruturais da modernidade foram convertidas em evidência de controle conspiratório. O ressentimento diante da igualdade jurídica aparece em declarações como a de Otto von Bismarck, que afirmou, em 1847, que a ideia de "ter de obedecer a um judeu" lhe causaria profundo abatimento (citado em POLIAKOV, 2003c).

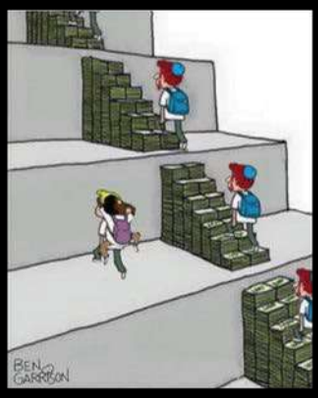
ISRA ELITE

Ora, ora....o povo escolhido de deus

Estou assistindo os aviões da FAB indo e voltando do Brasil para Israel... Em 2021 não conseguiam fazer viagens de Belém para Manaus para trazer os cilindros de oxigênio que precisávamos.

Não há justificativa para o que aconteceu conosco.



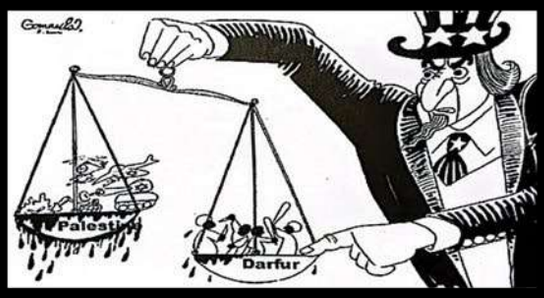


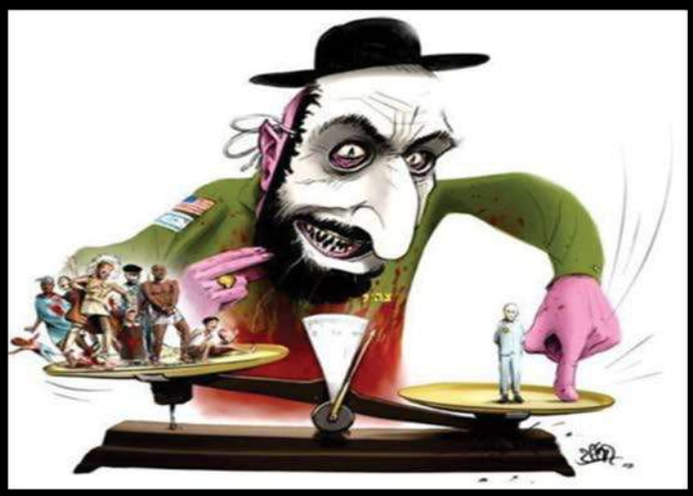
O curioso é que Judeu pode fazer o que der na telha, eles possuem isenção humanitária pra cometer todo tipo de crime x.com/JeffreyxEpstei...

[redacted]

OS NAZISSIONISTAS sentem -se amparados pelo prefeito e pelo governador, genocidas

Responder





Hannah Arendt interpreta essa dinâmica no contexto da formação do Estado-nação. Segundo a autora, a emancipação judaica carregava uma ambiguidade constitutiva: "a emancipação significava, ao mesmo tempo, igualdade e privilégios" (ARENDT, 2013). A destruição da antiga autonomia comunitária, combinada à preservação dos judeus como grupo separado, dificultou sua integração ao sistema de classes e alimentou percepções de privilégio indevido, sobretudo entre aristocratas em declínio e setores da pequena burguesia em crise, que passaram a projetar nos judeus a imagem de beneficiários do novo sistema estatal.

No colonialismo francês no Norte da África, a ideia de privilégio judaico emergiu da reorganização das hierarquias jurídicas. Na Argélia, o decreto Crémieux (1870) concedeu cidadania francesa aos judeus sem estender o mesmo direito aos muçulmanos, que permaneceram submetidos ao regime do *indigénat*. Como observam Pardo e Delor (2024), o decreto "desestabiliza as relações entre judeus e muçulmanos" ao inverter a hierarquia anterior, retirando os judeus da posição de subordinação jurídica. A medida permitiu maior mobilidade social e aproximação dos judeus aos colonos europeus, mas também os transformou em alvo simultâneo do ressentimento muçulmano e do antissemitismo colonial francês, que passou a apresentar o decreto como prova de um "privilégio exorbitante" e de um suposto complô judaico (PARDO; DELOR, 2024).

Segundo Albert Memmi (2025), a experiência judaica no Norte da África revelou a fragilidade desse suposto privilégio. Embora muitos judeus tenham adotado a cultura francesa e se afastado das populações árabes autóctones, momentos de crise – como o regime de Vichy e os processos de descolonização – mostraram a precariedade dessa integração. Nessas circunstâncias, os judeus foram abandonados tanto pelos colonizadores quanto pelos colonizados, confirmando sua posição estruturalmente instável como "elo mais frágil da cadeia" e "vítima expiatória" recorrente.

A situação dos judeus na Rússia dos séculos XIX e XX ilustra de forma particularmente aguda a persistência da acusação de privilégio em meio à perseguição estatal. Apesar de confinados à Zona de Residência e submetidos a pogroms, discursos intelectuais lhes atribuíam poder oculto e desproporcional. Dostoiévski, por exemplo, afirmava que os judeus controlariam "as bolsas de valores, e consequentemente a política" europeia (citado em POLIAKOV, 2003d).

Durante o julgamento de Beilis – descrito por Poliakov como o equivalente russo do Caso Dreyfus e o último grande processo europeu por acusação de assassinato ritual –, essa lógica conspiratória tornou-se explícita. O procurador Vipper afirmou ao júri que, apesar da condição discriminatória dos judeus, "na realidade, eles são os governantes do nosso mundo [...] nós estamos sob o polegar deles" (citado em POLIAKOV, 2003d).

Mais tarde, sob Stálin e Khruschev, a própria burocracia soviética passou a combater esse suposto privilégio, promovendo expurgos não declarados e limitando o acesso de judeus às universidades e aos altos cargos. Como observou Khruschev, a presença judaica nas altas hierarquias tornou-se indesejada com a formação de uma *intelligentsia* "autenticamente russa", legitimando políticas discriminatórias disfarçadas de campanhas "antissionistas" e "anticosmopolitas" (POLIAKOV, 2025).

Nos Estados Unidos, no período do pós-Segunda Guerra Mundial e Holocausto, a acusação de "privilégio" foi reformulada em termos políticos e sociais. A ascensão econômica e acadêmica da comunidade judaica, combinada com o declínio de formas institucionais de discriminação – como as cotas que limitavam o acesso de judeus a universidades americanas –, passou a ser interpretada como sinal de inserção no *establishment*. Como observa Wistrich (1992), os judeus americanos passaram a ser percebidos "não apenas como uma parte igual e bem-sucedida da sociedade mais ampla, mas até mesmo como uma elite fortalecida". Essa percepção, contudo, entrou em tensão com a situação de outras minorias, especialmente em contextos de desigualdade persistente.

Nesse cenário, autores como Laqueur (2008) apontam que o ressentimento em setores do movimento negro foi parcialmente alimentado por esse contraste, na medida em que judeus, historicamente marginalizados, alcançaram mobilidade social, enquanto outras comunidades permaneceram em condições precárias. Paralelamente, consolidaram-se estereótipos ambivalentes, que combinam representações filossemitas com imagens pejorativas de super-representação judaica em profissões prestigiadas e de acesso privilegiado a recursos econômicos e culturais, que associavam positivamente os judeus à riqueza e à burguesia (DUNDES, 1985; REZNIK, 2015).

Frequentemente, essa acusação é reforçada pela classificação dos judeus como "brancos", o que os colocaria fora das estruturas de opressão sistêmica (PLACZYNTA, 2024). Quando a noção de privilégio branco é aplicada aos judeus, seus atributos passam a ser reinterpretados de modo a reativar tropos antissemitas. Os judeus são então descritos como "superbrancos", associados automaticamente a posições de poder econômico, político e midiático, e identificados como parte da classe dominante (PARDO; DELOR, 2024). Essa leitura não apenas apaga a diversidade interna das populações judaicas, incluindo judeus não brancos, como também favorece a ideia de que o antissemitismo seria irrelevante ou inexistente (→ 19. *relativização e negação do antissemitismo*), em contradição com evidências empíricas e estudos acadêmicos.

Nesse mesmo registro, emerge a acusação de "filossemitismo de Estado", segundo a qual os países europeus promoveriam a memória do Holocausto como forma de ocultar seus próprios passados coloniais. Essa interpretação induz populações pós-coloniais a perceberem os judeus como beneficiários de proteção institucional, os supostos "filhos queridos da república" (PARDO; DELOR, 2024). Assim, a atribuição de privilégio converte-se em mecanismo de reconfiguração do antissemitismo, que passa a se apresentar como crítica anticolonial, ao mesmo tempo que legitima a hostilidade contra judeus sob a aparência de contestação de privilégios estatais. Os judeus são apresentados não apenas como detentores de poder financeiro internacional, mas como beneficiários de um suposto monopólio da atenção moral global, associado à memória do Holocausto, que seria

mobilizado para legitimar políticas estatais em Israel e sua inserção no sistema internacional, convertendo-os, nessa narrativa, de vítimas históricas em agentes do imperialismo (LAQUEUR, 2008).

Assim, no contexto europeu e nas esquerdas radicais do pós-1945, a acusação de "privilégio" judaico foi reformulada como a ideia de que a memória do Holocausto conferiria aos judeus e ao Estado de Israel uma posição de hegemonia moral, associada a uma suposta limitação do debate público (→ 22. *privilégio judaico*). Nesse enquadramento, críticos passam a se apresentar como vítimas de um sistema que silenciaria dissidências, sob a alegação de uma "imunidade de crítica" consolidada desde Auschwitz (WISTRICH, 1992). A explicação que vincula a instrumentalização do Holocausto e do antissemitismo (→ 20. *vitimização estratégica*) à suposta existência de privilégio judaico ou de um "passe livre" parte da premissa de que os judeus teriam adotado a posição de vítimas como estratégia para obter proteção ou tratamento diferenciados. Nessa lógica, o alvo da manipulação (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*) seria "o Ocidente" ou a comunidade internacional, que buscariam compensar ou expiar os crimes do Holocausto e a ascensão do nazismo no século XX.

A partir daí, difunde-se a ideia de que judeus ou o Estado de Israel gozariam de uma espécie de "carta branca", podendo agir com impunidade mesmo diante de acusações graves, como violações de direitos humanos ou do direito internacional. Nesse registro, a tolerância ou inação de outros atores é interpretada como resultado de cumplicidade, interesse ou de um sentimento de culpa histórica – frequentemente associado à memória do Holocausto – que paralisaria a crítica e protegeria supostos privilégios (PLACZYNTA, 2024).

Vista historicamente, a acusação de "privilégio" constitui uma interpretação distorcida da capacidade judaica de sobrevivência e adaptação. A necessidade de negociar proteção junto aos poderes dominantes alimentou o mito duradouro de uma elite conspiratória que obteria vantagens e impunidade à custa dos demais povos.

Outra formulação recorrente associa esse suposto privilégio à crença de que os judeus se considerariam destinatários de um *status* especial de origem divina (BELLER, 2015). Nesse contexto, a noção de "povo escolhido" é reinterpretada como expressão de superioridade ou supremacismo, articulando-se a outros lugares-comuns, como ganância, apropriação e parasitismo (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*). Hoje, essa leitura reaparece em memes que retratam judeus como sujeitos presunçosos que reivindicariam bens ou territórios com base em uma promessa divina.

A rabina Delphine Horvilleur, em *Réflexions sur la question antisémite*, questiona essa interpretação ao afirmar que "povo eleito" é uma tradução imperfeita de *Am Segoula*, expressão que significaria "povo-tesouro", "povo-medicamento" ou "capaz de operar distinções" (HORVILLEUR, 2019). A autora rejeita a associação automática entre eleição e privilégio material e pergunta: "E sobretudo, em que esse atributo constituiria um privilégio?" (HORVILLEUR, 2019). Ainda assim, observa que o antissemitismo se apropria do conceito de forma literal, convertendo-o em acusação de monopólio indevido da graça divina e de uma suposta "superioridade exclusiva e excludente" (HORVILLEUR, 2019). Nesse registro, o judeu é acusado não por sua carência, mas por deter "o poder, o dinheiro, os privilégios ou as honras que nos são negados" (HORVILLEUR, 2019).

Jean-Paul Sartre, em *Reflexões Sobre a Questão Judaica*, interpreta a acusação de privilégio judaico como forma de compensação simbólica da pequena burguesia arruinada. O antissemitismo funcionaria como "esnobismo do pobre": ao acusar o judeu de usurpar a nação, o antissemita imagina ser o verdadeiro proprietário dela – "já que o judeu quer furtar-lhes a França, é a França que lhes pertence" (SARTRE, 2025). O judeu precisa aparecer como "privilegiado" para que o antissemita possa sentir-se parte de uma elite espiritual e territorial autêntica.

No mesmo sentido, Hannah Arendt argumenta que os movimentos nacionalistas do século XIX invejavam o privilégio histórico que projetavam sobre os judeus. Segundo a autora, "os judeus surgiam mais uma vez como os concorrentes mais afortunados, que haviam herdado algo e eram reconhecidos por algo que os gentios tinham de construir a partir do nada" (ARENDT, 2013).

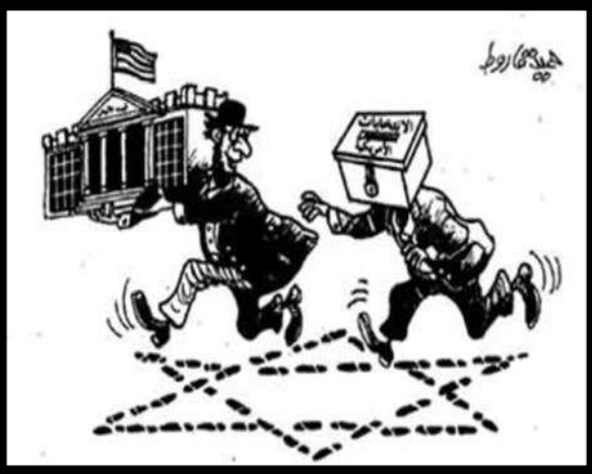
Por fim, Ivan Segré, em *Os Pinguins do Universal*, retoma a ideia da "eleição de Israel" como fundamento teológico clássico da hostilidade contra os judeus. Enquanto outras nações seriam vistas como produto orgânico da história, a associação judaica entre "um povo, uma lei e uma terra" apareceria como distinção divina, despertando ressentimento. Para ilustrar esse mecanismo, Segré cita Sigmund Freud em *Moisés e o Monoteísmo*: "os ciúmes em relação ao povo [...] preferido de Deus o Pai, não foi superado" (FREUD citado em SEGRÉ, 2025).

COMO IDENTIFICAR?

- Judeus ou Israel apresentados como um povo ou Estado intocável.
- Menções a privilégio, *status* especial, excepcionalismo, superioridade, direito divino ou dado por Deus, proteção, dada aos judeus, Israel ou aos sionistas.
- Imputação de impunidade, imunidade a consequências.
- O uso de termos como "o povo escolhido", "os escolhidos", "a raça mestre" etc.
- Judeus ou Israel apresentados como desfrutando, exigindo ou impondo o privilégio.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) trata as bases dessas acusações como antissemitas ao tipificar a aplicação de padrões duplos – exigindo de Israel um comportamento não demandado de outras nações – e a alegação de que judeus ou Israel inventam ou exageram o Holocausto. Em contrapartida, a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) aborda o tema de forma significativamente mais permissiva, estabelecendo que o discurso político não precisa ser razoável para ser protegido e que críticas a Israel que reflitam um "padrão duplo" não são, por si só, antissemitas. No entanto, essa abordagem permissiva da JDA torna-se profundamente nuançada quando se interpreta a acusação de privilégio como uma continuidade direta de tropos antissemitas antigos, que historicamente descrevem os judeus como um grupo excepcionalmente poderoso, influente e dotado de privilégios injustos sobre os não judeus. As zonas cinzentas emergem justamente na linha tênue entre a formulação de críticas legítimas à impunidade de ações de um Estado e a reprodução irrefletida desse mito histórico. Um apelo genuíno por tratamento igualitário no cenário internacional não é inerentemente antissemita, desde que a formulação não invoque a fantasia de um "passe livre" concedido aos judeus ou generalize a acusação de privilégio para toda a identidade judaica e israelense.



O banco lhe foi prometido há 3000 anos

3.117 curtidas Responder

Deveriam proibir esse povo de entrar naa terra dos outros. O povo escolhido...pra destruir!

4 curtidas Responder

eu vivo com medo desse povo bater na porta da minha casa e falar que a minha casa foi Prometida a eles a 3.000 anos atrás por Deus .

Que absurdo!!!! E eles ainda se acham o povo de Deus!!!!

Seria muito interessante o investigar o modo como tanto israelita conseguiu, tão facilmente, provar a sua ascendência... Se acharem um tema pertinente, claro ;)

372

Responder

Uma das razões de o Brasil ainda ser atrasado é prestigiar nulidades como esta 👇 um israelense-brasileiro que foi indicado pelo governo Bolsonaro para presidir o BID com apoio do Tesouro dos EUA e do lobby judaico. Vazio no conteúdo e ridiculo na forma 🤣:

23. Rejeição da Culpa e Exigência de Ruptura Com o Passado Nazista

A rejeição da culpa e as demandas por um "corte limpo" com o passado nazista (*Schlussstrichforderungen*) constituem dois lugares-comuns complementares de elaboração defensiva diante do legado do nacional-socialismo no espaço público europeu, especialmente na Alemanha e na Áustria. Enquanto a rejeição da culpa busca absolvição individual ou coletiva por meio da negação, relativização ou externalização das responsabilidades históricas, as demandas por ruptura definitiva procuram encerrar o próprio processo de memória, responsabilização e confronto com o passado, convertendo a Holocausto em um capítulo supostamente concluído da história. Em ambos os casos, trata-se de estratégias que banalizam a magnitude do Holocausto, enfraquecem a centralidade de suas vítimas e operam como formas características de antissemitismo pós-Holocausto (TROSCHKE, 2024).

O mecanismo de rejeitar a culpa teve amplitude nos países em que o Holocausto foi concebido e iniciado, bem como naqueles com regimes colaboracionistas. Contra a narrativa de inocência coletiva, a historiografia pós-Segunda Guerra demonstrou que o genocídio não foi resultado apenas da ação de alguns líderes políticos ou de nazistas fanáticos. O extermínio dos judeus só se tornou possível graças à colaboração direta de centenas de milhares de pessoas (HILBERG, 1992) e à aceitação ou aprovação de milhões, somada ao silêncio e à passividade do restante da sociedade (DÖRNER, 2007; FULBROOK, 2023). Refletir sobre a amplitude dessa cumplicidade ajuda a compreender a força posterior da rejeição da culpa: quanto mais difusa a participação nos crimes, maior a necessidade de construir narrativas de inocência coletiva, destinadas a absolver indivíduos e grupos de qualquer vínculo com o genocídio.

A explicação para o florescimento dessas narrativas é que, com a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial e o colapso do regime nacional-socialista, a legitimação anterior fornecida pelo Estado e pela sociedade desapareceram. A culpa, então, voltou a ser uma categoria socialmente relevante, e tanto os envolvidos quanto os omissos precisaram se reposicionar em um contexto transformado, no qual a responsabilização penal tornou-se possível e novos padrões morais foram oficialmente restabelecidos.

Nesse quadro, multiplicaram-se, como mostraram Jeffrey Herf (1997) e Richard Evans (1989), as tentativas de transformar a Holocausto em um episódio colateral da guerra, deslocando o peso da culpa para uma elite restrita ou relativizando o genocídio em meio às demais tragédias do século XX e, assim, garantir a continuidade da identidade nacional sem a mancha de um dos maiores crimes da história.

É nesse contexto que emerge, então, a rejeição da culpa, que, por sua vez, não se configurou como uma negação explícita do Holocausto, mas como um repertório sistemático de estratégias discursivas e sociais. Seu objetivo, como observa Hagen Troschke (2024), foi duplo: absolver perpetradores, beneficiários e omissos destinados a atenuar, deslocar ou apagar responsabilidades. e, ao mesmo tempo, resgatar um sentimento de orgulho nacional desvinculado dos crimes históricos. Trata-se, portanto, de um mecanismo de exculpação moral e jurídica, que buscava não apenas livrar indivíduos da má consciência, mas também restaurar uma aparência de normalidade social.

A rejeição da culpa não costuma assumir a forma de negação explícita do Holocausto, mas opera por meio de repertórios discursivos e sociais voltados a atenuar, deslocar ou diluir responsabilidades históricas. Entre suas manifestações mais recorrentes estão a alegação de ignorância diante do genocídio, ainda que a violência fosse visível em espaços públicos e amplamente noticiada (GELLATELY, 2001); a dissociação individual, que reduz a participação à mera obediência ou coerção institucional (HILBERG, 1992); a minimização dos crimes por meio da ênfase em sofrimentos alemães, como bombardeios ou expulsões (HERF, 1997); a externalização da culpa para uma suposta elite nazista desvinculada da sociedade em geral (Friedländer, 1998); e a vitimização invertida, que desloca a memória do Holocausto para narrativas centradas na perda nacional alemã (EVANS, 1989).

Tais estratégias defensivas, contudo, entram em choque direto com a vasta historiografia sobre o funcionamento social do genocídio. Como Raul Hilberg (1992) demonstrou, a destruição dos judeus não foi obra de poucos líderes, mas se tornou possível graças à colaboração direta de centenas de milhares e ao consentimento, oportunismo ou silêncio de milhões. Mary Fulbrook (2023), ao descrever a Alemanha nazista como uma "sociedade de espectadores", reforça esse argumento ao evidenciar que a indiferença coletiva não constituiu mera passividade, mas uma condição social fundamental para a normalização e viabilização da perseguição.

A dimensão política dessa lógica tornou-se visível nas narrativas nacionais do pós-guerra. Na República Democrática Alemã, o antifascismo oficial permitiu deslocar o nazismo para o capitalismo ocidental, apresentando o Estado socialista como historicamente purificado e marginalizando a centralidade do sofrimento judaico (HERF, 1997). De modo distinto, a Áustria construiu a autoimagem de "primeira vítima" do nazismo, externalizando responsabilidades (UHL, 2006). Em ambos os casos, memórias oficiais funcionaram como dispositivos de absolvição coletiva.

Theodor Adorno já havia advertido que, na Alemanha do pós-guerra, a expressão "elaboração do passado" foi muitas vezes instrumentalizada para significar não o enfrentamento crítico do nazismo, mas sua remoção da memória coletiva. Segundo ele, "o gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que a praticaram" (ADORNO, 2008, p. 2). Nesse sentido, a rejeição da culpa representa menos um esforço de reconciliação e mais um mecanismo de autodefesa social que, ao reprimir o trauma, abre espaço para a sobrevivência de tendências autoritárias no interior da democracia.

Esse fenômeno deve ser compreendido como uma forma de antissemitismo pós-Holocausto, e não apenas como esquecimento ou falha da memória histórica, por pelo menos quatro razões. Em primeiro lugar, porque deslegitima a experiência judaica ao relativizar ou negar responsabilidades pelo genocídio, enfraquecendo a centralidade da perseguição específica aos judeus. Em segundo, porque desloca responsabilidade para as próprias vítimas, insinuando que os judeus "exploram" ou "instrumentalizam" a memória do Holocausto (→20. *vitimização estratégica*), convertendo sua recordação em obstáculo à normalização nacional e reatualizando estereótipos clássicos de manipulação e poder excessivo (LIPSTADT, 1993). Além disso, ao sustentar que "já basta" falar do passado, esse discurso reforça a ideia de que a dor judaica seria excessiva, inconveniente ou politicamente suspeita, promovendo uma forma de desumanização simbólica. Por fim, quando a culpa histórica é rejeitada, os judeus que preservam essa memória podem passar a ser percebidos não como portadores legítimos de uma experiência histórica singular, mas como ameaça à coesão social. A própria recordação judaica converte-se, assim, em alvo de suspeição, perpetuando o antissemitismo sob nova roupagem discursiva.

Como já destacado, na Alemanha Oriental, a rejeição da culpa assumiu a forma de uma narrativa oficial antifascista. O regime comunista legitimava-se como herdeiro das forças que derrotaram Hitler, apresentando o nazismo sobretudo como produto do imperialismo e do capitalismo, e não como fenômeno enraizado na sociedade alemã. Com isso, a responsabilidade coletiva era diluída e deslocada para um grupo restrito de "vilões nazistas" (HERF, 1997). Nesse enquadramento, o antissemitismo também era reduzido a instrumento secundário da luta de classes, usado pelas elites para manipular trabalhadores, em vez de reconhecido como núcleo central da ideologia nazista e motor do genocídio. A perseguição aos judeus, assim, ocupava posição marginal na cultura memorial da República Democrática Alemã (RDA). Ao se definir como Estado socialista e antifascista, a Alemanha Oriental afirmava ter eliminado as raízes do nazismo em seu território, declarando-se historicamente purificada e transferindo integralmente a culpa para o passado derrotado em 1945.

Por fim, a rejeição da culpa também se projetou nas disputas internacionais da memória. A RDA criticava duramente a política de reparações da República Federal da Alemanha (RFA), acusando Bonn de instrumentalizar os crimes nazistas para fins capitalistas (→ 20. *vitimização estratégica*), enquanto ela própria se recusava a indenizar vítimas judaicas ou reconhecer responsabilidades materiais diretas (HERF, 1997). Ao apresentar a restituição ocidental como oportunismo político, Berlim Oriental deslocava o problema da responsabilidade histórica para a disputa ideológica da Guerra Fria. Como demonstra Herf (1997; 2017), esse enquadramento criou as condições para que o regime naturalizasse sua hostilidade ao Estado de Israel, fundindo antissionismo e antifascismo em uma mesma gramática política e legitimando seu apoio a Estados árabes envolvidos em conflitos armados com Israel.

Se a rejeição da culpa atua no plano da responsabilidade (negação, minimização ou transferência para "outros"), a exigência de corte limpo com o passado nazista age no plano da temporalidade (a tentativa de decretar um "fim" do passado). Em ambas, o objetivo era libertar as sociedades que carregavam o peso moral do Holocausto.

Richard Evans e Jeffrey Herf mostram que, quando a rejeição da culpa se torna insustentável (pela abundância de evidências históricas), surge a exigência de ruptura — ou seja, a admissão formal acompanhada da exigência de "encerramento" (EVANS, 1989; HERF, 1997). São, portanto, como já dito, estratégias sucessivas e complementares.

Desde o imediato pós-guerra, retorna em ondas a exigência de uma "virada de página" ou "ponto final" em relação ao passado nazista. Essa exigência constitui uma forma específica de antissemitismo pós-Holocausto porque desloca a violência para o campo da memória, busca deslegitimar a centralidade judaica na narrativa do crime, e tenta revogar obrigações morais e políticas derivadas do genocídio. Tal deslocamento se expressa em estratégias de normalização, relativização e competição de sofrimentos, frequentemente amparadas por revisionismos acadêmicos ou por retóricas "anti-imperialistas" que, na prática, reinstalam velhas figuras antijudaicas na esfera pública sob novas roupagens.

Como já destacado, a RFA e a RDA construíram regimes de lembrança radicalmente distintos. A RDA, sob o signo do antifascismo oficial, marginalizou a dimensão especificamente antijudaica dos crimes nazistas, ao passo que a RFA avançou, ainda que com contradições, em direção a um léxico de culpa, responsabilidade e reparação. O resultado foi a cristalização de dois dispositivos de gestão do passado, ambos atravessados por pressões de "normalização", mas com consequências diferentes para a visibilidade judaica e para a obrigação moral do Estado democrático (HILBERG, 1992).

É precisamente nesse contexto que a exigência de "ponto final" opera: ela tenta converter o trabalho de memória em "excesso punitivo" contra a nação e, portanto, reivindica a suspensão do processo (jurídico, pedagógico e simbólico) que liga a sociedade aos seus perpetradores e beneficiários. Quando se afirma que "já foi suficiente" e que é hora de "seguir adiante", suspende-se não uma "culpa hereditária", mas a responsabilização pública por crimes de Estado, seus ecos e seus beneficiários.

Como já demonstrado, a ampla cumplicidade social torna a memória particularmente incômoda, razão pela qual emerge a exigência de "ponto final". Nesse sentido, Mary Fulbrook, descreve a "sociedade de espectadores" para refletir sobre a normalização de práticas de exclusão, conformismo e oportunismo que viabilizaram a perseguição, inclusive a aceitação passiva e a acomodação cotidiana à radicalização antijudaica.

Essa constatação sociológica é explosiva: se a perseguição não foi obra de "um punhado de fanáticos", mas uma engrenagem de muitas mãos, então a memória exige processos pedagógicos, jurídicos e políticos prolongados.

A exigência por um corte limpo se expressou de forma particularmente nítida em dois momentos. O primeiro foi o *Historikerstreit* dos anos 1980, no qual intelectuais conservadores, como Ernst Nolte, procuraram relativizar a singularidade do Holocausto, defendendo a "normalização"

da identidade alemã. O segundo foi o famoso discurso de Martin Walser, em 1998, ao receber o Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão, quando afirmou que a "exibição incessante de nossa vergonha" teria se tornado uma "moral de intimidação". Em ambos os casos, a memória judaica foi recodificada como fardo excessivo, um obstáculo ao orgulho nacional.

Assim, sem negar factualmente, a exigência por um "ponto final", por um "corte limpo", consiste em declarar "resolvida" a tarefa de enfrentamento, para então cobrar a "libertação" das obrigações morais, como reparações, justiça tardia, ensino e políticas de combate ao antissemitismo. Ao insistir que a lembrança é "excessiva", converte-se a própria comunidade judaica em um empecilho para a identidade positiva da nação. Foi nesse sentido que, em 2017, Björn Höcke, então liderança da extrema direita da Alternativa para a Alemanha (AFD), qualificou o Memorial aos Judeus Assassinados da Europa como um "monumento da vergonha" e defendeu uma "virada de 180 graus" na política memorial alemã, sinalizando a rejeição da centralidade da expiação dos crimes nazistas como fundamento normativo da identidade democrática contemporânea (OLTERMANN, 2017).

No contexto desses repertórios de rejeição da culpa e exigência de ruptura com o passado, ganharam força críticas que procuram "descentralizar" a Holocausto situando-a num amplo repertório de violências coloniais. Philip Spencer (2022) mostra que, embora o mapeamento das violências imperiais seja necessário, uma versão "catequética" dessa abordagem tem produzido efeitos regressivos: recorre a tropos antissemitas (por exemplo, a ideia de que "a centralidade judaica protege Israel"), nega a atualidade do antissemitismo e transforma a cultura da memória em obstáculo a causas políticas desejadas, como a "causa palestina".

É a partir disso que, após os ataques de 7 de outubro de 2023 e a guerra subsequente, emergiu com força o *slogan* "Libertem a Palestina da Culpa Alemã". Ele expressa, implicitamente, a alegação de que o posicionamento da Alemanha em relação a Israel seria acrítico e moldado por um sentimento de culpa (GUTMAIR, 2023).

Quando essa crítica aponta que "a Holocausto foi posta num pedestal" para "policiar" sociedades ocidentais e silenciar outras memórias (SPENCER, 2022, p. 13), ela deixa entrever um velho roteiro: o de que " os judeus" gozam de "privilégios" simbólicos que precisam ser revogados (→22. *privilégio judaico*). Spencer (2022, p. 15) alerta que tal giro "reproduz e rearticula tropos antissemitas, consciente ou inconscientemente", e com isso nada ajuda a compreender a Holocausto nem a prevenir novos genocídios.

Do ponto de vista conceitual, o antissemitismo não se limita à hostilidade direta contra judeus, mas inclui também formas pelas quais judeus, sua memória ou sua experiência histórica são construídos como obstáculos simbólicos ao "bem comum". A exigência de um "corte limpo" com o passado nazista opera precisamente nessa lógica. Em primeiro lugar, desloca a responsabilidade para o mensageiro, tratando a memória judaica como imposição moral e o ensino do Holocausto como "culto à culpa", convertendo vítimas e sua recordação em impedimentos à reconciliação nacional. Em segundo, busca revogar obrigações históricas ao declarar encerrado o trabalho de memória, suspendendo simbolicamente reparações, justiça tardia e políticas continuadas de enfrentamento – pilares éticos centrais de democracias pós-genocidas. Além disso, rebaixa a centralidade do antissemitismo ao substituir a especificidade histórica do Holocausto por esquemas comparativos difusos que dissolvem sua lógica singular, reabrindo competições de vitimização em nome da "normalização" nacional. Por fim, mesmo sem negar necessariamente os fatos, ataca a infraestrutura normativa da verdade histórica ao tentar reduzir sua força moral e política na vida pública.

Ao diferenciar a rejeição da culpa da exigência de corte limpo com o passado, é fundamental distinguir seus efeitos normativos sem reduzi-los a um mesmo mecanismo. A rejeição da culpa opera primordialmente no plano da responsabilidade: busca absolver perpetradores, beneficiários e espectadores por meio de narrativas que minimizam a especificidade judaica do genocídio e reposicionam a memória das vítimas como exagerada, incômoda ou politicamente inconveniente. Já a exigência de corte limpo atua no plano da temporalidade histórica. Seu objetivo não é apenas exculpar, mas declarar encerradas as obrigações democráticas de longo prazo derivadas do Holocausto, promovendo uma forma de desligamento normativo que transforma a memória em fardo indevido e o enfrentamento contínuo em excesso. Assim, enquanto uma cumpre função exculpatória ao deslocar ou atenuar responsabilidades, a outra exerce função revogatória ao proclamar resolvido o vínculo ético entre passado e presente. Embora distintas em sua operação, ambas configuram formas complementares de antissemitismo pós-Holocausto: absolvem perpetradores e omissos, marginalizam vítimas, transformam a experiência judaica em problema e enfraquecem as bases morais, políticas e históricas sobre as quais se sustenta uma democracia pós-genocida.

COMO IDENTIFICAR?

É possível reconhecer os lugares-comuns de rejeição da culpa e de exigência por um corte limpo com o passado nazista quando há:

- Negação da ampla visibilidade dos crimes nazistas, com afirmações de que "ninguém sabia".
- Negação de envolvimento pessoal ou institucional, mesmo quando há evidências de envolvimento direto.
- Externalização da culpa para superiores, para a pressão do grupo ou para "ordens" recebidas.
- Discursos que tratam a memória judaica do Holocausto como privilégio, chantagem moral ou obstáculo à normalização nacional de nações europeias.
- Reivindicações de fadiga memorial, como "já foi suficiente lembrar disso" ou "é hora de seguir em frente".
- Acusações de que a memória do Holocausto é um "culto à culpa" ou um fardo imposto.
- Rejeição de reparações, julgamentos tardios ou políticas de memória.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) enquadra essas práticas ao tipificar como antissemitismo "negar o fato, o escopo, os mecanismos [...] ou a intencionalidade do genocídio" e também "acusar os judeus como povo, ou Israel como um Estado, de inventar ou exagerar o Holocausto". A relativização da culpa coletiva atua precisamente nesse sentido, minimizando a participação social nos crimes nazistas ou deslocando a responsabilidade exclusivamente para uma pequena elite dirigente. Já o discurso da "ruptura" costuma apoiar-se na acusação de que os judeus instrumentalizariam a memória do Holocausto para obter vantagens políticas, impor "culpa eterna" ou exercer chantagem moral sobre as sociedades ocidentais, reciclando tropos clássicos de manipulação e poder judaico. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) converge substancialmente nesse ponto. Sua diretriz 5 classifica como antissemita a negação ou minimização do Holocausto, inclusive por meio da redução artificial do número de vítimas, enquanto a diretriz 2 reconhece como núcleo do antissemitismo a crença de que os judeus exercem um "poder oculto" voltado à promoção de interesses coletivos próprios à custa dos demais. Essa formulação abrange diretamente o discurso segundo o qual os judeus manteriam um suposto "culto à culpa" para controlar politicamente o debate público e preservar privilégios simbólicos ou institucionais.

As zonas cinzentas surgem porque essas manifestações raramente assumem a forma de negação frontal do Holocausto, operando antes por deslocamentos discursivos, atenuações e inversões de perspectiva. É factual que as gerações posteriores a 1945 não possuem culpa pessoal pelos crimes nazistas; contudo, a linha do antissemitismo é ultrapassada quando essa ausência de responsabilidade individual é mobilizada para sustentar uma "fadiga memorial", transformando a preservação da memória judaica em um fardo excessivo ou em obstáculo à identidade nacional. Expressões como "já foi suficiente falar disso" convertem a recordação do Holocausto em suspeita política e rebaixam o luto das vítimas à condição de mecanismo manipulador. De forma semelhante, a contextualização histórica da Segunda Guerra Mundial constitui atividade legítima da pesquisa historiográfica, mas a zona cinzenta transforma-se em revisionismo quando a "revisão" passa a funcionar como estratégia de absolvição coletiva – seja deslocando toda a culpa para Hitler e um pequeno círculo nazista, seja alegando ignorância generalizada diante de crimes amplamente visíveis, seja ainda reduzindo a Holocausto a episódio secundário em comparação ao sofrimento alemão durante os bombardeios dos Aliados. Ambiguidade semelhante aparece em certos discursos anti-imperialistas que, ao buscar descentralizar a memória europeia do Holocausto em favor de outras violências coloniais, passam a sustentar que a Holocausto teria sido colocada "num pedestal" para proteger Israel ou silenciar outras memórias históricas. Fórmulas como "Libertem a Palestina da Culpa Alemã" insinuam que a centralidade moral do Holocausto constituiria um privilégio político indevido explorado pelos judeus, reativando sob nova linguagem o antigo tropo antissemita da manipulação estratégica do sofrimento.

24. Negação e Distorção do Holocausto

Trata-se do lugar-comum que nega o extermínio sistemático dos judeus europeus pelo regime nazista ou que, reconhecendo-o formalmente, minimiza, relativiza e distorce sua dimensão, intencionalidade e responsabilidade histórica. A negação absoluta rejeita elementos centrais e amplamente documentados do genocídio – como a existência de câmaras de gás, o planejamento da "Solução Final" e a escala do assassinato em massa – recorrendo à manipulação de evidências e à falsificação histórica. A distorção atua de forma mais indireta: reduz drasticamente o número de vítimas ou dilui a singularidade do Holocausto por meio de comparações indiscriminadas com outros episódios de guerra e violência (TROSCHKE, 2024).

Yehuda Bauer aponta que "a negação e a distorção do Holocausto são claramente diferentes, embora intimamente relacionadas". O historiador observa que os negacionistas contemporâneos frequentemente alternam entre negar fatos estruturais, distorcer ou banalizar seus impactos, dependendo de qual abordagem serve melhor para mascarar seus objetivos antissemitas sob uma roupagem de "revisão histórica" (BAUER, 2020).

Após a Segunda Guerra Mundial, a negação e distorção do Holocausto passaram a desempenhar sobretudo a função de reabilitar a ideologia nazista e movimentos autoritários correlatos. Ao minimizar ou apagar as consequências extremas do nacional-socialismo, busca-se restaurar sua aceitabilidade pública (→ 39. *afirmação do nazismo, de Hitler e do Holocausto*). O negacionismo também se articula a *teorias da conspiração sobre poder judaico* (→ 13). Nessa lógica, os judeus são acusados de terem "inventado" ou exagerado o genocídio para obter reparações financeiras, vantagens políticas ou legitimidade internacional para o Estado de Israel, reativando os tropos da vitimização estratégica e do "lucro com o Holocausto" (→ 20. *vitimização estratégica*).

Historicamente, o Holocausto constituiu um processo burocrático e industrial de destruição sistemática dos judeus europeus conduzido pelo Estado nazista. Raul Hilberg demonstra que o genocídio resultou da articulação entre o aparato ministerial civil, o exército, o setor empresarial e financeiro e o Partido Nazista com suas organizações paramilitares, especialmente a Schutzstaffel – SS (Tropa de Proteção). Segundo Hilberg, a destruição desenvolveu-se em quatro etapas sucessivas: "Primeiro o conceito de judeu foi definido; em seguida, as operações expropriatórias foram inauguradas; em terceiro lugar, os judeus foram concentrados em guetos; finalmente, a decisão foi tomada para aniquilar a Judiaria europeia" (HILBERG, 2003). O genocídio apoiou-se, assim, em registros administrativos, empresas privadas, transporte ferroviário e planejamento estatal contínuo.

A primeira fase do assassinato em massa iniciou-se após a invasão da União Soviética em junho de 1941, quando os Einsatzgruppen – unidades móveis da SS e da polícia – acompanharam o avanço alemão no Leste Europeu. As execuções ocorriam sobretudo por fuzilamentos em valas comuns e trincheiras previamente escavadas. Hilberg descreve o método chamado de "estilo sardinha" (*Ölsardinenmanier*): "A primeira leva tinha de se deitar no fundo do túmulo. Eram mortos por fogo cruzado de cima. A próxima leva tinha de se deitar sobre os cadáveres [...] Após cinco ou seis camadas, a cova era fechada" (HILBERG, 2003). Johann Chapoutot observa que os executores buscavam formas de reduzir o contato físico com as vítimas devido à ideologia higienista nazista que descrevia os judeus como *disseminadores de doenças* (→ 17). Nesse contexto, difundiu-se o uso maciço de lança-chamas nas frentes orientais para destruir judeus à distância e neutralizar seu suposto potencial de contaminação (CHAPOUTOT, 2017).

Os fuzilamentos exterminaram centenas de milhares de judeus em poucos meses, mas a liderança nazista passou a procurar métodos considerados mais "assépticos", capazes de reduzir o desgaste psicológico dos executores alemães. Após presenciar um massacre em Minsk, Heinrich Himmler ordenou o aperfeiçoamento de técnicas alternativas de extermínio. Um ajudante de unidade afirmou que era necessário garantir que as vítimas morressem "de forma humana", pois "em caso de outros métodos de matança, o peso psíquico teria sido grande demais para o comando de execução" (HILBERG, 2003). A primeira solução técnica foram os caminhões de gás (*Gaswagen*), desenvolvidos pelo Kriminaltechnisches Institut der Sicherheitspolizei (Instituto de Criminalística da Polícia de Segurança), em Berlim, nos quais as vítimas eram asfixiadas pelo monóxido de carbono emitido pelo escapamento do próprio veículo.

A etapa final da "Solução Final" consolidou-se na criação dos grandes centros de extermínio instalados na Polônia ocupada: Kulmhof (Chelmno), Belzec, Sobibór, Treblinka, Majdanek e Auschwitz. Judeus de toda a Europa passaram a ser transportados por ferrovias diretamente para os campos de morte. Hilberg destaca o caráter industrial sem precedentes desse sistema: "Nunca antes na história pessoas tinham sido mortas em uma base de linha de montagem" (HILBERG, 2003). Esses centros operavam como fábricas de morte contínua. O uso de câmaras de gás derivava da experiência do programa Aktion T4, por meio do qual o regime nazista assassinou dezenas de milhares de pessoas com deficiência física ou mental entre 1940 e 1941. Em Belzec, Sobibór e Treblinka, motores a diesel ou gasolina bombeavam gases tóxicos para câmaras disfarçadas de chuveiros. Em Auschwitz e Majdanek, a SS passou a utilizar o Zyklon B, pesticida à base de ácido cianídrico cuja vaporização permitia matar milhares de pessoas simultaneamente em câmaras subterrâneas ligadas a crematórios industriais.

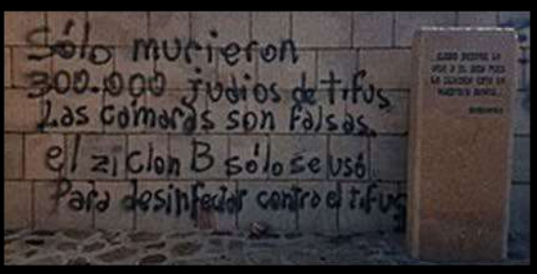
Hilberg calcula que Auschwitz exterminou cerca de 1 milhão de pessoas; Treblinka, aproximadamente 800 mil; Belzec, 434.508; Sobibór e Kulmhof, mais de 150 mil cada; e Majdanek, mais de 50 mil. Ao sintetizar a magnitude do genocídio, conclui: "Como resultado de

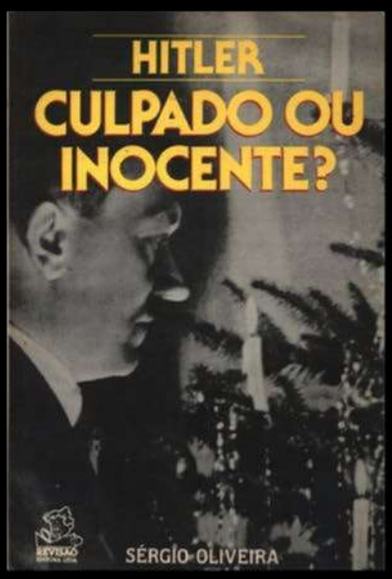
[redacted] Apenas 271 mil.

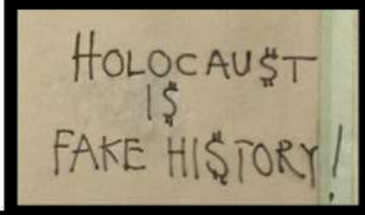
Esse banco foi prometido pra ele há 271,000 anos

Responder

O holocausto foi real. Morreram nele 666 milhões de **judeus**, ciganos e (inserir vítima à sua escolha). Por 13 anos, uma nação europeia viu a verdade e quase liberta o mundo do **feitiço** abraâmico. Não chorem porque acabou: sorriam porque aconteceu.



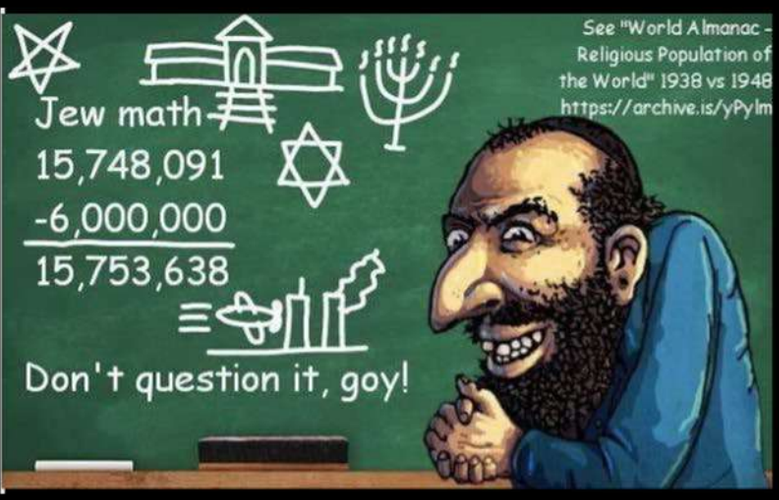


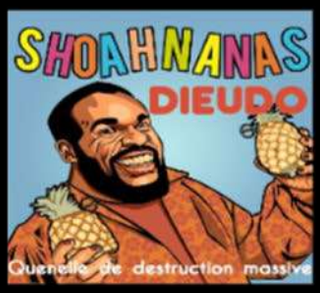


se tu analisar e ir um pouco mais a fundo verá que o "holoconto" nunca ocorreu.

Uma padaria existiu por 5 anos e tinha 15 fornos para fazer pão. Leva 1 hora para assar um pão e cada forno tem capacidade para assar um pão de cada vez. Durante esses 5 anos de operação, a padaria seria capaz de assar 6 milhões de pães?

Ser adversário absoluto dos israelenses é dever básico de humanidade.
A tal conversinha antisemitismo, 6 milhões, já não engana ninguém sobre o que vocês fazem em Gaza.
Felizmente, os mísseis iranianos logo resolverão isso.





a elite global **é** satânica.

quem diria que os judeus lideres do mundo estupram, torturam **e** matam crianças em nome dos piores demônios existentes, não **é** mesmo?

o **holocausto** foi uma **mentira**.

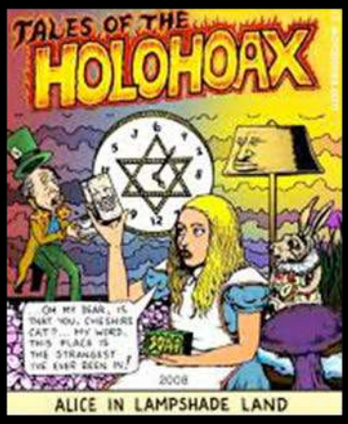
todos esses pedo judeus tem que ser esquartejados **e** expostos em praças públicas.

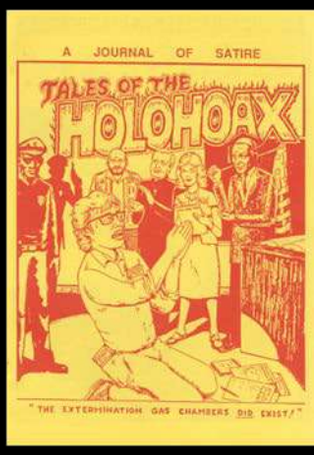
isto é propaganda sionista mentirada Holicausto Farma 271 K apenas e nem câmera de gás existia e até piscina nos campos de concentração havia pra você ter uma ideia ... o golpe tá aí cai quem quer ... sugiro você fazer uma pesquisa mais aprofundada porque os 271 K que morreram a maior parte foi de virose na época ... e a população judaica de acordo com o censo oficial do almanaque americano em 1948 tinha 500 000 judeus a mais do que 1933 antes

O ódio que o sionismo produz incessantemente e em gigantescas quantidades está demolindo a **indústria do holocausto**. O grande bezerro de ouro, adorado pela maioria **do** evangélicos, e denominado israel, mostra toda a sua falsidade.

Holocausto é uma farsa,sionistas que inventaram isso

Não fiquei surpresa. Os sionistas ajudaram Hitler no **holocausto**.





...não me convence...me desculpem!!!...
...a matemática dos judeus SIONISTAS ...
.campo concentração Auschwitz: 1940/1945
...mataram 1 milhão e 300 mil JUDEUS
.Campo concentração Sachsenhausen: 1936/1945
... mataram 100 mil pessoas entre opositores políticos, judeus, ciganos, homossexuais, Testemunhas de Jeová e milhares de prisioneiros de guerra...

É por isso que é, sim, possível falar em uma "indústria do **holocausto**". A imagem que temos, hoje, da Segunda Guerra Mundial foi moldada gradualmente por Hollywood e outros instrumentos da indústria cultural para beneficiar o Estado de Israel.

O maior desrespeito com as vítimas judaicas durante a Segunda Guerra Mundial é da própria **Indústria do Holocausto** (Finkelstein). Nunca tivemos estudos sérios a respeito **do** verdadeiro número de vítimas.

Não acredite no Museu **do Holocausto**, eles são uma organização política.

TIME
http://archive.vn/NeOb3
WORLD > HOLOCAUST
There Are Just 100,000 Holocaust Survivors Alive Today

THE JERUSALEM POST
http://archive.vn/GeUby
There are 192,000 Holocaust survivors living in Israel
by DONNA RACHEL EDMUNDS JANUARY 16, 2020 12:25
2.4K

Kkkkkkkk como sempre (((vocês))) querendo sair como vítimas da históriakkkkkk, pra abrir a boca sobre os (mentirosos) 6 milhões em 4 anos, são leões, mas pra falar sobre o GENOCÍDIO que fazem contra o povo palestino, não aparece nenhum

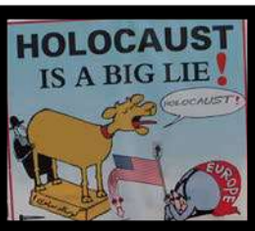
Responder

Depois que a Segunda Guerra acabou, as tropas vencedoras tomaram conta do sistema educacional alemão.

Por isso até hoje os alemães são enganados a acreditar que mataram 6 milhões.

14 de junho de 2025 às 19:29

2 sem
271 mil minutos da quanto tempo? Aposto que não é isso aí. Mas poderia ser, eu ficaria lisonjeado em passar o resto da vida em silêncio se todos os judeus fossem extintos
Responder



1 sem
E possível assar 6 milhões de bolos em 5 anos? 192
Responder

no máximo 271 mil 26
Responder

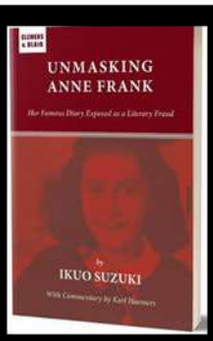
escala industrial ué, Polônia Ucrânia, Lituânia Perderam mais de 70% da população judaica, coisa que seria impossível se fosse de fato 271 mil, que é o número que dizem real. 5
Responder

sem
só tentando pra saber 1
Responder

com 15 fornos que assam 1 bolo por hora, me parece meio improvável 4
Responder

sem
falsificar documentos é a coisa mais fácil pra eles 2

Holocausto maior do que foi feito com os indígenas? Ou com os africanos sequestrados e **escravizados** por séculos? O Holocausto **judeu** só tem essa aura de incomparável porque foi contra brancos



um empreendimento organizado, cinco milhões de pessoas foram mortas no curto espaço de alguns anos" (HILBERG, 2003). Johann Chapoutot aproxima o total da cifra historicamente consolidada de seis milhões de judeus assassinados e destaca a rapidez da destruição: "O Holocausto ocorreu em um lapso de tempo muito curto [...] Três anos durante os quais os nazistas mataram quase seis milhões de pessoas" (CHAPOUTOT, 2017).

Yehuda Bauer esclarece que as pesquisas históricas convergem para uma faixa relativamente estável de estimativas: "Vários grandes esforços de pesquisa foram empreendidos para estabelecer com maior precisão o número dos que pereceram, e eles apontam para cifras entre 5,1 e 6,3 milhões, com um número mais ou menos aceito de entre 5,6 e 5,8 milhões como o mais provável" (BAUER, 2020). Essa margem de variação não decorre de dúvidas sobre a existência do programa de aniquilação nazista, mas da ausência de registros precisos em regiões devastadas pela guerra, especialmente no Leste Europeu e na União Soviética. Como observa Bauer: "O que está por trás dessas aparentes discrepâncias é que não existem estimativas confiáveis para o número de vítimas na área geral da Polônia oriental e da União Soviética" (BAUER, 2020). Nessas regiões, atingidas pelos massacres dos Einsatzgruppen e pelo colapso administrativo provocado pela guerra, centenas de milhares de judeus foram assassinados sem qualquer registro formal ou listas exatas de deportação.

Depois da Segunda Guerra Mundial, à medida que a extensão do extermínio dos judeus europeus se tornava conhecida, surgiram os primeiros esforços organizados para negar, relativizar ou distorcer os acontecimentos do genocídio (LIPSTADT, 1993). Seus defensores passaram a adotar o termo "revisionismo" para mimetizar a linguagem acadêmica e reivindicar respeitabilidade intelectual. O revisionismo histórico acadêmico, contudo, baseia-se em novas evidências ou interpretações sobre fatos estabelecidos; já o negacionismo produz de forma artificial dúvidas sobre acontecimentos extensamente documentados. Por isso, não constitui uma corrente historiográfica legítima, mas um projeto de "assassinato da memória" (VIDAL-NAQUET, 1992), voltado a apagar o Holocausto da memória coletiva e apresentá-lo como uma invenção destinada a favorecer interesses judaicos ou sionistas (SHERMER; GROBMAN, 2000).

Para sustentar essas formulações, o negacionismo depende da invalidação sistemática de testemunhos, documentos e provas materiais. Pierre Vidal-Naquet (1992) observa que sua lógica metodológica parte do pressuposto de que "qualquer testemunho direto contribuído por um judeu é uma mentira ou uma fantasia". Fotografias, registros administrativos nazistas e obras como *O Diário de Anne Frank* são frequentemente classificados como falsificações (LIPSTADT, 1993). As confissões de dirigentes nazistas nos julgamentos de Nuremberg passam a ser reinterpretadas como resultado de tortura ou coerção psicológica exercida pelos Aliados (VIDAL-NAQUET, 1992; LIPSTADT, 1993).

O principal eixo do negacionismo é a rejeição da existência de um plano sistemático de extermínio e das próprias câmaras de gás. Robert Faurisson sintetizou essa posição ao afirmar que "as câmaras de gás nunca existiram e Hitler nunca deu uma ordem formal de extermínio. Trata-se de uma mentira forjada em proveito do Estado de Israel para um complô sionista do qual o povo alemão é a vítima" (citado em ROBIN, 2016). Paul Rassinier, frequentemente apontado como precursor do negacionismo contemporâneo, declarava que "jamais, em qualquer momento, as autoridades responsáveis do Terceiro Reich pretenderam ordenar – ou, de fato, ordenaram – o extermínio dos judeus" (citado em CASTRO NETO, 2025). Austin App alegava que os crematórios dos campos serviam apenas para eliminar corpos de vítimas de doenças ou dos bombardeios dos Aliados (citado em LIPSTADT, 1993). Sob o ponto de vista dessa lógica, a "Solução Final" é redefinida como simples política de deportação ou emigração forçada, sustentando-se que o objetivo nazista seria apenas transferir os judeus para o Leste Europeu, sem intenção exterminadora (VIDAL-NAQUET, 1992).

Outro elemento central consiste na minimização sistemática do número de mortos. Shermer e Grobman (2000) observam que o foco obsessivo na "precisão aritmética" serve para introduzir dúvida onde existe amplo consenso histórico. Negacionistas descrevem a cifra de cerca de seis milhões de judeus assassinados como uma "fraude" ou um "exagero grosseiro", propondo números drasticamente reduzidos, geralmente entre 200 mil e 1 milhão de vítimas (VIDAL-NAQUET, 1992; LIPSTADT, 1993). As mortes passam então a ser atribuídas exclusivamente à fome, epidemias, tifo ou ao colapso da infraestrutura de guerra, deslocando deliberadamente a responsabilidade da política nazista de perseguição e extermínio. Austin App popularizou a expressão "Golpe dos Seis Milhões", acusando lideranças judaicas de chantagem política e financeira (LIPSTADT, 1993). No ambiente digital contemporâneo, essa estratégia reaparece em memes e códigos numéricos como "217k", utilizados para insinuar um suposto "número verdadeiro" de vítimas.

Deborah Lipstadt também aponta para a presença reiterada de "equivalências imorais" como uma forma de distorção do Holocausto: a tentativa de relativizar o genocídio mediante comparações indiscriminadas com outras violências da guerra. Negacionistas alegam que atrocidades teriam sido cometidas "dos dois lados", equiparando o Holocausto aos bombardeios dos Aliados ou ao sistema soviético de gulags (LIPSTADT, 1993). Harry Elmer Barnes chegou a afirmar que "as atrocidades dos Aliados [...] foram levadas a cabo na maior parte por métodos mais brutais e dolorosos do que a suposta exterminação nos fornos de gás" (citado em LIPSTADT, 1993).

Em sua formulação extrema, essa lógica desloca a culpa para as próprias vítimas, alegando que os judeus teriam "declarado guerra" à Alemanha em 1933 por meio de boicotes internacionais e atividades subversivas. A perseguição antissemita passa então a ser apresentada como reação defensiva do regime nazista, produzindo simultaneamente *a culpabilização das vítimas e a justificação indireta do genocídio* (VIDAL-NAQUET, 1992; LIPSTADT, 1993); (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*).

Os argumentos de distorção do Holocausto são frequentemente descritos como formas de "negacionismo suave" (*soft-core denial*), por operarem de maneira mais indireta e socialmente aceitável do que a negação explícita (HENI, 2008). Uma de suas manifestações mais recorrentes é a "desjudaização" do Holocausto. Ao apresentar o genocídio

apenas como um crime genérico contra a "humanidade", apaga-se o fato de que ele foi motivado por um projeto especificamente antissemita de destruição dos judeus europeus (LIPSTADT, 1993). A União Soviética desempenhou papel decisivo nesse processo ao classificar as vítimas apenas como "cidadãos soviéticos" ou "vítimas do fascismo", silenciando o caráter antissemita do genocídio.

Após 1989, essa herança favoreceu movimentos de "reabilitação nacional" em países do Leste Europeu, nos quais colaboradores locais do nazismo passaram a ser reinterpretados como heróis da resistência anticomunista. Michael Shafir (2002) observa que a trivialização comparativa frequentemente cria hierarquias de sofrimento destinadas a absolver cumplicidades nacionais: ao insistirem que o chamado "Holocausto Vermelho" teria sido equivalente ou pior que a Holocausto, setores nacionalistas desviam a atenção do papel de guardas nacionais e civis locais em *pogroms* e deportações.

Outra modalidade recorrente transforma o Holocausto em instrumento retórico descartável em disputas contemporâneas. Termos como "nazismo" ou "Holocausto" passam a ser empregados para designar qualquer medida impopular, conflito político ou situação desagradável. Ao qualificar campanhas sanitárias, adversários ideológicos ou restrições administrativas como "nazistas", esvazia-se o significado histórico do regime de 1933-1945 e do genocídio judeu (LIPSTADT, 2005; TROSCHKE, 2024).

A negação e a distorção do Holocausto no mundo árabe e muçulmano frequentemente operam como instrumentos políticos e teológicos destinados a deslegitimar as bases morais do Estado de Israel e justificar sua eliminação. Robert Wistrich observa que a disposição em acreditar que os judeus teriam inventado a "fraude da sua própria exterminação" tornou-se um "pilar central" do antissemitismo regional, apresentando os judeus como autores de um plano satânico voltado à obtenção de ganhos financeiros e poder político (WISTRICH, 2002). Nesse contexto, a negação do Holocausto articula-se frequentemente à chamada *inversão do Holocausto* (→ 27), na qual israelenses passam a ser descritos como os "novos nazistas", enquanto o genocídio original é relativizado, minimizado ou negado. Jeffrey Herf argumenta que essa operação simbólica converte as vítimas do nazismo em perpetradores e funciona como uma "segunda autorização para o genocídio" (HERF, 2024).

Diversos líderes e autores influentes difundiram esse discurso ao longo do século XX e início do XXI. Mahmoud Abbas, em obra publicada em 1983, sugeriu que o número de vítimas judaicas teria sido "inferior a um milhão" e atribuiu o Holocausto a uma suposta conspiração entre sionistas e nazistas. Gamal Abdel Nasser e o mufti de Jerusalém Ekrima Sabri classificaram os seis milhões de mortos como um número "exagerado" ou como uma "mentira" destinada a "chantagear os alemães financeiramente" (HARKABI, 1972; WISTRICH, 2002). Em paralelo à negação factual, desenvolveu-se uma vertente de justificação teológica do genocídio. O ideólogo islamista Sayyid Qutb não negava a Holocausto, mas a interpretava como punição divina, afirmando que "Alá trouxe Hitler para governar sobre eles" em razão da suposta maldade inerente dos judeus (PATTERSON, 2010).

Matthias Küntzel argumenta que, nesse imaginário político-religioso, a negação do Holocausto, a demonização dos judeus e a defesa da destruição de Israel formam "três lados de um triângulo ideológico" inseparável (KÜNTZEL, 2024). A minimização ou justificação do Holocausto torna-se, assim, um mecanismo discursivo destinado a enfraquecer a legitimidade histórica da soberania judaica e sustentar projetos políticos voltados à eliminação do Estado de Israel.

No Brasil, a Editora Revisão ocupa posição central na introdução e na difusão organizada do negacionismo do Holocausto no país. Dirigida por Siegfried Ellwanger Castan, a editora articulava-se a redes internacionais de extrema direita e funcionava como canal de circulação, em língua portuguesa, de obras negacionistas produzidas por autores europeus e estadunidenses. Seu catálogo reunia textos autorais de Castan e reedições de "clássicos" do antissemitismo conspiratório, do negacionismo histórico e do nacionalismo radical.

Entre os títulos mais conhecidos publicados pela editora figuram *Holocausto: Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século; Acabou o Gás!... O Fim de um Mito*; *A Implosão da Mentira do Século*; e S.O.S. *Para Alemanha*. Apoiado em autores negacionistas internacionais como Robert Faurisson e Fred Leuchter, declarava categoricamente: "NUNCA EXISTIU CÂMARA DE GÁS NENHUMA" (CASTAN, 1987). O Holocausto era descrito por ele como uma fabricação do "sionismo internacional" e dos Aliados, destinada a difamar a Alemanha e obter reparações financeiras bilionárias.

A circulação desses livros provocou forte reação de movimentos sociais, entidades judaicas e ativistas de direitos humanos. Siegfried Ellwanger passou então a responder judicialmente por suas publicações. O caso culminou em uma decisão histórica do Supremo Tribunal Federal (STF), que condenou Ellwanger pelo crime de racismo. O julgamento estabeleceu um marco na jurisprudência brasileira ao reconhecer que o antissemitismo e a publicação de obras negacionistas configuram prática racista, enquadrando-se na categoria constitucional de crime imprescritível e inafiançável. A condenação levou ao encerramento das atividades da Editora Revisão. Apesar das decisões judiciais e das ordens de retirada de suas páginas oficiais da internet, o conteúdo da editora continuou circulando no ambiente digital. Militantes neonazistas criaram "sites espelho" hospedados em servidores estrangeiros para contornar as determinações da Justiça brasileira.

Nos ambientes digitais contemporâneos, a distorção do Holocausto passou a circular amplamente por meio da cultura visual das redes sociais, especialmente através de formas de "humor ácido" e ironia performática (→ 36. *humor antissemita*). A estética denominada *edgy*, ou "limítrofe", utiliza sarcasmo, memes e ambiguidades deliberadas para difundir conteúdos negacionistas sob a aparência de simples provocação ou brincadeira. Quando confrontados, seus autores frequentemente alegam que os críticos "não entenderam o humor" ou ameaçam a "liberdade de expressão". Nesse ambiente, referências a Anne Frank, "cheiro de fumaça" ou "cinzas" são convertidas em códigos humorísticos destinados a transformar o trauma histórico em choque estético e entretenimento de nicho.

Iran Launches Cartoon Website Aimed at Questioning the Holocaust

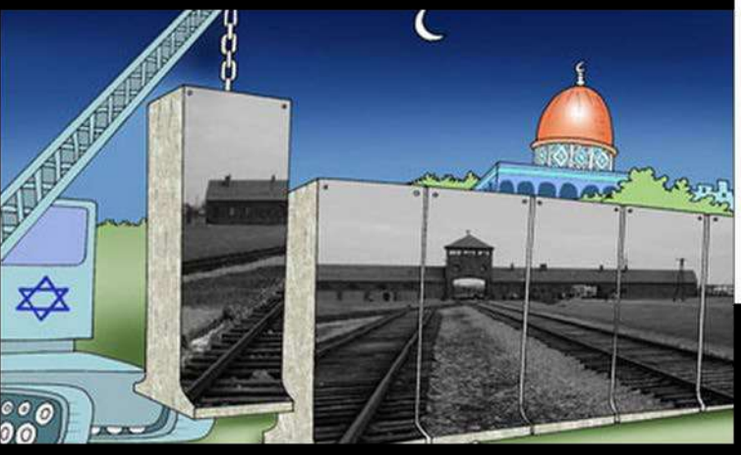
Yad Vashem slams website claiming to show that "the killing of 6 million Jews in the Second World War known as the Holocaust was a sheer lie".

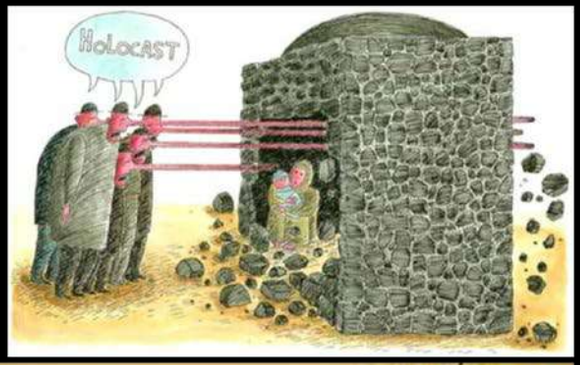
Iranian Site Denies Holocaust, With Cartoons

Brasileiros são premiados em concurso anti-semita

Competição de cartuns foi resposta do Irã à publicação de charges do profeta Maomé

Três cartunistas do Brasil tiveram prêmios; desenhos destacados pelo júri vão de críticas às políticas de Israel à negação do Holocausto





COMO IDENTIFICAR?

- Negação de fatos e números: Afirmações de que o extermínio de cerca de seis milhões de judeus seria uma "invenção", uma "fraude" ou um "exagero grosseiro" criado para obter reparações financeiras, vantagens políticas ou legitimidade internacional para Israel.
- Rejeição dos mecanismos de extermínio: Alegações de que as câmaras de gás nunca existiram ou que serviam apenas como instalações de "desinfestação" ou "abrigos antiaéreos", negando o caráter sistemático e industrial do assassinato em massa.
- Teorias conspiratórias sobre lucro e manipulação: Uso de expressões como "fraude do Holocausto" ou "indústria do Holocausto" para insinuar que judeus ou "sionistas" explorariam a memória do genocídio para "chantagear" governos, obter ganhos financeiros ou silenciar críticas.
- Falsas equivalências morais: Comparações entre políticas contemporâneas – como campanhas de vacinação, restrições sanitárias ou disputas eleitorais – e o regime nazista, banalizando o significado histórico do Holocausto e diluindo a singularidade do genocídio.
- Desjudaização e universalização: Tratamento do Holocausto como metáfora genérica para qualquer sofrimento humano, apagando o fato de que o genocídio foi impulsionado especificamente pelo antissemitismo e dirigido prioritariamente contra os judeus.
- Humor *edgy* e cultura de memes: Circulação de "piadas", memes e referências irônicas a Anne Frank, "cinzas" ou "cheiro de fumaça", transformando o trauma histórico em entretenimento e normalizando conteúdos negacionistas sob a aparência de humor ou provocação.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

Tanto a definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) classificam consensualmente a negação e a distorção do Holocausto como formas de antissemitismo, reconhecendo a historicidade incontestável do genocídio. A IHRA define como antissemita negar "o fato, o escopo, os mecanismos [...] ou a intencionalidade do genocídio do povo judeu", incluindo a rejeição das câmaras de gás e a acusação de que judeus ou Israel teriam "inventado ou exagerado o Holocausto" para obter vantagens políticas ou financeiras. De modo semelhante, a diretriz 5 da JDA considera antissemita alegar que o genocídio não ocorreu, que não existiram câmaras de gás ou que o número de vítimas foi apenas uma pequena fração do total historicamente estabelecido. Ambas as definições compreendem que essas práticas buscam reabilitar ideologias extremistas e corroer a legitimidade da memória histórica judaica no presente.

As principais zonas cinzentas surgem na distinção entre revisionismo histórico legítimo e negacionismo. A pesquisa historiográfica pode revisar interpretações e ampliar conhecimentos a partir de novas evidências documentais; o negacionismo, porém, produz artificialmente dúvidas sobre fatos exaustivamente comprovados. Outra área de ambiguidade envolve o debate sobre os usos políticos da memória do Holocausto. É legítimo discutir políticas públicas de memória, musealização ou instrumentalizações estatais do passado. A fronteira do antissemitismo é ultrapassada quando a memória judaica passa a ser descrita como uma forma de manipulação coletiva, chantagem moral ou privilégio indevido, reativando tropos conspiratórios sobre poder judaico.

Existe ainda uma divergência importante entre a IHRA e a JDA quanto às comparações entre Israel e o nazismo. A IHRA considera tais analogias um exemplo característico de antissemitismo. A JDA, por sua vez, sustenta que comparações históricas, "por si sós", não são necessariamente antissemitas, ainda que possam ser excessivas, ofensivas ou historicamente frágeis. Essa diferença cria uma zona cinzenta recorrente no debate contemporâneo, especialmente quando analogias com o Holocausto são utilizadas para demonizar Israel ou banalizar o significado histórico do genocídio.

25. “Judeus Não Aprenderam Nada Com o Passado”

O lugar-comum segundo o qual “os judeus não aprenderam nada com o passado” distingue-se de outros tropos antissemitas por não se apoiar em crimes atribuídos aos judeus, mas em seu próprio sofrimento histórico, convertido em base para uma injunção moral segundo a qual deveriam “ser melhores”. Como observa Karolina Placzynta (2024), essa acusação sustenta que, após perseguições reiteradas, sobretudo o Holocausto, os judeus teriam a obrigação moral de extrair lições éticas, políticas ou religiosas e aplicá-las no presente. Parte-se, assim, da premissa de que o sofrimento histórico contém uma lição normativa, cuja não assimilação revelaria uma deficiência moral particular (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*). A frustração dessa expectativa transforma-se em acusação dirigida tanto a indivíduos e instituições judaicas quanto ao Estado de Israel (MARRUS, 2016; SEYMOUR, 2010; SCHWARZ-FRIESEL; REINHARZ, 2017).

Nesse sentido, o lugar-comum articula-se à ideia de que os judeus seriam “incorrigíveis” ou “obstinados”, incapazes de aprender com as chamadas “punições da história”, conectando-se diretamente ao lugar-comum que os *responsabiliza pelo próprio antissemitismo* (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*). Em sua forma mais extrema, a acusação sustenta não apenas que os judeus não teriam aprendido a “lição correta” do sofrimento, mas que teriam aprendido com seus algozes e passado a reproduzir seus métodos e objetivos, estabelecendo uma equivalência moral que relativiza os crimes históricos contra os judeus ao equipará-los a supostos crimes judaicos de gravidade equivalente. Nesse registro, a crítica converte-se frequentemente em uma *inversão do Holocausto* (→ 27), mobilizando a experiência máxima de sofrimento judaico contra a própria existência coletiva dos judeus.

Leon Poliakov (2003) e David Nirenberg (2013) identificam a acusação de que os judeus seriam incorrigíveis e obstinados como um *leitmotif* persistente, que atravessa a história do antijudaísmo teológico até o antissemitismo moderno, reformulado como incapacidade racial ou social de integração. Na mentalidade cristã medieval e reformista, a história não era concebida como uma sucessão de eventos seculares, mas como expressão direta da vontade divina. Nesse quadro, o sofrimento contínuo dos judeus era interpretado como uma “aula” pedagógica de Deus, uma evidência histórica de que o judaísmo estaria em erro. A recusa em aceitar essa suposta evidência não era atribuída à fidelidade religiosa, mas à cegueira deliberada e à obstinação em não aprender a lição imposta pela história. A destruição do Templo e a diáspora eram, assim, lidas como punição pelo *deicídio* (→ 1), e a não restauração à terra como prova da rejeição divina. Daí deriva a acusação de que os judeus “não aprendem”: mesmo diante de um sofrimento interpretado como confirmação da desaprovação de Deus, recusariam a conclusão tida como lógica – a conversão ao cristianismo.

No século V, Agostinho de Hipona formulou a doutrina segundo a qual a permanência dos judeus não seria um acaso histórico, mas uma necessidade teológica. Eles não deveriam ser exterminados, pois sua existência física e a observância da Lei antiga funcionariam como prova externa da verdade do cristianismo. Paradoxalmente, essa “utilidade” dependia de sua “cegueira”: se “aprendessem” e se convertessem antes do fim dos tempos, deixariam de existir como povo distinto e perderiam essa função. É precisamente a recusa do cristianismo que os tornava testemunhas válidas.

Nessa concepção, os judeus não são um povo em transformação, mas “relíquias de carne” de uma revolução escritural passada, preservados como “testemunhas inertes” de uma verdade da qual não participam. Seu papel é sofrer, no exílio e na submissão, para manifestar a soberania de Cristo, não para aprender ou se arrepender. A doutrina agostiniana institui, desse modo, um regime de “preservação humilhante”: os judeus são mantidos vivos por se recusarem a aceitar a “verdade” cristã, mas, por essa mesma recusa, devem permanecer punidos e submetidos até que, no fim dos tempos, sua conversão anuncie o Juízo Final.

Uma das articulações mais violentas e explícitas da acusação de que os judeus “não aprendem com o passado” se encontra em Martinho Lutero (1993). Em *Dos Judeus e Suas Mentiras*, ele utiliza a duração do exílio como o argumento supremo que os judeus “se recusam a compreender”. Argumenta que um Deus misericordioso nunca puniria o seu povo por tanto tempo se não fosse por um pecado gravíssimo e não expiado (a rejeição de Cristo). O fato de os judeus continuarem a esperar pelo messias após quinze séculos de miséria era, para Lutero, prova da sua estupidez e obstinação: “tu não sabes, judeu, que Jerusalém, vosso reinado, vosso templo e vossos sacerdotes foram destruídos há mais de 1460 anos? [...] Deem a eles este ossinho para roer. Essa imensa ira de Deus mostra claramente que eles erram e são injustos. Qualquer criança vê isto”.

Como os judeus se recusavam a aceitar essa "lição de história" óbvia, Lutero concluiu que eles não eram apenas ignorantes, mas organicamente incapazes de aprender. A sua natureza tornou-se, na visão de Lutero, imutável em sua maldade (LUTERO, 1993).

Poliakov (2003) ainda destaca um trágico desencontro de interpretações que reforçava a acusação de que os judeus “não aprendiam”. Na visão cristã, o sofrimento dos judeus era visto como punição pela rejeição de Jesus. Se os judeus sofrem e não se convertem, é porque são obstinados e cegos à verdade histórica e divina. Na visão judaica, o sofrimento é, de fato, uma punição, mas pelos pecados cometidos contra a Lei de Moisés, e não por rejeitar Cristo. Portanto, a resposta ao sofrimento não era a conversão, mas sim um apego ainda mais rigoroso ao judaísmo e à observância da Lei. Aos olhos dos cristãos, essa reação judaica parecia uma perversidade incompreensível: quanto mais Deus os “punia”, mais judeus eles se tornavam. Isso consolidou o estereótipo do judeu como um ser que “não aprende nada e não esquece nada”, uma acusação que transitaria da teologia para a antropologia, política e moral nos séculos posteriores.

O holocausto deveria ter transformado judeus no povo mais solícito da terra, mas estão repetindo práticas que sofreram do nazismo contra Palestinos.

07:29 · 16/10/2023 de Earth · **161k** visualizações

Perfeita! Não há nada o que acrescentar, apenas a máxima: que a única coisa que os sionistas aprenderam com a Shoah foram seus métodos.

«ТАЛАНТЫ» И ПОКЛОННИКИ.
Рис. В. КОНСТАНТИНОВА.

Conta de fã
Sim eles continuam repetindo os mesmo erros dos tempos bíblicos ate hoje ..
Varios deles Adoram Renfã, Moloque, Baal e outros demonios pagaos

Os israelitas são um povo assassino e invasor desde sempre

nada mudou sempre foi assim apenas verdade apareceu

Judeus que fazem práticas de sigilo da goetia que vem do Rei Salomão , não são de Deus, fosse assim Deus não teria destruído os templos deles . Mas aos poucos a verdade vai ser revelada, como está sendo .

De fato os **judeus sionistas não APRENDERAM nada** com o seu proprio passado e inclusive REPETEM as mesmas praticas na atualidade contra o povo PALESTINO.

Fora **judeus sionistas** hitleristas invasores GENOCIDAS

As vezes fico pensando sobre esses **judeus**. Se foderam na segunda guerra e **não aprenderam nada.**

judeus nao aprenderam nada com o nazismo né

Não aprenderam nada sofrendo nas mãos dos nazistas

No final Adolf Hitler venceu! transformou os Judeus a sua imagem.

Israel aprendeu bem como fazer um genocídio! Estão à realizar " a solução final aos palestinos!".

se eles têm a memória curta em relação ao holocausto, deveriam passar por isso de novo

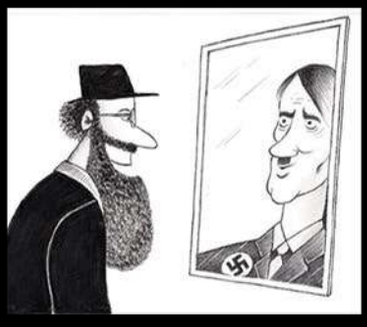
O que mais me indigna no horror causado por **Israel** é isso. Um povo que passou por um dos eventos mais abomináveis na história humana está replicando o que lhes aconteceu. Se tornaram **judeus** nazistas. **Não aprenderam nada.**

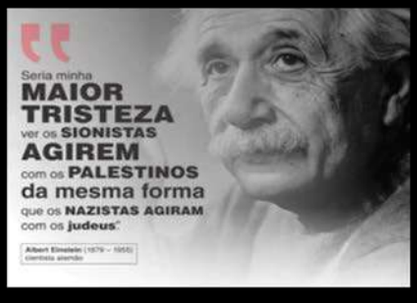
O Austríaco estava certo? Chorei muito vendo a lista de Schindler. Eu chorava perante as atrocidades Alemaes aos Filhos de Isaac. E hj massacrando meus irmãos Palestinos. **Israel** tem que ser varrida do Mapa.Vagaram 40 anos no deserto. Deus sabe e ainda assim **nao aprenderam nada.**

Meu Deus, o que Holocausto trouxe aos israelenses e não lhes serviu de aprendizado de vida. É surreal o nível de egoísmo, soberba e maldade. Eles criaram um Holocausto Palestino, inacreditável.

2sem
Volta holocausto, vc não foi suficiente!

Nada aprenderam com o passado. Ou melhor, aprenderam com os algozes. Que coisa triste!



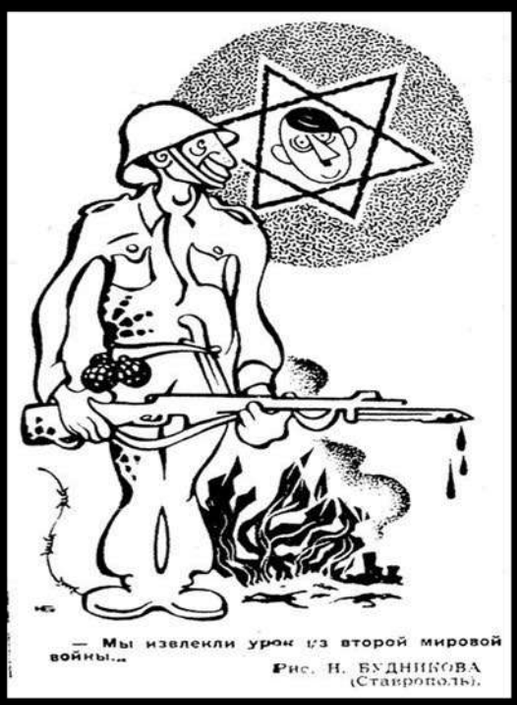


Bunkers da vergonha! **Não aprenderam nada** com o holocausto, seguem ofendendo outras nações!

Com toda essa desgraça que foi finalizada pelos russos, os **judeus** sinonistas **não aprenderam nada.**
Desonram todos os trucidados pelo regime nazista.
Fazem o mesmo, de forma muito pior com os palestinos e libaneses.
Não aprenderam nada com a dor produzida pelo 3o. Rich.
Notável.

Eis o supremo dano de Israel ao judaísmo e à memória da violência: judeus israelenses tornaram-se nazistas. É o que afirma um judeu lúcido.

Os nazistas confinaram 400 mil **judeus** no Gueto de Varsóvia. A maioria foi exterminada. Uma parte morreu lutando no primeiro levante.
Trump e Netanyahu querem criar o Gueto de Rafah, confinando 600 mil palestinos.
Os **judeus não aprenderam nada** com o próprio sofrimento?



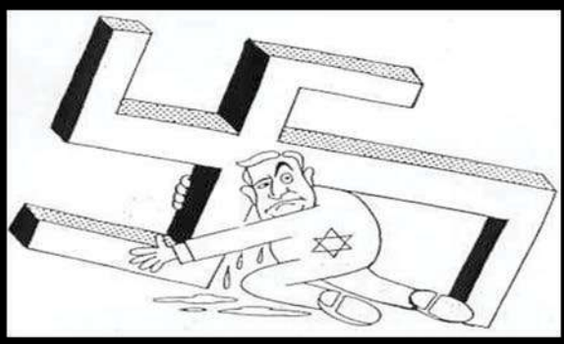
Penso que se os **judeus** sofreram tanto com o holocausto era para entender a situação dos palestinos mas **não aprenderam nada.**

Norte do País de Gales: turistas **sionistas judeus** destruíram uma cruz de pedra com mais de meio século de existência e fizeram uma estrela de Davi.
Estes bostas **não aprenderam nada** com o holocausto.
#Gales **#Israel #Israel**_Enemy_of_Humanity #IsraelTerroristState

Hitler tem inveja da perversidade de **Israel**

Israel explodiu 17 mil crianças que foram contabilizadas, as que estão debaixo dos escombros nem sabe o numero, para roubar terras

Hoje estamos vivendo o holocausto palestinos, e as pessoas **não aprenderam nada** com o holocausto judeu



Um povo que sofreu o holocausto reproduzindo o mesmo contra os palestinos.

2 curtidas Responder

s 4h

Que uma bomba atômica caia sobre Israel! E que o sangue deles derrame novamente, já que eles não aprendem com a história.

A partir do século XVIII, com a chegada do Iluminismo, a acusação de que os judeus "se recusam a aprender" sofre uma mutação fundamental: ela deixa de ser apenas uma obstinação teológica (a recusa da verdade cristã) para se tornar uma incapacidade social, moral ou biológica de se integrar na civilização racional e universal. A questão transformou-se, então, num debate antropológico sobre a "regeneração". Os *philosophes* usavam os judeus para testar os limites da capacidade humana de ser educada e melhorada pela razão. A questão central era: "Podem os judeus ser regenerados?" Se até os judeus, imaginados como o segmento mais fanaticamente irracional e obstinado da espécie, pudessem evoluir, então não haveria limites para o Iluminismo. Tratava-se de uma expectativa condicional de que os judeus precisavam superar o seu próprio passado e tradição para se tornarem "humanos".

Nesse registro, Voltaire atacou os judeus por uma suposta incapacidade de progresso cultural. O verbete que lhes dedica no *Dictionnaire philosophique* (Dicionário Filosófico) revela a centralidade da "obstinação judaica" como obstáculo ao projeto iluminista. Para Voltaire, a sobrevivência dos judeus não seria um milagre histórico, mas a persistência na ignorância: ele os compara desfavoravelmente a outros povos antigos ou orientais que teriam "sabido desaparecer", sugerindo que a manutenção de uma identidade distinta e visível constitui uma falha moral. Como observa Poliakov (2003c), mesmo quando confrontado por um judeu culto e assimilado como Isaac de Pinto, Voltaire manteve essa posição: para tornar-se filósofo, o judeu deveria deixar de ser judeu, pois ambas as condições seriam incompatíveis. "Aprender", nesse contexto, implica autoanulação. Em Kant, essa acusação adquire forma filosófica sistemática. Em *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático), ao descrever os judeus como "os palestinos que vivem entre nós", ele sustenta que eles "não aprendem" porque o judaísmo não seria uma religião propriamente dita, mas uma constituição política legalista. A solução kantiana para essa "obstinação" é, portanto, radical: o judaísmo não deveria ser reformado, mas passar por uma "eutanásia". A "lição" a ser aprendida seria o abandono da identidade coletiva judaica em favor de uma religião moral universal (citado em POLIAKOV, 2003). Hannah Arendt (2013), discute como, durante esse período, pensadores como Herder, que ela descreve como um "amigo declarado dos judeus", esperavam o mesmo: que os judeus se "educassem" para fora de seus "velhos e orgulhosos preconceitos nacionais" para se tornarem "puramente humanizados". Arendt conclui que essa atitude teve um efeito desastroso. Ela criou uma dinâmica na qual o judeu só era aceito se rejeitasse seu próprio povo e o seu passado coletivo.

É no jovem Hegel que a acusação de incapacidade de aprendizado histórico e de evolução atinge seu ápice filosófico. Para ele, as condições miseráveis dos judeus em sua época não eram contingentes, mas "consequências e elaborações do seu destino original". Na sua filosofia da história, fundada na ideia de que o Espírito se desenvolve dialeticamente, o judaísmo representa o ponto em que esse movimento teria estagnado. Os judeus teriam sido os primeiros a abrir "a porta para a salvação", ao separar o espírito da natureza, mas teriam se recusado a atravessá-la. Ao não serem "superados" (*aufgehoben*) pelo cristianismo, permaneceriam presos a uma forma histórica já esgotada. Por isso, Hegel descreve o judaísmo pós-cristão como um "morto-vivo", um "remanescente indigesto expelido das entranhas da história" (citado em NIRENBERG, 2013; POLIAKOV, 2003).

Assim, a acusação de "recusa em aprender" alcança, os ideólogos centrais do antissemitismo moderno. Édouard Drumont (1886), o mais influente antissemita francês do século XIX, sustenta em *La France juive* (A França Judia) que o judeu reincide sempre nos mesmos comportamentos, o que explicaria a perseguição constante: "O Judeu está exposto em certos países a tentações às quais ele sucumbe sempre, o que explica a perpétua perseguição de que é objeto". Henry Ford (1989), em *The International Jew* (O Judeu Internacional), afirma que os judeus se recusariam a reconhecer que a hostilidade contra eles decorreria de sua própria conduta, preferindo atribuí-la ao preconceito religioso. Para Ford, o judeu deveria "destruir em si o que é essencialmente judaico [...] antes que possa ganhar a simpatia dos outros povos". No Brasil, Gustavo Barroso (1993), líder integralista e membro da Academia Brasileira de Letras, retoma esse motivo ao afirmar, no terceiro volume da *História Secreta do Brasil*, que "No meio dum mundo transformado e adoçado, continua o homem de há três mil anos, ávido e hostil, encerrado na sua religião nacional, eternamente preocupado em escravizar todas as nações a Israel".

Hitler não atribui aos judeus uma "recusa" voluntária em aprender, mas uma incapacidade biológica e racial de evoluir moralmente ou de produzir cultura própria. Em *Mein Kampf* (Minha Luta), pergunta: "Que povo, nos últimos dois milênios, sofreu menos alterações na sua disposição intrínseca, no seu caráter etc., do que o povo judeu?". Embora acusasse com frequência a burguesia alemã e as massas de não aprenderem com a história, Hitler distingue o judeu como alguém que não apenas ignora suas lições, mas "destrói o significado da história" (HITLER, 2006). Nessa concepção, o judaísmo não seria uma religião ou cultura passível de transformação ou assimilação, mas uma raça dotada de características biológicas fixas e imutáveis. Se o judeu é biologicamente determinado a ser um "parasita" (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*), incapaz de agir de outro modo, a consequência lógica dessa visão é que a única "cura" para o organismo nacional alemão seria a eliminação física do agente considerado patogênico. É nesse enquadramento que se inscreve a "solução final para o problema judaico" perpetrada pelo nazismo e, de forma correlata, a posterior acusação de que os judeus não teriam "extraído as devidas lições" do Holocausto.

O ataque do Hamas a Israel, em 7 de Outubro de 2023, e a guerra subsequente intensificaram a circulação dessa retórica. Em manifestações no Brasil e no mundo, a memória do Holocausto passa a ser mobilizada de modo acusatório: cartazes comparando Gaza a Auschwitz, insinuações de que Israel repete práticas nazistas (→ 27. *inversão do Holocausto*) e a fórmula "não aprenderam nada com o passado" tornaram-se frequentes nas redes sociais. Por meio dela, o discurso desloca a atenção da violência nazista e a projeta sobre as próprias vítimas, convertendo a memória em acusação que ressoa fortes afinidades com as antigas acusações de que os judeus se recusam a aprender e "mudar", mesmo quando a história os puniu "por serem quem são".

A escritora Ruth Klüger (1992), sobrevivente de Theresienstadt e Auschwitz, recorda em *Still Alive* (Ainda Viva) que a memória do Holocausto foi muitas vezes usada contra os judeus, impondo-lhes uma pureza moral impossível. "Não éramos mártires, éramos pessoas comuns tentando sobreviver", escreve. A acusação contemporânea retoma essa expectativa de exemplaridade: como se o povo judeu, por ter sofrido o Holocausto, tivesse a obrigação de jamais se envolver em conflitos, de nunca errar, de nunca exercer poder. Primo Levi (1986), também sobrevivente de Auschwitz, em *I sommersi e i salvati* (Os Afogados e os Sobreviventes), insistia que o verdadeiro aprendizado do Holocausto não consiste em exigir pureza moral das vítimas, mas em impedir a repetição das condições que o tornaram possível. "Aconteceu, portanto, pode acontecer de novo", escreveu. A lição, segundo ele, não pertence aos judeus, mas à humanidade.

O deslocamento da culpa do nazismo aos judeus é tratado por Robert S. Wistrich (1992). Em *Antisemitism: The Longest Hatred* (Antissemtismo: O Ódio Mais Longo) argumenta que a Nova Esquerda alemã do pós-1960 realizou uma inversão histórica e psicológica para lidar com o peso da culpa do Holocausto. Nessa inversão, os antigos alvos do extermínio passam a ser apresentados como novos algozes nazistas, enquanto os palestinos são retratados como os "novos judeus": "As vítimas da história alemã tornam-se os vitimizadores judeus de novas vítimas – os palestinos – que por sua vez estão sendo manipulados para purgar um sufocante sentimento de culpa alemã." O objetivo dessa operação seria terapêutico para a psique alemã. Ao representar Israel como um Estado criminoso e "terrorista" (→ 32. *Israel como Estado terrorista*), a esquerda alemã buscaria livrar-se do seu "complexo judeu" (*Judenkomplex*), pois, se os judeus podem cometer crimes semelhantes aos dos nazistas, a culpa alemã é relativizada ou "normalizada".

Wistrich (1992) observa a ironia de que essa retórica acaba convergindo com a de neonazistas e da extrema direita: ambos recorrem à comparação entre Israel e o nazismo: a direita para relativizar os crimes alemães por meio da ideia de um "Holocausto" contra os palestinos, e a esquerda para legitimar seu antissionismo sob uma retórica antifascista. Essa convergência conduziria a esquerda a um impasse maniqueísta, no qual os judeus mortos, especialmente as vítimas "progressistas" do Holocausto, são idealizados como paradigmas morais, enquanto os judeus vivos (israelenses e sionistas) são tratados como vitimizadores. Dara Horn (2021), em *People Love Dead Jews* (As Pessoas Gostam de Judeus Mortos) formula um argumento convergente ao apontar a tendência de romantizar os judeus apenas enquanto mortos, convertidos em símbolos abstratos, ao passo que os judeus vivos, com sua complexidade histórica, política e social, são cobrados a corresponder a um ideal ético inatingível.

Nesse sentido, a rabina Delphine Horvilleur (2019) revisita criticamente a tradição acusatória segundo a qual os judeus se recusariam a aprender com as violências que sofrem. Em *Réflexions sur la question antisémite* (Reflexões Sobre a Questão Antissemita) ela observa que a "dor inenarrável" do judeu, ao sobreviver e se reerguer após a agressão, "lembra ao carrasco" a sua própria violência, despertando nele um ódio renovado. A acusação de que os judeus não aprenderiam com o passado estaria, assim, ligada à ideia de que eles se recusam a seguir o curso tido como "natural" da história, isto é, o desaparecimento ou a assimilação total. Horvilleur destaca que o antissemitismo se alimenta da exasperação diante dessa persistência: "O judeu é indestrutível e isso é exasperante [...] Ele se recusa a desaparecer, e essa resistência é um atrevimento intolerável." A dor judaica, que deveria situar a vítima em posição de inferioridade, converte-se paradoxalmente em um "excedente" simbólico, percebido como vantagem ilegítima e gerador de ressentimento.

COMO IDENTIFICAR?

- Acusações de que judeus repetem erros históricos ou que se tornaram aquilo de que acusavam os nazistas.
- Narrativas que exigem superioridade moral, ética e conduta irrepreensível de judeus por causa do Holocausto.
- Insinuações sobre memória curta, esquecimento deliberado ou incapacidade de lembrar o passado.
- Afirmações de que os judeus vivos desrespeitam a dor dos seus ancestrais.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

Embora a definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) não utilize a fórmula literal "não aprenderam com o passado", ela enquadra esse lugar-comum por meio de dois eixos centrais. Primeiro, o duplo padrão: impor aos judeus ou a Israel uma obrigação moral singular fundada em sua vitimização histórica. A IHRA considera antissemita "aplicar dois pesos e duas medidas", exigindo de Israel um comportamento moral não cobrado de outras democracias, como por exemplo, a expectativa de superioridade ética derivada do Holocausto. Em segundo lugar, a analogia nazista: a acusação de que os judeus "não aprenderam" frequentemente desliza para a inversão vítima-perpetrador, ao sugerir que Israel faria aos outros o que os nazistas fizeram aos judeus, comparação que a IHRA classifica explicitamente como antissemita. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) converge ao considerar antissemita responsabilizar os judeus coletivamente pela conduta de Israel, embora adote postura mais permissiva em relação à retórica política, afirmando que críticas duras ou contenciosas não são, por si só, antissemitas, o que amplia a zona interpretativa em comparação com a IHRA. As zonas cinzentas dependem do alvo e da generalização. Não é antissemita formular juízos universais ("a humanidade não aprende com a história") ou criticar decisões de atores específicos, desde que a crítica permaneça individualizada e contextual ("um líder deveria saber melhor à luz do passado"). Torna-se antissemita quando a falha moral é essencializada e atribuída a judeus enquanto grupo ("os judeus não aprenderam nada") ou quando ações do Estado são generalizadas para toda a coletividade judaica, apresentando-a como moralmente falida.

26. Os Judeus são Culpados, Merecedores ou Instigadores do Antissemitismo

Trata-se do lugar-comum que atribui aos próprios judeus a causa do ódio, da discriminação e da violência de que são historicamente vítimas. Nessa formulação, o antissemitismo deixa de ser percebido como injustiça e passa a ser interpretado como consequência natural, merecida ou até divinamente ordenada das supostas ações ou da própria natureza judaica. Trata-se de um mecanismo histórico recorrente da tradição antissemita, descrito como a tendência de "imputar às vítimas as próprias intenções agressivas" (POLIAKOV, 2003a). Essa estrutura apoia-se, entre outros elementos, na ideia de uma suposta misantropia (→ 8. *imoralidade, misantropia e vingança*) dos costumes judaicos e na interpretação da própria continuidade histórica das perseguições como prova da culpabilidade das vítimas, sintetizada na fórmula: "se são perseguidos há tanto tempo, devem ter feito alguma coisa".

Outra forma recorrente dessa culpabilização é a distinção entre "bons" e "maus" judeus. Os primeiros seriam aqueles que não "provocariam" o antissemitismo – por assimilação, conversão ou rejeição do Estado de Israel e do sionismo –, enquanto os demais seriam responsabilizados pelo preconceito sofrido pelo conjunto da coletividade. Como observa Scheiber (2024), essa lógica assume a forma de um silogismo implícito: se todos os judeus se comportassem como os "bons", o antissemitismo desapareceria. A figura do judeu "aceitável" funciona, assim, como mecanismo que desloca a responsabilidade do agressor para a vítima.

Na contemporaneidade, a separação entre "judeus" e "sionistas" frequentemente opera nesse registro, imputando aos considerados "maus judeus" a responsabilidade pelo antissemitismo, entendido como consequência das ações do Estado de Israel (→ 28. *responsabilização dos judeus pelas ações do Estado de Israel*) (TOPOR; FOX, 2021). Em seus extremos, essa lógica conduz à racionalização do Holocausto (→ 24. *negação e distorção do Holocausto*), frequentemente condensada em formulações como "Hitler estava certo" (→ 39. *afirmação do nazismo, de Hitler e do Holocausto*).

Na Antiguidade greco-romana, a hostilidade contra os judeus foi frequentemente justificada pela incompreensão diante do monoteísmo judaico, das leis alimentares, do Shabat e da recusa em participar de cultos locais. Autores clássicos interpretaram essas práticas como sinal de *misantropia* e insociabilidade, convertendo o distanciamento religioso em evidência de hostilidade ativa contra os demais povos. Hyam Maccoby (1996) recorda que conselheiros de Antíoco Sidetes, no século II a.E.C., defenderam a aniquilação dos judeus com base em sua suposta "misantropia e insociabilidade".

Durante a Idade Média, o sofrimento judaico passou a ser interpretado pela teologia cristã como prova do castigo divino pelo *deicídio* (→ 1) e pela rejeição de Cristo. Perry e Schweitzer (2002) descrevem esse processo como uma "teologia da vitimização", na qual a diabolização dos judeus permitia absolver moralmente os perseguidores. A condição degradada dos judeus era apresentada como consequência merecida de sua própria culpa.

A sistematização dessa lógica remonta a Agostinho de Hipona, que interpretou a dispersão e a humilhação judaicas como instrumentos pedagógicos para os cristãos. Segundo Maccoby (1996), Agostinho sustentava que a degradação histórica dos judeus demonstraria a punição divina por sua rejeição a Jesus. Em *Adversus Judaeos*, o povo judeu chegou a ser comparado a Caim – condenado à errância eterna após assassinar o próprio irmão (WISTRICH, 1992).

À justificação teológica do ódio somavam-se acusações de crimes rituais, exploração econômica e imoralidade coletiva (→ 3. *calúnia de sangue;* → 10. *ganância, avareza e parasitismo*), reforçando a ideia de que a perseguição aos judeus seria legítima. Em 1477, Peter Schwartz afirmava que os judeus "não sofrem inocentemente", mas por causa de sua própria maldade (citado em POLIAKOV, 2003a).

Poliakov chama atenção para o modo como essa culpabilização pôde, em certos contextos, ser parcialmente internalizada pelas próprias vítimas, produzindo fenômenos de auto-ódio e identificação com a perspectiva do perseguidor. O trauma contínuo das perseguições levou alguns judeus a buscar reconhecimento social por meio da dissociação em relação ao próprio grupo.

Nesse contexto, emerge a figura do "judeu excepcional", utilizada historicamente como instrumento de validação da culpabilidade atribuída ao conjunto dos judeus. Judeus convertidos ao cristianismo que denunciavam o judaísmo passaram a ocupar posição privilegiada nos mecanismos repressivos medievais. Nicolas Donin, no século XIII, desempenhou papel decisivo na Disputa de Paris, acusando o Talmud de blasfêmia e contribuindo para a queima pública de milhares de manuscritos judaicos (POLIAKOV, 2003a).

Entretanto, a lógica de culpabilização coletiva não desaparecia mesmo após a conversão. O caso de Johannes Pfefferkorn, no início do século XVI, ilustra essa tensão. Apesar de atuar contra o judaísmo, continuou sendo identificado por humanistas cristãos como portador de uma essência judaica corruptora. O estigma permanecia mesmo quando o indivíduo renunciava formalmente ao judaísmo.

Os decretos de "limpeza de sangue" na Península Ibérica consolidaram esse deslocamento da culpa do plano teológico para o plano biológico. O batismo deixou de ser suficiente para eliminar a suspeita sobre cristãos-novos e marranos, transformando a ascendência judaica em marca hereditária e inescapável (TUCCI CARNEIRO, 2021).

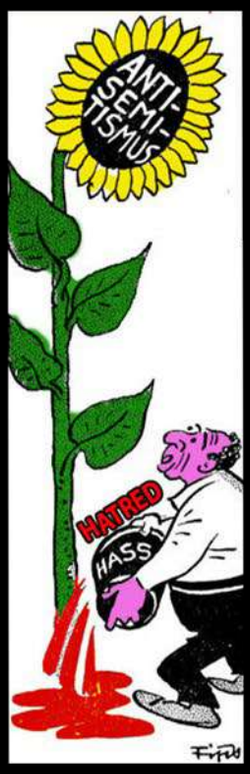
Os judeus de israel estão dando razão a Henry Kissinger, que disse certa vez, causando escândalo: “Sou judeu por um acidente de nascimento. Se não fosse, seria antissemita. Afinal, um povo que é perseguido há 2 mil anos algo de errado há de ter feito.”

44 79 222 4.4k

Translate post

Começo a entender a razão de Hitler ter cometido toda aquela brutalidade

"O câncer se transformou em metástase".



Será q Hitler estava certo sobre os judeus?

Responder

O pintor austríaco estava certo sobre eles.

Responder

você estaria do lado do Adolfo feliz hoje

Eu acho que Adolf Hitler sabia que os judeus queria tomar a Alemanha dele por isso fez aquilo

Follow

Eu vou falar a coisa mais horrível que já falei em toda a minha vida, e sei o quão horrível, grave e desprezível é o que eu vou dizer, e que nada justifica a minha fala.
Mas, diante o horror que estamos assistindo sobre Gaza, me ocorreu que talvez Hitler tivesse razão. 😞

Antisemitismo vai aumentar! Logo logo, ninguém irá se comover com o que os nazistas fizeram aos judeus

d · pelo autor

Cada dia que passa estou mais convencido que o bigodinho estava certo

110

Responder

O pintor tinha razão

13 curtidas Responder

Estava certo sobre os responsáveis pelo problema mas errado em querer resolver o problema querendo retornar a um possível passado pagão, sociedade Thule, Hiperbórea, etc.

6 sem 7 curtidas Responder

no final ele acbaou sendo manipulado pelas elites sionistas que precisavam do holocausto para realizar sua dominação mundial (através de gordas indenizações e muito vitimismo)

6 sem 6 curtidas Responder

Atenção para as tais sinagogas que amanhecem de uma hora para outra com mensagens antissemitas... a prática é antiga e bem conhecida...

20.08

Muitos pensadores judeus estão mais preocupados em falar de antissemitismo em tempos de genocidio palestino que sobre o próprio genocidio. O que eles não percebem, é que essa posição deles só reforça a ideia preocupante de que todo judeu apoia o que está acontecendo em Gaza. Porque TODOS (sem exceção) deveriam estar com os olhos sobre Gaza neste momento. A posição de intelectuais judeus, como Grossman, de falar sempre de si, mostra um viés narcísico do judaísmo contemporâneos. Nem tudo é sobre os judeus. Mais valor teria a posição anti-genocidio que esse discurso eterno de "não é minha culpa". Pode não ser sua culpa, mas quando você omite e prefere seguir falando de si, é um sintoma.

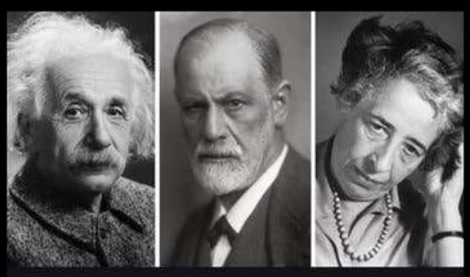
Quem são os judeus antissionistas que queimam bandeiras de Israel

Judeus antissionistas são contrários à politica de opressão de Israel contra o povo palestino, totalmente contrária ao verdadeiro judaismo.

Não confunda judeu com israelense.
Não confunda judaísmo com sionismo.
Existem centenas de judeus que NÃO reconhecem o Estado Terrorista de Israel e NÃO compactuam com o genocídio palestino.
Respeito aos judeus não-sionistas, que denunciam os crimes cometidos por Israel. Esses são os verdadeiros religiosos, que pregam a PAZ e UNIÃO dos povos.

415 29 19 9

O Sionismo está destruindo a imagem do Judaísmo no mundo. Esse ato não é Antissemitismo, é Antisionismo. Parabéns para Netanyahu. 😂



Os intelectuais judeus contra o sionismo

Show translation
See also: Naturei Karta, um grupo que existe desde 1938 que desde sua fundação descreve o sionismo como uma rebelião contra deus

O mundo odeia os judeus, hoje devemos ver a Alemanha com outros olhares.
Responder

Show translation
Inaceitável é um judeu traidor como você se alinhar aos comunistas, que mataram mais judeus e cristãos do que os nazistas, seu lixo de esquerda.

Judeu de esquerda, é o mesmo que judeu fã do nazismo, é um traidor ao próprio povo Judeu.

Oque me impressiona é verdade o nas esquerda, um Judeu Esquerdista, um traidor do seu próprio sangue, a vergonha do seu povo.

O nazismo foi uma reação a um sionismo incipiente?
Reply

5d ·
Os militares israelenses torturaram a jovem ativista sueca Greta Thunberg e a forçaram a beijar a bandeira de Israel, denunciam os integrantes da flotilha que levou ajuda humanitária a Gaza e que, por isso, foram presos por Israel.
Está mais que na hora de que o nazi-sionismo tenha o mesmo tratamento que foi dispensado à África do Sul dos tempos do apartheid.
É precisa cortar todo tipo de relação com Israel. De minha parte me afastei de amigos (agora ex-amigos) judeus que não fazem essa crítica de forma pública.
É preciso que os judeus humanistas critiquem abertamente o regime genocida de Israel.
De minha parte, perdi inteiramente o respeito por gente que põe suas origens étnicas acima de considerações humanitárias.

Show translation
Corrigindo a frase: "sionistas são culpados pelo antissemitismo"...

Show translation
É de ficarmos embasbacados com tal falta de vergonha, destes miseráveis seres de Israel....roubam e assassinam milhares de pessoas a décadas!!!! Mas os culpados de antissemitismo...são os outros...

Nao havia antissemetismo no Brasil até Israel praticar um genocidio em Gaza. O maior movimento antissemita hoje é a morte de crianças, mulheres e civis praticados por Israel. O mundo inteiro está vendo o que os sionistas são capazes de executar

O que dizer do sionismo: "Quem vive pela espada, pela espada morrerá" – Matheus 26:52
Responder

Show translation
Em visita hoje a Israel, onde se reuniu com Netanyahu, Elon Musk foi confrontado pelo presidente Isaac Herzog sobre "uma impressionante incitação antissemita em sua plataforma X/Twitter".
O que incita o antissemitismo não é o X, são os ataques impiedosos contra um povo indefeso.

O mundo está pagando um preço enorme por não ter deixado o bigodinho terminar o que era necessário. Um judeu do bem e um judeu sionista estão a uma invasão de distância.
Responder

O judeu , que teve parentes exterminados no Holocausto, é acusado pelo ministério público por antissemitismo. A acusação tem como base sua denúncia do genocídio realizado em Gaza contra semitas palestinos por sionistas israelenses.
Uso da lei contra o seu significado

Cara é nessas horas que dá até saudades de Hitler, parece que ele sabia o que se tornaria o estado sionista de Israel
Responder Ver tradução

O que se está a passar não é antissemitismo, é apenas uma tomada de consciência coletiva dos crimes cometidos por Israel. Não é uma questão pessoal, contra alguém especifico, é uma critica à forma como os judeus, em Israel, onde votam livremente, se têm comportado na região onde estão inseridos. A historia devia de lhes ter ensinado algo
17 curtidas Responder

Com o Iluminismo e a secularização, a ideia medieval de culpa pelo deicídio perdeu força entre setores instruídos, mas foi reformulada em linguagem racionalista. A hostilidade aos judeus passou a ser explicada por seu suposto comportamento social, sua "insociabilidade" ou sua resistência à assimilação.

Baruch Spinoza, por exemplo, atribuía a persistência do ódio contra os judeus ao seu isolamento ritual e à separação em relação aos demais povos (citado em POLIAKOV, 2003b). Voltaire, por sua vez, descreveu os judeus como povo marcado por superstição, avareza e hostilidade contra os outros povos (citado em WISTRICH, 1992). A recorrência histórica das perseguições passou, assim, a ser apresentada como evidência da própria culpa judaica.

Em contraposição, autores defensores da emancipação judaica denunciaram essa lógica como inversão causal. Zalkind-Hourwitz observava que os judeus eram acusados de usura e marginalidade precisamente porque lhes eram negadas formas legítimas de participação econômica e social: "Meus crimes são vossos, e vós me punis por eles" (citado em POLIAKOV, 2003c).

No contexto da emancipação europeia, consolidou-se a distinção entre o "bom judeu" assimilado e o "mau judeu" comunitário. Como observa Hannah Arendt (2013), a sociedade não judaica aceitava determinados indivíduos judeus apenas na medida em que se afastassem das características associadas ao povo judeu enquanto coletivo.

O "bom judeu" era o indivíduo excepcional, culto, integrado ou economicamente bem-sucedido, cuja aceitação dependia da negação simbólica de sua pertença coletiva. Em contrapartida, o "mau judeu" permanecia associado às massas judaicas tradicionais, frequentemente retratadas como atrasadas, pobres e incapazes de integração. A integração social dependia, assim, da dissociação em relação aos demais judeus.

Paradoxalmente, no final do século XIX, a própria assimilação passou a ser reinterpretada como ameaça. Édouard Drumont sustentava que o verdadeiro perigo residia no judeu invisível e plenamente integrado à sociedade francesa (DRUMONT, 1886). O problema deixava de ser a diferença ostensiva e passava a ser justamente a possibilidade de superação dessa diferença.

Ao mesmo tempo, persistia o argumento segundo o qual a longevidade histórica do antissemitismo provaria a existência de uma culpa judaica estrutural. Ernest Renan afirmava, em 1863, que "quando todas as nações e todos os séculos" perseguiram os judeus, deveria existir algum motivo para isso (citado em TAGUIEFF, 2015). Após os pogroms de 1881, o tsar Alexandre III responsabilizou os próprios judeus pela violência sofrida, alegando que o ódio contra eles decorreria de sua exploração econômica dos cristãos (POLIAKOV, 2003d).

No nazismo, essa culpabilização foi radicalizada em termos raciais e biologizantes. Os judeus passaram a ser apresentados como ameaça patogênica e demoníaca responsável pela decadência da sociedade (→ 17. *disseminadores de doenças;* → 2. *demonização*). Hitler afirmava que "o antissemitismo só desaparecerá com eles" (citado em TAGUIEFF, 2015), convertendo o genocídio em suposta necessidade histórica e defensiva.

David Hirsh observa que essa lógica constitui elemento central do discurso antissemita: o agressor projeta sobre a vítima suas próprias intenções destrutivas e apresenta-se como alguém que apenas reage a uma ameaça judaica (HIRSH, 2023). A perseguição passa, assim, a ser interpretada como autodefesa.

No totalitarismo nazista, a distinção entre "bons" e "maus" judeus foi progressivamente abolida. Como observa Hannah Arendt (2013), o regime deixou de se preocupar com comportamentos individuais e passou a definir todos os judeus como "inimigos objetivos", independentemente de assimilação, religião ou posição política.

No pós-guerra, a máquina repressiva soviética sob Stálin reformulou essa lógica em linguagem política. Como demonstra Poliakov (2025), o regime substituiu o termo "judeu" por categorias como "cosmopolita sem pátria" e "sionista", convertendo os judeus em supostos agentes do imperialismo ocidental. Em sua forma mais extrema, a propaganda soviética passou a atribuir aos próprios "sionistas" responsabilidade pelo Holocausto (→ 27. *inversão do Holocausto*).

Nesse contexto, a figura do "bom judeu" reaparece sob a forma do judeu assimilado e antissionista, apresentado como prova de que a URSS não perseguia judeus, mas apenas "traidores políticos". Autores soviéticos como Yuri Ivanov sustentavam que o próprio sionismo produziria deliberadamente focos de antissemitismo para justificar seus objetivos políticos e territoriais (IVANOV, 1970).

No campo das esquerdas contemporâneas, observa-se frequentemente a tendência de explicar o antissemitismo como mero reflexo das ações de Israel. David Hirsh (2018) observa que ameaças e violências antissemitas passam, nesse enquadramento, a ser interpretadas como respostas "defensivas" ao sionismo, desresponsabilizando os agressores.

Essa formulação reintroduz a clivagem entre "bons" e "maus" judeus. Os primeiros seriam aqueles que se dissociam de Israel; os segundos, "sionistas", tornam-se responsáveis pela hostilidade dirigida ao grupo como um todo. Pardo e Delor (2024) descrevem esse mecanismo como "injunção geopolítica": a exigência de que judeus demonstrem publicamente distanciamento de Israel para serem reconhecidos como interlocutores legítimos.

Essa lógica também sustenta a acusação de que os judeus "inventariam" ou instrumentalizariam o antissemitismo para proteger Israel ou silenciar críticas políticas (→ 20. *vitimização estratégica*). Hirsh denomina esse mecanismo de "Formulação Livingstone", na qual denúncias de antissemitismo são reinterpretadas como fraude política ou manipulação tribal (HIRSH, 2023).

Na extrema direita contemporânea, a distinção entre "bons" e "maus" judeus assume nova configuração. O "bom judeu" passa a ser associado ao conservadorismo e à defesa da chamada "civilização judaico-cristã", enquanto os "maus judeus", frequentemente identificados com progressistas, intelectuais ou judeus de esquerda, tornam-se alvo de narrativas conspiratórias sobre degeneração moral e subversão cultural (→ 7. *desintegrador e degenerador* e → 16. *complôs de subversão*).

Michel Gherman (2021) descreve esse processo por meio da figura do "judeu imaginário", instrumentalizado por setores da extrema direita como forma de neutralizar acusações de antissemitismo. Em contrapartida, os "judeus reais", especialmente os progressistas, continuam sendo associados aos velhos estereótipos da tradição antissemita.

No Brasil, Olavo de Carvalho formulou explicitamente essa lógica ao sustentar que judeus progressistas seriam responsáveis pelo ódio dirigido ao próprio grupo, acusando-os de promover a "decomposição interna" do judaísmo e conclamando judeus conservadores a se dissociarem dos "traidores" (citado em GHERMAN, 2021).

Por fim, a ideia de que os judeus seriam responsáveis pelo antissemitismo contemporâneo alimenta também a reabilitação retrospectiva da figura de Adolf Hitler. A partir da demonização de Israel e dos judeus, discursos antissemitas contemporâneos passam a reinterpretar o genocídio nazista como reação preventiva ou justificável.

Clemens Heni observa que, durante a Guerra de Gaza de 2014, *slogans* pró-Hitler reapareceram em manifestações públicas europeias articulados ao antissionismo radical e à inversão do Holocausto (citado em WISTRICH, 2016). Alexis Chapelan e Matthew Bolton (2024) destacam que formulações como "Hitler estava certo" operam precisamente por meio da racionalização retroativa do genocídio, apresentando Hitler como alguém que teria compreendido corretamente o chamado "problema judaico".

COMO IDENTIFICAR?

- Discursos que estabelecem uma relação causal entre ações ou comportamentos de entidades judaicas e o antissemitismo.
- Caracterização do antissemitismo como fenômeno autoinfligido, legitimado por ações ou comportamentos judaicos.
- Atribuição de responsabilidade por episódios antissemitas à existência, às políticas ou às ações de Israel.
- Acionamento discursivo de lugares-comuns antigos, sob a forma de suspeição de que "judeus têm que ter alguma culpa" por serem perseguidos ao longo de séculos.
- Expressões que apresentem determinados "comportamentos judaicos" como provocadores naturais do ódio.
- Formulações "corretivas", como "parem de matar mulheres e crianças que o antissemitismo desaparece".

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais internacionais tendem a enquadrar como manifestações evidentes de antissemitismo discursos que culpam os próprios judeus pelo preconceito que sofrem, os dividem entre "bons" e "maus" segundo sua relação com Israel ou chegam a justificar o Holocausto. Esses elementos costumam ser interpretados à luz de três princípios centrais: responsabilização coletiva, justificação da violência e inversão entre vítima e agressor.

A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) aborda diretamente esse mecanismo ao considerar antissemita a atribuição de responsabilidade coletiva aos judeus por atos reais ou imaginários, bem como a imputação das ações do Estado de Israel ao conjunto do povo judeu. Quando essa lógica se radicaliza a ponto de racionalizar o extermínio nazista – como em afirmações do tipo "Hitler estava certo" –, ela passa também a constituir justificação ou promoção de violência antissemita.

A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), por sua vez, enfatiza a dimensão discriminatória da distinção entre "bons" e "maus" judeus. Sua diretriz 8 considera antissemita exigir que indivíduos judeus condenem publicamente Israel ou o sionismo como condição de legitimidade política ou moral.

A aplicação dessas definições envolve, contudo, zonas cinzentas importantes. A constatação empírica de que episódios de violência no Oriente Médio podem ser seguidos por aumento de incidentes antissemitas na diáspora não constitui, por si só, antissemitismo, desde que não implique justificativa ou legitimação dessas agressões.

De forma semelhante, críticas severas ao sionismo ou às políticas israelenses não são automaticamente antissemitas. A fronteira é ultrapassada quando tais posições passam a singularizar judeus enquanto coletivo, exigir deles testes de pureza ideológica ou convertê-los em responsáveis pelo preconceito que sofrem.

PARTE IV

Antissemitismo Relacionado a Israel e ao Sionismo

27. Inversão do Holocausto: Comparações Com o Nazismo

28. Responsabilização dos Judeus Pelas Ações do Estado de Israel

29 Israel Como Estado Colonial, Sionismo Como Ideologia Colonialista e Judeus Como Colonizadores

30. Israel Como Estado de Apartheid e “Sionismo = Racismo”

31. Israel Como Estado Genocida e o Sionismo Como Ideologia de Extermínio

32. Israel Como Estado Terrorista

33. Negação do Direito de Autodeterminação do Povo Judeu no Seu Lar Ancestral

34. Duplo Padrão

27. Inversão do Holocausto: Comparações Com o Nazismo

O lugar-comum da "inversão do Holocausto" refere-se a uma distorção específica da memória do Holocausto (→ 24. *negação e distorção do Holocausto*) na qual judeus ou o Estado de Israel são apresentados como equivalentes morais ou históricos dos nazistas (KLAFF, 2019). Essa operação simbólica inverte a relação entre vítima e perpetrador, sugerindo que os judeus – especialmente os israelenses – teriam "aprendido" com seus algozes e passado a reproduzir a violência de que foram vítimas. O efeito não é apenas a banalização do genocídio, mas a ativação de uma estratégia retórica antissemita que conduz à demonização de Israel (→ 2. *demonização*), à culpabilização dos judeus pelo antissemitismo, à relativização ou justificação do Holocausto (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*) e, no caso extremo, à reabilitação simbólica do nazismo (→39. *afirmação do nazismo, de Hitler e do Holocausto*). Trata-se de uma das modalidades mais sofisticadas do antissemitismo contemporâneo, justamente por se apresentar sob o vocabulário da crítica humanitária e dos direitos humanos universais, ao mesmo tempo que reativa estruturas clássicas de acusação coletiva contra os judeus.

Embora seu uso tenha se consolidado sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, a lógica que sustenta esse discurso – que instrumentaliza a gramática moral do Holocausto – antecede tanto a criação do Estado de Israel quanto o próprio término formal do conflito. O primeiro registro documentado dessa retórica encontra-se em memorandos do Gabinete Colonial Britânico, durante o Mandato Britânico da Palestina. Em março de 1945, dois meses antes da rendição nazista, o Alto Comissário da Palestina, Lord Gort, escreveu ao Secretário Colonial em Londres que "o estabelecimento de um Estado judeu na Palestina quase inevitavelmente significaria o renascimento do Nacional-Socialismo sob alguma forma". Pouco depois, Sir John Bagot Glubb, oficial britânico que comandaria o exército árabe jordaniano em 1948, afirmou que os "novos judeus" (sionistas) haviam copiado as técnicas nazistas e adotado "a teoria racial de Hitler" (KLAFF, 2019).

Esses documentos revelam uma possível gênese da inversão: a tentativa de deslegitimar o sionismo nascente por meio da equiparação moral entre os judeus e seus perseguidores. A lógica implícita é paradoxal, pois, ao mesmo tempo que reconhece o genocídio dos judeus pelos nazistas, o esvazia de singularidade histórica e o converte em instrumento contra a autodeterminação do próprio povo judeu.

Nas décadas seguintes, essa retórica foi institucionalizada pela propaganda soviética como parte da guerra ideológica contra o Ocidente e contra Israel. A partir dos julgamentos stalinistas do pós-Guerra, o sionismo passou a ser retratado como uma *conspiração internacional* (capítulo 17) voltada à destruição do socialismo (TABAROVSKY, 2024). O "sionista", então, converteu-se em rótulo perigoso, usado para designar supostos inimigos internos (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*; → 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade*). A campanha atingiu seu auge após a vitória israelense na Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, interpretada em Moscou como um grave revés estratégico à influência soviética no Oriente Médio. Em resposta, o regime soviético, que havia inicialmente apoiado a criação do Estado de Israel, desencadeou, entre outras medidas, uma ampla ofensiva propagandística. Ainda em agosto de 1967, circulou simultaneamente em diversos órgãos de imprensa o artigo programático "O que é o Sionismo?", assinado por Yuri Ivanov, então membro da KGB e do Comitê Central, que se tornaria um dos principais teóricos do antissionismo soviético. O texto consolidou a linha de leitura que passaria a orientar a produção oficial: o sionismo como fenômeno "racista", "imperialista" e intrinsecamente hostil ao socialismo.

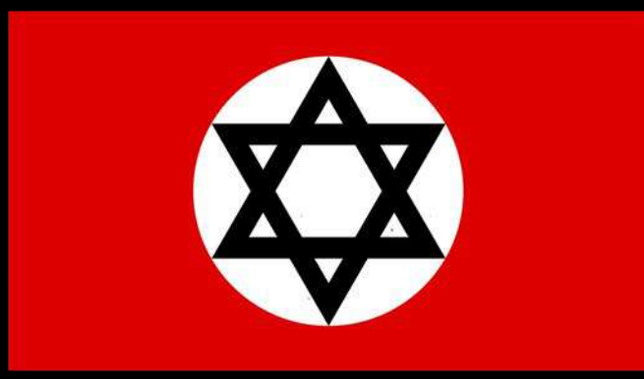
Nos anos seguintes, a campanha ganhou uma estrutura institucional. Em 1º de fevereiro de 1972, o Comitê Central do PCUS expediu uma diretriz para intensificar o combate às atividades "antissoviéticas e anticomunistas do sionismo internacional". Em seguida, a Seção de Ciências Sociais da Academia de Ciências criou uma comissão permanente para coordenar a crítica "científica" ao sionismo, sediada no Instituto de Estudos Orientais. Sob esse guarda-chuva, consolidou-se o chamado "antissionismo científico", que alimentou um programa editorial de livros, dossiês e panfletos multilíngues com forte patrocínio estatal (TABAROVSKY, 2024).

Um dos momentos culminantes desse processo foi a consolidação do mito da colaboração nazi-judaica durante a Holocausto. Segundo essa construção discursiva, o movimento sionista teria negligenciado deliberadamente o sofrimento dos judeus europeus ou instrumentalizado a perseguição nazista para obter concessões políticas no contexto do Mandato Britânico. Como principal evidência dessa suposta colaboração, a propaganda soviética recorria ao Acordo de Haavara (1933), que permitiu a transferência de pessoas e bens para a Palestina. Tais negociações, no entanto, ocorreram sob coerção extrema, em um contexto de perseguição crescente, no qual os sionistas não dispunham de qualquer poder real de barganha (NICOSIA, 2012; SEGEV, 2000).

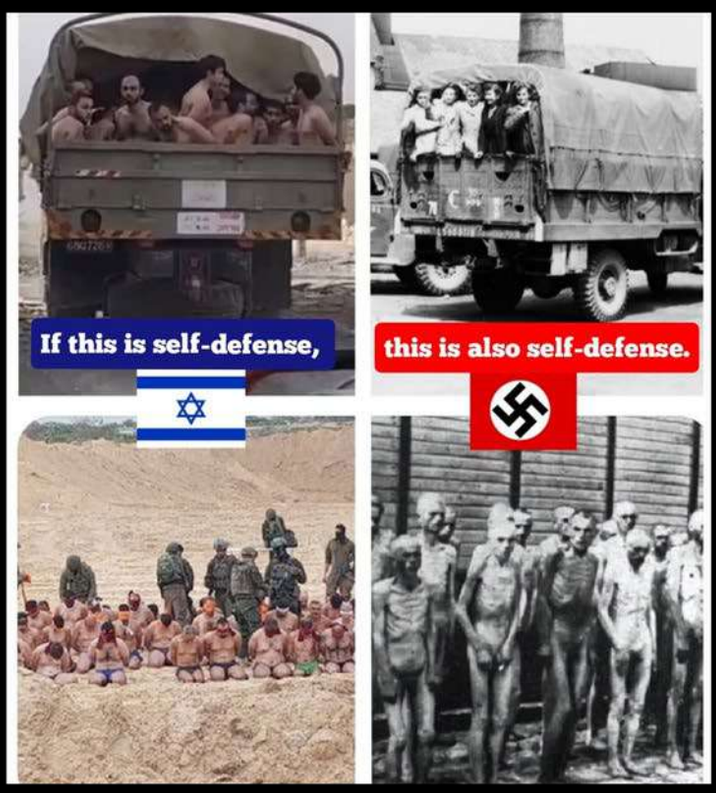
As circunstâncias do acordo foram as seguintes: quando o Partido Nazista chegou ao poder na Alemanha, autorizou a emigração de judeus sob a condição de que seus bens fossem abandonados ao Estado alemão. Ao mesmo tempo, o Reino Unido condicionava a imigração para a Palestina à posse de determinado capital. Diante desse quadro, representantes sionistas alemães e a Agência Judaica propuseram ao regime nazista um acordo de transferência: judeus alemães poderiam emigrar para a Palestina mediante a conversão de seu capital em equipamentos e produtos agrícolas destinada à Alemanha. Para os nazistas, o acordo apresentava vantagens evidentes: expulsar judeus, espoliá-los e enfraquecer a campanha internacional de boicote aos produtos alemães; para os sionistas alemães, tratava-se de viabilizar uma rota de fuga do nazismo e, simultaneamente, fortalecer a presença judaica na Palestina. O acordo, revogado em 1939 com a implementação da "política de arianização" pelo regime nazista – que passou a confiscar diretamente os bens dos judeus alemães –, possibilitou a emigração de aproximadamente 60 mil judeus. Ele suscitou, contudo,

Comecei a ver uma série e o assunto é sobre um grupo de judeus exterminando nazistas que os torturaram nos campos de concentração.
Aí vou confessar aqui. Se antes os nazistas me inspiravam nojo, asco, repulsa, só consigo pensar em Gaza quando vejo os judeus heróis da História, um povo que cometeu ou assistiu e permitiu atrocidades iguais contra os palestinos.
Eu não deveria generalizar, sei demais que "nem todos", mas sou honesta ao dizer que meu coração não está aberto para as exceções.
Aos meus olhos e no meu sentimento, era como assistir filme de duas facções criminosas lutando entre si, não consegui empatizar com nenhum dos lados.
Não consegui continuar, desisti. E não me envergonho de expressar meu sentimento.
Os judeus que por ventura sejam "bonzinhos" não realizaram nada com sangue nos olhos para impedir o massacre e a dominação que só avançam.
Expresso aqui meus mais sinceros sentimentos de luto por uma indignação que perdi ao ver que são lobos contra lobos como talvez seja toda a humanidade.
Mas confesso que perdi.
E podem me julgar à vontade que eu não ligo.

NÃO HÁ NADA MAIS PARECIDO COM O HOLOCAUSTO DO POVO JUDEU DO QUE O GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO.



São piores que os nazistas, não são judeus. São bestas!

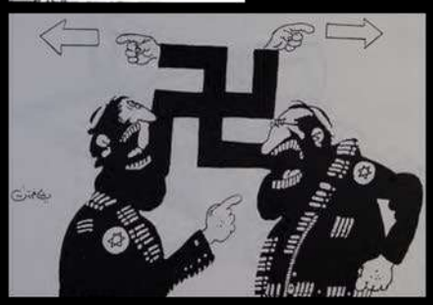


Show translation
judeus são piores que nazistas

Superaram os alemães em tudo
170 curtidas Responder

De Auschwitz a Gaza

Gaza foi transformada no maior campo de concentração a céu aberto jamais conhecido pela humanidade



intensas controvérsias no interior da resistência judaica e do próprio movimento sionista (PARDO; DELOR, 2024), sendo qualificado pelo historiador Pierre Vidal-Naquet (1992), em *Assassins of Memory*, como uma "colaboração entre a corda e o enforcado".

A acusação de uma suposta colusão entre sionismo e nazismo apoia-se na tese de que o movimento sionista teria sido um aliado objetivo do regime hitlerista em uma guerra caracterizada como essencialmente anticomunista. Essa leitura, contudo, obscurece o engajamento efetivo do sionismo no combate ao nazismo antes, durante e após a Holocausto, inclusive no âmbito dos exércitos aliados e das redes de resistência. Além disso, ela desvia a atenção de compromissos políticos historicamente mais relevantes, como o pacto de não agressão firmado entre a União Soviética e a Alemanha nazista em agosto de 1939, acompanhado do acordo para a partilha da Polônia. O fato de que a constatação desse pacto não gere acusações consideradas legítimas de assimilação do marxismo ou da União Soviética ao nazismo evidencia o caráter seletivo e instrumental da imputação de "colaboração" dirigida ao sionismo (PARDO; DELOR, 2024).

Um exemplo central da cristalização da retórica de colusão "nazi-sionista" – e de sua posterior recepção no mundo árabe – é a tese de doutorado do atual presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, defendida em 1982 no Instituto de Estudos Orientais da Academia de Ciências de Moscou, sob o título *A Relação Entre Sionistas e Nazistas, 1933-1945*. O resumo da tese, disponível na Biblioteca Nacional de Israel, apresenta o sionismo como "um inimigo astuto e perigoso do socialismo" e sustenta que o movimento teria colaborado com o nazismo para alcançar seus objetivos políticos (TABAROVSKY, 2023). O trabalho conclui que o Estado de Israel seria o "produto inevitável" dessa suposta colaboração entre sionismo e fascismo. Longe de ser uma formulação original, essa narrativa reproduzia fielmente o modelo imposto pela doutrina soviética do "antissionismo como ciência". Segundo Izabella Tabarovsky (2023), a dissertação de Abbas circulou amplamente em universidades árabes, contribuindo para a consolidação da tese da equivalência moral entre Israel e o Terceiro Reich, hoje recorrente em discursos políticos e culturais da Autoridade Palestina e de outros setores antissionistas.

Essa perspectiva foi posteriormente amplificada e institucionalizada na própria União Soviética, em 1985, com a publicação do panfleto *Aliança Criminosa Entre Sionismo e Nazismo*, elaborado pelo Comitê Antissionista do Público Soviético (AKSO) e difundido pela agência Novosti. Apresentado como um dossiê documental, o texto alegava reunir "provas irrefutáveis" da colaboração sionista com o Terceiro Reich e, por extensão, atribuía aos sionistas a responsabilidade por crimes cometidos contra judeus, eslavos e outros povos europeus (TABAROVSKY, 2024). Consolidou-se, assim, uma retórica conspiratória que justificava a equiparação do sionismo ao nazismo e de Israel ao Terceiro Reich. Ao fazer isso, a propaganda antissionista soviética transformou o Holocausto em arma política, substituindo o antissemitismo religioso ou racial por um antissemitismo político e ideológico, a partir de um repertório anti-imperialista e anticolonial.

No mundo Árabe, segundo Küntzel (2023), haveria uma percepção amplamente difundida de que o reconhecimento do Holocausto equivaleria ao reconhecimento da legitimidade de Israel, e por isso líderes e intelectuais sentir-se-iam obrigados a negar ou distorcer a realidade histórica do genocídio nazista para não validar o direito dos judeus a um estado próprio. Assim, a inversão do Holocausto servia a fins geopolíticos específicos. Já em 1953, Gamal Abdel Nasser, dirigente do Egito, mobilizava analogias com o Holocausto para caracterizar a guerra de 1948. Em uma de suas declarações públicas, descreveu o conflito como "o Holocausto palestino" (HARKABI, 1972), formulação cuja recorrência discursiva ecoa até os nossos dias. Nos anos 1990, charges invertendo o Holocausto eram amplamente publicadas na imprensa árabe. O jornal estatal sírio *Tishrin*, por exemplo, publicava caricaturas que comparavam soldados israelenses a nazistas, afirmando que os crimes dos primeiros eram maiores e piores, e o jornal *Al-Gumhuria* do Egito, charges que descreviam Israel como uma entidade fascista que "marcha sobre crânios", utilizando a legenda "Israel Uber Alles" (STAV, 1999).

Assim, o impacto da produção propagandística da União Soviética foi amplo e duradouro. Ela pavimentou o caminho para que, em 1975, fosse aprovada, na Assembleia Geral das Nações Unidas, a Resolução 3379, que declarava que "o sionismo é uma forma de racismo e discriminação racial" (→ 30. *Israel como estado de apartheid e "sionismo = racismo"*). A resolução, impulsionada pela diplomacia soviética e pelo bloco árabe, contribuiu para difundir no sistema internacional a equivalência entre sionismo e nazismo (HERF, 2016). Embora revogada em 1991, seu legado discursivo persiste, alimentando narrativas que equiparam a *Nakba* à Holocausto, as Forças de Defesa de Israel à SS, e a Faixa de Gaza a campos de extermínio. Como analisa Deborah Lipstadt, essa analogia produz dois efeitos simultâneos: superdimensiona o suposto "mal israelense" e rebaixa a gravidade do mal nazista (LIPSTADT, 2009).

Outra consequência da inversão é o apagamento da centralidade do antissemitismo na ideologia racial nazista. O nazismo, por definição, excluía qualquer possibilidade de identidade judaica: era uma doutrina intrinsecamente antijudaica, que não via os judeus apenas como adversários políticos ou religiosos, mas como uma "raça degenerada" ou mesmo uma "antirraça", biologicamente perversa e essencialmente destrutiva. Nessa construção, os judeus eram concebidos como um mal total e abstrato, os responsáveis física e espiritualmente por tudo o que supostamente *corrompia a sociedade moderna* (capítulo 7): do *capitalismo* ao *comunismo*, da *decadência moral à impureza nacional* (capítulos 14, 16 e 8). Ao projetar judeus e o Estado judeu como "nazistas", desloca-se o foco do aspecto mais singular e estruturante da ideologia do Terceiro Reich, o antissemitismo, apagando-se sua centralidade.

Esse conjunto de comparações e acusações de colusão corresponde ao que se pode denominar *soft-core denial*: uma forma sutil de negação que não rejeita a existência do Holocausto, mas apaga elementos centrais de sua história e o instrumentaliza para atacar judeus (KLAFF, 2014). Essa modalidade de negação não opera pela falsificação direta, e sim pela inversão simbólica: ao transformar as vítimas em algozes, preserva a memória formal do Holocausto enquanto

esvazia seu sentido histórico e ético, quase sempre com o objetivo de inverter responsabilidades e transferir a culpa dos perpetradores para as próprias vítimas. Se judeus, israelenses ou sionistas são retratados como "os novos nazistas", então a própria Holocausto perde sua gravidade moral e histórica. Esse tipo de enquadramento aparece, por exemplo, em materiais produzidos pelo *Institute for Historical Review* (IHR), organização negacionista do Holocausto, nos quais o acordo de Haavara é apresentado como suposta evidência de colaboração e afinidade judaico-nazista.

Levadas ao limite, essas distorções conduzem a uma consequência ainda mais grave, a *justificação do Holocausto* (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*), pois convergem para uma mesma conclusão: a ideia de que, se os nazistas tivessem obtido êxito total em seu projeto genocida, o "mal" representado pelos judeus – agora projetado sobre Israel – teria sido erradicado. Em outras palavras, a retórica da inversão opera uma *reabilitação simbólica do nazismo* (→ 39. *afirmação do nazismo, de Hitler e do Holocausto*), sugerindo que o extermínio dos judeus poderia ser reinterpretado como uma espécie de "prevenção" do mal contemporâneo. Tal expediente retórico permitiu, por exemplo, ao ex-líder da Ku Klux Klan, David Duke, declarar em seu livro *Jewish Supremacism* (2003) que "os verdadeiros nazistas do nosso tempo são os supremacistas judeus que governam Israel" e que "os judeus aprenderam com Hitler" (LIPSTADT, 2019).

Além disso, a comparação entre Israel e o nazismo pode funcionar como um mecanismo de inversão destinado a apagar ou relativizar episódios historicamente documentados de cumplicidade e colaboração ativa de lideranças islamistas na Palestina com o regime nazista visando ao extermínio dos judeus. O caso paradigmático é o de Amin al-Husseini, nomeado Grão-Mufti de Jerusalém pelas autoridades britânicas, presidente do Supremo Conselho Muçulmano e fundador do Congresso Mundial Islâmico. Considerado por Hitler a "voz decisiva nos assuntos árabes" e o verdadeiro líder (*Führer*) dos árabes, al-Husseini viveu em Berlim durante a Segunda Guerra Mundial, recrutou dezenas de milhares de muçulmanos bósnios para o esforço de guerra alemão – incluindo a divisão Handschar da SS – e utilizou a rádio nazista para transmitir discursos em árabe ao Oriente Médio incitando muçulmanos a "matar os judeus onde quer que fossem encontrados". Ele obteve de Hitler a promessa explícita de que, assim que as tropas alemãs alcançassem o sul do Cáucaso, o objetivo seria a "aniquilação dos judeus que vivem sob a proteção britânica na região árabe". Al-Husseini é descrito como uma figura central na transformação do conflito territorial na Palestina em uma guerra religiosa de alcance global e de caráter eliminacionista (KÜNTZEL, 2023; PATTERSON, 2010).

O caso da Irmandade Muçulmana no Egito também é ilustrativo. A organização passou a receber, a partir de 1937, financiamento, apoio logístico e explosivos do regime nazista, sob ordens de Joseph Goebbels, que via o grupo como um "parceiro natural" em razão de sua capacidade de mobilização de massas. Em contrapartida, os nazistas utilizaram a infraestrutura da Irmandade para difundir a ideia de que o sionismo constituía uma ameaça existencial ao islã, também contribuindo para a transformação de um conflito territorial em uma "guerra religiosa de vida ou morte" (KÜNTZEL, 2023).

O Hamas, ramo palestino da Irmandade Muçulmana, herda esse legado ao mesmo tempo que, em sua carta de fundação de 1988, descreve os judeus, nos artigos 31 e 32, como "nazistas", afirmando ainda que eles controlariam os meios de comunicação e as finanças mundiais. Dessa forma, o documento combina elementos de inversão moral com teorias conspiratórias para fundamentar, em chave teológica, a destruição de Israel (WILSON CENTER, 2023). O caráter paradoxal dessa retórica torna-se particularmente evidente quando a própria carta, nos artigos 20 e 22, recorre explicitamente aos *Protocolos dos Sábios de Sião*, ao afirmar que "o plano sionista não tem limites [...] está exposto nos *Protocolos dos Sábios de Sião*, e o comportamento deles, no presente, é a melhor prova daquilo que lá está dito" (PIMENTA, 2024). Trata-se, assim, da utilização de um texto antissemita que inspirou a propaganda nazista para acusar os próprios judeus de serem "os novos nazistas".

A inversão do Holocausto, nesse sentido, cumpre uma dupla função. Por um lado, nega a singularidade do Holocausto ao desconsiderar sua especificidade antissemita. Por outro, atua como um mecanismo de expiação simbólica, projetando a culpa sobre as próprias vítimas históricas e atribuindo a Israel o papel de perpetrador (BECKER, 2024). Essa transferência de culpa corresponde ao que Theodor Adorno descreve como projeção: o sujeito social, incapaz de confrontar sua própria barbárie, desloca-a para o outro e a imputa aos judeus (HORKHEIMER; ADORNO, 2006).

A partir dos anos 2000, a inversão do Holocausto consolidou-se como libelo recorrente do discurso antissionista, com particular visibilidade na Europa e na América Latina. Em protestos, redes sociais e universidades, *slogans* como "Israel é o novo nazismo", "Gaza é o Gueto de Varsóvia" e "Os judeus estão fazendo o que Hitler fez com eles" reatualizam esse mecanismo retórico (BECKER, 2024) e reativam um imaginário antijudaico de longa duração, centrado na *demonização* (→ 2.). Nessa lógica, o Estado de Israel é projetado como *mal absoluto* da contemporaneidade (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*), em espelhamento com o paradigma de mal absoluto do século XX, o regime nazista. Por extensão, judeus que se identificam com a sociedade israelense ou defendem a existência do Estado judeu passam a ser simbolicamente marcados como representantes últimos desse mal.

Essa lógica discursiva reaparece também no plano político contemporâneo. Em 2013, e em diversas outras ocasiões, o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan – cujo partido, o AKP, compartilha raízes ideológicas com a Irmandade Muçulmana – comparou a política israelense em relação aos palestinos à política nazista em relação aos judeus, descrevendo Israel como um país "fascista e racista" no qual o "espírito de Adolf Hitler teria ressurgido" (KÜNTZEL, 2023). Na esquerda europeia contemporânea, o ex-prefeito de Londres, Ken Livingstone, por exemplo, afirmou em 2016 que "Hitler apoiava o sionismo antes de enlouquecer e matar seis milhões de judeus" (BOGDANOR, 2016), ecoando a propaganda soviética dos anos 1970 sobre uma suposta aliança entre nazismo e sionismo. Também são inúmeras as comparações, feitas por líderes políticos na América Latina, entre o sionismo e Israel com a Alemanha nazista, e da guerra em Gaza com a Holocausto. Ainda que frequentemente disfarçada sob a aparência de um humanismo crítico ou de uma denúncia moral universalista, essa atitude constitui uma forma de antissemitismo. Trata-se de uma maneira peculiar

de reabrir a ferida do genocídio judeu e lançá-la contra os próprios sobreviventes e seus descendentes, por meio de uma acusação implícita e devastadora: a de que "vocês não são diferentes daqueles que mais os odiaram".

Esse processo torna-se mais inteligível quando analisado em perspectiva comparativa. Em um cenário internacional marcado por múltiplos conflitos armados e por graves violações de direitos humanos, observa-se que apenas Israel – o Estado nacional do povo judeu e país no qual reside a maior população de sobreviventes do genocídio nazista e de seus descendentes – é sistematicamente submetido à analogia com a Alemanha hitlerista (→ 34. *duplo padrão*). A recorrência dessa comparação não pode ser explicada apenas por critérios de gravidade factual ou de intensidade do conflito, uma vez que ela não se aplica de forma equivalente a outros casos contemporâneos.

COMO IDENTIFICAR?

- Declarações que comparem judeus, Israel, israelenses e/ou o sionismo – bem como instituições judaicas ou israelenses e indivíduos judeus ou israelenses de grande notoriedade – com entidades correspondentes (regime, ideologia, instituições, atores etc). da Alemanha nazista.
- Equiparações diretas entre processos políticos ou ações de judeus, Israel, israelenses e/ou o sionismo com ações perpetradas pela Alemanha nazista.
- Analogias contemporâneas que equiparem judeus, Israel, israelenses e/ou o sionismo a movimentos ou ideologias atuais que apoiam o nazismo, como o neonazismo.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) estabelece uma linha vermelha clara ao classificar como antissemita "traçar comparações entre a política israelense contemporânea e a dos nazistas", em razão da singularidade do Holocausto e do efeito de inversão entre vítimas e perpetradores. As zonas cinzentas surgem sobretudo nas analogias com o fascismo: diferentemente do nazismo, o fascismo teve expressões históricas diversas que não se estruturaram necessariamente em torno do genocídio dos judeus. Assim, o uso do termo para criticar atores políticos específicos, partidos ou tendências autoritárias pode constituir crítica política legítima, ainda que hiperbólica, dependendo do contexto. Torna-se antissemita, contudo, quando a acusação é sistêmica e essencializante, retratando o Estado de Israel ou a sociedade israelense como intrinsecamente nazistas ou fascistas. Do mesmo modo, nem toda referência ao Holocausto no debate israelo-palestino configura inversão: usos universais e pedagógicos da memória do Holocausto, como alerta contra racismo e violência, não distorcem seu significado nem visam demonizar judeus ou Israel. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo*, por sua vez, não inclui essa analogia entre seus exemplos explícitos, mas afirma que "comparações históricas não são antissemitas por si mesmas", sugerindo que comparações com o nazismo poderiam ser consideradas legítimas.

28. Responsabilização dos Judeus Pelas Ações do Estado de Israel

Trata-se do lugar-comum que funde judeus e Estado de Israel em um bloco único e indivisível, apagando as distinções entre o Estado, a sociedade civil israelense e as comunidades judaicas da diáspora. Parte-se da premissa de que todos os judeus seriam responsáveis, ou mesmo "cúmplices", pelas políticas israelenses. Também inclui a avaliação das ações do Estado de Israel como meras manifestações de uma conspiração internacional judaica, justificando sua hostilidade ao sionismo como instância particular de uma luta mais ampla contra os judeus do mundo.

A aplicação de generalizações a indivíduos ou grupos com base em sua origem nacional, étnica ou religiosa constitui uma prática discriminatória em sentido amplo, pois suprime a autonomia moral e política dos sujeitos ao reduzi-los a identidades essencializadas. Essa responsabilização coletiva assume caráter especificamente antissemita quando mobiliza, de modo explícito ou implícito, lugares-comuns antijudaicos clássicos e modernos, como as acusações de dupla lealdade e de conspiração judaica (→ 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade*; → 15. *dominação mundial*), e quando se articula a discursos que *culpabilizam os judeus pelo próprio antissemitismo* (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*) ou demandam dos judeus que *neguem o direito de existência do Estado de Israel* (→ 33. *negação do direito de existência de Israel*) para serem desresponsabilizados.

Do ponto de vista histórico, a culpabilização – ou responsabilização coletiva – dos judeus é uma das formas mais antigas e persistentes de estigmatização dirigidas ao grupo. Esse mecanismo foi estruturante da acusação do *deicídio* (→ 1) segundo a qual os judeus seriam coletiva e transgeracionalmente responsáveis pela morte de Jesus Cristo, passando a carregar uma culpa perpétua que, ao longo de quase dois milênios, serviu para legitimar práticas de dominação, exclusão, violência e extermínio (PLACZYNTA, 2024). Outros exemplos são amplamente documentados por Léon Poliakov (2003) em *The History of Anti-Semitism*. Já durante a Primeira Cruzada, comunidades judaicas inteiras foram massacradas na Europa sob a lógica de responsabilidade coletiva. Um ponto de inflexão ocorre em 1298, na Alemanha, quando acusações de profanação de hóstia levaram ao extermínio de milhares de judeus. Como observa Poliakov, a novidade residia no fato de que "pela primeira vez, todos os judeus do país foram responsabilizados por um crime imputado a um ou no máximo a alguns judeus". A mesma lógica reaparece durante a Peste Negra, quando os judeus foram acusados coletivamente de envenenar poços e assim, segundo o autor, "foram promovidos em grande escala ao seu papel de bode expiatório". Em Estrasburgo, por exemplo, cerca de dois mil judeus foram queimados vivos, independentemente de qualquer culpa individual.

Na Península Ibérica, a culpabilização coletiva assume um caráter biológico com a doutrina da "pureza de sangue": a condição judaica passa a ser concebida como culpa hereditária. Frei Torrejoncillos (1673) afirmava que o ódio aos cristãos era um "pecado original" transmitido pelo sangue, sustentando que "não é necessário ter pai e mãe judeus; um dos pais bastaria... Meio seria suficiente. Até menos... Um oitavo". Nos séculos XIX e XX, essa lógica reaparece em chave política. Na Rússia czarista, os judeus foram responsabilizados tanto pela miséria camponesa quanto pela revolução. Alexandre III justificava os pogroms afirmando que os judeus eram "demasiado odiados", enquanto Nicolau II atribuía a Revolução de 1905 ao fato de que "nove décimos" dos revolucionários seriam judeus. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha difundiu a lenda da "punhalada pelas costas", imputando aos judeus alemães a derrota militar. Essa culpabilização atingiu escala global com a identificação dos judeus com o bolchevismo, expressa na afirmação do escritor Hilaire Belloc de que a "explosão bolchevique foi judaica", legitimando novas ondas de violência coletiva (POLIAKOV, 2003d).

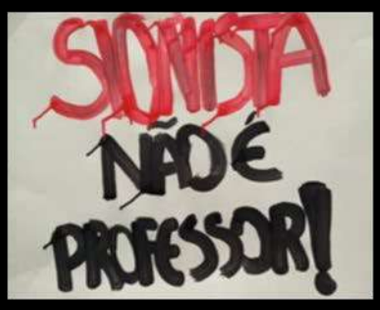
Albert Memmi, em *Portrait d'un juif* (Retrato de um Judeu, 1962), observa que a chamada "condição judaica" é atravessada pela permanência da acusação e da culpabilização, sempre contínuas, coletivas e globais. Trata-se de uma lógica que ultrapassa as ações individuais e recai sobre uma figura abstrata e mítica do "Judeu", concebida como portadora de uma culpa permanente. Essa construção simbólica sustenta um universo de hostilidade e exclusão que atinge o conjunto dos judeus, independentemente de suas condutas, crenças ou posições políticas. É nesse sentido que Memmi formula, com ironia e indignação, a pergunta que permanece atual: "com que direito se sobrecarrega o presente de um povo, e de cada indivíduo, com o peso assustador de uma história longínqua e incerta, como todas as histórias?"

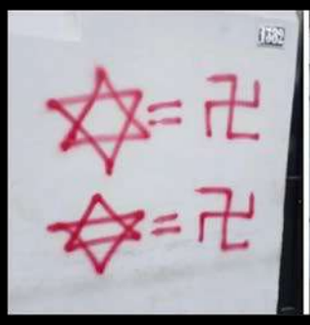
Do ponto de vista das ciências sociais, a responsabilização coletiva, na modernidade, é amplamente identificada como um dos mecanismos centrais dos processos de racialização. Como observa Tzvetan Todorov (1993), uma das marcas constitutivas do racismo consiste em reduzir o indivíduo à condição de representante de uma categoria abstrata, tomando a conduta de uma como definidora do todo. Em contextos de conflito político ou social, esse mecanismo tende a se manifestar por meio de dois movimentos complementares:

- Desindividualização: processo pelo qual judeus portadores de identidades, trajetórias, posições políticas e nacionalidades distintas são convertidos em uma massa homogênea e indiferenciada;

- Transposição de culpa: mecanismo pelo qual se atribuem a esse coletivo homogeneizado atos que não foram por ele cometidos, sobretudo quando os agentes reais da ação são instâncias abstratas ou distantes, como governos, Estados ou sistemas políticos.

Ao tratar todos os judeus, independentemente de sua nacionalidade, crenças ou posições políticas, como "representantes" do Estado de Israel, reproduz-se a ideia de que formariam um corpo único, homogêneo e solidário em todas as suas ações, uma "mentalidade de colmeia", por assim dizer. Essa concepção dissolve o indivíduo em uma entidade suspeita, retomando estereótipos antigos





Patéticos. Vcs são cúmplices e agentes do genocídio palestino! Seus ancestrais teriam nojo de vcs

Aqueles que apoiaram o genocídio israelense em Gaza devem prestar contas, mesmo que passem o resto de suas vidas em expiação.

[redacted] pelo contrário conheço bem judeus antissionistas, ele nao é um desses e foi justamente o motivo que parei de seguir em 2024 por postagens colocando o hamas e israel como equivalentes e chamando de antissemita quem condenava "apenas um lado". ele condena sim netanyahu, mas nunca a existência do estado de israel, que é a base da doutrina sionista.

Responder

[redacted] comentou: Os judeus serão atacados em todo o mundo depois do que os sionistas fizeram em Gaza...sinto muito mas é a lei do retorno😢 40 s

Responder

Translate post

Todo sionista é um covarde mentiroso que se esconde atrás da religião.

Há tempos venho dizendo: se todos os judeus do mundo tivessem se unido para repudiar publicamente o genocídio dos palestinos, esse horror já teria tido um fim. Mas a verdade é que a maioria dos judeus ficaram calados, só uns poucos se manifestaram contra Israel. Eles se esqueceram do que sofreram sob o nazismo ou são coniventes com a invasão da Palestina e as perversidades cometidas por Israel?

Todos os judeus que não criticam pública e abertamente o estado de "israel" devem ser considerados cúmplices de genocídio, de atos terroristas, de roubo de terras e de todos os outros crimes contra a humanidade praticados contra o povo palestino.

5 d Curtir Responder 2

Aqui também. Rompi com clientes e fornecedores.

5 d Curtir Responder 4

Amaldiçoado seja todo crente judeu que apoia isso. Precisamos começar a por fogo em 🕍 sinagogas bo Brasil e chutar essa judeuzada pra bem longe.

PF prende terroristas ligados ao Hezbollah e que planejavam ataques no Brasil

De acordo com a investigação, alvos seriam prédios da comunidade judaica no Brasil, inclusive sinagogas

[redacted] X.com

Só para vocês terem um contexto, o ataque em Bondi Beach aconteceu durante um evento local do movimento Chabad.

Chabad é uma organização racista e genocida que atua como um agente estrangeiro de Israel em todo o mundo.

[redacted] · 3k visualizações

[redacted] 2 sem

Os judeus são TODOS responsáveis pelo que acontece!

1 curtida Responder

[redacted] 17 h

NENHUM israelense é inocente

Responder

Iberia serves Jewish passenger a kosher meal with 'Free Palestine' written on it

[redacted] 17 h

Na boa! Isso não é um protesto. Isso é infantil, querem protestar, vão em frente ao consulado de Israel, museu Judaico, higienópolis, bom retiro, escolas de Judeus, em Higienópolis tem um monte. Agora isso aí não é protesto.

Responder Ver tradução 2

É de conhecimento da associação, especialmente de [redacted] (uma pessoa tão dedicada a justiça social e causas solidárias) que [redacted] é uma assídua apoiadora do genocídio contra o povo palestino? Lamentável uma pessoa que desvaloriza a vida e apoia em tempo real o maior massacre no século XXI, ocupe um espaço de relevância como este.
Solicito a [redacted] : que se posicione e não deixe a frente de uma associação tão relevante para sociedade, uma pessoa com valores tão distorcidos e egoísta!

INTERNACIONAL

Todo judeu deve ser anti-sionista com convicção

Os Judeus precisam se manifestar e se distanciar deste genocídio. Se não o fizerem serão responsabilizados pela história como são os alemãs. 🤔

Já passou da hora do Brasil enfrentar os mais de 120 mil Sionistas israelenses q moram aqui no nosso País...estão junto à CONIB mentindo em todos os cantos....essa gente como o FDP DO terrorista embaixador são perigosos aqui no Brasil...

Responder 2

Essa barbárie que testemunhamos em nosso tempo histórico pelo menos retirou o véu que encobria a hipocrisia dos indiferentes... Por enquanto, o que podemos fazer é não dispensar mais qualquer respeito por eles.

5 d Curtir Responder 3

Quem era o casal de Israel assassinado em ataque a tiros em Museu Judaico dos EUA?

Translate post

Ae, [redacted] , defendam mesmo a judeuzada.
Não é só o governo que é genocida, grande parte da população judia também quer que Palestinos morram e parem de reclamar a terra que antes do absurdo de 1948 era deles.
Mais entretenimento e menos ativismo, deixa isso pra Globo.

O [redacted] ainda não denunciou o genocídio em Gaza. Me bloqueou por questioná lo.

8 curtidas Responder

O sionismo do regime genocida israelense e a estratégia sionista de confundir sionismo com semitismo está novamente colocando judeus como criminosos e assassinos desumanos.
Grupos como a Conib colaboram ainda mais para isso
Os judeus de verdade precisam se posicionar contra isso

Se 10 pessoas estiverem sentadas em uma mesa e chegar um sionista, sentar-se e ninguém levantar, então teremos 11 sionistas na mesa. 5418

Concordo plenamente com a expulsão de sionistas do PT.

A CONIB é a perpetuação de todos esses grupos terr0Ristas sionistas!

Não há como defender Israel. É inadmissível, qualquer mas... isso, mas aquilo. Nosso silêncio para não magoar amigos judeus também já está absolutamente excedido. Cada vez mais as pessoas judias deveriam deixar bem claro que ser judeu não significa ser Israelense sob pena de serem confundidos com um país invasor, imperialista e genocida. Israel precisa aprender a conviver com seus limites para continuar sendo um país em meio de outros. Os judeus precisam definitivamente tomar posição sob pena de criarem mais perseguições pelo mundo, ou são judeus ou são Israelense, se forem Israelenses devem ir combater em seu pais.

Eu já me perguntei porquê tanto ódio ao povo judeu ao longo de eras e em pleno 2025 eles se esforçam para demonstrar ao mundo globalizado os motivos.

Responder

[redacted] 88 8 h

Porquê não fazem Atos em frente a Escola Israelita na [redacted] em Poa e na mesquita no Bom Fim ? Tem que bater de frente para levantar o debate e fazer pressão, mas estes atos devem ser em todo o Brasil, pois deve existir nas mesquitas e escolas israelitas pelo Brasil

Responder

[redacted] 🇵🇸🇵🇸🇵🇸

Translate post

Todo sionista é um pervertido

Ataque em sinagoga de Manchester durante Yom Kipur deixa ao menos 2 mortos e 4 feridos; o que se sabe

Translate post

que todo sionista morra com uma bala de fuzil no meio da testa tudo de ruim é pouco ainda

Os nazistas não vão parar. Quando Trump abrir o seu resort em Gaza, os ricos de Higienópolis não vão mais ter desculpas esfarrapadas: serão todos culpados pelo genocídio.

RESPONDA 3 DENUN

segundo os quais os judeus seriam eternos *estrangeiros* (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*), incapazes de pertencimento pleno aos países onde vivem, manifestando apenas uma lealdade "exterior" e promovendo, em segredo, uma agenda contrária aos interesses nacionais. A acusação de dupla lealdade (→ 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade*), nesse sentido, foi historicamente usada para marginalizar os judeus e questionar sua cidadania – como ocorreu, entre tantos outros casos e países, na França, no notório Caso Dreyfus.

Tais acusações são frequentemente ligadas, no imaginário coletivo, a uma conspiração judaica mundial (→ 15. *dominação mundial*). Como observa Placzynta (2024), essa narrativa antecede a própria fundação de Israel: já antes de 1948, o objetivo da instauração de um "Estado judeu" figurava no discurso antissemita como um dos objetivos dessa suposta conspiração (WISTRICH, 1992). No comentário que escreveu aos *Protocolos dos Sábios de Sião* em 1936, o "imortal" da Academia Brasileira de Letras, Gustavo Barroso, estabelece uma relação direta entre o objetivo de fundação do Estado de Israel – descrito como a "reconstrução do trono de Davi" – e o suposto complô judaico de dominação mundial. Para tanto, cita um suposto poeta judeu, Luiz Levy, a quem atribui a seguinte imagem conspiratória: "Jerusalém será a aranha laboriosa tecendo uma teia, cujos fios de eletricidade e de ouro envolverão o mundo. O centro da teia, de onde partirão todos os fios, será Jerusalém." Neste mesmo panfleto, Barroso afirma que o "rei dos judeus será o verdadeiro papa do universo, o patriarca da Igreja Internacional" (BARROSO, 1936).

Não surpreende, nesse contexto, a convergência com a interpretação formulada por Adolf Hitler, que igualmente associava o sionismo ao projeto de dominação mundial falsamente atribuído aos judeus pelos *Protocolos*. Em *Mein Kampf*, ele sustenta que os judeus "não cogitam absolutamente de implantar na Palestina um Estado para ali viverem. O que eles desejam é, unicamente, um centro de organização autônomo, ao abrigo da intrusão de outras potências". Essa concepção é reiterada pelo ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels, que escreveu em 1943, no artigo "Die Juden sind schuld!" ("Os Judeus são os Culpados"), que "todos os judeus, em virtude de seu nascimento e de sua raça, fazem parte de uma conspiração internacional contra a Alemanha Nacional-Socialista. Eles desejam sua derrota e aniquilação e fazem tudo o que está ao seu alcance para provocá-las". Conforme essa perspectiva, todos os judeus seriam responsáveis pelas ações de um futuro Estado de Israel porque, na realidade, ele seria um dos principais instrumentos da conspiração judaica de dominação mundial.

A atribuição de responsabilização coletiva aos judeus nas questões ligadas a Israel não se restringiu ao contexto europeu, operando também, nos países árabes, frequentemente formulada como oposição teológica. Antes mesmo da independência do Estado Judeu, o panfleto *Islã e Judaísmo* (1937), do Mufti de Jerusalém, Amin al-Husseini, já enquadrava o conflito não como uma disputa territorial na Palestina, mas como uma guerra religiosa de alcance global. Nele, a "hostilidade judaica ao islã" é apresentada como "secular e enraizada nas almas judaicas desde o advento de Maomé", configurando um "ódio eterno" que ultrapassaria o contexto palestino. Como afirma o texto original em árabe: "Quem acredita que, se o problema da Palestina for resolvido ou se os judeus forem derrotados neste conflito, tudo ficará bem, está enganado. Mesmo assim, nada mudará no que diz respeito à hostilidade deles em relação ao islã e aos árabes. Deus, portanto, cuidará para que os judeus sejam humilhados e tenham sua espinha dorsal quebrada." (citado em KÜNTZEL, 2023).

Essa concepção foi reiterada e amplificada nas transmissões radiofônicas de Husseini difundidas ao Oriente Médio pela rádio nazista Zeesen – descrita pelo especialista americano César Searchinger como "a maior e mais formidável máquina de propaganda no mundo". Nesses discursos, Husseini identificava "o Judeu", e não apenas o sionista, como inimigo do islã, incentivando a eliminação física dos judeus como dever religioso. De modo semelhante, Sayyid Qutb, influente ideólogo da Irmandade Muçulmana, no ensaio *Ma'rakatuna ma'a al-Yahud* (Nossa Luta Contra os Judeus), utiliza formulações que visam explicitamente a "al-yahud" (Os judeus) como uma categoria teológica e histórica de maldade absoluta, recusando a distinção política entre judeus e sionistas. Para Qutb, o sionismo seria apenas uma manifestação moderna de uma "natureza judaica" imutável e malévola. Assim, ele afirma que "os judeus, como judeus, estavam por natureza determinados a lutar contra a Verdade de Alá e semear a corrupção e a confusão", que "esta guerra amarga que os judeus lançaram contra o Islã é uma guerra que não foi extinta, nem por um momento, por quase quatorze séculos, e que continua até agora", e chega a elogiar Hitler, sustentando que os esforços nazistas para o extermínio dos judeus teriam sido aprovados por Alá e que, após a criação de Israel, eles deveriam continuar recebendo "o pior tipo de punição" (KÜNTZEL, 2023).

A responsabilização coletiva dos judeus do Oriente Médio e do Norte da África tornou-se evidente após a criação do Estado de Israel, nas décadas de 1950 e 1960. Comunidades judaicas que haviam vivido por séculos em sociedades de maioria árabe passaram a ser tratadas como agentes estrangeiros e potenciais aliados de um Estado inimigo, independentemente de sua cidadania, vínculos sociais ou posições políticas. A imputação de dupla lealdade e deslealdade alimentou perseguições, expropriações, restrições de direitos civis e expulsões em massa, culminando no deslocamento forçado de cerca de 900 mil judeus da região (SHULEWITZ, 2000).

Ainda, a indiferenciação entre sionistas, israelenses e judeus era evidente nas declarações de lideranças de organizações militantes islâmicas. Desde os anos 1980, o líder espiritual do Hezbollah, aiatolá Muhammad Hussein Fadlallah, vem articulando uma lógica de continuidade religiosa que vincula a luta de seu movimento contra o Estado de Israel a uma *jihad* de alcance global contra os judeus. Em uma de suas declarações, afirmou: "Os judeus querem ser uma superpotência mundial. Esse círculo racista de judeus quer vingar-se do mundo inteiro por sua história de perseguição e humilhação" (citado em BODANSKY, 1999). Nessa formulação, os judeus são apresentados como um coletivo homogêneo, dotado de uma essência política e moral comum, orientada à dominação mundial.

A Carta do Hamas, de 1988, opera de modo semelhante ao apagar sistematicamente a distinção entre judeus, israelenses e sionistas, tratando esses termos como intercambiáveis e enquadrando o conflito não como uma disputa territorial ou nacional, mas como uma luta escatológica contra um "mal"

judaico global. No preâmbulo, afirma-se que "nossa luta contra os judeus é muito longa e muito séria". No artigo 7, a Carta convoca explicitamente uma guerra religiosa contra todos os judeus, citando um *hadith* que ordena sua eliminação como condição para a redenção islâmica:

> O Profeta, que as bênçãos e a paz de Alá recaiam sobre ele, disse: "A hora do julgamento não chegará, até que os muçulmanos combatam os judeus e terminem por matá-los, e mesmo que os judeus se abriguem por detrás de árvores e pedras, cada árvore e cada pedra gritará: Oh! Muçulmanos, Oh! Servos de Alá, há um judeu por detrás de mim, venha e mate-o" (citado em PIMENTA, 2024).

Já no artigo 22, a Carta responsabiliza "os judeus" – e não apenas os sionistas – por eventos históricos e catástrofes mundiais anteriores à criação do Estado de Israel, mobilizando teorias clássicas da conspiração: os judeus "assumem o controle da imprensa mundial, agências de notícias, jornais, editoras, serviços de radiodifusão, etc. [...] promovem revoluções em vários países, mundo afora, para servir aos seus interesses e obter lucros. Estiveram por trás da Revolução Francesa e da Revolução Comunista, e se acham por trás da maioria das revoluções de que ouvimos falar".

Embora o Hamas tenha divulgado, em 2017, uma nova carta afirmando que seu conflito seria "com o projeto sionista, e não com os judeus por sua religião" (citado em PIMENTA, 2024), Küntzel (2023) observa que seus dirigentes deixaram claro que o texto de 1988 não foi repudiado, levantando suspeitas de que se trata uma manobra tática destinada a produzir uma "fachada" menos extremista.

Assim, a responsabilização coletiva dos judeus pelas ações do Estado de Israel, e, inversamente, do Estado de Israel como manifestação da essência coletiva dos judeus, deve ser compreendida como a reatualização de um mecanismo histórico mais amplo e persistente de atribuição de culpa coletiva e transgeracional, por meio do qual os judeus foram reiteradamente punidos ao longo da história.

Hoje, essa suspeita se também manifesta com particular frequência nos espaços de sociabilidade das esquerdas políticas, onde judeus e judias são interpelados sobre o conflito israelo-palestino. Nesses contextos, a legitimidade das vozes judaicas tende a ser condicionada às posições que adotam em relação ao governo israelense ou ao sionismo (PARDO; DELOR, 2024). Todo judeu passa, então, a ser percebido como um "sionista" em potencial, enquanto o sionismo é representado como imoral (→ 8. *imoralidade, misantropia e vingança*), análogo ao nazismo (→ 27. *inversão do Holocausto*) e, em última instância, como a personificação do mal (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*). É recorrente, ainda, o argumento de que os próprios *judeus seriam responsáveis pelo crescimento do antissemitismo* (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*), seja por não condenarem Israel, seja por manifestarem apoio público a ele. Esse deslocamento da causalidade produz uma inversão moral significativa: o antissemitismo deixa de ser compreendido como uma forma de preconceito dirigida a um grupo historicamente vulnerabilizado e passa a ser apresentado como uma reação compreensível, quando não legítima, ao comportamento atribuído a esse mesmo grupo.

O preconceito, assim, é despolitizado enquanto violência estrutural e reinterpretado como consequência quase natural de escolhas morais supostamente equivocadas dos próprios judeus. Ao operar dessa maneira, esse argumento não apenas naturaliza a lógica da responsabilização coletiva, como também institui uma condição implícita para o reconhecimento da vulnerabilidade judaica. A proteção contra o antissemitismo deixa de ser entendida como um princípio universal, baseado na igualdade de direitos e na recusa a qualquer forma de discriminação, e passa a depender da adesão dos judeus a uma agenda moral específica, frequentemente definida por atores externos.

Uma acusação semelhante pode ser observada nas recorrentes expressões contemporâneas de islamofobia: atentados jihadistas e notícias internacionais sobre organizações ou Estados que reivindicam o islã político costumam coincidir com picos de atos antimuçulmanos. Pessoas muçulmanas – reais ou supostas – são então instadas a se dissociar dos autores desses atentados, como se fossem cúmplices potenciais. Essa exigência implica que os membros desses grupos precisem demonstrar continuamente sua inocência ou seu pertencimento nacional, o que constitui um traço característico de sistemas discriminatórios. Assim, se nenhum grupo deve ser compelido a justificar-se pelas políticas de um Estado ou de um movimento político com o qual compartilha alguma dimensão cultural ou religiosa, quando se exige isso apenas dos judeus significa aplicar-lhes uma "*dualidade de critérios*" ou "*duplo padrão*" (→ 34. *duplo padrão*), sendo essas também manifestações de antissemitismo (PARDO; DELOR, 2024).

Assim, ao evocar a tradição histórica de culpabilização coletiva dos judeus, ainda que muitas vezes de forma implícita ou inconsciente, a atribuição contemporânea de responsabilidade coletiva aos judeus pelas ações do Estado de Israel insere-se de modo orgânico no repertório do discurso antissemita. Longe de se tratar de uma simples crítica política circunstancial, esse enquadramento contribui para reativar esquemas simbólicos profundamente enraizados no imaginário social, produzindo efeitos concretos, como o aumento de ataques contra indivíduos e instituições judaicas que nada – ou muito pouco – têm a ver com as ações do governo ou do Estado de Israel.

Pesquisas recentes de análise de discurso digital indicam que, nos meses seguintes à escalada da guerra entre Israel e o Hamas, houve não apenas um aumento de manifestações de apoio à causa palestina em plataformas como o YouTube, mas também uma intensificação de mensagens de ódio dirigidas a judeus em geral. O estudo "Hate Speech and Sentiment of YouTube Video Comments" (2024) constatou que cerca de 40,4% dos comentários públicos analisados continham algum tipo de discurso de ódio relacionado ao conflito. Outro estudo, "Mapping Controversies Using Artificial Intelligence", mostrou que, entre outubro de 2023 e janeiro de 2024, comentários críticos a Israel evoluíram rapidamente para acusações diretas aos judeus enquanto coletivo.

Esse fenômeno, contudo, não se restringe ao ambiente digital. Um dos *slogan*s mais recorrentes em manifestações anti-Israel ao redor do mundo é "globalize a intifada". Considerando que, especialmente durante a segunda intifada, ocorreram em larga medida atos de violência deliberada contra civis judeus-israelenses, perpetrados

por uma organização explicitamente antissemita, essa expressão passou a ser amplamente interpretada como um *chamado à violência* dirigido não apenas a israelenses, mas também a judeus e a instituições judaicas associadas, real ou simbolicamente, ao apoio a Israel (→ *18. instigadores de guerras e operações bandeira falsa*) Mesmo quando a intenção declarada de quem a pronuncia não seja explicitamente violenta – e o antissemitismo não deve ser analisado exclusivamente a partir do critério da intencionalidade –, seu efeito social é imediato e empiricamente observável: o aumento da sensação de insegurança, da intimidação e dos ataques contra comunidades judaicas, como apontam levantamentos recentes do American Jewish Committee (AJC, 2025).

Após 7 de Outubro de 2023, os ataques contra judeus e instituições judaicas aumentaram significativamente em escala global, com crescimento expressivo em países como Austrália, Estados Unidos, França, Inglaterra, Nova Zelândia e Brasil. Dados recentes indicam que a tendência de alta persiste: no Reino Unido, o Community Security Trust documentou 3.700 incidentes ao longo do ano, perfazendo uma altíssima média de 308 casos mensais (CST, 2026). Na Austrália, foram contabilizadas 1.654 ocorrências antijudaicas — englobando abusos verbais, vandalismo, ameaças e agressões físicas —, segundo os dados do Conselho Executivo do Judaísmo Australiano (ECAJ, 2025). Na França, os números divulgados pelo Conselho Representativo das Instituições Judaicas apontaram a manutenção de um patamar duradouramente elevado, com 1.320 atos registrados, o que equivale a mais de 3,5 casos por dia (CRIF, 2026). O cenário de escalada contínua também foi confirmado na Itália, onde a Fundação CDEC qualificou 963 episódios de antissemitismo – sendo 643 no ambiente *on-line* e 320 no mundo físico – (FONDAZIONE CDEC, 2026). Já nos Estados Unidos, um amplo levantamento revelou que 31% dos judeus americanos relataram ter sido alvo direto de alguma forma de incidente antissemita (físico, verbal, vandalismo ou *on-line*) durante o ano de 2025 (AJC, 2025).

No Brasil, o ano de 2024 registrou um aumento de 350% nos casos de antissemitismo denunciados à Confederação Israelita do Brasil (2024). No mesmo período, entre outros casos, uma sinagoga e um cemitério judaico foram vandalizados com pichações que continham frases como "morte aos $ionista" [sic], "Israel terrorista", "Palestina livre", "Israel genocida" e comparações entre suásticas e estrelas de Davi. Esses episódios evidenciam que a atribuição de responsabilidade aos judeus pelas ações do governo de Israel tem servido como justificativa para ataques a instituições judaicas brasileiras, mesmo quando não possuem qualquer vínculo com o Estado de Israel.

COMO IDENTIFICAR?

- Generalização coletiva: atribuição das ações do Estado de Israel a todos os judeus, ignorando diferenças de nacionalidade, crença ou posicionamento político.
- Duplo padrão: exigência de que judeus se pronunciem contra Israel para serem reconhecidos como cidadãos legítimos ou interlocutores válidos.
- Confusão conceitual: uso indistinto dos termos "judeu", "israelense", "israelita" e "sionista", como se fossem equivalentes.
- Reprodução de tropos antijudaicos: evocação de ideias como "dupla lealdade", "conspiração judaica" ou "poder judaico global" para explicar ações políticas de Israel.
- Transferência de culpa: responsabilização de indivíduos ou instituições judaicas da diáspora por decisões do governo israelense ou pelo conflito no Oriente Médio.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais de antissemitismo da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e da *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* convergem de modo inequívoco ao afirmar que atribuir aos judeus, como coletivo, responsabilidade pelas ações do Estado de Israel constitui uma manifestação específica de antissemitismo. Ambas distinguem claramente a crítica legítima a posições políticas de indivíduos ou organizações judaicas do apagamento da distinção entre Estado, sociedade civil israelense e comunidades judaicas da diáspora. As zonas cinzentas surgem na passagem da constatação sociológica – o fato de que muitos judeus apoiam Israel ou mantêm vínculos afetivos com o Estado – para a essencialização desse vínculo como inato, obrigatório ou moralmente suspeito. A crítica torna-se antissemita quando o apoio é tratado como prova de cumplicidade, quando se exige que judeus condenem publicamente Israel "por serem judeus", ou quando são enquadrados como um bloco homogêneo movido por dupla lealdade ou conspiração. O ponto decisivo, portanto, não é a crítica a posições políticas, mas a transformação da identidade judaica em fundamento de culpa coletiva ou de responsabilidade moral automática.

29. Israel Como Estado Colonial, Sionismo Como Ideologia Colonialista e Judeus Como Colonizadores

Este capítulo analisa o lugar-comum que apresenta os judeus como colonizadores, o sionismo como ideologia colonialista e Israel como empreendimento colonial. Esse enquadramento consolidou-se como eixo central da deslegitimação contemporânea do Estado judeu, estruturando a tríade "colonialismo–apartheid–genocídio" e reatualizando acusações antigas que retratam os judeus como invasores estrangeiros, usurpadores e parasitas desenraizados.

A partir dessa lógica, o conflito israelo-palestino deixa de ser entendido como disputa entre projetos nacionais concorrentes e passa a ser concebido como relação estrutural e permanente de dominação colonial. A própria existência de Israel é então apresentada como violência inerente e irreformável, tornando inviável qualquer solução política negociada.

O lugar-comum do "judeu colonizador" antecede a criação de Israel. Pierre-Joseph Proudhon já afirmava, na década de 1860, que os judeus estariam "tomando posse" da economia francesa e "expulsando a nossa própria raça". Formulações semelhantes aparecem em *La France juive*, de Édouard Drumont (1886), que descrevia os judeus como força de "conquista", "invasão" e "escravidão", destinada a impor "uma raça dominante sobre uma raça escravizada". Drumont advertia que regiões como Alsácia e Polônia se tornariam "colônias judias" e acusava os judeus da Argélia de serem os "verdadeiros carrascos da colonização argelina".

Esse imaginário também circulou no Brasil antes da fundação de Israel. Maria Luiza Tucci Carneiro identifica formulações desse tipo no jornal A Nota, que em 1937 atribuía aos judeus responsabilidade pela colonização portuguesa do Brasil e pelo tráfico escravista (TUCCI CARNEIRO, 2003). Gustavo Barroso, por sua vez, descrevia os judeus como colonizadores financeiros que teriam transformado o país em "colônia da casa bancária judaica Rothschild", afirmando que "o Brasil não passa de uma colônia produtiva dos banqueiros internacionais" (BARROSO, 1934). Para Barroso, o expansionismo judaico derivaria de um mandamento religioso: "Israel vai cumprindo à risca aquela promessa das Escrituras: 'Tu devorarás todos os povos que o Senhor teu Deus te entregará'" (BARROSO, 1934).

Embora a cooperação circunstancial entre lideranças sionistas e a Grã-Bretanha no Mandato da Palestina tenha alimentado narrativas sobre "colonialismo sionista", as relações entre o movimento sionista e Londres foram marcadas por tensões e conflitos, especialmente após 1939, quando os britânicos restringiram severamente a imigração judaica em pleno auge do antissemitismo europeu. Lev Trótski (1945), apesar de crítico do sionismo, já via nessa guinada britânica um prenúncio de consequências trágicas para os judeus.

Nesse contexto, a retórica antissemita e anticolonial nazista alcançou também os discursos do Mufti de Jerusalém, Haj Amin al-Husseini, que viveu em Berlim durante a guerra e colaborou estreitamente com Hitler. Em transmissões em árabe dirigidas ao Oriente Médio, afirmava que uma vitória aliada transformaria os países árabes em "colônias judias" subordinadas a um "império judeu". Em discurso de 1943 no Instituto Central Islâmico de Berlim, declarou que um Estado judeu submeteria o Oriente Médio à "exploração econômica judaica" e à "conspiração mundial judaica", recebendo de Hitler a promessa da "destruição do elemento judeu residente na esfera árabe" (HERF, 2024). Durante a guerra, partidos como o Nacionalista Árabe e o Social-Nacionalista Sírio também colaboraram com redes de propaganda e espionagem nazistas (MANSOUR, 2024).

Daniel Szeftel (2024) identifica afinidades entre setores do nacionalismo árabe das décadas de 1930 e 1940 e o fascismo europeu. Pensadores como Antoun Saadeh e Constantin Zureik incorporaram elementos como culto ao líder, partido único, mobilização de massas e anticomunismo, produzindo o que Szeftel descreve como uma "era das camisas" no Oriente Médio (NORDBRUCH, 2009). Após a Segunda Guerra Mundial, porém, o nacionalismo árabe precisou reformular sua imagem. Nesse contexto, Fayez Sayegh – dirigente do Social-Nacionalismo Sírio e ligado à OLP – tornou-se central ao traduzir essa ideologia para a linguagem anticolonial e pós-colonial do pós-guerra, preservando, contudo, a oposição entre um "povo nativo" palestino e um "invasor estrangeiro" judeu (SZEFTEL, 2024).

Em *O Colonialismo Sionista na Palestina* (1965), Sayegh sistematizou a acusação de que o sionismo constituiria uma forma de "colonialismo de povoamento" (*settler colonialism*). Sua obra recodifica o antissemitismo fascista árabe em linguagem pós-colonial, associando Israel ao colonialismo, ao racismo (→ 30. *Israel como estado de apartheid e "sionismo = racismo"*) e ao genocídio (→ 31. *Israel como estado genocida e o sionismo como ideologia de extermínio*). Nessa formulação, o colonialismo deixa de ser definido por relações econômicas e políticas e passa a operar como categoria ontológica e racial: o sionismo seria, por natureza, um movimento "eliminacionista" voltado à substituição da população árabe por um corpo estrangeiro europeu. Savegh chega a afirmar que "o conceito sionista de solução final para o problema árabe é idêntico ao conceito nazista para o problema judeu" (SZEFTEL, 2024), invertendo simbolicamente o Holocausto (→ 27. *inversão do Holocausto*). Sua formulação guarda ainda paralelos com a teoria da "grande substituição", difundida pela extrema direita europeia, segundo a qual os judeus promoveriam um "genocídio branco" por meio da imigração e da miscigenação (→ 16. *complôs de subversão*).

N[redacted] Oct 7

what did y'all think decolonization meant? vibes? papers? essays? losers.

3,387 19.6K 87.6K 14.1M

Que negociação? Não se negocia com colonizador. Não se dialoga. 13

Responder

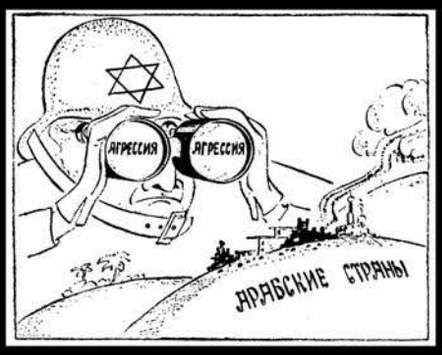
Vão mos pagar o que nos devem. Vão ser colonizado pelos inomináveis judeus.

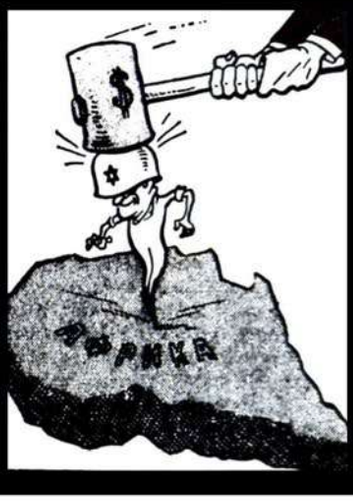
1 162

Show translation

Mas você quer fazer o que no país colonizador imperialista capitalista nazista judeu ditatorial de 3 mundo???

2,695 Views



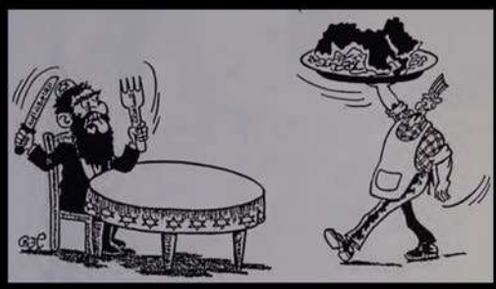


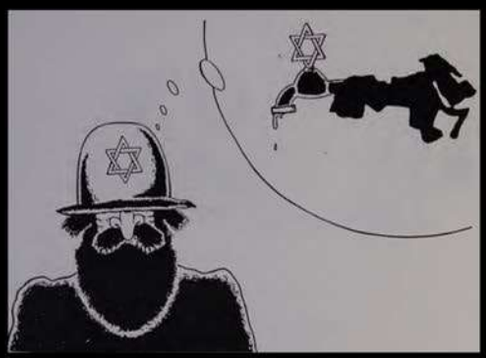
Show translation

O cerco está fechando para os sionistas, se eles não pararem o genocídio contra o povo Palestino eu quero só ver qual vai ser a consequência pra esse estado judeu/genocida imperialistas colonizadores de merda.

Israel tá que não se aguenta pra roubar o mundo inteiro. Os EUA são apenas sua cadelinha de pauduro.

Responder





O lugar-comum do colonialismo judaico aparece explicitamente no discurso oficial da OLP. Em sua Carta Nacional, de 1964 – reformulada em 1968 após a Guerra dos Seis Dias –, o sionismo é definido como "movimento colonialista", "racista", "segregacionista" e "fascista", enquanto Israel surge como "ponta de lança" do colonialismo (PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION, 1964). Paralelamente, Gamal Abdel Nasser consolidou o antissionismo como linguagem anticolonial pan-árabe, retratando Israel como "posto avançado do imperialismo ocidental" e instrumento de dominação estrangeira (SHARNOFF, 2012). Após 1967, essa narrativa foi amplificada pela União Soviética, que articulou elementos clássicos do antissemitismo europeu à linguagem pós-colonial. Obras como *O Judaísmo Sem Embelezamentos* (1963), de Trofim Kichko, e *Cuidado: Sionismo!* (1970), de Yuri Ivanov, apresentavam o judaísmo como inerentemente racista e o sionismo como braço do imperialismo e da dominação global (TABAROVSKY, 2024; HERF, 2024).

Em oposição a essa formulação, Friling (2016) observa que o sionismo não correspondia ao colonialismo em seu sentido histórico clássico, pois não possuía metrópole imperial nem projeto de exploração econômica conduzido por um Estado expansionista. Tratava-se majoritariamente de refugiados e exilados buscando reconstrução nacional em um território ligado à sua memória histórica e cultural. Ainda assim, os esforços soviéticos e terceiro-mundistas culminaram, em 1975, na Resolução 3379 da ONU, que equiparou sionismo e racismo (→ 30. *Israel como estado de apartheid e "sionismo = racismo"*). A partir dos anos 1970, essa interpretação foi incorporada por setores da esquerda acadêmica e militante influenciados pelos estudos pós-coloniais, sendo difundida por autores como Edward Said (STERNBERG, 2016).

Nos anos 2000, Patrick Wolfe e Lorenzo Veracini consolidaram o conceito de *settler colonialism* como paradigma teórico aplicado a Israel. Wolfe descrevia o sionismo como forma extrema de colonialismo de povoamento orientada por uma "lógica de eliminação", chegando a afirmar que a Palestina seria transformada em uma "zona *goyim-rein* (sem Gentios)" (WOLFE, 2012). Para contornar a ausência de metrópole imperial, passou a definir o "sionismo internacional" como "metrópole difusa", sustentada por influência financeira global. Como observa Bolton (2025), trata-se de um modelo circular, no qual dados históricos são subordinados ao esquema teórico. Veracini (2015), por sua vez, descreve a sociedade israelense como artificial e "vampírica", retomando tropos clássicos da calúnia de sangue (→ 3. *calúnia de sangue*) e do parasitismo judaico (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*), além de tratar práticas culturais israelenses como mera apropriação ou falsificação (→ 5. *artificialidade e inautenticidade*). Essa leitura ignora que cerca de metade da população israelense descende de judeus oriundos do Oriente Médio e do Norte da África (LEWIN-EPSTEIN; COHEN, 2019), promovendo um processo inédito de "embranquecimento" simbólico dos judeus israelenses.

Ao serem representados como colonos brancos europeus, os israelenses deixam de figurar como parte de um conflito nacional e passam a ser definidos ontologicamente como agentes de dominação racial. Israel é então caracterizado como intrinsecamente racista e genocida não por políticas específicas, mas por sua própria existência como "Estado de colonos". Como resume Bolton (2025), "não há nada que um israelense possa fazer para se purificar do pecado original dos colonos". Esse deslocamento inviabiliza soluções políticas e fornece justificativa moral para a violência: após 7 de Outubro, o massacre perpetrado pelo Hamas foi descrito por alguns discursos como "resistência anticolonial", enquanto judeus da diáspora passaram a ser identificados como extensões do "colonialismo sionista" (→ 28. *responsabilização dos judeus pelas ações do Estado de Israel*). Wexler (2024) define essa posição como "antipolítica", pois seu horizonte lógico é a abolição completa do Estado de Israel.

A caracterização do sionismo como colonialismo também alimenta teorias conspiratórias globais sobre dominação estrangeira e substituição populacional (→ 16. *complôs de subversão*). Em redes sociais e blogs militantes, Israel é acusado de promover "empreendimentos coloniais" em diferentes países. O blog português Guilhotina (2025), por exemplo, fala em "colonização israelita" do Chipre, Grécia e Portugal, descrevendo israelenses como agentes de gentrificação, espionagem e expansão territorial, culminando em apelos à expulsão de "soldados israelitas". Na América do Sul, acusações recentes relacionaram incêndios na Patagônia argentina a um suposto plano israelense de colonização regional (LA NACIÓN, 2026), reatualizando o mito antissemita do Plano Andínia. Surgido em meios neonazistas após a captura de Adolf Eichmann, o mito foi posteriormente desenvolvido por Walter Beveraggi Allende e Miguel Serrano, articulando conspiração judaica, expansionismo territorial e "hitlerismo esotérico" (BOHOSLAVSKY, 2008).

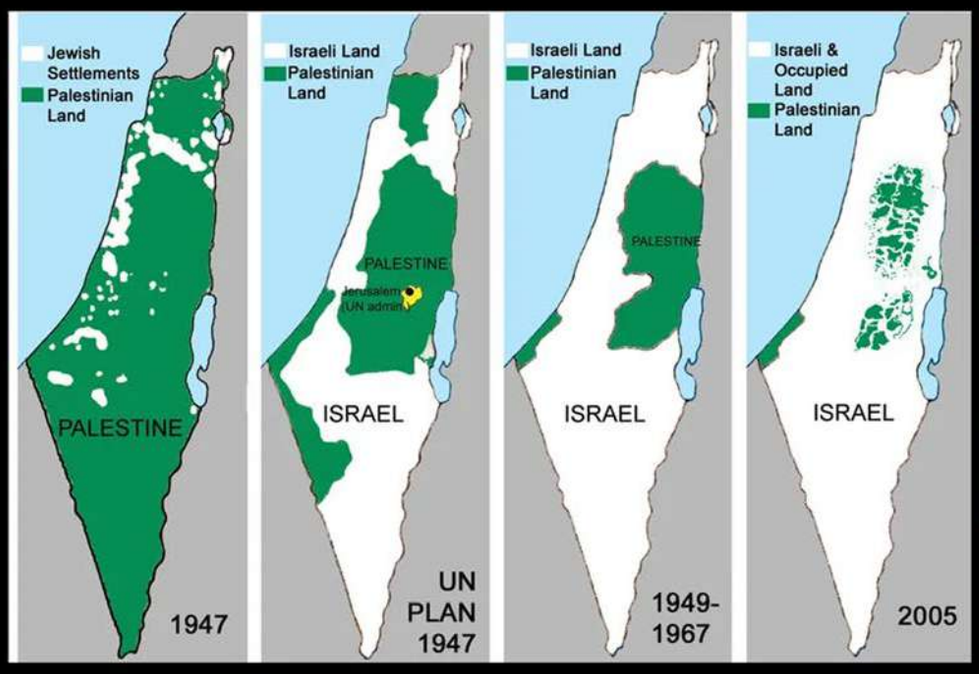
Como mostram esses casos, a sobreposição entre teorias anticoloniais antissionistas e teorias conspiratórias antissemitas clássicas – centradas em invasão, substituição e dominação global – indica que a distinção entre antissionismo e antissemitismo frequentemente se revela menos nítida do que costuma ser apresentada.

COMO IDENTIFICAR?

- Generalização do conceito de colonialismo para descrever o Estado de Israel como um todo, e não políticas específicas, apresentando o sionismo como um projeto essencialmente colonial, agressivo e expansionista.
- Comparações entre o Estado de Israel contemporâneo e antigos impérios coloniais ou políticas colonialistas do passado, acionando o imaginário moral do colonialismo europeu para retratar o Estado judeu como ilegítimo.
- Negação do vínculo histórico, religioso e civilizacional entre o povo judeu e a Terra de Israel, descrevendo os judeus israelenses como invasores estrangeiros e desconsiderando sua presença milenar na região.
- Descrição de antigas teorias de complô judaico de dominação do mundo nos termos de um projeto colonial.

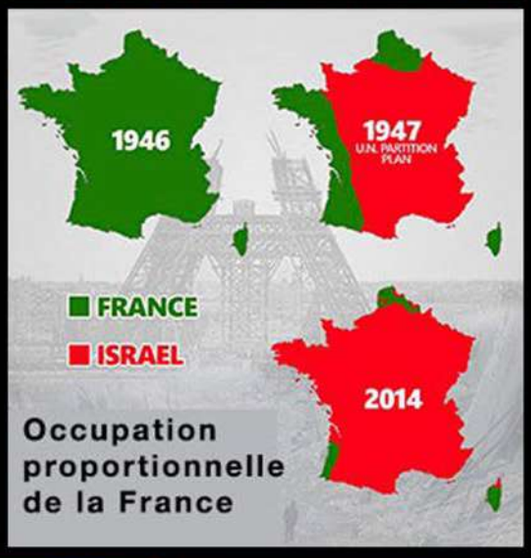
DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e da *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* divergem marcadamente quanto à acusação de que o sionismo seria uma forma de colonialismo de povoamento e Israel um empreendimento colonial. A IHRA tende a tratar essa acusação como deslegitimação, pois caracterizar Israel como colonial ou inerentemente racista implica negar o direito de autodeterminação do povo judeu e a legitimidade do Estado. A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo*, por sua vez, busca resguardar o espaço para comparações históricas e políticas, afirmando que analogias com colonialismo de povoamento ou apartheid não são, por si sós, antissemitas. A zona cinzenta emerge na aplicação desse critério: embora a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* considere antissemita apenas a hostilidade dirigida a "judeus enquanto judeus", excluindo automaticamente invectivas contra "sionistas", ela também condena o uso de símbolos e estereótipos clássicos do antissemitismo aplicados a Israel –estereótipos que, como demonstrado, frequentemente estruturam as acusações de colonialismo. A distinção decisiva, portanto, situa-se entre críticas a políticas específicas, potencialmente legítimas, e a caracterização de Israel como colonial por natureza, que tende a essencializar o sionismo, apagar sua complexidade histórica e reproduzir estruturas de deslegitimação de caráter antissemita.


Jewish Settlements
Palestinian Land
PALESTINE
1947
Israeli Land
Palestinian Land
PALESTINE
ISRAEL
UN PLAN 1947
Israeli Land
Palestinian Land
PALESTINE
ISRAEL
1949-1967
Israeli & Occupied Land
Palestinian Land
ISRAEL
2005

1947
1967
2014
ISRAEL
ISRAEL
GERMANY

LA FRANCE JUIVE

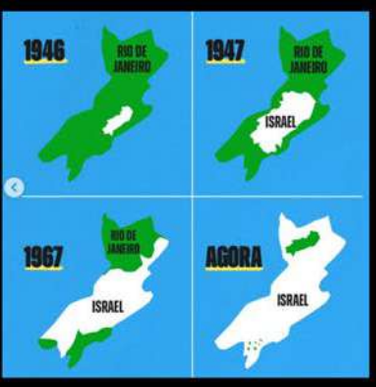

1946
1947
U.N. PARTITION PLAN
FRANCE
ISRAEL
2014
Occupation proportionnelle de la France

1947
1967
2014
USA
ISRAEL
USA
ISRAEL

West Israel

ISRAEL
A MAIOR GRILAGEM DA HISTÓRIA

1946
1947
U.N. PARTITION PLAN
IRELAND
IRELAND
ISRAEL
1967
NOW
IRELAND
ISRAEL
ISRAEL
IRELAND AS PALESTINE


1946
RIO DE JANEIRO
1947
RIO DE JANEIRO
ISRAEL
1967
RIO DE JANEIRO
ISRAEL
AGORA
ISRAEL

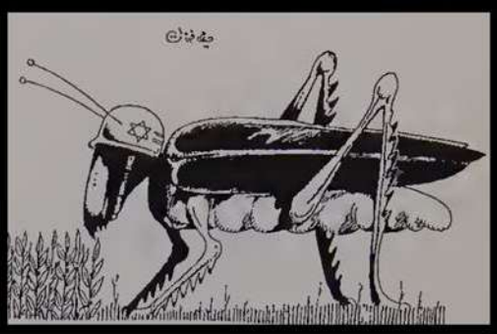
SÃO PAULO
1946
SÃO PAULO
ISRAEL
1947
SÃO PAULO
ISRAEL
1967
ISRAEL
AGORA

RIO GRANDE DO SUL
1946
RIO GRANDE DO SUL
ISRAEL
1947
RIO GRANDE DO SUL
ISRAEL
1967
ISRAEL
AGORA

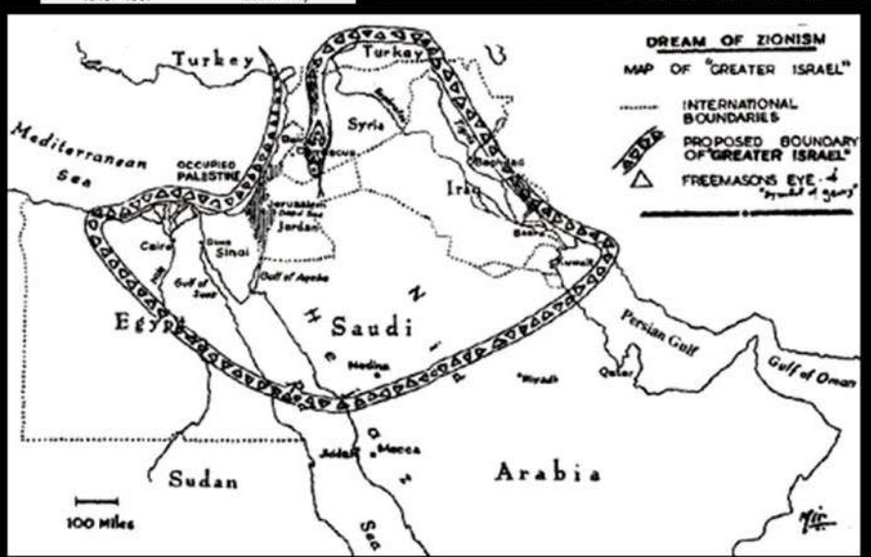
MINAS GERAIS
1946
MINAS GERAIS
ISRAEL
1947
MINAS GERAIS
ISRAEL
1967
ISRAEL
AGORA

ARGENTINA
ARGENTINA
ISRAEL
ARGENTINA
ISRAEL
ISRAEL

Uruguay
1946
Uruguay
Israel
Uruguay
1947
Israel
1948 - 1967
Israel
2000 - Hoy



London
Paris Berlin
Madrid
Rom
Wien
Der Weg der symbolischen Schlange, welche die ganze Welt unter das jüdische Joch beugen soll.
Nach dem Original von Ljutostanskij ergänzt und stilisiert von Sid, New-York.


DREAM OF ZIONISM
MAP OF "GREATER ISRAEL"
INTERNATIONAL BOUNDARIES
PROPOSED BOUNDARY OF "GREATER ISRAEL"
FREEMASONS EYE
Turkey
Turkey
Mediterranean Sea
OCCUPIED PALESTINE
Syria
Iraq
Jordan
Cairo
Sinai
Gulf of Suez
Gulf of Aqaba
Egypt
Saudi
Persian Gulf
Qatar
Gulf of Oman
Medina
Jeddah
Mecca
Sudan
Arabia
100 Miles

30. Israel Como Estado de Apartheid e “Sionismo = Racismo”

Trata-se do lugar-comum que descreve Israel como um “Estado racial” ou regime de “apartheid”, sintetizado na equação “"sionismo = racismo"”. Nessa formulação, o Estado judeu teria nascido racista, pois o sionismo seria, em sua essência, uma ideologia de exclusão étnica, de modo que Israel não poderia deixar de sê-lo sem deixar de existir.

Neste verbete argumenta-se que tal acusação se ancora em uma matriz ideológica formulada durante a Guerra Fria, moldada por interesses geopolíticos específicos e facilitada por tradições antissemitas mais antigas, que representavam os judeus como sectários, misantropos e supremacistas. Essa imagem foi posteriormente reciclada pela propaganda soviética e pela Liga Árabe como instrumento central da guerra política contra Israel. A partir das décadas de 1970 e 1980, a acusação passou a circular amplamente em organismos internacionais, campanhas políticas e setores acadêmicos, culminando na Conferência de Durban, em 2001, marco da consolidação de uma visão de mundo na qual Israel ocupa o centro simbólico de um sistema global de opressão.

Não se trata de negar a existência de racismo ou discriminação em Israel, fenômenos presentes, em diferentes graus, em todas as sociedades. A distinção decisiva reside na forma como se formula a acusação. Em contextos como o brasileiro, afirmar que o Estado é racista implica um diagnóstico crítico voltado à transformação de estruturas sociais e jurídicas. No lugar-comum “"sionismo = racismo"”, porém, o racismo deixa de ser entendido como distorção histórica corrigível e passa a ser concebido como essência do Estado judeu. O objetivo já não é reformar Israel, mas negar a possibilidade de sua legitimidade. O racismo converte-se, assim, de fenômeno histórico em atributo ontológico: o sionismo seria o “pecado original” que inviabiliza Israel.

O termo “apartheid” foi adotado pelo regime sul-africano para expressar uma “vontade de viver separadamente”, baseada em distinções raciais consideradas naturais e intransponíveis (KARSENTI; TROM, 2023). Na história do antissemitismo, acusações semelhantes de sectarismo, misantropia e separação antecedem as formulações modernas de racismo. Poliakov (2003) e Nirenberg (2013) mostram que, na Antiguidade, a forte coesão das comunidades judaicas era interpretada por autores pagãos como hostilidade aos estrangeiros. Mais tarde, no contexto da separação entre judaísmo e cristianismo primitivo, Paulo de Tarso incorporou essa tradição ao afirmar, em Tessalonicenses 2:14, que os judeus seriam “inimigos da humanidade” (NIRENBERG, 2013).

Na modernidade, essas acusações são retomadas e intensificadas. No século XVIII, Voltaire descrevia os judeus em seu *Dictionnaire philosophique* (Dicionário Filosófico) como portadores de um “ódio mais invencível contra todos os [outros] povos”. Immanuel Kant, em *A Religião nos Limites da Simples Razão*, afirma uma ideia semelhante: que o judaísmo “excluiu de sua comunhão toda a raça humana, sob o fundamento de que era um povo especial escolhido por Deus para Si mesmo”. No século XIX, em um texto de Dostoiévski chamado *A Questão Judaica*, o tema do suposto sectarismo judeu já se associa à acusação de *conspiração e dominação mundial* (→ 15. *dominação mundial* e → 16. *complôs de subversão*): “São os judeus que menosprezam os russos, desprezam-nos e odeiam-nos [...]. O seu reinado está próximo, o seu reinado absoluto!” (citado em POLIAKOV, 2003d).

Com a racialização do pensamento europeu, a crítica à segregação religiosa incorpora acusações de racismo. Édouard Drumont, mais influente antissemita do *fin de siècle*, sustenta em *La France juive* que os judeus afirmariam a superioridade de sua “raça de Beduínos” sobre outras, caracterizando sua atitude pelo “desprezo do gói” e pela crença de que “o direito do Judeu de oprimir os outros faz parte da sua religião” (DRUMONT, 1888). No Brasil, o integralista Gustavo Barroso, retoma esse argumento tanto em *Brasil: Colônia de Banqueiros* quanto nos seus comentários aos *Protocolos dos Sábios do Sião*, ao afirmar que o “racismo máximo é o judeu, que não cruza, não se funde, não se adapta e despreza [...] os povos no meio dos quais vive”, descrevendo o judaísmo como um “Estado que se funda no ódio a toda a humanidade” (BARROSO, 1934; 1936).

Essas formulações reaparecem no panfleto antissemita de Henry Ford, *O Judeu Internacional*, que descreve o judaísmo como uma “supernação” fundada na crença em uma “raça superior”, acusando os judeus de manterem separação racial desde a Antiguidade. Adolf Hitler, por sua vez, inverte a acusação de racismo dirigida ao nazismo e atribui aos judeus uma obsessão pela pureza do sangue, afirmando que “essa pureza o judeu guarda melhor que qualquer povo da terra” (HITLER, 2006; 2016). Ao longo dos séculos, a mesma estrutura acusatória foi reconfigurada da xenofobia religiosa ao racismo moderno, preservando a imagem dos judeus como supremacistas e segregacionistas.

No pós-guerra, a União Soviética reformulou o antissemitismo estatal sob a rubrica do “antissionismo”. Hirsh e Miller (2022) observam que esse processo já aparecia no julgamento de Rudolf Slánský, em 1951, quando dirigentes comunistas foram executados sob acusação de “nacionalismo judeu burguês”. Após as campanhas “anticosmopolitas” de 1952-1953, “sionismo” consolidou-se como eufemismo oficial para o antissemitismo de Estado (POLIAKOV, 2025). A figura do “judeu internacional” foi substituída pela do “sionista internacional” (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*), marcando a transição do antissemitismo europeu clássico para um antissionismo institucional soviético. Nesse novo enquadramento, Israel passou a ser apresentado como extensão do imperialismo ocidental e o sionismo como forma de chauvinismo étnico e dominação colonial (HERF, 2016; → 29. *israel como estado colonial, sionismo como ideologia colonialista e judeus como colonizadores*).

O GENOCÍDIO DENTRO DO APARTHEID

[redacted] ...

Racista?? Racista é o estado de Israel! Não só racista, mas terrorista e genocida! O que um representante do apartheid tem pra nos oferecer? Esta coluna patética.

O Estado de Israel é uma construção colonial e racista. Merece o mesmo fim do regime nazista e do apartheid sul-africano. O sionismo é uma excrescência que desonra as tradições humanistas e internacionalistas do judaísmo. Essa serpente precisa ser decapitada para que haja uma paz justa e duradoura.

Como Israel exportou sua tecnologia colonial e racista ao mundo

Sionistas são assassinos criminosos de guerra. A resolução 3379 ou outra em igual sentido deve ser retomada. Defender o sionismo é defender psicopatas racistas assassinos de crianças. Genocidas sujos e colonizadores. Israel é um Etnoestado supremacista e genocida.

16:01 · 29/02/2024 De Earth · **34** visualizações

Após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, a propaganda soviética intensificou a associação entre sionismo, racismo, fascismo e colonialismo. Campanhas coordenadas pela KGB difundiram livros, filmes e cartuns que combinavam linguagem marxista e estereótipos derivados dos *Protocolos dos Sábios de Sião* (TABAROVSKY, 2024). O sionismo passou a ser retratado como doutrina de supremacia racial e, em algumas formulações, o próprio judaísmo era apresentado como sua fonte espiritual.

Essa retórica também alcançou o léxico político árabe. A Carta Nacional Palestina de 1964 já descrevia o sionismo como movimento racista, colonial e expansionista (PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION, 1964). O discurso foi posteriormente oficializado na Resolução 3379 da ONU, aprovada em 1975, que definiu o sionismo como "uma forma de racismo e discriminação racial" e o associou ao colonialismo, neocolonialismo e apartheid. Para Herf (2016), a resolução representou o auge da guerra política conduzida pela União Soviética e seus aliados árabes, consolidando diplomaticamente a equivalência entre Israel e regimes de supremacia racial.

Na mesma década, a propaganda soviética formulou explicitamente a analogia entre Israel e o apartheid sul-africano. A agência TASS declarou, em 1977: "Tel Aviv e Pretória são parentes" (HIRSH; MILLER, 2022). Obras como *Sionismo e Apartheid*, de Valery Skurlatov, difundiam a ideia de que o sionismo expressaria a crença judaica em superioridade racial. Em 1975, o *Izvestia* publicou o artigo "A Escrita Criminosa do Sionismo", afirmando que o sionismo teria levado ao extremo a noção judaica de "povo escolhido" (KUDRYAVTSEV, 1978). Nessa lógica, "tudo o que é mau no mundo" passava a ser associado ao sionismo e, em última instância, ao próprio judaísmo (HIRSH; MILLER, 2022).

Embora revogada em 1991, a Resolução 3379 teve efeitos duradouros. Ao situar Israel no mesmo eixo simbólico do apartheid e do colonialismo, transformou uma disputa nacional e territorial em causa moral global (HERTZBERG, 2021). A retórica antirracista passou, assim, a ser mobilizada para negar o próprio direito judaico à autodeterminação.

A Conferência de Durban, em 2001, consolidou esse enquadramento ao reapresentar Israel como herdeiro do apartheid e o sionismo como ideologia de exclusão racial. Para Hirsh e Miller (2022), foi nesse momento que a acusação deixou de ser um discurso associado à propaganda soviética e se converteu em "senso comum radical" do século XXI. Segundo os autores, após o colapso do socialismo real, diferentes movimentos – do pós-colonialismo ao ativismo de direitos humanos – passaram a encontrar em Israel um símbolo unificador das opressões globais. O antissionismo de Durban transformou Israel na "chave de abóbada" de um sistema mundial de racismo, imperialismo e violência de Estado.

Os relatos de participantes judeus mostram que essa moldura discursiva veio acompanhada da reativação explícita de temas clássicos do antissemitismo. Joëlle Fiss descreve um ambiente saturado de propaganda antissemita, no qual Israel era constantemente comparado à Alemanha nazista (→ 27. *inversão do Holocausto*). Segundo ela, estandes vendiam *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, exibiam caricaturas de rabinos associados ao exército israelense e reproduziam a antiga calúnia de sangue medieval (FISS, 2021; → 3. *calúnia de sangue*). Participantes judeus relataram ter ouvido frases como "Vocês não têm o direito de existir!", além de descreverem profunda sensação de exclusão em espaços internacionais de direitos humanos, nos quais passaram a ser tratados como representantes do racismo e da opressão simplesmente por serem judeus ou sionistas (HIRSH; MILLER, 2022).

Durban não constituiu um episódio isolado, mas o ponto culminante de um processo desenvolvido ao longo de décadas nas estruturas internacionais. Hirsh e Miller (2022) destacam o papel das conferências da ONU nos anos 1970 e 1980, especialmente as Conferências Mundiais sobre as Mulheres, como espaços de difusão da retórica soviética e árabe que vinculava sionismo, racismo e colonialismo. A reunião preparatória realizada em Teerã antes de Durban reforçou esse enquadramento ao excluir delegações israelenses e ONGs judaicas e aprovar textos que classificavam Israel como "nova forma de apartheid" e o sionismo como "forma de genocídio".

Dois anos após Durban, ativistas britânicos articularam com grupos palestinos uma campanha internacional de boicote inspirada no isolamento da África do Sul, dando origem ao movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS). Sua força retórica reside precisamente em transpor ao caso israelense o modelo sul-africano, atualizando a fórmula ""sionismo = racismo"" na linguagem contemporânea do anticolonialismo (→ 27. *inversão do Holocausto*). Esse enquadramento ganhou novo impulso quando relatórios da Anistia Internacional (2022), da Human Rights Watch (2021) e da ONG israelense B'Tselem (2021) passaram a afirmar que Israel manteria um regime de apartheid "do rio ao mar", abrangendo Israel, Cisjordânia e Faixa de Gaza como um único sistema de dominação racial.

Segundo Pogrund (2012), essa elasticidade conceitual corrói o próprio significado histórico e jurídico do termo apartheid. A África do Sul possuía um sistema formal de segregação racial, baseado em hierarquias jurídicas explícitas e cidadania diferenciada por raça. Em Israel, dentro das fronteiras internacionalmente reconhecidas, cidadãos judeus e árabes possuem os mesmos direitos políticos formais, podendo votar, disputar eleições e recorrer ao mesmo sistema judicial. Ainda que existam desigualdades e discriminações reais, estas não configurariam um regime racial codificado nos moldes sul-africanos. O problema central, segundo essa crítica, é que a transposição do conceito de apartheid para o caso israelense tende a obscurecer a natureza do conflito, que envolveria disputas nacionais e territoriais, e não um sistema jurídico de segregação racial (POGRUND, 2012; STRAWSON, 2006). O termo "apartheid", tal como definido pela Convenção Internacional sobre a Supressão e Punição do Crime de Apartheid (1973) e pelo Estatuto de Roma (1998), refere-se a um regime institucionalizado de dominação racial baseado em hierarquias legais explícitas, o que tornaria controversa sua aplicação ao conflito israelo-palestino (STRAWSON, 2006).

Mesmo políticas frequentemente citadas como exemplo de "privilégio judaico", como a Lei do Retorno, não implicariam necessariamente um regime de supremacia racial. A lei estabelece critérios de imigração voltados a uma diáspora historicamente perseguida e encontra paralelos em mecanismos de repatriação étnico-nacional

existentes em outros Estados, como Armênia, Grécia ou Turquia. A crítica ao caráter "étnico" de Israel ignoraria, assim, que muitos Estados-nação organizam sua identidade política em torno de maiorias culturais sem que isso configure automaticamente apartheid ou dominação racial institucionalizada (STRAWSON, 2006).

A classificação do conflito israelo-palestino como "apartheid" também altera implicitamente o horizonte político de solução. Conflitos raciais tendem a ser enfrentados por integração e igualdade dentro de um mesmo Estado, enquanto conflitos nacionais costumam envolver separação política e soberania. Trom e Karsenti (2023) argumentam que a analogia com a África do Sul obscurece o fato de que judeus e palestinos reivindicam autodeterminação nacional, o que pressupõe separação territorial e não apenas igualdade formal de direitos civis. Nesse sentido, a lógica de dois Estados – presente nos Acordos de Oslo e reconhecida pela ONU e pela Corte Internacional de Justiça – depende justamente da distinção entre Israel soberano e os territórios ocupados. Ao colapsar essas realidades em uma narrativa única de apartheid "do rio ao mar", enfraquece-se o vocabulário político e jurídico que sustentou as negociações de paz e fortalece-se, paradoxalmente, a perspectiva de um conflito permanente entre identidades essencializadas de "judeus" e "árabes" (KARSENTI; TROM, 2023).

COMO IDENTIFICAR?

- Qualquer analogia generalizada entre o Estado de Israel e a África do Sul do apartheid, ou com o apartheid de forma ampla.
- Acusação essencializante de racismo dirigida ao conjunto da sociedade israelense, apresentando o racismo não como problema político ou social, mas como essência moral do Estado judeu.
- Qualquer equiparação do sionismo ao racismo, exceto quando inserida em uma crítica universal a todos os nacionalismos
- Paralelos entre Israel ou o sionismo e regimes históricos de discriminação racial, como a escravidão, as leis de Jim Crow ou a segregação nos Estados Unidos.
- Referências à "supremacia judaica" que invoquem noções de supremacia branca ou poder judaico global, salvo quando se referirem de modo específico e contextualizado a correntes ideológicas extremistas dentro de Israel.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e da *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) divergem quanto à acusação de que Israel seria um "Estado racista" ou de "apartheid". A IHRA considera antissemita a negação do direito de autodeterminação do povo judeu, exemplificada pela alegação de que a própria existência de Israel constituiria um empreendimento racista. Nessa perspectiva, caracterizar Israel como inerentemente racista ultrapassa a crítica política ordinária e passa a operar como forma de deslegitimação do Estado judeu, atualizando lugares-comuns históricos que associavam os judeus ao sectarismo, à misantropia ou a pretensões de superioridade.

A Declaração de Jerusalém, por sua vez, procura preservar o espaço para comparações históricas e políticas, sustentando que analogias entre Israel e outros casos históricos, inclusive o apartheid, não são automaticamente antissemitas. Essa posição baseia-se na distinção entre crítica ao sionismo e hostilidade "contra judeus enquanto judeus". Ao mesmo tempo, a própria Declaração reconhece que a aplicação de estereótipos clássicos do antissemitismo ao Estado de Israel constitui antissemitismo, o que torna ambígua a acusação de "Estado racista" quando fundamentada em imagens historicamente associadas aos judeus, como supremacismo, segregacionismo ou hostilidade aos não judeus.

A principal zona cinzenta situa-se, portanto, no modo de aplicação dessas analogias. Referências a políticas específicas – por exemplo, práticas na Cisjordânia – como "coloniais" ou análogas ao apartheid não são automaticamente antissemitas e devem ser avaliadas caso a caso, assim como críticas dirigidas a governos, partidos ou decisões concretas. A linha tende a ser cruzada quando tais acusações deixam de se referir a políticas determinadas e passam a definir a essência do Estado de Israel, da sociedade israelense ou do sionismo enquanto tal, apresentando-os como intrinsecamente ou excepcionalmente racistas. Preservar essa distinção é fundamental para manter aberta a crítica política legítima, inclusive às formas reais de discriminação existentes em Israel, sem reproduzir estruturas históricas de deslegitimação do povo judeu.

31. Israel Como Estado Genocida e o Sionismo Como Ideologia de Extermínio

Codificado na Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio de 1948, o genocídio é definido como atos praticados com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso (ONU, 1948). Formulado pelo jurista judeu Raphael Lemkin, que perdeu dezenas de familiares no Holocausto (LEMKIN, 2012), o conceito permanece profundamente vinculado à experiência histórica judaica do século XX. Essa origem confere particular sensibilidade à imputação de genocídio a Israel, pois mobiliza contra o Estado judeu o próprio crime cuja memória frequentemente fundamenta sua necessidade histórica.

Embora acusações de genocídio não sejam necessariamente antissemitas, quando dirigidas a Israel elas frequentemente operam como mecanismo de deslegitimação de sua existência (→ 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*). Por meio de uma inversão simbólica do Holocausto (→ 27. *inversão do Holocausto*), Israel deixa de ser apresentado como resposta ao antissemitismo genocidário para surgir como agente genocida, associando o sionismo a uma lógica intrinsecamente racista e colonial (→ 29. *Israel como estado colonial, sionismo como ideologia colonialista e judeus como colonizadores;* → 30. *Israel como estado de apartheid e ""sionismo = racismo""*). Nesse enquadramento, Estado, sociedade israelense e diáspora judaica tendem a ser fundidos em um único bloco moralmente culpável, transformando a acusação menos em categoria jurídica analítica do que em instrumento de exclusão moral (GODA, 2025).

O objetivo deste capítulo não é analisar a ação apresentada pela África do Sul contra Israel em 2023 nem a decisão da Corte Internacional de Justiça que considerou "plausível" a ocorrência de genocídio em Gaza (MCMAHON, 2024), mas reconstruir a trajetória histórica dessa acusação e identificar elementos recorrentes: sua conexão com representações históricas dos judeus como povo exterminador; sua permanência ao longo da existência do Estado de Israel; e sua rápida disseminação em momentos de crise, como após os ataques de 7 de Outubro de 2023. Busca-se demonstrar como, frequentemente, os critérios jurídicos do genocídio tendem a ser flexibilizados para se ajustarem especificamente ao caso israelense (→ 34. *duplo padrão*).

A ideia de que os judeus possuiriam planos de extermínio contra outros povos remonta à Antiguidade e se articulava às acusações de misantropia e assassinato ritual (→ 8. *imoralidade, misantropia e vingança;* → 3. *calúnia de sangue*). Segundo David Nirenberg (2013), até mesmo a tradução grega do livro de Ester contribuiu para consolidar a imagem dos judeus como ameaça exterminadora. Nessa versão, Hamã descreve os judeus como povo "pronto para atacar sempre e contra todos", justificando sua destruição preventiva. A ideia reaparece na Idade Média sob a forma de conspirações judaicas para exterminar cristãos por meios furtivos, especialmente através do envenenamento de poços (→ 17. *disseminadores de doenças*). Durante a Peste Negra, difundiu-se pela Europa a crença de que os judeus haviam espalhado venenos para destruir a Cristandade (POLIAKOV, 2003a). Tais acusações funcionavam como legitimação de massacres preventivos: violências contra judeus eram reinterpretadas como autodefesa contra um inimigo supostamente genocida (POLIAKOV, 2003a; LAQUEUR, 2008).

A mesma lógica aparece em episódios como o caso do "Santo Niño de La Guardia", utilizado pela Inquisição Espanhola para apresentar os judeus como ameaça mortal à Cristandade e justificar sua expulsão da Espanha (POLIAKOV, 2003b). Mesmo no contexto iluminista, autores anticlericais mantiveram a representação dos judeus como povo potencialmente destrutivo. Voltaire afirmava que os judeus eram tão culpados quanto seus perseguidores pelas violências sofridas, enquanto autores ligados ao círculo do barão d'Holbach sugeriam que, se tivessem poder suficiente, os judeus promoveriam massacres em larga escala (POLIAKOV, 2003c).

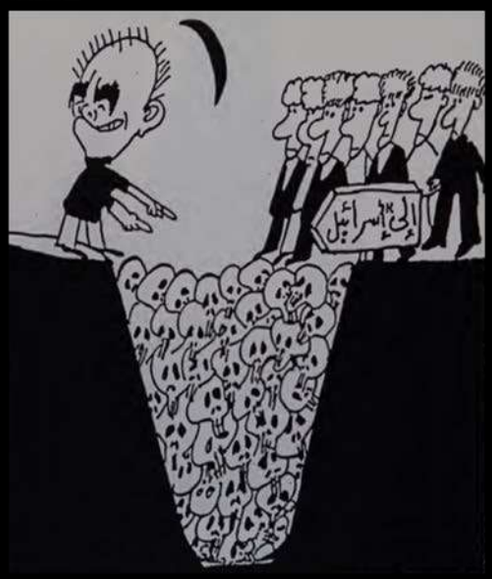
Essas representações foram incorporadas pela visão de mundo nazista, segundo a qual os judeus travariam há milênios uma guerra racial destinada a destruir os povos germânicos. Nessa perspectiva, doutrinas como cristianismo, humanismo, pacifismo ou igualitarismo seriam instrumentos judaicos para enfraquecer a capacidade de autopreservação da Alemanha. Johann Chapoutot (2017; 2018; 2020) demonstra que materiais educativos da SS apresentavam episódios bíblicos como Purim, além da Revolução Francesa e da Revolução Russa, como etapas de uma suposta guerra judaica de extermínio contra os "arianos". Em discurso de 1944, Adolf Hitler afirmou que, caso a Alemanha fosse derrotada, "o Judeu eterno" celebraria "seu segundo Purim triunfal sobre as ruínas da Europa" (CHAPOUTOT, 2018a).

Nesse enquadramento ideológico, o extermínio dos judeus foi apresentado como autodefesa preventiva contra um genocídio imaginado. A inversão acusatória aparece repetidamente nos discursos de Hitler, como em novembro de 1942, quando declarou que, se os judeus provocassem uma guerra mundial para exterminar as raças europeias, "o resultado não será o extermínio das raças europeias, mas o extermínio da judiaria na Europa" (JÄCKEL, 1972).

Essas ideias também encontraram forte ressonância no Brasil por meio do integralista antissemita Gustavo Barroso, que difundiu a imagem dos judeus como povo exterminador e conspirador global. Em obras inspiradas nos *Protocolos dos Sábios de Sião*, Barroso afirmava que guerras, revoluções e crises internacionais fariam parte de um projeto judaico permanente de dominação mundial legitimado pela própria religião judaica. Segundo ele, os judeus atuariam por meio da maçonaria, das finanças internacionais e de "agentes sem escrúpulos" capazes de provocar massacres e destruição em larga escala (BARROSO, 1934; 1936; 1991; 1993a/b). A Revolução Russa, por exemplo, era apresentada como genocídio conduzido por "assassinos judeus", enquanto a Declaração Balfour surgia como etapa de um plano voltado ao "aniquilamento dos Estados goyim".

Show translation

Ninguém odeia judeus. Odiamos genocidas como o estado de Israel.



eles são assim, mesmo. quando não estão apoiando um genocídio por lá, estão aplaudindo uma chacina por aqui.

Q raça genocida!

Responder

Der Stürmer
Nürnberger Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit
Der Blutbund
Furchtbare Bluttaten jüdischer Mordorganisationen
Haltet ein, Mörder!

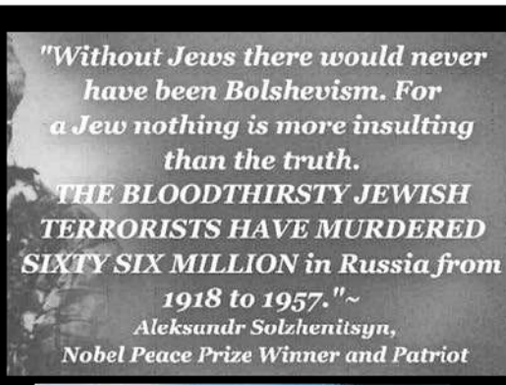
nytimes.com

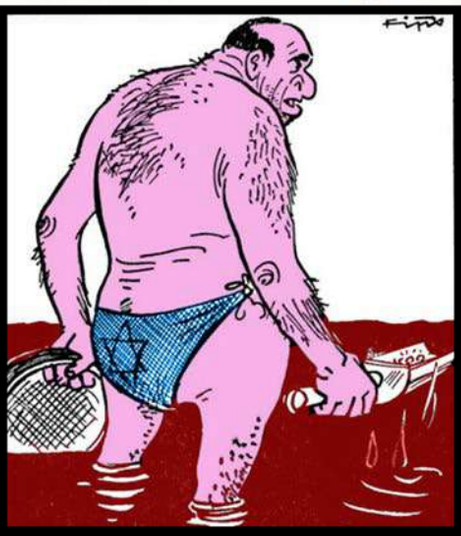
Soviet, in U.N., Charges Israeli 'Genocide'

Share full article

By Paul Hofmann Special to The New York Times
May 11, 1976

É. E o deus desses criminosos isrselenses covardes é o mesmo deus genocida que, no antigo testamento, mandou massacrar todos os povos que não tivessem origem hebraica, além de mandar matar todos os primogênitos inocentes do Egito.





😥 😥 😥 😥 😥 😥 Genocidas profissionais...

GENOCIDAS colonizadores!
Viva a Palestina livre!
Responder

[redacted] nenhuma religião é boa, mas o islamismo é de longe a que tem mais poesia. Mas como toda religião, ela pode ter interpretações, e se você conviver com pessoas mulçumanas irá se surpreender. Eu acho que o judaísmo tende a ser a pior, por ser uma religião de casta e poder. Como todas as outras regiões, o crente judeu acredita ser melhor e mais puro, e junto a essa alienação, vem o poder financeiro. Se o judaísmo tivesse 30% da população mundial, eles iriam matar os outros 70%.

ISSO É GUERRA BIOLOGICA.
OS JUDEUS SENDO JUDEUS.
ARMA BIOLOGICA USADA POR ISRAEL.
MAIS UMA ARMA USADA ILEGAMENTE PELOS GENOCIDAS SIONISTAS JUDEUS ASSASSINOS

A literatura neonazista e negacionista brasileira também mobilizou intensamente o lugar-comum do "judeu exterminador". O negacionista Sérgio Oliveira, em Os *Genocidas do Século* XX, reinterpretou episódios bíblicos e rebeliões antigas como provas de uma suposta índole genocida judaica, sustentando que o Holocausto serviria apenas para ocultar o "verdadeiro genocídio judaico-bolchevista" (OLIVEIRA, 1998). Da mesma forma, o neonazista S. E. Castan – conhecido pelo caso Ellwanger – negava o Holocausto enquanto acusava o "sionismo internacional" de promover genocídios contra alemães e árabes. Em obras como Holocausto Judeu ou Alemão? e S.O.S. para a Alemanha, Castan afirmava que Israel estaria conduzindo um "genocídio palestino" e atribuía aos judeus responsabilidade histórica pelo tráfico negreiro e pela destruição de outros povos (CASTAN, 1990; 1997).

Essas narrativas persistem contemporaneamente em teorias conspiratórias como "grande substituição", "genocídio branco" e "marxismo cultural" (→ 16. *complôs de subversão*). Nesse enquadramento, supremacistas brancos descrevem os judeus como uma "elite globalista" empenhada em destruir a civilização ocidental por meio da imigração, da miscigenação e do multiculturalismo. Já em 1948, o jornal neofascista francês *L'Unité* acusava "sionistas e antirracistas" de promover genocídio racial através da miscigenação (LEBOURG, 2020). A mesma lógica reaparece na ideia de "Governo de Ocupação Sionista" (ZOG), difundida por grupos neonazistas como as Aryan Nations (ADL, 2004), e tornou-se visível em *slogans* do comício supremacista Unite the Right, em Charlottesville, em 2017: "Os judeus não nos substituirão!" (WOLIN, 2022).

A atribuição aos judeus de intenções genocidas também tem servido de justificativa para atentados terroristas contemporâneos. Robert Bowers, autor do massacre da sinagoga de Pittsburgh (2018), afirmava que organizações judaicas promoviam imigração para destruir "o povo branco". O autor do ataque à sinagoga de Poway (2019) denunciava um suposto "genocídio da raça europeia", enquanto Frazier Glenn Miller Jr., responsável pelo atentado contra um centro comunitário judaico no Kansas (2014), declarou agir para impedir o "genocídio sistemático dos povos brancos pelos judeus". Esses casos mostram como a inversão acusatória – segundo a qual os judeus seriam responsáveis pelo extermínio de outros povos – continua desempenhando papel central na legitimação da violência antissemita contemporânea.

Essa mesma lógica é frequentemente projetada sobre os conflitos envolvendo Israel. Como observa Norman Goda (2025), "Israel, ao contrário de outros estados, tem sido acusado de genocídio ao longo de toda a sua existência". Intelectuais como Constantin Zureik e Fayez Sayegh passaram a apresentar o sionismo como projeto intrinsecamente exterminador, estabelecendo paralelos diretos entre sionismo e nazismo (SZEFTEL, 2024).

Particularmente influente foi o ensaio "Zionist Colonialism in Palestine" (1965), de Fayez Sayegh, que definiu o sionismo como "colonialismo de povoamento" voltado à eliminação da população palestina. Nesse enquadramento, a acusação de genocídio deixa de funcionar como hipótese empírica sujeita à verificação histórica e jurídica, tornando-se consequência dedutiva da própria definição do sionismo como projeto colonial e racial (→ 30. *Israel como estado de apartheid e ""sionismo = racismo""*).

A propaganda soviética também difundiu intensamente a ideia de que Israel conduziria uma guerra de extermínio semelhante à do nazismo. No contexto da Guerra Fria, essa retórica permitia apresentar os sionistas como "novos nazistas" e integrar Israel ao campo simbólico do racismo e do genocídio. Em 1953, o ideólogo polonês Michal Mirski afirmava que o governo israelense realizava uma "campanha de extermínio da população árabe", comparável à política hitlerista contra os judeus europeus (citado em MIRSKI, POLIAKOV, 2025).

Paralelamente, a propaganda soviética promoveu uma reconfiguração da memória do Holocausto destinada a esvaziar a condição dos judeus como vítimas históricas e reduzir a legitimidade internacional de Israel. Passou-se a sustentar que os próprios "sionistas" teriam colaborado com Adolf Hitler e lucrado com o extermínio judaico (-> Caps. 18 e 20). Essa inversão do Holocausto foi difundida em publicações como a revista ucraniana *Perets*, que atribuía aos "banqueiros sionistas" participação na construção das câmaras de gás e nos "principais crimes contra a humanidade" (citado em PERETS, POLIAKOV, 2025).

A partir das décadas de 1970 e 1980, o enquadramento do sionismo como "colonialismo de povoamento" foi incorporado por setores da esquerda anticolonial e anti-imperialista, tanto politicamente – com a institucionalização do antissionismo soviético – quanto academicamente, através dos *settler colonialism studies*. Nesse processo, a acusação de genocídio contra Israel passou a circular como categoria aparentemente analítica e neutra, embora preservando estruturas de essencialização e racialização herdadas de tradições antissemitas anteriores (SZEFTEL, 2024).

A consolidação dessa acusação no plano político-diplomático tornou-se particularmente visível durante a Guerra do Líbano de 1982. Após o massacre de Sabra e Chatila, cometido por milícias cristãs aliadas de Israel, a Assembleia Geral da ONU classificou o episódio como "ato de genocídio". Parte da literatura jurídica sustenta, porém, que essa qualificação operou sobretudo como recurso político, sem observância estrita do critério de intenção exigido pela Convenção de 1948. No mesmo contexto, a Comissão MacBride reconheceu a ausência de aniquilação física sistemática da população palestina, mas recorreu à ideia de uma "forma diferente de genocídio", baseada na destruição da cultura nacional e da autonomia coletiva palestina (GODA, 2025).

A Conferência de Durban, em 2001, representou novo marco na legitimação internacional dessa narrativa. Embora as tentativas de incluir formalmente Israel como Estado racista, de apartheid ou genocida não tenham prevalecido no documento final da ONU, em razão de impasses diplomáticos e da retirada de Israel e dos Estados Unidos, o Fórum de ONGs associado ao evento acusou explicitamente Israel de "crimes de guerra e atos de genocídio". Ainda que sem valor jurídico vinculante, o documento consolidou a acusação em linguagem de direitos humanos e em espaço internacional legitimado (HIRSH; MILLER, 2022).

Nos anos seguintes, a acusação reapareceu em declarações de líderes políticos como Hugo Chávez, Mahmoud Abbas, Recep Tayyip Erdoğan, Evo Morales e Mahathir Mohamad, além de pronunciamentos de parlamentos e autoridades na América Latina, Ásia e Oriente Médio. A recorrência temporal e geográfica desses discursos evidencia a ampla circulação política da acusação de genocídio contra Israel no cenário internacional contemporâneo.

Com a intensificação dos conflitos em Gaza e o bloqueio iniciado em 2007, a acusação foi reformulada na noção de "genocídio lento". Relatores da ONU, como Richard Falk, passaram a falar em "Holocausto em formação", enquanto abordagens ligadas ao *settler colonialism* deslocaram o foco da intenção específica – elemento central da definição jurídica de genocídio – para a identificação de estruturas permanentes de dominação (GODA, 2025). Eva Illouz argumenta que determinadas abordagens decoloniais transformam a acusação de genocídio em pressuposto apriorístico, desvinculado da análise empírica das ações concretas do Estado israelense (ILLOUZ, 2025).

Essa perspectiva aparece em formulações como a de Francesca Albanese, Relatora Especial da ONU para os territórios palestinos, segundo a qual o "genocídio" em Gaza representaria etapa de um processo colonial de longa duração (UNITED NATIONS, 2024). Vinculada às correntes Third World Approaches to International Law, Albanese interpreta o direito internacional como tecnologia de poder derivada do colonialismo europeu. Nesse enquadramento, categorias como colonialismo, apartheid e genocídio deixam de operar prioritariamente como conceitos jurídicos verificáveis e passam a funcionar como diagnósticos estruturais associados à própria existência de Estados considerados coloniais (SZEFTEL, 2024).

Após os ataques do Hamas em 7 de Outubro de 2023 e a ofensiva israelense em Gaza, a acusação de genocídio tornou-se um dos principais enquadramentos interpretativos do conflito, difundindo-se rapidamente em protestos, redes sociais, universidades e no plano jurídico, sobretudo após a ação movida pela África do Sul perante a Corte Internacional de Justiça. Em janeiro de 2024, a CIJ determinou medidas provisórias sem ordenar o cessar-fogo, evidenciando cautela quanto à caracterização definitiva do crime e reafirmando o elevado limiar probatório exigido pela Convenção de 1948. Elemento central dessa definição é o *dolus specialis*, isto é, a intenção específica de destruir um grupo enquanto tal, o que distingue genocídio de crimes contra a humanidade ou limpeza étnica (METTRAUX, 2016). Diversos autores sustentam que, sob perspectiva jurídica estrita, a acusação não se confirma pela ausência de evidências consistentes dessa intenção específica (SPENCER, 2010).

Nesse contexto, o uso ampliado e politizado da categoria de genocídio tende, segundo seus críticos, a enfraquecer a precisão do direito internacional e a memória histórica do Holocausto. Embora investigações juridicamente fundamentadas sobre violações não sejam, em si, antissemitas, suscita preocupação a rapidez com que a acusação de genocídio passou a estruturar o debate público, frequentemente apoiada em leituras descontextualizadas de declarações políticas como substitutas da demonstração jurídica de intenção genocida (MOR, 2024; ROSENBERG, 2024). A longa duração histórica das representações dos judeus como povo exterminador de outros povos contribui, nesse sentido, para refletir sobre a facilidade com que esse repertório simbólico pode ser reativado nas interpretações contemporâneas do conflito israelo-palestino.

COMO IDENTIFICAR?

- Atribuição generalizada do genocídio a judeus, sionistas ou a Israel como um todo, apresentada como expressão de sua essência, e não de políticas ou ações específicas.
- Uso de analogias com genocídios históricos para estabelecer equivalências morais ou estruturais com Israel, ignorando diferenças jurídicas, históricas e contextuais.
- Alegações abstratas ou conspiratórias de que judeus, Israel ou o sionismo cometem ou planejam genocídio, sem demonstração empírica de intenção específica (*dolus specialis*).
- Representação do genocídio como consequência inevitável da existência de Israel, sugerindo caráter estrutural ou intrínseco ao Estado.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições contemporâneas de antissemitismo divergem quanto à acusação de genocídio contra Israel. A International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) tende a considerar antissemitas analogias entre Israel e o nazismo, entendendo-as como formas de deslegitimação do Estado judeu. Já a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) sustenta que comparações com "outros casos históricos" não são inerentemente antissemitas, posição criticada por abrir espaço a paralelos entre Israel e o genocídio nazista.

A distinção central reside no grau de generalização da acusação. Críticas dirigidas a políticas, decisões governamentais ou possíveis violações específicas diferem de formulações que atribuem ao Estado de Israel, à sociedade israelense ou ao sionismo uma essência intrinsecamente genocida. A questão torna-se problemática quando a acusação abandona critérios jurídicos e contextuais e passa a operar como equivalência moral absoluta ou linguagem de essencialização política.

Compartilho ao todo os conceitos espelhados. Essas duas ideologias políticas são irmãs. O nazismo está presente no mundo, as vezes com o nome de "Novo nazismo" . Tal denominação é errada. O nazismo foí, é e será ums ideología política de supremacia, colonizadora y de exterminio latente qui vai daqui para lá. O sionismo está na cresta da onda, outa ideología política pior ainda do que o nazismo, pelo fato de repetir a través da Nakba, o Holocausto judeu com os palestinos. O sionismo é a kmensa cobra que procura por todos os lados se apoderar e engolir o mundo. Tanto o nazism quantio o sionismo atentam contra a humanidade. São idéias políticas que deverão ser tirados da faz da Terra. Por enquanto, Viva a Palestina livre do rio ao mar.🇵🇸🍉🌴🚀

O sionismo virou o fachismo do século vinte e um

Curtir Responder

Hitler e Israel juntos

Curtir Responder

Sobre o Holocausto:

Os alemães sabiam.

Exatamente como os judeus hoje sabem do holocausto que a entidade sionista pratica em seu nome.

Isso faz com que, necessariamente, a comunidade judaica seja dividida em duas:

A antissionista e a nazista.

32. Israel Como Estado Terrorista

Trata-se do lugar-comum que descreve o Estado de Israel, em sua totalidade, como uma entidade inerentemente terrorista, excluindo-o, por definição, da comunidade global de Estados legítimos. Mais do que uma crítica a operações militares específicas ou a episódios de violência estatal, essa acusação essencializadora reduz Israel a uma organização criminosa movida exclusivamente pela violência contra civis, supostamente à margem de quaisquer restrições morais ou legais. Historicamente, essa retórica ganhou força sobretudo a partir da década de 1980 e do início dos anos 2000, quando setores do ativismo político passaram a inverter o vocabulário do terrorismo contra Israel. Para sustentar essa formulação, frequentemente mobilizam-se episódios envolvendo grupos paramilitares anteriores à fundação do Estado israelense, como Irgun e Lehi, convertendo acontecimentos históricos específicos em suposta prova da natureza permanente e constitutiva do próprio Estado.

Na contemporaneidade, a rotulação de Israel como "Estado terrorista" opera frequentemente por meio de falsas equivalências morais entre o Estado judeu e organizações como Hamas ou Estado Islâmico (ISIS). Ao projetar sobre Israel a imagem do mal absoluto (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*), esse tropo articula-se frequentemente à analogia com o nazismo e inversão do Holocausto (→ 27. *inversão do Holocausto*) e à negação do direito de existência de Israel (→ 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*), funcionando como mecanismo de demonização e deslegitimação política.

A definição de "terrorismo" permanece uma das categorias mais controversas das Relações Internacionais e do Direito Internacional. Historicamente, o conceito surgiu no contexto do "Reino do Terror" da Revolução Francesa, inicialmente associado à violência estatal. Ao longo do século XX, contudo, o foco analítico deslocou-se progressivamente para atores não estatais, produzindo intenso debate acadêmico sobre a possibilidade de Estados serem classificados como agentes terroristas.

Nos Estudos Críticos de Terrorismo, sustenta-se que a violência estatal constitui a forma mais significativa de violência política em termos de impacto social e número de vítimas, chegando-se a interpretar a própria "Guerra ao Terror" como forma de terrorismo de Estado (POYNTING; WHYTE, 2012). Já abordagens tradicionais insistem na distinção entre violência estatal e não estatal como condição para a precisão conceitual. Nessa perspectiva, Estados podem empregar práticas de "terror", mas o termo "terrorismo" seria reservado à violência política praticada por atores não estatais (HOFFMAN, 2017). Sob esse paradigma, abusos cometidos por Estados seriam enquadrados por outras categorias jurídicas, como crimes de guerra ou crimes contra a humanidade (FRIEDLÄNDER, 1998).

A análise aqui proposta não pretende arbitrar essa controvérsia conceitual. As distinções acima são utilizadas apenas como pano de fundo para compreender a circulação pública da categoria "Estado terrorista" e examinar como, em determinados contextos políticos e intelectuais, essa acusação, quando dirigida a Israel, opera menos como descrição de atos específicos e mais como estratégia discursiva de essencialização e deslegitimação.

Antes de analisar a aplicação contemporânea dessa retórica contra Israel, é importante notar que a associação entre judeus, terrorismo e subversão política possui longa história no repertório antissemita. Como observa Léon Poliakov (2003d), entre o final do século XIX e o início do século XX, especialmente no contexto do Império Russo, a expansão dos movimentos revolucionários levou setores políticos conservadores a associar o terrorismo revolucionário a uma suposta conspiração judaica.

Após o assassinato do tsar Alexandre II, em 1881, a imprensa antissemita distorceu deliberadamente a identidade do responsável pelo atentado, descrevendo-o em termos racializados e reforçando a associação entre judeus e terrorismo político (POLIAKOV, 2003d). Essa retórica rapidamente ultrapassou as fronteiras russas e encontrou novo impulso no contexto da paranoia antirrevolucionária posterior à Revolução Russa.

Mesmo figuras centrais das democracias liberais recorreram parcialmente a esse imaginário. Em artigo publicado em 1920, Winston Churchill mencionou a existência de "judeus internacionais, também conhecidos como terroristas judeus" (citado em CHURCHILL, POLIAKOV, 2003d), associando-os a redes conspiratórias globais.

Sob o nazismo, a propaganda estatal projetou sistematicamente sobre judeus e sionistas a imagem de agentes violentos e terroristas. Como demonstra Jeffrey Herf (2024), o Ministério da Propaganda de Joseph Goebbels orientava explicitamente a imprensa alemã a retratar a presença judaica na Palestina como forma de ocupação violenta baseada no terror.

Na União Soviética stalinista, essa associação alcançou novo grau de institucionalização. Conforme demonstra Poliakov (2025), médicos, intelectuais e organizações judaicas passaram a ser acusados oficialmente de integrar conspirações terroristas internacionais. O chamado "complô dos médicos" converteu a acusação de terrorismo em instrumento de repressão estatal, mobilizando velhos tropos antissemitas sob nova linguagem ideológica.

No Oriente Médio, segundo Wistrich (2010), grupos islamistas e setores do nacionalismo radical passaram a mobilizar a categoria "terrorismo" para demonizar a autodeterminação judaica e simultaneamente legitimar a violência contra civis israelenses. Nessa lógica, atos terroristas palestinos são frequentemente reinterpretados como formas legítimas de resistência diante de um suposto "Estado terrorista".

A acusação contemporânea de que Israel seria um "Estado terrorista" ganhou centralidade especialmente a partir da década de 1980, durante a Guerra do Líbano, articulando-se frequentemente à *inversão do Holocausto*

Maroubra, Sydney 30 Jan. 2025

O INFERNO JA ESTÁ ANSIOSO ESPERANDO OS TERRORISTAS JUDEUS VÃO SENTAR NO COLO DO ADOLF.

13 min Curtir Responder

Por que o Hamas não é um grupo terrorista

A classificação do Hamas como "terrorista" serve a objetivos claros da política israelense para **silenciar o debate sobre a ocupação, o apartheid e o genocídio**

[redacted] Israel é um estado Terrorista, essa de caçar pessoas para matar é só seres MACABROS sanguinários e terroristas que fazem isso. Portanto, Israel é o mestre em terrorismo. Que aliás , o que Israel pratica já ultrapassou terrorismo, já ultrapassou Hitler, já ultrapassou Herodes o que fez matança de crianças, acredito que nem mesmo Herodes matou tantas crianças como Israel. Portanto, Isr... Ver mais

[redacted]
5 dias atrás editado
É só terrorismo, especialidade dos genocidas.
3 Responder Compartilhar ›

[redacted] NVTRGLP
5 dias atrás
Eles ensinam e exportam as técnicas para a implementar do apartheid social. O modus operandi da PM daqui de Nazisland(antiga SC), nas favelas do estado . É o mesmo das idf no gueto de Gaza ou na Cisjordânia.
2 Responder Compartilhar ›

[redacted]
5 dias atrás
Cada vez que leio esses horrores de Israel tento me conter para não achar que Hitler estava certo quando pensou em exterminar os judeus da face da Terra. Eita povinho miserável!
2 Responder Compartilhar ›

[redacted]
5 dias atrás
O estado terrorista de isahell tem planos expansionistas iguais aos da alemanha nazista com aniquilação da população dos países conquistados

Show translation
Os terroristas judeus também serão mortos ou só os "terroristas" palestinos? Porque a mesma pessoa disse que era moralmente certo estuprar palestinos

Israel virou um estado terrorista? Que horror!! O mundo assiste horrorizado o holocausto contra um povo e se cala? Por que tanta conveniência com o **sionista** genocida enviado de **Satanás** para matar mulheres, crianças, bebês, jornalistas... inocentes?

[redacted] 45 min
EUA e Israel são os Estados mais genocidas e terroristas desse planeta 😫
Responder

[redacted]
Querem vender simpatia, ninguém acredita nele israelitas terroristas assassinos de crianças.
Responder Ver original

(→ 27). Diferentemente de críticas dirigidas a operações militares específicas, essa formulação busca redefinir a própria natureza do Estado israelense, apresentando-o como entidade fundada sobre o terror e, portanto, essencialmente ilegítima.

Um marco importante dessa formulação é a obra *Israel: The Hijack State*, de John Rose (1986). O autor não sustenta apenas que Israel praticou atos específicos de violência, mas que o próprio Estado teria surgido a partir do terrorismo enquanto método fundador. Nessa perspectiva, o terrorismo deixa de ser entendido como prática contingente e passa a constituir a essência permanente do Estado israelense.

Parte importante dessa argumentação repousa na tentativa de estabelecer continuidade direta entre grupos como Irgun e Lehi e o Estado de Israel posteriormente constituído. Nessa leitura, práticas violentas empregadas por essas organizações durante o período do Mandato Britânico seriam retrospectivamente transformadas em prova de que Israel seria, desde sua origem, um Estado terrorista (HOFFMAN, 2015).

Essa interpretação, contudo, depende de simplificações históricas relevantes. Ela ignora tanto a posição minoritária dessas organizações no interior do movimento sionista quanto os conflitos existentes entre esses grupos e lideranças da Agência Judaica, da Haganah e de outros setores do sionismo que buscavam restringir ou conter o recurso à violência indiscriminada (HOFFMAN, 2015).

Ainda que membros dessas organizações tenham sido posteriormente incorporados às instituições israelenses, esse processo ocorreu no contexto da centralização estatal do uso legítimo da força e da dissolução das milícias armadas, e não como continuidade institucional de práticas terroristas. A caracterização de Israel como "Estado terrorista" depende, portanto, da transformação de episódios históricos contingentes em atributo essencial e permanente do Estado.

A circulação contemporânea dessa acusação ampliou-se significativamente após os atentados de 11 de setembro de 2001, a "Guerra ao Terror" e a Segunda Intifada. Nesse contexto, setores do ativismo antiguerra e do antiamericanismo passaram a reverter a categoria "terrorismo" contra os próprios Estados que a mobilizavam como instrumento político e jurídico (BOLTON, 2024).

Essa reconfiguração produz um efeito duplo. Por um lado, relativiza ou neutraliza a categoria "terrorismo" enquanto conceito analítico. Por outro, quando aplicada a Israel, transforma-a em instrumento de condenação moral absoluta. Israel deixa de ser apresentado como um Estado que pode cometer abusos ou violações – possibilidade existente em qualquer conflito armado – e passa a ser descrito como entidade essencialmente terrorista, equiparável a organizações como Hamas ou ISIS.

Uma consequência central desse enquadramento é a reorganização completa do campo interpretativo do conflito. Ao converter Israel no agente central do terrorismo, grupos responsáveis por ataques deliberados contra civis passam a ser reinterpretados como atores legítimos de resistência diante de um suposto terrorismo estatal e colonial.

Estamos, aqui, diante de um paradoxo importante. A denúncia do conceito de terrorismo como arma política não conduz ao abandono da categoria, mas à sua reaplicação seletiva contra Israel. Nesse enquadramento, o termo deixa de funcionar apenas como descrição de práticas específicas e passa a operar como mecanismo de deslegitimação ontológica do próprio Estado israelense (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor;* → 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*).

Para fins analíticos, convém distinguir essa forma de rotulagem totalizante de outras categorias presentes no debate acadêmico e jurídico, como "terror de Estado", "terrorismo patrocinado pelo Estado" ou acusações relativas a operações militares específicas. Ainda que essas formulações possam ser controversas, elas não implicam necessariamente a negação da legitimidade política ou do direito de existência do Estado israelense. Diferentemente disso, a expressão "Estado terrorista", quando empregada como atributo essencializante, transforma um conceito descritivo em instrumento de condenação absoluta.

Nos últimos anos, essa formulação passou a aparecer explicitamente em discursos de lideranças políticas internacionais, incluindo autoridades palestinas, o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan, representantes dos governos da Bolívia, Síria e Irã, entre outros atores envolvidos em disputas diplomáticas e ideológicas mais amplas.

COMO IDENTIFICAR?

- Discursos que associem judeus, sionistas ou instituições judaicas ao terrorismo como traço coletivo, e não como imputação individual, contextualizada e demonstrável.
- Afirmações que usem "terrorismo judaico", "terrorismo sionista" ou "Estado terrorista" para reativar tropos de conspiração, subversão, ameaça oculta ou poder mundial judaico.
- Narrativas que apresentem Israel como terrorista por natureza, deslocando o debate de ações, governos ou operações específicas para a ideia de que o próprio Estado judeu seria criminal em sua essência.
- Leituras históricas que convertam episódios específicos de violência praticados por grupos judaicos ou sionistas em prova de uma continuidade permanente entre judaísmo, sionismo, Israel e terrorismo.
- Discursos que, ao classificar Israel como "Estado terrorista", relativizem ou justifiquem a violência deliberada contra civis judeus ou israelenses, reclassificando seus perpetradores como mera resistência diante de um mal absoluto.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais divergem significativamente quanto aos limites entre crítica política e antissemitismo nesse campo. A Definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA), embora não trate explicitamente da expressão "Estado terrorista", tende a interpretá-la sob as categorias de demonização, deslegitimação e duplo padrão. Nesse enquadramento, caracterizar Israel em sua totalidade como empreendimento inerentemente terrorista pode implicar negação do direito judaico à autodeterminação e aplicação de critérios excepcionais não exigidos de outros Estados.

A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), por sua vez, adota posição mais permissiva em relação à retórica política extrema. Sua diretriz 15 sustenta que críticas a Israel ou ao sionismo não precisam ser moderadas, proporcionais ou razoáveis para permanecerem protegidas como discurso político. Nessa perspectiva, expressões como "Estado terrorista" podem, em determinados contextos, ser compreendidas como linguagem de protesto ou condenação política severa, desde que não mobilizem tropos antissemitas clássicos.

É necessária, portanto, uma análise cuidadosa da forma como o termo "terrorismo" é empregado pelo emissor. Críticas a operações militares específicas, ao uso desproporcional da força ou a violações do direito internacional humanitário não configuram antissemitismo por si mesmas. A fronteira é ultrapassada quando Israel deixa de ser criticado por ações concretas e passa a ser definido como entidade intrinsecamente terrorista e essencialmente ilegítima.

33. Negação do Direito de Autodeterminação do Povo Judeu no Seu Lar Ancestral

Trata-se do lugar-comum que nega aos judeus o direito à autodeterminação política e territorial em seu lar ancestral, recusando-lhes a prerrogativa de se constituírem como sujeito político nacional – um direito amplamente reconhecido a outros povos. Historicamente, essa negação possui raízes no antijudaísmo teológico e no mito do "Outro"/"O eterno estrangeiro" (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*), que condenava os judeus à errância perpétua e à impossibilidade de enraizamento. Na modernidade, esse enquadramento foi secularizado e reconfigurado por distintas matrizes ideológicas – do nazismo ao antissionismo soviético, do anticolonialismo radical ao islamismo político – que passaram a retratar o projeto nacional judaico como intrinsecamente ilegítimo, colonial, racista, genocida (→29. *Israel como estado colonial, sionismo como ideologia colonialista e judeus como colonizadores;* → 30. *Israel como estado de apartheid e ""sionismo = racismo"";* → 31. *Israel como estado genocida e o sionismo como ideologia de extermínio*) ou teologicamente inadmissível.

No discurso contemporâneo, essa recusa manifesta-se na tentativa de negar ou deslegitimar o direito de existência de um Estado judeu em qualquer configuração possível. Essa retórica opera por meio do apagamento sistemático da indignidade judaica (→ 5. *artificialidade e inautenticidade*), transformando um povo com vínculos históricos milenares com a região em "invasores estrangeiros" sem raízes legítimas. Ao mobilizar um *duplo padrão* (→ 34), que singulariza a própria ideia de um Estado judeu como intrinsecamente inaceitável, essa linguagem ultrapassa o debate político legítimo e reatualiza formas históricas de exclusão dos judeus.

É fundamental distinguir a contestação legítima de governos, políticas, fronteiras ou instituições israelenses da negação do direito à autodeterminação judaica. O problema analítico não está em criticar Israel, mas em negar, em termos conceituais, a legitimidade de qualquer forma de soberania judaica entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo. Quando se afirma que um Estado judaico é, por definição, ilegítimo, racista ou moralmente inadmissível, desloca-se o debate do campo da crítica política para o da deslegitimação de um direito coletivo reconhecido a outros povos (VINCENT; BOLTON; TROSCHKE, 2024).

A análise desse fenômeno exige atenção às diferentes matrizes históricas que estruturaram a oposição ao sionismo e à autodeterminação judaica. Nem toda oposição histórica ao sionismo foi antissemita. Debates críticos ocorreram no interior do próprio mundo judaico desde o final do século XIX. Como demonstram Walter Laqueur (2003) e Shlomo Avineri (2017), o sionismo político surgiu como resposta moderna à persistência do antissemitismo europeu e à percepção de que a emancipação liberal não eliminara a vulnerabilidade estrutural dos judeus.

Robert Wistrich (1996) e Laqueur (2003) identificam três grandes matrizes de oposição judaica inicial ao sionismo: a assimilacionista liberal, a esquerda revolucionária e a ortodoxia religiosa. Setores assimilacionistas viam a emancipação moderna como solução definitiva para a "questão judaica" e consideravam o nacionalismo judaico um risco capaz de reforçar acusações de "dupla lealdade". Já correntes marxistas e socialistas entendiam o sionismo como um desvio nacionalista incompatível com a luta de classes e com a emancipação universal. Movimentos como o Bund rejeitavam a ideia de uma nação judaica separada, classificando o sionismo como uma "utopia pequeno-burguesa" (WISTRICH, 2016).

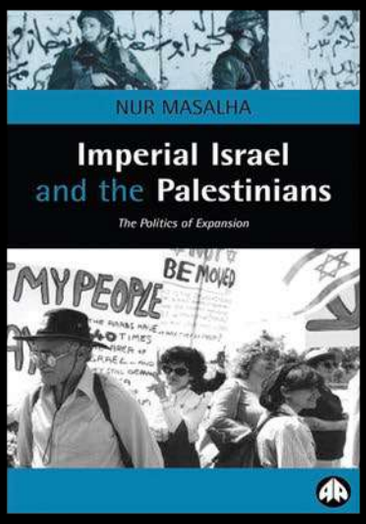
A terceira matriz de oposição provinha do judaísmo ortodoxo tradicional, cuja crítica se concentrava no caráter secular do sionismo político. Para essas correntes, a soberania judaica deveria decorrer da redenção messiânica, e não de um projeto político moderno conduzido por agentes humanos.

Essas correntes não eram, em si mesmas, necessariamente antissemitas. Tratava-se de disputas internas sobre quais caminhos históricos poderiam assegurar integração, segurança ou continuidade judaica. O Holocausto, contudo, alterou profundamente esse cenário. Como observa Wistrich (2016), após 1948, grande parte do antissionismo judaico institucional perdeu centralidade diante da percepção de que assimilação, universalismo ou dispersão territorial não haviam sido suficientes para impedir o extermínio de milhões de judeus.

O que distingue essas divergências históricas de formas posteriores de negação da autodeterminação judaica é a natureza do desacordo. No primeiro caso, discutiam-se os meios adequados para garantir segurança e continuidade coletiva. No segundo, afirma-se que os judeus, singularmente, não podem reivindicar o direito à autodeterminação reconhecido a outros povos.

As raízes dessa excepcionalização antecedem a criação do Estado de Israel. Conforme aponta Tucci Carneiro (2019), o antijudaísmo cristão medieval consolidou a ideia de que os judeus estavam condenados à dispersão permanente como punição divina pelo deicídio (→ 4. *o outro, o "eterno estrangeiro"*). Em Agostinho de Hipona, a dispersão judaica foi interpretada como prova da vitória do Cristianismo. Como resume David Nirenberg (2013), os judeus deveriam sobreviver em condição degradada para testemunhar a verdade cristã. Desse modo, a impossibilidade de soberania territorial judaica passou a integrar o imaginário ocidental.

Do ponto de vista sociológico, esse elemento é central. O antissemitismo opera historicamente por meio da excepcionalização negativa dos judeus: eles são construídos não apenas como grupo distinto, mas como ameaça


NUR MASALHA
Imperial Israel and the Palestinians
The Politics of Expansion
MY PEOPLE
BE MOVED

HOW TO TALK ABOUT SETTLER COLONIALISM & IMPERIALISM
This workshop builds on from our last session, focusing on how the key ideas from that session can be effectively communicated. This is done through unpacking recurring pro-Israel narratives on indigeneity, colonialism, and imperialism, and collectively analyse these arguments and how to respond to and debunk them.
TUESDAY 28 OCTOBER ON ZOOM 6:30PM - 8:30PM (LONDON TIME)
APPLICATION LINK IN BIO

FROM THE RIVER TO THE SEA PALESTINE WILL BE FREE

'O PROJETO COLONIAL E IMPERIALISTA DE ISRAEL NÃO SE REALIZA SEM CHEGAR AO IRÃ'
Para Salem Nasser, professor na FGV-SP, Israel parte para atacar todos à sua volta porque não pode ter um competidor na região.

PALESTINA
1946
Antigo território palestino
Faixa de Gaza
PALESTINA
ISRAEL
1947
Criação de Israel
Faixa de Gaza
PALESTINA
ISRAEL
1967
Guerra dos Seis Dias e expansão de Israel
PALESTINA
Faixa de Gaza
ISRAEL
2011
Situação atual, com territórios palestinos isolados

PALESTINIAN LOSS OF LAND 1946 TO 2005
PALESTINE
1946
ISRAEL
UN PLAN 1947
ISRAEL
1949 - 1967
ISRAEL
2005

1946
PALESTINA
Antigo território palestino
1947
PALESTINA
ISRAEL
Criação do Estado de Israel e expulsão de mais de 700 mil palestinos de suas terras
1967
FAIXA DE GAZA
PALESTINA
ISRAEL
Guerra dos Seis Dias e expansão da força israelense
2021
FAIXA DE GAZA
ISRAEL
Situação atual da ocupação ilegal de Israel

PALESTINA
LIVRE
DO RIO
AO MAR

FREE
PALESTINE
END ISRAELI OCCUPATION

PALESTINA
LIVRE
DO RIO AO MAR

FROM THE RIVER
TO THE SEA
PALESTINE
WILL BE
FREE

FREE
PALESTINE
O FIM DA OCUPAÇÃO SIONISTA

PALESTINA LIVRE
DO RIO AO MAR
FORA O IMPERIALISMO

STOP
ILLEGAL OCCUPATION
GENOCIDE, COLONIALISM
DISPLACEMENT
Free PALESTINE

singular à ordem moral, política ou religiosa (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*). Nessa lógica, a autodeterminação judaica aparece como perigo, e não como direito.

Essa percepção esteve presente no pensamento nazista. Adolf Hitler sustentava que os judeus não possuíam capacidade produtiva para constituir um Estado territorial próprio, caracterizando-os como um povo "parasitário" dependente do trabalho de outras nações (JÄCKEL, 1972; HITLER, 2006). Jeffrey Herf (2023) demonstra que, para o nazismo, o sionismo não era compreendido como movimento legítimo de libertação nacional, mas como parte de uma conspiração judaica internacional (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*).

A partir de 1937, o regime nazista passou a combater ativamente a criação de um Estado judeu na Palestina. Como mostram Herf (2009; 2023), Mallmann e Cüppers (2006), essa oposição articulou-se à aproximação entre o nazismo e lideranças do nacionalismo árabe radical, especialmente Haj Amin al-Husseini. Nesse contexto, a negação da autodeterminação judaica deixou de ser apenas política e passou a integrar um projeto explicitamente eliminacionista. A propaganda nazista em árabe fundia oposição ao sionismo e incitação ao assassinato de judeus, apresentando a destruição do projeto nacional judaico como requisito para a sobrevivência árabe e islâmica.

Após o Holocausto e a criação do Estado de Israel, a negação da legitimidade da autodeterminação judaica assumiu nova linguagem durante a Guerra Fria. Como demonstra Izabella Tabarovsky (2022), a União Soviética reinterpretou o sionismo em categorias marxistas-Lêninistas, redefinindo-o como movimento racista, colonialista e imperialista. Essa formulação culminou na Resolução 3379 da Assembleia Geral da ONU, em 1975, que equiparou o sionismo ao racismo (→ 30. *Israel como estado de apartheid e ""sionismo = racismo""*).

Nesse contexto, consolidou-se um enquadramento político segundo o qual os judeus não constituiriam uma nação legítima, mas apenas uma comunidade religiosa sem direito à soberania territorial. Essa lógica aparece de forma explícita na Carta Nacional Palestina (1968), da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que descrevia o sionismo como movimento racista, colonial e expansionista, negando aos judeus o estatuto de povo e rejeitando qualquer fundamento histórico para sua autodeterminação (HERF, 2016; 2024).

Em suas formulações mais radicais, esse enquadramento convergiu com o islamismo político contemporâneo. A Carta do Hamas (1988) redefine a Palestina como território islâmico indivisível, convertendo a rejeição da soberania judaica em imperativo religioso absoluto. Nesse modelo, a existência de um Estado judeu não é percebida apenas como problema político, mas como violação teológica e histórica (HERF, 2022).

Na contemporaneidade, observa-se frequentemente um padrão discursivo no qual os judeus são aceitos enquanto minoria vulnerável ou testemunhal, mas tornam-se suspeitos quando aparecem como sujeitos políticos soberanos. Conforme argumenta Robert Wistrich (2010), parte da Nova Esquerda ocidental absorveu elementos do antissionismo soviético e do discurso terceiro-mundista, convertendo Israel em símbolo condensador de colonialismo, racismo e imperialismo.

Eva Illouz (2025) observa que, em certos setores do pensamento decolonial contemporâneo, o sionismo deixa de ser compreendido como resposta histórica à vulnerabilidade judaica e passa a funcionar como representação privilegiada dos males atribuídos ao Ocidente moderno. O resultado é uma inversão moral na qual os judeus deixam de ocupar o lugar de grupo historicamente perseguido e passam a ser concebidos exclusivamente como expressão de privilégio e dominação.

Jean Améry identificou precocemente esse deslocamento ao afirmar que o antissionismo passou a oferecer uma nova legitimidade ao antigo ódio aos judeus (AMÉRY, 2021). O antissemitismo deixa de se apresentar como preconceito explícito e passa a reivindicar para si a linguagem do antirracismo e da emancipação, singularizando o Estado judeu como mal absoluto.

No debate político contemporâneo, propostas de Estado binacional ou Estado laico democrático não são, em si mesmas, necessariamente antissemitas. Historicamente, a ideia binacional surgiu inclusive dentro de setores minoritários do próprio sionismo, como Brit Shalom e Hashomer Hatzair, que defendiam uma estrutura compartilhada entre judeus e árabes baseada em igualdade política (LAQUEUR, 2003).

Contudo, formulações posteriores associadas à OLP e ao antissionismo contemporâneo passaram a incorporar ambiguidades relevantes quanto ao estatuto político dos judeus e aos critérios de pertencimento em um eventual Estado único. Jeffrey Herf (2016; 2022) observa que documentos históricos da OLP implicavam, na prática, a exclusão ou expulsão de grande parte da população judaica existente em Israel.

Além disso, autores como David Hirsh (2018) e Pardo e Delor (2024) questionam a viabilidade prática dessas formulações diante da persistência de movimentos explicitamente antissionistas e antissemitas na região, como Hamas e Hezbollah. Nesses contextos, propostas de dissolução da soberania judaica tendem a ignorar condições concretas de segurança e antagonismo político.

COMO IDENTIFICAR?

- Discursos que neguem aos judeus o estatuto de povo ou nação, reduzindo-os exclusivamente a uma comunidade religiosa.
- Afirmações de que os judeus, singularmente, não têm direito à autodeterminação política ou territorial, ao contrário de outros povos.
- Propostas políticas que condicionem a permanência de judeus em Israel à renúncia de sua condição nacional coletiva.
- Negação ou deslegitimação dos vínculos históricos, culturais e políticos dos judeus com a Terra de Israel.
- Recusa proposital em utilizar o termo "Estado" para se referir a Israel, substituindo-o por rótulos como "entidade", "farsa", "projeto" ou "organização", muitas vezes empregando aspas (por exemplo, o "chamado Israel") para invalidar sua legitimidade política e existência no presente.
- Apelos diretos para a dissolução ou destruição de qualquer forma de soberania judaica "do rio ao mar".
- Discursos que apresentem a soberania judaica como intrinsecamente racista, conspiratória ou ameaçadora, deslocando a crítica de ações concretas para uma rejeição ontológica.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais abordam a negação da autodeterminação judaica de maneiras distintas. A definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) classifica explicitamente como antissemita a atitude de "negar ao povo judeu o seu direito à autodeterminação, por exemplo, alegando que a existência de um Estado de Israel é um empreendimento racista". A formulação parte do princípio de que recusar especificamente aos judeus um direito coletivo reconhecido a outros povos configura um padrão discriminatório.

A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA), por sua vez, evita utilizar diretamente o conceito de autodeterminação. Sua diretriz 10 condena a negação do direito dos "judeus no Estado de Israel de existirem e florescerem", enquanto a diretriz 12 afirma que não é antissemita criticar ou opor-se ao sionismo como forma de nacionalismo, nem defender modelos alternativos – como um estado binacional ou um estado unitário democrático – "entre o rio e o mar".

No plano analítico, a principal distinção situa-se entre crítica política situada e deslegitimação ontológica. Criticar governos, políticas, fronteiras ou instituições israelenses não configura antissemitismo. Entretanto, afirmar que um Estado judaico, enquanto tal, é ilegítimo, intrinsecamente racista ou moralmente inadmissível desloca o debate para a negação de um direito coletivo.

Da mesma forma, posições universalistas antinacionalistas ou anarquistas não são necessariamente antissemitas. A fronteira é ultrapassada quando se exige exclusivamente a eliminação de Israel sem aplicar o mesmo critério a outros Estados nacionais, produzindo um duplo padrão.

As propostas de Estado binacional também revelam ambiguidades relevantes. Embora frequentemente formuladas como alternativas legítimas, certas versões históricas incorporaram critérios excludentes quanto à pertença judaica ou pressupunham a dissolução da soberania judaica sem garantias concretas de segurança coletiva.

Por fim, é importante distinguir o antissionismo judaico histórico – oriundo de matrizes assimilacionistas, socialistas ou religiosas – de formas contemporâneas de negação da autodeterminação judaica. As primeiras discutiam estratégias de integração, emancipação ou redenção; já certas formulações contemporâneas mobilizam essas dissidências de forma instrumental para sustentar que os judeus, singularmente, não deveriam exercer direitos soberanos reconhecidos a outros povos.

34. Duplo Padrão

Trata-se do lugar-comum que aplica sistematicamente critérios morais, jurídicos ou políticos desiguais a judeus, ao sionismo e ao Estado de Israel, impondo-lhes padrões de legitimidade, responsabilidade ou conduta não igualmente exigidos de outros grupos, movimentos nacionais ou Estados em circunstâncias comparáveis. O duplo padrão manifesta-se quando judeus são singularizados como portadores de culpas coletivas, quando o sionismo é tratado como excepcionalmente ilegítimo entre movimentos de autodeterminação nacional, ou quando Israel é convertido em símbolo paradigmático do mal político global.

Historicamente, essa lógica constitui uma das gramáticas mais persistentes do antissemitismo. Judeus foram sucessivamente construídos como ameaça religiosa, racial, econômica ou civilizacional, enquanto, na contemporaneidade, mecanismos semelhantes podem ser reatualizados por meio da excepcionalização do sionismo e da soberania judaica. O duplo padrão, portanto, não constitui apenas uma controvérsia recente ligada a Israel, mas uma estrutura histórica de desigualdade seletiva aplicada, sob diferentes formas, a judeus, práticas judaicas, instituições judaicas e, na modernidade política, ao nacionalismo judaico e ao Estado judeu.

Na Idade Média, essa hipocrisia estrutural operava de forma flagrante. Excluídos da posse de terras, das corporações de ofício e de grande parte das profissões consideradas legítimas, muitos judeus foram empurrados para atividades financeiras, especialmente o empréstimo a juros - prática economicamente indispensável, mas moralmente condenada pela Igreja. Monarquias europeias instrumentalizaram essa posição, utilizando a atividade judaica como mecanismo indireto de arrecadação por meio de impostos e confiscos (NIRENBERG, 2013). Assim, o judeu tornava-se simultaneamente funcional à ordem econômica e moralmente estigmatizado por ocupar o papel que lhe fora imposto. Zalkind-Hourwitz denunciou essa perversidade ao afirmar: "Os judeus [...] merecem ser oprimidos porque são usurários e vigaristas; em vez de dizer que são usurários e vigaristas porque são oprimidos" (citado em POLIAKOV, 2003a).

A seletividade desse mecanismo torna-se ainda mais evidente quando comparada ao tratamento dispensado aos financistas cristãos. Embora o empréstimo a juros fosse condenado pela Igreja, a estigmatização absoluta recaiu quase exclusivamente sobre os judeus. Financistas cristãos puderam desenvolver as bases do capitalismo comercial sem carregar o mesmo estigma demonizante (→ 2. *demonização*).

O duplo padrão também era institucionalizado juridicamente. Poliakov (2003b) recorda que um foro promulgado em Castela, em 1309, estabelecia que "um cristão que matasse um infiel" pagaria multa, enquanto "um infiel que matasse um cristão" deveria pagar com a própria vida. A desigualdade normativa tornava explícita a hierarquia moral entre vidas judaicas e cristãs.

Durante a Inquisição Ibérica, essa lógica atingiu nova sofisticação. Embora o cristianismo professasse universalismo salvífico, essa promessa foi seletivamente suspensa para judeus convertidos. Cristãos-novos passaram a ser perseguidos não por sua fé, mas por sua ancestralidade, através dos estatutos de pureza de sangue. O problema deslocava-se da crença para a própria origem judaica. Alonso de Espina, ao distinguir entre "judeus públicos" e "judeus ocultos" (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*), atribuía a ambos a mesma essência perversa (POLIAKOV, 2003b).

A assimetria torna-se ainda mais evidente na comparação com os mouriscos. Embora ambos fossem grupos convertidos e anteriormente classificados como infiéis, os descendentes de muçulmanos sofreram vigilância muito menos intensa. O "sangue judaico" passou a ser concebido como contaminação permanente, produzindo formas precoces de discriminação hereditária legal (POLIAKOV, 2003b).

A literatura histórica mostra que o duplo padrão não se restringiu ao mundo cristão. Em sociedades islâmicas, judeus frequentemente ocupavam posição paradoxal: podiam ser úteis como médicos, tradutores, financistas ou administradores, mas sua integração permanecia condicionada à aceitação de uma posição subordinada. Como observam Poliakov e Nirenberg, a tolerância garantida aos *dhimmis* não equivalia à igualdade plena.

Essa tensão aparece de forma emblemática no massacre de Granada, em 1066. A ascensão política de Samuel ibn Naghrila e de seu filho foi percebida como violação intolerável da hierarquia social esperada para uma minoria judaica. A violência não resultava apenas da presença judaica, mas da percepção de que ela ultrapassara os limites simbólicos de subordinação tolerados pela sociedade (NIRENBERG, 2013; POLIAKOV, 2003b).

Na modernidade europeia, a emancipação judaica não eliminou essa lógica; apenas a secularizou. Aos judeus passou a ser exigido que abandonassem particularismos religiosos e culturais para se integrarem à nação, mas essa integração jamais ocorreu sob condições plenamente simétricas. Como observa Hyam Maccoby (2006), a tolerância iluminista exigia frequentemente que elementos centrais da identidade judaica fossem abandonados como preço da cidadania.

Se os judeus permanecessem distintos, eram acusados de separatismo; se assimilados e bem-sucedidos, tornavam-se suspeitos de infiltração ou dominação oculta. A igualdade vinha acompanhada da exigência permanente de excepcionalidade moral e patriótica.

Esse duplo padrão impregnou inclusive correntes revolucionárias do século XIX. Segundo Nirenberg (2013), pensadores como Karl Marx associaram os vícios universais do dinheiro e do capital à "essência" do judaísmo (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*; → 14. *personificação e controle do capitalismo global*), impondo ao judaísmo um peso simbólico que jamais foi exigido da burguesia cristã como grupo coletivo.

No Império Russo, a discriminação adquiriu contornos burocráticos particularmente explícitos. Como observa Poliakov (2003d), consolidou-se um aparato administrativo em que leis e normas podiam ser seletivamente reinterpretadas quando o alvo era a população judaica. Durante os pogroms de 1881, 1903 e 1905, a proteção estatal deixou de operar simetricamente: a violência contra judeus passou a ser politicamente tolerada, e a defesa de vidas judaicas podia inclusive ser percebida como afronta à ordem social vigente.

Sob o bolchevismo, o discurso oficial condenava o antissemitismo como ferramenta reacionária, mas a prática revelou mecanismos distintos. Durante a Guerra Civil Russa, diante de violências cometidas também por setores do Exército Vermelho, lideranças revolucionárias por vezes deslocaram parte da responsabilidade para os próprios judeus, restringindo sua participação institucional para evitar tensões com massas camponesas antissemitas (MCGEEVER, 2019).

Com o stalinismo, essa excepcionalização tornou-se ainda mais burocrática. Embora a União Soviética reconhecesse formalmente diferentes nacionalidades, judeus passaram a ocupar posição ambígua: eram oficialmente identificados como grupo nacional, mas simultaneamente perseguidos como "cosmopolitas sem raízes". O Julgamento de Slánský, em 1952, exemplifica essa mutação ao transformar origem judaica em suspeita política sob a linguagem do "sionismo" e do "imperialismo" (WISTRICH, 2010).

Após a Guerra dos Seis Dias (1967), o antissionismo soviético internacionalizou essa lógica. A propaganda soviética passou a negar ao nacionalismo judaico formas de legitimidade reconhecidas a outros movimentos nacionais e anticoloniais. Como observam Wistrich (2010) e Herf (2024), tropos clássicos sobre conspiração judaica foram recodificados na linguagem do "imperialismo sionista" (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico*; → 15. *dominação mundial*; → 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*).

Na contemporaneidade, o duplo padrão manifesta-se sobretudo como gramática moral seletiva.
Seu funcionamento consiste em submeter judeus, o sionismo ou Israel a testes de legitimidade não exigidos de outros grupos, movimentos nacionais ou Estados. Como observam Vincent e Bolton (2024), essa lógica pode aparecer tanto em práticas institucionais quanto em exigências culturais e políticas dirigidas especificamente aos judeus.

Essa dinâmica torna-se particularmente visível quando o nacionalismo judaico é tratado como o único movimento de autodeterminação cuja legitimidade deve ser permanentemente justificada. Outros nacionalismos marcados por guerras, deslocamentos populacionais ou conflitos violentos raramente têm sua própria existência colocada em questão. Com o sionismo, porém, a crítica frequentemente ultrapassa políticas específicas e dirige-se à própria ideia de soberania judaica (HIRSH, 2018; JOHNSON, 2024).

O duplo padrão também aparece quando judeus da diáspora são transformados em representantes compulsórios de Israel (→ 28. *responsabilização dos judeus pelas ações do estado de Israel*). Em muitos espaços políticos e acadêmicos, judeus são pressionados a se pronunciar sobre o conflito israelo-palestino como condição tácita de pertencimento moral, enquanto cobranças equivalentes raramente recaem sobre outros grupos nacionais ou religiosos.

Essa exigência produz a divisão entre "bons" e "maus" judeus. Os primeiros seriam aqueles que confirmam os pressupostos do antissionismo dominante; os segundos, suspeitos de cumplicidade moral com Israel. Exige-se, assim, que judeus performem publicamente uma ruptura identitária que não é cobrada de outros grupos.

Outro mecanismo decisivo é a suspeição lançada sobre a própria denúncia do antissemitismo. David Hirsh denomina "Formulação Livingstone" a prática de responder a denúncias de antissemitismo acusando seus autores de agir de má-fé para silenciar críticas a Israel (→ 20. *vitimização estratégica*; → 21. *tabu da crítica*). Em vez de analisar o conteúdo da denúncia, questiona-se preventivamente sua legitimidade.

A assimetria é evidente: denúncias de racismo, islamofobia ou xenofobia tendem a receber presunção inicial de seriedade, enquanto denúncias de antissemitismo envolvendo Israel frequentemente são tratadas como manipulação estratégica. O judeu deixa de ser percebido como possível vítima e passa a ser suspeito de instrumentalizar o próprio sofrimento.

Após os ataques de 7 de Outubro de 2023, esse mecanismo tornou-se ainda mais visível. Eva Illouz (2024) identifica, em setores progressistas ocidentais, a emergência de um "ódio virtuoso", no qual a recusa da compaixão pelas vítimas israelenses é justificada pela representação abstrata de todo israelense como encarnação do colonialismo opressor.

Illouz observa que, enquanto outras minorias costumam ter reconhecido o direito de definir o que consideram ofensivo contra si, essa prerrogativa é frequentemente negada aos judeus. Além disso, em outros conflitos globais, feito os existentes em países como Sudão, Síria, Ucrânia ou Congo, a compaixão pelas vítimas civis raramente depende de aprovação prévia das políticas de seus Estados. No caso israelense, contudo, a solidariedade frequentemente torna-se condicional.

Essa seletividade aparece de modo particularmente intenso na inversão do Holocausto (→ 24. *negação e distorção do Holocausto*; → 27. *inversão do Holocausto*). Quando Israel é comparado ao nazismo, frequentemente não se trata apenas de crítica hiperbólica a ações militares específicas, mas da transformação do Estado judeu em representante paradigmático do mal político absoluto.

Jean Améry já percebia, após 1967, que parte do antissionismo europeu assumia a forma de superioridade ética moralizante, na qual Israel era construído como encarnação singular da violência ilegítima (AMÉRY, 2021). O problema central não reside no uso de analogias históricas

em si, mas em sua aplicação seletiva: outros Estados envolvidos em guerras, ocupações ou violações massivas raramente são convertidos de modo tão sistemático em equivalentes simbólicos do nazismo.

Nesses casos, Israel deixa de ser tratado como Estado concreto sujeito a crítica e responsabilização ordinárias, passando a funcionar como metáfora total do colonialismo, do racismo, do imperialismo, do genocídio e da violência global (→ 29. *Israel como estado colonial, sionismo como ideologia colonialista e judeus como colonizadores*; → 30. *Israel como estado de apartheid e ""sionismo = racismo""*; → 31. *Israel como estado genocida e o sionismo como ideologia de extermínio*). Izabella Tabarovsky (2024) demonstra que essa gramática retoma elementos do antissionismo soviético, no qual "sionismo" passou a designar uma conspiração global imperialista e racista.

Em síntese, o duplo padrão não se define pela existência de críticas severas a Israel, mas pela aplicação desigual dos critérios que estruturam essas críticas. Quando princípios aparentemente universais como autodeterminação, direitos humanos, antirracismo ou legitimidade política passam a ser mobilizados seletivamente contra judeus, o sionismo ou Israel, produz-se uma atualização contemporânea de antigas estruturas de excepcionalização discriminatória.

COMO IDENTIFICAR?

- Aplicação seletiva de princípios universalistas de modo que judeus, sionismo ou Israel sejam tratados como exceções singulares a normas reconhecidas para outros grupos, povos ou Estados.
- Uso de analogias ou enquadramentos que transformem Israel em símbolo paradigmático e excepcionalizado do mal político global.
- Exigência recorrente de que judeus, especialmente na diáspora, ofereçam provas extraordinárias de dissociação ou condenação de Israel como condição de legitimidade moral.
- Transformação de judeus em representantes compulsórios do Estado de Israel ou do sionismo.
- Suspeição sistemática contra denúncias de antissemitismo relacionadas a Israel, presumidas como manipulação política.
- Submissão de demandas coletivas judaicas - segurança, memória histórica, autodeterminação - a critérios singularmente mais restritivos do que aqueles aplicados a outros grupos em circunstâncias comparáveis.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

A acusação de “duplo padrão” constitui um dos principais pontos de divergência entre a Definição Operacional da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA). A IHRA considera potencialmente antissemita “aplicar duplos padrões, exigindo de Israel um comportamento não esperado ou demandado de nenhuma outra nação democrática”. Sua lógica parte da ideia de que a discriminação emerge precisamente quando um grupo é submetido a critérios excepcionais.

A JDA, por outro lado, procura desvincular explicitamente o conceito de “duplo padrão” do antissemitismo, especialmente para preservar formas de ativismo antissionista e campanhas de boicote. Sua diretriz 15 sustenta que críticas consideradas “excessivas”, “contenciosas” ou percebidas como “duplo padrão” não são, por si mesmas, antissemitas.

A aplicação concreta do conceito envolve zonas cinzentas importantes. A literatura reconhece que nem toda atenção desproporcional dada a Israel decorre necessariamente de antissemitismo, já que fatores emocionais, culturais, religiosos ou geopolíticos podem explicar o foco em determinados conflitos.

O problema surge quando esse interesse se converte em fixação seletiva marcada por demonização singular, distorções sistemáticas, deslegitimação absoluta ou aplicação desigual de princípios universalistas. Nesses casos, a crítica política pode passar a reproduzir estruturas históricas mais amplas de excepcionalização discriminatória dirigidas aos judeus e à soberania judaica.

PARTE V

Discurso de Ódio, Retórica e Performatividade Violenta

35. Comunicação Ambígua, Implícita ou Indireta: Alusões, “Apitos de Cachorro”, Metáforas e Eufemismos
36. Humor Antissemita
37. Insultos, Ameaças, Maldições e Desejos de Morte
38. Afirmação de Grupos Antissemitas
39. Afirmação do Nazismo, de Hitler e do Holocausto

35. Comunicação Ambígua, Implícita ou Indireta: Alusões, “Apitos de Cachorro”, Metáforas e Eufemismos

Diferentemente do discurso de ódio explícito, a comunicação antissemita indireta opera por meio de codificação e deslocamento semântico. O conteúdo ideológico permanece, mas sua expressão é adaptada para contornar sanções sociais e jurídicas. Nessa forma de expressão, o sentido antissemita não é enunciado diretamente, devendo ser inferido a partir de referências culturais compartilhadas entre emissor e receptor. Essa estrutura confere ao discurso uma aparência ambígua, permitindo a circulação de ideias antissemitas no espaço público sob a proteção da “negabilidade plausível”. Tais estratégias são frequentemente descritas pelo termo “apito de cachorro” (*dog whistle*), em analogia com o apito que emite uma frequência audível para cães, mas não para humanos. São mensagens dotadas de significado específico para públicos previamente familiarizados com seus códigos (FIELITZ; BRODERSEN, 2024). Sua compreensão depende, portanto, do domínio do repertório histórico e simbólico do antissemitismo, bem como do contexto em que a mensagem é produzida (BECKER et al., 2024).

Ao mesmo tempo, essa forma de comunicação reforça as próprias premissas da ideologia antissemita. Como observa Moishe Postone (2021), o antissemitismo oferece um esquema interpretativo que pretende “explicar o mundo” em contextos percebidos como complexos ou ameaçadores. Nesse quadro, os judeus são concebidos como portadores de um poder abstrato, difuso e onipresente, frequentemente descrito como uma “conspiração internacional extremamente poderosa e intangível”.

No ambiente digital memes, emojis, símbolos e códigos visuais funcionam como instrumentos eficazes de comunicação ideológica e pertencimento grupal. Memes podem ser compreendidos como “unidades de informação cultural” que circulam rapidamente por imitação (TOPOR, 2025), enquanto emojis e signos gráficos atuam como formas rápidas e aparentemente inofensivas de transmitir significados políticos ou hostis (BECKER et al., 2024; CYBERWELL, 2025). Embora os exemplos disponíveis não sejam exaustivos – dado o caráter dinâmico dessas práticas –, eles permitem identificar padrões recorrentes de adaptação contínua da linguagem antissemita ao ambiente digital.

Os emojis de caixa de suco 🧃 e 🥤, bem como a expressão *juice*, funcionam por aproximação fonética com *Jews*, permitindo aludir aos judeus sem nomeá-los diretamente e evitando filtros de moderação. O emoji 👃 mobiliza o estereótipo do “nariz judeu”, amplamente difundido na tradição da caricatura racial moderna, operando como sinal visual de identificação e desumanização (→ 11. *desumanização e repulsividade*). Já os emojis 🤑 e 💰 retomam associações históricas entre judeus, dinheiro e usura (→ 10. *ganância, avareza e parasitismo*), condensando lugares-comuns do antissemitismo econômico. A estrela de Davi ✡️, por sua vez, embora constitua um símbolo religioso central do judaísmo, pode ser reapropriada em contextos de assédio como instrumento de marcação e intimidação, especialmente quando repetida massivamente em comentários acompanhados de outros símbolos hostis (CYBERWELL, 2025; FIELITZ; BRODERSEN, 2024).

Outra estratégia recorrente consiste no uso de expressões aparentemente neutras associadas à ideia de “notar padrões”, sugerindo uma recorrência oculta sem mencionar diretamente os judeus. Fórmulas como “estou apenas notando” ou “é impossível não perceber” insinuam a existência de uma recorrência oculta (*every single time*), funcionando como códigos compartilhados entre emissores e receptores familiarizados com esse repertório. De modo semelhante, comentários como *well, well, well* ou “o que temos aqui?” operam como sinais de descoberta irônica, evocando o desmascaramento de um agente oculto – à maneira de narrativas populares como as do desenho Scooby-Doo –, no qual o “vilão” é implicitamente associado aos judeus. Nesse mesmo registro, o uso dos três parênteses – ((( ))) – conhecidos como ecos, serve para marcar a suposta identidade judaica de indivíduos, como em “(((Soros)))”, permitindo identificá-los de forma indireta e contornar sanções explícitas (CHAPELAN, 2024).

A ironia e, sobretudo, as perguntas retóricas constituem formas recorrentes de comunicação antissemita indireta. Como observa Matthias J. Becker (2024), esse recurso permite promover a imagem de um suposto poder judaico – especialmente no campo da mídia e da política – sem formular afirmações explícitas. Ao converter acusações em perguntas (“Quem controla a mídia?”), o enunciador evita a responsabilidade direta pelo conteúdo antissemita, transferindo ao receptor a tarefa de completar o sentido. Esse mecanismo foi visível, por exemplo, na circulação do *slogan* “Qui?” (Quem?) em protestos sociais na França, que remete a uma declaração insinuada sobre o controle midiático por uma “comunidade conhecida”, funcionando como código para designar judeus sem nomeá-los (PARDO; DELOR, 2024).

No ambiente digital, essa pergunta retórica “Quem?” é frequentemente combinada com estratégias irônicas e formatos “meméticos”. Um exemplo é o uso da música “I Don’t Know”, apropriada em vídeos que apresentam eventos trágicos ou controvérsias políticas seguidos de insinuações conspiratórias que atribuem responsabilidade aos judeus, concluídas com a expressão ambígua que dá nome à canção: – “quem? – eu não sei”. De modo semelhante, expressões como *they know* (eles sabem) ou *the Goyim know* (os *goim* sabem) operam como sinais de reconhecimento intragrupal, sugerindo que uma suposta conspiração judaica teria sido desvelada.

Ao se apresentarem como humor, dúvida ou observação casual, tais mensagens evitam a formulação direta do ódio, mas mantêm intacto o conteúdo ideológico (→ 9. *mentira, engano, infiltração e dissimulação*).

Meu filho foi expulso de apenas 109 escolas...

Com certeza é culpa das escolas, dos alunos e dos professores

: nós compramos o sistema

When someone asks me who is responsible for all the wars:

Juice 😂 😂

Responder

(((🤙)))

Pelo menos sabem o quanto são odiados, essa raça maldita

(((holandeses)))
Responder

((()))

14 h
quem poderia imaginar que o povo que foi expulso de 109 países seria expulso novamente.
Responder 35

174 curtidas Responder

Well well well
1 curtida Responder Ver tradução

Responder

Responder

12,9 mil 507

Não nega as origens! Kkkk (((🤙🤙)))
Responder

WHEN YOU'RE AT A PARTY AND SOMEONE MENTIONS (((THEM)))

BRASILEIRO MÉDIO FINALMENTE ACORDANDO PARA A REALIDADE IMPLANTADA PELOS

well, well, well 🙏

Responder

Eu sabia
Responder

Milhares de horas pesquisando conspirações diferentes e todas me levam de volta aos mesmos perpetradores..

Well, well, well... Nada que não aconteça há alguns milênios
Responder

"Globalists", "Elites", "Deep state", "Shadow Government", "New world order".....are terms used to conceal who is really in power. It is the Zionist "J€ws".

Eles fazem parte da praga vermelha globalista que querem nos dominar
29

WELL WELL WELL
Responder Ver tradução 2

4 d
Well well well
Responder Ver tradução 1

Well well well....
Responder Ver tradução 3

2 d
Responder 2

WELL WELL WELL

20 h
Antes eram 109, agora são 110
Responder 18

"maçons"???

Fala judeu logo primo

8 5 625 113K

Criador

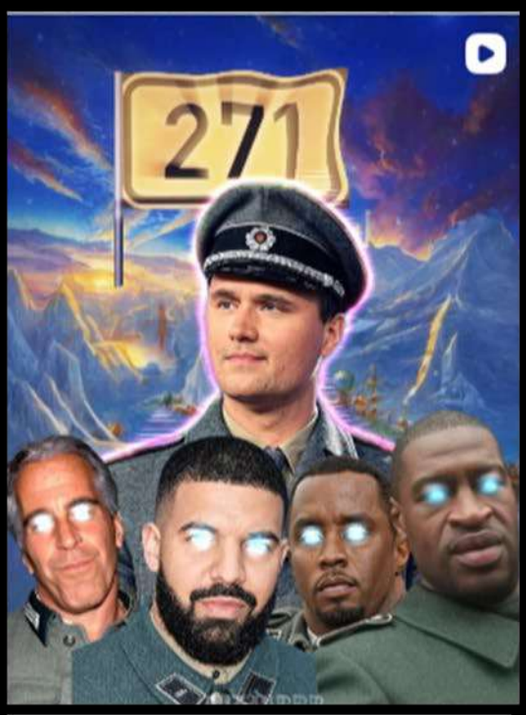
Já estou naquele momento em que acredito que tanto a esquerda e direita estão completamente subjugados aos interesses dos 🧃 e temos que nos livrar disso para voltarmos a ter democracia

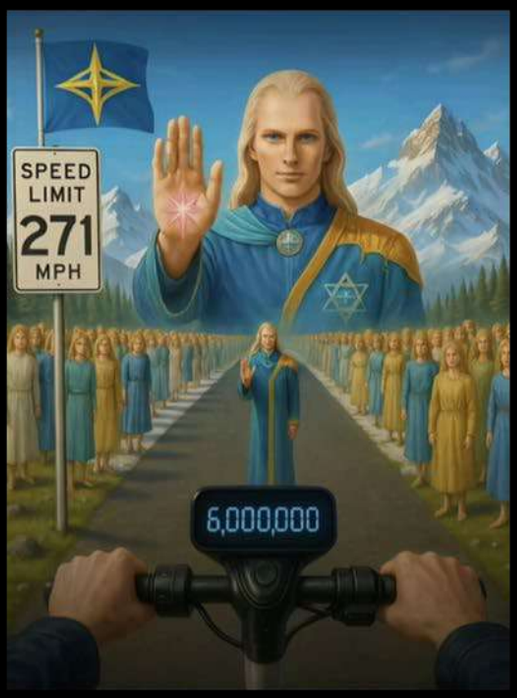
10

David GOLDBERG

Meu senso de **reconhecimento** de **padrões** tá muito aguçado

Quando te chamarem de racista, apenas responda: "Sou apenas proficiente em **reconhecer padrões**"





Luciano ((((goldstein)))) huck 😂😂

7 curtidas Responder

🧃🥸

Responder

Ver mais 19 respostas

[redacted] 3 sem

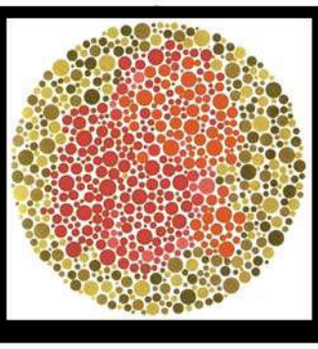
Responder

pattern recognition

10-3 Responder 7158

271 mil minutos da quanto tempo? Aposto que não é isso aí. Mas poderia ser, eu ficaria lisonjeado em passar o resto da vida em silêncio se todos os judeus fossem extintos

Responder



Assisti a este documentário cerca de 88 vezes, compartilhei 271 mil vezes e curti 6 milhões de vezes.

Apoio total ao povo de Itacaré, eu faço minha parte todo dia também execrando, repudiando e negando legitimidade ao estado dos 🧃 só não tive a sorte de encontrar um pessoalmente até hoje por que Deus é bom e sabe do que eu sou capaz.

Responder 16

he only played 271k matches but somehow died 6 million times

8-4 469 Antworten

how can i get 6million kills if there is only 271k players?

10-23 0 Antworten

[redacted] 40 min

Até parece que I ⚡⚡R A E L não tá botando lenha na fogueira

🇮🇱🐀🇮🇱🐀

Os juice amam degenerar países e tirar vidas de Jesus Cristo e entregá-las ao diabo

6 sem 8 curtidas Responder

GO HOME JUICE 🖕🖕🖕

Responder 30

Long live resistance 🔻

chapéu de fascista é marreta 🇵🇸🔻

[redacted]⚡⚡@[redacted]

religion = politics = damned Zions

🔻🔻🔻

🇵🇸🪂🪂🪂

🔻🇵🇸🔻

BY ANY MEANS NECESSARY 🇵🇸🍉

Sono Pro Pal e Anti **Sionista** 🇵🇸🍉🔻👍

Historicamente, a imposição de signos distintivos aos judeus decorre da tentativa de tornar visível um "inimigo oculto". O Concílio de Latrão (1215) formalizou o uso obrigatório de vestimentas distintivas, como o chapéu cônico e o distintivo amarelo, com o objetivo de tornar pública a alteridade judaica (WISTRICH, 1992). Com a emancipação judaica moderna, a diferença passou a ser buscada no corpo, por meio da construção de estereótipos físicos apresentados como evidências naturais de alteridade. Como observa Peretz Bernstein (2008), o "nariz judeu" foi erigido como índice visível de uma suposta incompatibilidade essencial. Esse processo culminaria, no século XX, na imposição nazista da estrela amarela como mecanismo de identificação compulsória (TUCCI CARNEIRO, 2005).

Em continuidade à tradição histórica de desumanização, emojis de animais e figuras demoníacas passaram a funcionar como formas codificadas de agressão simbólica. O emoji 🐀 (rato), por exemplo, remete diretamente à propaganda nazista, que associava os judeus a pragas e doenças, como no filme *O Judeu Eterno* (1940), onde são comparados à disseminação de pestes (CHAPOUTOT, 2017). O emoji 🐷 retoma a associação histórica entre judeus e porcos, enquanto 🐍 (cobra) mobiliza ideias de engano e traição. Já 🐙 (polvo) evoca representações conspiratórias de controle global "tentacular". Por fim, emojis como 😈, 👿 e 👺 atualizam antigas representações demonológicas dos judeus como aliados de forças malignas. Em conjunto, esses símbolos condensam motivos clássicos do antissemitismo – como desumanização, parasitismo, conspiração e demonização (→ 11. *desumanização e repulsividade;* → 10. *ganância, avareza e parasitismo;* → 6. *dupla lealdade, lealdade "tribal" e deslealdade,* → *parte* II – *teorias modernas da conspiração;* → 2. *demonização*) – adaptados às dinâmicas comunicativas das plataformas digitais (CYBERWELL, 2025; FIELITZ; BRODERSEN, 2024).

Organizações como a Anti-Defamation League (ADL) e o American Jewish Committee (AJC) têm documentado a proliferação de outros eufemismos contemporâneos que operam como substitutos simbólicos para "judeus" em discursos conspiratórios. Termos como "globalistas", "elites financeiras", "banqueiros", "lobby sionista", "estado profundo" ou "mídia controlada" são frequentemente mobilizados para insinuar a existência de um poder oculto e coordenado, empregando esses termos conforme os lugares-comuns clássicos do antissemitismo, como poder e influência desproporcionais, personificação e controle do capitalismo global e dominação mundial (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico;* → 14. *personificação e controle do capitalismo global;* → 15. *dominação mundial;* → 16. *complôs de subversão*) sob linguagem aparentemente neutra (ADL, 2021). De modo semelhante, a expressão "marxismo cultural" articula a teoria conspiratória segundo a qual judeus estariam por trás da degradação moral e cultural do Ocidente (→ 7. *desintegração e degeneração;* → 16. *"marxismo cultural" e genocídio branco*). Essa lógica costuma ser reforçada pela personalização do suposto "poder oculto" em figuras como Rothschild, Soros ou Zuckerberg.

Mais recentemente, surgiu nas redes sociais – especialmente no TikTok – a expressão "spiritually Israeli" ("espiritualmente israelense"), empregada para qualificar práticas culturais percebidas como artificiais, superficiais ou excessivamente mercantilizadas (→ 5. *artificialidade e inautenticidade*).

Em alguns casos, o termo aparece associado a memes como *I'm an Artist From Israel and This Is My Art*, que ironizam conteúdos artísticos israelenses como supostamente vazios ou sem autenticidade (KNOW YOUR MEME, [s.d]).

Também o termo "sionista" é frequentemente deslocado de seu significado político específico para funcionar como substituto pejorativo de "judeu" ou como referência difusa a um suposto "lobby judeu". Essa substituição permite a circulação de conteúdos antissemitas sob a aparência de crítica política legítima, contornando sanções jurídicas e sociais. Conforme observa o glossário do American Jewish Committee (AJC, 2021), "antissemitas frequentemente usam 'sionista' ou 'Zio' como abreviação para 'judeu', enquanto muitos procuram disfarçar seu ódio alegando ser meramente 'antissionistas'".

Com o acirramento das perseguições no período stalinista, a própria palavra "judeu" passou a ser substituída por eufemismos como "cosmopolita" e "sionista", de modo que "o próprio termo judeu tornar-se-ia um vocábulo proscrito" (POLIAKOV, 2025). O próprio termo "antissemitismo", por sua vez, pode ser compreendido como resultado de um deslocamento semântico semelhante. Como explica Robert Wistrich (1992), Wilhelm Marr cunhou o conceito em 1879 para substituir o antigo antijudaísmo cristão por uma formulação racial e política aparentemente moderna e secularizada. Como sintetizam Perry e Schweitzer (2002), "os filhos de Satanás que conspiravam contra a Cristandade foram transmutados em plutocratas capitalistas ou revolucionários vermelhos que aspiravam ao domínio mundial".

Formas indiretas de comunicação antissemita também aparecem no vocabulário cultural da extrema direita contemporânea. Emojis populares ou aparentemente neutros são frequentemente reapropriados como marcadores de identidade nazista e supremacista branca (→ 39. *afirmação do nazismo, de Hitler e do Holocausto*). O uso de ⚡⚡ (dois relâmpagos), por exemplo, remete à dupla runa Sig utilizada pela SS, funcionando como sinal codificado de adesão ao imaginário nazista, enquanto o gesto 👌 passou a funcionar em determinados contextos como indicativo de "White Power". De modo semelhante, o emoji 🙋 pode, em certos usos, aludir à saudação nazista, explorando a ambiguidade gestual e negabilidade plausível.

Os códigos numéricos desempenham papel central nessa comunicação intragrupal. Os números "109" e "110" remetem à narrativa conspiratória segundo a qual os judeus teriam sido expulsos de inúmeros países ao longo da história. Já "271" e "217k" funcionam como formas indiretas de negacionismo do Holocausto, insinuando que o número de vítimas judias teria sido muito inferior ao consenso histórico.

O "88" corresponde à oitava letra do alfabeto, funcionando como abreviação de "HH" (*Heil Hitler*), enquanto "14/88" combina essa referência com o *slogan* supremacista das "14 palavras", formulado por David Lane. Já a sigla "6MWE" (*6 Million Wasn't Enough*) expressa apoio ao extermínio de judeus ao sugerir que o número de vítimas do Holocausto teria sido insuficiente. Por fim, *slogans* como *Never Lose Your Smile* (NLYS), associados à imagem da Totenkopf (caveira vinculada às SS), ou expressões como *The Sun Will Rise Again*, funcionam como formas de exaltação codificada do imaginário nazista.

O emoji 🐸 (*Pepe the Frog*), originalmente sem conotação política, foi apropriado por comunidades extremistas e passou a funcionar como símbolo de ironia e afiliação a discursos radicais. Expressões visuais como 🤡🌎 (*Clown World*) articulam a ideia de uma ordem social invertida, frequentemente associada a narrativas conspiratórias sobre a subversão de valores e hierarquias (→ 7. *desintegrador e degenerador*). Nesse mesmo registro, o uso da onomatopeia *honk honk*, associado ao meme de Pepe vestido de palhaço com uma buzina, atua como substituto fonético de "88" e "HH" (*Heil Hitler*). Esses elementos ilustram como a cultura digital extremista transforma símbolos banais em dispositivos de comunicação indireta capazes de sinalizar pertencimento ideológico e contornar mecanismos de moderação (FIELITZ; BRODERSEN, 2024).

A afirmação e o uso de simbologia nazista constituem, por si, formas de antissemitismo e intimidação contra judeus. Como destacam Becker et al (2024), a ideologia nacional-socialista está estruturalmente vinculada ao antissemitismo e ao Holocausto, de modo que a circulação de suásticas, bandeiras nazistas ou saudações hitleristas opera como forma de ameaça e glorificação da violência antissemita.

No contexto relacionado à militância da causa palestina, determinados símbolos visuais passaram a operar, em alguns casos, como formas de comunicação codificada que podem implicar apoio ou legitimação da violência contra judeus, sionistas ou israelenses. O emoji 🔻 (triângulo vermelho invertido), originalmente utilizado pelas Brigadas Qassam (Hamas) em vídeos de propaganda para marcar alvos israelenses, passou a circular em redes sociais como símbolo de "alvo" ou "inimigo". Já o emoji 🪂 (parapente) adquiriu conotação específica após os ataques de 7 de Outubro de 2023, em razão do uso de parapentes motorizados no ataque do Hamas ao festival Nova. Desde então, o símbolo vem sendo apropriado em determinados contextos como forma de celebração ou exaltação desses ataques (FIELITZ; BRODERSEN, 2024).

Ao empregar esses ícones, usuários não apenas reproduzem símbolos, mas validam e glorificam episódios reais de violência contra civis, reinterpretando-os como atos de libertação ou resistência (TROSCHKE, 2024). Nessas circunstâncias, a simbologia deixa de operar como mera expressão política e passa a funcionar como legitimação da violência, produzindo intimidação, medo e naturalização do antissemitismo sob a aparência de engajamento político (ASCONE, 2024).

COMO IDENTIFICAR?

- Lacunas semânticas: A ofensa não é literal. O significado antissemita fica subentendido, exigindo que o leitor leia nas entrelinhas.
- Exigência de inferência: A mensagem depende de o destinatário usar seu conhecimento de mundo e o contexto cultural para decodificar o preconceito.
- Alusões: Uso de referências indiretas a obras ou eventos para evocar estereótipos.
- Comunicação de desvio e eufemismos: Substituição da palavra "judeus" por termos socialmente mais aceitáveis (ex.: "sionistas") ou por nomes de indivíduos notórios (ex.: George Soros) para camuflar o ódio.
- Metáforas desumanizadoras: Associação indireta e figurada de judeus ou de Israel a características repulsivas (ex.: parasitas, cobras, polvos).
- "Apitos de cachorro" e marcadores semióticos: Uso de símbolos visuais (como os parênteses triplos "((( )))" ou emojis específicos) e jargões que passam despercebidos por leigos, mas funcionam como códigos de ódio para grupos extremistas.
- Atos de fala indiretos: Uso de ironias ou perguntas retóricas (ex.: "Quem controla a mídia?") para induzir o leitor à conclusão antissemita, permitindo ao autor fugir da responsabilidade de uma afirmação direta.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

Tanto a International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) quanto a *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) reconhecem que o antissemitismo contemporâneo frequentemente se manifesta por meio de linguagem implícita e codificada, exigindo análise contextual para sua identificação. A IHRA trata a comunicação indireta como um importante "sinal de alerta", especialmente quando termos como "sionista" ou "Israel" funcionam como substitutos para "judeu", reativando tropos conspiratórios tradicionais sob linguagem aparentemente política. A JDA, por sua vez, reconhece explicitamente formas codificadas de antissemitismo, incluindo acusações indiretas de controle global ou manipulação política atribuídas a judeus.

A principal zona cinzenta emerge na interface entre antissionismo e antissemitismo. Enquanto abordagens associadas à IHRA sustentam que o antissemitismo contemporâneo frequentemente se expressa sob a forma de discurso antissionista, a JDA busca preservar críticas severas ao Estado de Israel como parte do debate político legítimo. Essa tensão torna particularmente relevante a análise do contexto, da recorrência de padrões discursivos e da mobilização de estruturas simbólicas historicamente associadas ao preconceito antijudaico.

my new favorite emoji is the girl doing the Nazi salute 27 2.6K

10-30 16 Antworten
11-24 3 Antworten
10-31 3 Antworten
11-4 1 Antworten
11-29 0 Antworten
11-25 0 Antworten

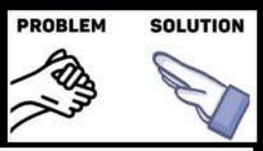
The Sun Will Rise,and We Will Try Again.

10:59 PM · Feb 19, 2025 · 45.8K Views

23 90 1K 128

jas the gews

rep1488
ᚱᚢᚾᛖ ᛋ · 6 d atrás



In case you missed 14 flags tweet, here's what you need to know:

He is involved in a system of communication with white supremacists and he's not even giving dog-whistles anymore. The 14 word slogan posted at 11:14pm among white supremacists:

"We must secure the existence of our people and a future for white children."

When fascism comes to America it'll be wrapped in a flag. Most sane people will argue it's already here...

Follow

He who saves his Country does not violate any Law.

1:14 PM · 2/15/25 · 94M Views

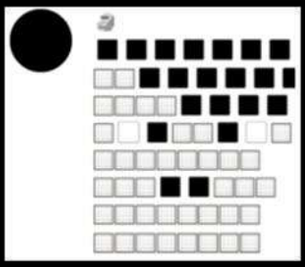
12K 32K 275K 4.2K

Promotoria pede arquivamento de ação após professor alterar suástica no fundo de piscina em SC

Wandercy Pugliesi foi questionado se tinha interesse em assinar um TAC para evitar que processo na área civil seguisse adiante. Ele enviou fotos comprovando a descaracterização da imagem. A promotoria do MP se manifestou pelo arquivamento. Uso de símbolos nazistas é crime no Brasil e tem pena de reclusão de 1 a 3 anos e multa.

Por Caroline Borges e Valéria Martins, G1 SC e NSC
22/06/2021 08h50 · Atualizado há 2 anos

MP decidiu pelo arquivamento depois que o professor comprovou que havia descaracterizado o símbolo nazista na piscina — Foto: MPSC/ Divulgação



36. Humor Antissemita

Trata-se do mecanismo discursivo que mobiliza humor, ironia, caricaturas, memes, trocadilhos e escárnio para expressar, normalizar e camuflar o ódio antijudaico. Historicamente, o humor antissemita funcionou como instrumento de desengajamento moral, exclusão e neutralização da empatia diante da violência contra os judeus. Na contemporaneidade, sátira e ironia passaram também a operar como formas de disfarçar o antissemitismo sob a aparência de crítica política ou rebeldia "anti-*establishment*".

O ecossistema digital ampliou profundamente essa dinâmica. Extremistas e neonazistas recorrem à cultura da "trolagem", do *shitposting* e dos memes virais para difundir preconceitos de maneira aparentemente lúdica e atrair públicos jovens. A eficácia dessa retórica reside em sua ambiguidade calculada: ao encapsular o ódio sob o disfarce de "apenas uma piada", o emissor assegura para si uma forma de negação plausível, contornando moderação e responsabilização por meio de eufemismos, códigos visuais e trocadilhos.

Diferentemente da caricatura tradicional, que preserva algum vínculo empático com o alvo, a caricatura antissemita opera pela negação absoluta da humanidade do judeu, por sua deformação estética e por sua marcação simbólica como objeto legítimo de exclusão e, em suas formas extremas, de extermínio físico. Ao converter agressões, ideologias de segregação e desejos de morte (→ 37. *insultos, ameaças, maldições e desejos de morte*) em produtos de consumo banal e altamente compartilháveis, o humor antissemita reduz os limiares no debate público, fortalecendo laços intragrupais enquanto encobre a violência real de suas intenções.

Historicamente, o uso do humor como instrumento de ridicularização dos judeus remonta à Antiguidade clássica, sobretudo à literatura satírica do Império Romano. Autores como Horácio, Marcial e Juvenal ridicularizavam práticas judaicas como estranhas, supersticiosas ou anti-romanas. Segundo Robert S. Wistrich, Juvenal "enfatizava o caráter supostamente misantrópico dos judeus, ridicularizando a circuncisão e as leis dietéticas como bárbaras e anti-romanas" (WISTRICH, 1992). A sátira também se dirigia a romanos convertidos ou simpatizantes, retratando sua adesão como sinal de decadência moral.

Essas representações operavam pela deformação simbólica de práticas centrais do judaísmo. Circuncisão, leis dietéticas e monoteísmo eram convertidos em motivo de chacota. Walter Laqueur observa que Petrônio zombava dos judeus afirmando que adoravam um "deus porco" (LAQUEUR, 2008), enquanto outros autores difundiam acusações grotescas, como a ideia de que os judeus cultuariam uma cabeça de asno (WISTRICH, 1992).

A literatura helenística ampliou esse repertório ao transformar a própria tradição bíblica em objeto de riso. Como observa Hyam Maccoby, "A cadeia de autoridade judaica é negada, não com ódio, mas com riso" (MACCOBY, 1996). O escárnio integrava um quadro mais amplo de hostilidade cultural: autores como Valério Máximo acusavam os judeus de corromper costumes romanos, enquanto Sêneca lamentava que "os vencidos deram leis aos vencedores" (citado em POLIAKOV, 2003a).

Na Idade Média, o humor antijudaico adquiriu caráter mais corporal, escatológico e violento, integrando-se estruturalmente à cultura cristã europeia. A sátira deixou de apenas ridicularizar costumes considerados estranhos para assumir função de desumanização sistemática, associando judeus ao diabo, à animalidade e à corrupção moral (→ 2. *demonização*; → 8. *imoralidade, misantropia e vingança*; → 11. *desumanização e repulsividade*). Segundo Léon Poliakov, praticamente não houve gênero popular medieval "em que os judeus não estivessem presentes ou não fossem descritos com ridículo ou ódio" (POLIAKOV, 2003a).

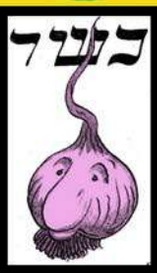
O teatro religioso medieval desempenhou papel central nesse processo. Nas Peças de Paixão e autos de mistério, os judeus eram retratados como figuras grotescas, demoníacas e violentas, frequentemente associadas a imagens animalescas. Narrativas satíricas ridicularizavam práticas religiosas judaicas e exploravam cenas de humilhação física e moral para suscitar simultaneamente riso e hostilidade.

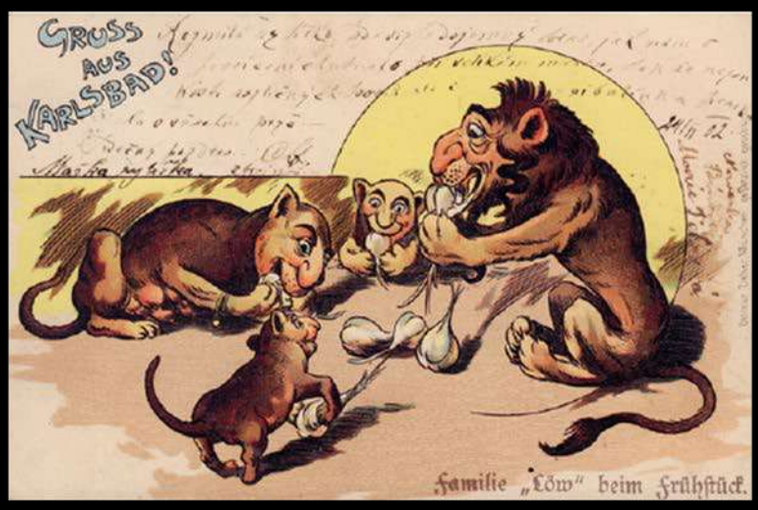
A cultura visual medieval radicalizou essa lógica por meio de imagens deliberadamente degradantes. A mais conhecida é a *Judensau* ("porca dos judeus"), surgida na Boêmia no final do século XIII, representando judeus mamando em porcas ou consumindo seus excrementos (DIENSTBIER, 2021). O motivo difundiu-se amplamente na iconografia europeia, frequentemente acompanhado por elementos demonológicos. Paralelamente, a iconografia medieval atribuiu aos judeus traços bestiais e diabólicos: chifres, rabos, orelhas de porco ou associação com escorpiões e outras criaturas consideradas repulsivas (POLIAKOV, 2003a).

A tradição de humor agressivo marcou também a Reforma Protestante, especialmente na obra de Martinho Lutero. Em panfletos como Vom Schem Hamephoras (1543), Lutero recorre a imagens escatológicas e obscenas para ridicularizar os judeus e sua tradição exegética, retomando a iconografia da *Judensau* e associando judaísmo à animalidade e à impureza (POLIAKOV, 2003a).

Na Península Ibérica, o humor antijudaico assumiu frequentemente a forma de insulto literário e social. Como demonstra David Nirenberg, no Cancionero de Baena do século XV, chamar alguém de "judeu" funcionava como recurso de desqualificação moral, intelectual e sexual (NIRENBERG, 2013). Trocadilhos depreciativos e caricaturas corporais fundiam estigmatização religiosa e escárnio físico.

A partir do século XVI, com a expansão comercial e urbana, o teatro assumiu papel central na difusão de estereótipos antijudaicos. Consolidou-se então a figura do "judeu usurário" como tipo cômico recorrente. David Nirenberg observa que dramaturgos ingleses utilizavam a sátira para opor o cristão espiritual ao judeu associado ao lucro e à materialidade (NIRENBERG, 2013).





Huck quer comprar banco digital que é um dos maiores anunciantes do Domingão

REPRODUÇÃO/TV GLOBO

Luciano Huck; conversas entre Banco Master e o grupo
esentador estão em estágio inicial
2

WHAT'S THAT BURNING?
OH IT'S MY FAMILY

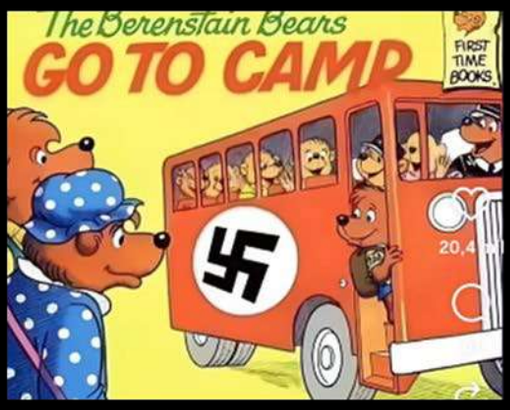
2/10
analog photo
flyaways
WOULD NOT BANG
jew ears
eye bags
what is this, 1940's Poland?
crooked teeth

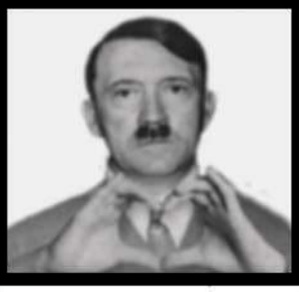
6.000.000

How to pick up Jewish chicks
VIA 9GAG.COM

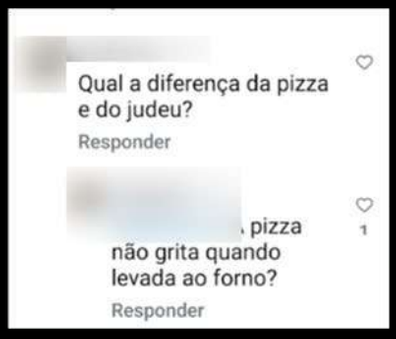
Alemão do GÁS

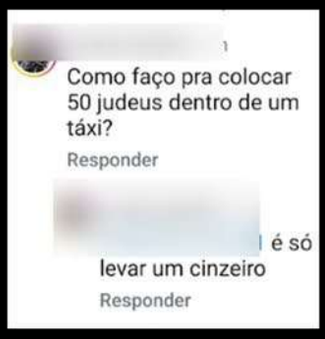
NARGUILE DE JUDEU

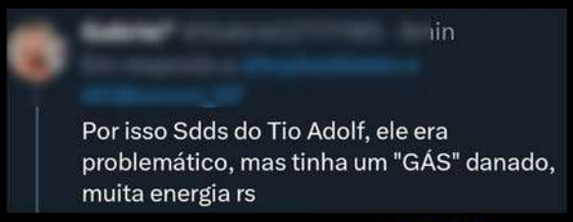

The Berenstain Bears
GO TO CAMP
FIRST TIME BOOKS

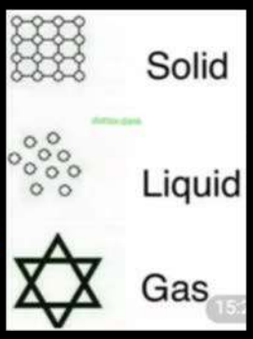


get your oven cooking the Reich way
ADOLPH'S OVEN SERVICES
good for 6 million operations GUARANTEED
GAS OVEN SPECIALIST
call 0800 final solution
Jew won't believe it!


Qual a diferença da pizza e do judeu?
Responder
pizza não grita quando levada ao forno?
Responder


Como faço pra colocar 50 judeus dentro de um táxi?
Responder
é só levar um cinzeiro
Responder


Por isso Sdds do Tio Adolf, ele era problemático, mas tinha um "GÁS" danado, muita energia rs


Solid
Liquid
Gas

WHAT IF WE
KILL THE JEWS

KILL JEWS

NEW YEAR :)
AND I LOVE YOU
DEATH TO ALL JEWS
HUF

boa noite povo escolhido
0:09
13
76
492
8K

Essa representação atinge formulação mais sofisticada em *O Judeu de Malta*, de Christopher Marlowe, cujo personagem Barrabás encarna simultaneamente caricatura da avareza judaica e crítica irônica à hipocrisia cristã. O efeito cômico deriva da fusão entre estereótipo e crítica social, preservando, contudo, a associação entre judaísmo e cálculo interesseiro.

No século XVIII, o humor antijudaico assumiu novo estatuto sob o Iluminismo. Pensadores deístas e enciclopedistas recorreram à ironia e ao deboche histórico para desqualificar o judaísmo e, indiretamente, atacar as bases bíblicas do cristianismo. Léon Poliakov observa que "qualquer história engraçada só precisava ser batizada de 'judaica' para ganhar uma vis comica adicional" (POLIAKOV, 2003c).

Voltaire destacou-se nesse processo ao utilizar a ironia de forma sistemática para ridicularizar a história e os costumes hebraicos. Seu repertório recorria a sarcasmo, grotesco e inversão histórica para apresentar os judeus como povo bárbaro, supersticioso e irracional. O Barão d'Holbach radicalizou essa tendência em *O Espírito do Judaísmo* (1770), reunindo antigas tradições antijudaicas numa narrativa segundo a qual os judeus representariam ameaça permanente à razão europeia (NIRENBERG, 2013).

Segundo Nirenberg, o Iluminismo secularizou o repertório antijudaico cristão. Em vez da acusação teológica de deicídio, os pensadores da Razão passaram a ridicularizar os judeus como inventores da superstição, do fanatismo e da tirania religiosa. O escárnio dirigido ao judaísmo funcionava, assim, como crítica indireta ao próprio cristianismo.

Com a secularização da cultura europeia, a caricatura antissemita moderna passou a operar pela fusão entre mensagem ideológica e deformação física sistemática. O judeu passou a ser representado como antítese deliberada do ideal estético clássico: nariz adunco, obesidade, olhos salientes, pernas curtas e aparência grotesca tornaram-se elementos centrais dessa gramática visual (STAV, 1999).

No século XIX, o humor antissemita voltou-se especialmente contra o "novo rico" judeu e suas tentativas de assimilação social. Farsas, peças teatrais e romances exploravam sotaques caricatos, suposta obsessão pelo lucro e inadequação cultural. Jacob Katz demonstra como peças populares alemãs ridicularizavam judeus que buscavam integração social, apresentando-os simultaneamente como gananciosos e grotescos (KATZ, 1980).

A imprensa satírica consolidou também a figura do magnata financeiro judeu. Charges como "O Banqueiro", publicada pela revista *Simplicissimus* em 1907, retratavam o judeu como obeso, arrogante e corruptor, fundindo riqueza, excesso corporal e ameaça política difusa (STAV, 1999). Ao mesmo tempo, caricaturas sugeriam que tanto o judeu pobre quanto o banqueiro poderoso seriam expressões de uma mesma conspiração global.

Na Europa oriental, a literatura russa levou o escárnio a um nível extremo. Autores como Dostoiévski, Tchekhov, Turgueniev e Gógol frequentemente retratavam judeus como figuras grotescas e ridículas cuja própria desgraça deveria provocar riso. Léon Poliakov observa que essa tradição reduzia os judeus a personagens patéticos e deformados, neutralizando a empatia do público diante de sua violência e humilhação (POLIAKOV, 2003d).

Na Alemanha nazista, humor gráfico, caricatura e piada antissemita foram incorporados oficialmente como instrumentos de doutrinação. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, a caricatura "tem a capacidade de doutrinar através do riso e da deformação do real" (TUCCI CARNEIRO, 2019). Publicações como *Der Stürmer* exploravam imagens grotescas associando judeus à ganância, perversão sexual, bolchevismo e degeneração racial.

A caricatura nazista fundia forma e conteúdo: a monstruosidade visual coincidia diretamente com a acusação moral. Segundo Arieh Stav, tratava-se de uma iconografia em que "a união da forma e do significado" eliminava mediações interpretativas, convertendo a imagem em instrumento imediato de desumanização (STAV, 1999).

O próprio Hitler recorria frequentemente ao humor para sustentar a ideia de uma falsidade inerente aos judeus. Klemperer mostra ainda como o regime utilizava "aspas irônicas" para negar legitimidade a qualquer mérito judaico, chamando Einstein de "pesquisador" ou Heine de "poeta" alemão (KLEMPERER, 2009).

Esse humor não se restringiu à propaganda oficial. Rudolph Herzog demonstra que piadas antijudaicas circulavam amplamente entre cidadãos comuns, revelando um antissemitismo social latente. Muitas anedotas exploravam clichês de avareza ou associavam judeus ao comunismo e à conspiração internacional (HERZOG, 2011).

Victor Klemperer registra inclusive piadas de cabaré relacionadas ao boicote contra judeus que eram recebidas com longos aplausos e gargalhadas. Para ele, esse humor funcionava como mecanismo de naturalização da exclusão e da violência institucional (KLEMPERER, 2009).

A liderança nazista também utilizava humor macabro para reforçar coesão entre perpetradores. Heinrich Himmler ironizava alemães que aceitavam o extermínio em abstrato, mas desejavam preservar "seu bom judeu" particular. Comparações humorísticas entre judeus e percevejos visavam eliminar qualquer resíduo de empatia, convertendo assassinato em ato de "higiene" racial (CHAPOUTOT, 2017).

Mesmo após 1945, piadas antissemitas continuaram circulando entre alemães e austríacos, frequentemente associadas ao retorno de sobreviventes que buscavam recuperar bens confiscados. Isso evidencia como o humor antissemita operou como mecanismo duradouro de banalização da violência e produção de indiferença moral.

No bloco soviético, especialmente após o final da década de 1940, propaganda visual e sátira passaram a enquadrar judeus como "cosmopolitas" e "sionistas" ligados ao imperialismo. O Julgamento de Slánský (1952) exemplifica esse processo. Revistas satíricas como Dikobraz e Krokodil recorriam à caricatura animalizante, representando acusados judeus como ratos, aranhas ou polvos gigantes envolvidos em conspirações globais (SOUKUPOVÁ, 2021; GURI, 1986).

Após a Guerra dos Seis Dias (1967), a propaganda soviética passou a fundir explicitamente sionismo e nazismo, combinando Estrela de Davi e suástica e apresentando Israel como "judeu coletivo" dotado dos traços tradicionais da caricatura antissemita (→ 27. *inversão do Holocausto*).

Na contemporaneidade, humor, memes e caricaturas continuam sendo mobilizados para difundir antissemitismo sob aparência de crítica política ou rebeldia cultural. Israel frequentemente é representado como "judeu coletivo" por meio da reutilização de estereótipos clássicos associados à iconografia conspiratória.

Cartunistas como Carlos Latuff exemplificam esse procedimento ao utilizar imagens que fundem simbologia do Holocausto, caricatura política e inversão histórica. Segundo Peter Dan, a equiparação entre judeus e nazistas busca "reivindicar uma vitimização competitiva [...] e, ao mesmo tempo, negar a singularidade da narrativa do Holocausto" (DAN, 2025).

O humor verbal também desempenha papel importante nesse processo. Jonas Pardo e Samuel Delor identificam, em certos discursos humorísticos contemporâneos, o reaproveitamento de repertórios simbólicos clássicos do antissemitismo, incluindo referências ao corpo judaico, ao Holocausto e à demonização de Israel (PARDO; DELOR, 2024).

Um caso emblemático é o do comediante francês Dieudonné M'bala M'bala, que combinou humor provocativo e antissemitismo político. David Hirsh mostra como performances como Shoananas e o gesto da quenelle banalizam a memória do Holocausto e transformam o escárnio antissemita em forma de rebeldia cultural (HIRSH, 2018).

Como observa Alexis Chapelan, "o humor e o sarcasmo podem tornar as declarações antissemitas mais palatáveis" (CHAPELAN, 2024). Em ambientes digitais extremistas, isso assume a forma de uma cultura de "trolagem" baseada em ambiguidade calculada: quando confrontados, os emissores alegam que se tratava apenas de ironia ou provocação.

Nesse ambiente, antigos tropos antissemitas são reciclados em formatos aparentemente cômicos. O meme Happy Merchant (Comerciante Feliz), por exemplo, deriva diretamente da caricatura nazista dos anos 1930. Já os "Ecos" - parênteses triplos "((( )))" usados ao redor de nomes judaicos – funcionam como forma codificada de sinalização conspiratória em comunidades digitais (HERMANSSON et al., 2020).

Jogos de palavras constituem outro mecanismo recorrente. Expressões como "Holoconto", "6 gazillion", "iSSrael", "Nazionists" ou "AshkeNazis" fundem humor, negação do Holocausto e inversão histórica. Extremistas também utilizam deformações linguísticas e homófonos – como "Joos" ou "Juice" – para contornar mecanismos de moderação digital.

O humor antissemita contemporâneo opera, portanto, como ferramenta tática de radicalização baseada em ironia, ambiguidade e má-fé. A formulação de Jean-Paul Sartre permanece elucidativa: "Não acreditem que os antissemitas menosprezem inteiramente a absurdidade dessas respostas [...] gostam de brincar com o discurso [...] visam, não persuadir mediante bons argumentos, porém intimidar ou desnortear" (SARTRE, 2025).

Por fim, Arieh Stav estabelece distinção rigorosa entre caricatura tradicional e caricatura antissemita. Enquanto a caricatura clássica exagera traços preservando a humanidade do alvo, a caricatura antissemita rompe completamente esse vínculo empático. Segundo o autor, trata-se de uma forma visual marcada por:

- negação total e coletiva;
- inversão do ideal estético;
- e finalidade eliminatória.

Assim, a caricatura antissemita deixa de operar como crítica social e passa a funcionar como mecanismo simbólico de classificação, exclusão e preparação da violência. Como resume Stav, "a caricatura antissemita, como a estrela amarela, destina-se a prender a marca de Caim na testa do judeu" (STAV, 1999).

COMO IDENTIFICAR?

- Disfarce de "apenas uma piada": uso de ironia, sarcasmo e humor transgressivo para expressar ódio antijudaico de forma palatável e socialmente defensável.

- Caricaturas grotescas: representação de judeus, do sionismo ou de Israel por meio de traços animalescos, demonizados ou corporalmente deformados.

- Trivialização do sofrimento judaico: piadas ou sátiras que ridicularizam perseguições, violência ou o Holocausto.
- Uso de memes e *shitposting*: circulação de conteúdos virais aparentemente absurdos ou cômicos para difundir estereótipos e teorias conspiratórias.

- Jogos de palavras e trocadilhos pejorativos: deformações linguísticas usadas para banalizar o Holocausto, demonizar Israel ou contornar moderação digital.

- Humor escatológico e animalização: associação de judeus à sujeira, excrementos, parasitas ou animais considerados repulsivos.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais de antissemitismo abordam humor, sátira e memes de maneiras distintas, refletindo a dificuldade de lidar com discursos baseados em ironia, ambiguidade e códigos culturais. Embora a definição da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) não mencione explicitamente "humor" ou "memes", ela afirma que o antissemitismo pode ser expresso por meio de fala, escrita, formas visuais e ação, considerando-se sempre o contexto geral da manifestação. Isso permite enquadrar conteúdos humorísticos que difundam conspirações, estereótipos ou desumanização sob a alegação de que seriam "apenas piadas".

A *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) é mais explícita quanto à linguagem codificada e à cultura digital. Suas diretrizes mencionam caricaturas grotescas associando judeus à riqueza ou ao poder, além de reconhecer formas indiretas e codificadas de antissemitismo.

A principal divergência entre IHRA e JDA surge no campo da sátira política relacionada a Israel. A diretriz 15 da JDA sustenta que críticas "excessivas", "contenciosas" ou "desproporcionais" ao Estado israelense não são automaticamente antissemitas. Críticos argumentam que isso pode abrir espaço para humor político demonizante que recorra a iconografia historicamente antissemita sob a justificativa de protesto legítimo.

A aplicação dessas definições na cultura digital torna-se particularmente difícil em razão da "negação plausível" produzida pela cultura da trolagem, do *shitposting* e dos memes ambíguos. Em muitos casos, o emissor recua e alega que o conteúdo era apenas humorístico, deslocando a responsabilidade interpretativa para o receptor. Nessas zonas cinzentas, distinguir entre sátira política radical, provocação deliberada e discurso antissemita codificado permanece um dos maiores desafios contemporâneos.

37. Insultos, Ameaças, Maldições e Desejos de Morte

Trata-se do conjunto de atos de fala agressivos que mobilizam violência verbal para ofender, intimidar, desumanizar ou expressar a vontade de destruição dirigida a judeus, instituições judaicas, ao sionismo ou ao Estado de Israel, enquanto coletividades judaicas. Essas manifestações variam em intensidade, mas operam articuladamente na produção do ódio e da exclusão. Os insultos buscam humilhar e inferiorizar o alvo com base em sua identidade (ASCONE, 2024a). As ameaças anunciam danos futuros para incutir medo e coagir comportamentos (ASCONE, 2024b). As maldições ampliam essa lógica ao invocar forças superiores — Deus, o destino, o "carma" ou uma suposta justiça cósmica – como garantias do sofrimento da vítima (SCHEIBER, 2024). Os desejos de morte constituem a forma extrema desse continuum, ao defender direta ou indiretamente a eliminação física dos judeus ou da soberania judaica (PLACZYNTA, 2024).

Esse conjunto de atos de fala agressivos são considerados antissemitas mesmo quando não reproduzem um lugar-comum clássico do antissemitismo, porque possuem uma violência intrínseca direcionada a judeus, israelenses, ao sionismo ou a indivíduos e organizações pró-Israel, baseando-se especificamente nessa identidade. Além disso, esses mecanismos raramente operam de modo isolado. Insultos antissemitas frequentemente reativam imaginários históricos de *animalização e repulsividade* (→ 11. *desumanização e repulsividade*), enquanto maldições e desejos de destruição retomam tropos de *demonização e associação ao Diabo* (→ 2. *demonização*). No ambiente digital contemporâneo, marcado pelo anonimato e pela cultura performática das redes, essas agressões costumam aparecer de forma codificada para contornar a moderação das plataformas. Sob a aparência de *humor, memes ou ironia* (→ 36. *humor antissemita*), usuários recorrem a *metáforas, alusões e apitos de cachorro* (→ 35. *comunicação ambígua, implícita ou indireta*), evocando "chuveiros", "fornos" ou "cinzas" como referências implícitas ao extermínio nazista, sem nomear diretamente o alvo (PLACZYNTA, 2024).

A mobilização de insultos, ameaças, maldições e desejos de morte contra os judeus é uma prática histórica. Nos primeiros séculos da Era Cristã, os ataques aos judeus passaram a incorporar insultos e maldições teológicas violentas. A demonização verbal consolidou-se quando os fundadores da Igreja buscaram separar o cristianismo do judaísmo. No século II, Justino Mártir acusou os judeus de serem os piores inimigos dos cristãos, chamando sua estirpe de "sementeira de todas as calúnias contra nós" (NIRENBERG, 2013).

No século IV, pregadores cristãos intensificaram a retórica de desumanização. Gregório de Nissa referiu-se aos judeus como "Assassinos do Senhor, assassinos dos profetas, rebeldes e detestadores de Deus [...] Companheiros do diabo, raça de víboras, informantes, caluniadores" (citado em POLIAKOV, 2003a). Em outra formulação, chamou-os de "confederados do diabo [...] Sinédrio de demônios, amaldiçoados, seres totalmente vis [...] inimigos de tudo o que é bom" (citado em PERRY; SCHWEITZER, 2002). São Jerônimo os descrevia como "serpentes, odiadores de todos os homens" (citado em JERÔNIMO; TUCCI CARNEIRO, 2021).

Os desejos de morte mais explícitos desse período aparecem nos sermões de são João Crisóstomo. Ele descreveu os judeus como "assassinos inveterados, destruidores, homens possuídos pelo Diabo", afirmando que eram como um cavalo velho "marcado para o matadouro" e que sua religião estava "pronta para o abate" (citado em CRISÓSTOMO; PERRY; SCHWEITZER, 2002). Em formulações de caráter escatológico, declarou que a sinagoga era um "bordel e teatro" e que os judeus não se comportavam "melhor que porcos e bodes em sua grosseria lasciva e nos excessos de sua glutonaria" (citado em CRISÓSTOMO; POLIAKOV, 2003a).

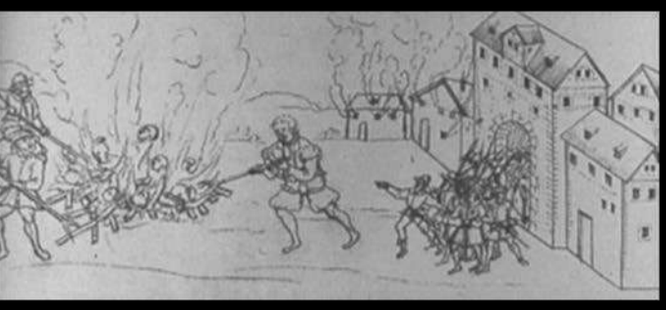
Durante a Idade Média, especialmente após as Cruzadas e a difusão das acusações de crime ritual, panfletos e literatura popular expressavam o anseio pelo extermínio da comunidade judaica. Em textos do século XVII, que retomavam a fúria medieval francesa, os judeus eram descritos como: "Demônios escapados do inferno, raça de judeus, gente detestável, mais amaldiçoados que o próprio Lúcifer e mais perversos que todos os diabos, indignos de viver entre nós" (POLIAKOV, 2003a). As ameaças físicas eram formuladas em tom celebratório: "Faça com que se veja, pés e mãos atados, aqueles de sua horda [...] Faça com que se veja na forca, sem favor, graça ou perdão, A Sinagoga em Montfaucon" (POLIAKOV, 2003a).

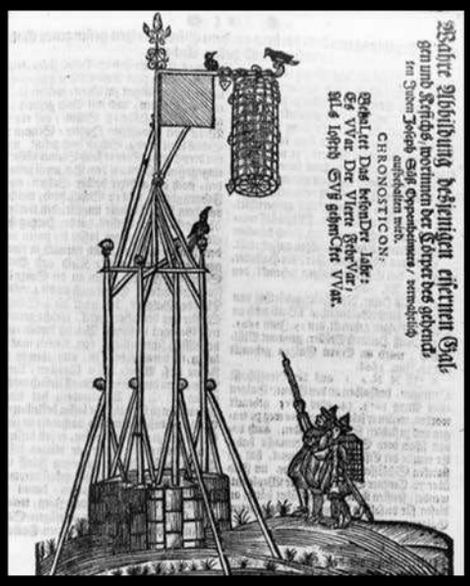
Assim, o insulto passou a integrar os mecanismos de marginalização dos judeus na sociedade europeia. No século XII, Pedro, o Venerável, afirmou que os judeus eram "miseráveis blasfemadores muito piores que os sarracenos". Em seguida, formulou uma maldição segundo a qual deveriam permanecer vivos apenas para sofrer eternamente: "para o propósito de maior tormento e ignomínia, que sejam preservados para uma vida pior que a morte" (citado em PERRY; SCHWEITZER, 2002). No final do período medieval, a animalização atingiu formulações extremas. Em 1519, o bispo de Speyer declarou que os judeus eram "não humanos, mas cães" (citado em PERRY; SCHWEITZER, 2002).

O *Corão* apresenta passagens em que, segundo Robert Wistrich (2002), os judeus são descritos como rebeldes e "carregados com a ira de Deus". Um dos insultos mais duradouros, ainda mobilizado contemporaneamente, deriva da afirmação de que judeus teriam sido transformados em animais: "E Ele se irou, transformando-os em macacos e porcos" (SURA 5:60 citado em KÜNTZEL, 2023). A Sura 5:82 também fixa a ideia de hostilidade permanente: "Você descobrirá que os mais implacáveis em sua inimizade para com os fiéis são os judeus e os pagãos" (citado em KÜNTZEL, 2023).

A tradição oral islâmica (*Hadith*) incorporou formulações escatológicas que associam a salvação final ao combate contra os judeus, declarando que a ressurreição não ocorrerá até que os muçulmanos os enfrentem: "O judeu se esconderá

FERKÓ PÁTER
Hep-Hepp!
Hep-Hepp!




Wahre Abbildung besjenigen eisernen Gal-
gen und Rades, worinnen der Körper des gehenck-
ten Juden Joseph Süß Oppenheimers / verwesslich
aufbehalten wird.
CHRONOSTICON:
Wolt Gott Das Mißthat Der Jude
Es Vnd Der Vierte Teil Vor,
So Wer Er Nicht Gehenckt Vnd.

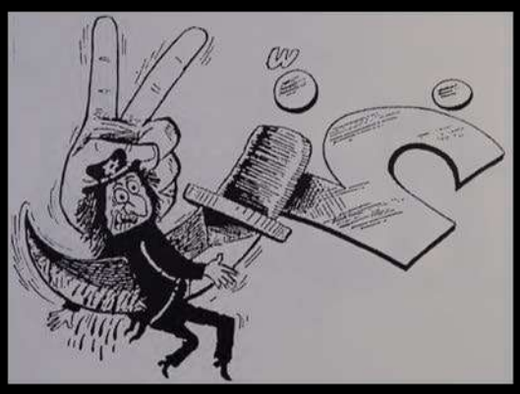
HASS
HATRED

Deutsche Ordnung
GERMAN ORDER

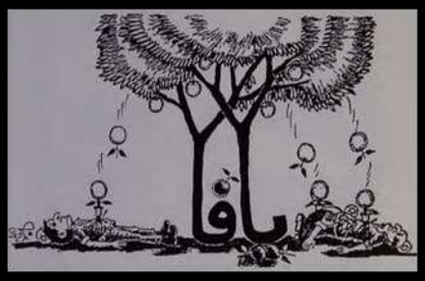
LIES ABOUT THE EAST GERMAN MARK
LÜGEN über die Ost-Mark

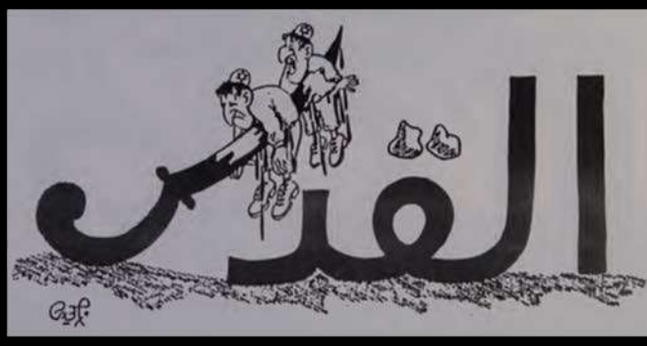
1970

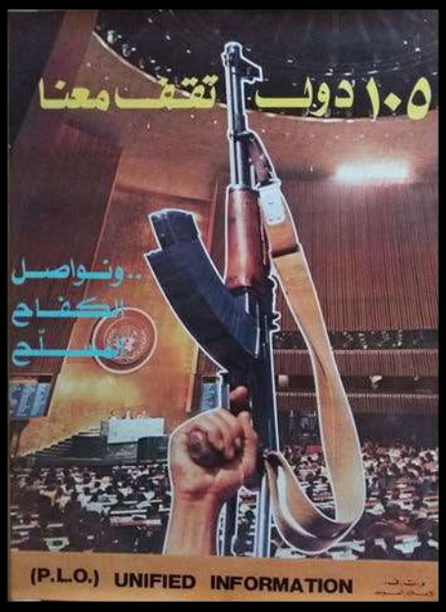
وحدة
العرب



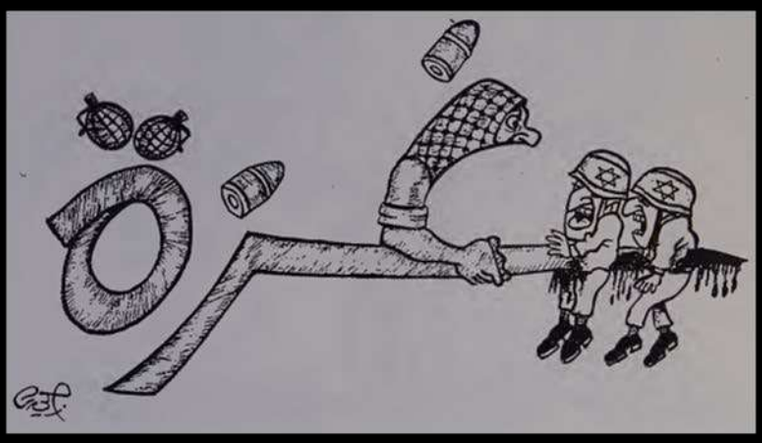
مؤتمر
القمة
العربي
قرارات
المؤتمر


يافا


القدس


١٠٥ دول تقف معنا
..ونواصل الكفاح المسلح
(P.L.O.) UNIFIED INFORMATION

الحقوق..
ما يفترسوني
بسام حنفي


غزة

PALESTINE
فلسطين

المجد والخلود لشهداء ونضال
تل الزعتر
Tel el-Zaatar
Símbolo de la
Resistencia
Antifascista

كسرنا
قاهر
بصمودنا

RESISTANCE
RESISTANCE
RESISTANCE
RESISTANCE
المقاومة حتى الاستسلام
NAKBA76

VICTORY FOR THE
PALESTINIANS

المجد للقاتلين الذين حطموا
دبابات الفاشست في الوحدات

atrás de pedras e árvores. As pedras e as árvores dirão: 'Ó muçulmanos, Ó Abdula, há um judeu atrás de mim, venha e mate-o'" (citado em PATTERSON, 2010; HARKABI, 1972). Na linguagem popular árabe, esses insultos também foram internalizados. No Magrebe, por exemplo, circulavam maldições cotidianas como "Que Deus me amaldiçoe como a um judeu" e a crença de que "Se um judeu entrar na casa de um mouro, os anjos a abandonarão por quarenta dias." (BODANSKY, 1999). O judeu era frequentemente associado aos termos corânicos *dhilla wa-maskana* ("humilhação e miséria"), tornando-se referência recorrente de degradação e inferioridade (HARKABI, 1972).

O surgimento do protestantismo não reduziu a violência verbal do mundo cristão contra os judeus. Após a recusa judaica em aderir à sua fé, Martinho Lutero publicou o panfleto "Dos Judeus e Suas Mentiras", frequentemente considerado um dos textos mais agressivos da tradição antissemita. Nele, qualificou os judeus como "envenenadores", "assassinos rituais", "usurários", como "demônios encarnados" e "parasitas", além de "cães sanguinários" e "filhos do diabo" (LUTERO, 1993). Em defesa explícita da violência, recomendou "que se incendeiem suas sinagogas" e que fossem "expulsos do nosso país". Para Lutero, tratava-se de um povo sem possibilidade de redenção: "Sem redenção possível, pois são inteiramente maus, tóxicos, diabólicos" (LUTERO, 1993).

Com a Idade Moderna, os ataques verbais perderam parte de sua fundamentação teológica, mas preservaram a virulência dos insultos em registros laicos e filosóficos. Voltaire foi um dos principais expoentes dessa hostilidade. Em seu *Dictionnaire philosophique*, definiu os judeus como "o povo mais abominável do mundo". Em outra passagem, descreveu-os como "um povo ignorante e bárbaro, que por muito tempo uniu a mais sórdida avareza à mais detestável superstição e ao mais invencível ódio por todos os povos que os toleram e os enriquecem" (citado em POLIAKOV, 2003c).

No século XX, esse discurso materializou-se no Holocausto. A linguagem nazista difundiu uma sucessão contínua de insultos contra os judeus, incorporados ao cotidiano do regime. Em *LTI - Lingua Tertii Imperii* (A Linguagem do Terceiro Reich), Victor Klemperer demonstra como xingamentos vulgares passaram a integrar as interações diárias na Alemanha nazista, onde judeus eram frequentemente interpelados por agentes da Gestapo, civis e chefes de fábrica com termos como "porco imundo" (*Dreckvieh*), "judeus porcos" (*Saujuden*) e "porcos judeus" (*Schweinejuden*). Desde *Mein Kampf* (Minha Luta), Adolf Hitler alternava escárnio vulgar e paranoia conspiratória, utilizando expressões que iam de "judeuzinho" (*Jüdlein*), empregado para inferiorizar as vítimas em Viena, até metáforas infectológicas como "peste negra", "bacilos" e "parasitas" (KLEMPERER, 2009).

Joseph Goebbels formulou de maneira explícita a função política do insulto. Segundo ele, chamar um judeu de canalha, patife, mentiroso ou assassino não o atingiria profundamente; a forma mais devastadora de ofensa seria encará-lo e dizer simplesmente: "O senhor é um judeu!" Na lógica propagandística nazista, a própria identidade judaica equivaleria a culpa e condenação (HERF, 2006).

As ameaças de violência letal acompanharam o movimento nazista desde sua formação e posteriormente tornaram-se política de Estado. Saul Friedländer registra que, já na primavera de 1920, discursos de Hitler em comícios provocavam reações coletivas nas quais o público respondia aos judeus com gritos de "Enforquem-nos! Matem-nos!" (FRIEDLÄNDER, 1998). Jeffrey Herf identifica como ameaça central da propaganda nazista a "profecia" de Hitler de 30 de janeiro de 1939. Em discurso no Reichstag, Hitler afirmou que, se o "judaísmo financeiro internacional" conduzisse o mundo a uma nova guerra, o resultado seria "a aniquilação da raça judaica na Europa". A propaganda nazista evitava ambiguidades nesse ponto central. Os termos alemães *Vernichtung* ("aniquilação") e *Ausrottung* ("extermínio") eram empregados publicamente para comunicar às massas que a política nazista implicaria assassinatos em massa contra os judeus (HERF, 2006).

Os desejos de morte tornaram-se literais e publicamente celebrados. Em discurso realizado em Lodz no final de 1939, Robert Ley declarou que, se a Inglaterra e os judeus vencessem a guerra, os alemães seriam exterminados; por isso, "deveria ser antes os judeus a fritar, antes eles a queimar - que morram de fome, que sejam exterminados. A Alemanha viverá" (HERF, 2006). Goebbels institucionalizou essa linguagem em nível estatal no artigo "Die Juden sind schuld!" ("Os Judeus São Culpados"), publicado em novembro de 1941. Nele, afirmava que os judeus sofriam "um processo gradual de extermínio", apresentado como consequência merecida e compatível com a lógica de "olho por olho, dente por dente". O ministro da Propaganda sustentava ainda que o "judaísmo mundial", ao supostamente conspirar contra a Alemanha, teria assinado a própria "sentença de morte" e seu fim inevitável (HERF, 2006).

Após a criação de Israel, o discurso antissemita passou a combinar elementos da teologia islâmica medieval com referências ao extermínio nazista. Na retórica árabe contemporânea, insultos dirigidos a Israel e aos judeus recorrem frequentemente a imagens biológicas e patológicas. Israel é descrita como "Estado enjeitado" (*laqita*) – implicando bastardia –, "deformado" (*mamsukha*), "a praga sionista" (*al-waba' as-sihyni*), "o abscesso purulento", "a filha ilegítima da Europa" e "um câncer no coração da nação árabe" (HARKABI, 1972). Em paralelo, textos como "Os Judeus São os Inimigos da Vida Humana, Como Fica Evidente em Seu Livro Sagrado", de Kamal Ahmad Own, do Instituto Tanta, no Egito, reiteram a ideia de que os judeus possuiriam uma "natureza perversa que nunca muda [...] o derramamento de sangue e o culto ao dinheiro são qualidades inerentes a eles" (citado em BODANSKY, 1999).

A Constituição do Hamas de 1988 transforma o desejo de morte exterminacionista em um imperativo teológico e escatológico. O documento não apresenta a matança de judeus apenas como estratégia político-militar, mas como núcleo da própria devoção religiosa. Essa institucionalização do extermínio aparece de forma explícita no artigo 7º, que recorre a uma antiga tradição oral islâmica (*Hadith*) para afirmar que a consumação dos tempos depende do combate e da morte dos judeus:

> A hora do julgamento não chegará, até que os muçulmanos combatam os judeus e terminem por matá-los, e mesmo que os judeus se abriguem por detrás de árvores e pedras, cada árvore e cada pedra gritará: Oh! Muçulmanos, Oh! Servos de Alá, há um judeu por detrás de mim, venha e mate-o, exceto se se tratar da árvore Gharkad, porque ela é uma árvore dos judeus (PIMENTA, 2024).

Como observa David Patterson, ao incorporar essa tradição o Hamas apresenta a própria natureza como hostil à existência judaica, convertendo a guerra contra os judeus em obrigação absoluta e incompatível com qualquer compromisso político (PATTERSON, 2010). O caráter exterminacionista reaparece no artigo 15, dedicado ao dever da Jihad: "Em Seu nome, que guarda a alma de Maomé em Suas mãos, quero me lançar no ataque em prol de Deus, e ser morto, para atacar de novo e ser morto, e atacar de novo e ser morto" (PIMENTA, 2024).

Essa repetição sacrificial corresponde ao lema oficial do movimento, definido no artigo 8º, segundo o qual Alá é a finalidade, o *Corão* é a Constituição e "a morte por Alá é a sublime aspiração" (PIMENTA, 2024). Para Patterson, essa retórica redefine o conceito de martírio ao transformar a disposição para matar judeus em ideal religioso supremo e glorificar a repetição contínua da violência (PATTERSON, 2010).

Em manifestações políticas contemporâneas no Ocidente, protestos identificados como antissionistas frequentemente incorporam ameaças físicas e desejos de morte dirigidos aos judeus. Durante conflitos recentes no Oriente Médio, manifestações em cidades europeias como Dortmund, Frankfurt e Paris recuperaram *slogan*s de extermínio associados ao nazismo, com gritos como "Hamas, Hamas, Judeus Para o Gás!", além de "Morte aos Judeus" e "Judeus Para o Forno" (HENI, 2016).

Nas redes sociais, a violência verbal antissemita adquiriu caráter frequentemente performático, anônimo e codificado. As ameaças *on-line* tornaram-se forma recorrente de intimidação, cujo objetivo central é "provocar medo no alvo da ameaça, modificando ou esperando modificar seu comportamento" (ASCONE, 2024b). Ainda que o agressor digital muitas vezes não possua meios concretos para executar a violência anunciada, o efeito de intimidação e terrorização de comunidades judaicas ou sionistas permanece central.

Para contornar os mecanismos de moderação das plataformas, extremistas reaproveitam formas históricas de desumanização por meio de códigos e alusões. Entre os recursos utilizados estão emojis de ratos, porcos ou caixas de suco (*juice*, em alusão fonética a *jews* em inglês), além de termos como "zio", "khazar" e "kike", empregados para ofender e invalidar identidades judaicas, entre outras. Nesse contexto, os desejos de morte aparecem como formas extremas de ameaça ou maldição, envolvendo "referência explícita, implícita, violenta ou não violenta à morte ou destruição de judeus ou israelenses" (PLACZYNTA, 2024). Tais manifestações incluem fórmulas que legitimam o genocídio nazista e lamentam o fato de que o Holocausto não assassinou parte suficiente da população judaica (BOLTON; CHAPELAN, 2024).

COMO IDENTIFICAR?

- Insultos e desqualificação identitária: Uso de linguagem ofensiva para humilhar, inferiorizar ou hostilizar judeus, israelenses ou sionistas com base em sua identidade. Pode envolver xingamentos explicitamente antissemitas, termos pejorativos ou reativação de estereótipos históricos.
- Ameaças e intimidação: Anúncios de dano, violência ou punição dirigidos a judeus, israelenses ou ao Estado de Israel com o objetivo de provocar medo e constranger comportamentos. Frequentemente, aparecem em formulações futuras, condicionais ou imperativas.
- Maldições e invocação de castigo superior: Desejos de sofrimento legitimados pela invocação de Deus, destino, "carma" ou alguma forma de "justiça cósmica", apresentados como garantia do castigo da vítima.
- Desejos de morte e extermínio: Clamor explícito ou implícito pela morte, destruição ou apagamento físico de judeus, israelenses, do sionismo ou do Estado de Israel.
- Vocabulário de violência e apagamento: O desejo de destruição pode aparecer tanto em verbos diretamente violentos ("matar", "queimar", "bombardear") quanto em expressões de eliminação simbólica ("apagar", "varrer do mapa", "dissolver", "fazer desaparecer").
- Alusões históricas e camuflagem digital: Uso de referências cifradas, ambiguidades, memes ou "apitos de cachorro" para contornar moderação e sugerir violência genocida, especialmente alusões ao Holocausto ou ao extermínio nazista.
- Hostilidade fundada na identidade: O ato agressivo dirige-se ao alvo especificamente por sua identidade judaica, israelense ou sionista, mesmo sem recorrer explicitamente a teorias conspiratórias ou outros lugares-comuns antissemitas.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e da *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) oferecem parâmetros importantes para interpretar insultos, ameaças, maldições e desejos de morte como manifestações de hostilidade antissemita, embora adotem enfoques distintos quanto à delimitação do discurso político legítimo. A IHRA classifica explicitamente como antissemitismo o ato de "pedir, ajudar ou justificar a morte ou danos a judeus em nome de uma ideologia radical ou de uma visão extremista de religião". Ao vedar "alegações mendazes, desumanizadoras, demonizadoras ou estereotipadas sobre os judeus", a definição também abrange insultos e maldições que retomam tropos históricos de animalização, repulsividade e demonização. A JDA define antissemitismo como "discriminação, preconceito, hostilidade ou violência contra judeus como judeus (ou instituições judaicas como judias)". A declaração reconhece ainda que o fenômeno pode manifestar-se em "palavras, imagens e ações". Assim, insultos, ameaças e desejos de morte dirigidos a judeus em razão de sua identidade enquadram-se diretamente em sua formulação.

A aplicação prática dessas definições produz zonas cinzentas importantes, sobretudo no ambiente digital contemporâneo. Em muitos casos, as agressões não aparecem de forma explícita, mas camufladas por ambiguidades, memes, códigos, ironias ou "apitos de cachorro" utilizados para contornar a moderação das plataformas. Extremistas recorrem a emojis, alusões a "fornos", "cinzas" ou referências indiretas ao Holocausto para sugerir violência genocida sem formulá-la abertamente, o que exige conhecimento contextual e familiaridade com léxicos extremistas para identificar o conteúdo antissemita implícito. Ao mesmo tempo, a plasticidade do antissemitismo contemporâneo frequentemente desloca a hostilidade da categoria "judeu" para termos como "sionista", "khazar" ou "Israel", preservando estruturas de desumanização enquanto reivindica tratar-se apenas de discurso político. Críticos apontam que a formulação da JDA, ao exigir hostilidade contra "judeus como judeus", pode criar dificuldades para reconhecer agressões violentas dirigidas a israelenses ou ao sionismo que reproduzem imaginários antissemitas tradicionais sob linguagem aparentemente política. Soma-se a isso a tensão entre combate ao discurso de ódio e proteção da liberdade de expressão. A diretriz 15 da JDA sustenta que o discurso político não precisa ser "comedido, proporcional, moderado ou razoável" para permanecer protegido, abrindo espaço para disputas interpretativas sobre quando insultos, maldições ou agressividade verbal deixam de constituir mera crítica política e passam a operar como hostilidade antissemita.

3 sem

O mesmo olhar que os 🧃 lançam para os cristãos, não atoa as cidades mais cristãs do Japão foram escolhidas "aleatoriamente" para jogar a bomba atômica, não atoa a imigração desenfreada na Europa para desintegrar o cristianismo no ocidente... Matamos o inimigo errado

34

Responder

Deste vez vão ser realmente 6 milhões de ratos mortos

Vão treinando a respiração

20:37 · 19 dez. 25 · **732** Visualizações

· 45m

E nem coveiro. Judeo bom é morto.

tarde.

Está totalmente certa, judeus devem ser eliminados desde que o mundo é mundo

O povo só ignora que Deus era o primeiro a se levantar e exterminar tantos israelitas quanto fosse necessário, a fim de frear suas maldades

Infelizmente hitler não terminou seu trab

aí sobrou vc e seu povo satanista pra continuar poluindo o mundo

E está na hora do mundo finalmente exterminar essa praga, através do genocídio.

Mate um judeu hoje mesmo.
Mate um judeu todo dia.
Queime viva uma criança judia todo dia.

Bigode matou foi pouco.

Ficaria linda, em Auschwitz.

Responder

Judeu bom e Judeu morto

Responder

Poderia jogar tudo em Ausch

Reply

X.com

Até devolverem eles de volta pro forno...

sáb. 05:32

All pigs gonna die 🔪🩸🐷

Todos os porcos vão morrer 🔪🩸🐷

Ocultar tradução

Se jogarem uma bomba atômica em Israel o mundo ficará melhor.

a hora de exterminar a nojeira de vocês ta chegando, relaca

Responder

Sempre um judeu de merda. Morte a todos os judeus.

É gás nos narigudo

É bom que ela saiba que ela é considerada 'persona no grata'. Thanks Israel 🇮🇱

1648

Responder

Calma barata. O baygon tá ai

35

Responder

Pulverizem o salão com Baygon!!!! 😮

12

Responder

Morr@m, judeus filhos da put@.

Povo maldito. A Justiça ⚖️ Divina será implacável. 😪

Que o sionismo seja varrido da existência da humanidade!!! 🔥🔥

15

Responder

Ver 9 respostas anteriores

Ótimo! Mas qd serão excluídos do planeta Terra?!

9 1

Espero que saiba que, pelo menos no juízo final ou quando a conta chegar aqui mesmo na terra, vocês sionistas vão se arrepender de terem matado milhares de mulheres e criança só pela existência de seu estado de apartheid fundado em terra roubada da população nativa. Vocês, no fundo, ainda tem humanidade para sentir empatia pelas crianças inocen sendo esquartejadas pelo seu terrorismo, uma hora vocês vão ver as vítimas como seres humanos, finalmente.

Israel não comemorará 80 anos de existência.

11 1

Sionista morto é que nem nazista morto, foda se.

18

271 mil foi pouco.

278 curtidas Responder

40 min

convido a todos, a partir de quinta, vir experimentar nosso novo shot "Boom Boom Tel Aviv". É explosivo. O lucro do shot nessa semana será repassado para o 🚩🚩🚩🚩🚩🚩

Seguir

Os vermes israelitas um dia vão ver suas terras serem tomadas pelo governo brasileiro e seus centros satânicos que eles chamam de "sinagogas" serem destruídas na base da bala e vão ver também sua comunidade no brasil ser reduzida a uma pilha de corpos enterrados em valas comuns

Ah para de besteira

Ai não tem 10k de mortos

Fora que 80% é soldado

La em gaza mataram 30k de criar

Acho até que deveriam matar ma esses porcos sionistas

Seguir

Sionistas vermes. Genocidas. Judeus filhos da puta , bando de pedófilos arrogantes e maléficos que acham que são superiores aos outros seres humanos. Que caiam bombas sobre toda Israel e devasta esse povo maldito adorador do capeta.

1.459 Visualizações

Chegará o dia em que até as pedras dirão:
— "Aqui está um judeu seguidor do Dajjal (anti-cristo) mate-o!"
In sha Allāh.

Como parar a mão assassina de Isra única saída é uma escalada militar c envolva Hezbolah, Síria e Irã, com a Rússia e China, alimentada pela comoção mundial e a solidariedade palestinos, com a rebelião estendid Cisjordânia. Então haverá real negociação de paz.

06:13 · 27/10/2023 de Earth

3.477 21 284 315

Seria ótimo um aplicativo para identificar sionistas e manter as pessoas alerta contra essa ameaça.

127 curtidas Responder

Não existe limites para criticar a Israel. Os judeus precisam ser EXTERMINADOS. SÓ ASSIM O GENOCÍDIO EM.GAZA IRÁ ACABAR

Reply See translation

Qdo td acabar não restará um judeu vivo na terra,a energia,a água,a paz e o equilíbrio serão restabelecidos!
ALLAH HU AKBAR ALLAH HU AKBAR

Reply See translation

Eu sou nazista amigo e se vc puder até me bloquear eu ficaria grato, um dia vc ouvirá meu nome em algo muito grandioso em relação a Israel

Nossa célula tá crescendo

Fica em paz , dxa a guerra com a gente

Acredito eu que vc si está brincando pq ninguém pode ser tão burro a esse ponto

Israel vai queimar muito em breve

Olha minha foto do meu perfil

Corras porcos medrosos, corram ratos invasores da Palestina!!! Logo logo essa corja irá ser expulsa de todas as terras Palestina.
A maior prostituta militar dos eua no oriente médio!!!

Se foder seus merdas

Vocês não enganam ninguém

Ateus sionistas

Se fazendo de judeus

Tomar no seu cu

Sua hora tá chegando

Tão preparando o terreno para instalar a nova jerusalem, pq sabem que lhes tocará a maldição temida dos 80 anos.... 2027, será o fim de israel e mais uma vez se dispersarão pela terra...

25

Desejo do fundo do meu coração que o povo judeu receba em DOBRO por tudo que Israel fez aos palestinos.

Responder

O MUNDO PRECISA SE UNIR PARA DESTRUIR ESSES RAATOS!

1 5 91

comemorei a morte dele pq ele era racista
ele era um parasita
filha da puta sionista

A história não perdoará os judeus sionistas. Serão atores da página cruel do Oriente Médio!

Responder

Sionistas deveriam ser literalmente exterminados.

Responder

Vermes imundos

Responder

Que gente é essa? Sionismo é pior que nazismo.

Responder

07 de Outubro...foi pouco

Reply Hide See translation

se por acaso vc for judia vou te dar a letra: SE ESCONDAM, ninguém quer ver vocês pela frente. Vários estabelecimentos ao redor do mundo estos expulsando COM ORGULHO vcs de todos os cantos. Peçam para os EUA criar a merda do estado de Israel lá nos EUA. E mais uma coisa, agora sobre mim: se eu ver um judeu eu vou PRESA POR AGRESSÃO

Responder Ver tradução

Opa

Porque não vem da uma visitinha em foz

Mostrem as caras

Judeus :)

Falta muito ainda pra alcançar o número de crianças mortas em Gaza

9

Responder

Ver 17 respostas anteriores

Israel deveria desaparecer pelo bem da humanidade.

5

Responder

E daí? Faz parte! Podia até ter estuprado as crianças e depois queimado vivas. Que não lhe falte pólvora.Depois que israel libertar os reféns a gente para. Já libertou os reféns? Não, né! Então FOGO NAS CRIANÇAS JUDIAS.

38. Afirmação de Grupos Antissemitas

Trata-se do ato de fala que atribui valor positivo, apoio, louvor ou justificativa moral a organizações, milícias, movimentos políticos ou coletividades cuja ideologia, retórica ou prática sejam estruturalmente orientadas pelo antissemitismo. Essa forma de discurso celebra grupos cujo repertório de ação inclui hostilidade e violência contra judeus, instituições judaicas, Israel ou israelenses enquanto coletividade judaica. Ao exaltar organizações terroristas de viés fundamentalista, bem como redes extremistas e supremacistas de direita, o enunciador não apenas normaliza o antissemitismo presente nos discursos fundacionais desses grupos, mas também legitima a violência que praticam.

A glorificação de massacres, a canonização de perpetradores e a celebração aberta da barbárie opera por meio de uma inversão moral: o agressor é convertido em herói ou mártir, enquanto os judeus passam a ser apresentados como culpados pela *violência que sofrem* (→ 26. *os judeus são culpados, merecedores ou instigadores do antissemitismo*). Tais formas de discurso reduzem os limiares de tolerância social à violência, banalizam a crueldade extrema e frequentemente culminam na *apologia de desejos de morte e aniquilação* (→ 37. *insultos, ameaças, maldições e desejos de morte*), abrindo caminho e sobrepondo-se com *afirmações do nazismo e do Holocausto* (→ 39. *afirmação do nazismo, de hitler e do Holocausto*).

No debate contemporâneo sobre o Oriente Médio, essa dinâmica aparece quando ataques indiscriminados contra civis israelenses são celebrados como atos de bravura ou resistência. Expressões que descrevem perpetradores como "leões corajosos" ou "combatentes da liberdade" – recorrentes na retórica do extremismo islâmico – funcionam como formas de legitimação explícita da violência (ASCONE, 2024). Frequentemente, essa apologia depende de uma inversão retórica que ressignifica o terror como "resistência", "libertação", "defesa" ou "guerra civilizacional". A afirmação de grupos antissemitas articula-se, assim, com a *demonização* (→ 2) *absoluta* do alvo e com a representação de *Israel como entidade inerentemente ilegítima ou terrorista* (→ 32. *israel como estado terrorista;* → 33. *negação do direito de autodeterminação do povo judeu no seu lar ancestral*), fornecendo o álibi moral para a celebração da violência.

O verbete buscará demonstrar de que modo as ideologias constitutivas de determinados grupos e agremiações políticas – sejam movimentos jihadistas islâmicos, sejam organizações extremistas de outra natureza – possuem caráter estruturalmente antissemita, de forma que sua glorificação implica, ao mesmo tempo, a legitimação do próprio antissemitismo.

No contexto do mundo muçulmano contemporâneo, a literatura demonstra que o antissemitismo do regime iraniano, do Hamas, do Hezbollah, dos hutis iemenitas e da Jihad Islâmica Palestina, entre outros grupos, não constitui mero subproduto da disputa territorial palestina, mas elemento central de suas respectivas visões de mundo (PATTERSON, 2010; WISTRICH, 2002). Esses movimentos compartilham a ideologia do chamado "jihadismo islâmico", formulação totalitária moderna que combina antijudaísmo religioso tradicional, *teorias conspiratórias* europeias e elementos exterminacionistas herdados da propaganda nazista (PATTERSON, 2010; HERF, 2024).

Duas características principais estruturam essa matriz ideológica. A primeira é a incorporação das teorias conspiratórias do antissemitismo clássico (→ Cap.13), especialmente *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, tratado por esses grupos como documento autêntico (HARKABI, 1972; WISTRICH, 2002). A partir dessa lógica, os judeus passam a ser responsabilizados pelo controle oculto da economia, da imprensa e das instituições internacionais, bem como pela decadência moral do Ocidente, pelas revoluções modernas e pelas guerras mundiais (PATTERSON, 2010; PIMENTA, 2024). A Alemanha Nazista desempenhou papel decisivo na difusão dessa visão no mundo árabe por meio de intensa propaganda durante a Segunda Guerra Mundial (HERF, 2024). Robert Wistrich observa que a visão de mundo do fundamentalismo islâmico contemporâneo, ao fundir maçonaria, secularismo, sionismo e forças ocultas em um "polvo gigante" judaico, produziu uma "estrutura mítica de pensamento [que] é de muitas maneiras virtualmente idêntica ao antissemitismo nazista" (WISTRICH, 2002).

A segunda característica é a demonização teológica e escatológica dos judeus, apresentados não como adversários políticos contingentes, mas como inimigos permanentes do Islã e de Alá. Com base em interpretações seletivas do *Corão* e do *Hadith*, esses movimentos descrevem os judeus como intrinsecamente pérfidos, associados à corrupção das escrituras e ao assassinato de profetas (WISTRICH, 2002; BODANSKY, 1999). Nessa lógica, o extermínio dos judeus passa a ser concebido como condição metafísica para a redenção da humanidade e para a chegada do Dia do Julgamento (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*; PATTERSON, 2010; KÜNTZEL, 2023).

Essas formulações foram sistematizadas por Sayyid Qutb, principal ideólogo do jihadismo sunita moderno. Em *Nossa Luta Contra os Judeus*, Qutb sustentava que a hostilidade entre judeus e muçulmanos constituía um conflito eterno e inevitável: "Os judeus confrontaram o Islã com inimizade a partir do momento em que o Estado islâmico foi estabelecido em Medina [...] Esta é uma guerra que não foi extinta [...] por quase quatorze séculos" (citado em BODANSKY, 1999). Qutb redefiniu os judeus como ameaça cósmica responsável pela corrupção moral da sociedade islâmica (→ 7. *desintegrador e degenerador*), vinculando-os ao "materialismo" e à "sexualidade animal" por meio de figuras como Karl Marx e Sigmund Freud. Seu discurso absorveu elementos centrais do antissemitismo nazista, chegando a justificar o Holocausto ao afirmar que "Alá trouxe Hitler para governar sobre eles" e que caberia aos muçulmanos infligir aos judeus "o pior tipo de punição" (citado em BODANSKY, 1999).

A articulação entre islamismo radical e antissemitismo moderno também foi impulsionada por Hasan al-Banna, fundador da Irmandade Muçulmana, e pelo grão-mufti de Jerusalém, Haj Amin al-Husseini, colaborador do regime nazista. Ambos contribuíram para aproximar o nacionalismo

Hamas é um grupo político de resistência anticolonial.

Al-Qassam: Nossos combatentes conseguiram abater dois soldados sionistas com o rifle "Al-Ghoul", a leste da cidade de Gaza.

O HAMAS É UMA FORÇA POLÍTICA QUE CHEGOU AO PODER APÓS VENCER UMA ELEIÇÃO DESCRITA COMO A MAIS DEMOCRÁTICA E NÃO É UM GRUPO DE ASSASSINOS SANGUINÁRIOS.

Nosso novo Luigi! 😍 Palestina livre, do rio ao mar!!!!
24
Responder

Fantástico · 1d

@sh... · 2d

224 156 1K 120K

الله أكبر	ALLAH IS GREAT
الموت لأمريكا	DEATH TO AMERICA
الموت لإسرائيل	DEATH TO ISRAEL
اللعنة على اليهود	A CURSE UPON THE JEWS
النصر للإسلام	VICTORY TO ISLAM

· 21 de abr de 2025

Só para esclarecer. Embora o autor da charge tenha usado a palavra judeus, ele se refere-se aos sionistas que se dizem judeus. Por conta da ditadura existente no Brasil, a nota é importante para a Polícia Federal, o Ministério Público e o STF.

103 22 52 46 mil

Esse é Mohammed Ghali, dirigente da Frente Popular para a Libertação da Palestina, organização palestina marxista-leninista e laica. Ele ficou preso por mais de 20 anos nas prisões israelenses e foi solto ontem na troca de prisioneiros entre o Hamas e Israel. Viva a resistência!

Fixado

Heróis anônimos, vida longa a resistência Palestina e que Deus continue abençoando grandiosamente

"Uma bomba atômica do Irã seria um instrumento de paz"

árabe do imaginário exterminacionista europeu (PATTERSON, 2010; HERF, 2024). A própria Constituição do Hamas, de 1988, invoca diretamente Al-Banna ao declarar: "Israel existirá e continuará existindo até que o Islã o faça desaparecer, como fez desaparecer a todos aqueles que existiram anteriormente a ele" (PIMENTA, 2024).

No mundo xiita, o aiatolá Khomeini transportou para a República Islâmica do Irã a fusão entre antijudaísmo religioso e teorias conspiratórias modernas. Como observa Jeffrey Herf, a República Islâmica constitui "o primeiro governo desde Hitler em que o antissemitismo constitui um elemento central de sua identidade" (HERF, 2024). Khomeini descrevia os Estados Unidos e Israel como fontes de "todos os nossos problemas", alegando que ambos seriam controlados por judeus (PATTERSON, 2010). O atual líder supremo, Ali Khamenei, mantém essa estrutura conspiratória ao afirmar que a existência de Israel integra "um desígnio satânico pelas potências dominadoras do mundo" destinado a enfraquecer a solidariedade islâmica (HERF, 2024).

Na obra *Governo Islâmico* e em diversos pronunciamentos, Khomeini afirmava que "os judeus (que Deus os amaldiçoe) se intrometeram no texto do a" e que "os judeus e seus apoiadores estrangeiros se opõem aos próprios fundamentos do Islã e desejam estabelecer a dominação judaica em todo o mundo" (citado em PATTERSON, 2010). Khomeini não distinguia hostilidade aos judeus e hostilidade a Israel. Para justificar a violência exterminacionista, recorria ao episódio de Banu Qurayza: "Como os judeus de Banu Qurayza eram um grupo problemático [...] o Mais Nobre Mensageiro os eliminou" (citado em PATTERSON, 2010). Em dezembro de 1985, afirmou ainda que "o simples fato de nascer judeu torna a pessoa uma 'inimiga do Islã'" (citado em PATTERSON, 2010).

A retórica exterminacionista do Irã e de grupos islâmicos radicais não é percebida como incompatível com a presença de judeus "protegidos" sob regime iraniano porque o alvo central dessa ideologia é o judeu que se recusa à subordinação política. Historicamente, judeus e cristãos podiam viver em territórios islâmicos sob o estatuto de *dhimmis* ("povos protegidos"), que reconhecia suas religiões, porém os mantinha em posição jurídica e política inferior, dependente da tolerância islâmica. Nesse contexto, judeus politicamente submissos não representam ameaça ao regime; ao contrário, reafirmam simbolicamente sua superioridade. O sionismo e a criação de Israel, porém, foram interpretados como "uma demonstração flagrante de completa emancipação judaica da lei muçulmana – a reversão da *dhimmitude*". A existência de um Estado judeu soberano, capaz do ponto de vista militar e situado em território reivindicado historicamente pelo Islã passou a ser vista como afronta direta à supremacia islâmica tradicional, subvertendo a concepção clássica segundo a qual a condição judaica deveria permanecer associada à submissão e à "humilhação" (BODANSKY, 1999).

O antissemitismo iraniano assume dimensão particularmente grave em associação ao programa nuclear do regime. Segundo Herf, a combinação entre radicalismo religioso, culto ao martírio e expectativas messiânicas enfraquece os mecanismos clássicos de dissuasão nuclear. Daí sua conclusão de que "um Irã com armas nucleares seria, portanto, o primeiro governo desde o de Hitler a estar disposto e apto a ameaçar com um segundo Holocausto" (HERF, 2024).

O Hezbollah ("Partido de Deus"), surgido no Líbano como desdobramento direto da Revolução Iraniana, também estrutura sua visão de mundo a partir da indistinção entre judeus, israelenses e sionistas. Hassan Nasrallah, líder político e espiritual do movimento, declarou: "Se procurarmos em todo o globo pelo indivíduo mais covarde, vil, fraco e frágil em seu espírito, mente, ideologia e religião, nunca encontraremos ninguém como o judeu – e eu não estou dizendo o israelense" (citado em PATTERSON, 2010). Lideranças do grupo descrevem os judeus como "descendentes de macacos e porcos", "crescimento canceroso" e "micróbio prejudicial" (citado em PATTERSON, 2010), mobilizando uma *desumanização biologizante* destinada a legitimar a violência contra civis judeus em qualquer parte do mundo (→ 11. *desumanização e repulsividade*; BODANSKY, 1999).

O Hezbollah interpreta Israel como base militar de uma conspiração judaica internacional. O aiatolá Mohamed Hussein Fadlalah, mentor espiritual do movimento, declarou: "Os judeus querem ser uma superpotência mundial. Esse círculo racista de judeus quer se vingar do mundo inteiro por sua história de perseguição e humilhação. Diante disso, os judeus trabalharão com base na premissa de que os interesses judaicos estão acima de todos os interesses mundiais" (citado em BODANSKY, 1999). Dentro dessa lógica, o grupo atribui aos judeus responsabilidade por crises globais e males sociais, chegando a acusá-los de "disseminar deliberadamente a AIDS entre muçulmanos para destruir a humanidade" (→ 17. *disseminadores de doenças*; PATTERSON, 2010).

O Hezbolá também rejeita qualquer possibilidade de coexistência pacífica com Israel. Seu manifesto ideológico, *Yom Eddin* ("O Dia da Fé"), condena tratados e negociações diplomáticas, enquanto Nasrallah ensinava que "a morte mais honrosa é a morte ao matar" (citado em PATTERSON, 2010), legitimando atentados suicidas como forma suprema de devoção religiosa. Em um discurso dirigido a seus combatentes, afirmou: "O Islã dos *mujahedin* e *shuhada* [mártires] está chegando para vocês, judeus; no sul do Líbano, na Palestina e em todo o mundo. Ele os derrotará!" (citado em BODANSKY, 1999).

O Hamas, fundado em 1987 como braço palestino radicalizado da Irmandade Muçulmana, converteu a destruição dos judeus em imperativo religioso e escatológico (PATTERSON, 2010; HERF, 2024). O artigo 22 de sua Constituição de 1988 atribui aos judeus o controle das guerras, da economia e das instituições internacionais, afirmando que eles "obtiveram a Declaração Balfour e criaram a Liga das Nações Unidas, para poder governar o mundo" e que "Onde há uma guerra no mundo, eles se encontram, acionando os cordéis por trás das cortinas" (PIMENTA, 2024). O artigo 32 reafirma explicitamente a autenticidade dos *Protocolos*: "O plano deles está exposto nos *Protocolos dos Sábios de Sião*, e o comportamento deles, no presente, é a melhor prova daquilo que lá está dito" (PIMENTA, 2024). A Carta também responsabiliza os judeus pelas guerras mundiais e pela corrupção global, reproduzindo diretamente elementos da propaganda nazista (PATTERSON, 2010).

Sua Constituição apresenta ainda a matança dos judeus como requisito para o Dia do Julgamento: "A hora do julgamento não chegará, até que os muçulmanos combatam os judeus e terminem por matá-los..." (PIMENTA, 2024). Como observa Patterson, o Hamas transforma o genocídio em dever religioso absoluto incompatível com qualquer coexistência política (PATTERSON, 2010). A rejeição da paz

decorre diretamente dessa visão teológica e conspiratória. Ao definir a Palestina como *Waqf* – propriedade sagrada e inalienável do Islã – e os judeus como encarnação do mal, a Carta considera ilegítima qualquer negociação diplomática. O artigo 13 declara que "As iniciativas, as assim chamadas soluções pacíficas, e conferências internacionais para resolver o problema palestino se acham em contradição com os princípios do Movimento de Resistência Islâmica" (PIMENTA, 2024). Em seguida, conclui: "não há solução para o problema palestino, a não ser pela *jihad*. Iniciativas de paz, propostas e conferências internacionais são perda de tempo e uma farsa" (PIMENTA, 2024).

Os hutis, também chamados de Ansar Allah ("Partidários de Deus"), constituem um movimento político-militar iemenita alinhado à República Islâmica do Irã e profundamente influenciado pela ideologia khomeinista e pelo Hezbollah. Originado na década de 1990 entre setores da minoria xiita zaidita como reação à expansão do salafismo sunita no Iêmen, o movimento absorveu, por meio da formação de suas lideranças no Irã e no sul do Líbano, uma visão de mundo marcada pelo antissemitismo conspiratório e pela hostilidade escatológica contra Israel e os judeus. Em razão de seus ataques com drones e mísseis contra Israel e contra rotas marítimas internacionais, os hutis foram designados pelos Estados Unidos como Foreign Terrorist Organization – FTO (Organização Terrorista Estrangeira) e como Specially Designated Global Terrorist – SDGT (Terrorista Global Especialmente Designado).

O antissemitismo ocupa posição estrutural em sua identidade ideológica. O lema oficial do grupo ("Sarkha"), adotado após a invasão do Iraque em 2003, declara: "Deus é Grande / Morte à América / Morte a Israel / Uma maldição sobre os judeus / Vitória para o Islã" (ANTI-DEFAMATON LEAGUE, ADL, 2025). A centralidade desse discurso reflete uma visão segundo a qual judeus, Israel e Estados Unidos seriam responsáveis pela decadência política e moral do mundo islâmico. O movimento também sustenta que a ordem legítima da região pressuporia a submissão política dos judeus ao domínio árabe e islâmico. Em um sermão de 2002, Hussein al-Houthi afirmou que "Os judeus, por si mesmos, não poderiam controlar ou garantir sua própria existência. Eles precisavam viver sob a proteção da liderança árabe e das potências árabes" (citado em ADL, 2025).

Além da retomada da lógica tradicional da *dhimma*, os hutis incorporaram teorias conspiratórias modernas oriundas do antissemitismo europeu. Hussein al-Houthi utilizava *Os Protocolos dos Sábios de Sião* para sustentar que judeus conspirariam permanentemente contra os muçulmanos com o objetivo de destruir o Islã: "O objetivo deles é nos corromper, nos transformar em descrentes [...] Judeus e cristãos são nossos verdadeiros inimigos." O discurso do movimento também inclui apelos abertos à eliminação de Israel e dos judeus. Citando Khomeini, Hussein al-Houthi afirmou que "O mundo islâmico só poderia estar a salvo do mal dos judeus erradicando-os e eliminando sua criação (Israel)" (citado em ADL, 2025).

Por fim, a Jihad Islâmica Palestina, fundada na virada dos anos 1980 por Fathi Shaqaqi, Abd al-Aziz Odeh e Bashir Musa, surgiu sob forte influência da Revolução Iraniana e do jihadismo islâmico (PATTERSON, 2010). Sua ideologia define Israel como "o inimigo principal de [todos] os muçulmanos" e descreve sua existência como "câncer judeu" que deve ser erradicado fisicamente (citado em PATTERSON, 2010). O movimento considera qualquer acordo de paz com judeus uma forma de apostasia. Seu estatuto afirma categoricamente: "Uma solução de paz baseada no reconhecimento do direito dos judeus à Palestina, ou parte dela, contradiz o *Corão*" (citado em PATTERSON, 2010). A organização conclui, assim, que a Palestina constitui "o foco do confronto religioso-histórico entre os muçulmanos e seus inimigos eternos, os judeus" (citado em PATTERSON, 2010).

No ambiente digital contemporâneo, a afirmação de grupos antissemitas islâmicos raramente depende apenas de declarações textuais explícitas de apoio; ela se manifesta com grande eficácia tática por meio da apropriação de *comunicação implícita, símbolos e cultura de memes* (→ 35. *comunicação ambígua, implícita ou indireta*). A iconografia extremista serve para burlar a moderação das plataformas, atrair públicos jovens e criar fortes laços de cumplicidade ideológica. Símbolos visuais como o triângulo vermelho invertido, utilizado nas propagandas militares do Hamas para marcar alvos, ou o emoji de parapente, popularizado após os massacres de 7 de Outubro de 2023, foram rapidamente integrados ao vocabulário *on-line* como marcadores de celebração da violência contra civis (FIELITZ; BRODERSEN, 2024).

No âmbito da extrema direita, numerosos movimentos de inspiração fascista e ultranacionalista incorporaram o antissemitismo como elemento estruturante de suas ideologias. As correntes explicitamente identificadas com o nazismo recebem tratamento próprio no próximo verbete, embora existam extensas sobreposições doutrinárias derivadas de bases intelectuais comuns.

Na contemporaneidade, setores da extrema direita frequentemente evitam a simbologia nazista explícita e recorrem à exaltação de tradições fascistas nacionais. Segundo Jonas Pardo e Samuel Delor (2024), movimentos não nazistas contemporâneos adotam estratégias de "desdiabolização" e linguagens codificadas, preservando, contudo, o antissemitismo como componente estrutural de suas visões de mundo. Embora o fascismo italiano inicial não estivesse centrado em teorias raciais, a aproximação de Benito Mussolini com a Alemanha nazista levou o regime à adoção de políticas antissemitas oficiais no final da década de 1930, convertendo-o posteriormente em referência simbólica para grupos extremistas. Adriana Dias identifica a presença contínua de referências ao fascismo mussoliniano em fóruns e diretórios digitais brasileiros e internacionais, incluindo espaços denominados "Benito Mussolini" e "Fascismo em Rede", voltados à disseminação de revisionismo histórico (DIAS, 2018).

Na Europa Oriental, o nacionalismo radical assumiu formas explicitamente exterminacionistas. Na Romênia, a Guarda de Ferro, liderada por Corneliu Codreanu, definia a "questão judaica" como problema de vida ou morte nacional. Em 1937, já como terceira maior força política do país, o movimento "abertamente clamava pela destruição dos judeus" e promoveu violentos pogroms em Bucareste (WISTRICH, 1992). Adina Marincea observa que setores contemporâneos da extrema direita romena continuam cultuando figuras legionárias e perpetradores antissemitas em espaços digitais, incluindo canais no Telegram nomeados em homenagem a antigos esquadrões da morte do movimento legionário (MARINCEA, 2023). Na Hungria, o hungarismo de Ferenc Szálasi defendia que os judeus eram incompatíveis com a civilização europeia, posição que culminou em deportações e assassinatos em massa.

Na Ucrânia, o banderismo articulou nacionalismo étnico, culto à violência e ideal de purificação racial, defendendo a eliminação de minorias nacionais em favor de um Estado fascista homogêneo.

Na América Latina, o antissemitismo foi frequentemente integrado ao nacionalismo militarista e ao catolicismo reacionário. Na Argentina, o Movimento Nacionalista Tacuara intensificou ataques contra sinagogas e judeus após a captura de Adolf Eichmann por Israel, enquanto a Aliança Anticomunista Argentina (Triple A) difundia a noção conspiratória de "sinarquia", apresentada como aliança global entre maçonaria, sionismo e sociedades internacionais para dominar o mundo (WEISZ, 2023). No Brasil, a Ação Integralista Brasileira incorporou forte conteúdo antissemita sob a influência de Gustavo Barroso, tradutor dos *Protocolos dos Sábios de Sião* e defensor da ideia de uma conspiração judaica internacional. Barroso referia-se publicamente aos judeus como "lixo humano" (TUCCI CARNEIRO, 2019). O integralismo permanece como importante referência simbólica para grupos extremistas contemporâneos. Gangues como os Carecas do ABC reivindicam herança direta do movimento de Plínio Salgado e adotam o lema "Deus, pátria e família", enquanto símbolos históricos como as "camisas-verdes" e a saudação "Anauê" continuam circulando em fóruns e ambientes digitais da extrema direita brasileira.

Nos Estados Unidos, organizações como a Ku Klux Klan, a Legião Prateada da América, conhecida como "Camisas Prateadas" (Silver Shirts) e movimentos supremacistas brancos posteriores fundiram racismo antinegro e antissemitismo, difundindo a crença de que os judeus controlariam o sistema financeiro, o governo e os meios de comunicação (WISTRICH, 1992). Símbolos da supremacia branca estadunidense também foram apropriados por grupos extremistas brasileiros. Adriana Dias identificou a existência de células locais da Ku Klux Klan em cidades como Blumenau e Niterói, além da circulação recorrente da sigla "WP" – "White Power" (Poder Branco) em fóruns neonazistas brasileiros (DIAS, 2018). Essa estética supremacista também transbordou para manifestações antidemocráticas recentes, como nos atos do grupo autodenominado "Os 300 do Brasil", cujos participantes "vestiam capuzes e empunhavam tochas imitando a estética dos nazistas alemães e dos supremacistas norte-americanos" (OBSERVATÓRIO JUDAICO, 2022).

COMO IDENTIFICAR?

- Louvor a grupos extremistas: Expressões de apoio, celebração ou atribuição de valor positivo a organizações, milícias ou redes cujas ideologias e práticas envolvem violência antissemita, como Hamas, Hezbollah, Jihad Islâmica ou grupos supremacistas e aceleracionistas de extrema direita.
- Justificação da violência: Racionalização de atentados, massacres ou atos terroristas contra judeus, israelenses ou instituições judaicas, apresentados como "resistência", "libertação", "autodefesa" ou "guerra civilizacional".
- Heroização de perpetradores: Representação de autores de ataques violentos como "mártires", "heróis", "combatentes da liberdade" ou "leões corajosos", invertendo moralmente a relação entre agressor e vítima.
- Uso de símbolos e códigos celebratórios: Emprego de memes, emojis, iconografia ou linguagem implícita para comemorar ataques e contornar a moderação digital, como o triângulo vermelho invertido, o emoji de parapente ou referências estéticas a assassinos em massa e grupos extremistas.

DEFINIÇÕES OPERACIONAIS E ZONAS CINZENTAS

As definições operacionais da International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e da *Declaração de Jerusalém Sobre o Antissemitismo* (JDA) convergem ao reconhecer que a afirmação e o apoio a grupos extremistas antissemitas ultrapassam os limites do discurso político protegido. A IHRA classifica explicitamente como antissemitismo o ato de "pedir, ajudar ou justificar o assassinato ou prejuízo contra judeus em nome de uma ideologia radical ou visão extremista da religião", enquadrando o apoio a organizações como Hamas, Hezbollah ou a dos hutis porque tais movimentos articulam demonização antijudaica, negam a autodeterminação judaica e legitimam violência contra judeus e israelenses. A JDA, por sua vez, considera antissemita "negar o direito dos judeus no Estado de Israel de existirem e prosperarem, coletiva e individualmente, como judeus", além de reconhecer que a hostilidade dirigida a "judeus como judeus" inclui manifestações violentas expressas em palavras, imagens e ações. Nesse sentido, *slogan*s e doutrinas desses grupos – como as maldições explícitas contra judeus presentes no lema dos hutis ou na Constituição do Hamas – enquadram-se diretamente como discurso antissemita.

Apesar desse consenso geral, a glorificação contemporânea desses movimentos produz zonas cinzentas relevantes. A primeira delas decorre da inversão moral que recobre a violência antissemita sob vocabulário político legitimador. Massacres, atentados ou ataques contra civis judeus e israelenses passam a ser descritos como "resistência", "libertação", "autodefesa" ou "guerra civilizacional", enquanto perpetradores são transformados em "mártires" ou "combatentes da liberdade". Essa reformulação retórica torna a celebração da barbárie mais aceitável em determinados ambientes políticos e dificulta a identificação imediata da apologia à violência antissemita subjacente.

Outra zona cinzenta surge da substituição estratégica da palavra "judeu" por "sionista", "Israel" ou termos correlatos. Como a JDA define o antissemitismo estritamente como hostilidade contra "judeus como judeus", críticos apontam que essa formulação pode abrir espaço para que discursos de apoio à violência exterminacionista sejam apresentados como mera oposição política ao sionismo. Assim, repertórios clássicos de desumanização, conspiração e eliminação física podem circular disfarçados sob a alegação de que o alvo seria apenas uma estrutura política e não os judeus enquanto coletividade.

No ambiente digital, essas ambiguidades se ampliam pela utilização de comunicação implícita, memes e símbolos codificados. Em vez de declarações textuais explícitas de apoio a organizações terroristas – facilmente removidas pelas plataformas – usuários recorrem a ícones e referências visuais ambíguas, como o triângulo vermelho invertido associado à propaganda do Hamas ou o emoji de parapente popularizado após os ataques de 7 de outubro de 2023. Como tais símbolos não possuem significado violento intrínseco fora de determinados contextos políticos, moderadores e algoritmos frequentemente enfrentam dificuldades para demonstrar que seu uso constitui celebração de massacres, identificação ideológica com o terrorismo ou aprovação implícita da violência antissemita.

39. Afirmação do Nazismo, de Hitler e do Holocausto

Trata-se da atribuição de valor positivo, louvor ou justificativa moral ao regime nazista, a Adolf Hitler ou ao próprio Holocausto. Essa forma de comunicação é inerentemente antissemita, pois o nacional-socialismo foi estruturado em torno da perseguição e do extermínio dos judeus. A glorificação de seus líderes, símbolos ou práticas implica, portanto, a legitimação desse projeto genocida. Na cosmovisão nazista, o judeu era concebido como personificação de um mal absoluto cuja destruição seria necessária para salvar a humanidade (→ 12. *o mal – antissemitismo redentor*; FRIEDLÄNDER, 1998).

Na contemporaneidade, essa retórica manifesta-se desde grupos explicitamente neonazistas até formas mais difusas de relativização histórica, como elogios à "ordem", à política econômica ou aos supostos "valores morais" do Terceiro Reich. Também inclui tentativas de dissociar aspectos do regime de seu núcleo genocida ou minimizar seus crimes (→ 24. *negação e distorção do Holocausto* e *i*→ 27. *nversão do Holocausto*). Em muitos casos, Hitler é exaltado como símbolo de autoridade absoluta, enquanto o extermínio dos judeus é tratado como custo secundário ou justificável diante da promessa de ordem social autoritária.

Frequentemente associada a teorias conspiratórias segundo as quais judeus controlariam a mídia, a educação e a cultura para impedir uma "reavaliação" positiva de Hitler (→ 13. *teorias da conspiração sobre poder judaico* e → 21. *tabu da crítica*), essa retórica ultrapassa a mera provocação política. Trata-se de discurso de intimidação e incitação à violência que reativa o desejo de destruição dos judeus (→ 37. *insultos, ameaças, maldições e desejos de morte*).

O NAZISMO HISTÓRICO

Ideologicamente, o nazismo fundava-se em uma visão biológica da história e das relações humanas. Hitler afirmava que "o nazismo é biologia aplicada" (citado em CHAPOUTOT, 2018). A vida política era concebida como luta racial permanente por sobrevivência e expansão territorial, centrada na disputa por "espaço vital" (*Lebensraum*; HAFFNER, 1983). Nesse quadro, a guerra era apresentada como condição natural da existência, legitimando conquista territorial, escravização e extermínio.

Os judeus ocupavam posição singular nessa cosmologia racial. Não eram vistos apenas como raça inferior, mas como "antirraça" ou força patológica voltada à destruição das fronteiras nacionais e da pureza racial (→ 7. *desintegrador e degenerador*, → 11. *desumanização e repulsividade* e → 17. *disseminadores de doenças*; CHAPOUTOT, 2018). Hitler os descrevia como agentes de miscigenação, degeneração e colapso civilizacional.

A teoria conspiratória nazista sustentava que os judeus buscavam destruir todas as nações por meio de ideologias universalistas e do controle simultâneo do capitalismo e do bolchevismo (→ 14. *personificação e controle do capitalismo global*, → 15. *dominação mundial* e → 16. *complôs de subversão*). Saul Friedländer define essa lógica como "antissemitismo redentor": a crença de que a eliminação dos judeus seria necessária para salvar a humanidade (FRIEDLÄNDER, 1998).

É nesse contexto que Hitler escreve em Mein Kampf que, se os judeus conquistassem o mundo, "a sua coroa de vitórias será a coroa mortuária da raça humana" (HITLER, 2016). A luta contra o judaísmo era apresentada como missão providencial e sagrada: "Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus" (HITLER, 2016, → 2. *demonização*).

A partir de 1933, o regime transformou o Estado alemão em instrumento dessa guerra racial. O sistema jurídico foi subordinado ao *Führerprinzip* (princípio do líder), legitimando qualquer medida apresentada como defesa da *Volksgemeinschaft*, a comunidade racial ariana (RÜTHERS, 2016). Leis aprovadas ainda em 1933 já excluíam judeus do funcionalismo público, das universidades, da medicina, da advocacia e de outras áreas centrais da vida social (FRIEDLÄNDER, 1998).

O processo atingiu novo patamar com as Leis de Nuremberg, de 1935, que retiraram dos judeus seus direitos de cidadania e proibiram relações entre judeus e "arianos". Consolidava-se juridicamente a ideia de pureza racial como fundamento do Estado nazista (CHAPOUTOT, 2020).

Victor Klemperer demonstrou como a linguagem desempenhou papel decisivo nesse processo. Segundo ele, "o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição" (KLEMPERER, 2009). A linguagem burocrática e pseudocientífica apresentava perseguição, segregação e violência como formas legítimas de "higiene racial". Klemperer compara esse mecanismo a um veneno administrado lentamente: palavras aparentemente banais produziam dessensibilização moral progressiva. O antissemitismo tornava-se, assim, o eixo simbólico organizador do regime. Como escreveu: "O judeu é a pessoa mais importante no Estado de Hitler" (KLEMPERER, 2009).

A Segunda Guerra Mundial foi concebida simultaneamente como guerra territorial e guerra racial. A propaganda nazista apresentava o "judaísmo internacional" como força onipotente que controlaria tanto as democracias ocidentais quanto a União Soviética (HERF, 2006). Nesse enquadramento delirante, a guerra contra os Aliados tornava-se também guerra contra os judeus.

A "Solução Final" foi concebida como imperativo biológico de salvação racial. Hitler afirmava que "recobraremos a saúde quando tivermos eliminado o judeu" (citado em CHAPOUTOT, 2017). Para a liderança nazista, Holocausto e guerra mundial não eram fenômenos separados, mas dimensões do mesmo conflito existencial (HERF, 2006).

A industrialização do genocídio intensificou-se justamente quando a Alemanha começou a sofrer derrotas decisivas. Johann Chapoutot observa que a decisão de exterminar

Bund
Deutscher
Mädel
in der Hitlerjugend

Baut
Jugendherbergen
und Heime

DER
DEUTSCHE
STUDENT
KÄMPFT
FÜR FÜHRER UND VOLK
IN DER MANNSCHAFT DES NSD-STUDENTENBUNDES

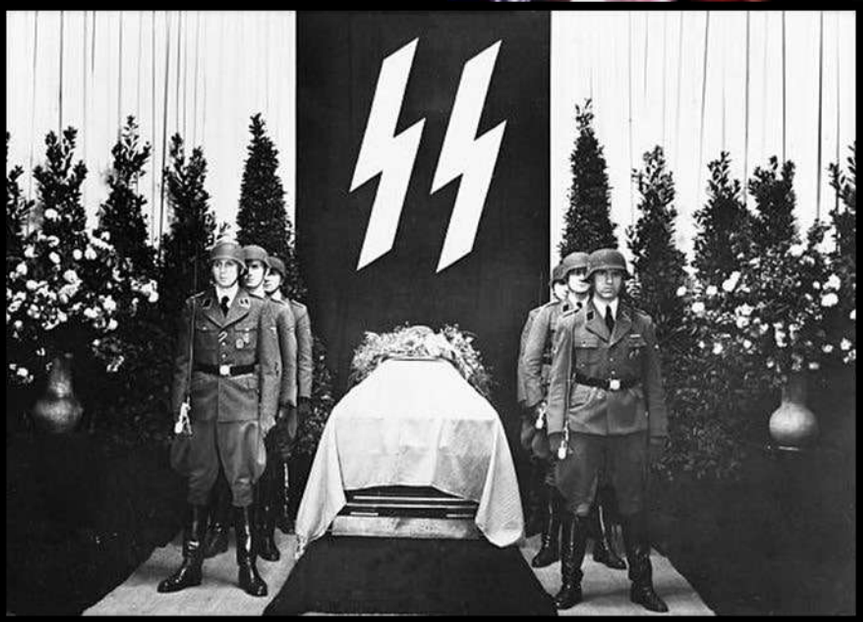
DIE
NSDAP
SICHERT DIE
VOLKS-
GEMEINSCHAFT
VOLKSGENOSSEN
BRAUCHT IHR RAT UND HILFE
SO WENDET EUCH AN DIE
ORTSGRUPPE

Kinder,
was wißt Ihr
vom Führer?
FRANZ SCHNEIDER VERLAG

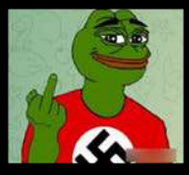
Jugend
im Luftschutz!

Ja!
Führer wir folgen Dir!

WAFFEN-SS



Católico Romano ✝
Fascista e Nacional-Socialista 卐
Nacionalista
"Tu não és nada; teu povo é tudo." - Adolf Hitler.
See Translation



fisicamente todos os judeus europeus consolidou-se em 1941, diante da perspectiva de guerra prolongada em duas frentes (CHAPOUTOT, 2017).

À medida que a derrota militar se tornava inevitável, o extermínio adquiriu prioridade crescente. Trens e infraestrutura logística continuaram sendo destinados às deportações mesmo quando o front alemão enfrentava escassez crítica de recursos. Eberhard Jäckel observa que o regime passou a atribuir à "Solução Final" prioridade equivalente à do esforço militar (JÄCKEL, 1972). Sebastian Haffner argumenta que, após perceber a impossibilidade de vencer a guerra, Hitler passou a concentrar-se integralmente no extermínio dos judeus. O prolongamento do conflito teria servido, em parte, para garantir tempo suficiente à continuidade do genocídio (HAFFNER, 1983).

Mesmo diante do colapso total do Terceiro Reich, Hitler manteve intacta sua visão antissemita. Em abril de 1945, afirmou que "o mundo será eternamente grato ao Nacional-Socialismo por eu ter extinguido os judeus" (citado em JÄCKEL, 1972). Em seu testamento político, voltou a conclamar a continuidade da luta contra o "judaísmo internacional" (HERF, 2006).

A derrota alemã foi reinterpretada pela propaganda nazista como prova final da conspiração judaica mundial. A aliança entre democracias ocidentais e União Soviética era apresentada como confirmação definitiva de que os judeus controlariam o mundo inteiro (HERF, 2006).

O NEONAZISMO

O neonazismo reorganizou-se após 1945 como movimento voltado à retomada da ideologia, da estética e dos objetivos do nacional-socialismo. Nos Estados Unidos, a fundação do American Nazi Party, em 1959, sob George Lincoln Rockwell, marcou a formulação de uma "versão americanizada" do nazismo, centrada no supremacismo branco, no antissemitismo e na negação do Holocausto (SUNSHINE, 2024).

Apesar das adaptações culturais posteriores, o antissemitismo permaneceu como núcleo estruturante do neonazismo. Democracia liberal, direitos civis e globalização passaram a ser interpretados como instrumentos de uma conspiração judaica mundial sintetizada na noção de *Zionist Occupation Government* (ZOG), o "Governo de Ocupação Sionista" (SIMONSEN, 2020; WOLIN, 2022).

A crença no controle judaico absoluto das instituições levou parte do movimento à defesa aberta do terrorismo. Grupos como National Socialist Liberation Front, National Alliance e, posteriormente, organizações aceleracionistas passaram a defender guerra racial e colapso violento da ordem democrática (SUNSHINE, 2024).

A obra *The Turner Diaries* (1978) tornou-se referência central desse universo. Seu enredo descreve uma guerra racial culminando no extermínio em massa de judeus e minorias (WOLIN, 2022). O livro influenciou diretamente ataques terroristas e massacres de extrema direita nas décadas seguintes.

Entre os anos 1980 e 1990, o neonazismo encontrou forte canal de expansão por meio da subcultura skinhead e da música White Power. Bandas como Skrewdriver e redes como Blood & Honour transformaram música, estética juvenil e cultura de choque em instrumentos de radicalização política transnacional (PERLIGER, 2020).

Posteriormente, James Mason formulou, em Siege, uma doutrina baseada na violência terrorista descentralizada e no aceleracionismo. A estratégia defendia ataques contínuos para precipitar o colapso da democracia liberal e instaurar uma nova ordem racial (SUNSHINE, 2024).

O aceleracionismo neonazista transformou a violência em finalidade em si mesma. Kieran Aarons descreve essa lógica como *religio mortis*: uma cultura sacrificial centrada na glorificação da morte, do massacre e do terrorismo imitativo (AARONS, 2023).

Na era digital, o neonazismo reorganizou-se em fóruns anônimos, aplicativos criptografados e ecossistemas *on-line* baseados em memes, ironia e "humor transgressivo" (HERMANSSON et al., 2020). Nesses espaços, conteúdos racistas e antissemitas são frequentemente apresentados como piada ou provocação, funcionando como mecanismo de dessensibilização e recrutamento.

Plataformas e redes aceleracionistas passaram a glorificar terroristas como modelos heroicos. O terrorismo de "lobo solitário" tornou-se estratégia privilegiada, dispensando estruturas hierárquicas tradicionais e favorecendo radicalização descentralizada (12 RULES FOR WHAT, 2021).

Atentados como Oklahoma City (1995), Christchurch (2019), El Paso (2019), Buffalo (2022), Pittsburgh (2018) e Poway (2019) foram fortemente influenciados por esse ecossistema ideológico, frequentemente articulado à teoria conspiratória da "grande substituição" e ao mito do ZOG (PERLIGER, 2020; WOLIN, 2022).

BRASIL

Durante os anos 1930, o Brasil abrigou o maior partido nazista fora da Alemanha. O NSDAP organizou-se sobretudo nas regiões de imigração alemã do Sul, especialmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo René Gertz, o partido chegou a reunir cerca de cinco mil membros no país (GERTZ, 1987).

Inicialmente, o governo Vargas demonstrou simpatia pelo nacional-socialismo e tolerou sua organização nas colônias alemãs. Apenas a partir de 1938, com o Estado Novo consolidado, iniciou-se repressão mais sistemática às atividades nazistas (GERTZ, 1987).

O neonazismo brasileiro contemporâneo ganhou força principalmente a partir dos anos 1980, articulando subculturas skinhead, supremacismo branco e negacionismo do Holocausto (CALDEIRA NETO, 2025). Facções dissidentes dos Carecas do Subúrbio passaram a adotar simbologia nazista, exclusivismo racial e conexões internacionais com redes White Power.

O negacionismo ligado à Revisão Editora e a Siegfried Ellwanger funcionou como importante ponte ideológica de radicalização, difundindo literatura conspiratória e propaganda antissemita (CALDEIRA NETO, 2025).

Com a internet, o neonazismo brasileiro passou por expansão acelerada. Adriana Dias identificou crescimento significativo de grupos digitais, especialmente no Sul do país, além da incorporação de xenofobia contra nordestinos ao repertório extremista (DIAS, 2007; 2018).

Mais recentemente, o neonazismo brasileiro passou a operar em ecossistemas digitais descentralizados conectados a redes transnacionais aceleracionistas. Aplicativos criptografados, fóruns anônimos e plataformas ligadas ao Terrorgram passaram a funcionar como espaços de recrutamento, propaganda e glorificação de massacres (CALDEIRA NETO, 2025).

Segundo o Grupo de Trabalho de Especialistas em Violências nas Escolas, entre 2022 e outubro de 2023 ocorreram 36 ataques a escolas no Brasil, resultando em dezenas de mortes (CALDEIRA NETO, 2025). Parte desses casos foi associada a processos de radicalização em fóruns extremistas *on-line*.

Dados recentes indicam forte crescimento do neonazismo digital brasileiro. Segundo Adriana Dias, o número de células neonazistas passou de 334 em 2019 para 530 em 2021, enquanto denúncias de neonazismo *on-line* cresceram exponencialmente no mesmo período (OBSERVATÓRIO JUDAICO, 2022).

A Operação Bergon, em 2021, revelou inclusive tentativas de formação paramilitar e planejamento de ataques de grande escala, incluindo ameaça contra a usina nuclear de Angra dos Reis (OBSERVATÓRIO JUDAICO, 2022).

COMO IDENTIFICAR?

- Elogios a Hitler, ao nacional-socialismo ou a líderes e organizações nazistas.

- Tentativas de justificar ou celebrar o Holocausto.
- Afirmações de que “Hitler tinha razão” ou “matou pouco”.
- Desejos explícitos de repetição do Holocausto ou de extermínio de judeus.
- Culto a símbolos, gestos, uniformes e iconografia nazista;
- Negacionismo ou relativização do Holocausto.
- Glorificação de terroristas neonazistas contemporâneos.
- Uso de códigos, *slogan*s ou símbolos ligados ao neonazismo e ao supremacismo branco.

PRINCIPAIS SÍMBOLOS

A simbologia da extrema direita – do nazismo histórico às redes neonazistas, supremacistas e aceleracionistas contemporâneas – é vasta, mutável e impossível de reunir de forma plenamente exaustiva, sobretudo porque novos grupos surgem constantemente e antigos símbolos são reformulados para contornar censura, ampliar seu alcance ou adaptar-se a novos contextos políticos e culturais. Assim, esta seção não pretende catalogar toda a iconografia extremista, mas apresentar alguns de seus principais símbolos, organizações e movimentos históricos e contemporâneos. Ao mapear essas referências, busca-se não apenas facilitar o reconhecimento de emblemas específicos, mas também evidenciar continuidades estéticas, ideológicas e visuais – como o uso recorrente de runas, cruzes estilizadas, códigos numéricos, referências imperiais, militarismo e simbolismo racial – que podem auxiliar leitoras e leitores a identificar também símbolos não contemplados neste mural, mas estruturalmente vinculados às mesmas tradições extremistas.

Historicamente, o nazismo atribuiu importância central à construção de uma identidade visual própria, utilizando símbolos como instrumentos de propaganda, coesão ideológica, intimidação e legitimação de sua cosmovisão racial. Seu emblema máximo foi a Cruz Suástica, oficializada por Adolf Hitler em 1920 como uma suástica preta inclinada em 45 graus, inscrita em um círculo branco sobre fundo vermelho. Embora derivada de símbolos religiosos e culturais milenares presentes em tradições da Índia, da Ásia e de outras civilizações, foi apropriada e radicalmente ressignificada como representação da suposta raça ariana e da missão histórica do nacional-socialismo. Em razão de sua associação direta com genocídio, guerra racial e supremacismo, tornou-se posteriormente proibida ou severamente restringida em diversos países, inclusive no Brasil. Ao lado dela, a Águia Nazista, adaptada de tradições heráldicas imperiais germânicas, consolidou-se como outro emblema central do Terceiro Reich, expressando autoridade, disciplina e a fusão entre Estado e ideologia racial.

A SS (Schutzstaffel), principal aparato paramilitar e ideológico do regime, desenvolveu uma iconografia particularmente extensa, marcada por runas, misticismo e pseudohistória racial. Seu principal símbolo foi a Dupla Runa da Vitória (*Doppel-Siegrune*;), visualmente semelhante a dois raios paralelos e associada a elitismo e poder. Outro emblema central foi a *Totenkopf*, a caveira herdada de tradições militares prussianas, vinculada especialmente às unidades responsáveis pelos campos de concentração. A SS também utilizou amplamente a runa Odal, ligada à herança e pureza sanguínea; a *Lebensrune*, associada à vida e à reprodução ariana; a *Todesrune*, vinculada à morte; e a *Wolfsangel*, apropriada de um antigo símbolo europeu e empregada por formações nazistas. O *Kolovrat*, símbolo eslavo antigo posteriormente apropriado por setores extremistas, também passou a integrar certos repertórios nazistas. O Sol Negro (*Schwarze Sonne*/*Sonnenrad*), composto por doze raios rúnicos circulares e instalado por Heinrich Himmler no Castelo

de Wewelsburg, tornou-se um dos principais emblemas do imaginário esotérico nazista. Já a Granada Cruzada, associada à Brigada Dirlewanger, vinculou-se diretamente à brutalidade extrema e à repressão violenta.

Outras estruturas do regime possuíam igualmente símbolos próprios. A SA (Sturmabteilung), os "Camisas Marrons", utilizava iconografia ligada à violência política de rua. A Cruz de Ferro, antiga condecoração militar prussiana posteriormente incorporada ao universo nazista, continuou a circular em certos meios extremistas. A Cruz Solar Quebrada, vinculada a correntes ocultistas raciais, e a bandeira do Império Alemão, frequentemente reutilizada como substituto visual da bandeira nazista, também passaram a integrar esse repertório simbólico.

Símbolos de outros movimentos fascistas aliados ou ideologicamente próximos ao nazismo também são frequentemente mobilizados por extremistas contemporâneos. Entre eles estão os fasces italianos do regime de Mussolini, a Cruz do Arcanjo Miguel da Guarda de Ferro romena, a Cruz Flechada húngara, o Raio e Círculo da União Britânica de Fascistas de Oswald Mosley, a Espada e Martelo da Frente Negra strasserista, o jugo e flechas da Falange Espanhola e o símbolo Ustaše croata.

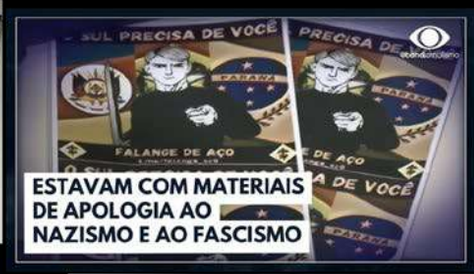
Após 1945, com a criminalização de grande parte da iconografia nazista, movimentos neonazistas e supremacistas passaram a recorrer a substitutos e códigos cifrados. Os códigos numéricos 14, 18 e 88 tornaram-se formas discretas de comunicação ideológica, representando, respectivamente, as "14 palavras" do neonazista David Eden Lane ("We must secure the existence of our people and a future for white children"/ "devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas"), "AH" (Adolf Hitler) e "HH" (Heil Hitler). A Cruz Celta estilizada converteu-se em um dos substitutos mais difundidos da suástica. O Triskelion de três setes, associado ao movimento supremacista afrikaner, passou a circular em redes neonazistas. A Cruz com Gota de Sangue da Ku Klux Klan, o Punho Ariano, que mimetiza e inverte o sentido político do punho erguido do movimento Black Power, e a bandeira confederada dos Estados Unidos — amplamente considerada símbolo de ódio racial por representar a defesa histórica da escravidão e da supremacia branca — também compõem esse repertório.

No campo organizacional, grupos neonazistas e supremacistas contemporâneos desenvolveram iconografias próprias.
Os Martelos Cruzados da Hammerskins, o emblema da Aryan Nations, o símbolo do fórum Iron March, a caveira WAR da White Aryan Resistance, o logotipo da Blood & Honour, o trevo com suástica da Aryan Brotherhood e o emblema da Misanthropic Division ilustram esse processo. Também se insere nesse universo a linguagem visual skinhead de botas e cadarços , utilizada como marcador subcultural de pertencimento e violência racializada. O javali dos Les Identitaires, o símbolo dos Carecas do ABC, o American Front e o Rock Against Communism – RAC demonstram como essa estética extremista se fragmentou e se adaptou a diferentes contextos nacionais.

Em seguida, aparece o emblema do partido "Nazbol", ou "Nacional-Bolchevique", cuja bandeira combina a estética visual nazista com a foice e o martelo soviéticos, articulando uma fusão heterodoxa entre ultranacionalismo e elementos revolucionários autoritários. Logo após, o símbolo da tartaruga estilizada dentro de um octógono pertence à CasaPound Italia, ex-partido e atual movimento neofascista italiano. A tartaruga tornou-se seu principal emblema por simbolizar, segundo o próprio movimento, comunidade, disciplina e territorialidade, funcionando como marca visual de seu nacionalismo autoritário e de sua releitura contemporânea do fascismo.
O emblema seguinte, uma letra "P" atravessada por uma linha horizontal, está associado ao Phineas Priesthood, movimento extremista ligado à doutrina da "Identidade Cristã", ideologia supremacista branca e antissemita. Em seguida, aparece o símbolo do movimento britânico National Action, organização neonazista banida por terrorismo, seguido pelo emblema do partido grego Aurora Dourada, posteriormente classificado judicialmente como organização criminosa. As letras GDL representam a Liga de Defesa dos Goyim, rede neonazista dedicada à propaganda antissemita, enquanto o símbolo Anti-Antifa tornou-se marcador de oposição extremista organizada a movimentos antifascistas. Já o lambda da Génération Identitaire representa uma vertente identitária europeia centrada em nacionalismo etnocultural e retórica anti-imigração.

Redes extremistas aceleracionistas e organizações terroristas de extrema direita desenvolveram iconografias ainda mais híbridas, fundindo neonazismo, culto à destruição e estética digital.
A máscara de caveira tornou-se símbolo recorrente de violência niilista; o emblema do Terrorgram, que combina referências ao Telegram e à estética da SS, representa redes digitais de propaganda terrorista; e o logotipo da Atomwaffen Division, que funde escudo inspirado na SS e símbolo nuclear, expressa fantasias de colapso social e destruição em massa. O Movimento de Resistência Nórdico, a Feuerkrieg Division e The Base representam organizações neonazistas transnacionais fortemente vinculadas ao aceleracionismo e à resistência sem líderes.

Por fim, os logotipos da Order of Nine Angles – O9A e da rede 764 exemplificam formas contemporâneas de extremismo descentralizado que articulam neonazismo, satanismo, violência ritualizada, terrorismo digital e subculturas *on-line* radicalizadas. Em conjunto, essa iconografia ilustra de que modo os símbolos extremistas são instrumentos de identidade, propaganda, reconhecimento mútuo, evasão legal e mobilização ideológica. Compreender suas continuidades, adaptações e genealogias permite reconhecer não apenas seus emblemas históricos mais conhecidos, mas também suas mutações contemporâneas em novos ambientes políticos, culturais e tecnológicos.



[redacted] ... X.com

sangue e honra ⚡⚡

[redacted] ···

O problema e que o alemão não fez o serviço completo.

1939
14/88
WHITE PRIDE WORLD WIDE
WHITE POWER
W·A·R
Blood & Honour
MisanthropiC DivisioN
Töten für Wotan
CARECAS DO A B C FURCA ORGANIZADA
ROCK AGAINST COMMUNISM
GDL
764

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

12 RULES FOR WHAT. *Post-Internet Far Right: Fascism in the age of the Internet*. London: Dog Section, 2021.

AARONS, Kieran. Genealogy of Far-Right Accelerationism. In: PELILI, Emanuele E.; MARTEL, James R (eds.). *Furio Jesi: Mitopolitica*. Roma: Donzelli, 2023.

ABÉLARD, Pierre. *Conférences: Dialogue d'un philosophe avec un juif et un chrétien/ Connais-toi toi-même: Éthique*. Paris: Cerf, 1993.

ABRAHAM, Gary. Max Weber on "Jewish Rationalism" and the Jewish Question. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, v. 1, n. 3, Spring, 1988.

ADELMAN, Janet. *Blood Relations: Christian and Jew in "The Merchant of Venice"*. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

ADORNO, Theodor W. O Que Significa Elaborar o Passado. In: ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

____. Zur Bekämpfung des Antisemitismus heute. *Das Argument*, Berlim, v. 6, n. 29, 1964.

ADORNO, Theodor; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel J.; SANFORD, Nevitt. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper, 1950.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AFP NEWS AGENCY. *Abbas Calls Israel a "Terrorist State"*. 2 jun. 2010.

AL AZMEH, Zeina. Persecution Capital: Legitimacy, Trauma, and Political Authority. *Cultural Sociology*, 30 nov. 2025 (*on-line*).

ALFONSI, Petrus. *Dialogue Against the Jews*. Trad. Irven M. Resnick. Washington: w University of America Press, 2006.

AMERICAN Jewish Committee (AJC). *The State of Antisemitism in America 2025: AJC's Survey of American Jews*. New York: AJC, 2025.

____. *#Translate Hate: Stopping Antisemitism Starts with Understanding It*. 2021. Disponível em: <https://www.ajc.org/sites/default/files/pdf/2021-02/AJC_Translate-Hate-Glossary-2021.pdf>.

AMÉRY, Jean. *Essays on Antisemitism, Anti-Zionism, and the Left*. Ed. Marlene Gallner; trad. Lars Fischer; prefácio de Alvin H. Rosenfeld. Bloomington: Indiana University Press, 2021.

____. *At the Mind's Limits: Contemplations by a Survivor on Auschwitz and Its Realities*. Trad. Sidney Rosenfeld e Stella P. Rosenfeld. Bloomington: Indiana University Press, 1980.

AMNESTY INTERNATIONAL. *Israel's Apartheid against Palestinians: Cruel System of Domination and Crime Against Humanity*. London: Amnesty International, 2022.

AMORIM, Aluísio. *Nazismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2000.

ANDERMANN, Jens; ŽIŽEK, Slavoj. *The Cultural Politics of Antisemitic Imagery*. London: Verso, 2022.

ANNE FRANK FOUNDATION (Comp).; BOONSTRA, Janrense; JANSEN, Hans; KNIESMEYER, Joke (eds.). *Antisemitism: A History Portrayed*. Amsterdam: Anne Frank Foundation, 1993.

ANTI-DEFAMATON LEAGUE, ADL. *The Houthis: A Long Tradition of Antisemitism and Anti-Israel Hate*. New York: ADL Research, 2025.

____. *Antisemitism Uncovered: A Guide to Old Myths in a New Era*. New York: ADL Research, 2023.

____. *The Happy Merchant Explained*. New York: ADL Research, 2022.

____. *Antisemitism and Coded Hate*. New York: ADL Research, 2021a.

____. *Antisemitism and Covid-19*. New York: ADL Research, 2021b.

____. *Aryan Nations/Church of Jesus Christ Christian*, 2004. Disponível em: <https://www.adl.org/resources/profile/aryan-nationschurch-jesus-christ-christian>.

ANTISEMITISM POLICY TRUST. *Antisemitic Imagery and Caricatures*. England: Antisemitism Policy Trust, 2020.

APION. *Against Apion*. In: JOSEPHUS, Flavius. Against Apion. Trad. H. St. J. Thackeray. Cambridge: Harvard University Press, 1926 (Loeb Classical Library). (Trad. bras.: *Antiguidades dos Judeus Contra Apion*. Trad. e adapt. A. C. Godoy; José Ernani de Carvalho Pacheco (ed). Curitiba: Juruá, 2001).

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Trad. Alexandre Corrêa. São Paulo: Loyola, 2008.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

____. *The Origins of Totalitarianism*. New York: Harcourt, 1973.

ASCONE, Laura. Affirming, Desiring, Calling for Violence. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Colonialism Analogies. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Insults. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. The Other/Foreign. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (ed.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. London: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Threats. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

ASCONE, Laura et al. Discourse Report 4. *Decoding Antisemitism: An AI-Driven Study on Hate Speech and Imagery Online*. Berlin: Technische Universität Berlin, Centre for Research on Antisemitism, 2022. Disponível em: <https://decoding-antisemitism.eu/publications/fourth-discourse-report/>.

AVINERI, Shlomo. *The Making of Modern Zionism: The Intellectual Origins of the Jewish State*. New York: Basic Books, 2017.

B'TSELEM. A Regime of Jewish Supremacy from the Jordan River to the Mediterranean Sea: This is Apartheid. Jerusalem: B'Tselem, 2021. Disponível em: <https://www.btselem.org/publications/fulltext/202101_this_is_apartheid>.

BALKIN, Jack M. A Night in the Topics. In: BROOKS, Peter; GEWIRTZ, Paul (eds.). *Law's Stories: Narrative and Rhetoric in the Law*. New Haven: Yale University Press, 1996.

BAR-ON, Tamir. Richard B. Spencer and the Alt Right. In: SEDGWICK, Mark (ed.). *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. New York: Oxford University Press, 2019.

BARON, Salo. *A Social and Religious History of the Jews*. New York: Columbia University Press, 1967.

BARON, Ilan Zvi. The Problem of Dual Loyalty. *Canadian Journal of Political Science / Revue canadienne de science politique*, v. 42, n. 4, 2009.

BARREIRA, Marcos. Apresentação: Marx, Postone e a Questão Judaica. In: POSTONE, Moishe. *Antissemitismo e Nacional-socialismo: Escritos Sobre a Questão Judaica*. Trad. Sergio Ricardo Oliveira. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

____. *História Secreta do Brasil. V. 4*. 1. reed. Porto Alegre: Revisão, 1993a.

____. *História Secreta do Brasil. V. 3*. 1. reed. Porto Alegre: Revisão, 1993b.

____. *História Secreta do Brasil. V. 2*. 1. reed. Porto Alegre: Revisão, 1991.

BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião: O Imperialismo de Israel. O Plano dos Judeus Para a Conquista do Mundo./ O Código do Anti-Cristo. Provas de Autenticidade, Documentos, Notas e Comentários*. São Paulo: Agência Minerva, 1936 (Texto completo e apostilado).

____. *Brasil – Colônia de Banqueiros: História dos Empréstimos de 1824 a 1934*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

BÄRSCH, C.-E. Der Jude als Antichrist in der NS-Ideologie: Die kollektive Identität der Deutschen und der Antisemitismus unter religionspolitologischer Perspektive. *Zeitschrift für Religions- und Geistesgeschichte*, v. 47, n. 2, 1995.

BAUER, Yehuda. Creating a "Usable" Past: On Holocaust Denial and Distortion. *Israel Journal of Foreign Affairs*, v. 14, n. 2, 2020.

____. *The Holocaust: Historical Perspectives*. Tel Aviv: HaKibbutz HaArtzi, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BBC BRASIL. Por Que Comparação de Lula entre Gaza e Holocausto Enfureceu Israel? *BBC Brasil*, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1w1yl1z0glo>.

BEAUVOIR, Simone de. *Balanço Final*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BECKER, Matthias J. *Antisemitism in Reader Comments: Analogies for Reckoning with the Past*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.

____. Conspiracy Myths. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Instrumentalisation of Antisemitism and the Holocaust. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Nazi Analogy/Fascism Analogies. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Power. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature.

BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis. Introduction. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen. Decoding implicit hate speech. In: STRIPPEL, Christian; PAASCH-COLBERG, Sünje; EMMER, Martin; TREBBE, Joachim (eds.). *Challenges and Perspectives of Hate Speech Analysis*. Berlin: Digital Communication Research, 2023.

BELLER, Steven. *Antisemitism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

BELLUT, Daniel Derya; KÖYLÜ, Hilal. Erdogan Calls Israel "Terrorist State". *DW*, Bonn, 19 may 2021.

BEN-ELIEZER, Uri. Becoming a Black Jew: Cultural Racism and Anti-Racism in Contemporary Israel. *Social Identities*, v. 10, n. 2, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Passagens (1927-1940)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 3 v.

____. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Elogio da Filosofia.)

BEN-RAFAEL, Eliezer; SCHOEPS, Julius H.; STERNBERG, Yitzhak; GLÖCKNER, Olaf (eds.). *Handbook of Israel: Major Debates*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016.

BENZ, Wolfgang (Hrsg.). *Handbuch des Antisemitismus: Judenfeindschaft in Geschichte und Gegenwart*. Band 2. München: K. G. Saur, 2008.

BERGER, John M. *The Turner Legacy: The Storied Origins and Enduring Impact of White Nationalism's Deadly Bible*. The Hague: ICCT, 2016.

BERGMAN, Ronen. Abbas Book Reveals: The "Nazi-Zionist Plot" of the Holocaust. *Ynetnews*, 2014. Disponível em: <https://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4596121,00.html>.

BERGMANN, Werner. *Antisemitismus in öffentlichen Konflikten: kollektives Lernen in der politischen Kultur der Bundesrepublik 1949–1989*. Frankfurt: Campus, 1997.

BERNSTEIN, Peretz F. *The Social Roots of Discrimination: The Case of the Jews*. Trad. David Saraph. London and New York: Routledge/Transaction Publishers, 2008.

BESHARA, Azmi. *Fayez Sayegh – The Party Years 1938-1947*. London: Black House, 2019.

BEUSTERIEN, John. Cannibalism, the Eucharist, and Jewish Ritual Murder in Early Modern Spain. *Comparative Literature Studies*, v. 36, n. 2, 1999.

____. Jewish Male Menstruation in Seventeenth-Century Spain. *Bulletin of the History of Medicine*, v. 73, n. 3, 1999.

BIALAS, Wolfgang. Nazi Ethics: Perpetrators with a Clear Conscience. *Dapim: Studies on the Holocaust*, v. 27, n. 1, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BODANSKY, Yossef. *Islamic Anti-Semitism as a Political Instrument*. Shaarei Tikva/Houston: The Ariel Center for Policy Research (ACPR) / The Freeman Center for Strategic Studies, 1999.

BOGDANOR, Paul. Ken Livingstone and the Myth of Zionist "Collaboration" with the Nazis. *Fathom Journal*, London, 2016. Disponível em: <https://fathomjournal.org/ken-livingstone-and-the-myth-of-zionist-collaboration-with-the-nazis/>.

____. Chomsky's War Against Israel. In: COLLIER, Peter; HOROWITZ, David (eds.). *The Anti-Chomsky Reader*. San Francisco: Encounter Books, 2004.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. Contra la Patagonia Judía: La familia Eichmann y los nacionalistas Argentinos y Chilenos frente al Plan Andinia. *Cuadernos Judaicos*, n. 25, 2008.

BOLTON, Matthew. "Ce que 'génocide' veut dire". *Revue K: Les Juifs, l'Europe, le* XX*Ie siècle*, 4 juin 2025. Disponível em: <https://k-larevue.com/ce-que-genocide-veut-dire/>.

BOLTON, Matthew. Apartheid Analogy/Racist State. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Evil/The Devil. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Genocide. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Terrorist State. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

BOLTON, Matthew; BECKER, Matthias J.; ASCONE, Laura; PLACZYNTA, Karolina. Enabling Concepts in Hate Speech: The Case of the Apartheid Analogy. In: ERMIDA, Isabel (ed.). *Hate Speech in Social Media*. Cham: Palgrave Macmillan, 2024.

BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis; VINCENT, Chloé. Greed, Exploitation and Identification with Capitalism. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (ed.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. London: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

BÖSCHENSTEIN-SCHÄFER, Renate. Zur Geschichte des Wortes "Zersetzen". In: BETZ, Werner (ed.). *Zeitschrift für Deutsche Wortforschung*. Berlin: De Gruyter, 1962.

BRAGA, Leonardo Izoton. Walter Benjamin e a Filosofia da Escrita: Apresentação, Constelação e Crítica. *Cadernos Benjaminianos*, v. 14, n. 2, 2018.

BREDIN, Jean-Denis. *The Affair: The Case of Alfred Dreyfus*. New York: Braziller, 1986.

BULTZ, Galit. Apartheid Analogy in the Discourse on Israel and the Palestinians. *Israel Affairs*, v. 19, n. 3, 2013.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Neofascism and the Far Right in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.

CAM; NCRI. *The "Synagogue of Satan": Uniting Extremist Groups in the Revival of an Antisemitic Libel Online*. NCRI, 2023. Disponível em: <https://combatantisemitism.org/wp-content/uploads/2023/05/SynagougeOfSatanReport.pdf>.

CAMPBELL, Bradley; MANNING, Jason. *The Rise of Victimhood Culture: Microaggressions, Safe Spaces, and the New Culture Wars*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

CAMUS, Jean-Yves. Alain de Benoist and the New Right. In: SEDGWICK, Mark (Ed.). *Key Thinkers of the Radical Right*. New York: Oxford University Press, 2019.

TUCCI CARNEIRO, Camilo Pereira; MOLS, Tomás. O Drama Palestino: Espoliação de Terras, Apartheid e Genocídio. *Élisée, Revista de Geografia da UEG*, v. 14, n. 1, 2025.

CASTAN, S. E. *A Implosão da Mentira do Século*. 2. ed. Porto Alegre: Revisão, 1997.

____. *SOS para Alemanha*. Porto Alegre: Revisão, 1990.

____. *Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século*. Porto Alegre: Revisão, 1987.

CASTRO NETO, Jonas Ferreira de. Considerações Sobre os Sentidos Conflitivos da Memória do Holocausto: Os Trabalhos de Memória em Face da Miséria Revisionista. *Revista Aurora*, v. 18, 2025.

CHAMBERLAIN, Houston Stewart. *Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts*. München: Bruckmann, 1899.

CHAPELAN, Alexis. Conspiracy Theories. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature Switzerland, 2024.

____. Taboo of Criticism. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Repulsiveness and Dehumanisation. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

CHAPELAN, Alexis; BOLTON, Matthew. Affirmation of Nazis, Hitler and the Holocaust. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature Switzerland, 2024.

CHAPELAN, Alexis. Conspiracy Theories. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

CHAPOUTOT, Johann. *La Loi du sang: Penser et agir en nazi*. Paris: Gallimard, 2020.

____. *The Law of Blood: Thinking and Acting as a Nazi*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018a.

____. *Comprendre le nazisme*. Paris: Tallandier, 2018b.

____. *La Révolution culturelle nazie*. Paris: Gallimard, 2017.

CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin, 2003 (Trad. bras.: *Contos da Cantuária*. Trad. e notas José Francisco Botelho. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013).

CHANET, Julien. Antisemitism and the Anti-Zionist Exploitation of the Universal. *K. Jews, Europe, XXIst Century*, 14 maio 2026.

CHENG, Albert; GREENE, Jay P.; KINGSBURY, Ian. Are More Highly Educated Individuals More Antisemitic? Findings Based on a New Approach to Measuring Antisemitism Using Double Standards. *Antisemitism Studies*, v. 6, n. 1, 2022.

CHERNEY, Adrian. Designing and Implementing Programmes to Tackle Radicalization and Violent Extremism: Lessons from Criminology. *Dynamics of Asymmetric Conflict*, v. 9, n. 1-3, set. 2016.

COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics*. London: Routledge, 2011.

COHN, Norman. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Millenarians and Mystical Anarchists of the Middle Ages*. London: Secker & Warburg, 1957.

COMMUNITY Security Trust (CST). *Antisemitic Incidents Report 2025*. London: CST, 2026.

CONFEDERAÇÃO Israelita do Brasil (Conib); FEDERAÇÃO Israelita do Estado de São Paulo (FISESP). *Relatório de Antissemitismo no Brasil 2024*. São Paulo: Conib/Fisesp, 2025. Disponível em: <https://combateaoantissemitismo.org.br/wp-content/uploads/2025/04/Relatorio_Antissemitismo-no-Brasil-2024_v4-web.pdf>.

____. *Relatório Anual sobre Antissemitismo no Brasil 2025*. São Paulo: Conib/Fisesp, 2026.

CONSEIL Représentatif des Institutions Juives de France (CRIF). *Les Chiffres de l'antisémitisme en France en 2025: Un Enracinement de la haine antijuive*. Paris: CRIF, 2026.

COUSIN, Glynis; FINE, Robert. A Common Cause: Reconnecting the Study of Racism and Antisemitism. *European Societies*, v. 14, n. 2, 2012.

COUTINHO, João Pereira. *As Ideias Conservadoras*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CUELLAR, Jaime; LÓPEZ, Victor Manuel Hernandez. Mapping Controversies Using Artificial Intelligence: An Analysis of the Hamas-Israel Conflict on YouTube. *ArXiv – Computation and Language Magazine*, Cornell University, 2025.

CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*. New York: Pantheon, 1953.

CYBERWELL. Regarding Meta Oversight Board Cases Involving Coded Language and Racial Discrimination via Emojis. *CyberWell*, 30 out. 2025. (Comentários submetidos por Tal-Or Cohen Montemayor).

DAN, Peter. *The Persistence of Antisemitic Memes in Political Cartoons*, Columbia University, 2025.

DAUGHERTY, Casie Elizabeth. Deradicalization and Disengagement: Exit Programs in Norway and Sweden and Addressing Neo-Nazi Extremism. *Journal for Deradicalization*, n. 21, 2019.

DECTER, Moshe. "Judaism Without Embellishment": Recent Documentation of Russian Anti-Semitism. *New Politics: A Quarterly Journal of Socialist Thought*, 1964 (Separata).

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DERRIDA, Jacques. *Le Dernier des juifs*. Paris: Galilée, 2014.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Observando o Ódio: Entre uma Etnografia do Neonazismo e a Biografia de David Lane*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Unicamp, Campinas, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1634640>.

____. *Os Anacronautas do Reutonismo Virtual: Uma Etnografia do Neonazismo na Internet*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1605300>.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas: How to Carry the World on One's Back?* Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2010.

DIENSTBIER, Jan. The Metamorphoses of the *Judensau*. In: HAUSER, Jakub; JANÁČOVÁ, Eva (Eds.). *Visual Antisemitism in Central Europe*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2021.

DÖRNER, Bernward. *Die Deutschen und der Holocaust: Was niemand wissen wollte, aber jeder wissen konnte*. Berlin: Propyläen, 2007.

DRUMONT, Édouard. *La France juive*. Paris: C. Marpon et E. Flammarion, 1886. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k82371f.texteImage>.

DRUMONT, Édouard. *La France juive: Histoire contemporaine*. 43. ed. Paris: C. Marpon et E. Flammarion, 1888. 2 t.

DUNDES, Alan (ed). *The Blood Libel Legend: A Casebook in Anti-Semitic Folklore*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991.

DUNDES, Alan. The JAP and the JAM in American Jokelore. *The Journal of American Folklore*, v. 98, n. 390, 1985.

DÜHRING, Eugen. *Die Judenfrage: Frage des Racencharakters und seiner Schädlichkeiten für Völkerexistenz, Sitte und Cultur*. Berlin: Personalist-Verlag, 1881.

ELIA-SHALEV, Asaf. *Israel's Black Panthers: The Radicals Who Punctured a Nation's Founding Myth*. Oakland: University of California Press, 2024.

EVANS, Richard J. *Das Dritte Reich und seine Verschwörungstheorien: Wer sie in die Welt gesetzt hat und wem sie nutzen – Von den »Protokollen der Weisen von Zion« bis zu Hitlers Flucht aus dem Bunker*. Trad. Klaus-Dieter Schmidt. München: Deutsche Verlags-Anstalt, 2021.

____. *In Hitler's Shadow: West German Historians and the Attempt to Escape from the Nazi Past*. London: Tauris, 1989.

EXECUTIVE Council of Australian Jewry (ECAJ); NATHAN, Julie. ECAJ *Report on Anti-Jewish Incidents in Australia 2025*. Sydney: ECAJ, 2025.

FABER, Eli. *Jews, Slaves, and the Slave Trade: Setting the Record Straight*. New York: Press, 1998.

FABER, Richard. "Der Zersetzer". In: SCHOEPS, Julius; SCHLÖR, Joachim (Hrsg.). *Antisemitismus: Vorurteile und Mythen*. München: Piper, 2000.

FEITLER, Bruno. *Nas Malhas da Consciência: Igreja e Inquisição no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2007.

FEINBERG-JÜTTE, Anat. Shylock. In: SCHOEPS, Julius H.; SCHLÖR, Joachim (Hrsg.). *Bilder der Judenfeindschaft*. Augsburg: Bechtermünz, 1999.

FELDMAN, Sergio Alberto. *As Origens do Antijudaísmo Cristão*. São Paulo: Pluralidades, 2022.

FELDMANN, Daniel. Antissemitismo como ideologia de crise: do "Inconsciente Coletivo Antijudaico" à Crítica sem Consciência do Capitalismo. In: BARREIRA, Marcos; BOTELHO, Maurilio L (orgs.). *No Rastro do Colapso: Reflexões Sobre a Obra de Robert Kurz*. Rio de Janeiro: Consequência, 2024, v. 1.

FIELITZ, Maik; BRODERSEN, Wyn. *Handbook on Online Antisemitism*. European Commission/EU Knowledge Hub on Prevention of Radicalisation. 2024. Disponível em: <https://home-affairs.ec.europa.eu/document/download/a0c8df8a-d79a-4dd6-89e3-a3ab3007b189_en?filename=Handbook%20on%20Online%20Antisemitism.pdf>.

FINE, Robert; SPENCER, Philip. *Antisemitism and the Left: On the Return of the Jewish Question*. Manchester: Manchester University Press, 2017.

FINKELSTEIN, Norman G. *The Holocaust Industry: Reflections on the Exploitation of Jewish Suffering*. London: Verso, 2000 (Trad. bras.: *A Indústria do Holocausto: Reflexões Sobre a Exploração do Sofrimento dos Judeus*. Trad. Vera Gertel. Rio de Janeiro: Record, 2001).

FINN, John. *Fracturing the Founding*. New York: Rowman and Littlefield, 2019.

FISHMAN, Louis A. *Jews and Palestinians in the Late Ottoman Era, 1908-1914: Claiming the Homeland*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020.

FISS, Joëlle. The Durban Diaries. AJC (*American Jewish Committee*), 17 set. 2021. Disponível em: <https://www.ajc.org/news/the-durban-diaries-with-an-introduction-by-ajcs-simone-rodan-benzaquen>.

FONDAZIONE CDEC; GATTI, Stefano; CAMBRUZZI, Murilo; BULGAR, Larisa Anastasia. *Rapporto su azioni e retoriche contro gli ebrei in Italia nel 2025*. Milano: Fondazione CDEC, 2026.

FORD, Henry. *O Judeu Internacional*. 1a. reed. Porto Alegre: Revisão, 1989. (Apresentação de Siegfried Ellwanger Castan).

FOXMAN, Abraham. *The Deadly Hatred of Antisemitism*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

FRANÇOIS, Stéphane. *Géopolitique des extrêmes droites*. Paris: Le Cavalier Bleu, 2022.

FRASER, Nancy. Reconhecimento Sem Ética? *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 70, 2007.

FREEMAN, Tzvi; SHURPIN, Yehuda. A Lei Judaica Sobre Empréstimo de Dinheiro. *Chabad.org*. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/7337532/jewish/A-Lei-Judaica-Sobre-Emprstimo-de-Dinheiro.htm>.

FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews: Volume I, The Years of Persecution, 1933–1939*. New York: HarperCollins, 1998 (Trad. bras.: *A Alemanha Nazista e os Judeus: Os Anos da Perseguição, 1993-1939*, v. 1. Trad. Fany Kon; Lyslei Nascimento; Josane Barbosa; Maria Clara Cescato. São Paulo: Perspectiva, 2012).

FRIEDMAN, M. Firestone. *Transforming Jewish Historical Trauma: Tales of Choice and Redemption*. Santa Barbara: Pacifica Graduate Institute, 2015.

FRILING, Tuvia. What Do Those Who Claim Zionism is Colonialism Overlook? In: BEN-RAFAEL, Eliezer; SCHOEPS, Julius H.; STERNBERG, Yitzhak; GLÖCKNER, Olaf (eds.). *Handbook of Israel: The Major Debates*. Berlin: De Gruyter, 2016.

FULBROOK, Mary. *Bystander Society: Conformity and Complicity in Nazi Germany and the Holocaust*. New York: Oxford University Press, 2023.

GELLATELY, Robert. *Backing Hitler: Consent and Coercion in Nazi Germany*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GERBER, Gane S. Anti-Semitism and the Muslim World. In: BERGER, David (ed.). *History and Hate: The Dimensions of Anti-Semitism*. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1986.

GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GHERMAN, Michel. *O Não Judeu Judeu: A Tentativa de Colonização do Judaísmo Pelo Bolsonarismo*. São Paulo: Fósforo, 2021.

GENN, James. PA Drafts Constitution, Omits Jewish Ties to Jerusalem, Calls for Sharia Legal System. *The Jerusalem Post*, 13 feb. 2026.

GILMAN, Sander. *The Jew's Body*. New York: Routledge, 1991.

GIRARD, René. *The Scapegoat*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1986.

GOBINEAU, Joseph Arthur de. *The Inequality of Human Races*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1915 (Trad. bras.: *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas*. Curitiba: Antoniofontoura, 2021).

GODA, Norman JW. The Genocide Libel: How the World Has Charged Israel with Genocide. *ISCA Research Paper 2025-3*, 2025. Disponível em: <https://isca.indiana.edu/documents/ISCA%20research%20papers/isca-paper-2025-3-goda.pdf>.

GOEBBELS, Joseph. "Die Juden sind schuld!". *Das eherne Herz*. Munich: Zentralverlag der NSDAP, 1943.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1963.

GOLOMB, Jacob. Nietzsche on Jews and Judaism. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, v. 67, n. 2, 1985.

GREGG, Joan Young. *Devils, Women, and Jews: Reflections of the Other in Medieval Sermon Stories*. Albany: State University of New York Press, 1997.

GROSS, Raphael. *Carl Schmitt et les Juifs*. Paris: Presse Universitaire de Paris, 2005.

GUILHOTINA. Colonização Israelita: Chipre. *Guilhotina*, 6 jul. 2025. Disponível em: <https://guilhotina.info/2025/07/06/colonizacao-israelita-chipre-gr-pt/>.

GURI, Yaakov. *Hatred of Jews Reflected in Caricatures*. [S.l.: s.n.], 1986.

GUTMAIR, Ulrich. "Free Palestine from German Guilt": Der Antisemitismus der Progressiven. *Taz*, 5 nov. 2023. Disponível em: <https://taz.de/Free-Palestine-from-German-Guilt/!5967918/>.

HAFFNER, Sebastian. *The Meaning of Hitler*. Trad. Ewald Osers. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

HAFNER, Georg Michael; SCHAPIRA, Esther. *Israel ist an allem schuld: Warum der Judenstaat so gehasst wird*. Köln: Bastei Lübbe, 2015.

HAGEMEISTER, Michael. "The Antichrist as an Imminent Political Possibility": Serguêi Nilus and the Apocalyptical Reading of The Protocols of the Elders of Zion. In: LANDES, Richard (ed.). *The Paranoid Apocalypse: A Hundred-Year Retrospective on The Protocols of the Elders of Zion*. New York: New York University Press, 2011 (E-book).

HALVORSEN, Rune. *The Paradox of Self-Organisation among Disadvantaged People: A Study of Organisational Efforts within Welfare Policies in Norway*. Oslo: Nova, 2002.

HAMAS. The Covenant of the Islamic Resistance Movement. *Yale Law School*, 1988. Disponível em: <https://avalon.law.yale.edu/20th_century/hamas.asp>.

HARKABI, Yehoshafat. *Arab Attitudes to Israel*. Trad. Misha Louvish. New York: Hart, 1972.

HARRIS, Sam. *Lying*. Opelousas: Four Elephants, 2013.

HEIL, Johannes. *Gottesfeinde – Menschenfeinde*. Frankfurt: Campus, 2006.

HENI, Clemens. Studying Antisemitism: Some Troubling Trends in Academia. In: WISTRICH, Robert S (ed.). *Anti-Judaism, Antisemitism, and Delegitimizing Israel*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2016.

____. Secondary Anti-Semitism: From Hard-Core to Soft-Core Denial of the Shoah. *Jewish Political Studies Review*, v. 20, n. 3/4, Fall 2008.

HERF, Jeffrey. *Three Faces of Antisemitism: Right, Left and Islamist*. Abingdon/New York: Routledge, 2024.

____. *Israel's Moment*. Cambridge: CUP, 2022.

____. IHRA and JDA: Examining Definitions of Antisemitism in 2021. *Fathom*, apr. 2021

____ [1967]. The Global Left and the Six-Day War. *Fathom Journal*, Spring 2017.

____. *Undeclared Wars with Israel: East Germany and the West German Far Left, 1967-1989*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

____. *Nazi Propaganda for the Arab World*. New Haven: Yale University Press, 2009.

____. Convergence: The Classic Case Nazi Germany, Anti-Semitism and Anti-Zionism during World War II. *Journal of Israeli History*, v. 25, n. 1, 2006.

____. *The Jewish Enemy: Nazi Propaganda During World War II and the Holocaust*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

____. *Divided Memory: The Nazi Past in the Two Germanys*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. *The International Alt-Right: Fascism for the 21st Century?* London/New York: Routledge, 2020.

HERSH, Eitan; ROYDEN, Laura. Antisemitic attitudes across the ideological spectrum. *Political Research Quarterly*, v. 76, n. 2, 2023.

HERTZBERG, Arthur. Zionism as Racism: A Semantic Analysis. In: CURTIS, Michael (ed.). *Antisemitism in the Contemporary World*. London: Routledge, 1986.

HERZOG, Rudolph. *Dead Funny: Humor in Hitler's Germany*. Brooklyn: Melville House Publishing, 2011.

HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz*. Nuremberg: Julius Streicher, 1939.

HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews*. 3. ed. New Haven/London: Yale University Press, 2003.

____. *Perpetrators, Victims, Bystanders: The Jewish Catastrophe, 1933–1945*. New York: HarperCollins, 1992.

HIRSH, David. Contemporary Antisemitism. In: WEITZMAN, Mark; WILLIAMS, Robert J.; WALD, James (eds.). *The Routledge History of Antisemitism*. Abingdon, Oxon/New York: Routledge, 2023.

____. *Contemporary Left Antisemitism*. Abingdon/London: Routledge, 2018.

HIRSH, David; MILLER, Hilary. Généalogie de la critique d'Israël comme État d'apartheid: L'Antisionisme de Durban (2001). *Revue K. Les Juifs, l'Europe, le XXIe siècle*, 2023.

____. Durban Antizionism: Its Sources, Its Impact, and Its Relation to Older Anti-Jewish Ideologies. *Journal of Contemporary Antisemitism*, Boston, v. 5, n. 1, 2022.

HITLER, Adolf. *Minha Luta – Edição Histórica – Mein Kampf*. Trad. Klaus von Punchen. São Paulo: Centauro, 2016.

____. *Hitler's Second Book: The Unpublished Sequel to Mein Kampf*. Ed. Gerhard L. Weinberg. Trad. Krista Smith. New York: Enigma, 2006.

HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism*. 3. ed. New York: Columbia University Press, 2017.

____. *Anonymous Soldiers: The Struggle for Israel, 1917-1947*. New York: Knopf, 2015.

HOFMANN, Simon; SOMMERMANN, Christoph; KRAUS, Mathias; ZSCHECH, Patrick; ROSENBERGER, Julian. Hate Speech and Sentiment of YouTube Video Comments From Public and Private Sources Covering the Israel-Palestine Conflict (2024). *Wirtschaftsinformatik 2024 Proceedings*, n. 82, 2024.

HOLZ, Klaus. *Nationaler Antisemitismus: Wissenssoziologie einer Weltanschauung*. 2. ed. Hamburg: Hamburger Edition, 2010.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

HORN, Dara. *People Love Dead Jews: Reports From a Haunted Present*. New York: W.W. Norton, 2021.

HORVILLEUR, Delphine. *Réflexions sur la question antisémite*. Paris: Grasset, 2019.

HUMAN RIGHTS WATCH. *A Threshold Crossed: Israeli Authorities and the Crimes of Apartheid and Persecution*. New York: Human Rights Watch, 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2021/04/27/threshold-crossed/israeli-authorities-and-crimes-apartheid-and-persecution>.

IHRA. Working Definition of Antisemitism. 2016. Disponível em: <https://www.holocaustremembrance.com/resources/working-definitions-charters/working-definition-antisemitism>.

____. A Definição Prática de Antissemitismo da IHRA. *International Holocaust Remembrance Alliance*, 2016.

IJA – Institute of Jewish Affairs. *Soviet Antisemitic Propaganda: Evidence from Books, Press, Radio*. London: Jacob Well, 1978.

ILLOUZ, Eva. *O 8 de Outubro: Genealogia de um Ódio Virtuoso*. Apres. Breno Isaac Benedykt; Daniel Douek. Trad. Mireille Bellelis. São Paulo: Perspectiva, 2025.

____. Hora de Desmascarar a Impostura do Antissionismo. *K. Jews, Europe, XXIst Century*, 8 out. 2025.

____. Manifestações nos Campus [sic] e Antissemitismo Virtuoso. *K. Jews, Europe, XXIst Century*, 2024.

ISRAELI, Raphael. *Blood Libel and Its Derivatives: The Scourge of AntiSemitism*. New Brunswick: Transaction, 2012.

IVANOV, Yuri. *Caution: Zionism! Essays on the Ideolog, Organisation and Practice of Zionism*. Moscow: Progress, 1970.

JÄCKEL, Eberhard. *Hitler's World View: A Blueprint for Power*. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

JACKSON, Paul. America Coughs, and We Catch a Cold. In: KONDOR, Katherine; LITTLER, Mark (eds.). *The Routledge Handbook of Far-Right Extremism in Europe*. Abingdon: Routledge, 2023.

JACOBSON, Howard. *When Will Jews Be Forgiven the Holocaust?* Leicester: W.F. Howes, 2015.

JANÁČOVÁ, Eva. Spa Antisemitism in Bohemia and Moravia. In: HAUSER, Jakub; JANÁČOVÁ, Eva (Eds.). *Visual Antisemitism in Central Europe*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2021.

JASPAL, Rusi. Israel in the Iranian Media: Demonizing the "Zionist Regime". *Israel Journal of Foreign Affairs*, v. 7, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23739770.2013.11446536>.

JDA. Jerusalem Declaration on Antisemitism. *Jerusalem Declaration on Antisemitism*, 2021. Disponível em: <https://jerusalemdeclaration.org>.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Spreadable Media*. London/New York: New York University Press, 2013.

JIKELI, Gunther. Is Religion Coming Back as a Source for Antisemitic Views? *Religions*, v. 11, n. 5, 2020.

JOHNSON, Alan (ed.). *Mapping the New Left Antisemitism: The Fathom Essays*. Abingdon/New York: Routledge, 2024.

JOHNSON, Hannah. *Blood Libel: The Ritual Murder Accusation at the Limit of Jewish History*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2012.

KANT, Immanuel. *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KARSENTI, Bruno; TROM, Danny. "Apartheid" ou le déni de la politique dans le conflit israélo-palestinien. *Revue K. Les Juifs, l'Europe, le XX Ie siècle*, 3 out. 2023.

KATZ, Jacob. *From Prejudice to Destruction: Anti-Semitism, 1700-1933*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

____. *A State Within a State: The History of an Anti-Semitic Slogan*. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

KELSEN, Hans. *Teoria Pura do Direito*. Trad. João Baptista Machado. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KENNEDY, George A. Aristotle's Rhetoric. In: ZALTA, Edward N (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: Stanford University, 2021. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/aristotle-rhetoric/>.

KERSHAW, Ian. *To Hell and Back: Europe 1914–1949*. New York: Penguin Books, 2016.

KICHKO, Trofim. *Iudaizm bez prikras [O Judaísmo Sem Embelezamentos]*. Kiev: Academy of Sciences of the Ukrainian SSR, 1963.

KIRSCH, Adam. *On Settler Colonialism: Ideology, Violence, and Justice*. New York: W. W. Norton & Company, 2024.

KLAFF, Lesley. A New Form of the Oldest Hatred: Mapping Antisemitism Today. In: JOHNSON, Alan (ed.). *Mapping the New Left Antisemitism: The Fathom Essays*. Abingdon/New York: Routledge, 2024.

____. Holocaust Inversion. *Israel Studies*, v. 24, n. 2, 2019.

____. Holocaust Inversion and Contemporary Antisemitism. *Fathom Journal*, n. 5, 2014.

KLEMPERER, Victor. *LTI: A Linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KLÜGER, Ruth. *Still Alive: A Holocaust Girlhood Remembered*. New York: Feminist Press, 1992.

KNOW YOUR MEME. Spiritually Israeli. *Know Your Meme*, 2025 Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/spiritually-israeli>.

KUDRYAVTSEV, Vladimir. The Criminal Handwriting of Zionism (Izvestia, 2 dez. 1975). *Soviet Antisemitic Propaganda*. London: Institute of Jewish Affairs, 1978.

KÜNTZEL, Matthias. *Nazis, Islamic Antisemitism and the Middle East: The 1948 Arab War against Israel and the Aftershocks of World War II*. Trad. Colin Meade. Abingdon/New York: Routledge, 2023.

____. Iranian Antisemitism and the International Response. In: WISTRICH, Robert S (ed.). *Anti-Judaism, Antisemitism, and Delegitimizing Israel*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2016.

KURZ, Robert. Economia Política do Antissemitismo: O Pequeno-aburguesamento do Pós-modernismo e o Retorno da Utopia do Dinheiro de Silvio Gesell. Trad. Gabriel Carvalho. *Krisis*, n. 16/17, 1995.

LA NACIÓN. Narrativas Antisemitas Reaparecen con Incendios en la Patagonia Argentina. *La Nación*, 2026. <https://www.lanacion.com.py/mundo/2026/01/15/narrativas-antisemitas-reaparecen-con-incendios-en-la-patagonia-argentina/>.

LANGMUIR, Gavin. *History, Religion, and Antisemitism*. Berkeley: University of California Press, 1990.

LAQUEUR, Walter. *The Changing Face of Antisemitism: From Ancient Times to the Present Day*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

____. *A History of Zionism: From the French Revolution to the Establishment of the State of Israel*. New York: Schocken, 2003.

LAURENT, Sylvie. *Capital et race: Histoire d'une hydre moderne*. Paris: Seuil, 2024.

LAVIN, Talia. The San Diego Shooter's Manifesto Is a Modern Form of an Old Lie About Jews. *The Washington Post*, 29 apr. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2019/04/29/san-diego-shooters-manifesto-is-modern-form-an-old-lie-about-jews/>.

LEBOURG, Nicolas. René Binet, the French Father of White Nationalism. *Illiberalism.org*, 2 nov. 2020 (atual. 1 mar. 2022).

LESSER, Jeffrey. *Welcoming the Undesirables: Brazil and the Jewish Question*. Berkeley: University of California Press, 1995.

____. *O Brasil e a Questão Judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEMKIN, Raphael. *Lemkin on Genocide*. Lanham: Lexington, 2012.

LEVI, Primo. *Os Afogados e os Sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

LEWIN-EPSTEIN, Noah; COHEN, Yinon. Ethnic Origin and Identity in the Jewish Population of Israel. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Abingdon/New York: Routledge, v. 45, n. 11, 2019.

LEWIS, Bernard. *Semites and Anti-Semites: An Inquiry into Conflict and Prejudice*. New York: W.W. Norton, 1986.

LIPSTADT, Deborah Esther. *Antisemitism: Here and Now*. New York: Schocken, 2019.

____. Denying the Deniers: Q & A with Deborah Lipstadt. *Pittsburgh Jewish Chronicle/ Times of Israel*, 16 abr. 2009. Disponível em: <https://jewishchronicle.timesofisrael.com/denying-the-deniers-q-a-with-deborah-lipstadt/>.

____. *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory*. New York: Free Press, 1993 (Trad. bras.: *Negação: História de um Atentado Contra a Verdade*. São Paulo: Universo dos Livros, 2017).

LITVAK, Meir. The Islamic Republic of Iran and the Holocaust: Anti-Semitism and Anti-Zionism. *Journal of Israeli History*, v. 25, n. 1, 2006.

LITVAK, Meir; WEBMAN, Esther. *From Empathy to Denial*. London: Hurst, 2012.

LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia: O Judaísmo Libertário na Europa Central*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

LUTERO, Martinho [1543]. *Dos Judeus e Suas Mentiras*. Porto Alegre: Revisão, 1993.

LUTHER, Martin. *On the Jews and Their Lies*. Austin: RiverCrest Pub, 2014.

MACCOBY, Hyam. *Antisemitism and Modernity: Innovation and Continuity*. London: Routledge, 2006.

____. *A Pariah People: The Anthropology of Antisemitism*. London: Constable, 1996.

____. *Judas Iscariot and the Myth of Jewish Evil*. London: Peter Halban, 1992.

MACDONALD, Andrew. *The Turner Diaries*. Edição digital, 2017.

MACKLIN, Graham. Greg Johnson and Counter-Currents. In: SEDGWICK, Mark (ed.). *Key Thinkers of the Radical Right*. New York: Oxford University Press, 2019.

MACHOVER, Moshé. An Immoral Dilemma: The Trap of Zionist Moral Reasoning. *Journal of Palestine Studies*, v. 47, n. 4, 2018.

MALLMANN, Klaus-Michael; CÜPPERS, Martin. *Nazi Palestine: The Plans for the Extermination Of the Jews in Palestine*. v. 8. New York: Enigma, 2013.

MANIFESTO DO ATIRADOR. *O Pós-Modernismo e Suas Consequências na Nossa Nação*. Documento digital, 2022.

MANSOUR, Hussein Aboubakr. The Origins of the "Zionism is Settler Colonialism" Paradigm: Antoun Sa'adeh, the SSNP, and Fayez Sayegh. *The Abrahamic Metacritique*, 2024. Disponível em: <https://critiqueanddigest.substack.com/p/the-origins-of-the-zionism-is-settler>.

MARINCEA, Adina. Behind the Memes: Old and New Visual Antisemitism in Romania: The Jewish "Happy Merchant" as Yesterday's Communist and

Today's Nazi. *Holocaust – Studii şi cercetări*, v. 15, n. 1 (16), 2023.

MARRUS, Michael Robert. *Lessons of the Holocaust*. Toronto: University of Toronto Press, 2016.

MARX, Karl. *Sobre a Questão Judaica: Inclui as Cartas de Marx a Ruge Publicadas nos Anais Franco-Alemães*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATAR, Dina. Whose "Ethnic Cleansing?": Israel's Appropriation of the Palestinian Narrative. *Al-Shabaka: The Palestinian Policy Network*, 26 mar. 2017.

MAZZIG, Hen. *The False Claim of Israeli Cultural Theft*. Tel Aviv: [S.N.], 2020.

MCGEEVER, Brendan. *Antisemitism and the Russian Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

MCMAHON, Colin. International Court of Justice Says It Is 'Plausible' Israel Is Committing Genocide in Gaza. *NPR*, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www.npr.org/2024/01/26/1227078791/icj-israel-genocide-gaza-palestinians--south-africa>.

MEMMI, Albert. O Judeu, a Nação e a História. In: BENEDYKT, Breno Isaac; GUINSBURG, Gita K.; SCHUCMAN, Lia Vainer; KON, Sergio (orgs.). *A Condição Judaica: Heranças*. São Paulo: Perspectiva/IBI, 2025.

____. *Portrait d'un juif*. Paris: Gallimard, 1962.

METTRAUX, Guénaël. *International Crimes and the Ad Hoc Tribunals*. Oxford: OUP, 2016.

MEYER, Michael. *The Origins of the Modern Jew: Jewish Identity and European Culture in Germany, 1749-1824*. Detroit: Wayne State University Press, 1972.

MICHAEL, Robert. *Holy Hatred*. Cham: Palgrave Macmillan, 2006.

MICHAELIS. Lugar-comum. *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/KPEkv/lugar-comum/>.

MOR, Shany. Israel's Obligations Under the Genocide Convention. *State of Tel Aviv*, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://www.stateoftelaviv.com/p/israels-obligations-under-the-genocide>.

MOSES, A. Dirk. *The Problems of Genocide*. Cambridge: CUP, 2021.

MOSSE, George. *Toward the Final Solution*. Madison: University of Wisconsin Press, 1978.

NAÇÕES UNIDAS. Letter Dated 18 May 2001 from the Permanent Representative of Israel to the United Nations addressed to the Secretary-General. *United Nations - The Question of Palestine*, 18 maio 2001. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185015/>.

NANCY, Jean-Luc. *Exclua o Judeu em Nós*. São Paulo: Perspectiva/Instituto Brasil-Israel, 2025.

NICOSIA, Frank R. *Zionism and Anti-Semitism in Nazi Germany*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

NIRENBERG, David. *Anti-Judaism: The Western Tradition*. New York: W.W. Norton, 2013.

NORDBRUCH, Götz. *Nazism in Syria and Lebanon: The Ambivalence of the German Option, 1933-1945*. Abingdon/New York: Routledge, 2009.

NORWOOD, Stephen Harlan.; POLLACK, Eunice G. White Devils, Satanic Jews: The Nation of Islam from Fard to Farrakhan. *Modern Judaism – A Journal of Jewish Ideas and Experience*, v. 40, n. 2, 2020.

NOVINSKY, Anita Waingort. *Cristãos-novos na Bahia (1624-1654)*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

NUSSABAUM, Martha Craven. *Hiding from Humanity: Disgust, Shame, and the Law*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

OBSERVATÓRIO JUDAICO dos Direitos Humanos no Brasil. Relatório de Eventos Antissemitas e Correlatos no Brasil, *01/01/2019 a 30/06/2022*. *Poder360*, São Paulo, 2022.

OISTEANU, Andrei. *Inventing the Jew*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2016.

OLIVAL, Fernanda. *Rigor e Interesses: Os Estatutos de Limpeza de Sangue em Portugal*. Lisboa: Colibri, 2004.

OLIVEIRA, Sérgio. *Os Genocidas do Século* XX. Porto Alegre: Revisão, 1998.

OLTERMANN, Philip. AfD Politician Says Germany Should Stop Atoning for Nazi Crimes. *The Guardian*, London, 18 jan. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/18/afd-politician-says-germany--should-stop-atoning-for-nazi-crimes>.

PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION. The Original Palestine National Charter (1964). *Jewish Virtual Library*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-original-palestine-national-charter-1964>.

____. The Original Palestine National Charter (1964). *Jewish Virtual Library*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-original-palestine-national-charter-1964>.

PARDO, Jonas; DELOR, Samuel. *Petit manuel de lutte contre l'antisémitisme: Reconnaitre, décrypter, combattre*. Paris: Éditions du Commun, 2024.

PATAI, Raphael; PATAI, Jennifer. *The Myth of the Jewish Race*. New York: Scribner, 1989.

PATTERSON, David. *Anti-Semitism and Its Metaphysical Origins*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

____. *A Genealogy of Evil: Anti-Semitism from Nazism to Islamic Jihad*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

PENSLAR, Derek. *Shylock's Children: Economics and Jewish Identity*. Berkeley: University of California Press, 2001.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERLIGER, Arie. *American Zealots*. New York: Columbia University Press, 2020.

PERRY, Marvin; SCHWEITZER, Frederick M. *Antisemitism: Myth and Hate from Antiquity to the Present*. Cham: Palgrave Macmillan, 2002.

PEZZL, Johann. *Skizze von Wien*. Ed. org. Gustav Gugitz e Anton Schlossar. Graz: Leykam, 1923.

PFAHL-TRAUGHBER, Armin. *Rechtsextremismus in Deutschland: Eine kritische Bestandsaufnahme*. Wiesbaden: Springer VS, 2019.

PIKE, Kenneth. The Livingstone Formulation. In: ROSENFELD, Alvin H (ed.). *Resurgent Antisemitism: Global Perspectives*. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

PIMENTA, Rui Costa (org.). *O Hamas Conta o Seu Lado da História: Para Entender a Luta dos Palestinos; Declarações, Entrevistas e Documentos sobre a Operação Dilúvio de Al-Aqsa e o Movimento de Resistência Islâmica*. São Paulo: Democritus/Causa Operária, 2024.

PIPES, Daniel. *Conspiracy: How the Paranoid Style Flourishes*. New York: Free Press, 1994.

PLACZYNTA, Karolina. Blood Libel/Child Murder; Jewish Privilege and the "Free Pass". In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis. *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Death Wishes. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmilla /Springer Nature, 2024.

____. Jews Have Not Learned From the Past. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

PODER360. Conib Divulga Nota em Repúdio aos Comentários de Gleisi. *Poder360*, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/conib-divulga-nota-em-repudio-aos-comentarios-de-gleisi/>.

POGRUND, Benjamin. *Drawing Fire: Investigating the Accusations of Apartheid in Israel*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2012.

POLACHEK, Dora E. A Witness to Its Time: Art and the Dreyfus Affair: A Review Essay. *Modern Judaism*, v. 10, n. 2, may 1990.

POLIAKOV, Léon. *Do Antissionismo ao Antissemitismo*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. rev. São Paulo: Perspectiva/Instituto Brasil-Israel, 2025.

____. *The History of Anti-Semitism, v. 1: From the Time of Christ to the Court Jews*. Trad. Richard Howard. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003a.

____. *The History of Anti-Semitism, v. 2: From Mohammed to the Marranos*. Trad. Natalie Gerardi. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003b. (Trad bras.: *De Maomé aos Marranos: História do Anti-Semitismo*. Trad. Ana Maria Goldberger; J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996b).

____. *The History of Anti-Semitism, v. 3: From Voltaire to Wagner*. Trad. Miriam Kochan. New York: The Vanguard Press, 2003c (Trad. bras.: *De Voltaire a Wagner: História do Anti-Semitismo*. Trad. Ana Maria Goldberger Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1996c).

____. *The History of Anti-Semitism, v. 4: Suicidal Europe, 1870-1933*. Trad. George Klin. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003d (Trad. bras.: *A Europa Suicida: História do Anti-Semitismo*. Trad. Hilde Teixeira; J. Guinsburg; Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2007).

POSTONE, Moishe. Zionism, Anti-Semitism and the Left. *Krisis*, 27 jun. 2010. Disponível em: <https://www.krisis.org/2010/zionism-anti-semitism-and--the-left/>.

____. *Antissemitismo e Nacional-Socialismo: Ensaios Sobre a Questão Judaica*. Trad.

Sergio Ricardo Oliveira. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

____. Anti-Semitism and National Socialism. In: RABINBACH, Anson; ZIPES, Jack (eds.). *Germans and Jews since the Holocaust: The Changing Situation in West Germany*. New York/London: Holmes & Meier, 1986.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Carnets de P.-J. Proudhon*. Paris: Marcel Rivière, 1960.

____. *France et Rhin*. Paris: A. Lacroix, Verboeckhoven et cie., 1867.

POYNTING, Scott; WHYTE, David (eds.). *Counter-terrorism and State Political Violence: The "War on Terror" as Terror*. London: Routledge, 2012.

REINHARTZ, Adele. Children of the Devil: John's Jews. In: LANGE, Armin et al (eds.). *Confronting Antisemitism from the Perspectives of Christianity, Islam, and Judaism*. Berlin: De Gruyter, 2020.

RENAN, Ernest. *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques*. Paris: Michel Lévy Frères, 1863.

RENSMANN, Lars. *Demokratie und Judenbild: Antisemitismus in der politischen Kultur der Bundesrepublik Deutschland*. Wiesbaden: VS (Verlag für Sozialwissenschaften), 2004.

RESNIK, Irven M. *Marks of Distinction: Christian Perceptions of Jews in the High Middle Ages*. Washington: The Catholic University of America Press, 2012.

____. Medieval Roots of the Myth of Jewish Male Menses, *Harvard Theological Review*, v. 93, n. 3, 2000.

REUTERS. US Antisemitic Incidents Hit Record High in 2023 Amid War in Gaza, Report Says. 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/us/us-antisemitic-incidents-hit-record-high-2023-amid-war-gaza-report-says-2024-04-16/>.

REZNIK, David L. *New Jews: Race and American Jewish Identity in 21st-Century Film*. New York: Routledge, 2015.

RICH, Dave. *The Left's Jewish Problem: Jeremy Corbyn, Israel and Anti-Semitism*. London: Biteback, 2016.

ROBIN, Régine. *A Memória Saturada*. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

ROSE, John. *Israel: the Hijack State – America's Watchdog in the Middle East*. London: Bookmarks, 1986.

ROSENBERG, Alfred. *Immorality in the Talmud*. London: Friends of Europe, 1937.

____. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hoheneichen, 1930.

ROSENBERG, Yair. What Did Top Israeli War Officials Really Say About Gaza? *The Atlantic*, 21 jan. 2024. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2024/01/israel-south-africa-genocide-case-fake--quotes/677198/>.

ROSENFELD, Anatol. *Mistificações Literárias: "Os Protocolos dos Sábios de Sião"*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

ROTH, Cecil. *A History of the Jews*. New York: Schocken, 2003.

ROTHSCHILD, Mike. *The Storm Is Upon Us: How QAnon Became a Movement, Cult, and Conspiracy Theory of Everything*. New York/London: Melville House, 2021.

RUBY, Charles L. The Definition of Terrorism. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, v. 2, n. 1, 2002.

RUDLING, Per Anders. Antisemitism in Russia. In: WEITZMAN, Mark; WILLIAMS, Robert J.; WALD, James (eds.). *The Routledge History of Antisemitism*. Abingdon/New York: Routledge, 2023.

RÜTHERS, Bernd. *Derecho degenerado*. Madrid: Marcial Pons, 2016.

RUTLAND, Suzanne Dorothy. Antisemitism in Australia. In: WEITZMAN, Mark; WILLIAMS, Robert J.; WALD, James (eds.). *The Routledge History of Antisemitism*. Abingdon/New York: Routledge, 2023.

SAAD-GHORAYEB, Amal. *Hizbu'llah: Politics and Religion*. London: Pluto, 2002.

SABINO, Igor. *Jesus, um Judeu: O Absurdo do Preconceito Cristão Contra o Povo do Messias*. São Paulo: Mundo Cristão, 2024.

SAGHIYEH, Hazem; BASHIR, Saleh. *Universalising the Holocaust*. Disponível em: <https://pij.org/articles/382>.

SAID, Edward; BARSAMIAN, David. *The Pen and the Sword: Conversations With Edward Said*. Chicago: Haymarket, 2010.

SAINT-PIERRE, Héctor. *Max Weber: Entre a Paixão e a Razão*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SALZBORN, Samuel. *Antisemitismus als negative Leitidee der Moderne: Sozialwissenschaftliche Theorien im Vergleich*. Frankfurt: Campus, 2010.

SAMUELS, Maurice. Antisemitism and the Return of Universalism in Contemporary France. In: WEITZMAN, Mark; WILLIAMS, Robert J.; WALD, James (eds.). *The Routledge History of Antisemitism*. Abingdon/New York: Routledge, 2023.

SAND, Shlomo. *A Invenção do Povo Judeu*. Trad. Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões Sobre o Racismo: Reflexões Sobre a Questão Judaica e Orfeu Negro*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2025.

SAYEG, Fayez A. *Zionist Colonialism in Palestine*. Beirut, Lebanon: Research Center – Palestine Liberation Organization, sept. 1965.

SAVAGE, Michael; FISHER, Lucy. Corbyn is Accused of Linking Israel and Isis. *The Times*, London, 1 jul. 2016.

SCHAPIRA, Esther; HAFNER, George M. *The Kid, the Death and the Truth* [Das Kind, der Tod und die Wahrheit]. ARD Documentary, 2013. Disponível em: <https://vimeo.com/67054759>.

SCHEIBER, Marcus. Blame for Antisemitism. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

SCHEIBER, Marcus. Curses. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Disintegration. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Relativisation and Denial of Antisemitism. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

SCHRAUB, David. A new challenger approaches! Evaluating the Jerusalem Declaration on Antisemitism. *The Debate Link*, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://dsadevil.blogspot.com/2021/03/a-new-challenger-approaches-evaluating.html>.

SCHWARZ-FRIESEL, Monika; REINHARZ, Jehuda. *Inside the Antisemitic Mind: The Language of Jew-Hatred in Contemporary Germany*. Waltham: Brandeis University Press, 2017.

SCHWIETRING, Marc. *"Holocaust-Industrie" und Vergangenheitspolitik: Norman G. Finkelstein und die Normalisierung des sekundären Antisemitismus in Deutschland*. Frankfurt: Peter Lang, 2014.

SCHÜLER-SPRINGORUM, Stefanie. *Geschlecht und Judenfeindschaft: Zur Geschichte antisemitischer Geschlechterbilder*. Göttingen: Wallstein, 2018.

SCHÜLER-SPRINGORUM, Stefanie; HEINSOHN, Kirsten (Hrsg.). *Deutsch-jüdische Geschichte als Geschlechtergeschichte: Studien zum 19. und 20.* Jahrhundert. Göttingen: Wallstein, 2006.

SCRIBNER, Robert. *For the Sake of Simple Folk: Popular Propaganda for the German Reformation*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

SEGEL, Binjamin. *A Lie and a Libel: The History of the Protocols of the Elders of Zion*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1996.

SEGEV, Tom. *The Seventh Million: The Israelis and the Holocaust*. New York: Owl, 2000.

SEGRÉ, Ivan. *Os Pinguins do Universal: Antijudaísmo, Antissemitismo, Antissionismo*. Trad. Marise Levy Wahrhaftig. São Paulo: Perspectiva/IBI, 2025.

SEYMOUR, David M. From Auschwitz to Jerusalem to Gaza: Ethics for the Want of Law. *Journal of Global Ethics*, v. 6, n. 2, 2010.

SHAFIR, Michael. *Between Denial and "Comparative Trivialization": Holocaust Negationism in Post-Communist East Central Europe*. Jerusalem: Vidal Sassoon International Center for the Study of Antisemitism/Hebrew University of Jerusalem, 2002.

SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

SHARANSKY, Natan. Antisemitism in 3-D. *The Forward*, 2005. Disponível em: <https://forward.com/opinion/4184/antisemitism-in-3-d/>.

SHARNOFF, Michael. *Defining the Enemy as Israel, Zionist, Neo-Nazi, or Jewish: The Propaganda War in Nasser's Egypt, 1952-1967*. Jerusalem: The Vidal Sassoon International Center for the Study of Antisemitism/Hebrew University of Jerusalem, 2012. Disponível em: <https://sicsa.huji.ac.il/sites/default/files/sicsa/files/sharnoff-pp.pdf>.

SCHEIBER, Marcus. Disintegration. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. London: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

SHERMER, Michael; GROBMAN, Alex. *Denying History: Who Says the Holocaust Never Happened and Why Do They Say It?* Berkeley: University of California Press, 2000.

SHULEWITZ, Malka Hillel (ed.). *The Forgotten Millions: The Modern Jewish Exodus From Arab Lands*. London: Cassell, 2000.

SIMMEL, Georg. The Stranger. In: WOLFF, Kurt H (ed.). *The Sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, 1950.

SIMONSEN, Kjetil Braut. Antisemitism and Conspiracism. In: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (eds.). *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. Abingdon/New York: Routledge, 2020.

SOLOMON, Johanna; MARTIN, Adam. Competitive Victimhood as a Lens to Reconciliation: An Analysis of the Black Lives Matter and Blue Lives Matter Movements. *Conflict Resolution Quarterly*, v. 37, n. 1, 2019.

SOUKUPOVÁ, Blanka. "Visual Depictions of Antisemitism in the Czech Lands after World War II". In: HAUSER, Jakub; JANÁČOVÁ, Eva (Eds.). *Visual Antisemitism in Central Europe*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2021.

SPENCER, Philip. Thinking About the Holocaust, Genocide and Antisemitism Today: On the Limitations of a New, Anti-Imperialist Revisionism. *Society*, v. 59, n. 1, 2022.

____. The Left, Radical Antisemitism, and the Problem of Genocide. *Journal for the Study of Antisemitism*, v. 2, n. 1, 2010.

STACY, Tyler. Transforming the Law. In: VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean (ed.). *Far-Right Revisionism and the End of History*. New York: Routledge, 2020.

STAV, Arieh. *Peace: The Arabian Caricature: A Study of Anti-Semitic Imagery*. Jerusalem: Gefen, 1999.

STEIGMANN-GALL, Richard. *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

STERNBERG, Yitzhak. The Colonialism/Colonization Perspective on Zionism/Israel. In: BEN-RAFAEL, Eliezer; SCHOEPS, Julius Hans; STERNBERG, Yitzhak; GLÖCKNER, Olaf (eds.). *Handbook of Israel: The Major Debates*. Berlin: De Gruyter, 2016.

STERNHELL, Zeev. *Neither Right nor Left: Fascist Ideology in France*. Trad. David Maisel. Princeton: Princeton University Press, 1986.

STOETZLER, Marcel. 2008. *The State, the Nation and the Jews*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2008.

STRAUSS, Leo. *Persecution and the Art of Writing*. Glencoe, Ill.: The Free Press, 1952. Reissued Chicago: University of Chicago Press, 1988.

STRAWSON, John. Zionism and Apartheid: The Analogy in the Politics of International Law. *Engage Journal*, Issue 2, May 2006. Disponível em: <https://engageon-line.wordpress.com/2015/11/04/the-analogy-in-the-politics-of--international-law-john-strawson-engage-journal-issue-2-may-2006-zionism-and-apartheid/>.

SUERMANN, Lenard. Schuld-Kult. In: GIEßELMANN, Bente et al (Hrsg.). *Handwörterbuch rechtsextremer Kampfbegriffe*. 2. ed. Frankfurt: Wochenschau, 2019.

SUNSHINE, Spencer. *Neo-Nazi Terrorism and Countercultural Fascism*. London: Routledge, 2024.

SUTCLIFFE, Adam. *What Are Jews For? History, Peoplehood, and the Purpose of Israel*. Princeton: Princeton University Press, 2020.

SZEFTEL, Daniel. Une histoire de l'accusation de génocide contre Israël. Partie I: De Berlin à Beyrouth. *K : Les Juifs, l'Europe, le XXIe siècle*, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://k-larevue.com/israel-genocide/>.

SCHWARZ-FRIESEL, Monika. Antisemitismus-Leugnung. Diskursive Strategien der Abwehr und die emotionale Dimension von aktueller Judenfeindschaf. IN: SCHWARZ-FRIESEL, Monika (Hrsg.). *Gebildeter Antisemitismus. Eine Herausforderung für Politik und Zivilgesellschaft*. Baden-Baden: Nomos, 2015

TABAROVSKY, Izabella. Antissionismo Soviético e o Antissemitismo Contemporâneo de Esquerda. *Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, nov. 2024.

____. Mahmoud Abbas' Soviet Dissertation. *Tablet Magazine*, 29 ago. 2023. Disponível em: <https://www.tabletmag.com/sections/arts-letters/articles/mahmoud-abbas-soviet-dissertation>.

____. Demonization Blueprints: Soviet Conspiracist Antizionism in Contemporary Left-Wing Discourse. *Journal of Contemporary Antisemitism*, v. 5, n. 1, 2022.

TACITUS, Publius Cornelius. *The Histories*. Trad. Clifford Herschel Moore. Cambridge: Harvard University Press, 1925.

____. *The Histories / The Annals*. Trad. Alfred John Church; William Jackson Brodribb. New York: Modern Library, 2003.

TAGUIEFF, Pierre-André. *L'Antisémitisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.

____. *La Nouvelle judéophobie*. Paris: Mille et une nuits, 2002.

ṬALĀS, Mustafa. *Matzo of Zion*. [S. l.]: Dār Ṭalās, 1991.

TEITELBAUM, Benjamin R. Daniel Friberg and Metapolitics in Action. In: SEDGWICK, Mark (ed.). *Key Thinkers of the Radical Right*. New York: Oxford University Press, 2019.

TETER, Magda. *Blood Libel: On the Trail of an Antisemitic Myth*. Cambridge: Harvard University Press, 2020.

THE NATION OF ISLAM. *The Secret Relationship Between Blacks and Jews, Volume Two: How Jews Gained Control of the Black American Economy*. [S./l.]: The Historical Research Department of The Nation of Islam, 2010.

THE NEW ARAB. Palestine Lashes out at Germany's Anti-BDS Motion. *The New Arab*, London, 20 maio 2019.

THE NEW YORK TIMES. Iranian Leader Voices Doubts on Holocaust. *The New York Times*, New York, 8 dec. 2005.

THORLEIFSSON, Cathrine. From Cyberfascism to Terrorism. *Nations and Nationalism*, v. 28, n. 1, 2022.

TIMES OF ISRAEL. Bolivia Declares Israel a "Terrorist State". *Times of Israel*, Jerusalem, 31 jul. 2014.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: A Reflexão Francesa Sobre a Diversidade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

TOPOR, Lev. Memetic Antisemitism: How Memes Teach Age-old Hatred. In: BECKER, Matthias J.; SCHEIBER, Marcus; JENSEN, Uffa (eds.). *Imagery of Hate Online*. Cambridge: Open Book Publishers, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.11647/OBP.0447>.

TOPOR, Lev; FOX, Jonathan. *Why Do People Discriminate Against Jews?* Oxford: Oxford University Press, 2021.

TOSSAVAINEN, Mikael. The Holocaust in Arab Public Discourse: Historicized Politics and Politicized History. *Jewish Political Studies Review*, v. 20, n. 3/4, Fall 2008.

TOUSSENEL, Alphonse. *Les Juifs, rois de l'époque: Histoire de la féodalité financière*. Paris: Gabriel de Gonet, 1847.

TRACHTENBERG, Joshua. *The Devil and the Jews: The Medieval Conception of the Jew and Its Relation to Modern Antisemitism*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1983.

TRAVERSO, Enzo. *La Fin de la modernité juive: histoire d'un tournant conservateur*. Paris: La Découverte, 2013.

TRIVELLATO, Francesca. *The Promise and Peril of Credit: What a Forgotten Legend about Jews and Finance Tells Us about the Making of European Commercial Society*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

TROM, Danny. *O Estado do Exílio: Os Judeus, a Europa, Israel*. Trad. Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva/Instituto Brasil-Israel (IBI), 2025.

TROSCHKE, Hagen. Calls for Boycott of Israel and Support for BDS. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (ed.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Demands for a Clean Break with the Nazi Past. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Distortion and Denial of the Holocaust. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

____. Rejection of Guilt. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

TROTSKY, Leon. On the Jewish Problem. 1937-1940. *The New International*, v. 6, n. 12, dez. 1945. *Leon Trotsky Internet Archive*, 2008. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1940/xx/jewish.htm>.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *Dez Mitos Sobre os Judeus*. Cotia: Ateliê, 2019.

____. *Cidadão do mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do Nazifacismo (1933-1948)*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

____. *Preconceito Racial em Portugal e Brasil Colônia: Os Cristãos-novos e o Mito da Pureza de Sangue*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

____. *O Veneno da Serpente*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

____. *O Antissemitismo na Era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

UHL, Heidemarie. From Victim Myth to Co-Responsibility Thesis: Nazi Rule, World War II, and the Holocaust in Austrian Memory. In: ART, Klaus; WODAK, Ruth (eds.). *The Politics of Memory in Postwar Europe*. Durham: Transaction Publishers, 2006.

UNITED NATIONS. Office of the High Commissioner for Human Rights (OHCHR). States must adhere to obligations under Genocide Convention to prevent further escalation of violence. *United Nations*, 26 mar. 2024. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2024/03/states-must-adhere--obligations-under-genocide-convention-prevent-further>.

____. A/RES/3379 (XXX) of 10 November 1975: Elimination of all forms of racial discrimination. *United Nations, Assembleia Geral*, 30ª sessão, 1975. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121206052903/http://unispal.un.org/UNISPAL.NSF/0/761C1063530766A7052566A2005B74D1>.

____. *Convention on the Prevention and Punishment of the Crime of Genocide*. *United Nations*, 9 dec. 1948. <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/convention-prevention-and-punishment-crime-genocide>.

VERACINI, Lorenzo. *The Settler Colonial Present*. Lugar: Editora, 2015.

____. The Other Shift: Settler Colonialism, Israel, and the Occupation. *Journal of Palestine Studies*, v. 42, n. 2, 2013.

____. *Settler Colonialism: A Theoretical Overview*. Cham: Palgrave Macmillan, 2010.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Assassins of Memory: Essays on the Denial of the Holocaust*. New York: Columbia University Press, 1992.

VINCENT, Chloé; BOLTON, Matthew; TROSCHKE, Hagen. Denial of Israel's Right to Exist. In: BECKER, Matthias J.; TROSCHKE, Hagen; BOLTON, Matthew; CHAPELAN, Alexis (eds.). *Decoding Antisemitism: A Guide to Identifying Antisemitism Online*. Cham: Palgrave Macmillan/Springer Nature, 2024.

VLACH, Michael J. *Has the Church Replaced Israel? A Theological Evaluation*. Nashville: B&H Academic, 2010.

VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Flammarion, 2010.

WAGNER, Richard. Le Judaïsme dans la musique. Trad. B. de Trèves. Paris: Société d'Édition Muller et Cie, [s.d.]. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5469256g/texteBrut>.

____. *Das Judenthum in der Musik*. Leipzig: J. J. Weber, 1850.

WALSER, Martin. Erfahrungen beim Verfassen einer Sonntagsrede. *Friedenspreis des Deutschen Buchhandels 1998: Martin Walser. Ansprachen aus Anlaß der Verleihung*. Frankfurt: Verlag der Buchhändler-Vereinigung, 1998 (Discurso de agradecimento).

WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Trad. Joaquín Chamorro Mielke. Ed. Martin Warnke; col. Claudia Brink; ed. espanhola Fernando Checa Cremades. Madrid: Akal, 2010.

WEBER, Max. *Max Weber: Collected Methodological Writings*. London/New York: Routledge, 2012.

WEISZ, Martina. Argentina and the Jews: Between the Privileges of "Whiteness" and the Curse of "Badness"'. In: WEITZMAN, Mark; WILLIAMS, Robert J.; WALD, James (eds.). *The Routledge History of Antisemitism*. Abingdon/New York: Routledge, 2023.

WEXLER, Benjamin. Le Juif, cet éternel colon... Un point de vue canadien. *K: Les Juifs, l'Europe, le XXIe siècle*, 10 juil. 2024. Disponível em: <https://k-larevue.com/juif-cet-eternel-colon/>.

WIESEL, Elie. *O Golem: A História de uma Lenda*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

WILLIAMS, Robert J. Antisemitism and Diseases, Pandemics, and Public Health Crises. In: WEITZMAN, Mark; WILLIAMS, Robert J.; WALD, James (ed.). *The Routledge History of Antisemitism*. Abingdon/New York: Routledge, 2023.

WILSON CENTER. Doctrine of Hamas. *Wilson Center*, Washington, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/article/doctrine-hamas>.

WISTRICH, Robert Solomon (ed.). *Anti-Judaism, Antisemitism, and Delegitimizing Israel*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2016.

WISTRICH, Robert Solomon. *From Blood Libel to Boycott. Changing Faces of British Antisemitism*. Jerusalem: Vidal Sassoon International Center for the Study of Antisemitism/Hebrew University of Jerusalem, 2011. Disponível em: <https://archive.jpr.org.uk/object-627>.

____. *A Lethal Obsession: Anti-Semitism from Antiquity to the Global Jihad*. New York: Random House, 2010.

____. *Muslim Anti-Semitism: A Clear and Present Danger*. New York: American Jewish Committee, 2002.

____. *Demonizing the Other: Antisemitism, Racism and Xenophobia*. London: Routledge, 1999.

____. Zionism and Its Religious Critics in Fin-de-siècle Vienna. *Jewish History*, v. 10, n. 1, 1996.

____. *Antisemitism: The Longest Hatred*. New York: Schocken, 1992.

WODAK, Ruth. *Politics of Fear: What Right-Wing Populist Discourses Mean*. London: Sage, 2015.

WOJCIK, Paula. *Das Stereotyp als Metapher: zur Demontage des Antisemitismus in der Gegenwartsliteratur*. Bielefeld: Transcript, 2013.

WOLFE, Patrick. Purchase by Other Means: The Palestine Nakba and Zionism's Conquest of Economics. *Settler Colonial Studies*, v. 2, n. 1, 2012.

____. New Jews for Old: Settler State Formation and the Impossibility of Zionism. *Settler Colonial Studies*, 2012.

____. Settler Colonialism and the Elimination of the Native. *Journal of Genocide Research*, v. 8, n. 4, 2006.

WOLIN, Richard. "The Leprosy of the Soul in Our Time": On the European Origins of the "Great Replacement" Theory. *Los Angeles Review of Books*, 2022.

____. On the European Origins of the "Great Replacement" Theory. *Los Angeles Review of Books*, 2022.

ZAYAD, Luma. Systematic Cultural Appropriation and the Israeli-Palestinian Conflict. *DePaul Journal of Art, Technology & Intellectual Property Law*, v. 28, n. 2, Spring 2018.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Da esquerda para a direita, de cima para baixo. Links acessados em abril/maio de 2026:

1 - DEICÍDIO

ANÔNIMO. Israel tem experiência em matar líder religioso... [captura de tela]. X, 2024. Arquivo dos autores.

dominaiustitia. Jesus, the Palestinian. 2024. <https://tinyurl.com/3us69sxs>.

AL-ISTIQLAL. The Jews refuse to hand over the 30 pieces of silver to the Arab leaders who were the ones to betray Palestine/Christ. Territórios Palestinos, 1 jun. 2001. <https://tinyurl.com/46bxk46n>

KATLO, Youssef. [Obra sem título]. [s.d.]. Reprodução em: ALARABY AL JADEED. *Diffah*, 2 jan. 2025. <https/*diffah*.alaraby.co.uk/....>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social contendo conteúdo antissemita [captura de tela]. *Threads* [s.d.]. Arquivo dos autores.

ANÔNIMO. Postagem relacionando cristianismo e a bandeira de Israel [captura de tela]. *Instagram* [s.l.], c. 2023–2024. Arquivo dos autores.

BOUKHARI. Do not kill him twice [charge]. *Arabia.com*, 7 abr. 2002.

ANÔNIMO. Jesus Cristo é "persona non grata" em Israel até hoje! [imagem digital]. *Instagram*, 19 fev. 2024. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem de conteúdo antissemita [captura de tela]. X, 3 abr. 2026. Reprodução em postagem de usuário anônimo. Arquivo dos autores.

CAMELO, Jota. Gaza [Pietà palestina] [imagem digital]. c. 2023–2024. <https://tinyurl.com/nhra5pc2> Reprodução Revista *Pirralha*.

MARY'S tears for Gaza [cartaz em protesto] [fotografia]. Sydney, c. 2023–2024.

<https://tinyurl.com/3wmmypws>.

ANÔNIMO. Comentário em postagem contendo conteúdo antissemita [captura de tela]. *Instagram* [s.d.]. Arquivo dos autores.

ANÔNIMO. Paralelo com a Pietà [montagem fotográfica]. *Facebook*, c. 2023–2024. Arquivo dos autores.

ANÔNIMO. Paralelo com a Madona [montagem fotográfica]. *Instagram*, c. 2023–2024. Arquivo dos autores.

ISAAC, Munther Isaac. Cristo palestino na Igreja Luterana de Belém [fotografia]. 2023. (Postagem em rede social, X @MuntherIsaac). Reprodução em: Revista *Fórum*, 2024.

FORATTINI, Giorgio Forattini. Carri armati alla mangiatoia [charge]. *La Stampa*, Turim, 3 abr. 2002. [Osservatorio Antisemitismo.]

ANÔNIMO. Nesse Natal só desejo que Deus ajude os palestinos... [captura de tela]. *Threads*, dez. 2023. Arquivo dos autores.

DÉLYFER, Paul Délyfer. Proibida a Entrada [ilustração de capa]. *Ad-Dabbour*, Beirute, n. 2318, dez. 1969. *Reddit* (PropagandaPosters).

ANÔNIMO. Jesus era palestino e foi morto pelos judeus [captura de tela]. *Threads*, 2024. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Eles m@tar@m Jesus... [card digital]. c. 2024 [captura de tela]. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Menino Jesus com lenço palestino na Sala Paulo VI [fotografia]. Vaticano, jan. 2024. Revista *Oeste*. Postagem em rede social, X

AUTOR DESCONHECIDO. Bons tempos Inquisição... [captura de tela]. *Instagram*, c. 2026. Arquivo dos autores.

FIPS (pseud.). Crucifixion (*Kreuzigung*) [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, jan. 1939. United States Holocaust Memorial Museum.

AUTOR DESCONHECIDO. Criança crucificada na Estrela de Davi [imagem digital]. c. 2023–2024. Fonte digital não identificada. Arquivo dos autores.

ANÔNIMO. Israel tem experiência em matar líder religioso... [captura de tela]. X, 2024. Arquivo dos autores.

ANÔNIMO. Só há uma solução... [captura de tela]. *Facebook*, 2024. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Cada aspecto da crucificação... [infográfico digital, captura de tela], c. 2024. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. *Holiday blessings* [ilustração]. Teshreen, Síria, 18 abr. 2006.

BDS MADRID. Palestina Crucificada. X: @BDSMadrid, 31 mar. 2024.

<https://tinyurl.com/mra356cf>

CASTALDO, Edoardo. Jesus was a Palestinian [intervenção urbana]. Nápoles, Itália, out./dez. 2023. In: *Al Jazeera*. فنان إيطالي يلجأ لطريقة مبتكرة... [Artista italiano recorre a método inovador...]. 14 nov. 2023 <https://tinyurl.com/3uhzzk8x>.

AUTOR DESCONHECIDO. Santo Dominguito de Val [gravura]. 1750. In: Steven Kasher. The Myth of the Blood Libel: A History of Visual Representation. *The Art Bulletin*, v. 99, n. 2, 2017.

<https://tinyurl.com/t7837dx8>

AUTOR DESCONHECIDO. Assassínio ritual judeu [pintura]. séc. XVIII. Igreja de São Paulo (Sandomierz, Polônia). In: *Bitter Winter*, The Blood Libel: Anti-Semitic Myth.

<https://tinyurl.com/3cjb86hv>

USUÁRIO NÃO IDENTIFICADO. Comentário sobre a responsabilidade judaica na morte de Jesus [captura de tela]. *Instagram*, 11 abr. 2026. Arquivo dos autores.

Fonte desconhecida.

AUTOR DESCONHECIDO. Purported Martyrdom of Simon of Trent [xilogravura]. 1475. In: *Historie von Simon zu Trient*. Munique: Bayerische Staatsbibliothek, fol. 4v.

<https://tinyurl.com/44wveh4h>

Fonte desconhecida.

USUÁRIO NÃO IDENTIFICADO. Postagem sobre "eliminar o mal judaico" [captura de tela]. X, 11 abr. 2026. Arquivo dos autores.

STREICHER, Julius (Ed.). *Der Giftpilz* [O Cogumelo Venenoso]. Nurembergue: Stürmer Verlag, 1938. Ilustrações por Philipp Rupprecht (Fips). Reprodução em: *Facebook*, 2021.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). *Völkerbundswahnsinn* [Insanidade da Liga das Nações] [caricatura]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: Stürmer Verlag, nov. 1934.

HURD, Evan. Reverend Richard Butler and followers of the Aryan Nations movement [fotografia]. Sygma via *Getty Images*. Reproduzido em *New Statesman*, 2018.

<https://tinyurl.com/3nuk53ry>

AUTOR DESCONHECIDO. Fachada da organização extremista Church of the Avenger com símbolos neonazistas e antissemitas [fotografia]. Tampa, Flórida [ca. 1990].

<https://tinyurl.com/bdzfc7ad>

AUTOR DESCONHECIDO. Crucifixion with clerics, Moses and Jews [iluminura em manuscrito]. c. 1265–1270. In: *Bestiaire de Guillaume le Clerc*. Paris: Bibliothèque nationale de France, MS fr. 14969, fol. 9r. <https://tinyurl.com/mphjv62t>

STELLA (pseud.). La Récompense de son Crime [cartão-postal/caricatura]. Paris: Stella-Paris, c. 1894–1906. In: *Dreyfus, le Judas français : Métaphore religieuse antisémite*. <https://tinyurl.com/6afb4na7>.

rupprecht, Philipp (Fips). *Auferstehung* (Ressurreição) [caricatura]. In: *Der Stürmer*, n. 13. Nurembergue: Stürmer Verlag, 1929. <https://tinyurl.com/3rrphpkj>.

AUTOR DESCONHECIDO. Jews harvesting the blood of a Christian child [gravura]. séc. XV. Hulton Archive / *Getty Images*. Reproduzido em *Tablet Magazine*. <https://tinyurl.com/f22k2pyn>

Fonte desconhecida.

OBSERVADOR_DE_JUDEUS. Postagem em rede social [captura de tela].[s.d.] Arquivo dos autores.

BARAJAS, Rafael. Palestina 2023 [cartoon]. In: *La Jornada*, 8 abr. 2023. <https://tinyurl.com/yxdsxd33>

AL-QUDS AL-ARABI (jornal). Ghadanfar Abu Atwan na Cruz [caricatura]. Londres/Qatar, 3 jul. 2021. Reproduzido e analisado por: MEMRI. <https://tinyurl.com/hp3879cu>.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). *Wir armen Juden* [Caricatura]. In: *Der Stürmer*, n. 07, fev. 1939.

AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Comentário em rede social sobre deicídio e sionismo [captura de tela]. 11 abr. 2026. Arquivo dos autores.

HAJJAJ, Emad. Sem título [charge]. Amã: jornal *Al-Ra'i*, 26 dez. 1991. 1 charge. Reimpresso em fonte secundária não identificada. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Mural de salvadores [mural urbano]. c. 2024. Caracas. <https://tinyurl.com/ye6j3xfu>

2 - DEMONIZAÇÃO

USUÁRIO NÃO IDENTIFICADO. A sinagoga de Satanás. Postagem em rede social, X, 11 abr. 2026. Arquivo dos autores.

PERFIL NÃO IDENTIFICADO. A demonização de Jeová. Postagem em rede social. [s.d.] [s.l.]. Arquivo dos autores.

AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Judaísmo e satanismo [captura de tela]. Postagem em rede social, *Instagram*,[s.d.] Arquivo dos autores.

ESCRIBA DO TESOURO REAL. Caricatura de Isaac de Norwich e judeus de Norwich [desenho marginal em registro fiscal]. Londres: The National Archives, E 401/1565, 1233. <https://tinyurl.com/4skm74er>.

PERFIL NÃO IDENTIFICADO. Filhos de Satã (*João* 8, 44) Postagem em rede social,[s.d.] [s.l.]. Arquivo dos autores.

SCHEIBLE, Johann. *Das Schaltjahr* [gravura/livro]. Stuttgart, 1846. Reproduzindo pintura mural de Frankfurt, c. 1475. In: *German Occult: Magic, Ghost, Demons, Witches*. <https://tinyurl.com/uv5hpn8c>.

MOISÉS COM CHIFRES. *Leaves from Laurent d'Orléans, La Somme le roi* [iluminura]. c. 1290–1295. Paris: Fitzwilliam Museum, MS 192 / MS 368. <https://tinyurl.com/4avs5xdf>.

SAUBER, Wolfgang (fotógrafo). Moisés com chifres [afresco]. c. 1500. Basilica di San Giulio, fotografado em 31 jul. 2010.

Alfonso X de Castela. Cantigas de Santa Maria (Cantiga 34, painel 3) [iluminura]. [S.l.] c. 1270–1284. Real Biblioteca do Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, Madri.

NÃO IDENTIFICADO. Raça de víboras [Postagem em rede social]. X, 11 abr. 2026. Arquivo dos autores.

ANTISIYONIST (usuário). O rato-conspirador com símbolos judaicos [caricatura digital]. X,[s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. A face satânica da conspiração [caricatura digital]. Extraída de publicação em X, 11 abr. 2026. Arquivo dos autores.

BARRETT, Leon. O Vampiro Comercial [ilustração]. 1898. British Library Board, Arundel MS 157, f. 5v. Reproduzido em *Swissinfo*. <https://tinyurl.com/2d3jy64j>

AUTOR DESCONHECIDO. Chabad-Lubavitch: The Synagogue of Satan [Postagem em rede social / conteúdo digital]. [s.d.] <https://tinyurl.com/4he3mbpa> Arquivo dos autores.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). *Des Teufels Rezeptbuch* (O Livro de Receitas do Diabo) [caricatura]. In: *Der Stürmer*, jul. 1938. Reproduzido em *The Zionist Crime* (2012) e *Times of Israel* (2026). Arquivo dos autores.

FITYANI, Latif (Royal Cartoons). The Mother of All Evil [caricatura digital]. *Instagram*, 2026. <https://tinyurl.com/e4swmxfh>.

PERSONA, Mario. Quem são a "sinagoga de Satanás" de Apocalipse? <https://tinyurl.com/2nenaaur>.

AUTOR DESCONHECIDO. Satan Attended by Jews [gravura]. Paris, 1575. In: University of Texas Libraries – Bodian Medieval Europe. <https://tinyurl.com/3krt48xw>.

ANONIMIZADO. Servos satânicos do *Talmude* [captura de tela]. Postagem em rede social, *Instagram* [s.d.] Arquivo dos autores.

HITCHCOCK, Andrew Carrington [2006]. *The Synagogue of Satan: The Secret History of Jewish World Domination*. 5. ed. Austin: RiverCrest, 2010. <https://tinyurl.com/ytea2jxk>

AL-HAYAT AL-JADIDA. Caricatura publicada em 22 de março de 2000 [ilustração]. In: KOTEK, Joël. op. cit., p. 52. Reproduzido em JCFA – Jewish Center for Public Affairs. *Major Anti-Semitic Motifs in Arab Cartoons*. <https://tinyurl.com/mr2ufapn>.

AUTOR DESCONHECIDO. Jews after a long day pretending to be white [imagem digital] [captura de tela]. [s.d.]. Arquivo dos autores.

ANONIMIZADO. Sinagoga de Satanás [captura de tela]. Postagem em rede social, *Facebook*, 29 dez. 2016. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Stalin has removed his mask [imagem de propaganda]. 1941. In: *times of israel*. *Anti-Semitism for Dummies: A Visual Guide*. <https://tinyurl.com/5xhfuzhz>.

ANONIMIZADO. *O demônio de Karl Marx* [vídeo] [captura de tela]. *Instagram*, 13 maio 2024. Arquivo dos autores.

AL-WATAN. Cartoon (2002): Star of David forming the devil with the face of Ariel Sharon [caricatura]. Qatar, 2002. Reproduzido em American Jewish Committee (AJC). *Satan – #TranslateHate*. <https://tinyurl.com/2ds7pzm8>.

clarinada. Portada de la revista *Clarinada* [capa de revista]. Argentina, 1937. Reproduzida em: *Instagram* <https://tinyurl.com/2ds3pphu>.

AUTOR DESCONHECIDO. *"The Jewish claws again? No, never!"* [pôster de propaganda]. Polônia, c. 1919. In: *Reddit* – r/PropagandaPosters. <https://tinyurl.com/2zdbdz2s>.

BARBOSA, Caroline de Alencar. A função da propaganda antissemita no periódico alemão *Der Stürmer*, Boletim Historiar, n. 18, jan./mar. 2017, p. 89-97.

ANONIMIZADO. Deus dos judeus [comentário em rede social] [captura de tela]. *Instagram* [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Anti-Bolshevik propaganda poster (Odessa, 1918–1919) [pôster]. Ucrânia, 1918–1919. Reproduzido em *Tablet Magazine*, The Phantom Menace of Judeo-Bolshevism. <https://tinyurl.com/mrykdbac>

ZOMBIETIME (pseudônimo). An image from a San Francisco Bay Area "peace" rally (2003) [fotografia]. San Francisco, 2003. Reproduzido em *Combat Antisemitism Movement: Can the Whole World Be Wrong? Lethal Journalism, Antisemitism and Global Jihad*. <https://tinyurl.com/4kmnx3rb>

CAMELO, Jota. Bibi no Monte Sinai [charge]. Publicado em página de curadoria de cartoons políticos (PoliticalCartoonsLKA). *Facebook* [s.d.] <https://tinyurl.com/yck5dumj>.

AUTOR DESCONHECIDO. Ilustração do jornal nazista *Der Stürmer* [ilustração]. Alemanha, abril de 1942. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. The Zionist Devil [caricatura]. Jordan, 30 set. 1944. In: AL-DUSTOUR. Reproduzido em Jewish Virtual Library. *Anti-Semitic Arab Cartoons (1990s)*.

<https://tinyurl.com/5ekc6kyr>.

LATUFF, Carlos. *IsraHell* [charge]. 2002. <https://tinyurl.com/22f9e4zd>.

ANONIMIZADO. [comentário em postagem] [captura de tela]. *Instagram* [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. "O Diabo Sionista". The Zionist Devil [caricatura]. Síria, 4 mar. 1993. In: *a-Thawra*. Reproduzido em Contemporary Aesthetics / RISD Digital Commons. <https://tinyurl.com/m72ctmsa>.

ANONIMIZADO. Imagem de [captura de tela]. Postagem em rede social, X, 23 mar. 2026. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. The Big Devil and the Little Devils [caricatura]. *Tasnim News* [s.d.] <https://tinyurl.com/yey5t6n5>.

ANONIMIZADO. Imagem digital gerada por inteligência artificial[captura de tela]. *Instagram*, 5 jul. 2025. Arquivo dos autores.

ANONIMIZADO. Comentário em postagem de rede social] [captura de tela]. *Instagram* [s.d.] Arquivo dos autores.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, *Threads* [s.d.]. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Caricatura antissemita em "*Simplicissimus*" [ilustração]. Alemanha, 6 jul. 1941. In: DANNY KERMAN. *Simplicissimus* (1941), caricatura de propaganda nazista (heb.). <https://tinyurl.com/2xb98f6y>.

AUTOR DESCONHECIDO. *Der Zum Schrecken aller Juden: aus dem unterirdischen Flammen-Reich hervor gekommene lamentable und entsetzlich heulende Jud Süß* [gravura]. 1738. In: William A. Rosenthall Judaica Collection – Prints and Photographs. College of Charleston Libraries. <https://tinyurl.com/mr2eut89>.

AUTOR DESCONHECIDO. [grafite/pichação em parede – conteúdo não identificado]

AUTOR DESCONHECIDO. Postagem em site [captura de tela]. JBZD [s.d.] Arquivo dos autores. <https://tinyurl.com/5fwjhbxp>

AUTOR DESCONHECIDO. CST_UK [captura de tela]. Postagem em rede social, X [s.d.] Arquivo dos autores. <https://tinyurl.com/jvtpkbsb>.

GONZÁLEZ, Julio César (Matador). El Dios genocida [charge]. Colômbia, out. 2023. <https://tinyurl.com/mra9fw4m>.

AUTOR DESCONHECIDO. *Der Zum Schrecken aller Juden: aus dem unterirdischen Flammen-Reich hervor gekommene lamentable und entsetzlich heulende Jud Süß* [ilustração]. 1936. In: CST (Community Security Trust). *Antisemitic Discourse Report 2017*. <https://tinyurl.com/bd773cbz>.

AUTOR DESCONHECIDO. Montagem digital publicada em rede social [captura de tela]. *Instagram*, 7 jul. 2025. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem gerada por inteligência artificial [captura de tela]. X [s.d.] Arquivo dos autores.

HOMOLACS, Karol (atribuído). *Wola Polski* (A Vontade da Polônia) [cartaz de propaganda]. Guerra Polaco-Soviética, 1920. Reproduzido em Alamy. <https://tinyurl.com/5y7r4bk5>.

AUTOR DESCONHECIDO. Soldado israelense diabólico [charge]. Cairo, jun. 2010. In: Rose al-Yūsuf. Citado em: Anti-Defamation League. *Arab Media Review*, jan./jun. 2010.

COWEN, Painton (fotografia). Teófilo faz um pacto com o Diabo [vitral]. Século XIII. Catedral de Notre-Dame de Laon, França. In: Collection COWEN / KHARBINE-TAPABOR. <https://tinyurl.com/3a7729m4>.

AUTOR DESCONHECIDO. Frame de vídeo em rede social [captura de tela]. *Instagram* [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem gerada por inteligência artificial [captura de tela]. X [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem gerada por inteligência artificial [captura de tela]. X [s.d.] Arquivo dos autores.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, X [s.d.] Arquivo dos autores.

LAPSA, Peter. Figure 6: criatura demoníaca com Estrela de Davi [capa de revista]. Estados Unidos, maio 1993. In: *Resistance Magazine*, n. 2. Reimpresso em: CEEOL <https://tinyurl.com/52knztpt>.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem retirada de artigo sobre representações de mulheres judias na arte medieval antissemita [imagem digital]. Medievalists.net [s.d.] <https://tinyurl.com/4tv97tvz>.

VAN DER HEYDEN, Jan. *Der Wein Jud* [gravura]. 1628. Países Baixos. Gravura em papel. In: Art Institute of Chicago <https://tinyurl.com/4db32ens>.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem gerada por inteligência artificial[captura de tela]. Postagem em rede social, *Facebook* [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Frame de vídeo: "Do Jews Have Horns?" [captura de tela]. *YouTube* [s.d.] Publicado pela Aish. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Satanás Mammon influenciando uma freira [caricatura]. Alemanha, maio de 1935. In: *Der Stürmer*. Reproduzido em Journal of Social Aesthetics. <https://tinyurl.com/yn4mwm24>.

AUTOR DESCONHECIDO. Morte / Assassino [caricatura]. Jul. 1939. In: *Der Stürmer*. Reprodução com legendas bilíngues (alemão/inglês). In: Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. [captura de tela]. Postagem em rede social [s.d.] Arquivo dos autores.

NKVD/Bolchevismo. Mão Negra [capa de revista, litografia]. In: *Szopka*, Varsóvia, v. 2, n. 9, 3 mar. 1923. Disponível em acervos de bibliotecas digitais e museus de história da Polônia.

AUTOR DESCONHECIDO. *Ruka razboynika* [A mão do bandido] [cartaz de propaganda]. União Soviética [s.l.: s.n.], c. 1930–1938. Disponível em acervos de propaganda política soviética.

FIPS (Philipp Rupprecht). *Pulverfass Europa* [Barril de Pólvora Europa]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, n. 15, abr. 1936. Ilustração de jornal, corida. Disponível em acervos históricos de propaganda antissemita.

AUTOR DESCONHECIDO. Cartoon antissemita austríaco: judeus tentando dominar o mundo [ilustração]. Áustria, c. 1900. In: Bridgeman Images. <https://tinyurl.com/6s6k3fzy>.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, X [s.d.]. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem publicada em rede social [captura de tela]. *Facebook* [s.d.] Arquivo dos autores.

ANONIMIZADO. Comentário em postagem [captura de tela]. *Instagram* [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem gerada por inteligência artificial [captura de tela]. *Facebook* [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem gerada por inteligência artificial em vídeo [captura de tela]. *YouTube* [s.d.] Arquivo dos autores.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, X [s.d.] Arquivo dos autores.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, X [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Frame de vídeo [captura de tela]. *YouTube*, 20 set. 2023. Arquivo dos autores.

3 - CALÚNIA DE SANGUE

ANONIMIZADO. Comentário em rede social [captura de tela]. *Instagram* [s.d.] Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. Judeus matam crianças como sacrifícios para Moloch. Postagem em rede social. Ilustração original século XIX [s.l.: s.n.], c. 2024–2026.

Hartmann Schedel. O martírio de Simão de Trento [xilogravura]. In: *Liber Chronicarum*. Nurembergue: Sebald Schreyer / Sebastian Kammermeister, 1493. f. 254v. BBC.

AUTOR DESCONHECIDO. Baal, deidade satânica... hoje, a história se repete. Postagem em rede social. S.l.: s.n., c. 2024–2026. Ilustração original: representação moderna de Baal/Moloch baseada em iconografia clássica.

GASPARRO, Giovanni. *L'Immolazione di San Simonino da Trento per omicidio rituale ebraico* [O martírio de São Simão de Trento por assassinato ritual judaico] [pintura, óleo sobre tela]. Itália: [s.n.], 2020.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social. Arquivo dos autores.

AUTOR DESCONHECIDO. O martírio de Simão de Trento [xilogravura]. Trento, 1475. In: Jacob Rader Marcus. *The Jew in the Medieval World: A Source Book, 315–1791*. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1938. University of California Press.

AUTOR DESCONHECIDO. O martírio de Guilherme de Norwich [xilogravura]. Inglaterra, c. séc. XII–XV (reproduções posteriores). In: Thomas de Monmouth. *The Life and Miracles of St. William of Norwich*. Norwich, c. 1173. Circato Historical Archives.

FIPS (Philipp Rupprecht). O Alemão e o Judeu [Comparação Racial]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, c. 1935-1938. Ilustração de jornal, corida. Acervos históricos de propaganda antissemita do Terceiro Reich.

EESCOLA FRANCESA. Judeus sacrificando uma criança cristã na França em 1180 [gravura]. França, c. séc. XVIII. MeisterDrucke Fine Art Prints.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem sem título [ilustração]. S.l.: s.n. [s.d.]. NicePNG.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem sem título [ilustração]. S.l.: s.n. [s.d.]. We Are Truthers.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem sem título [meme/ilustração]. S.l.: s.n. [s.d.] ResearchGate.

AUTOR DESCONHECIDO. Imagem sem título [ilustração]. S.l.: s.n. [s.d.] Iluminata.

AUTOR DESCONHECIDO. O assassinato ritual de Tiszaeszlár [ilustração]. Reino da Hungria: [s. n.], 1882. In: Acervo do Museu de História da Hungria. *Reddit*.

FIPS (Philipp Rupprecht). O judeu como predador [ilustração]. In: Ernst Hiemer. *Der Giftpilz* [O cogumelo venenoso]. Nurembergue: Stürmer-Verlag, 1938. p. 1. Acervos históricos de propaganda educacional do Terceiro Reich.

AUTOR DESCONHECIDO. Panfleto antissemita sobre Andrei Yushchinsky [folheto]. Kiev, 1911. Wikimedia Commons.

SCHEDEL, Hartmann. Judeus sendo queimados vivos [xilogravura]. In: *Liber Chronicarum* [Crônicas de Nurembergue]. Nurembergue: Sebald Schreyer; Sebastian Kammermeister, 1493. f. 230v. Alamy.

AUTOR DESCONHECIDO. Execução de condenados pela Inquisição [gravura]. Espanha/México, c. séc. XVII–XVIII. In: *El Sol de Cuernavaca*, El dominio de la Santa Inquisición. Cuernavaca, 2019.

Fonte desconhecida.

LANDSBERG, Herrad of. Judeus alemães do século XIII [ilustração]. In: *Hortus Deliciarum* (Luftgarten). c. séc. XII. Reproduzido em *Jewish Encyclopedia*. Nova York, 1901–1906. Wikipedia.

PRÉVOT, Charles de. O libelo de sangue de Sandomierz [pintura]. Sandomierz, c. 1710–1713. Óleo sobre tela. Localização: Catedral de Sandomierz. In: *Terra Notícias*. Catedral faz homenagem com pintura polêmica de judeus matando cristãos.

ANONIMIZADO. Postagem em rede social, X. 13 out. 2024.

AUTOR DESCONHECIDO. [ilustração]. [S. l.: s. n.] [s. d.]. Israel National News.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, X . [S.l.] [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Silêncio Árabe [caricatura de Gaza]. [S. l.: s. n.], 2012. Ilustração digital corida. In: Ynetnews. *Cartoons published during Gaza hostilities*. Israel, 2013. Ynetnews.

SHARF, Kamal. Gaza e o sangue [caricatura contemporânea]. Ilustração digital corida. Postagem em rede social, X . [S. l.: s. n.], 2024.

AUTOR DESCONHECIDO. The Devil is Killing - Gaza/2023 [ilustração Digital]. Postagem em rede social, X. [S. l.], 2023.

ŞIMŞEK, Hilmi. *İsrail* [Israel] [pintura]. Turquia, 2006. Acrílico sobre tela, 130 × 130 cm. Toonpool.

HISPANTV BRASIL. Israel rouba órgãos de palestinos assassinados [fotografia acompanhada de texto publicitário]. Postagem em perfis oficiais da HispanTV no *Instagram*/X . [S. l.], 27 dez. 2023.

AL-FARMAWI, Said. Caricatura sobre Israel e a Paz [ilustração, corida]. [S. l.], 23 out. 2015. In: ARABS TODAY. *Caricaturas de Said Al-Farmawi*. arabstoday.net.

UTOR DESCONHECIDO. À saúde da paz [caricatura política, ilustração, p&b].

Egito: Al-Ahram [s. d.]. In: STAV, Arieh. *Major Anti-Semitic Motifs in Arab Cartoons*. Jerusalem Center for Public Affairs (JCFA), 2004. jcfa.org.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [captura de tela] [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [captura de tela] [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [captura de tela] [s. d.].

STILLMATIC. A Espada e a Bandeira. [S. l.], 2016. 1 ilustração digital, corida. In: *180 Post*. 180post.com.

AUTOR DESCONHECIDO. Jewish God's Demands: Human and Animal [infográfico de propaganda, ilustração digital, corida]. [S. l.], 2023. In: Birth of a New Earth. *Substack Analysis*. <https://tinyurl.com/dedpzetf>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* 24 maio 2025.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

CAMELO, Jota. O Deus Sionista [charge, ilustração, corida]. Brasil, 15 maio 2024. <https://tinyurl.com/bdhphja4>

AUTOR DESCONHECIDO. Caricatura de Ariel Sharon [ilustração]. Ramallah: Al-Hayat Al-Jadida, 22 mar. 2004. In: RESEARCHGATE. *Cartoon depicting Sharon eating Palestinian children*. <https://tinyurl.com/32m2p76d>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [captura de tela] [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [captura de tela] [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [captura de tela] [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. *Muro pichado* [fotografia]. [S. l.: s. n.] [s. d.].

KHAN, Sehrish [@sehrish1khan]. Sem título/Gaza [ilustração digital]. [S. l.], 7 jun. 2020. Twitter (X): @sehrish1khan. < https://tinyurl.com/4ytwtw8s>

WAGNER, Peter (Atrib.). Saturno devorando seus filhos. Nurembergue, 1492. 1 xilogravura, p&b. In: WIKIMEDIA COMMONS. *Saturn eating his children Peter Wagner 1492* <https://tinyurl. com/yz5nvmnp>.

KOUNTOURIS, Michael. The Price of Peace [charge]. Grécia: Efimerida ton Syntakton, 2003. 1 ilustração, corida. In: UNIVERSO HQ. *Exposição em Londres Mostrará Exemplos de Antissemitismo nos Cartuns Políticos*. <https://tinyurl.com/4sd38czm>.

Diário Causa Operária. *pco sai em defesa da República Islâmica do Irã nas ruas*. 16 jun. 2025. Causa Operária.

al Raya (Catar) [caricatura]. In: Palestinian Media Watch. *Propaganda Nazista e Antissemitismo no Oriente Médio*. 2009. Cortesia de Palestinian Media Watch.

UOL. *Polêmica na Suíça: Estátua Misteriosa de Canibal Devorando Crianças Assusta*. 27 out. 2023.

SHARF, Kamal. Sem título/Gaza [ilustração digital]. Iêmen, 5 ago. 2024. <https://tinyurl.com/26htnt7m>.

Fonte desconhecida.

AUTOR DESCONHECIDO. Postagem em rede social, X. [s. d.].

MR. FISH [Dwayne Booth]. The Anti-Semite [charge]. Estados Unidos, 7 dez. 2023. 1 ilustração, corida. <https://tinyurl.com/4yuhudcz>.

JUDÍOS en México[captura de tela]. Agosto de 2009. In: judiosenmexico.blogspot.com.

Fonte desconhecida.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, X [s. d.]

ALETEIA. Quando estes ladrões esfaquearam a Eucaristia, não imaginaram o que aconteceria depois. 9 fev. 2018. Aleteia.

AUTOR DESCONHECIDO. Israel [caricatura]. Egito: Al-Gumhuria, 12 out. 1990. In: STAV, Arieh. *Major Anti-Semitic Motifs in Arab Cartoons*. Jerusalem Center for Public Affairs, 2004. p. 6.

KUNNE, Albrecht. Autopsy of Simon of Trent's Corpse with City Officials and Jews Present [Autópsia do corpo de Simão de Trento com autoridades e judeus presentes]. Trento: [s. n.], 1475. Xilogravura. In: *Die Geschichte des zu Trient ermordeten Christenkindes*. ResearchGate.

AUTOR DESCONHECIDO. Torture of the Jews wearing Jewish hats [xilogravura]. Europa, 1475. Alamy Stock Photo. Example of Christian anti-Semitism. <https://tinyurl.com/mrdjsrp5>.

WEISS, Nino Shaye. Sauerkraut Sausage Soup: Jewish History & Vampire Lore (Austro-Hungarian Recipe). 18 mar. 2018. Jewish Viennese Food.

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social. [s. d.]

ANONIMIZADO. [captura de tela]. Postagem em rede social, X .20 mar. 2026.

Site de apologia nazista.

OLHAR CONCEITO. Artista brasileiro faz sucesso na internet com tirinhas que ilustram questões polêmicas da nossa sociedade. 25 ago. 2014.

ŞIMŞEK, Hilmi. *İsrail* [Israel]. Turquia, fev. 2006. 1 ilustração, p&b. In: STAV, Arieh. *Major Anti-Semitic Motifs in Arab Cartoons*. Jerusalem Center for Public Affairs (JCFA), 2004 (e atualizações posteriores). In: jcpa.org.

AL WATAN. Caricatura [captura de tela]. *Al Watan*, 2 ago. 2025.

AUTOR DESCONHECIDO. The Children of Palestine [caricatura]. Jordânia: Ad-Dustour, 4 abr. 1994. In: STAV, Arieh. *Major Anti-Semitic Motifs in Arab Cartoons*. Jerusalem Center for Public Affairs (JCFA), 2004. p. 7. jcpa.org.

GADSDEN, Renée. Signs of Laughter and Contradiction. In: TRANS – Internet Journal for Cultural Studies, n. 15, jul. 2004. Viena: INST – International Network for Cultural Studies.

THE HOLOCAUST EXPLAINED. Roma – Oppression. Londres: The Wiener Holocaust Library / London Jewish Cultural Centre [s. d.]. The Holocaust Explained.

AUTOR DESCONHECIDO. The Massacre of 1391 [ilustração]. Sevilha, Espanha [c. 1391]. In: SUTORI. Persecution of Jews in Medieval Spain. <https://tinyurl.com/fw6jr32y>.

AUTOR DESCONHECIDO. Execution of the Jews of Trent [ilustração]. Trento, Itália, 1475. In: UNIVERSITÀ DI BOLOGNA. Sacrifiles: Blood Libel in Early Modern Europe. <https://tinyurl.com/35r3d6zz>.

AUTOR DESCONHECIDO. *The Curse in the Blood* [ilustração]. Alemanha: *Der Stürmer*, out. 1934. In: United States Holocaust Memorial Museum (USHMM). *Antisemitic imagery in Der Stürmer*.

AUTOR DESCONHECIDO. Execution of the Jews in Trent [ilustração]. Trento, Itália, 1475. In: LEO BAECK INSTITUTE. *Griffinger Portal*. <https://tinyurl.com/4r67h889>.

BUONICORE, Augusto César. Bolchevismo e antissemitismo (1917–1953). 3 dez. 2019. Marxists Internet Archive.

ORETSKY, Viktor. Shame to Criminals! 1982. Cartaz de propaganda (litografia em cores). Sydney: Josef Lebovic Gallery. Josef Lebovic Gallery.

JORNADA SAN LUIS. Postagem no X. 16 ago. 2025.

ANONIMIZADO. Postagem no X. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X. [s. d.].

THE JERUSALEM POST. *Middle East*. 1 jan. 2024.

KAUFMAN, Michael J. The Wall Street Journal Is Trump's *Der Stürmer*. *HuffPost*, 27 set. 2017. <https://tinyurl.com/5n8j2c2d>.

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título [ilustração digital]. In: Portal de notícias e propaganda, VK (Vkontakte).

AUTOR DESCONHECIDO. *"The Jewish claws again? No, never!"* [pôster de propaganda]. Polônia, c. 1919. In: *Reddit* – r/PropagandaPosters. <https://tinyurl.com/2zdbdz2s>

ZVEREV, Stanislav. *Galereya* [Galeria]. Rússia [s.d.]. <https://tinyurl.com/yc5srppu>.

AUTOR DESCONHECIDO. Postagem no *subreddit r/Judaism* [captura de tela]. [s. d.]. *Reddit*.

ROBERTS, Michael. *Abi-Habib and Bastians on the Political Struggle in Sri Lanka*. Thuppahi's Blog, 27 out. 2018. <https://tinyurl.com/mpfm4b39>

Fonte desconhecida.

AUTOR DESCONHECIDO. [Coletânea de Charges Políticas]. In: WINTER BOREALIS. *LiveJournal*, 2014. <https://tinyurl.com/4szbdect>.

ANONIMIZADO. Postagem em *9gag.com* [captura de tela]. [s. d.].

ZICHY, Mihály. Sem título/Alegoria [ilustração]. Hungria [século XIX]. 1 ilustração, p&b. In: Alamy Stock Photo. *Zichy Mihály rajz*. <https://tinyurl.com/57ysp3jf>.

WALLACE, Freda. The Pink Ladies: The Use of Misogyny in Far-Right Politics. Medium, 20 set. 2023. <https://tinyurl.com/wap68vn2>.

ANONIMIZADO. Postagem no X. [s. d.].

4 - O OUTRO, O "ETERNO ESTRANGEIRO"

DORÉ, Gustave. La légende du Juif errant [A lenda do Judeu Errante] [Gravura]. Paris: Magazin Pittoresque, 1862. 1 gravura, p&b. <https://tinyurl.com/2eupmjyb>

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

CHAM (Amédée de Noé). Le Juif errant, doyen des marcheurs, nommé premier grenadier de la mobile [O Judeu Errante, decano dos caminhantes, nomeado primeiro granadeiro da guarda móvel] [ilustração, p&b]. In: LE CHARIVARI. Paris, 1869. <https://tinyurl.com/mvvc293m>.

FIPS (Philipp Rupprecht). *So schlichen sie dahin!* [Assim eles rastejavam!] [ilustração]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, n. 4, jan. 1940. 1 ilustração, p&b. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mr5y2ju5>

FIPS (Philipp Rupprecht). Sem título [ilustração]. In: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jüd bei seinem Eid [Não confie em nenhuma raposa num prado verde nem no juramento de um judeu]. Nuremberg: Stürmer Verlag, 1936. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mu74xfx7>.

FABRIQUE DE PELLERIN. Le vrai portrait du juif-errant, complainte nouvelle sur un air de chasse [O verdadeiro retrato do judeu errante, nova lamentação sobre um hino de caça] [ilustração]. Épinal: Pellerin [ca. 1820]. 1 estampa, cor. In: BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. <https://tinyurl.com/4t2m35cb>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. The Wandering Jew [O Judeu Errante] [aquarela]. Basileia [entre 1820 e 1840]. Original no Jewish Museum of Switzerland. <https://tinyurl.com/3cmurhzz>

LONDRES, Albert. *Le Juif errant est arrivé* [O judeu errante chegou]. Paris: Éditions 10/18, 1975. (Coleção Grands Reporters). <https://tinyurl.com/5n8arjd3>.

AUTOR DESCONHECIDO. A Wandering Jew (Ahasverus) [Um Judeu Errante (Ahasverus)] [ilustração]. [S. l.: s. n.], 1852. In: BEYOND THE PALE: The History of Jews in Russia. <https://tinyurl.com/2zzxf238>.

ASSOCIAÇÃO BRAZIL LIVRE. Uma Proposta ao Ilustríssimo Senhor Doutor Oswaldo Aranha [panfleto]. Marcelino Ramos, RS [ca. 1938]. In: *instagram* [Perfil anonimizado]. [S. l.], 8 ago. 2025. <https://tinyurl.com/mra9fw4m>.

PANN, Abel. The scapegoat and the blacksheep of Europe [O bode expiatório e a ovelha negra da Europa] [ilustração]. [S. l.: s. n.], 1915. 1 ilustração, p&b. <https://tinyurl.com/m2pxdkta>.

AUTOR DESCONHECIDO. Iată cine și cum păzește granița pe unde invadează kazarii [Eis quem e como guarda a fronteira por onde invadem os cazares] [ilustração]. In: APĂRAREA NAȚIONALĂ. Bucareste, n. 19, 15 jul. 1923. 1 ilustração, p&b. <https://tinyurl.com/ycxsfmwc>.

BOCCASILE, Gino. Sem título [cartaz, cor]. Itália [ca. 1942]. <https://tinyurl.com/2p9uetab>.

clarinada: revista anti-comunista y anti-judía [ilustração, cor]. Buenos Aires, n. 62, jun. 1942. Capa. Ilustrador desconhecido. <https://tinyurl.com/ct5nsw3a>.

VOBORSKÝ, František. Česnekový ráj [Paraíso do Alho] [ilustração, p&b]. In: ČESKÉ SLOVO, Praga, v. 14, n. 139, p. 1, 16 jun. 1942. Foto de Petr Karlíček. In: KARLÍČEK, Petr. Napospas davu: Antisemitismus v české vizuální kultuře 1848–1948 [À mercê da multidão: Antissemitismo na cultura visual tcheca 1848–1948]. [S. l.: s. n.] [ca. 2012].

GÜNTHER & CO. Juden Raus! [Judeus para fora!] [jogo de tabuleiro]. Dresden: Günther & Co., 1938. 1 tabuleiro, cor. In: GERMAN HISTORY IN DOCUMENTS AND IMAGES (GHDI). Nazi Germany (1933-1945). <https://tinyurl.com/3ary8ead>.

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Betrogene Völker [Nações Enganadas] [ilustração, cor]. In: *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 32, p. 1, ago. 1940. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

Der Stürmer: Deutsches Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit [ilustração, p&b]. Nurembergue: Julius Streicher, v. 17, n. 3, jan. 1939. Ilustração de Philipp Rupprecht [Fips]. <https://tinyurl.com/bdz95vam>.

FORD, Henry. O Judeu Internacional. Apresentação de S. E. Castan. Porto Alegre: Revisão Editora [s. d.]. 1 v. Tradução de: *The International Jew*. <https://tinyurl.com/5fwavm7x>.

AUTOR DESCONHECIDO. I*nscrição em muro (grafite/pichação)*. [S.l.: s. n.] [s. d.]. Fotografia.

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Emigrantenhetzer [Emigrados instigadores do ódio] [ilustração, cor]. In: *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 11, p. 1, mar. 1941. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

SCHWEITZER, Elvira. Juden sind hier unerwünscht [Judeus não são bem-vindos aqui] [ilustração, cor]. In: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid [Não confie em nenhuma raposa num prado verde nem no juramento de um judeu]. Nurembergue: Stürmer-Verlag, 1936. <https://tinyurl.com/4s54a69b>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

LOS von Juda! [Longe de Judá!] [Cartão postal]. [S. l.: s. n.] [ca. 1920]. 1 cartão postal, cor. Inclui a frase: "Die Juden sind Deutschlands Unglück" [Os judeus são a infelicidade da Alemanha]. <https://tinyurl.com/yp778dh7>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

POP, Jaroslav. Údržbáři fy Hitler & nástupci [Trabalhadores de manutenção da Hitler & Cia. Ltda. e seus sucessores] [ilustração, cor]. In: DIKOBRAZ, Praga, v. 16, n. 2, p. 1, 14 jan. 1960. Foto de Blanka Soukupová. In: KARLÍČEK, Petr. The Visual Representation of Jews in the Czech Lands. [S. l.: s. n.], 2023.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

JUDEN RAUS! [Judeus fora!] [tampa de jogo de tabuleiro]. Dresden: Günther & Co., 1938. <https://tinyurl.com/rau3ybw3>.

BÉLGICA. Anti-semitisme [Antissemitismo] [selo postal, cor]. Bélgica [ca. 1940-1944]. Selo de 1Fr + 50c apresentando figura caricatural e a inscrição "Anti-semitisme". <https://tinyurl.com/6eu2msh2>.

WARA Żydom od progów Poznania. Pod Pręgierz, Poznań, r. 1937. 1 ilustracja, czarno-biała. Tekst i ilustracja satyryczna. Dostępna w: <https://tinyurl.com/bddk8f79>. Dostęp: 20 kwi 2026.

HAUT, Dobroslav. Na rozloučenou [Despedida] [ilustração, p&b]. In: VLAJKA, Praga, v. 9, n. 7, 9 jul. 1939. Foto de Petr Karlíček. In: KARLÍČEK, Petr. The Visual Representation of Jews in the Czech Lands. [S. l.: s. n.], 2023.

PALÄSTINA [ilustração, cor]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 37, set. 1936. Caricatura de Fips (Philipp Rupprecht).

AUFZUG der Iuden den 23. Augusti [Procissão dos Judeus em 23 de agosto] [Gravura]. Frankfurt am Main, 1614. 1 gravura, p&b. Representação da expulsão da comunidade judaica de Frankfurt após o levante de Fettmilch. <https://tinyurl.com/362xvahd>.

SCHWEITZER, Elvira. Der Einzug [A Chegada] [ilustração, cor]. In: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid [Não confie em nenhuma raposa num prado verde nem no juramento de um judeu]. Nurembergue: Stürmer-Verlag, 1936. <https://tinyurl.com/3nbcn7zr>.

HIRSZENBERG, Samuel. Golus [Exílio] [Pintura]. 1904. 1 original a óleo sobre tela, 215 x 372 cm. Acervo do Museu Ben Uri, Londres.

JUUTALAISKYSYMYS ja viime valtiopäivät [A questão judaica e o último parlamento] [ilustração, cor]. Tuulispää, Helsinque, v. 16, n. 4, p. 7, 25 jan. 1918. Caricatura política. <https://tinyurl.com/bdzz7s22>.

OPREZ! Oni dolaze... [Cuidado! Eles estão chegando...] [cartaz, cor]. Belgrado: [s. n.], 1941. Cartaz de propaganda antissemita da Grande Exposição Antimaçônica (Velika antimasonska izložba). <https://tinyurl.com/2n8seuh8>.

SZARAŃCZA w bramach grodu Przemysława [Gafanhotos nos portões da cidade de Przemysław] [ilustração, p&b]. Pod Pręgierz, Poznań, n. 31, 1937. <https://tinyurl.com/387cyhxk>.

A CASA DA MÃE JOANA [ilustração, cor]. Careta, Rio de Janeiro, ano 31, n. 1563, p. 1, 11 jun. 1938. <https://tinyurl.com/n375jtpb>.

MARŠ zo Slovenska! [Fora da Eslováquia!] [cartaz, cor]. Bratislava: Úrad propagandy [Gabinete de Propaganda] [ca. 1939-1945]. Cartaz de propaganda eslovaca instando a expulsão da população judaica. <https://tinyurl.com/4zhebjx4>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

FORD, Henry. El Judío internacional: autor del libro "Mi vida y mi obra". Leipzig: Hammer-Verlag [192-?]. 1 capa de livro. <https://tinyurl.com/wpupph27>.

GEGENAUSLESE: Juden überfluten Deutschland - Deutsche wandern aus [Contraseleção: Judeus inundam a Alemanha - Alemães emigram] [ilustração]. In: VOGEL, Alfred. Erblehre und Rassenkunde [Hereditariedade e Ciência Racial]. Stuttgart: Verlag für nationale Literatur, Gebr. Rath, 1925. 1 infográfico, cor. <https://tinyurl.com/7x5y62y4>.

NACIONALISMO [ilustração, cor]. *Clarinada*: revista anticomunista y antijudía, Buenos Aires, ano 6, n. 61, capa, maio 1942. <https://tinyurl.com/2twpjwcx>.

PALESTINA kaller. Jøder tåles ikke i Norge [A Palestina chama. Judeus não são tolerados na Noruega] [fotografia, p&b]. Oslo, 1941. Vitrine de uma alfaiataria judaica em Oslo pichada com slogans antissemitas após o confisco de propriedades. <https://tinyurl.com/yps7he7b>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Marathonlauf [Corrida de Maratona] [ilustração, cor]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 12, p. 1, mar. 1941.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

FORD, Henry. Der internationale Jude [O Judeu Internacional]. Leipzig: Hammer-Verlag, 1922. v. 1. 1 capa de livro. <https://tinyurl.com/mumzbmff>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Der Ausreißer [O Fugitivo] [ilustração, p&b]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 15, p. 1, abr. 1938. Legenda original: "Am besten wär's, mer nimmt sich gleich ä Rundreisebillett, lange hat mer ja nirgends mehr ä Bleibe." [O melhor seria comprar logo um bilhete de ida e volta, pois já não se pode ficar muito tempo em lugar nenhum].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Der Emigrant [O Emigrante] [ilustração, cor]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 44, p. 1, out. 1935. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Die Rettungsexpedition [A Expedição de Resgate] [ilustração, cor]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 18, p. 1, maio 1934. Legenda original: "Gott der Gerechte, ich muß finden ä Fleckchen auf der Welt wo ka Mensch liest den Stürmer" [Deus justo, eu preciso encontrar um cantinho no mundo onde ninguém leia o Stürmer]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

GYP [Sybille de Riquetti de Mirabeau]. Je crois qu'ils devront, de gré ou de force, réintégrer leur pays d'origine... [Acredito que deverão, por bem ou por força, reintegrar seu país de origem...] [ilustração]. França [ca. 1900]. 1 ilustr., p&b (ou cor.). <https://tinyurl.com/4y9wwbh7>.

5 - ARTIFICIALIDADE E INAUTENTICIDADE

ECCLESIA et Synagoga [Igreja e Sinagoga] [Escultura]. Estrasburgo: Catedral de Notre-Dame de Estrasburgo [ca. 1230]. 2 estátuas, arenito. <https://tinyurl.com/2mzjbcny>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Lüge und Wahrheit [Mentira e Verdade] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 19, p. 1, maio 1937. Legenda original: "Die nackte Wahrheit ist verhaßt / Dort, wo von Judengeist erfaßt / Nur alles Schein und Lug und Trug / Doch Wahrheit bleibt sich selbst genug" [A verdade nua é odiada onde o espírito judeu prevalece, onde tudo é apenas aparência, mentira e engano; mas a verdade permanece suficiente para si mesma]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

WAGNER, Richard. *Das Judentum in der Musik* [O Judaísmo na Música]. Leipzig: Verlag von Breitkopf & Härtel [ca. 1869].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

GRUSS aus Marienbad [Saudações de Marienbad] [Cartão-postal]. Marienbad (Mariánské Lázně), 27 jul. 1905. Ilustração de personagens caricaturados em trajes típicos tiroleses com a legenda "Jodeln tun die Stei'rmärker...". <https://tinyurl.com/2htvb8tc>.

NOVODOBÉ turnaje v naší staré Praze [Torneios modernos em nossa antiga Praga] [ilustração]. Šípy, Praga [ca. 1900]. <https://tinyurl.com/uapr9wr6>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Der arme Reiche und der reiche Arme [O Pobre Rico e o Rico Pobre] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 4, p. 1, jan. 1942. Legenda original: "Was hilft dem Reichen all sein Geld, wenn es doch nicht die Waage hält dem Herzen, das mit reinem Blut doch schwerer wiegt wie alles Gut" [De que serve ao rico todo o seu dinheiro, se ele não equilibra o coração que, com sangue puro, pesa mais do que todos os bens]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Das Gesicht der USA [O Rosto dos EUA] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 25, p. 1, jun. 1944. Legenda original: "War je die Welt schon mehr betrogen, Als immer, wenn ihr vorgelogen, Die Freiheit käm' aus USA.? Der Schwindel liegt zum Greifen nah" [O mundo já foi mais enganado do que quando mentiram que a liberdade viria dos EUA? A farsa está prestes a ser desmascarada]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ROWLANDSON, Thomas. Three Jews of the Great Synagogue Having a Meal [Três Judeus da Grande Sinagoga fazendo uma Refeição] [ilustração]. Londres [entre 1756 e 1827]. 1 ilustr., p&b. <https://tinyurl.com/32hvdf95>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

BREKER, Arno. Bereitschaft [Prontidão] [Escultura]. Berlim, 1939. 1 estátua, bronze. <https://tinyurl.com/3kewccy9>.

MODERNITY and the Mediterranean. In: ART, Ideology, and Economics in Nazi Germany. [S. l.: s. n.] [ca. 2000]. p. 11. <https://tinyurl.com/ykx56u26>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

REJTHAR, Josef; VOBORSKÝ, František. VIII. Among their own in Palestine [Entre os seus na Palestina] [ilustração]. In: REJTHAR, Josef; VOBORSKÝ, František. Eduardova Odyssea [A Odisseia de Eduardo]. Praga: [s. n.], 1942. p. 11. Foto: Petr Karlíček.

ANONIMIZADO. Postagem no X[s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

O QUE significa "Sinagoga de Satanás" na Bíblia? Direção: Verum. [S. l.]: Verum, 16 maio 2023. 1 vídeo (7 min 52 s). <https://tinyurl.com/bdfx96h4>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SAND, Shlomo. A invenção do povo judeu: da Bíblia ao sionismo. Tradução de Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011. 448 p. ISBN 9788502135086. <https://tinyurl.com/2ds6jzjy>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

MENNA BARRETO, Carlos Alberto Lima. A Farsa Ianomâmi [capa de Livro, cor]. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995. <https://tinyurl.com/58cxmrx2>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* 31 de dezembro de 2023.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Ebbe und Flut [Maré Alta e Maré Baixa] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 29, p. 1, jul. 1937. Legenda original: "Was heißt hier Erholung, wo mer egal werd erinnert an die Börse" [O que significa 'relaxamento' aqui, onde sempre somos lembrados da Bolsa de Valores]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Frühling [Primavera] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 15, p. 1, abr. 1934. <https://tinyurl.com/2uccct6n>.

AL-WATAN. Israel desenha suas fronteiras finais [ilustração]. Doha: Al-Watan, 27 mar. 2006. <https://tinyurl.com/sr8nm32r>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

MALM, Andreas. A destruição da Palestina é a destruição do planeta. Tradução de n-1 edições. São Paulo: n-1 edições, 2024. 64 p. ISBN 9786581097653. <https://tinyurl.com/5b2cakzj>.

DEYAB, Ismael. Zionist Pollution [Poluição Sionista] [ilustração]. A-Sha'ab, Egito, 2 jun. 1992, p. 14.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Zäh! [Resistente!] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 37, p. 1, set. 1934. Legenda original: "Nebbich, nu hat er mich schon dreimal herausgeschmissen, nu möcht ich doch seh'n wer es länger aushält, der oder ich" [Pobre de mim, ele já me expulsou três vezes, agora quero ver quem aguenta mais, ele ou eu]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

AL-WAFD. Zionist Terrorism [Terrorismo Sionista] [ilustração]. Al-Wafd, Egito, 10 nov. 1990. In: [REFERÊNCIA DO LIVRO/COLETÂNEA DE ORIGEM]. p. 9.

AL-QUDS AL-'ARABI. Freedom Flotilla [ilustração]. Londres: Al-Quds al-'Arabi, 3 jun. 2010. <https://tinyurl.com/5rfa37vp>.

SÉRVIA. Kroz ovu šumu prošli su Jevreji [Os Judeus passaram por esta floresta] [cartaz, cor]. Belgrado: Grande Exposição Antimaçônica, 1941. <https://tinyurl.com/599xbm6m>.

AL-AHALI. Sem título [ilustração]. Cairo: Al-Ahali, 19 fev. 1992.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

6 - DUPLA LEALDADE, LEALDADE “TRIBAL” E DESLEALDADE

LA TRAHISON du Juif Dreyfus [A traição do Judeu Dreyfus]. La Libre Parole: la France aux Français!, Paris, ano 3, n. 921, 6 nov. 1894. p. 1. In: CHABAD.ORG. The Dreyfus Affair. [S. l.]: Chabad-Lubavitch Media Center, 2026. <https/www.chabad.org/library/article_cdo/aid/2995179/jewish/The-Dreyfus-Affair.htm.

VIREBEAU, Georges [Henry Coston]. Les Juifs et leurs crimes [Os Judeus e seus crimes] [ilustração]. Paris: Éditions de La Libre Parole [c. 1938]. In: CULTURIUS. Antisémitisme: une exposition didactique. [S. l.]: Culturius Magazine, out. 2023. <https://tinyurl.com/mry8fznr>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Ein Judenfreund [Um amigo de um judeu] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 12, mar. 1937. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University. <https://tinyurl.com/2h9yhtw4>.

LA DÉGRADATION d'Alfred Dreyfus [A degradação de Alfred Dreyfus] [ilustração]. Le Petit Journal, Paris, v. 6, n. 217, p. 1, 13 jan. 1895. In: WORLD HISTORY ENCYCLOPEDIA. O Caso Dreyfus e a separação entre Igreja e o Estado. [S. l.]: World History Encyclopedia, 2021. <https://tinyurl.com/4b9y7jyy>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Steuerschraube in Demokratien [Parafuso de impostos nas democracias] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 32, ago. 1937. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

A CARTOON denouncing friendship between Ukrainian nationalists and Zionists [Um cartum denunciando a amizade entre nacionalistas ucranianos e sionistas] [ilustração]. Perets, Kiev, 1981. In: *reddit*. r/PropagandaPosters: A cartoon denouncing friendship between Ukrainian nationalists and Zionists. São Francisco: *Reddit*, maio 2021. <https://tinyurl.com/y6s7a3ad>.

DER DOLCHSTOSS [A punhalada pelas costas] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [c. 1919]. In: *reddit*. r/AlternateHistoryHub: What if Hitler had targeted the Junkers as the "enemy of the state" instead of the Jewish people? São Francisco: *Reddit*, nov. 2023. <https://tinyurl.com/4ph45ecu>.

SUE, Eugène. Le Juif errant. Paris: Robert Laffont, 1983. 1152 p. (Bouquins). ISBN 978-2221011416.

BANIĆ, Milan. Masonerija i Jugoslavija [Maçonaria e Iugoslávia] [ilustração]. Belgrado: [s. n.], 1941. In: OLXba. Masonerija i Jugoslavija - Milan Banić. Sarajevo: OLX, 2026. <https://tinyurl.com/z3r7shym>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

POSTER representing the Dolchstoßlegende [Cartaz representando a lenda da punhalada pelas costas] [ilustração]. Viena: [s. n.], 1919. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Lenda da punhalada pelas costas. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/bd4a4nsa>.

clarinada: revista - folleto mensual de difusión argentina y contra propaganda roja [ilustração]. Buenos Aires: [s. n.] [c. 1937]. 1 capa de revista, cor. In: IFUNNY. *Clarinada* revista folleto mensual de difusión argentina y contra propaganda roja. [S. l.]: iFunny, 2024. <https://tinyurl.com/yt4f6p43>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X 29 de Dezembro de 2023.

AUTOR desconhecido. [Imagem gerada por inteligência artificial sem descrição original] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [s. d.]. In: X (antigo Twitter). Perfil: @[Perfil Anonimizado].

[FIGURA caricata empunhando faca ensanguentada] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [s. d.]. In: MILITARY RELIGIOUS FREEDOM FOUNDATION. More vile antisemitic hate incoming to MRFF's email: "I have a nice gas chamber for you… go ahead and tell the feds". Albuquerque: MRFF, ago. 2023. <https://tinyurl.com/5dtppcde>.

ŽENTEL, Jiří. Pozor na toho výtržníka! [Cuidado com aquele baderneiro!] [ilustração]. Dikobraz, Praga, ano 13, n. 20, p. 156, 16 maio 1957. In: VIZUALNÍ ANTISEMITISMUS. 1945–2020. Praga: Vizualní Antisemitismus, 2026. <https://tinyurl.com/mrxtetjh>.

AUTOR desconhecido. [Imagem gerada por inteligência artificial sem descrição original] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [s. d.].. In: X (antigo Twitter). Perfil: @[Perfil Anonimizado].

[FIGURA caricata fatiando mapa com a inscrição "Unidade da Nação Islâmica"] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [2024?]. In: YAMANYOON. [Título do artigo em árabe]. Saná: Yamanyoon, 2024. <https://tinyurl.com/6a8ceujn>.

UNTITLED Sem título [ilustração]. Al-Ra'i, Amã, 9 jan. 1992. In: ISRAELI CARTOON MUSEUM. Dove of Peace in Cartoons. Holon: Israeli Cartoon Museum [20--?]. <https://tinyurl.com/2d6xuru7>

DESIGNER unknown. Jevrejska Ravnoteza [Equilíbrio Judeu] [cartaz, cor]. Belgrado: [s. n.], c. 1941. In: SWANN GALLERIES. Designer unknown. The Jews' Balance [Roosevelt and Churchill]. Nova York: Swann Auction Galleries, 2026. <https://tinyurl.com/5ywcn7cw>

HERZIG, F. Dernière Bataille [A Última Batalha] [ilustração]. Algiers: [s. n.], c. 1898-1902. In: WIKIMEDIA COMMONS. Category: Stone throwing. San Francisco: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/bdd42ckz>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR desconhecido. [Imagem gerada por inteligência artificial sem descrição original] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [s. d.]. In:*Instagram* Perfil: @[Perfil Anonimizado]. .

DER HETZ- UND HASSTEUFEL [O demônio da agitação e do ódio] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 19, n. 15, abr. 1941.

[FIGURA caricata descartando cartola do Tio Sam] [ilustração]. Al-Watan, Abha, dez. 2017. In: THE *times of israel*. Influx of anti-Semitic cartoons in Arab media after Trump's Jerusalem move. Jerusalém: The *Times of Israel*, 2017. <https://tinyurl.com/yf96yfzm>

Imagem replicada em outro mural.

JUDENMANIER [Modos judeus] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 12, n. 12, mar. 1934.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

STEINER, Bernd. Deutsche Christen rettet Österreich! [Cristãos alemães, salvem a Áustria!] [cartaz, cor]. Viena: Christlichsoziale Partei (CSP), 1920. In: WIKIMEDIA COMMONS. File:Antisemitisches Wahlplakat CSP 1920.jpg. San Francisco: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/5a2z22y7>.

EIN JUDENFREUND [Um amigo de judeu] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 15, n. 11, mar. 1937.

LAZAR, Petre. Povestea toți o știm: e veche... [Todos conhecemos a história: é velha...] [ilustração]. Sfarmă Piatră, Bucareste, ano 3, n. 100, p. 1, 11 nov. 1937. In: CEEOL. The „Sfarmă Piatră” Newspaper and the Legionary Movement. Frankfurt am Main: Central and Eastern European Online Library, 2024. <https://tinyurl.com/52knztpt>.

AUBERT, Charles. Vos Gueules..! eh Judas! [ilustração]. La Voix du Peuple, Paris, n. 1, c. 1890. 1 capa de jornal, cor. In: BRIDGEMAN IMAGES. Cover of French paper 'La Voix du Peuple' n.01, c. 1890. Londres: Bridgeman Art Library, 2026. <https://tinyurl.com/5n6v5y5s>.

LENEPVEU, V. Amnistie populaire! [Anistia popular!] [ilustração]. Paris: Imprimerie Gérant, n. 35, 1900. 1 litografia, cor. (Série Musée des Horreurs). In: WIKIMEDIA COMMONS. File:Amnistie populaire - Musée des Horreurs 35.jpg. San Francisco: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/5n8s93vs>.

LA LIBRE PAROLE. Le Traître condamné [O Traidor condenado] [ilustração]. Paris, ano 8, n. 2706, 10 set. 1899. 1 capa de jornal, p&b. In: WIKIPÉDIA. Ficheiro: 18990910 Edouard Drumont and Libre Parole.jpg. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/45hrubwy>

NO ZIONISTS IN GOVERNMENT [Sem sionistas no governo] [ilustração]. In: KATHERINE WRITES. Zionist: From Movement to Slur. [S. l.]: Substack, 2024. <https://tinyurl.com/4e3yw63z>.

VIAU, Raphaël. Ces Bons Juifs! [Estes Bons Judeus!] [cartaz, cor]. Paris: A. Pierret Editeur, 1898. In: ALAMY. Affiche pour 'Ces Bons Juifs' par Raphaël Viau, 1898. Abingdon: Alamy, 2026. <https://tinyurl.com/44wcc2rd>.

RÉLINK, Karel. Nám je to jedno, kam patříme [Não nos importamos com o lugar ao qual pertencemos] [ilustração]. Smích republiky, Praga, ano 2, n. 32, p. 5, 8 ago. 1920. Foto: Petr Karlíček.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). Schau nur diese Kerle an! [Olhe só para esses caras!] [ilustração]. In: HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz*: Ein Stürmerbuch für Jung u. Alt. Nurembergue: Stürmer Verlag, 1938. In: *reddit*. *Der Giftpilz* (The Poisonous Mushroom) - all 17 images. [S. l.], 2024. <https://tinyurl.com/ye3kx5jt>.

ПОЉУБАЦ ЕНГЛЕСКОГ ЈУДЕ [O beijo do Judas inglês] [cartaz, cor]. Belgrado: [s. n.], 1941. (Série da Grande Exposição Antimaçônica.) In: INVALUABLE. Propaganda Poster WWII Anti-Semitic English Judas. Boston: Invaluable, LLC, 2026. <https://tinyurl.com/yz8czj39>.

JEAN ZAY. Dépêchons-nous, Sarfati... [Jean Zay. Depretemo-nos, Sarfati...] [ilustração]. Le Combat de Mostaganem, Mostaganem, 1938. 1 caricatura, p&b. In: ATTAL, Frédéric; GRAS, Aurélie. Le ministre et l'avocat: une caricature antisémite en Algérie coloniale. In: OPENEDITION BOOKS. La presse en Algérie au temps de la colonisation. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2026. <https://tinyurl.com/murrph6u>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

THE BETRAYAL AND ARREST OF CHRIST [A Traição e Prisão de Cristo] [Baixo-relevo]. Módena: Catedral de Módena, ca. 1180. 1 baixo-relevo, mármore. Foto de Ghigo Roli. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. p. 669, prancha 1311. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). Jewish Congress [Congresso Judeu] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, ago. 1934. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

MENSAGEM sobre tropo 6. [S. l.: s. n.] [s. d.]. WhatsApp.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

LELOUP DU MANS, Pierre. Les bourgeois de la ville parlant au Juif errant [Os burgueses da cidade falando ao Judeu errante] [estampa]. Le Mans: [s. n.], 1831. In: ALAMY. Les bourgeois de la ville parlant au Juif errant, Pierre Leloup du Mans, 1831. Abingdon: Alamy, 2026. <https://tinyurl.com/44whmjf6>.

AGENTEN DES TEUFELS [Agentes do Diabo] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, dez. 1942. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

UNA SOMBRA SOBRE LA PATRIA [Uma sombra sobre a pátria] [ilustração]. *Clarinada*: revista - folleto mensual de difusión argentina y contra propaganda roja, Buenos Aires [ca. 1937]. 1 capa de revista, cor. In: ROZENBAUM, Sami. El nazismo y su acción en América Latina. Caracas: Nuevo Mundo Israelita, 2026. <https://tinyurl.com/2s3ht24f>.

7 – DESINTEGRADOR E DEGENERADOR

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

RÉVOLUTION NATIONALE [Revolução Nacional] [cartaz, cor]. Avignon: Centre d'études anti-judéo-maçonnique [ca. 1940-1942]. In: WIKIMEDIA COMMONS. File:Revolution Nationale propaganda poster.jpg. Paris: Wikimedia Foundation, 2026. <https://tinyurl.com/57kattc9>.

CHANTECLAIRS. Noblesse de la trahison: Alfred Dreyfus [Nobreza da traição: Alfred Dreyfus] [ilustração]. La Libre Parole Illustrée, Paris, n. 92, 13 abr. 1895. Capa de jornal, cor. In: *reddit*. Propaganda Posters: Jews with sign. Nobility of Treason. Alfred Dreyfus. [S. l.]: *Reddit*, 2026. <https://tinyurl.com/4yndp8f3>.

FÜR CHRISTLICHE UND DEUTSCHE KULTUR [Pela cultura cristã e alemã] [ilustração]. Berlim: [s. n.] [ca. 1920-1930]. 1 cartão-postal, p&b. In: THE *times of israel*. The Public Jewish Identity. Jerusalém: *Times of Israel*, 2026. <https://tinyurl.com/muf44f56>.

ENTARTETE KUNST: Ausstellungsführer [Arte Degenerada: Guia da Exposição] [Capa de livreto]. Berlim: Verlag für Kultur- und Wirtschaftswerbung, 1937. 1 capa de livreto, p&b e vermelho. In: FOLHA DE S.PAULO. Arte degenerada, perseguida por Hitler, teve alvos em SP e é tema de mostra em Paris. São Paulo: Grupo Folha, 2025. <https://tinyurl.com/mruv8dpp>.

GREUELPROPAGANDA [Propaganda de horror] [ilustração]. Berlim: [s. n.] [ca. 1914-1919]. 1 gravura, p&b.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ENTARTETE MUSIK: Ausstellung [Música Degenerada: Exposição] [cartaz, cor]. Düsseldorf: [s. n.], 1938. In: RESEARCHGATE. Poster de divulgação da exposição Entartete Musik (1938), Dusseldorf. [S. l.]: ResearchGate GmbH, 2026. <https://tinyurl.com/mr3epvpf>.

KEEP AUSTRALIA WHITE [Mantenha a Austrália branca] [Adesivo]. Melbourne: [s. n.] [ca. 2023]. 1 adesivo, p&b. In: OSSERVATORIO ANTISEMITISMO. Adesivi e poster neonazisti ricoprono Melbourne. Milão: Fondazione CDEC, 2026. <https://tinyurl.com/3mcv8jdj>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

WASHINGTON DC BE LIKE [Washington DC está assim] [ilustração digital]. [S. l.]: Goyim Defence League [s.d]. In: STARECAT. Black Lives Matter black man robot Jew is controlling it. [S. l.]: StareCat, 2026. <https://tinyurl.com/2rzmb8mj>

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

[MENSAGEM DE WHATSAPP SOBRE TROPO 7]. [S. l.: s. n.] [s. d.]. WhatsApp.

ANTISEMITISM REFRAMED [Antissemitismo Reformulado] [ilustração]. Bucareste: [s. n.] [ca. 1941]. In: DUMITRU, Diana. Antisemitism Reframed: Bessarabia within the Romanian State. In: DUMITRU, Diana. The State, Antisemitism, and Collaboration in the Holocaust: The Borderlands of Romania and the Soviet Union. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/5j9ecznt>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

UNFRUCHTBAR [Infértil] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue [ca. 1935]. In: SHOUJO CAFÉ. Comentando o livro Os Soldados Judeus de Hitler. [S. l.]: Shoujo Café, 2018. <https://tinyurl.com/2jt2aud5>.

BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid [Não confie em nenhuma raposa em um prado verde e em nenhum judeu em seu juramento] [ilustração]. Nurembergue: Stürmer Verlag, 1936. In: *reddit*. German WW2 Photos: Illustrations from "Trust No Fox" (1936). [S. l.]: *Reddit*, 2026. <https://tinyurl.com/4dsf5hxt>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

DEUTSCHLAND [Alemanha] [cartaz, cor]. Alemanha: [s. n.] [ca. 1920]. In: ALAMY. Germany 1920 anti-semitism. Abingdon: Alamy, 2026. <https://tinyurl.com/ycyc7y5j>.

USA.-KRIEGSREKLAMEKITSCH [Kitsch de propaganda de guerra dos EUA] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, maio 1942. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

MAURIER, George du. "Et maintenant dors, ma mignonne!" [E agora durma, minha querida!] [ilustração]. In: MAURIER, George du. Trilby. Londres: Harper & Brothers, 1894. In: MEISTERDRUCKE. George du Maurier. Hamburgo: Meisterdrucke, 2026.<https://tinyurl.com/27pk32rp>.

CRUIKSHANK, Isaac. Salomon in seiner Glorie [Salomão em sua glória] [ilustração]. Londres: [s. n.], 1790. In: FUCHS, Eduard. Die Juden in der Karikatur: ein Beitrag zur Kulturgeschichte. Munique: Albert Langen, 1921. In: DYNASTY AUCTIONS. Die Juden in der Karikatur: a comprehensive and preliminary publication. Jerusalém: Dynasty Auctions, 2026. <https://tinyurl.com/5bv8paxw>.

LEGION DER SCHANDE [Legião da vergonha] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, ago. 1935. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

FURNICA MAGAZINE [Revista Formiga] [ilustração]. Bucareste: [s. n.] [ca. 1904-1930]. In: PICRYL. Furnica magazine topics. [S. l.]: GetArchive, 2026. <https://tinyurl.com/29wnvxka>

MALONEY, Joe. Temple of Public Education [Templo da Educação Pública] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1950]. In: WESKUS GEMEENTE. Openbaring 2:12-17: Boodskap aan Pergamus. Langebaan: Weskus Gemeente, 2024. <https://tinyurl.com/5d3xwta5>.

GELDSACK „KULTUR" [Saco de dinheiro "Cultura"] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, set. 1944. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

Postagem na plataforma X [s.d.]

Postagem na plataforma X [s.d.]

Postagem na plataforma X [s.d.]

Postagem na plataforma X [s.d.]

Postagem na plataforma X [s.d.]

Postagem na plataforma X [s.d.]

ISRAEL EXPLODING MUSLIM WORLD [Israel explodindo o mundo muçulmano] [ilustração]. [S. l.]: Fatah [ca. 2014]. In: THE *times of israel*. Cartoon on Fatah site shows Israel exploding Muslim world. Jerusalém: The *Times of Israel*, 2026. <https://tinyurl.com/3tfahpun>.

CARICATURA AL-WATAN AL-QATARIYA [Caricatura do Al-Watan Catari] [ilustração]. Doha: Al-Watan, 13 set. 2006. In: *al jazeera*. Karikatur al-Watan al-Qatariya. Doha: *Al Jazeera* Media Network, 2026. <https://tinyurl.com/2kdvtt27>.

clarinada [ilustração]. Buenos Aires: [s. n.] [ca. 1930-1939]. In: *reddit*. Propaganda Posters: Propaganda images from an Argentinian magazine in the 1930s. [S. l.]: *Reddit*, 2026. <https://tinyurl.com/2r3t4c5n>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

À L'ÉDUCATION NATIONALE [Na Educação Nacional] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1940-1944]. In: DYNASTY AUCTIONS. Auschwitz Flowers: Album of drawings by Zinowij Tolkaczew. Jerusalem: Dynasty Auctions, 2026. <https://tinyurl.com/35usysnt>.

FLÜSTER-AGITATION [Agitação por sussurro] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, out. 1944. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

DER RASSENMORD [O Assassinato Racial] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue [ca. 1935]. In: ALEXANDER HISTORICAL AUCTIONS. *Der Stürmer*. Chesapeake City: Alexander Autographs, 2026. <https://tinyurl.com/w76ss4a6>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

8 – IMORALIDADE, MISANTROPIA E VINGANÇA

CARICATURA antissemita de Aaron, Filho do Diabo. Essex, 1277. 1 ilustração. In: The National Archives. Kew, Richmond [202-]. <https://tinyurl.com/yc2yupxa>.

DAS GOLDENE KALB (O Bezerro de Ouro). Nurembergue: *Der Stürmer*, n. 33, ago. 1940. 1 ilustração. Tradução e notas de rodapé em inglês inclusa.

DAS DENKMAL des Friedenswillens (O Monumento à Vontade de Paz). Nurembergue: *Der Stürmer*, n. 25, jun. 1939. 1 ilustração. Tradução e notas de rodapé em inglês inclusas [202-].

MOOR, Dmitry. Самый старый из богов (O mais antigo dos deuses) [cartaz, litografia, cor, 104x73cm]. Moscou: Bezbozhnik u Stanka, 1928.

DER STINGY Jew (O Judeu Avarento). Nurembergue: *Der Stürmer* [193-]. 1 ilustração. In: YAD VASHEM. Jerusalém [202-]. <https://tinyurl.com/32hzaa47>.

KEUCHENIUS, P. E. Uit den Talmoed (Do Talmud). Amsterdã: Uitgeverij Westland, 1942. 1 capa de livro, ilustração. Ilustrado por Claudius. In: NIOD Instituut voor Oorlogs-, Holocaust- en Genocidestudies. Amsterdã [202-]. <https://tinyurl.com/3ybkjfxe>

POZNAJ ŻYDA: Talmud i dusza żydowska [Conheça o Judeu: (O Talmud e a alma judaica)] [capa de panfleto, ilustração]. Varsóvia: [s. n.] [193-]. In: Muzeum Historii Żydów Polskich POLIN. Varsóvia [202-]. <https://tinyurl.com/4aekthsh>.

clarinada: Revista anti-comunista y anti-judía. Buenos Aires, n. 128, dez. 1943. 1 capa de revista, ilustração. Ilustrado por Delponti.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

KICHKO, Trofim Koronovich. Бен-Гуріон за роботою (Ben-Gurion no trabalho). Kiev: Academia de Ciências da República Socialista Soviética da Ucrânia, 1963. 1 ilustração, p. 108. In: Иудаизм без прикрас (O Judaísmo sem Adornos). Tradução e notas explicativas em inglês inclusas [202-].

CITAÇÕES forjadas atribuídas ao Talmud. [S. l.: s. n.] [202-]. 1 ilustração (captura de tela).

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

JUDEN am Rechentisch (Judeus na mesa de cálculo). In: NÜRNBERGER Chronik (Crônica de Nurembergue). Nurembergue: Anton Koberger, 1493. 1 gravura em xilografia, p. 240. In: Adobe Stock. <https://tinyurl.com/2dzvb5xr>.

THE WORSHIP of the Golden Calf (O Culto ao Bezerro de Ouro). In: VELISLAV Bible (Bíblia de Velislav). Praga [ca. 1325-1349]. 1 iluminura, manuscrito pictórico, f. 41r. In: National Library of the Czech Republic (Biblioteca Nacional da República Tcheca). Praga [202-].

LUTHER, Martin. Von den Jüden vnd jren Lügen (Sobre os Judeus e Suas Mentiras). Wittenberg: Hans Lufft, 1543. 1 folha de rosto, xilografia. In: MUSEUM of Jewish Heritage. Nova York [202-]. <https://tinyurl.com/ynspbd6k>

ŽIDOVSKÉ ZLOČINY neuveřejněné v novinách (Crimes judeus não publicados nos jornais)[panfleto, ilustração]. Praga: Národně-vzdělávací institut (Instituto Nacional de Educação) [ca. 200-]. In: MAREŠ, Miroslav. Right-Wing Extremist Antisemitism in the Czech Republic. In: ORGANIZATION for Security and Co-operation in Europe (OSCE). Varsóvia, 2009. p. 4.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AL-MOHANNADI, Saad. الإعلام الصهيوني بذكاء (As mentiras da mídia sionista). Doha: Al-Watan [202-]. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/yc79tm8d>.

COURTET, Émile. Les qualités du Juif d'après la méthode de Gall (As qualidades do judeu segundo o método de Gall). La Libre Parole Illustrée, Paris, v. 1, n. 24, 23 dez. 1893. 1 capa de revista, litografia cor. In: MUSEE d'Art et d'Histoire du Judaïsme. Paris [202-]. <https://tinyurl.com/4tsxve7s>.

THE IDOL of the Golden Calf (O Ídolo do Bezerro de Ouro). In: SUMMA de viciis (Tratado sobre os Vícios) ou BÍBLIA de Velislav [atribuição correlata]. Europa Central [ca. 1325-1350]. 1 iluminura, manuscrito pictórico. In: COLLECTION of Medieval Manuscripts.

DAS DENKMAL des Friedenswillens (O Monumento à Vontade de Paz). *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 17, n. 25, jun. 1939. 1 ilustração, xilografia cor. In: THE GERMAN Propaganda Archive. Calvin University [202-]. <https://tinyurl.com/5yu8uvfu>

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

DANAS idu zajedno plutokratija i boljševizam a iza kojih stoje Jevreji (Hoje a plutocracia e o bolchevismo vão juntos, e atrás deles estão os judeus) [cartaz, litografia, cor]. Belgrado: [s. n.], 1941. In: SERBIAN WWII Propaganda Poster Collection. United States Holocaust Memorial Museum (USHMM). Washington, D. C. [202-].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

MOOR, Dmitry (Dmitry Stakhovich Orlov). Самый старый из богов (O Mais Velho dos Deuses) [fotografia, litografia, cor]. Безбожник (O Ateu), Moscou, v. 7, n. 21, nov. 1928. In: SOVIET POLITICAL Poster Collection. Digital Public Library of America (DPLA).

TALMUDISCHER HASS (Ódio Talmúdico). *Der Stürmer*: Deutsches Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit, Nurembergue, v. 20, n. 19, maio 1942. 1 charge política com poema satírico, impressão tipográfica em P&B. In: WIENER HOLOCAUST LIBRARY Collection. Londres.

TALMUDGEBET (A Oração do Talmud). *Der Stürmer*: Deutsches Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit, Nurembergue, v. 16, n. 29, p. 1, jul. 1938. 1 capa de periódico, ilustração litográfica com intervenção de cor digital posterior. In: WIENER HOLOCAUST LIBRARY Collection. Londres.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SÁTIRA EDITORIAL sobre a fabricação de desinformação baseada no Talmud. [S. l.: s. n.] [ca. 2010-2020]. 1 charge digital, ilustração cor. In: DIGITAL MEDIA MONITORING and Discourse Analysis Database.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

АНТИСЕМИТСКИЙ ПЛАКАТ (Cartaz Antisemítico da Ocupação: Fique em Alerta!) [fotografia, litografia, cor (fundo vermelho e figuras em P&B/amarelo)]. Белград: [s. n.], 1941. In: SERBIAN WWII PROPAGANDA Collection. Historical Museum of Serbia. Belgrado.

MALÁK, Jaroslav. Důl Obránců míru... (A Mina dos Defensores da Paz...). Dikobraz, Praga, v. 13, n. 10, p. 80, mar. 1957. 1 charge editorial, impressão offset cor sobre papel jornal (Reprodução fotográfica por Blanka Soukupová). In: INSTITUTE OF CONTEMPORARY HISTORY Collection. Academia de Ciências da República Tcheca. Praga.

FIPS (pseudônimo de Philipp Rupprecht). Wir vergessen nicht (Nós não esquecemos). *Der Stürmer*: Deutsches Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit, Nurembergue, v. 13, n. 26, p. 1, jun. 1935. 1 capa de periódico, ilustração em clichê com corização digital (rosa e amarelo) e tradução anglófona sobreposta em bloco inferior. In: THE HOLOCAUST HISTORIOGRAPHY Archive. Londres.

THE DEATH GAME (O jogo da morte). Al-Ahram, Cairo, 1 mar. 1994. 1 charge editorial, reprodução fotomecânica em traço P&B. In: CARICATURES OF THE *middle east* CONFLICT Collection. p. 9.

AL-RAI (O Pensamento). الفيتو الأمريكي (O Veto Americano). Amã: Al-Rai Newspapers [ca. 2000-2010]. 1 charge editorial, ilustração digital corida. In: *middle east* EDITORIAL CARTOONS and Political Discourse Collection.

BRUCKMANN, Peter Alexander (artista europeu, baseado em seu trabalho original). Shylock demanding his pound of flesh while Portia pleads for mercy (Shylock exigindo sua libra de carne enquanto Pórcia implora por misericórdia). Rus-American Magazin, Chicago, 12 jan. 1936. 1 ilustração em meio-tom P&B, baseada em pintura a óleo do século XIX, acompanhada por legenda bilíngue (inglês e alemão). In: LITERARY TROPES IN POPULAR MEDIA Archive.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

H (monograma do artista/ilustrador). Deutsches Volk! Willst du diesem Schicksal entrinnen... (Povo Alemão! Se você quer escapar deste destino...) [panfleto de propaganda eleitoral, p&b.]. Berlim: [s. n.], 1919. In: WEIMAR REPUBLIC POLITICAL EPHEMERA Collection. p. 14.

FIPS (pseudônimo de Philipp Rupprecht). Vorsicht! (Cuidado!). *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 12, n. 39, p. 1, set. 1934. 1 caricatura editorial, impressão corida (uso político de amarelo, azul e rosa). In: NATIONAL SOCIALIST PROPAGANDA Collection.

FIPS (pseudônimo de Philipp Rupprecht). Ci sono ebrei onesti? (Existem judeus honestos?). Tradução italiana de *Der Giftpilz* (O Cogumelo Venenoso). Nurembergue: Stürmer-Verlag, 1938. 1 ilustração corida, p. 44 (reprodução digital contemporânea). In: PROPAGANDA AND INDOCTRINATION IN CHILDREN'S LITERATURE Archive.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. .

DOLGORUKOV, Nikolai Andreevich. Вредная стряпня (Culinária Prejudicial). Крокодил (Krokodil), Moscou, n. 6, p. 16 (capa traseira), 28 fev. 1953. 1 charge editorial, litografia corida. In: SOVIET SATIRICAL PRESS ARCHIVE. State Historical Museum. Moscou.

FIPS (pseudônimo de Philipp Rupprecht). Im Zeichen Judas (Sob o Signo de Judas). *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 14, n. 47, capa, nov. 1936. 1 caricatura editorial, impressão em tricromia (preto, vermelho e branco). In: NATIONAL SOCIALIST PROPAGANDA Collection.

ANÓNIMO. Xilogravura sobre a execução de judeus acusados de profanação de hóstias em Passau em 1478. In: SCHEDEL, Hartmann. *Liber Chronicarum* (Crónicas de Nurembergue). Nurembergue: Anton Koberger, 1493. 1 xilogravura em traço P&B, p. 254v.

9 - MENTIRA, ENGANO, INFILTRAÇÃO E SIMULAÇÃO

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

O CAVALO de Troia sionista [ARTIGO]. Folha de S.Paulo, São Paulo, jun. 2025. Opiniao. In: FOLHA DE S.PAULO. O cavalo de Troia sionista. São Paulo: Grupo Folha, 2025. <https://tinyurl.com/48shh52a>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

KOPFLOS [Sem cabeça] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, mar. 1939. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

THE REAL REPTILE [O réptil real] [ilustração]. In: THE AMERICAN ISSUE. Westerville, OH: Anti-Saloon League of America [ca. 1919]. <https://tinyurl.com/v9r6k4sr>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Faschingsgedanken [Pensamentos de Carnaval] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue [ca. 1930-1940]. In: ALAMY. Drawing by Fips. [S. l.]: Alamy, 2026. <https://tinyurl.com/46zvyrw7>.

EIN FRANZOSE ENTLARVT DAS WELTJUDENTUM [Um francês desmascara o judaísmo mundial] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1938-1941]. In: JUNG, Jacqueline E. The Gothic Screen: Sculpture, Space, and Community in the Cathedrals of France and Germany, ca. 1200–1400. Cambridge: Cambridge University Press, 2026. <https://tinyurl.com/3j9zxkr3>.

DER JUDE ALS MESMERISEUR [O Judeu como Mesmerizador] [ilustração]. In: DER PESTHAUCH [O Hálito Pestilento]. [S. l.: s. n.] [ca. 1930-1945]. <https://tinyurl.com/4av4sdpc>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

KERSHINA, Yu. Izrail'skiy "zhalobshchik" v OON i yego oruzhiye [O "queixoso" israelense na ONU e sua arma] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1967-1975]. In: MUSEUM OF DANISH RESISTANCE. The end of the masks. Copenhagen: National Museum of Denmark, 2026. <https://tinyurl.com/ye2yp6f5>.

KUKRYNIKSY [Mikhail Kupriyanov; Porfiry Krylov; Nikolai Sokolov]. BEZ MASKI [Sem Máscara] [ilustração]. Moscou: Iskusstvo [ca. 1953]. In: TOPWAR. Kukryniksy: mastera plakatno-karikaturnoj propagandy. [S. l.]: Topwar.ru, 2026. <https://tinyurl.com/mdfcjcz6>.

AL-AHRAM [ilustração]. Cairo: Al-Ahram, ago. 1997. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Egyptian Cartoons: Netanyahu Equated with Hitler. [S. l.]: American-Israeli Cooperative Enterprise (AICE), 2026. <https://tinyurl.com/3s2s4svd>

A MASK of a Jew [Uma máscara de judeu] [Objeto]. 2016. Gaze e elástico, 25 cm. Coleção particular de Zbyněk Tarant. Fotografia de Petr Zinke. In: VIZUÁLNÍ ANTISEMITISMUS. [S. l.]: IAH CAS, 2020. <https://tinyurl.com/mrxtetjh>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

HOW DO YOU DO, fellow white people? [Como vão vocês, companheiros brancos?] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 2020-2022]. In: *Reddit*. TheRightCantMeme: How do you do fellow whites. [S. l.]: *Reddit*, 2022. <https://tinyurl.com/ya4bsv82>.

UNIT 8200 mask [A máscara da Unidade 8200] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 2023-2024]. In: *reddit*. r/AntiSemitismIn*Reddit*: r/enfantsrichesdeprime no words. [S. l.]: *Reddit*, 2024. <https://tinyurl.com/4kd4rpum>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

TRUMP MASK [A máscara de Trump] [ilustração]. [S. l.: s. n.], 2025. In: SCHEERPOST. Unquestionably an act of war: Trump declares naval blockade against Venezuela. [S. l.]: ScheerPost, 2025. <https://tinyurl.com/2tmerrux>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X 4 de dezembro de 2023

NAMING IS HALF THE BATTLE [Nomear é metade da batalha] [GIF]. [S. l.: s. n.] [ca. 2021]. 1 GIF, cor. In: TENOR. [S. l.]: Tenor LLC, 2021. <https://tinyurl.com/yryzyv7v>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

NEO-NAZI groups march in Florida [Grupos neonazistas marcham na Flórida] [fotografia, cor]. Flórida, EUA, 2023. In: NEWSI. Tag: Jewish Communities. [S. l.]: Newsi.co.za, 2023. <https://tinyurl.com/4em4ascb>.

ANTI-JEWISH signs [Sinais antijudaicos] [fotografia, p&b]. Berlim: Associated Press, 1938. In: RADIO FREE EUROPE / RADIO LIBERTY. The 'Jude' Signs Of Nazi Germany. [S. l.]: RFE/RL, 2013. <https://tinyurl.com/4ywd7c4d>.

ACHTUNG - JUDE! [Atenção - Judeu!] [ilustração]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: [s. n.] [ca. 1933-1945]. In: ALAMY. Racist Caricature. [S. l.]: Alamy, 2026. <https://tinyurl.com/y5yzd2az>.

POZOR! [Vergonha!] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1960-1970]. In: MUSEUM OF DANISH RESISTANCE. Digital Collections. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/658hpym9>.

JACQUOT, Michel. Les Juifs assassinent dans l'ombre: Marquons-les pour les reconnaître! [Os judeus assassinam na sombra: marquemo-los para reconhecê-los!] [cartaz, cor, 120 x 80 cm]. Paris: Institut d'Études des Questions Juives [1941-1942]. In: ALAMY. World War II Anti-Semitic "Jews kill in the shadows. Mark them to recognize". [S. l.]: Alamy, 2026. <https://tinyurl.com/yu366ty5>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X 10 de julho de 2025.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

IN ÄRGSTEN Wirrwarr brachte er die Welt... [No mais terrível caos ele trouxe o mundo...] [ilustração]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: [s. n.], jul. 1938. <https://tinyurl.com/mr5y2ju5>.

NO TENGAMOS miedo de nombrarlos [Não tenhamos medo de nomeá-los] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 2024-2026]. In: *reddit*. r/BiteByNight. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/y2fnmzxj>.

BRASÃO de armas de Judenburg [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 2000]. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Judenburg. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. <https://tinyurl.com/8pwbbarh>.

ZACARIAS [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1100-1200]. In: MASTODON. @cycling_on_rails. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/yd6wh35x>.

CODEX Balduini Trevirensis [Códice de Balduíno de Tréveris] [ilustração]. Trier/Koblenz: [s. n.] [ca. 1340]. In: TARANT, Zbyněk. Visual Antisemitism: The History and Morphology of an Enduring Phenomenon. [S. l.]: Academia.edu, 2026. <https://tinyurl.com/48bbkbur>.

L'HISTOIRE des Juifs du Pape [A história dos judeus do Papa] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1200-1300]. In: DESTINATION LUBERON. Les Juifs du Pape. Cavaillon: Destination Luberon Coeur de Provence, 2026. <https://tinyurl.com/3kdfbx3s>.

FIEDLER, Philipp. Wie seht ihr den Unterschied? [Como vêem a diferença?] [ilustração]. In: HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz* [O Cogumelo Venenoso].

Nurembergue: Stürmerverlag, 1938. In: United States Holocaust Memorial Museum. Page from "The Poisonous Mushroom". Washington, DC: USHMM, 2026. <https://tinyurl.com/3uzsefuk>.

LE JUIF ERRANT [O Judeu Errante] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1400-1500]. In: LAS COSAS QUE NUNCA EXISTIERON. El Judío Errante. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/mrxvekav>.

CODEX Balduini Trevirensis [Códice de Balduíno de Tréveris] [ilustração]. Trier/Koblenz: [s. n.] [ca. 1340]. In: KAN KAN. KDH1404. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/4deb9khe>.

JUDENPATENT [Patente dos Judeus] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1500-1600]. In: WIKIPEDIA: la enciclopedia llibre. Ficheru: Judenpatent 2.jpg. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. <https://tinyurl.com/32vh9upa>.

A JEWISH man from Worms, Germany [Um homem judeu de Worms, Alemanha] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1500-1600]. In: SINGER, Shmuel. The "Yellow Badge" in History: A Symbol of Discrimination and Resilience. [S. l.]: ResearchGate, 2026. <https://tinyurl.com/mbucs35r>.

AN EMBROIDERED Jewish Star Holocaust Armband [Uma braçadeira bordada da Estrela Judaica do Holocausto] [Objeto]. [S. l.: s. n.], 1939. 1 braçadeira, tecido bordado. In: DANIELLE ELIZABETH ANTIQUES. Auction Lot. Queensland: Danielle Elizabeth, 2026. <https://tinyurl.com/3rk9p878>.

PROUD Jude & Jewish support stickers [Orgulho Judeu e adesivos de apoio] [Objeto]. [S. l.: s. n.] [ca. 2024]. 1 adesivo, cor. In: ETSY. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/bfuzdz6r>.

PATCH da Estrela Judaica de David em campos de concentração [Objeto]. Paris: [s. n.] [ca. 1940-1944]. 1 patch, tecido bordado, cor. In: DREAMSTIME. Paris, França: Jewish Star na Alemanha, o conceito do genocídio dos Judeus. [S. l.]: Dreamstime, 2026. <https://tinyurl.com/33ayb5f4>.

JOOD [Judeu] [Objeto]. [S. l.: s. n.] [ca. 1941-1945]. 1 patch, tecido estampado, cor. In: ANICHE, Roberto. Esconderijo. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/4sschtbc>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

RASSENSCHANDE [Desonra Racial] [ilustração]. Ilustração de Fips (Philipp Rupprecht). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: [s. n.], n. 14, abr. 1934. <https://tinyurl.com/4sschtbc>.

DISNEY [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 2023-2026]. In: LAS COSAS QUE NUNCA EXISTIERON. El Judío Errante. [S. l.: s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/mrxvekav>.

TOLDOT Yeshu [História de Jesus] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1400-1500]. In: ORA JHA EMETH. Toldot Yeshu: version italiana. [S. l.: s. n.], 2015. <https://tinyurl.com/mwn76aux>.

UN BON Français... [Um bom francês...] [ilustração]. Paris: I.G.I. Mazeyrie, 1941. 1 folheto, p&b. In: YONNE 3945. Un bon français: propagande antisémite & franc-maçonnerie, 1941. [S. l.: s. n.], 2015. <https://tinyurl.com/3jsrnr49>.

DIE Judennase ist an ihrer Spitze gebogen [A ponta do nariz judeu é curvada] [ilustração]. Ilustração de Fips (Philipp Rupprecht). In: BAUER, Ernst. *Der Giftpilz* [O Cogumelo Venenoso]. Nurembergue: Stürmer Verlag, 1938. <https://tinyurl.com/t8vzy9mt>.

KATHOLIK wurde ich aus Geschäftsrücksichten [Tornei-me católico por considerações de negócios] [ilustração]. Ilustração de Fips (Philipp Rupprecht). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: [s. n.], n. 4, jan. 1936. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

WAGNERSHOFAR [O Shofar de Wagner] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1870-1880]. In: WIKIMEDIA COMMONS. File: Wagnershofar.jpg. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. <https://tinyurl.com/rtkr8r89>.

DIE 5 Frankfurter [Os 5 de Frankfurt] [cartão-postal, cor]. [S. l.: s. n.] [ca. 1905]. In: WIKIMEDIA COMMONS. File: Die-Fünf-Frankfurter-1905-2.jpg. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. <https://tinyurl.com/5yap645j>.

WHEN Doing Business... Never Forget [Ao fazer negócios... Nunca esqueça] [ilustração]. In: WHITE ARYAN RESISTANCE (WAR) [Jornal]. [S. l.]: Metzer, set. 1996. Coleção: Florida Regional Office, Anti-Defamation League. <https://tinyurl.com/3azzmd2v>.

JUD Süß [O Judeu Süss]. Direção: Veit Harlan. Produção: Terra Filmkunst. Berlim: [s. n.], 1940. 2 fotogramas, p&b. In: SINGER, Marc. The Jew Süss (1940): the money changer from the Frankfurt Ghetto takes on the appearance of a proper German nobleman... [S. l.: s. n.], 2026. 1 slide, cor. <https://tinyurl.com/3azzmd2v>.

DER ewige Jude [O Judeu Eterno]. Direção: Fritz Hippler. Produção: Deutsche Filmanstalt. Berlim: [s. n.], 1940. 2 fotogramas, p&b. In: SINGER, Marc. Before and after, from the film The Eternal Jew (1940): The authentic Jew next to his double... [S. l.: s. n.], 2026. 1 slide, cor. <https://tinyurl.com/3azzmd2v>.

POLLONNAIS baptisé [Polonês batizado] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1890-1900]. In: WIKIMEDIA COMMONS. File: Pollonnais baptisé - caricature antisémite.jpg. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2026. <https://tinyurl.com/m2tjk44s>.

MOSKAU [Moscou] [ilustração]. Ilustração de Fips (Philipp Rupprecht). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: [s. n.], n. 18, maio 1938. Legenda original: *Der Jude ist die Lüge / Was von ihm kommt ist Trug* [O Judeu é a mentira / O que vem dele é engano]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

[O SOLDADO e o Diplomata] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1960-1970]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE (ADL). Archive of Anti-Semitic and Anti-Israel Imagery. New York: ADL, 2026. <https://tinyurl.com/dx4fszb2>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s.d.]

10 - GANÂNCIA, AVAREZA E PARASITISMO

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

FRANÇA. Grandes Crônicas de França: Filipe IV, o Belo, expulsa os judeus do Reino de França em 1306 [Iluminura]. Paris: Biblioteca Nacional de França [s.d.]. MS fr. 2813, fol. 321v. <https://tinyurl.com/3c9t3um6>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

MESTRE DE EGREVILLE. O Beijo de Judas [Iluminura]. In: Livro de Horas para o uso de Paris. Paris [c. 1440-1450]. MS M.1004, fol. 135r. <https://tinyurl.com/5a4sz97r>.

EXPULSÃO dos vendilhões do Templo [ilustração]. [S.l.: s.n.] [s.d.]. Original em vitral medieval. <https://tinyurl.com/y9xkhws2>.

LEVI, Dov Gilvanci. Princípios judaicos para a prosperidade financeira: 18 passos para qualquer pessoa superar a escassez, criar uma reserva sólida e alcançar a liberdade financeira. 2. ed. São Paulo: Gente Autoridade, 2024. <https://tinyurl.com/58zch2cc>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ALSÁCIA. Cena de transação financeira no manuscrito medieval [Iluminura]. In: THE COLLECTOR. The Long and Complex History of Judaism in Alsace. [S.l.], 22 dez. 2023. <https://tinyurl.com/25akvakp>.

DA VINCI, Leonardo. A Última Ceia [Aparência de Judas Iscariotes] [Afresco]. Milão: Refeitório de Santa Maria delle Grazie, 1495-1498. 1 detalhe de afresco, cor. <https://tinyurl.com/3sxyd99v>.

CENA de usura medieval [ilustração]. [S.l.: s.n.] [s.d.]. Original em gravura de manuscrito medieval. <https://tinyurl.com/3tmba8yb>.

JEWISH SOCIETY OF AMERICANISTS (JSA). Newsletter Logotype [Logotipo]. Belmont, MA: JSA [c. 1966]. <https://tinyurl.com/y3fh857x>.

FIEDLER, Willi. O mascate [ilustração]. In: HIEMER, Ernst. *Der Giftpilz* [O Cogumelo Venenoso]. Nurembergue: Stürmer Verlag, 1938. p. 32. <https://tinyurl.com/27t8wt8c>.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). His Misery or Wailing: "One branch after another go bankrupt" [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 16, n. 21, maio 1938. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

IN KREUZ AUF DER WELT! [Um Cruzamento no Mundo!] [cartão-postal, cor] .Viena: [s.n.], c. 1910. <https://tinyurl.com/yc2m84cd>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* 21 de outubro de 2025.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

MORTIMER, John Hamilton. Shylock: from The Merchant of Venice, Act IV, Scene 1 [Gravura]. Londres: J. Mortimer, 15 mar. 1776. 1 gravura, p&b. Parte da série Twelve Etchings of Characters from Shakespeare. <https://tinyurl.com/5n6v6mdj>.

HATZAD HASHENI. ¿Cuáles son los tipos de Hasbará y las líneas argumentales más recurrentes? [Vídeo]. *YouTube*, 25 fev. 2017. 1 vídeo (11 min 08 s). <https://tinyurl.com/3brsze5c>.

A VACA ROMÊNIA [ilustração]. Romênia: [s.n.] [c. 1900]. Publicada originalmente em periódico satírico romeno. <https://tinyurl.com/5bdht7z4>.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). Das goldene Kalb [O Bezerro de Ouro]: Although the

world is in misery, the Jew only knows one thing: the money [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 21, n. 47, nov. 1943. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

VOBORSKÝ, František. Tak k nám přicházeli... a tak se do zahraničí vraceli [Assim eles chegavam até nós... e assim eles voltavam para o exterior]. České slovo, Ostrava, v. XIV, 5 abr. 1942. Foto: Petr Karlíček.

NIENASYCONA MNIEJSZOŚĆ [Minoria Insaciável]: Malo... buuu... Czego ci znów malo? [Pouco... buuu... O que ainda é pouco para você?]. Polônia: [s.n.] [c. 1930-1939]. Publicada originalmente em periódico de propaganda nacionalista polonesa.

BIZHANI, Maziar. Untitled [Charge sobre a exploração de petróleo] [ilustração]. Teerã: https://www.google.com/search?q=HolocaustCartoons.com, 2007. <https://tinyurl.com/58btk7c6>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

RUPPRECHT, Philipp (Fips). Geröntgte Plutokratie [Plutocracia Radiografada]: They may still show off big-time over there to live like a king in golden gleam [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 18, n. 34, ago. 1940. <https://tinyurl.com/2wt73x28>.

NE ZABUVAYTE TS'OHO NIKOLY [Nunca esqueça disto: os judeus são o pior inimigo do povo ucraniano!] [ilustração]. Ucrânia: [s.n.] [c. 1941-1943]. Publicado originalmente como cartaz de propaganda durante a ocupação nazista. <https://tinyurl.com/2my825m9>.

DANELL. Ein Pferd, ein Königreich für ein neues Pferd! [Um cavalo, um reino por um novo cavalo!] [ilustração]. Lustige Blätter, Berlim, n. 52, 24 dez. 1940. <https://tinyurl.com/mr3ntdt5>.

OAK, M. G. Untitled [Charge sobre a obesidade e acumulação] [ilustração]. [S.l.: s.n.] [c. 2010-2018]. <https://tinyurl.com/yw64a6r4>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

DINTER, Artur. Die Sünde wider das Blut [O pecado contra o sangue]: Ein Zeitroman [cartaz, p&b]. Leipzig: Matthes & Thost Verlag, 1918. Reproduzido em FUCHS, Eduard. Die Juden in der Karikatur: Ein Beitrag zur Kulturgeschichte. Munique: Langen, 1921. p. 39, prancha 303. <https://tinyurl.com/3pvk8zau>.

BAUER, Elvira. Hofbäuerin, heut' hab' ich für dich was Besonderes... [Mulher do fazendeiro, hoje tenho algo especial para você...] [ilustração]. In: BAUER, Elvira. Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid. Nurembergue: Stürmer Verlag, 1936. p. 7. <https://tinyurl.com/9s8v6ujj>.

ROWLANDSON, Thomas. Raising the Wind [Levantando o vento] [ilustração]. Londres: Thomas Tegg, 1805. 1 gravura, corida à mão, 32,7 x 23,2 cm. Original no Metropolitan Museum of Art (Nova York). <https://tinyurl.com/yr6f3ctp>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no X [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no X [s.d.]

FELTON, Greg. The Host and the Parasite: How Israel's Fifth Column Consumed America. 2. ed. [S.l.]: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2010. 522 p. <https://tinyurl.com/yxs7xft5>.

STEPINN, Efim. My mirnye poselentsy! [Nós somos colonos pacíficos!] [ilustração]. Krokodil, Moscou, n. 25, set. 1970.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

FIPS (Philipp Rupprecht); KOREN, Victor. Aus der plutokratischen Wüstenei [Do deserto plutocrático] / O abutre com capacete [Ilustrações]. In: Bytensky, B. Sowjetische antizionistische Karikaturen [Caricaturas antissionistas soviéticas]. [S.l.: s.n.] [c. 1970]. 2 ilustrações, p&b. Reproduzido de: *Der Stürmer* (1942) e *Izvestia* (1971).

ALEMANHA. Oberkommando der Wehrmacht. Der Jude als Weltparasit [O judeu como parasita mundial]: Richthefte des Oberkommandos der Wehrmacht. Berlim: NS-Führungsstab der Wehrmacht, 1944. Heft 7. 1 capa de livreto, p&b. <https://tinyurl.com/mrxs66py>.

COHN, Norman. El mito de la conspiración judía mundial: los protocolos de los sabios de Sión. Madri: Alianza Editorial, 2010. 336 p. (Colección Historia). Tradução de: Warrant for Genocide. <https://tinyurl.com/3n7rnm4n>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

LOCUST!! [Gafanhoto!!] [ilustração]. Al-Gumhuria, Egito, 5 abr. 1990.

MACQUOT. Français! Au Secours! [Franceses! Socorro!] [cartaz, cor]. Paris: Institut d'Étude des Questions Juives [c. 1941]. <https://tinyurl.com/45pxpc6r>.

BARRITT, Leon. Greed [Ganância] [ilustração]. Vim, Nova York, v. 1, n. 2, p. 8-9, 1898. <https://tinyurl.com/2d3jy64j>.

CANGARUBIM. Juiz barra sangria de mais de R$ 8 milhões no IPER [ilustração]. Blog Cangarubim, Boa Vista, 24 fev. 2012. <https://tinyurl.com/whs33nvc>.

ÍCONES da exclusão: charges e seus simbolismos como instrumento antissocial [ilustração]. Por Dentro da África [S.l.], 15 nov. 2017. <https://tinyurl.com/582zbfkh>.

MUH SHEKELS [Meus shekels] [ilustração]. In: HATEPEDIA: guia de símbolos e termos de ódio. [S. l.]: Toronto Holocaust Museum [202-?]. <https://tinyurl.com/32833yc2>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no X [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no X [s.d.]

ZINKE, Petr. Statuette of a Jew with a coin purse [Estatueta de um judeu com uma bolsa de moedas] [fotografia, cor]. In: HAUSER, Jakub. Obrazy nenávisti [Imagens do ódio]. [S. l.]: iLiteratura.cz, 22 ago. 2021. <https://tinyurl.com/r92mh6hf>.

CARTÃO-POSTAL francês antissemiat [ilustração]. In: *tablet magazine*. Nova York: *Tablet Magazine* [20--?]. <https://tinyurl.com/2webuk3f>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* 22 de julho de 2025

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Sein Rebbach [O lucro dele] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 51, dez. 1931. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [20--?]. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

11 - DESUMANIDADE E REPULSIVIDADE

ANÔNIMO. O polvo do monopólio dos transportes públicos. [S. l.: s. n.] [ca. 1900-1920]. 1 charge editorial, clichê em traço P&B. In: HISTORICAL LABOR AND MONOPOLY CARTOONS Collection. Archive of Social History.

ANÔNIMO. Profile des Krieges (Perfis da Guerra). *Der Stürmer*: Deutsches Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit, Nurembergue, v. 22, n. 4, p. 1 (capa), jan. 1944. 1 ilustração de capa, litografia em quadricromia (uso político de verde, rosa, azul e preto) com tradução anglófona sobreposta digitalmente em blocos marginais. In: THE HOLOCAUST HISTORIOGRAPHY Archive. Londres.

ANÓNIMO. Der Deutsche ist ein stolzer Mann... (O Alemão é um homem orgulhoso...). In: Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid (Não confies em nenhuma raposa num prado verde...). Nurembergue: Stürmer-Verlag, 1936. Ilustração corida, p. 6 (reprodução digital contemporânea). In: PROPAGANDA AND INDOCTRINATION IN CHILDREN'S LITERATURE Archive.

ANÔNIMO. Der Jude ein Bastard (O Judeu um Bastardo). Berlim: [s. n.], ca. 1933-1935. 1 painel de projeção didática / cartaz de exposição antropológica, fotografia e fotocomposição em traço P&B. In: NATIONAL SOCIALIST RACIAL POLICY AND PSEUDOSCIENCE Digital Collection. Archives of the Reich Ministry of Public Enlightenment and Propaganda.

ULLSTEIN BILD. Panfleto racial nazista comparando as características físicas de um garoto "ariano" (à esquerda) e de um garoto judeu (à direita) [fotografia, p&b]. [entre 1930 e 1945]. Acervo Granger Historical Picture Archive, n. 0088922. <https://tinyurl.com/y6xttw46>.

B'NAI BRITH CANADA. Cartaz com caricatura antissemita exibido durante manifestação em Toronto, com os dizeres "Has Iran stopped?" [fotografia]. 2026. <https://tinyurl.com/595a6kx4>.

LEWIS, E. G. Shylock, from Merchant of Venice. 1863. 1 aquarela. Acervo Folger Shakespeare Library, Washington, D.C. <https://tinyurl.com/29nuy6bd>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

"VYZNANNIA ZHYDIV". Capa do panfleto de propaganda antissemita ucraniano [ilustração, p&b.]. Berlim: [ca. 1941-1944]. Acervo United States Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C., RG-68.100, número de controle 2003.468.1. <https://tinyurl.com/3wbvrrcw>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

MEME de internet com texto "It's 2024 and I can't even wear my yamaka..." sobreposto à imagem de busto de criatura fantástica/goblin [imagem digital]. [2024]. <https://tinyurl.com/ye28srh3>.

ROMANOV, Mikhail Abramovich. [Caricaturas antissemitas publicadas no livro "Iudaizm bez ukrasheniy" (O Judaísmo sem Máscara)]. Kiev: Academia de Ciências da RSS da Ucrânia, 1963. 2 ilustrações, p&b. Reproduzido como "Figure 2" em análise de tropos visuais históricos. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

ULLSTEIN BILD. Panfleto racial nazista comparando as características físicas de um garoto "ariano" (à esquerda) e de um garoto judeu (à direita) [fotografia, p&b]. [entre 1930 e 1945]. Acervo Granger Historical Picture Archive, n. 0088922. <https://tinyurl.com/y6xttw46>.

CLARKE, Joseph Clayton [Kyd]. Fagin (from Oliver Twist). [ca. 1889]. 1 aquarela. Acervo British Library, Londres. <https://tinyurl.com/bbckyzne>.

MEME de internet com imagem gerada por inteligência artificial retratando caricatura grotesca com a legenda "GOD CHOSE ME" [imagem digital]. [2024]. <https://tinyurl.com/ye28srh3>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

FIPS (RUPPRECHT, Philipp). [Capa do livro infantil de propaganda antissemita "*Der Giftpilz*" (O Cogumelo Venenoso)]. Nurembergue: Verlag *Der Stürmer*, 1938. Acervo United States Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C. <https://tinyurl.com/2c89trsh>.

[Mei' Cigarrenspitz: caricatura satírica austríaca sobre o uso de piteiras de meerschaum e tropos visuais estereotipados]. Viena: [ca. 1870-1890]. 1 gravura, p&b. Acervo histórico de sátira política e caricaturas europeias do século XIX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

L. CH. Shylock [gravura teatral]. Paris: Genty, Éditeur [ca. 1820-1850]. 1 gravura, p&b. Registro Alamy ID BJTP9T. <https://tinyurl.com/yxedf2rw>.

SCHOLZ, Wilhelm. Der Handelsjude [gravura satírica]. Berlim: Kladderadatsch, n. 43, p. 172, 1873. 1 gravura, p&b. Acervo de periódicos históricos da Biblioteca Digital de Heidelberg. <https://tinyurl.com/46u656he>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

Hirsch u. Rebekka im Moor [cartão-postal]. Marienbad: [ca. 1900]. Exibido como "Fig. 9: Holiday postcard from Marienbad". Acervo ALAVA – Technische Universität Berlin (TU Berlin), inventário n. 2330. <https://tinyurl.com/mu3evsrr>.

FIPS (RUPPRECHT, Philipp). Nicht auslassen! [ilustração política]. Nurembergue: *Der Stürmer*, mar. 1935. Inclui tradução contemporânea de versos originais em alemão. Acervo digitalizado de registros de propaganda política europeia da metade do século XX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

Notwehr [ilustração política]. Nurembergue: *Der Stürmer*, set. 1944. Inclui tradução contemporânea de versos originais em alemão. Acervo digitalizado de registros de propaganda política europeia da metade do século XX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

FIPS (RUPPRECHT, Philipp). Die Schlange im südamerikanischen Paradies [ilustração política]. Nurembergue: *Der Stürmer*, set. 1944. Inclui tradução contemporânea de versos originais em alemão. Acervo digitalizado de registros de propaganda política europeia da metade do século XX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

FIPS (RUPPRECHT, Philipp). Medusa - Alljuda [ilustração política]. Nurembergue: [ca. 1935-1944]. 1 ilustração, p&b. Acervo digitalizado de registros de propaganda e sátira visual europeia do século XX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

[Његово оруђе: демократија, масонерија, комунизам, капитализам — Cartaz de propaganda para a Grande Exposição Antimaçônica de Belgrado]. Belgrado: [s. n.], out. 1941. Acervo digitalizado de cartazes políticos do período da Segunda Guerra Mundial na Europa Oriental. <https://tinyurl.com/2c89trsh>.

FIPS (RUPPRECHT, Philipp). Aus der jüdischen Gedankenwelt [ilustração política]. Nurembergue: *Der Stürmer*, n. 50, dez. 1929. Inclui tradução contemporânea de versos originais em alemão. Acervo digitalizado de registros de propaganda política europeia da primeira metade do século XX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

[Feriți-vă de Jidani — Cabeçalho de periódico de propaganda política]. Bucareste: Redacția și Administrația, Ano III, n. 2 [ca. 1922-1929]. 1 ilustração, p&b. Acervo digitalizado de imprensa ideológica e caricaturas políticas da Europa Oriental do início do século XX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

[Feriți-vă de Jidani — Capa da edição de estreia de periódico de propaganda política]. Bucareste: Redacția și Administrația, Ano I, n. 1, 1921. 1 ilustração, p&b. Inscrição inferior: "Crotalul sau șarpele sunător". Acervo digitalizado de imprensa ideológica e caricaturas políticas da Europa Oriental do início do século XX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

TERNAVSKY, V. ExpanSIONIZM v nature [ilustração política]. Moscou/Kiev: [s. n.] [ca. 1967-1975]. 1 ilustração, p&b. Inscrições no original: "Сионизм" (Sionismo), "Израиль" (Israel) e "Арабские земли" (Terras Árabes). Acervo digitalizado de caricaturas editoriais soviéticas e propaganda anti-israelense da Guerra Fria. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

FIPS (RUPPRECHT, Philipp). Gegen die jüdische Greuelpropaganda [ilustração política]. Nurembergue: *Der Stürmer* [ca. 1933-1939]. Acervo digitalizado de registros de propaganda e imprensa ideológica europeia do entreguerras. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

HAJJAJ, Emad. Al-intikhābāt al-isrāʾīliyya [As Eleições Israelenses — ilustração política]. [S.l.]: Mahjoob [ca. 2001-2009]. Inscrição no original em árabe: "الانتخابات الإسرائيلية!". Acervo digitalizado de cartuns políticos e sátira editorial do Oriente Médio contemporâneo. <https://tinyurl.com/2dywxn56>.

[Charge política sobre o conflito regional em Gaza]. [S. l.: s. n.] [ca. 2000-2020]. 1 ilustração, p&b. Inscrição no original em árabe: "غزة في". Assinada no canto inferior direito pelo ilustrador. Acervo digitalizado de charges políticas contemporâneas e iconografia de imprensa do Oriente Médio. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

BARROSO, Gustavo (Trad.). Os Protocolos dos Sábios de Sião. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: [s. n.] [ca. 1936-1937]. Capa de livro, p&b. Texto completo e apostilado. Acervo digitalizado de publicações político-ideológicas e propaganda extremista do século XX no Brasil. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

HAUT, Dobroslav. Správkárna ksichtů [Oficina de conserto de rostos — ilustração satírica]. Praga: Ejhle, Ano I, n. 15, p. 10, 15 out. 1944. 1 ilustração, p&b. Fotografada por Petr Karlíček. Exibida como "Fig. 13: Dobroslav Haut, 'Správkárna ksichtů'". Acervo digitalizado de imprensa satírica e propaganda política do Protetorado da Boêmia e Morávia. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

La France aux Français! [cartaz de propaganda política] [fotografia, cor]. Paris: [s. n.] [ca. 1936-1939]. Inscrição no original: "La France aux Français!..." sobreposta à ilustração de um polvo envolvendo o globo terrestre. Acervo digitalizado de cartazes políticos e propaganda ideológica da Europa Ocidental do entreguerras. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

Das große Judenschwein [gravura satírica]. [S. l.: s. n.], século XV. 1 xilogravura, p&b. Inscrições em fitas sinuosas góticas (banderoles) circundando a composição. Reimpressão historiográfica do século XIX/XX exibida como "Deutsche Karikatur auf die Juden. 15. Jahrhundert". Acervo digitalizado de iconografia medieval e história das mentalidades. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

FIPS (RUPPRECHT, Philipp). Wanderrattenplage [Praga de ratos errantes — ilustração política]. Nurembergue: *Der Stürmer*, n. 11, mar. 1937. Inclui tradução contemporânea em inglês. Acervo *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

LENEPVEU, V. N'a qu'un œil - Banquier-brocanteur [Museu dos Horrores, n. 2 — ilustração política]. Paris: Imprimerie Lenepveu [ca. 1899-1900]. 1 litografia, cor. Série Musée des Horreurs, peça satírica francesa vinculada ao contexto do Caso Dreyfus. Acervo digitalizado de iconografia e propaganda política europeia da virada do século XIX <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

INTERNET ARCHIVE. Soviet Political Propaganda and Satirical Cartoons Collection. [20--]. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

[A teia institucional e financeira: charge política]. [S. l.: s. n., 20--]. 1 ilustração, p&b. Exibida em relatórios analíticos de iconografia de propaganda política ocidental contemporânea. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

12 – O MAL – ANTISSEMITISMO REDENTOR

CARTAZ de propaganda alemã contra o judaísmo e o capitalismo [imagem] . In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Original de 1941, com as frases "Hass und Vernichtung unseren Feinden" e "Freiheit, Recht und Brot unserem Volk". <https://tinyurl.com/3t54bymd>.

CARICATURA antissemita associando a bandeira britânica e a estrela de Davi [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Disponível na internet de forma análoga.

CHARGE satírica em preto e branco associando símbolos judaicos à maçonaria e finanças [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Disponível na internet de forma análoga.

PANFLETO ou folheto com caricatura centralizada em uma estrela de Davi [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Texto em caracteres cirílicos. Disponível na internet de forma análoga.

CARTAZ histórico impresso com retrato caricato e estrela de Davi ao fundo [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Disponível na internet de forma análoga.

ILUSTRAÇÃO digital azulada com a estrela de Davi e inscrições em inglês [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Contém os termos: "Cry, Lie, Kill, Steal, Rape, Cheat". Disponível na internet de forma análoga.

ESBOÇO ou manuscrito antigo com elementos simbólicos e estrela de Davi [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Versão em tons de sépia. Disponível na internet de forma análoga.

REPRODUÇÃO de placa de aviso com caricatura estilizada dentro de um triângulo [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Inscrição superior "Achtung!" Disponível na internet de forma análoga.

GRAVURA em estilo clássico retratando uma multidão e figuras religiosas [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Disponível na internet de forma análoga.

PANFLETO histórico com texto tipográfico e ilustrações [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Título em romeno: "Frate crestin, nu-ti place...". Disponível na internet de forma análoga.

ILUSTRAÇÃO colorida de uma mão cortando uma maçã com uma faca [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Detalhe de lagarta emergindo do fruto com fundo textual. Disponível na internet de forma análoga.

CARTAZ de propaganda política em cirílico com fundo alaranjado [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Inscrição proeminente: "KAKO TO?!?...". Disponível na internet de forma análoga.

REPRODUÇÃO de cabeçalho do jornal The Dearborn Independent com a manchete "*The International Jew*: The World's Problem". In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026, p. 1.

EMBLEMA ou selo quadrado menor com estrela de Davi e texto em alemão [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Localizado à direita, acima da charge das redomas. Disponível na internet de forma análoga.

EMBLEMA ou selo quadrado menor com caracteres cirílicos e estrela [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Adjacente ao anterior. Disponível na internet de forma análoga.

MAPA mundi conceitual ilustrado com símbolos políticos e figuras sobre o globo [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Localizado no canto inferior esquerdo. Disponível na internet de forma análoga.

REPRODUÇÃO de charge moderna contendo quatro figuras humanas em redomas de vidro [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Exibe opções de marcação (check box) no rodapé direito. Disponível na internet de forma análoga.

REPRODUÇÃO do slogan do jornal alemão *Der Stürmer*: *"Die Juden sind unser Unglück!"* [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Faixa horizontal na base da página. <https://tinyurl.com/45uuhdfu>.

ANONIMIZADO. REPRODUÇÃO de publicação digital em fundo claro: "O futuro do povo palestino será o futuro de toda a sociedade" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de comentário de interface traduzida: "Judeu é responsável por que tudo de ruim no mundo, basta ver o Epstein files..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de publicação em caixa de texto destacada: "JUDEUS SÃO SEM NENHUMA DÚVIDA, O POVO MAIS PERVERSO..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de linha de comentário isolada: "Os judeus são literalmente uma praga que Deus afligiu ao mundo" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Facebook*.

ANONIMIZADO. Reprodução de comentário retangular em fundo cinza: "Malditos genocidas covardes PALESTINA LIVRE de ISRAEL Maligno" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *YouTube*.

ANONIMIZADO. ReproduçãO de manifestação em barra horizontal de interface: "Israel é a personificação do mal na terra..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de duplicata ou variação de texto de denúncia sobre arquivos digitais [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Plataforma de *Fórum*.

ANONIMIZADO. Reprodução de comentário curto em fundo escuro: "Nem todo judeu, mas sempre um judeu" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *YouTube*.

ANONIMIZADO. Reprodução de fotografia de cartaz urbano colado em poste: "THE JEW. Died fighting the human race's eternal enemy" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Plataforma de Compartilhamento de Imagens*.

ANONIMIZADO. ReproduçãO de pichação real em parede texturizada: "Judeu Cancer do Mundo" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Plataforma de Compartilhamento de Imagens*.

ANONIMIZADO. Reprodução de sticker ou postagem vertical azul com texto: "Keep All Your Jewish Blessings" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Veiculado em Plataforma de Imagens.

ANONIMIZADO. Reprodução de imagem ou sticker digital redondo com personagem caricato e os dizeres: "Praga Da Humanidade" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Veiculado em Aplicativo de Mensagens.

ANONIMIZADO. ReproduçãO de cartaz de protesto digital estruturado: "A Luta Do Povo Palestino É A Luta De Todos Os Oprimidos Do Mundo" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de bloco longo e detalhado de comentário analítico/comportamental: "Sempre eles, assassinos... São psicopatas, perversos..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *YouTube*.

ANONIMIZADO. Reprodução de publicação de texto corrido em caixa alta: "EUA e NAZI, assim como ISRAEL são ASSASSINOS..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Facebook*.

ANONIMIZADO. ReproduçãO de ilustração gráfica digital exibindo o planeta Terra envolto por uma serpente com adereço religioso [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Veiculado em *Plataforma de Compartilhamento de Imagens*.

ANONIMIZADO. Reprodução de ilustração satírica corida com título *"A GRANDE FAMÍLIA"*, mostrando um polvo sobre o globo terrestre [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Veiculado em *Plataforma de Compartilhamento de Imagens*.

ANONIMIZADO. Reprodução de imagem gráfica contendo os dizeres "*Esta é a verdadeira ameaça*" acompanhados de uma insígnia sobreposta a uma caveira [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de Postagem em formato de tweet curto: *"Mostra que pros sionistas não é só um problema territorial..." [imagem]. In: Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Instagram / Threads*.

ANONIMIZADO. Reprodução de miniatura retangular (thumbnail) de transmissão em vídeo: *"As 5 Ideologias mais Nefastas!"*[imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *YouTube*.

ANONIMIZADO. Reprodução de duas caixas pequenas de comentários justapostas no rodapé: *"A maior maldição..."* (esquerda) e *"Sionismo vertente do mal."* (direita). In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Conjunto final de dois elementos de interface. *Instagram*

13 - TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO SOBRE PODER JUDAICO

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X 15 de março de 2026

LEKTO. Mural de Emmanuel Macron como marionete [Grafite] [fotografia, cor]. Avignon, jun. 2022. In: LE MONDE. An antisemitic mural of Emmanuel Macron is covered by the authorities in Avignon after intense backlash. Paris: Le Monde, 25 jun. 2022. <https://tinyurl.com/yrw3n3s6>.

JEVREJIN drži konce u ruci [O judeu segura as cordas em suas mãos] [cartaz, cor]. Belgrado: Antimasonska Izložba, 1941. <https://tinyurl.com/5d8yvskd>.

GARVENS, Oskar. Das Marionettentheater [O teatro de marionetes] [ilustração]. Kladderadatsch, Berlim, v. 92, n. 1, jan. 1939. Reproduzida em: *Der Stürmer*, Nurembergue, dez. 1939. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

MCHITSYA troyka po Rossii... [A troika corre pela Rússia...] [cartaz, cor]. [S. l.: s. n.] [c. 1941]. <https://tinyurl.com/2v6fbwhj>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

GARRISON, Ben. The McMaster Puppet Master [McMaster: O Mestre de Marionetes] [ilustração]. 2017. In: THE *times of israel*. Artist who drew anti-Semitic cartoon invited to White House. Jerusalém: The *Times of Israel*, 10 jul. 2019. <https://tinyurl.com/4bdnn8nn>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Am Schnürchen [Pelo barbante/Como um relógio] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 35, ago. 1937. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

LEMOT, Achille. Un Guignol Néfaste [Um fantoche nefasto] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [c. 1890-1900]. In: UNPACKED. Is the focus on antisemitism overblown? [S. l.]: Unpacked, 10 nov. 2021. <https://tinyurl.com/mtzpbaxh>.

BAUER. Das Weltjudentum [O judaísmo mundial] [ilustração]. Fliegende Blätter, Munique, n. 5035, 20 jan. 1944. Capa. In: JOHNSTONE, Caitlin. A imprensa ocidental está agora apenas imprimindo propaganda nazista sobre os habitantes do Oriente Médio. Oriente Mídia, 14 nov. 2023. <https://tinyurl.com/mxaxebh6>.

ALEAN, Azad. Legitimidade Internacional [ilustração]. *Al-Ghad*, Amã, 4 jul. 2006. Reproduzida por: Arabcartoon, jul. 2006.

GARVENS, Oskar. A Marionete [ilustração]. Berlim: [s. n.] [c. 1930-1939]. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Einer frißt den anderen – der Jude frißt sie alle [Um come o outro – o judeu come todos eles] [ilustração]. Lustige Blätter, Berlim, n. 29, 18 jul. 1943. Capa. In: STANDWITHUS BRASIL. *Propaganda Nazista e Antissemitismo no Oriente Médio*. [S. l.]: StandWithUs, set. 2025. p. 8. <https://tinyurl.com/y2e4ff23>.

MJÖLNIR [Hans Schweitzer]. Hinter den Feindmächten: der Jude [Atrás das potências inimigas: o judeu] [cartaz, cor]. Berlim: [s. n.] [c. 1942]. In: United States Holocaust Memorial Museum (USHMM). Nazi anti-Jewish propaganda. Washington, DC: USHMM [s.d]. <https://tinyurl.com/3yys6rwd>.

ANTI-SEMITIC racist cartoon showing a Jewish man holding a smaller figure of a man in his pocket [ilustração]. [S. l.: s. n.] [c. 1930-1945]. <https://tinyurl.com/fu3abdyk>

À SUA imagem e semelhança [ilustração]. União Soviética: [s. n.], 1972. In: *reddit*. r/PropagandaPosters: In His Image and Likeness (1972) Soviet antisemitic cartoon. São Francisco: *Reddit*, dez. 2024. <https://tinyurl.com/4yem2ye9>.

THE POSITIONS of the Candidates in the US Elections [As posições dos candidatos nas eleições dos EUA] [ilustração]. Akhbar al-Yom, Cairo, 7 abr. 1984. In: STANDWITHUS BRASIL. *Propaganda Nazista e Antissemitismo no Oriente Médio*. [S. l.]: StandWithUs, set. 2025. p. 11. <https://tinyurl.com/y2e4ff23>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

"SOU antissionista, não antissemita", diz cartunista português após polêmica por charge. RFI [S. l.], 6 maio 2019. <https://tinyurl.com/59k6rpfz>.

ANTI-SEMITIC cartoons about the US 2008 Presidential Race [Charges antissemitas sobre a corrida presidencial dos EUA de 2008] [Ilustrações]. [S. l.]: Jewish Virtual Library, c. 2008. 1 galeria de imagens. <https://tinyurl.com/bdec2554>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

GREENWALD, Glenn. In Solidarity With Charlie Hebdo - Free Speech and the Right to Offend [Em solidariedade ao Charlie Hebdo - Liberdade de expressão e o direito de ofender]. The Intercept [S. l.], 9 jan. 2015. <https://tinyurl.com/3uu2skr3>.

MAKOW, Henry. Jewish Billionaires Sponsor "Black Oppression" [Bilionários judeus patrocinam a "opressão negra"]. HenryMakow.com [S. l.], 16 jun. 2020. <https://tinyurl.com/4rcd28nf>.

US AMBASSADOR meets Palestinian official in Ramallah amid rising West Bank tensions [Embaixador dos EUA encontra autoridade palestina em Ramallah em meio às crescentes tensões na Cisjordânia]. PressTV, Teerã, 18 dez. 2025. <https://tinyurl.com/487eu87u>.

NEBUĎ službonikom žida [Não sejas servo do judeu] [cartaz, cor]. [S. l.: s. n.] [c. 1942]. <https://tinyurl.com/3xxxh7vp>.

LAND der Freiheit [Terra da liberdade] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 18, maio 1939. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

HAJJAJ, Emad. Estátua da Liberdade e Menorah [ilustração]. Al-Dustour, Amã [s.d]. In: THE INTERNATIONAL ASSOCIATION OF JEWISH LAWYERS AND JURISTS. Justice, Tel Aviv, n. 34, p. 33, inverno 2002. <https://tinyurl.com/bdhmdhu8>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Vorschlag: Die Liga gegen den Antisemitismus in Amerika möchte die Freiheitsstatue modernisieren [Sugestão: A Liga contra o Antissemitismo na América gostaria de modernizar a Estátua da Liberdade] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 19, maio 1937. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

97% of the press in the USA is in Jewish hands [97% da imprensa nos EUA está em mãos judias] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [c. 1970]. In: *reddit*. r/PropagandaPosters: "97% of the press in the USA is in Jewish hands" - Neo-Nazi propaganda poster from the 1970s. São Francisco: *Reddit*, nov. 2024. <https://tinyurl.com/2nvmvkjh>.

CARICATURES of Winston Churchill [Caricaturas de Winston Churchill] [Ilustrações]. Wikimedia Commons [S. l.] [s.d]. 1 galeria de imagens. <https://tinyurl.com/59y7tcm3>

THE INTERNATIONAL ASSOCIATION OF JEWISH LAWYERS AND JURISTS. Justice, Tel Aviv, n. 34, inverno 2002. 48 p. <https://tinyurl.com/bdhmdhu8>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

MAJKA Boljševizma i Plutokratije [A mãe do Bolchevismo e da Plutocracia] [cartaz, cor]. Belgrado: [s. n.] [c. 1941]. In: RARE PAPER. Anti-Semitic Propaganda: Majka Boljševizma i Plutokratije (The Mother of Bolshevism and Plutocracy). [S. l.]: Rare Paper [s.d]. <https://tinyurl.com/mphmj9p4>.

GARVENS, Oskar. Der Strippenzieher [O manipulador de fios] [ilustração]. Kladderadatsch, Berlim, v. 85, n. 47, p. 7, 20 nov. 1932. In: WIKIDATA. Q95720404: Der Strippenzieher. [S. l.]: Wikidata, 2024. <https://tinyurl.com/5ca5fjzy>.

LE JUIDÉO-BOLCHEVISME [O Judeu-Bolchevismo] [cartaz, cor]. Paris: [s. n.] [c. 1941]. In: WIKIMEDIA Commons. File:CarteJudeobolchevisme.jpg. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/9pfb9k4c>

DEES, David. The March of Tyranny [A marcha da tirania] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [c. 2010]. In: *reddit*. r/PropagandaPosters: "The March of Tyranny" - American political cartoon (2010s). São Francisco: *Reddit*, jun. 2015. <https://tinyurl.com/2rxmkfzk>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

DAS JÜDISCHE Komplott [A conspiração judaica] [cartaz, cor]. Munique: Zentralverlag der NSDAP, n. 50, dez. 1941. In: WIKIMEDIA Commons. Fichier:Das jüdische Komplott Parole der Woche December 1941. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/37bnwpb7>

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s.d.]

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

BARROSO, Gustavo. Caricatura antissemita [ilustração]. [S. l.: s. n.] [c. 1930]. In: WIKIPÉDIA. Ficheiro: Caricatura antissemita em obra de Gustavo Barroso.png. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2024. <https://tinyurl.com/yw5u8tj3>

LA NAZIONE d'Israele e la Massoneria [A Nação de Israel e a Maçonaria] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [c. 1940]. In: THE INTERNATIONAL ASSOCIATION OF JEWISH LAWYERS AND JURISTS. Justice, Tel Aviv, n. 34, p. 33, inverno 2002. <https://tinyurl.com/bdhmdhu8>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

FIPS [Philipp Rupprecht]. Geheime Mächte [Poderes secretos] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 39, set. 1938. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

DIE PARISER jüdisch-freimaurerische Vereinigung [A organização judaico-maçônica de Paris] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 52, dez. 1940. In: BYTWERK, Randall. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/ytn5ta56>

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

14 - PERSONIFICAÇÃO E CONTROLE DO CAPITALISMO GLOBAL

LE NOUVEAU Juif-Errant [O Novo Judeu Errante] [ilustração]. Ilustração de Kil. In: LA LIBRE PAROLE. Paris: [s. n.], 1893. In: WINNERS AUCTIONS. La Libre Parole, France 1893, Antisemitic Illustrations. Jerusalem: Winners Auctions, 2026. <https://tinyurl.com/4vmbt6up>..

LE JUIF-Errant [O Judeu Errante] [ilustração]. Ilustração de Charles Léandre. In: LE RIRE. Paris: [s. n.], n. 176, 19 mar. 1898. In: K. LA REVUE. From silence to fighting antisemitism: the turn of a radical left-wing Jew. [S. l.]: K. La Revue, 2022. <https://tinyurl.com/bdcvbubs>..

COMPARATIVO Visual: Goblins de Harry Potter vs. Caricaturas de *Der Stürmer* [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 2020]. In: SANTOS, Thays. Harry Potter e os preconceitos de JK Rowling: a problemática dos Goblins e o antissemitismo. [S. l.]: Cultura Literária (Medium), 2021. <https://tinyurl.com/54e4wnrb>..

AUTOR ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

DER DRAHTZIEHER [O Manipulador] [cartaz, cor]. [S. l.]: Völkischer Block, 1924. Legenda original: Kopf- u. Handarbeiter wählt: Völkischen Block [Trabalhadores intelectuais e manuais votem: Bloco Völkisch]. In: United States Holocaust Memorial Museum (USHMM). Propaganda e o Bloco Völkisch. Washington, D.C.: USHMM, 2026. <https://tinyurl.com/ywf8bssd>.

JUDEUS e a Troca de Dinheiro [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1250]. In: REGARDS PROTESTANTS. Les juifs au temps de Saint Louis. [S. l.]: Regards Protestants, 2017. <https://tinyurl.com/3tuye3dw>..

KREJČÍK, Karel. Rafije kasináckého cifrometru [O ponteiro do contador do cassino] [ilustração]. In: HUMORISTICKÉ LISTY. Praga: [s. n.], v. 37, n. 33, p. 4, 16 ago. 1895. <https://tinyurl.com/5ycc64b9>..

der Stürmer. Oitavo Mandamento: Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo [ilustração]. Ilustração de Fips (Philipp Rupprecht). Nuremberg: [s. n.], n. 6, fev. 1930. In: BELLUCCI, Dagoberto. *Der Stürmer*. [S. l.: s. n.], 2012. <https://tinyurl.com/yc56wjp2>..

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem na plataforma X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

O BEZERRO de Ouro Moderno [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1930]. In: MAMALOUKOS, Filippos. O σύγχρονος αντισημιτισμός [O antissemitismo contemporâneo]. [S. l.]: Liberal.gr, 2021. <https://tinyurl.com/2rv6bpru>..

BAHR, J. Automobile, Patent Schmul [Automóvel, Patente Schmul] [ilustração]. In: DER SCHERER. Innsbruck: [s. n.], 1900. Legenda original: Billigster Betrieb! Gänzlich gefahrlos! [Operação mais barata! Completamente seguro!]. In: *reddit*. Propaganda poster from Austria-Hungary in 1900. [S. l.]: *Reddit*, 2021. <https://tinyurl.com/4vjmwmt9>..

BAHR, J. Automobile, Patent Schmul [Automóvel, Patente Schmul] [ilustração]. In: DER SCHERER. Innsbruck: [s. n.], 1900. Legenda original: Billigster Betrieb! Gänzlich gefahrlos! [Operação mais barata! Completamente seguro!]. In: *reddit*. Propaganda poster from Austria-Hungary in 1900. [S. l.]: *Reddit*, 2021. <https://tinyurl.com/4vjmwmt9>..

O BEZERRO de Ouro Moderno [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1930]. In: MAMALOUKOS, Filippos. O σύγχρονος αντισημιτισμός [O antissemitismo contemporâneo]. [S. l.]: Liberal.gr, 2021. <https://tinyurl.com/2rv6bpru>..

LA DIFESA della Razza [A Defesa da Raça]. Direção de Telesio Interlandi. Roma: Tumminelli, ano 1, n. 1, 5 ago. 1938. 1 capa de revista, cor. In: WIKIMEDIA COMMONS. File:La difesa della razza, 1938, 025.jpg. [S. l.]: Wikimedia, 2021. <https://tinyurl.com/3fx5vka3>..

KLINGER, Julius. Theater am Zoo: Meyers [cartaz, cor]. Berlim: Hollerbaum & Schmidt, 1908. In: MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS DE HAMBURGO. Reklameplakat für das Theater am Zoo, Berlin. Hamburgo: MK&G, 2026. <https://tinyurl.com/mvh9hr7h>..

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem na plataforma X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Werkzeug des Teufels [Ferramenta do Diabo] [ilustração]. In: *der STÜRMER*. Nuremberg: [s. n.], n. 12, mar. 1942. Legenda original: Es war die Schlange zu Beginn der Welt... [Era a serpente no início do mundo...]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>..

LISOGORSKY, N. Oruzhiye agressii [Arma de Agressão] [ilustração]. União Soviética: [s. n.] [197-]. In: *reddit*. More of the Soviet Union's view on Israel, 1970s. [S. l.]: *Reddit*, 2024. <https://tinyurl.com/4yk2afeh>..

RUDOLF Slánský como Marioneta [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1952]. In: ANTISEMITISMUS v poúnorové době (1945–1952). Procesy a antisemitismus. Praga: Dejepis21, 2026. <https://tinyurl.com/3fabu7s5>..

NOVÁK, Josef. Zdá se, že mi tu filiálku v ČSR zavírají... [Parece que estão fechando minha filial na Tchecoslováquia...] [ilustração]. In: DIKOBRAZ. Praga: [s. n.], v. 7, n. 12, p. 5, 20 mar. 1951. In: SOUKUPOVÁ, Blanka. The Jews in the Czech Lands after the Holocaust: The Development of Identity and Social Issues. Praga: Karolinum Press, 2022. p. 115. <https://tinyurl.com/3fabu7s5>..

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

DYSON, Will. I. Finance [Finança Internacional] [ilustração]. In: THE DAILY Herald. Londres: [s. n.], 1918. In: MILA, Alain. The Daily Herald (1912-1964): a pioneer in British trade union journalism. Revue LISA/LISA e-journal [S. l.], v. 6, n. 1, p. 147-164, 2008. <https://tinyurl.com/3hh925ym>..

DER BÖRSIANER [O Corretor de Ações] [Cartão Postal]. Viena: Wiener Werkstätte [ca. 1910]. 1 cartão postal, cor. In: WIENER WERKSTÄTTE POSTCARDS. Der Börsianer, um 1910. Viena: [s. n.], 2026. <https://tinyurl.com/yycetu9n>..

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem na plataforma X [s. d.].

RÉLINK, Karel. Český dělník bojuje proti keťasům [O trabalhador tcheco luta contra os agiotas] [cartaz, cor]. Praga: Národní odborová ústředna zaměstnanecká (NOÚZ), 1941. In: WIKIMEDIA Commons. File: Boj Proti Lichve NOUZ 1941.jpg. [S. l.]: Wikimedia, 2023. <https://tinyurl.com/429ehxfr>..

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

JUDEU como Escravizador [cartaz, cor]. [S. l.: s. n.] [ca. 1940-1944]. In: *reddit*. Jews as enslavers, WW2 Nazi poster. [S. l.]: *Reddit*, 2024. <https://tinyurl.com/mu5d9k97>..

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Das Aergste [O Pior] [ilustração]. In: *der STÜRMER*. Nuremberg: [s. n.], n. 51, dez. 1939. Legenda original: Von Jehova bös verraten, winkt dem Juden nur der Spaten [Mal traído por Jeová, resta ao judeu apenas a pá]. <https://tinyurl.com/2wt73x28>..

MOURA, Marcelo de. Arbeit macht frei [O trabalho liberta] [Fotografia]. Dachau: [s. n.], 31 out. 2010. 1 fot.: cor. <https://tinyurl.com/yj5jdvmx>..

LINDBERG, Erik. [O OPERADOR e o Mundo] [ilustração]. [S. l.: s. n.], 1943. Originalmente publicada em: Vidi. Estocolmo, 1943. In: MUSEUM OF DANISH RESISTANCE. Overvågning af nazistisk propaganda. Copenhague: Nationalmuseet, 2026. <https://tinyurl.com/3m9a8yky>..

NOVÁK, Josef. Zdá se, že mi tu filiálku v ČSR zavírají... [Parece que estão fechando minha filial na Tchecoslováquia...] [ilustração]. In: DIKOBRAZ, Praga, v. 7, n. 12, p. 5, 20 mar. 1951. In: SOUKUPOVÁ, Blanka. The Reflection of Jewishness and the State of Israel in the Czech Satirical Magazine Dikobraz (1945–1953). Central European Journal of History [S.l.], v. 5, n. 2, p. 1-21, 2023. <https://tinyurl.com/52knztpt>..

AGRESSÃO e Capital [ilustração]. [União Soviética: s. n.] [ca. 1960-1970]. In: *reddit*. More of the Soviet Union's view on Israel, 1970s. [S. l.]: *Reddit*, 2024. <https://tinyurl.com/4yk2afeh>..

AUTOR ANÔNIMO. [Mensagem de WhatsApp]. [S. l.: s. n.] [s. d.]. 1 captura de tela. Acervo do pesquisador].

AUTOR ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

WALES, James Albert. The slaves of the Jews [Os escravos dos judeus] [ilustração]. In: THE JUDGE. Nova York: Pinckney & Co., v. 2, n. 43, 19 ago. 1882. In: WIKIMEDIA Commons. File: The slaves of the Jews - J.A. Wales. LCCN95522871.jpg. [S. l.]: Wikimedia, 2020. <https://tinyurl.com/32e9encz>..

LE PARTI Agraire National [O Partido Agrário Nacional] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1890-1900]. In: DEPIC. Édouard Drumont In Depth. [S. l.]: Depic, 2024. <https://tinyurl.com/yu8bykwx>..

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem na plataforma X [s. d.].

AUTOR ANONIMIZADO. Comentário na plataforma X [s. d.].

RUPPRECHT, Philipp. Amerikanische Freiheit [Liberdade Americana] [ilustração]. In: *der* STÜRMER, Nuremberg, n. 21, maio 1941. In: GERMAN PROPAGANDA ARCHIVE. Caricatures from *Der Stürmer*: 1933-1945. Grand Rapids: Calvin University, 2026. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>..

KAZHDAN, Yevgeny. Звенья одной цепи [Elos da mesma corrente] [ilustração]. [União Soviética: s. n.] [ca. 1967-1975]. 1 pôster, cor. In: KC MEESHA. Russian Propaganda Posters. [S. l.]: Kcmeesha, 2026. <https://tinyurl.com/56swthhv>..

ABRAMOV, Mark Aleksandrovich. Net dyma bez ognya [Não há fumaça sem fogo] [ilustração]. [União Soviética: s. n.], 1964. In: SOUKUPOVÁ, Blanka. The Reflection of Jewishness and the State of Israel in the Czech Satirical Magazine Dikobraz (1945–1953). Central European Journal of History [S.l.], v. 5, n. 2, p. 1-21, 2023. <https://tinyurl.com/52knztpt>..

FINANCE [ilustração]. In: THE VANGUARD. Londres: [s. n.], v. 1, n. 1, p. 8, fev. 1928. In: THE NATIONAL Archives. Records of the Metropolitan Police Office: MEPO 2/4283. Londres: TNA, 2026. <https://tinyurl.com/4cf55824>..

AUTOR ANONIMIZADO. Postagem na plataforma X [s. d.].

15 – DOMINAÇÃO MUNDIAL

SEM AUTOR. Zionist Occupation Government.]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "zog" Trope and Antisemitic Conspiracy Theories*. New York,]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

FIPS (pseud.). Es werde Licht (Que se faça a luz). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 51, dez. 1934. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in Nazi propaganda*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Du wirst alle Völker verzehren (Tu consumirás todos os povos). [193-]. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in Nazi propaganda*. New York,. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

GARRISON, Ben. I am Gods chosen people, you filthy goyim.. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "Zog" and "Puppet Master" tropes*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Leur Patrie (A pátria deles). In: LA LIBRE PAROLE ILLUSTRÉE. Paris: n. 21, 9 dez. 1893. 1 capa de revista, cor. Direção de Édouard Drumont. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in Nazi propaganda*. New York,. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. El Judío: El Amo del Mundo (O Judeu: O Mestre do Mundo). In: La *Clarinada*. Buenos Aires: v. 1, n. 11, mai. 1937. 1 capa de revista, cor. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in antisemitic propaganda*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

JÁ USADA

SEM AUTOR....ali ovaj jevrejski san o vladanju svetom... (...mas este sonho judaico de dominação mundial...) [cartaz, cor]. Belgrado: Grande Exposição Antimaçônica [1941?]. In: NATIONAL LIBRARY OF SERBIA. Digital National Library of Serbia: World War II posters. Belgrado,. <https://tinyurl.com/53bk9wyr>.

SHAQFEH, Zaki. Israel in control of the World System. In: AL-RA'I. Amã: 16 jun. 2004. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in antisemitic propaganda*. New York,. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Al-Rai (Jordan), March 4, 2007. Amã: 4 mar. 2007. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in antisemitic propaganda*. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. 1948 - 2004 [ilustração comparativa de Israel e o controle global]. [2004]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in modern antisemitic propaganda*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. 1948 - 2004 [ilustração comparativa de Israel e o controle global]. [2004]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in modern antisemitic propaganda*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

PÉRON, René. Exposition: Le Juif et la France au Palais Berlitz (Exposição: O Judeu e a França no Palais Berlitz) [cartaz, cor]. Paris: [s. n.], set. 1941. Realizado sob a égide do Institut d'Étude des Questions Juives. Reproduzido por: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo,. <https://tinyurl.com/2npcpf5w>.

SEM AUTOR. Светско Богатство / Пojeo вук! (Riqueza Mundial / O lobo comeu!) [cartaz, cor]. Belgrado: Grande Exposição Antimaçônica [1941?]. Ilustração mostrando uma figura estereotipada com uma chave diante de um cofre com a Estrela de Davi sobre o globo terrestre. In: NATIONAL LIBRARY OF SERBIA. Digital National Library of Serbia: World War II posters. Belgrado,. <https://tinyurl.com/53bk9wyr>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

SEM AUTOR. ZOG Graffiti em muro urbano acompanhado de suástica. [20--][fotografia, cor]. O termo refere-se ao conceito conspiratório "Zionist Occupied Government" (Governo Ocupado por Sionistas). Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "Zog" and "Puppet Master" tropes*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

DENYZZ. Sem título [ilustração de figura estereotipada com nariz em forma de medusa sobre o globo terrestre].. As serpentes exibem siglas de organizações como ONU, WEF, BlackRock e Open Society. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in modern antisemitic propaganda*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Ich bin der Herrscher der Welt... / Das Resultat (Eu sou o senhor do mundo... / O resultado). In: *Der Stürmer*. Nurembergue [s.d]. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *ADL Research Reports: The "World Domination" trope in Nazi propaganda*. New York,. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

JÁ USADA

MARSCHALKO, Louis. Os Conquistadores do Mundo: Os Verdadeiros Criminosos de Guerra [capa de livro, cor]. 4. ed. Porto Alegre: Revisão [s.d]. Ilustração mostrando uma serpente circundando o globo terrestre.

SEM AUTOR. Ko je do sada drobio u buduće sam će kusati (Quem esfarelou até agora, ele mesmo comerá no futuro) [cartão-postal, cor].Belgrado: Grande Exposição Antimaçônica [1941]. Ilustração mostrando figura estereotipada mexendo um caldeirão em forma de globo terrestre sob símbolos maçônicos.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

SEM AUTOR. Sem título [ilustração de criatura demoníaca com mãos gotejantes sobre o globo terrestre circundado por uma serpente]. In: SOUKUPOVÁ, Blanka. The Anti-Zionist Ideology in the Cartoons of the Czech Satirical Magazine Dikobraz (1948–1989). Jerusalém: SICSA. <https://tinyurl.com/5n6k3n6a>.

FIPS (Philipp Rupprecht). Kriegsreklamerummel in USA (Frenesi de propaganda de guerra nos EUA). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 15, abr. 1942. Legenda: "Steckt Euch den Kram nur auf den Hut, Der Wallstreet-Jude giert nach Blut" (Simplesmente coloque suas coisas no chapéu. O judeu de Wall Street anseia por sangue). Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: The "Blood Lust" and "War Mongering" tropes in Nazi propaganda. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Google: Jews control the USA! [Manifestante segura cartaz com dizeres conspiratórios em via pública de Nova York] [fotografia, cor]. Ao fundo, avista-se o local do antigo World Trade Center (Ground Zero). Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: The "World Domination" trope in modern antisemitic propaganda*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Zionist Occupied Government [Infográfico com acrônimo ZOG acompanhado de bandeiras nacionais] A imagem associa o conceito conspiratório de "governo ocupado" a diversas nações, incluindo EUA, Reino Unido, Canadá e Ucrânia. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: The "ZOG" conspiracy theory in extremist propaganda. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Sem título [ilustração de serpente com a Estrela de Davi circundando o globo terrestre e revelando o rosto de uma figura estereotipada]. [20--]. In: SOUKUPOVÁ, Blanka. The Anti-Zionist Ideology in the Cartoons of the Czech Satirical Magazine Dikobraz (1948–1989). Jerusalém: SICSA [20--]. <https://tinyurl.com/5n6k3n6a>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. The End; figura estereotipada assando o globo terrestre em uma fogueira[ilustração]. In: Al-Ittihad. Dubai: 22 jan. 1992. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: The "World Domination" trope in modern propaganda. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. The End; figura estereotipada assando o globo terrestre em uma fogueira [ilustração]. In: Al-Ittihad. Dubai: 22 jan. 1992. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: The "World Domination" trope in modern propaganda. New York,]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ATA, Hamed. Sem título [ilustração de figura estereotipada sobre o globo terrestre apresentando papéis a um homem]. In: Al-Ittihad. Abu Dhabi: 25 nov. 2002.

ATA, Hamed. Sem título [ilustração de figura estereotipada ao lado do Tio Sam, apresentando mapa-múndi inserido na Estrela de Davi]. In: Al-Ittihad. Abu Dhabi: 3 jun. 2004. A legenda descreve a proposta de um "Governo Mundial" denominado "Estados Unidos de Israel".

SEM AUTOR. New World Order; três porcos sobrepostos com as bandeiras dos EUA, União Europeia e Israel [ilustração, p&b]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *adl Research Reports: Antisemitic imagery in modern conspiracy theories*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

BARROSO, Gustavo (Apostilado por). Os Protocolos dos Sábios de Sião. 5. ed. Reedição [capa de livro, cor]. [S. l.]: Coleção Comemorativa do Centenário de Gustavo Barroso. A ilustração da capa apresenta uma Estrela de Davi sobreposta a um mapa-múndi em tons de amarelo e preto.

BARROSO, Gustavo (Notas e comentários). Os Protocolos dos Sábios de Sião: Texto original completo [capa de livro, cor]. [S. l.: s. n.]. A ilustração da capa apresenta uma figura masculina entre as bandeiras dos EUA e da URSS, com símbolos da maçonaria e a Estrela de Davi na parte inferior.

SEM AUTOR. Os Protocolos dos Sábios de Sião. [S. l.]: Propaganda [capa de livro, cor] A ilustração da capa apresenta uma figura masculina em traje formal à frente de uma pintura abstrata, com livros espalhados e um holofote direcionado a partir de uma cartola na parte inferior.

BARROSO, Gustavo (Apostilado por). Os Protocolos dos Sábios de Sião: Texto completo e apostilado [capa de livro, cor]. [S. l.]: [s. n.] [19--]. A ilustração da capa apresenta uma serpente verde com uma Estrela de Davi na cabeça, movendo-se sobre um mapa-múndi em tons de amarelo e azul. Inclui subtítulos sobre o "Imperialismo de Israel" e o "Plano para a Conquista do Mundo".

MARSDEN, Victor E. (Trad.). The Protocols of the Meetings of the Learned Elders of Zion. [S. l.: s. n.] [192-]. 1 capa de livro, P&B. A ilustração da capa apresenta uma serpente com Estrelas de Davi circundando o globo terrestre, com a cabeça da serpente exibindo feições humanas estereotipadas sobre a América do Norte.

NILUS, Serge. Los Protocolos de los Sabios de Sion [capa de livro, cor]. [S. l.: s. n.]. A ilustração da capa apresenta uma figura masculina com trajes tradicionais e barba branca em posição de prece, acompanhada por um candelabro (Menorá) e uma Estrela de Davi na parte inferior. www.todocoleccion.net.

FARUQI, Misbahul Islam (Ed.). Jewish Conspiracy and the Muslim World: With the Protocols of the Learned Elders of Zion [capa de livro, cor]. [S. l.: s. n.]. A ilustração apresenta uma serpente circundando o globo terrestre e o símbolo do Islã, sobre fundo avermelhado.

SEM AUTOR. Le Péril Juif: Texte intégral des Protocols des Sages d'Israël. Paris: O. P. N.,. 1 capa de livro, P&B. A ilustração apresenta uma aranha com face humana estereotipada e quepe militar segurando o globo terrestre entre as patas.

NILUS, Sergei. Sem título [ilustração de símbolos esotéricos, selos do Anticristo e figura em carruagem]. In: Близ есть, при дверех (Está Próximo, às Portas). Tsarskoye Selo: [s. n.], 1912. 1 ilustração, P&B. A imagem apresenta uma cruz ortodoxa no topo, um pentagrama e uma Estrela de Davi identificados como "Selo do Anticristo", e uma figura central em uma carruagem sobre a inscrição "Anticristo" em cirílico.

SEM AUTOR. Protokoly ze shromáždění sionských mudrců (Protocolos das reuniões dos sábios de Sião). [S. l.: s. n.], . 1 capa de livro, P&B. A ilustração apresenta uma figura espelhada (dualidade) inserida em uma Estrela de Davi, acompanhada pelas inscrições latinas "Quod Superius" (O que está acima) e "Quod Inferius" (O que está abaixo), cercada por uma moldura ornamental intrincada.

SEM AUTOR. Os Protocolos dos Sábios de Sião [capa de livro, cor]. [S. l.: s. n.]. A ilustração apresenta o título em azul sobre fundo amarelo, com o desenho estilizado de um dragão branco que expele chamas e possui uma coroa em uma das extremidades.

SEM AUTOR. Os Protocolos dos Sábios de Sião: Eles estão por trás de tudo!. [S. l.]: UICLAP [20--]. [capa de livro, cor] A ilustração apresenta figuras masculinas estereotipadas com kippas e Estrelas de Davi ao pescoço, com a figura central segurando um triângulo contendo o "Olho da Providência" sobre um mapa-múndi em chamas.

BARROSO, Gustavo (Apost.). Os Protocolos dos Sábios de Sião: O Código do Anti-Cristo. [S. l.]: Agência Minerva [capa de livro, cor]. A capa apresenta fundo preto com o título em branco e uma Estrela de Davi amarelada no centro contendo a inscrição "Jude" em tipografia gótica.

NILUS, Sergei. Förlåten Faller [O Véu Cai]. 4. ed. [S. l.]: Blinkfyrens Förlag,

ROSENBERG, Alfred. Die Protokolle der Weisen von Zion und die jüdische Weltpolitik

NILUS, Serguei Alexandrovitch. Les Protocoles des Sages de Sion. [S. l.]: The Savoisien & Baglis, 1997.

NILUS, Sergei. Les Protocoles des Sages de Sion. [S. l.]: Éditions de la Vieille Taupe,

ARABI, Raja Abdul Hamid. Adwa' 'ala Protokolat Hukama' Sahyun [Luz sobre os Protocolos dos Sábios de Sião]: Estudo Investigativo Contemporâneo. [S. l.]: Al-Awail,

NILUS, Sergei. Los Protocolos de los Sabios de Sion [capa de livro, cor]. [S. l.: s. n., 1].

NILUS, Sergei. The Protocols of the Elders of Zion: (A Historical and Critical Edition). [S. l.: s. n.]

16 - COMPLÔS DE SUBVERSÃO: "JUDEO-BOLCHEVISMO", "BOLCHEVISMO CULTURAL", "MARXISMO CULTURAL", "ZOG", "GRANDE SUBSTITUIÇÃO" E "GENOCÍDIO BRANCO"

DER BÖRSIANER [O Corretor de Ações] [ilustração, cartão-postal, cor]. Marienbad: [s. n.] [ca. 1900]. In: ALAVA – TU Berlin. Inv. no. 4817. Berlim: Technische Universität Berlin, 2026 [repositório da TU Berlin].

ЕВРЕИ торгуют вашей кровью! [Judeus negociam com o seu sangue!] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [ca. 1941-1944]. 1 folheto, cor. In: HERMITAGE Fine Art. Russian Art, Works on Paper and Photo. Mônaco: Hermitage Fine Art, 2020. <https://tinyurl.com/6ce2v9wt>.

BOLSCHEWISMUS ohne Maske [Bolchevismo sem Máscara] [ilustração, cartão-postal, cor]. Berlim: [s. n.], 1937.. In: MUSEUM of Modern Art. Postcards of the Third Reich. Nova York: MoMA, 2026. <https://tinyurl.com/2m7jrk5r>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

3 COUSINS: Kaiser, Tsar, King [Três Primos: Kaiser, Czar, Rei] [Fotografia]. [S. l.: s. n.] [ca. 1900]. 1 cartão-postal, p&b. In: *reddit*. r/Lavader_. [S. l.]: *Reddit*, 2024. <https://tinyurl.com/yuzy724b>.

RUPPRECHT, Philipp. Judenknechte [Servos dos Judeus] [ilustração]. In: *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 42, out. 1935. In: PELO NACIONAL SOCIALISMO. Marxismo Judaico. [S. l.: s. n.], 2015. <https://tinyurl.com/yn4vk8h5>.

REVISTA *Clarinada*: revista folleto mensual de difusión argentina y contra propaganda roja. Buenos Aires: [s. n.], n. 1-100, 1937-1945. 1 recurso online. <https://tinyurl.com/5j8359hu>.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Das Aergste [O Pior] [ilustração]. In: *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 52, dez. 1939. 1 ilustração, p&b [repositório de arquivos históricos do *Der Stürmer*].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

BARBERIS, J. C. *Clarinada*: revista folleto mensual de difusión argentina y contra propaganda roja [Capa] [ilustração]. Buenos Aires: [s. n.] [ca. 1937]. In: *reddit*. r/PropagandaPosters. [S. l.]: *Reddit*, 2021. <https://tinyurl.com/3wuvdpmb>.

SCHWEITZER, Hans (Mjölnir). Sieg oder Bolschewismus [Vitória ou Bolchevismo] [cartaz, cor]. Berlim: Zentralverlag der NSDAP, 1943. In: *reddit*. r/PropagandaPosters. [S. l.]: *Reddit*, 2024. <https://tinyurl.com/2uv9ehub>.

MAREJACOB. *Clarinada*: revista folleto mensual de difusión argentina y contra propaganda roja [Capa] [ilustração]. Buenos Aires: [s. n.] [ca. 1937-1939]. In: REVISTA *Clarinada* 1937-1945. [S. l.]: Scribd, 2016. <https://tinyurl.com/2yx54f54>.

KAZHDAN, Yevgeny. Звенья одной цепи [Zvenya odnoy tsepi/Elos da mesma corrente] [cartaz, cor]. Moscou: Izobrazitelnoye Iskusstvo, 1970. <https://tinyurl.com/5esbcx98>.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). Judenkomplott: Marokko soll zur Guillotine für den europäischen Frieden werden. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 11, mar. 1937. Reproduzido por: *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [20--]. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>.

BERÁNEK. V usodnem trenutku nož v hrbet [cartaz, cor]. 1941. Reproduzido por: National Museum of Contemporary History. Ljubljana [20--]. <https://tinyurl.com/2xyt7yz5>.

LEMOT, Achille. Bavons!... Bavons!... Mes Frères!..... In: LE PÈLERIN. Paris: n. 1461, 3 jan. 1904. Reproduzido por: Gallica. Paris: Bibliothèque nationale de France. <https://tinyurl.com/4kvr5ftc>.

RUPPRECHT, Philipp (Fips). Totentanz: Dem Juden darf es nie gelingen Europa aufs Schafott zu bringen. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 06, fev. 1939. Reproduzido por: *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [20--]. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

SEM AUTOR. Propaganda nazista para soldados soviéticos. [1941]. 1 ilustração. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/bdh6284f>.

SEM AUTOR. L'envers du bolchevisme; Retournez ce dessin !. [194-]. 1 ilustração. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/msud57j4>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. L'envers du bolchevisme; Retournez ce dessin !. [194-]. 1 ilustração. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/msud57j4>.

SEM AUTOR. Zsidóság és Szovjet: Magyarország halála!. [1944?]. 1 ilustração. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/5ewwydjr>.

SEM AUTOR. Caricatura de soldado soviético com símbolos comunistas e judaicos. [194-]. 1 ilustração. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/r2h6fkss>

SEM AUTOR. Khon-munismus. [194-]. 1 ilustração. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/4zm3ac6z>.

SEM AUTOR. Кто управляет Москвой? (Quem governa Moscou?) [cartaz, p&b]. [1919?]. Reproduzido por: Biblioteca Nacional da Rússia. São Petersburgo [20--]. <https://tinyurl.com/56y6ftmb>.

SEM AUTOR. Обыкновенный жидобольшевизм (Judeobolchevismo Comum). [20--]. 1 colagem digital. Reproduzido por: Internet Archive. San Francisco [20--]. <https://tinyurl.com/4rt5dwvj>.

GARRISON, Ben. Cultural Marxism!. 2017. Reproduzido por: GrrrGraphics. [S. l.], 2017. <https://tinyurl.com/2mecahr5>.

ANONIMIZADO. Comentário ou postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário ou postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário ou postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário ou postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário ou postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

SEM AUTOR. Every time some anti-white... event takes place. [2018?]. 1 folheto. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. George Soros e a metamorfose do PT. In: BRASIL PARALELO. Portal. [S. l.], 2017. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/3hkr25s2>.

SEM AUTOR. Seria o PT um puxadinho dos democratas judaico-progressistas?. In: ESTUDOS NACIONAIS. Portal. [S. l.], 2018. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/59tw3an2>

SEM AUTOR. Did you know it was us jewish people who invented feminism?. [2022?]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: Antisemitic Conspiracies and the Women's Movement. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Colagem sobre movimentos sociais e a figura do "Happy Merchant". [202-]. 1 ilustração. In: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [20--]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>.

SEM AUTOR. Soros Octopus. [2022?]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: The Octopus Conspiracy Theory and its Antisemitic Origins. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

LEMOT, Achille. Bavons!... Bavons!... Mes Frères!..... In: LE PÈLERIN. Paris: n. 1461, 3 jan. 1904. Reproduzido por: Gallica. Paris: Bibliothèque nationale de France [20--]. <https://tinyurl.com/4kvr5ftc>.

SEM AUTOR. A Grande Substituição: Rumo a uma nova sociedade. [2022?]. 1 ilustração. In: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [20--]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

SEM AUTOR. Anders Behring Breivik faz saudação nazista em tribunal. 2012. [fotografia]. Reproduzido por: Holocaust Encyclopedia. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Museum [20--]. <https://tinyurl.com/48b75kep>.

SEM AUTOR. Cultural Marxism: A set of ideas.... [201-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: Cultural Marxism. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. ...Bad News!. [201-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: Antisemitic Edits of Ben Garrison Cartoons. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

MANN, A. Wyatt. ...How Affirmative Action Works. [199-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: The Impact of A. Wyatt Mann. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

WOLF (pseud.). Beware!!! of the Nigger-Jew. c. 1996. 1 folheto. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: Florida Regional Office Collection. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. The Pied Piper of White Displacement. [202-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: Antisemitic and Racist Memes. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. The World Conquerors. [202-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL Research Reports: Antisemitic Conspiracies and the New World Order. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

17 - DISSEMINADORES DE DOENÇAS

SEM AUTOR. Les Juifs avaient organisé une conspiration de lépreux pour empoisonner les fontaines. In: DRUMONT, Édouard. Le Juif dans l'histoire de France. Paris: Librairie Bloud et Gay [sd]. p. 145. 1 gravura. Reproduzido por: Gallica. Paris: Bibliothèque nationale de France [20--]. <https://tinyurl.com/3vf45rfy>.

SEM AUTOR. Caricatura de judeu envenenando poço ao lado de criança crucificada. In: DRUMONT, Édouard. Le Juif dans l'histoire de France. Paris: Librairie Bloud et Gay [s.d]. 1 gravura. Reproduzido por: *Getty Images*. [S. l.] [20--]. <https://tinyurl.com/2f4bkmtp>.

SEM AUTOR. Warte Bursche Dir werden wir das Handwerk schon legen. c. 1930. 1 ilustração. In: *Der Stürmer*. Nurembergue [s.d]. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Deadly Gas above Germany*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

SEM AUTOR. Żyd to oszust jedyny Twój wróg (O judeu é um trapaceiro, seu único inimigo) [cartaz]. [s.d]. In: INSTITUT PAMIĘCI NARODOWEJ (IPN). Portal Polska 1918-89. Varsóvia [s.d]. <https://tinyurl.com/mr2wx9s3>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

SEM AUTOR. The Ritual Murder. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 14, abr. 1937. 1 ilustração. Reproduzido por: Holocaust Encyclopedia. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Museum [20--]. <https://tinyurl.com/48b75kep>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

SEM AUTOR. Every single aspect of the Covid agenda is Jewish. [s.d]. 1 folheto. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Antisemitic Conspiracies regarding Covid-19*. New York [s.d]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Grafite antissemita associando a pandemia de COVID-19 ao Judaísmo [fotografia]. [s.d]. In: WIKIMEDIA COMMONS. [S. l.] [s.d]. <https://tinyurl.com/bdw3f88s>.

SEM AUTOR. OMS - Infecção Envenenadora Global: Destruição da população do planeta. [s.d]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: covid-19 and the Jewish Conspiracy*. New York [s.d]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

LATUFF, Carlos. Charge sobre destruição de centro de testes de COVID-19 em Hebron. 2020. Reproduzido por: Mondoweiss. [S. l.], 2020. <https://tinyurl.com/5n6svac4>

SEM AUTOR. Israel is the cancer of our world. [s.d]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Antisemitism and the Israeli-Palestinian Conflict*. New York [s.d]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

FIPS (pseud.). Schweinehund. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 19, mai. 1938. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Jewish Money. New York* [s.d. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. The World Conquerors. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Antisemitic Conspiracies and the New World Order. New York* [s.d]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>

FIPS (pseud.). Krankheitserreger (Agente causador de doenças). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 32, ago. 1935. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Deadly Gas above Germany*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. L'infirmière : 39,5. Le youpin : Laisse-le à 38 et j'le prends. 1 ilustração. In: LE PILORI. Paris. Reproduzido por: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [s.d]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

JINJERZILLA (pseud.). This virus can lie dormant.... [202-]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Antisemitic covid-19 Memes*. New York [s.d]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

APIS (pseud.). Le Chancre... qui a rongé la France. [1941]. 1 folheto. In: INSTITUT DES QUESTIONS JUIVES. Paris. Reproduzido por: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [s.d]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>

SEM AUTOR. Les Juifs avaient organisé une conspiration de lépreux pour empoisonner les fontaines. In: DRUMONT, Édouard. Le Juif dans l'histoire de France. Paris: Librairie Bloud et Gay [s.d]. p. 145. 1 gravura.

SEM AUTOR. Les Juifs avaient organisé une conspiration de lépreux pour empoisonner les fontaines. In: DRUMONT, Édouard. Le Juif dans l'histoire de France. Paris: Librairie Bloud et Gay [s.d]. p. 145. 1 gravura. Reproduzido por: Gallica. Paris: Bibliothèque nationale de France [s.d]. <https://tinyurl.com/3vf45rfy>.

SEM AUTOR. Tuberculose, Syphilis, Cancer sont guérissables... Il faut en finir avec le plus grand des fléaux: Le Juif! [cartaz]. [1941]. In: INSTITUT DES QUESTIONS JUIVES. Paris [s.d]. Reproduzido por: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [s.d]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>.

FIPS (pseud.). Das Ungeziefer (O Verme). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 37, set. 1944. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Nazi Propaganda and the "Vermin" Metaphor. New York*. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. Multiped. In: AL-BIAN. Barein: 16 jul. 1990. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Antisemitism in Arab Media*. New York. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Żydzi - Tyfus Plamisty: Unikaj Żydów (Judeus - Tifo Exantemático: Evite os Judeus) [cartaz]. In: INSTITUT PAMIĘCI NARODOWEJ (IPN). Portal Polska 1918-89. Varsóvia. <https://tinyurl.com/mr2wx9s3>

PEILER, G. Żydzi Wszy: Tyfus Plamisty (Judeus Piolhos: Tifo Exantemático) [cartaz, cor]. In: INSTITUT PAMIĘCI NARODOWEJ (IPN). Portal Polska 1918-89. Varsóvia. <https://tinyurl.com/mr2wx9s3>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. Jewish Poison. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: 22 abr. 1944. 1 ilustração. In: SEM AUTOR. Binary Chemical Weapons. In: AL-QADSIA. Iraque: 10 abr. 1990. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Poisoning the Air*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Giftmischer (Preparador de veneno). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 25, jun. 1939. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Poisoning the Air*. New York [20--].<https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. Zionismus. In: HORIZONT. Berlim Oriental [197-]. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Soviet Antisemitic Cartoons*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

FIPS (pseud.). Jüdisches Eintopfgericht (Cozido Judeu). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 32, ago. 1943. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Nazi Propaganda and Hate Cuisine*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>

18 - Instigadores de Guerras e Operações Bandeira Falsa

SEM AUTOR. Wofür?. In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 19, mai. 1944. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Jewish Goals. New York* [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. L'infirmière : 39,5. Le youpin : Laisse-le à 38 et j'le prends. [194-]. 1 ilustração. In: LE PILORI. Paris [194-]. Reproduzido por: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [20--]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>.

SEM AUTOR. O conflito entre Fatah e Hamas. [200-]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Antisemitism in Arab Cartoons*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. I want you to fight Iran for Israel: Obey. Enlist. Perish. 2025. In: FORBIDDEN INC. [S. l.], 2025. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: The "They Live" trope in modern antisemitism*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Judea Declares War on Germany: Jews Of All The World Unite In Action. In: DAILY EXPRESS. Londres: n. 10.358, 24 mar. 1933. p. 1. Reproduzido por: WIKIMEDIA COMMONS. [S. l.] [20--]. <https://tinyurl.com/bdw3f88s>

SEM AUTOR. Conjunto de panfletos de propaganda antissemita [ilustrações]. [194-]. In: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [20--]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>

SEM AUTOR. Nazis Assert Jews Caused Biggest War. [194-]. 1 recorte de jornal. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Nazi Propaganda and War Guilt.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>

NESTEROV, V. Extremistskaya bomba s detoNATOfom (Bomba extremista com detoNATOR). [197-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Soviet Antisemitic Cartoons*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>

SEM AUTOR. This War is a Jewish War. 1944. 1 selo (paródia de selo postal britânico). In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Nazi Propaganda and War Guilt.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Jews Started the Great War: Repressive Measures to Continue in Germany, Hitler's Party Declares. Berlin: Associated Press, 31 mar. [1933]. 1 recorte de jornal. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Nazi Propaganda and War Guilt.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Join the United States Army and Fight for Israel. [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. *adl Research Reports: The "Zog" and "Puppet Master" tropes in modern antisemitism*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Elephant driven by a Jewish manhout. [1200-1210]. 1 ilustração. In: Bestiary. North Midlands (?) [12--]. fol. 7r. Reproduzido por: UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. Cambridge University Library Digital Library. Cambridge: MS. Ii.4.26 [20--]. <https://tinyurl.com/8uv2njxa>.

FIPS (pseud.). Judenhetze in Nordamerika (Propaganda de incitação judaica na América do Norte). In: *Der Stürmer*. Nurembergue: n. 41, out. 1938. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: The "Puppet Master" trope in Nazi propaganda*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no X 28 fev. 2022.

SEM AUTOR. The "Grinder" Metaphor. [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: The "Puppet Master" and "Money" tropes in modern antisemitism*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

GARRISON, Ben. I am Gods chosen people, you filthy goyim. [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: The "Zog" and "Puppet Master" tropes in modern antisemitism*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

KANDELAKI, A. Othody Proizvodstva (Resíduos da produção). [197-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Soviet Antisemitic Cartoons* and the *Middle East*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

SEM AUTOR. Le vrai visage de la "France libre"! Le Général Micro, fourrier des Juifs! [cartaz]. Paris: Institut d'Études des Questions Juives [1941]. Reproduzido por: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [20--]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>.

W. (pseud.). Sein Weg zur "Befreiung" Europas! (O seu caminho para a "libertação" da Europa!). [194-]. Reproduzido por: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO. Acervo Digital. São Paulo [20--]. <https://tinyurl.com/nhjev2fb>.

GARRISON, Ben. Yidfly: Israel has the right to defend itself goy!!. [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Modern Antisemitic Propaganda*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

TERNAVSKY, V. Tel-Avivskiy dushegub (O assassino de Tel Aviv). [197-]. 1 ilustração. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Soviet Antisemitic Cartoons*. New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

FIPS (pseud.). Schneider Creuzott und Genossen (Schneider-Creusot e Companheiros): Uns de Dividende, den Völkern den Tod (Para nós os dividendos, para os povos a morte). In: *Der Stürmer*. Nurembergue [193-]. 1 ilustração. Reproduzido por: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Nazi Propaganda and the "Money" Trope.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ØSTBYE, Halldis Neegård. Jødenes Krig (A Guerra dos Judeus). Oslo: Nasjonal Samling, 1943. 1 capa de livro. In: WIKIMEDIA COMMONS. File:Halldis Neegård Østbye - Jødenes krig (1943) book cover. [20--]. <https://tinyurl.com/bdw3f88s>.

BAPE (BARTOŠ, Jiří; PERGLER, Vladimír). Vánoce ve světě (Natal no mundo). In: DIKOBRAZ. Praga: n. 51, 21 dez. 1977. p. 11. Foto de: Blanka Soukupová. In: SOUKUPOVÁ, Blanka. The Anti-Zionist Ideology in the Cartoons of the Czech Satirical Magazine Dikobraz (1948–1989). Jerusalém: Vidal Sassoon International Center for the Study of Antisemitism (SICSA) [20--]. <https://tinyurl.com/5n6k3n6a>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ALMEIDA, M. de. O Triunfo da Liberdade. In: A CARETA. Rio de Janeiro: n. 1.341, 3 mar. 1934. p. 11. 1 ilustração. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Hemeroteca Digital Brasileira. Rio de Janeiro [20--]. <https://tinyurl.com/d554upr5>

GARRISON, Ben. ISIS Mask. [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: The "Puppet Master" and "Zog" tropes in modern antisemitism.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

SEM AUTOR. "The attack on Venezuela is Zionist". [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: Antisemitism in Venezuela and the "Zionist" trope.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

SEM AUTOR. "Jews Mossad did 9-11"[fotografia, cor]. [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: False Flag Conspiracy Theories and Modern Antisemitism.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SEM AUTOR. "Mossad Did 9-11! Google 'Dancing Israelis'", pichação [fotografia, p&b]. [20--]. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. ADL *Research Reports: The "Dancing Israelis" Conspiracy Theory and Modern Antisemitism.* New York [20--]. <https://tinyurl.com/4t3sca9j>

19 - RELATIVIZAÇÃO E NEGAÇÃO DO ANTISSEMITISMO

ANONIMIZADO. Reprodução de publicação digital com manchete jornalística acoplada: "Saiba quem são as vítimas de ataque 'antissemita' em Washington" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de publicação em bloco de texto: "Não existe antissemitismo no Brasil, a maior parte do povo brasileiro nunca nem conheceu um judeu..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de comentário curto isolado: "Ora ora! O bigodin não tá a tão errado assim" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de posicionamento textual segmentado: "a ideia que já vem sendo massificada de que esse atentado pode ser atribuido a antissemitismo é, em si, um ataque antissemita..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Facebook*.

ANONIMIZADO. ReproduÇÃO de linha de comentário de interface: "Palestino é um povo semita. E Israel é quem mais assassina semitas..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de bloco gráfico simulando um verbete ou definição textual: "Antissemitismo: Conjunto de ações realizadas por grupos de europeus..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Veiculado em *Plataforma de Compartilhamento de Imagens*.

ANONIMIZADO. Reprodução de reação curta de interface: "Ri tanto que os vizinhos..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de questionamento em postagem de rede social: "O massacre de crianças inocentes será também antisemitismo" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Facebook*.

ANONIMIZADO. Reprodução de bloco longo de texto corrido: "ja eu queria ler algo sobre essa falácia do antissemitismo. Quando olho pra História não vejo esse racismo contra judeus..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Facebook*.

ANONIMIZADO. ReproduçÃO de analogia em caixa de diálogo: "Dizer que isto é anti-Semitismo é o mesmo que os alemães em 1940 dizerem que estavam a ser alvos de 'anti-arianismo'..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de comentário analítico de rede social: "Talvez, seja culpa do sionismo, que tem mostrado ao mundo do que é capaz..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *YouTube*.

ANONIMIZADO. Reprodução de postagem estruturada em tópicos comparativos: "Preconceito no Brasil contra -Negros... -Indigenas... Judeus: a dondoca do Leblon..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de arte satírica que emula a capa de um livro: "Tudo o que não me agrada é antissemita - Um livro básico para sionistas" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Traz a inscrição de rodapé "Editora Mossad/CIA". Veiculado em *Plataforma de Compartilhamento de Imagens*.

ANONIMIZADO. Reprodução de bloco longo de tweet com exibição de visualizações: "Ninguém pensa sobre judeus o suficiente pra ser antissemita... Judeus são o grupo mais privilegiado..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de postagem contínua de rede social: "Não existe racismo contra judeus, o que existe é um vitimismo vergonhoso dos sionistas..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de linha de comentário satírico em caixa de diálogo: "'Aaaainnnnn, antissemitismo!' diriam eles, que confundem antisionismo com antissemitismo" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Instagram*.

Anonimizado. Reprodução de fragmento de comentário encadeado com ícone de engajamento: "antissemitismo foi criado para silenciar as atrocidades cometidas por eles" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 1. *Instagram*.

CHARGE satírica em estilo de esboço com uma figura militarizada sobre um monte de terra apontando em direção a uma cadeira vazia [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Disponível na internet de forma análoga.

ANONIMIZADO. Reprodução de fotografia urbana de protesto público em que uma pessoa segura um cartaz adaptado exibindo a imagem de Anne Frank com adereços da causa palestina [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica*

e Política. São Paulo, 2026. p. 2. Disponível na internet de forma análoga.

ANONIMIZADO. Reprodução de bloco de comentário atrelado à imagem de protesto anterior: "Nossa, um israelense desrespeitando uma vitima do holocausto. Não poderia imaginar algo assim..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de comentário subsequente em caixa de interface: "E digo mais ela é tão judia quanto Ritiler pois se ela fosse realmente judia não estaria apoiando..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de diálogo humorístico estruturado: "Um judeu morre e encontra Deus, e pergunta a Ele: 'É errado cometer um genocidio de palestinos?'..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de frase curta em fundo escuro com métricas de interface: "Não é uma CPI é uma câmara de gás" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *YouTube*.

ANONIMIZADO. Reprodução de parágrafo argumentativo corrido: "Nada é mais anti-judeu que o Estado de Israel. Mas me pergunto cadê os vídeos de soldados Israelenses batendo..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. *Instagram*.

ANONIMIZADO. Reprodução de declaração em caixa alta destacada: "Não há nada mais parecido com o holocausto do povo judeu do que o genocidio do povo palestino..." [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Rede Social X.

ANONIMIZADO. Reprodução de contestação em barra horizontal de interface: "Que tal parar de matar civis inocentes?! antissemita!!!" [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Rede Social X.

CHARGE política sequencial digital que retrata uma figura de terno puxando com uma corda uma colmeia com as cores e símbolos da bandeira do Irã e, logo em seguida, posando para câmeras identificadas como CNN, Fox e BBC com a colmeia danificada ao fundo [imagem]. In: *Mural de Análise Teológica e Política*. São Paulo, 2026. p. 2. Conjunto de 2 painéis integrados. Disponível na internet de forma análoga.

20 - VITIMIZAÇÃO ESTRATÉGICA: INSTRUMENTALIZAÇÃO DA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO E DA LUTA CONTRA O ANTISSEMITISMO

ANONIMIZADO. Postagem em Plataforma de Blog / Portal de Notícias. [s. d.].

[CHARGE ou ilustração digital satírica em formato de meme contendo os dizeres "*THE PARASITE*" e a frase "*PLAYING THE VICTIM FOR 300 YEARS*"]. <https://tinyurl.com/yzfdetnn>.

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Instagram* [s. d.].

[CHARGE política clássica em preto e branco retratando personagens em um tribunal ou balcão discutindo com os dizeres "*Shtop it*" e "*It's a Forgery*"]. <https://tinyurl.com/3754c6as>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

[ILUSTRAÇÃO gráfica digital simulando um cartão de jogo ou identidade intitulado "*ISRAELI VICTIM CARD*" com os dizeres "*Get Out of Jail Free*"]. <https://tinyurl.com/4yjjrxeu>

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem em Plataforma de Compartilhamento de Memes. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Instagram* [s. d.].

[CHARGE política satírica em formato de quadrinho digital exibindo um mapa com a inscrição "Israel" e ações militares descritas em inglês como "*Bomb countries*"]. <https://tinyurl.com/3b3d35js>

[CHARGE política satírica mostrando personagens caricatos clamando "*EVERYONE HATES US FOR NO REASON THEY'RE ANTISEMITIC HOLOCAUST!*"]. <https://tinyurl.com/yc5xt3v8>

[CHARGE ou ilustração em formato de cartum político assinado por 'BARRISON' contendo as expressões "*ISRAEL IS OUR GREATEST*" e "*NEVER FORGET THE 6,000,000*"]. Disponível no arquivo de ilustrações do autor em: <https://tinyurl.com/2yjwxurc>

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Facebook*. [s. d.].

[CHARGE ou ilustração satírica em estilo de quadrinho contendo os personagens em uma mesa de refeição com os dizeres "*HAVE SOME MORE SOUP! GOYIM!*"]. <https://tinyurl.com/4ec7j8ku>

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *YouTube*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem em Plataforma de *Fórum*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem em Portal Web. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem em Plataforma Web. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *YouTube*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

21 - TABU DA CRÍTICA

LA LIBRE Parole Illustrée. Paris: [s. n.], 1893-1897. Cabeçalho de jornal. <https://tinyurl.com/4whjxnzd>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

SIONISMO demite jornalistas do UOL. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (2h 06min 34s). Publicado pelo canal Causa Operária TV. <https://tinyurl.com/5ahdkh3n>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

EINER allein von 2000 Millionen Menschen der Erde darf in Deutschland nicht reden!. In: GHDI - German History in Documents and Images. Washington, DC: German Historical Institute [20--]. <https://tinyurl.com/3hpbs6ms>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

LATUFF, Carlos. Antissemitismo. 2006. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/nhhxncu8>.

JOURNAILLE: Doppelzüngig und gemein, Muß sie England dienlich sein. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 37, set. 1939. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids [20--]. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

THE JEWS came for the Daily Stormer, and I said nothing... they are coming for YOUR free speech next!. [S. l.: s. n.], 2018. 1 folheto. In: ADL - Anti-Defamation League. New York [20--]. <https://tinyurl.com/yunuyz5s>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

GIORDANI, Marcopollo. Não à mordaça!: Processo-Crime n. 01397026988: Denunciado: Siegfried Ellwanger (Historiador S.E. Castan): Alegações Finais Art. 500 CPP. Porto Alegre: Revisão Editora, 1990. 1 capa de livro.

SANOUANI, Imad. Sem título. 2023. 1 ilustração. In: HESPRESS. Rabat, 2023. <https://tinyurl.com/2utmazza>.

GARRISON, Ben. Soros: The Puppet Master. 2023. 1 ilustração. In: Grrrgraphics. [S. l.], 2023. <https://tinyurl.com/2mecahr5>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário e Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário e Postagem no *Instagram* [s. d.].

ŽIDOVSKÉ zločiny neuveřejněné v novinách [Crimes judeus não divulgados na mídia]. Národně-vzdělávací institut. In: MAREŠ, Miroslav. Right-wing Extremism in the Czech Republic. 1. ed. [S. l.]: Routledge, 2011. p. 115. Fig. 4. (Routledge Studies in Extremism and Democracy).

DICTATORUL presei, care otrăvește sufletului Neamului românesc [O ditador da imprensa, que envenena a alma do povo romeno]. In: Comisia Internaţională Pentru Studierea Holocaustului În România. Raport Final. Iaşi: Polirom, 2004. p. 41. <https://tinyurl.com/2n68uv4u>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

GORFINKEL, Z. Oplachennoye kudakhtan'ye [Cacarejo pago]. 1972. 1 ilustração. In: Museum Of Danish Resistance. *The Road to October*: Soviet Propaganda Posters and Caricatures. Copenhagen [20--]. <https://tinyurl.com/3m9a8yky>.

JUDENPRESSE in Amerika. *Der Stürmer*, Nurembergue, v. 21, n. 43, out. 1943. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids [20--]. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>.

ANONIMIZADO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

EIN GUTES Schwein frißt alles. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 8, fev. 1939. In: Calvin University. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids [20--]. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>.

FERITI-VĂ de jidani: Cucerirea presei de către noi în România [Cuidado com os judeus: A nossa conquista da imprensa na Romênia]. Foaia de lupu, n. 4, 1911. In: Comisia Internaţională Pentru Studierea Holocaustului În România. Raport Final. Iaşi: Polirom, 2004. p. 30. <https://tinyurl.com/2n68uv4u>.

ФИНАНСИЈА У САД је 98% у јеврејским рукама [As finanças nos EUA estão 98% em mãos judaicas] [cartaz]. Belgrado: [s. n.], 1941. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/56djhh9t>.

ШТАМПА У САД је 97% у јеврејским рукама [A imprensa nos EUA está 97% em mãos judaicas] [cartaz]. Belgrado: [s. n.], 1941. In: United States Holocaust Memorial Museum. Collections. Washington, DC [20--]. <https://tinyurl.com/36e29hxe>.

LIES LIES LIES. [S. l.: s. n.] [19--]. 1 ilustração. In: ADL - Anti-Defamation League. New York [20--]. <https://tinyurl.com/3cfd7m83>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

PUBLIC Enemy Number One: Jewspapers. In: National States Rights Party Collection. Birmingham, AL: [195-]. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/3rv7s3b2>.

THE NEW Offensive. The Thunderbolt, Savannah, GA, n. 101, p. 1, maio 1968. 1 ilustração. In: ADL - Anti-Defamation League. New York [20--]. <https://tinyurl.com/3cfd7m83>.

ELON MUSK and the ADL Algorithm. [S. l.: s. n.], 2023. 1 ilustração. In: ADL - Anti-Defamation League. New York [20--]. <https://tinyurl.com/3cfd7m83>.

LATUFF, Carlos. Mainstream Media. 2022. 2 ilustrações. In: MONDOWEISS. [S. l.], 2022. <https://tinyurl.com/5n6svac4>.

22 – PRIVILÉGIO JUDAICO

JEWISH community before Charles the Great. In: COBLENCE, Jean-François (org.). Histoire des Juifs en France [imagem, cor]. Paris: Éditions Privat, 1972. Original do século XV manuscrito na Bibliothèque Nationale de France (BnF), Paris.

EVREI: Dute la Bucuresti... [Os Judeus: Vá a Bucareste...]. Bucareste: [s. n.] [ca. 1880]. 1 caricatura, p&b. Publicado originalmente na imprensa satírica romena. In: OIȘTEANU, Andrei. Imaginea evreului în cultura română [A Imagem do Judeu na Cultura Romena]. Iași: Polirom, 2001.

[ILUSTRAÇÃO digital de uma pomba branca estilizada voando sobre destroços e a palavra "GAZA" pichada em vermelho em um muro]. <https://tinyurl.com/bdw3f88s>.

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Instagram* [s. d.].

[CHARGE ou cartum político em estilo clássico em preto e branco retratando uma figura feminina representando a Justiça vendada com a inscrição "ACH... BLINDE JUSTITIA!"]. <https://tinyurl.com/mvn7z9d9>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Instagram* [s. d.].

[REPRODUÇÃO de infográfico digital estruturado contendo textos e inscrições tipográficas em caracteres árabes originais]. <https://tinyurl.com/yv727jad>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

[REPRODUÇÃO de arte gráfica digital sequencial contendo caracteres em árabe e uma barra de identificação ocidentalizada]. <https://tinyurl.com/mr48zhbf>.

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Instagram* [s. d.].

[CARTAZ histórico de propaganda política em duas línguas (alemão e inglês) contendo as frases "Schützt die armen verfolgten Juden" e "THE POOR PERSECUTED JEWS", conclamando o combate ao terror fascista]. <https://tinyurl.com/b67nkfnp>.

[ILUSTRAÇÃO em formato de meme macro de internet contendo a frase em inglês: "everything was promised to them 3000 yap"]. <https://tinyurl.com/ye28srh3>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Threads*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Pinterest*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

TROPOS 23-24 (NÃO TEM)

25 – "JUDEUS NÃO APRENDERAM NADA COM O PASSADO"

ALAMY. *Synagogue allegory on Gothic cathedral in Strasbourg*. [s. d.]. Fotografia. Alamy Stock Photo.

ANONIMIZADO. Postagem no X 16 out. 2023.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Anti-Zionist propaganda posters from the USSR [Cartazes de Propaganda]. União Soviética [s.d.]. In: *reddit*. r/ussr. <https://tinyurl.com/42awhbu8>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Ecclesia et Synagoga [Escultura]. Paris, França, c. 1220-1230 (Originais); restauradas no séc. XIX Fachada da Catedral de Notre-Dame de Paris. In: *reddit*. r/PropagandaPosters: Medieval Propaganda. <https://tinyurl.com/mwnp5njf>.

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título; composição de Auschwitz e Gaza

[ilustração digital]. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. Não começou em Auschwitz, não vai acabar em Gaza. Pato à Esquerda, 2024. <https://tinyurl.com/pbysjrkp>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem em rede social [s. d.].

PORTAL DESACATO. Postagem no X 20 jan. 2020.

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título/Entrada para o concurso de cartuns [caricatura]. Teerã, Irã, 2016. In: JNS (Jewish News Syndicate). Iran's Holocaust cartoon contest is no caricature of regime's identity. <https://tinyurl.com/2tb74tce>.

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título; Netanyahu no espelho de Hitler [caricatura]. Al-Khalij, Emirados Árabes Unidos, 20 jul. 2014. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE (ADL). Anti-Semitism in Arab Cartoons: July - December 2014. <https://tinyurl.com/yzwbuuh3>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem em rede social [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

VARELA, Onofre. [Sem título/Cartoon sobre o conflito Israel-Palestina] [ilustração]. 2023. Publicado originalmente em: Gazeta de Paços de Ferreira. In: PÚBLICO. Cartoon retirado da Bienal de Gaia após críticas da comunidade israelita. <https://tinyurl.com/28hz635w>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ZENIN, A. [À imagem e semelhança] [cartaz, cor]. União Soviética (URSS): Editora Izobrazitelnoye Iskusstvo, c. 1970. In: *reddit*. r/PropagandaPosters: In picture and likeness, USSR, picture 70s. <https://tinyurl.com/4dbvnbbw>.

CHAH (Pseudônimo). [Sem título / Caricatura sobre a criação de Israel] [ilustração]. Irã, 2006. Entrada do Concurso Internacional de Caricaturas sobre o Holocausto. In: ISGAP (Institute for the Study of Global Antisemitism and Policy). Qu'est-ce qu'une caricature antisémite ? Essai d'explication historique et politique. <https://tinyurl.com/4r2tr6bt>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título; marionetes políticas [ilustração digital]. In: YOGAESOTERIC. How the Zionists-Illuminati funded both sides of World War 2: Hitler and Churchill were pawns. <https://tinyurl.com/4hjxhzxw>.

ABRAMOV, M.; ROMANOV, M. [Contatos diretos com os árabes] [cartaz, cor]. União Soviética (URSS): Editora Artista Soviético, 1972. In: *reddit*. r/PropagandaPosters: Direct contact with Arabs, 1972. <https://tinyurl.com/mud4r5uv>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

Esta charge, publicada no jornal saudita Arab News em 10 de abril de 2002, representa um exemplo extremo do uso de tropos visuais para a demonização e desumanização de uma figura política e, por extensão, do grupo que ela representa. AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Ariel Sharon com machado de suástica] [ilustração/cartoon]. Arab News, Arábia Saudita, 10 abr. 2002. In: GROSS, Tom. Arab Cartoons. <https://tinyurl.com/mts6dy2z>.

AUTOR DESCONHECIDO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Não somos assassinos, somos nazistas] [ilustração/cartoon]. Al-Ahali, Egito, 21 mar. 2007. In: MEMRI (*Middle East* Media Research Institute). Caricaturas antissemitas na imprensa árabe e iraniana. <https://tinyurl.com/mudk7kvk>.

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Figura demoníaca com símbolos religiosos] [ilustração/cartoon]. Tishreen, Síria, 15 abr. 1993. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. *Anti-Semitic Arab Cartoons (1990s)*. <https://tinyurl.com/5ekc6kyr>.

LATUFF, Carlos. [Sem título / Inversão do Holocausto] [ilustração/cartoon]. 2004. In: Revista *Oeste*. Quem é Carlos Latuff, o cartunista brasileiro premiado no Irã. <https://tinyurl.com/nha24uen>.

BUDNIKOV, N. [Nós aprendemos a lição da Segunda Guerra Mundial...] [Cartaz/Charge]. Gudok, URSS, 5 mar. 1972. In: NIR, Yeshayahu. The Israeli-Arab Conflict in Soviet Caricatures, 1967–1973. Tel Aviv: Tcherikover Publishers, 1976. Reproduzido em *tablet magazine*. The Soviet Roots of Anti-Zionism. <https://tinyurl.com/4zt5zk38>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título / Benjamin Netanyahu carregando uma suástica [ilustração/cartoon]. October Weekly, Egito, 1 fev. 1998. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Egyptian Cartoons: Netanyahu Carrying Swastika. <https://tinyurl.com/492fhndu>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem em rede social [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Post do Linkedin. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

26 - OS JUDEUS SÃO CULPADOS, MERECEDORES OU INSTIGADORES DO ANTISSEMITISMO

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AGAYEV, D. *Ne zaslonit'* [Não vai obscurecer]. 1975. 1 ilustração. In: MUSEUM OF DANISH RESISTANCE. *The Road to October*: Soviet Propaganda Posters and Caricatures. Copenhagen [20--]. <https://tinyurl.com/3m9a8yky>.

EIN UNGLEICHER Kampf: Gummiknüppel gegen Idee [Uma Luta Desigual: Cacetete contra Ideia]. *Der Angriff*, Berlim, 29 out. 1930. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids [20--]. <https://tinyurl.com/488sv8xh>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

GUT gedüngt [Bem fertilizada]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 25, jun. 1938. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids [20--]. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

DER DEUTSCHE Soldat steht zu hoch [O soldado alemão está em um patamar muito alto]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 25, jun. 1938. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. Grand Rapids. <https://tinyurl.com/yed9uk8t>.

AGAYEV, D. *Myl'nyye puzyri sionistov* [Bolhas de sabão dos sionistas]. 1971. 1 ilustração. In: MUSEUM OF DANISH RESISTANCE. *The Road to October*: Soviet Propaganda Posters and Caricatures. Copenhagen. <https://tinyurl.com/3m9a8yky>.

HEY RABBI... Watcha doin'?! [S. l.: s. n.] [20--]. 1 ilustração. In: ADL - *Anti-Defamation League*. New York. <https://tinyurl.com/3cfd7m83>.

LATUFF, Carlos. Enquanto isso, no Muro das Lamentações.... 2024. 1 ilustração. In: *Opera Mundi*. São Paulo, 2024. <https://tinyurl.com/5babamfc>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

WHELAN, Dan. Orthodox Jews taking part in a march for Palestine [fotografia]. Londres, 22 maio 2021. In: *Getty Images*. <https://tinyurl.com/8hx587w4>

WHELAN, Dan. Orthodox Jews holding signs against Zionism [fotografia]. Londres, 22 maio 2021. In: *Getty Images*. <https://tinyurl.com/57x7sh7y>.

QUEM são os judeus antissionistas que queimam bandeiras de Israel. *Brasil 247* [S. l.], 2024. <https://tinyurl.com/4r8bpxjc>.

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

OS INTELECTUAIS judeus contra o sionismo. *Outras Palavras* [S. l.], 2024. Captura de tela de feed de notícias Google. <https://tinyurl.com/4xey5py7>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

A PRINCIPAL causa do antissemitismo no mundo é o sionismo. *Brasil 247* [S. l.], 2024. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/4r8bpxjc>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

27 - INVERSÃO DO HOLOCAUSTO: COMPARAÇÕES COM O NAZISMO

MUSEU ISRAELENSE DE CARICATURA E QUADRINHOS. Da Arca: A Pomba da Paz em Caricaturas. <https://tinyurl.com/2d6xuru7>.

CAMELO, Jota. Beco de Gaza [ilustração/cartoon]. Revista *Pirralha*. <https://tinyurl.com/45bw95z7>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Banner of the Zionist Gang [ilustração/cartoon]. Pravda Vostoka, URSS, dez. 1971. In: *times of israel* (Blogs). To fight today's anti-Israel propaganda, remember yesterday's. <https://tinyurl.com/4zpxcm6c>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Cartaz de propaganda antissionista da URSS] [cartaz]. União Soviética (URSS). In: *reddit*. r/ussr: Antizionist propaganda poster of the USSR. <https://tinyurl.com/rckvuy2t>

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Propaganda soviética anti-Israel dos anos 1980] [cartaz]. União Soviética (URSS). In: *reddit*. r/PropagandaPosters: Soviet anti-Israel propaganda from the 1980s. <https://tinyurl.com/yw6d98ye>.

LATUFF, Carlos. [Sem título / Crítica ao conflito em Gaza] [ilustração/cartoon]. In: MIOLA, Jeferson. Genocídio de manual. Diário do Centro do Mundo, 2024. <https://tinyurl.com/3ddhbxd3>.

GARGALO, Vasco. O Crematório [ilustração/cartoon]. 2019. In: PÚBLICO. Cartunista Vasco Gargalo acusado de anti-semitismo por comunidade judaica. <https://tinyurl.com/fa2vh3a7>.

AUTOR DESCONHECIDO. Holocausto que dizem ser este [ilustração/cartoon]. Asriran, Irão. <https://tinyurl.com/y76ac7j7>.

SEM TÍTULO. O Matzá dos Nazistas, o Matzá de Hitler [cartum]. Al-Ra'i al-Amm, Kuwait, 5 abr. 1988. In: STAVROU, Nikolaos A. (Ed.). The Israeli-Arab Conflict in Soviet Caricatures. (Ou fonte secundária similar que catalogue propaganda do Oriente Médio).

ANONIMIZADO. Postagem ou Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem ou Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem ou Comentário no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Personagem denominado Sionismo] [ilustração/cartoon]. Al-Gomhouriyya, Egito, 6 mar. 2007. In: MEMRI (*Middle East* Media Research Institute). Caricaturas antissemitas na imprensa árabe e iraniana. <https://tinyurl.com/mudk7kvk>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

DIÁRIO CAUSA OPERÁRIA. *Ala do PCO em ato na Avenida Paulista*. 16 jun. 2025. <https://tinyurl.com/yc22ufvz>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

PORAT, Liad. Delegitimizing Jews and Israel in Iran's International Holocaust Cartoon Contest. [S. l.]: SciSpace [s.d]. <https://tinyurl.com/4yeb4zpt>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* 5 de junho de 2025.

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título; capa sobre o militarismo [ilustração]. Perets, Ucrânia (URSS), n. 15, p. 1, ago. 1961. <https://tinyurl.com/3z6a94m8>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

PAPIK.PRO. Moshe Dayan: caricaturas (44 fotos). [s.d]. <https://tinyurl.com/mwtz2hvz>.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Anti-Semitism in the Official Egyptian Press (15/1: Spring 1998-1999). [1999]. <https://tinyurl.com/5n7p3z4h>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Analogia Estrela de David e Suástica]. Saut al-Kuwait, Kuwait, 18 jul. 1991. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. Anti-Semitism in the Arab World: A Decade of Post-9/11 Propaganda. [S. l.]: ADL, 2011. <https://tinyurl.com/mr3f8ufj>

ZAPIRO [Jonathan Shapiro]. [Ariel Sharon e o Ghetto] [ilustração/cartoon]. Mail & Guardian, África do Sul, 18 abr. 2002. <https://tinyurl.com/2ym58m29>

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Analogia histórica Israel-Nazismo] [ilustração/cartoon]. Eleftherotypia, Grécia, abr. 2002. In: KATOHIKA. To 90% ton Ellinon theoroun oti oi Evraioi.... <https://tinyurl.com/3ayecs9z>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

KICHKO, Trofim. Bonn-Gurion [ilustração/cartoon]. In: KICHKO, Trofim. Judaism Without Embellishment [Iudaizm bez prykras]. Kiev: Academia de Ciências da RSS da Ucrânia, 1963. Reproduzido em ANTIMATRIX Jews in Eastern Europe. <https://tinyurl.com/y3jjcba9>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. [Sem título / Caricatura política] [ilustração/cartoon]. Al-Ahram, Egito, 17 out. 1997. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Anti-Semitism in the Egyptian Press. <https://tinyurl.com/mpdwbawb>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Israel Über Alles [caricatura]. Al-Gumhuria, Egito, 25 maio 1994. In: WISTRICH, Robert S. Muslim Anti-Semitism: A Clear and Present Danger. New York: American Jewish Committee (AJC), 2002. p. 24. <https://tinyurl.com/33cjxuky>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem na plataforma *Youtube*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

HAJJAJ, Imad. Sem título; Gaza como gueto [caricatura]. *Al-Ghad*, Jordânia, 2008. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Gaza War: Anti-Semitic Cartoons. <https://tinyurl.com/p4udk45s>.

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título; O Polvo e a Flotilha [caricatura]. Al-Iqtisadiyya, Arábia Saudita, jun. 2010. In: JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Anti-Semitic Cartoons about the Gaza Flotilla. <https://tinyurl.com/5rfa37vp>.

KICHKO, Trofim Korneyevich. Judaism Without Embellishment [Iudaizm bez prykras]. Edição técnica por I. D. Alekseyeva e N. S. Krylovs'ka. L'viv: Publishing House of the Academy of Sciences of the Ukrainian SSR, 1963. Reproduzido em ANTIMATRIX Jews in Eastern Europe. <https://tinyurl.com/y3jjcba9>.

ZIONISM is the Fascism of today. [S. l.]: [ca. 1970-1989] [cartaz, cor]. Reprodução de cartaz soviético. In: YESHIVA UNIVERSITY LIBRARIES. Digital Collections. New York [20--?]. <https://tinyurl.com/7k85nsfh>.

28 - RESPONSABILIZAÇÃO DOS JUDEUS PELAS AÇÕES DO ESTADO DE ISRAEL

MORTE aos $ionista [fotografia]. Rio de Janeiro, 2024. In: CONIB - Confederação Israelita do Brasil, São Paulo, 2024. <https://tinyurl.com/4r65hf7p>.

PALESTINA Livre / Israel Terrorista [fotografia]. Rio de Janeiro, 2024. In: CONIB,. São Paulo, 2024.

RESTAURANTE israelita de Lisboa vai fechar. Proprietários culpam antisemitismo [ilustração]. Público, Lisboa, 2024.

SIONISTA não é professor! [fotografia] [S. l.: s. n.], 2024. In: CONIB, São Paulo, 2024.

EQUIVALÊNCIA de símbolos e acusação de genocídio. [S. l.: s. n.], 2024. 2 fotografias. In: CONIB, São Paulo, 2024.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AQUELES que apoiaram o genocídio israelense em Gaza devem prestar contas. [S. l.: s. n.], 2024. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/4r8bpxjc>

SANCTION Israel [fotografia]. Sydney, 2024. In: The Great Synagogue. Sydney, 2024. <https://tinyurl.com/32xenswv>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ALL Zionists are bastards [fotografia]. [S. l.: s. n.], 2024. In: CONIB. São Paulo, 2024.

UNE mort lente et douloureuse à chaque membre du CRIF! [fotografia] França, 2024. In: CRIF - Conseil Représentatif des Institutions Juives de France. Paris, 2024. <https://tinyurl.com/ypsytzat>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

VANDALISMO com tinta verde em fachada de sinagoga [fotografia]. Paris, 2024. In: CRIF - Conseil Représentatif des Institutions Juives de France. Paris, 2024. <https://tinyurl.com/ypsytzat>

FREE Palestine em fachada de sinagoga [fotografia]. [S. l.: s. n.], 2024. In: CONIB. São Paulo, 2024.

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ATENTADO à AMIA em Buenos Aires [fotografia]. Buenos Aires, 1994. In: CONIB. São Paulo, 2024.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

PF prende terroristas ligados ao Hezbollah e que planejavam ataques no Brasil. [S. l.: s. n.], 2024. 1 ilustração. In: CONIB. São Paulo, 2024.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

IBERIA serves Jewish passenger a kosher meal with 'Free Palestine' written on it. [S. l.: s. n.], 2024. 1 ilustração. In: CONIB. São Paulo, 2024.

TODO judeu deve ser anti-sionista com convicção. [S. l.: s. n.], 2024. 1 ilustração. <https://tinyurl.com/4r8bpxjc>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

PROTESTO com bandeiras da Palestina em frente a prédio da comunidade judaica [fotografia]. [S. l.: s. n.], 2024. In: CONIB - Confederação Israelita do Brasil. São Paulo, 2024.

PALESTINA pichada em porta branca [fotografia]. [S. l.: s. n.], 2024. In: CONIB - Confederação Israelita do Brasil. São Paulo, 2024. <https://tinyurl.com/4r65hf7p>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

QUEM era o casal de Israel assassinado em ataque a tiros em Museu Judaico dos EUA? [S. l.: s. n.], 2024. 1 ilustração. In: CONIB. 2024. <https://tinyurl.com/4r65hf7p>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ATAQUE em sinagoga de Manchester durante Iom Kipur deixa ao menos 2 mortos e 4 feridos; o que se sabe. [S. l.: s. n.], 2024. 1 ilustração. In: CONIB - Confederação Israelita do Brasil. São Paulo, 2024. <https://tinyurl.com/4r65hf7p>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

29 - ISRAEL COMO ESTADO COLONIAL, SIONISMO COMO IDEOLOGIA COLONIALISTA E JUDEUS COMO COLONIZADORES

ANONIMIZADO. Postagem no X 7 de outubro de 2023.

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. [Caricatura de judeu abraçando o globo terrestre] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, Alemanha [ca. 1930-1940]. 1 ilustração, p&b.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Britische 'Helden' in den Dominien [Heróis Britânicos nos Domínios] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, Alemanha, jan. 1944.

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Judensklaven [Escravos dos Judeus] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, Alemanha, n. 4, jan. 1942. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Aufschlussreiches Beispiel [Exemplo Informativo] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, Alemanha, n. 7, fev. 1942. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*.

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Die lieben Araber [Os Queridos Árabes] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, Alemanha, n. 52, dez. 1940. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*.

VIAU, Raphaël. Oh! ces Jéroboam! [Publicidade de livro/Caricatura]. La Libre Parole, Paris, 26 ago. 1901. 1 ilustração, p&b. In: WIKIMEDIA Commons. <https://tinyurl.com/22sdyhrd>.

A caricatura mostra uma figura representando o "Eixo" (identificada pela bota) expulsando uma personagem que personifica a aliança entre o Império Britânico e interesses judaicos (caracterizada pelos traços fisionómicos e o capacete colonial britânico). RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Erwachendes Ostasien [O Despertar da Ásia Oriental] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, Alemanha, n. 4, jan. 1942. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*.

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Palästina-Zauber [Palestina=Feitiço Mágico] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nuremberguea, Alemanha, n. 45, nov. 1938. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. [Sem título / Tio Sam controlado] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nurembergue, Alemanha [ca. 1930-1942]. 1 ilustração, p&b. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mr5y2ju5>

AUTOR DESCONHECIDO. Solche Kulturträger unerwünscht [Tais portadores de cultura são indesejados] [ilustração]. Der Deutsche Weg [Alemanha/Polônia], 1938. 1 ilustração, p&b. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/mr5y2ju5>.

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Faul und wurmstichig [Podre e Bichada] [ilustração]. *Der Stürmer*, Nuremberguea, Alemanha, n. 32, ago. 1940. In: BYTWERK, Randall (org.). *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/mr5y2ju5>.

CHERNIKOV, V. USAконенный бандитизм [Banditismo legalizado pelos EUA] [ilustração]. [S. l.]: União Soviética [ca. 1970-1980]. 1 ilustração, p&b. In: ANTIMATRIX Jews in Eastern Europe. <https://tinyurl.com/y3jjcba9>.

AUTOR DESCONHECIDO. [Trabalhando no mapa do Grande Israel] [ilustração]. União Soviética (URSS) [ca. 1967-1970]. <https://tinyurl.com/5b8dhzzz>.

A charge mostra um soldado (caracterizado com o tapa-olho que remete

EFIMOV, Boris. БРЕДОВЫЙ МИРАЖ [Miragem Delirante] [ilustração]. União Soviética (URSS), 1970. Publicado originalmente em: Krokodil. <https://tinyurl.com/39d39fhx>.

EFIMOV, Boris. [Amerikanskaya marionetka] [Marionete Americana] [ilustração]. União Soviética (URSS), 1970. Publicado originalmente em: Agitplakat. <https://tinyurl.com/u6b9mjs5>.

IVANOV, Yuri. Осторожно: сионизм! [Cuidado: Sionismo!] [Livro]. Moscou: Politizdat, 1969. <https://tinyurl.com/4afkkj6t>.

IVANOV, Yuri. Caution: Zionism! [Cuidado: Sionismo!] [Livro]. Tradução de George Hanna. Moscow: Progress Publishers, 1970. 174 p. <https://tinyurl.com/48f2ehx3>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. [Agressão contra os países árabes] [ilustração]. União Soviética (URSS) [ca. 1967-1970]. 1 ilustração, p&b. In: GRIMNIR74. *LiveJournal*. <https://tinyurl.com/25kyh4u8>.

AUTOR DESCONHECIDO. [Israel como crocodilo do imperialismo] [ilustração]. Alemanha Oriental (RDA) [ca. 1967-1971]. 1 ilustração, p&b. In: *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mw3ht63k>.

ABRAMOV, M. [O filhote conhece a sua própria força porque não está sozinho] [ilustração]. Krasnaya Zvezda, Moscou, 31 jul. 1969. In: NIR, Yeshayahu. The Israeli-Arab Conflict in Soviet Caricatures, 1967–1973. [S. l.]: Tcherikover Publishers, 1976. <https://tinyurl.com/4zt5zk38>

AUTOR DESCONHECIDO. [Agressão Israelense] [ilustração]. União Soviética (URSS) [ca. 1967-1970]. In: *German Propaganda Archive*. Grand Rapids: Calvin University [s.d]. <https://tinyurl.com/mw3ht63k>.

AUTOR DESCONHECIDO. [Hiena do Sinai] [ilustração]. União Soviética (URSS) [ca. 1967-1970]. 1 ilustração, p&b. In: *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mw3ht63k>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Sem título [ilustração]. A-Ra'i, Jordânia, 24 abr. 1990. 1 ilustração, p&b. In: STAV, Arieh. The Arab Caricature: Against Israel and the Jews. [S. l.]: ACPR Publications, 1999.

VOLKOV, V. В одном строю [Em formação única] [ilustração]. União Soviética (URSS) [ca. 1967-1970]. 1 ilustração, p&b. In: *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mw3ht63k>.

AUTOR DESCONHECIDO. Not a Single Drop! [Nem uma única gota!] [ilustração]. In: *a-thawra*. Damasco, 18 abr. 1993. 1 ilustração, p&b. In: MEMRI. Special Dispatch No. 980. Washington, DC, 2005. <https://tinyurl.com/mwcuxwjx>

AL-AHRAM. Sem título [ilustração]. Egito, 27 jul. 1993. 1 ilustração, p&b. In: STAV, Arieh. The Arab Caricature: Against Israel and the Jews. [S. l.]: ACPR Publications, 1999.

AUTOR DESCONHECIDO. [Incendiário no Oriente Médio] [ilustração]. União Soviética (URSS) [ca. 1967-1970]. 1 ilustração, p&b. In: *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mw3ht63k>.

MAPA da perda de terras palestinas (1947-2005). [ilustração]. [S. l.: s. n.] [s.d]. <https://tinyurl.com/5exk4y3e>.

ANÔNIMO. How would you feel? [Como você se sentiria?] [ilustração]. [S. l.], 7 dez. 2017. Twitter (X): @[usuário anonimizado]. <https://tinyurl.com/5e9758dy>.

CHÉRET, Jules. La France Juive [A França Judaica] [ilustração]. Paris: Librairie Blériot, 1886. <https://tinyurl.com/3tn98c6b>.

ANÔNIMO. How would you feel? [Como você se sentiria?] [ilustração]. [S. l.], dez. 2014. Twitter (X): @[usuário anonimizado]. <https://tinyurl.com/5e9758dy>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

IF IRELAND was treated like Palestine: an alternate history [Se a Irlanda fosse tratada como a Palestina: uma história alternativa]. [ilustração]. [S. l.]: Anarchism [s.d]. <https://tinyurl.com/66mb9dn4>

OCCUPATION proportionnelle de la France [Ocupação proporcional da França]. [ilustração]. In: F de Branche. [S. l.], 22 out. 2015. <https://tinyurl.com/yzpx8rau>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

¿CÓMO se sentiría usted? [#PalestinaLibre] [Como você se sentiria?]. [ilustração]. In: MEMO. Argentina_PTG_spreads. [S. l.]: Editora Memo, maio 2023. p. [trecho s.n.]. <https://tinyurl.com/yfnv6443>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AL-AHRAM. Sem título [ilustração]. Egito, 2 nov. 1973. 1 ilustração, p&b. In: STAV, Arieh. The Arab Caricature: Against Israel and the Jews. [S. l.]: ACPR Publications, 1999.

DER WEG der symbolischen Schlange [O caminho da serpente simbólica] [ilustração]. In: JÜDISCHER Imperialismus: 3000 Jahre hebräischer Schleichwege zur Erlangung da Weltherrschaft. Berlim: [s. n.], 1937. 1 ilustração, p&b. <https://tinyurl.com/yfwhutjy>.

GOVERNO DO IRÃ. Dream of Zionism: Map of "Greater Israel" [O sonho do sionismo: mapa do "Grande Israel"] [ilustração]. Teerã [ca. 2005]. 1 ilustração, p&b. In: MEMRI. Special Dispatch No. 980. Washington, DC, 2005. <https://tinyurl.com/mwcuxwjx>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

LIMA, Eduardo. O plano obscuro de criar um estado judaico em Mato Grosso do Sul. Superinteressante, São Paulo, 10 dez. 2018. Coluna Conta Outra. <https://tinyurl.com/92sm5t47>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Imagem gerada por inteligência artificial publicada no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. [Plano Andinia] [ilustração]. [S. l.: s. n.] [20--?]. 1 ilustração, p&b. In: ROTHBARD BRASIL. Por que a Argentina pode ser a próxima fronteira da diáspora judaica? [S. l.], 14 dez. 2011. <https://tinyurl.com/4ury93xm>

ANONIMIZADO. Postagem no *Threads*. 12 de janeiro de 2026.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

DIE KREISE Judas [Os círculos de Judas] [ilustração]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, n. 20, maio 1944. Tradução e notas de MEMRI. <https://tinyurl.com/5x8yp3jb>.

ERNAN. Miren un terrorista Mapuche [Olhem um terrorista Mapuche]. [ilustração]. In: ALEGRIA. [S. l.], 8 jan. 2026. *Instagram*: @[autor_anonimizado]. <https://tinyurl.com/kcdeju9p>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

FIPS (Philipp Rupprecht). Die Ursache jedes Weltenbrandes [A causa de cada incêndio mundial]. [ilustração]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, n. 43, out. 1939. Tradução e notas de MEMRI. <https://tinyurl.com/5x8yp3jb>.

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

BARROSO, Gustavo. Brasil: Colônia de Banqueiros. [Reimpressão da Coleção Comemorativa do Centenário]. São Paulo: Revisão Editora [198-?]. 235 p. (Coleção Comemorativa do Centenário de Gustavo Barroso). <https://tinyurl.com/yc6hrvfp>.

ABRAMOV, Mark. Sem título [ilustração]. União Soviética [ca. 1970]. 1 ilustração, p&b. In: SOVIET Jewish Affairs. [S. l.]: Institute of Jewish Affairs, v. 2, n. 1, p. 115, maio 1972. <https://tinyurl.com/cwyaznta>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem e Comentário no *Instagram* [s. d.].

FIPS (Philipp Rupprecht). Sem título [ilustração]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, n. 37, set. 1934. 1 ilustração, p&b. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mr5y2ju5>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

FIPS (Philipp Rupprecht). Der anständige Jude [O judeu decente] [ilustração]. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, n. 28, jul. 1936. 1 ilustração, p&b. In: CALVIN UNIVERSITY. *German Propaganda Archive*. <https://tinyurl.com/mr5y2ju5>.

30 - ISRAEL COMO ESTADO DE APARTHEID E "SIONISMO = RACISMO"

MANIFESTANTES segurando faixa "Israel = Apartheid" em via pública [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/3uks6yn6>

ISRAELI Apartheid Week: March 1-8 09: Gaza [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.], 2009. <https://tinyurl.com/mr8p9m2k>.

EXPOSIÇÃO urbana de painéis informativos "End Israeli Apartheid: Life Under Apartheid" [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/e3mkexxw>

ARAB LAWYERS UNION. That is the fact... Racism of zionism & "Israel": World Conference against racism, racial discrimination, xenophobia & related intolerance in Durban [cartaz, cor]. Durban: Arab Lawyers Union, 2001. <https://tinyurl.com/3vmrbjju>

GRAFITE urbano "Espailure" associado ao movimento BDSS/BDS [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/3a34zrrd>.

COMO Israel exportou sua tecnologia colonial e racista ao mundo [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/ys7n5v9s>

ESTUDANTES em protesto carregando cartaz "Apartheid Off Campus" [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/54mnsxae>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.]. <https://tinyurl.com/5e9758dy>.

LATUFF, Carlos. *Performing in Israel... is supporting Apartheid!* [S.l.], 2010. <https://tinyurl.com/33v7pf4w>

O GENOCÍDIO dentro do Apartheid: O Estado de Israel é uma construção colonial e racista... [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 folheto explicativo, p&b. <https://tinyurl.com/589pjwft>

FARHAT, Gomaa. *Racism: Here Gomaa* is attacking Judaism: a rabbi incites racism with one of the stone tablets of the Law. Al Ahram Weekly Online, n. 545, 2-8 Aug. 2001. 1 charge, p&b. <https://tinyurl.com/yc5vjns7>

CARICATURA política satírica representando figuras associadas à comunidade judaica influenciando o governo americano. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 charge, p&b. <https://tinyurl.com/hshvc67y>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Conférence mondiale contre le racisme: la discrimination raciale, la xénophobie et l'intolérance qui y est associée* (Durban, Afrique du Sud) [cartaz, cor]. New York: ONU, 2001. <https://tinyurl.com/264dn3b6>

PALESTINE is not a single issue: Palestine is the issue. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 diagrama conceitual, cor. <https://tinyurl.com/mvzttxnx>

THE UNITED STATES UNDER ZIONIST OCCUPATION. Daily Star, Beirut, 9 Sept. 2002. In: ANTI-DEFAMATION LEAGUE. The Lebanon Daily Star: editorial cartoon identifies the true enemy of the rest of the world. New York: ADL, 2002. 1 charge, p&b. <https://tinyurl.com/yjth5335>

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.]. <https://tinyurl.com/5e9758dy>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.]. <https://tinyurl.com/5e9758dy>.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>.

HE LATEST Mind-Control Device: Zionist Islamophobia [Painel 1]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 recorte de tirinha, p&b. <https://tinyurl.com/ywp29w9h>

THE LATEST Mind-Control Device: Zionist Islamophobia [Painel 2]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 recorte de tirinha, p&b.<https://tinyurl.com/ywp29w9h>.

THE LATEST Mind-Control Device: Zionist Islamophobia [Painel 3]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 recorte de tirinha, p&b. <https://tinyurl.com/ywp29w9h>

ILUSTRAÇÃO alegórica de ave de rapina sobrevoando figuras humanas em desespero [imagem, p&b]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4svwnmum>

SIONISMO é racismo, eurocentrismo e supremacismo branco ashkenazi. [S.l.: s. n.] [s. d.]. Excerto de texto isolado em slide. <https://tinyurl.com/5cznx5w8>.

ÍCONE identificador de plataforma digital. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 vinheta gráfica. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>

COLLECTIF PALESTINE. Soutien à Gaza, contre l'extrême droite [cartaz, cor. , seção Superior]. Paris: [s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4cb9aakp>

COLLECTIF PALESTINE. Notre Front Populaire Anticolonial et Antiraciste [Rostos de manifestantes] [recorte de cartaz, cor.]. Paris: [s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4cb9aakp>

COLLECTIF PALESTINE. Notre Front Populaire Anticolonial et Antiraciste [cartaz, seção inferior textual, cor]. Paris: [s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4cb9aakp>

31 - ISRAEL COMO ESTADO GENOCIDA E O SIONISMO COMO IDEOLOGIA DE EXTERMÍNIO

HIS INSTRUMENTS: democracy, (free)masonry, communism, capitalism [cartaz, litografia offset, cor., 70,1 cm x 48,2 cm. [S. l.: s. n.], 1941. Cartaz de propaganda antissemita e antimaçônica produzido para a Grande Exposição Antimajónica de Belgrado. Localizado no United States Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C., Coleção Katz Ehrenthal, ID: irn542379.

ISRAEL is now making the final touches to the Promised Land [imagem raster]. [S. l.: s. n.] [202-]. Meme/charge digital satírica sobre o conflito israelo-palestino, retratando soldado cobrindo crânios com grama artificial.

TALMUD [Caricatura antissemita histórica]. [S. l.: s. n.] [194-]. 1 ilustração, p&b. Caricatura de propaganda político-religiosa representando figura estereotipada com sacos de dinheiro sobre pilha de crânios humanos, encimada pela Estrela de Davi. Origem provável: Imprensa colaboracionista/nazista europeia.

ISRAEL Über Alles. Al-Gumhuria, Egypt, May 25, 1994. 1 charge, p&b. Caricatura política egípcia retratando soldado israelense e figura com braçadeira nazista marchando sobre crânios. Reproduzida em livro/antologia documental, p. 4.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

HIS INSTRUMENTS: democracy, (free)masonry, communism, capitalism [Njegovo oruđe: demokratija, masonerija, komunizam, kapitalizam] [cartaz, litografia offset, cor., 70,1 cm x 48,2 cm]. [S. l.: s. n.], 1941. Cartaz de propaganda produzido para a Grande Exposição Antimajónica de Belgrado. Localizado no United States Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C., Coleção Katz Ehrenthal, ID: irn542379.

HIS INSTRUMENTS: democracy, (free)masonry, communism, capitalism

[Njegovo oruđe: demokratija, masonerija, komunizam, kapitalizam] [cartaz, litografia offset, cor., 70,1 cm x 48,2 cm.]. Belgrado: [s. n.], 1941. Cartaz oficial produzido para a Grande Exposição Antimajónica de Belgrado (1941-1942). Original preservado no United States Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C., Coleção Katz Ehrenthal, ID: irn542379.

FIPS [Philipp Rupprecht]. Die Lügentrommel [O tambor de mentiras]. *Der Stürmer*, Nurembergue, n. 24, jun. 1940. 1 caricatura, corizada digitalmente. Caricatura de propaganda antissemita representando figura estereotipada com muletas batendo em um tambor ornamentado com a Estrela de Davi sobre um campo de crânios.

EVANS, Malcolm. 50 years of Israeli occupation of Palestinian land [50 anos de ocupação israelense de terras palestinas]. [S. l.: s. n.], 2017. 1 charge, cor. Caricatura política satírica representando Benjamin Netanyahu empilhando crânios humanos e segurando uma espátula de pedreiro ensanguentada.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

PROTOKÓŁY Mędrców Syjonu [Os Protocolos dos Sábios de Sião]. [S. l.: s. n.], 1943. 1 capa de folheto, p&b. Ilustração de propaganda antissemita representando figura estereotipada com sacos de dinheiro sentada sobre uma pilha de crânios humanos. Documento arquivado e reproduzido pela Anti-Defamation League (ADL).

AL-MULLA, Nawaf. Human Rights, Humanity [Direitos Humanos, Humanidade]. [S. l.: s. n.] [2023 ou 2024]. 1 charge, cor. Caricatura política representando a Estátua da Liberdade, o Big Ben e a Torre Eiffel sobre uma base de crânios com bandeiras da Palestina e Estrelas de Davi.

ISRAEL'S Settlements, Racism, and Nuclear Weapons. Al-Gumhuria, Egypt, May 16, 1990. 1 charge, p&b. Caricatura política representando figura militar gigante segurando um míssil e marchando sobre crânios humanos e bandeiras. Reproduzida em antologia documental de análise de mídia, p. 1.

Der Stürmer: Nürnberger Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit. Nurembergue: Julius Streicher, n. 39, set. 1926. Recortes de manchetes da primeira página, p&b. Edição histórica contendo as manchetes "Der Blutbund" e "Haltet ein, Mörder!".

ETO – GENOCID! [Isto é Genocídio!]: Izrail'skaya voenschchina vinovna v genocide [Os militares israelenses são culpados de genocídio]. [S. l.: s. n.] [198-]. Recortes de manchetes da imprensa soviética, p&b. Conjunto documental numerado de 1 a 5 reproduzindo slogans político-editoriais da URSS.

HOFMANN, Paul. Soviet, in U.N., Charges Israeli 'Genocide'. The New York Times, New York, 11 maio 1976. Captura de tela de acervo digital contendo manchete e autoria de artigo jornalístico histórico. <https://tinyurl.com/2s59apa4>

MATTHIESSEN, Wilhelm. Israels Geheimplan der Völkervernichtung: Unbekannte Geheimnisse der Bibel. Munique: Ludendorff, 1938. 1 capa de livro, p&b. Obra de propaganda ideológica e antissemita do período do Terceiro Reich exibindo ilustração de perfil estereotipado.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

WITHOUT Jews there would never have been Bolshevism [Sem judeus nunca teria havido bolchevismo] [imagem raster, p&b]. [S. l.: s. n.] [s.d]. Peça de desinformação digital contendo citação apócrifa falsamente atribuída a Aleksandr Solzhenitsyn sobreposta a retrato fotográfico do autor. Disponível em portais de propaganda ideológica.

Der Stürmer: Nürnberger Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit. Nurembergue: Julius Streicher, n. 26, jun. 1937. Caricatura "Goldwäscher Juda" [O garimpeiro judeu], cor. Ilustração satírica assinada por Fips representando figura estereotipada coletando moedas em um rio de sangue.

UN MARE Rosso Di Sangue [Um mar vermelho de sangue] [cartaz, cor]. Ilustração de J.S. [S. l.: s. n.] [1941]. Peça de propaganda político-ideológica do regime fascista italiano associando potências aliadas e o jornal "Jewish Times" à exploração financeira da guerra.

CHARGE política sobre Gaza [imagem raster., cor]. [S. l.: s. n.] [s.d]. Ilustração satírica contemporânea representando a figura da Morte com túnica branca, Estrela de Davi e quipá, bebendo sangue diante de um cenário de destruição com placa identificadora "Gaza".

AHRENS, H. L. Die Juden in Deutschland [Os Judeus na Alemanha] [capa, p&b.]. Munique: Ludendorff, 1937. Obra de propaganda político-ideológica do período do Terceiro Reich exibindo título em tipografia gótica.

PROPAGANDA antissemita na Polônia ocupada. [S. l.: s. n.] [s.d]. 1 painel contendo 2 ilustrações, p&b. Painel iconográfico composto por caricatura de financista sobre pilha de crânios (assinada por J.S.) e charge política com texto em polonês associando populações judaicas à destruição bélica (assinada por S.). Disponível em acervos digitais de monitoramento de mídia totalitária.

VÍTEK, Karel. Graphic Communist Education [Educação Comunista Gráfica]. 1922. 1 ilustração, nanquim e aquarela sobre papel, 22,9 x 28,9 cm. Coleção de arte do Museu de Literatura Checa, fundo da editora J. R. Vilímek. Comparativo com publicação no periódico Humoristické listy, LXV, n. 40, p. 475, 1922. Fotografia de Jakub Hauser.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

CHARGE política sobre intervenção geopolítica [imagem raster., cor]. [S. l.: s. n.] [s.d]. Ilustração satírica contemporânea representando a figura do Tio Sam carregando um ramo de oliveira e um escudo com a inscrição "Peace", enquanto marcha sobre uma pilha compacta de crânios humanos e sangue.

CHESTIA ZILEI: [A Questão do Dia]. Ilustração de Th. Kir. [Romênia: s. n.] [194-]. Caricatura "Și se mai spune, că sunt rău..." [E ainda dizem que sou mau...], p&b. Ilustração satírica representando oficial soviético com traços estereotipados e estrela de cinco pontas, diante de uma pilha de corpos e vilarejo em chamas.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

MERIKHI, Amin. Charge política sobre o conflito na Palestina [imagem raster., cor]. Irancartoon, Irã, 2003. Ilustração satírica representando um homem com traços fisionômicos e vestimentas religiosas associadas à identidade judaica, tomando banho em uma banheira cheia de sangue com a inscrição "Palestina" em árabe.

HAJJAJ, Hamzeh. Charge política sobre Benjamin Netanyahu [imagem raster., cor]. *Al-Ghad*, Jordânia [s.d]. Caricatura editorial representando o Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, chorando lágrimas falsas enquanto sua boca, cheia de sangue, devora civis palestinos, escombros e brinquedos.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

TANQUE militar e o rastro de crânios. [S. l.: s. n.] [2024]. 1 caricatura digital, cor. Peça de crítica geopolítica contemporânea que utiliza a engrenagem do blindado e a repetição formal de ossadas para sinalizar o custo humanitário e a destruição civil no território palestino. Disponível em acervos de monitoramento de mídia digital.

WITHOUT Jews there would never have been Bolshevism... [Sem Judeus nunca teria havido Bolchevismo...] Peça de propaganda conspiracionista contemporânea veiculada no portal HolodomorInfo.com, utilizando a imagem de Aleksandr Solzhenitsyn e dados demográficos inflados para correlacionar a identidade judaica aos crimes estatais soviéticos [panfleto digital, p&b]. [S. l.: s. n.] [20--].

LATUFF, Carlos. Bem vindo a Palestina [imagem raster., cor]. [S. l.], 2002. Ilustração satírica representando o portão de entrada de um campo de concentração cercado por arame farpado, com guarita de vigilância ao fundo e uma placa de sinalização em alemão com a inscrição "HALT!".

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.]

YKENGA. Gaza é aqui também [imagem raster., cor]. [S. l.] [2024]. Caricatura política editorial representando o Governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, abraçado ao Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, ambos imersos em um lago de sangue contendo crânios infantis e ostentando braçadeiras com a suástica nazista.

TIROS, bombas, fome, doenças! Isso tá demorando! [imagem raster., cor]. [S. l.: s. n.] [2024]. Charge política digital em língua portuguesa representando o Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e um oficial militar diante de um mapa estratégico da Faixa de Gaza cercada por arame farpado e marcada com cruzes de eliminação.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

AL-BAYAN. Mrs. Shamir: 'Why are you throwing out the girl's blood before you use it to bake matzoth'. Bahrein, 18 mar. 1990. Charge de fundo jornalístico. Reimpressa em estudos de recepção de tropos antijudaicos na mídia do Oriente Médio.

MOTTA, Nando. Mas... são só bebês! / Faça o seu trabalho, que eu faço o meu! [imagem raster., cor]. [S. l.]: *Brasil 247* [2024]. Charge política digital representando um diálogo satírico entre a personificação da Morte, empunhando uma foice, e o Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, com os braços cruzados e as mangas cobertas de sangue.

HOMEM judeu ortodoxo segurando candelabro e corpo de criança civil [imagem raster., cor]. [S. l.: s. n.] [s.d]. Charge política digital com texto em língua árabe ("أطفال فلسطين" — Crianças da Palestina), retratando uma figura

caricatural com vestes tradicionais religiosas e a Estrela de Davi no chapéu, erguendo uma menorá ensanguentada em uma das mãos enquanto sustenta pelo pescoço o corpo de um jovem civil decapitado.

SOLDADO israelense sobre pirâmide de crânios humanos [imagem raster., cor]. [S. l.: s. n.] [s.d]. Charge política digital representando um militar com uniforme camuflado e capacete com a Estrela de Davi, em pé sobre uma pilha cônica de crânios ensanguentados, enquanto finca uma bandeira de Israel no topo da estrutura de ossadas em alusão à conquista territorial por meio da violência civil.

BOB. Kosher. [imagem raster., cor]. Charge política internacional assinada e datada ("Bob '24"), ambientada em um cenário de ruínas urbanas bombardeadas, retratando o Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu jantando carne humana sobre uma mesa circundante repleta de corpos infantis, flanqueado por líderes estrangeiros ocidentais caracterizados como garçons cerimoniais. [S. l.: s. n.], 2024.

MILITAR israelense apresentando catálogo de massacres ao observador internacional. *a-Thawra*, Síria, 21 fev. 1990.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

IT'S NOT complicated it's a genocide [Não é complicado, é um genocídio] [fotografia, cor]. [S. l.: s. n.] [2024].

IT'S NOT "complex" it's not "a conflict" it is genocide [Não é "complexo", não é "um conflito", é genocídio] [fotografia]. [S. l.: s. n.] [2024].

HAJJAJ, Hamzeh. CARICATURA de Benjamin Netanyahu consumindo o território de Gaza [imagem raster., cor]. *Al-Ghad*, Jordânia [2024].

32 - ISRAEL COMO ESTADO TERRORISTA

ESTADO Terrorista: representação da bandeira de Israel modificada [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4syud46w>.

TERRXXRIST: colagem digital satírica sobre o Estado de Israel [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/ytpvrf7n>.

TERRORISM Zionist style: charge política sobre o conflito no Oriente Médio. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 charge, p&b. <https://tinyurl.com/33r726ke>

DISPOSITIVO eletrônico receptor de mensagens (Pager) da marca PageNet [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/58mze43a>.

BRAVE Israeli Soldier: Fighting Terrorism! [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4ns9n8rw>

VEÍCULO vandalizado com a inscrição "Terrorist" no vidro traseiro [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/m49y3rez>.

PICHAÇÃO urbana antissemita registrada em Maroubra, Sydney [fotografia, p&b]. Maroubra, 30 jan. 2025. <https://tinyurl.com/xamw95ue>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>.

POR QUE o Hamas não é um grupo terrorista: a classificação do Hamas... [folheto digital, cor] [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/dysks9yp>

ANONIMIZADO. Comentário no *Facebook*. [s. d.]. <https://tinyurl.com/mrfm3nef>

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.]. <https://tinyurl.com/mrfm3nef>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.]. <https://tinyurl.com/5e9758dy>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>

CARICATURA alemã satírica anticomunista e antissemita [charge, p&b]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/494jmvdc>

CARICATURA política soviética anti-israelense representando a ação militar [charge, p&b]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4afuvjcx>.

JUDENTERROR in Palästina [Terror Judeu na Palestina]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 folheto ilustrado, p&b. <https://tinyurl.com/2yedn7zf>

AGRESSIYA [Agressão]: caricatura política soviética sobre o militarismo no Oriente Médio [charge, p&b. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/375y357r>

TERROR - Oruzhiye Sionizma [Terror - A Arma do Sionismo] [cartaz soviético, p&b]. Moscou: [s. n.] [ca. 1970]. <https://tinyurl.com/bdhd8vjv>.

ZIONISM on Terror: peça gráfica de contra-propaganda política [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/36b4mhtc>.

PALESTINE: representação icônica do território como uma bomba relógio [ilustração, p&b]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/2a8jvj7b>.

CHARGE jornalística do Oriente Médio sobre as relações geopolíticas regionais [charge, p&b]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/y7k6bmza>

YOU'RE a terrorist...: charge satírica internacional sobre a diplomacia americana e israelense [charge, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/5advajvt>

ORUDIYE voyny na Blizhnem Vostoke [Instrumento de guerra no Oriente Médio] [ilustração, p&b]. Moscou: [s. n.] [ca. 1970]. <https://tinyurl.com/4s2tujnb>

KNIGHT of the Night: The knight of the night, Shaul Mofaz... [cartaz, cor] [S.l.: s. n.], 2002. <https://tinyurl.com/mr2c65b6>

THE KNIGHT of the night: Shaul Mofaz newly appointed Minister of Defence... [S.l.: s. n.], 2002. Nota descritiva de rodapé em documento iconográfico. <https://tinyurl.com/46hkyf96>

33 - NEGAÇÃO DO DIREITO DE AUTODETERMINAÇÃO DO POVO JUDEU NO SEU LAR ANCESTRAL

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no X [s. d.].

DE-RECOGNIZE "Israel" Now! [cartaz, p&b] [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/3jbaz73a>

A LUTA do povo palestino é a luta de todos os oprimidos do mundo[panfleto digital, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/bnve83fc>

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

POR UMA Palestina Livre e o fim do Estado Sionista de Israel [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/mtzcpbs8>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.]. .

SIGNIFICADO das cores na bandeira de Israel. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 infográfico digital, cor. <https://tinyurl.com/4uss68vn>

MANSOUR, Camille. Imperial Israel and the Palestinians: The Politics of Transition. Washington, D.C.: Institute for Palestine Studies, 1994. 1 capa de livro. <https://tinyurl.com/5n6s7ykx>

HOW TO talk about settler colonialism & imperialism [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/ybrtcten>

MANIFESTANTE segurando cartaz político em marcha pública [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4cmsnzs4>

PROTESTO de rua com faixa informativa sobre geopolítica colonial [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/mpj6tjyh>

PALESTINIAN loss of land 1946 to 2010. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 mapa histórico comparativo, cor. <https://tinyurl.com/mryw7vtd>.

EVOLUÇÃO territorial da Palestina: 1946, 1947, 1967, 2021. [S.l.: s. n.], 2021. 1 infográfico cartográfico, cor. <https://tinyurl.com/2s3hz2sd>

MURAL urbano pintado em edifício com a inscrição "Palestina Livre - Do Rio ao Mar" [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/w984e4my>

PALESTINA Livre do Rio ao Mar. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 peça gráfica, cor. <https://tinyurl.com/yh7mzexd>

FREE Palestine: End Israeli Occupation. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 banner digital, p&b. <https://tinyurl.com/ubw4euyu>

FROM the River to the Sea, Palestine will be Free. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 arte gráfica digital, cor. <https://tinyurl.com/ranbbaz5>

FREE Palestine: O fim da ocupação sionista. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 encarte digital, cor. <https://tinyurl.com/3p4nypuk>

BURN Zionism to the ground [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/3jw5hdw5>

ATIVISTAS em passeata carregando faixa coletiva em defesa da Palestina [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/m7c6nnw8>

REUNIÃO popular urbana com cartazes de protesto político de rua [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc83mz7b>.

TROPO 34 (NÃO TEM)

35 - COMUNICAÇÃO AMBÍGUA, IMPLÍCITA OU INDIRETA: ALUSÕES, "APITOS DE CACHORRO", METÁFORAS E EUFEMISMOS

POSTAGENS de usuários anonimizados em redes sociais: tropos visuais e slogans textuais. [S. l.: s. n., s. d.]. Conjunto de postagens e mídias digitais monitoradas e coletadas nas plataformas X (antigo Twitter) e *Instagram* para fins de análise semiótica, caracterizadas pela ausência de autoria declarada e de datação nas publicações originais. Disponíveis em: <https://tinyurl.com/5e9758dy>; <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>.

36 - HUMOR ANTISSEMITA

VOM Schemhamphoras [Sobre o Nome Inefável] [xilogravura, p&b.] [S. l.: s. n.] [1492].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

JUDENSAU de Wittenberg [A Porca dos Judeus de Wittenberg] [fotografia, cor.] Wittenberg, Alemanha, Registro documental de alto-relevo em arenito integrado à fachada exterior da Igreja de Santa Maria (Stadtkirche Wittenberg).

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Den Knoblauch [...] [ilustração]. 1936. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, n. 47, nov. 1936.

ZIEHER, Ottmar (ed.). Gruss aus Karlsbad: Familie „Löw" beim Frühstück [cartão-postal]. München: Ottmar Zieher [ca. 1898].

AUTOR DESCONHECIDO. Judensau de Frankfurt e o Martírio de Simão de Trento [gravura (calcografia), 35,4 x 23,2 cm.]. [ca. 1600-1650].

AUTOR DESCONHECIDO. Paralelo entre o Carnaval de Aalst (2019) e desfile nazista em Fürth (1939) [imagem]. [S. l.: s. n.], 2026. <inserir_url_de_onde_foi_baixada_a_imagem>.

ALAVA – TU Berlin. Holiday postcard from Karlsbad, sent 1911 [cartão-postal, cor.]. Berlim: TU Berlin, 1911. Inv. no. 2267.

AUTOR DESCONHECIDO. Três porcos sentados no banco. [ca. 1900]. 1 escultura em madeira entalhada e policromada.

AS AVENTURAS de Rabbi Jacob (Les aventures de Rabbi Jacob) [fotograma]. Direção: Gérard Oury. França: Gaumont, 1973.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

HUCK quer comprar banco digital que é um dos maiores anunciantes do Domingão. Notícias da TV [S. l.], Mercado [2024/2025]. <inserir_url_original_da_materia>.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

AUTOR DESCONHECIDO. Caricatura de silhueta em nanquim de uma mulher [ilustração] [s. d.].

KUKRYNIKSY [Kupriyanov, Mikhail; Krylov, Porfiry; Sokolov, Nikolai] [ilustração satírica][...]. [ca. 1960-1970].

AUTOR DESCONHECIDO. Aaron fil Judeo [Aaron, filho do Judeu] [desenho] 1277. Esboço marginal em documento de pergaminho. In: COLETÂNEA de Documentos do British National Archives. Kew, Essex, 1277. Curadoria: The National Archives (Reino Unido).

AUTOR DESCONHECIDO. Natan Hirschl der Pragerische Judenschafft Primas [...]. [ca. 1700]. 1 gravura (calcografia), pág. 48.

AUTOR DESCONHECIDO. Vlastní cestou [Pelo próprio caminho] [ilustração]. 1952. In: Diário da Republica Checoslovaca. Praga, dez. 1952.

Der Stürmer: Deutsches Wochenblatt zum Kampfe um die Wahrheit [capa]. Nurembergue: Julius Streicher, n. 14, 2 abr. 1942. Inclui a ilustração de Philipp Rupprecht [Fips].

AUTOR DESCONHECIDO. Registro de cartunista desenhando caricatura [fotograma, p&b.]. [s. d.].

LE PETIT, Alfred. Voracité: Les avaleurs de générauX 1899 [ilustração]. In: LA PATRIE. Paris, 10 jun. 1899, pág. 52.

KIKERIKI!: Humoristisch-politisches Volksblatt. Wien, n. 83, 15 okt. 1903. Cabeçalho da publicação.

LA LIBRE PAROLE ILLUSTRÉE. Paris: Édouard Drumont (dir.) [capa, ilustração] [ca. 1894-1899]. Ilustração satírica sobre o Caso Dreyfus.

JEW JOKES. Baltimore: I. & M. Ottenheimer [ca. 1900-1915] [capa]. Livreto de humor estereotipado.

ANONIMIZADO. Postagem no *Instagram* [s. d.].

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

RUPPRECHT, Philipp [Fips]. Britische Eseleien [Estupidezes Britânicas] [ilustração]. 1940. In: *Der Stürmer*. Nurembergue, ago. 1940.

simplicissimus: Illustrierte Wochenschrift. München: Albert Langen [1896-1944]. Cabeçalho da publicação.

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

SCHMUTZER, Ferdinand. Schreckliches Wiedersehen nach dem großen Krach [Reencontro Terrível após o Grande Colapso] [ilustração]. [ca. 1873-1890].

AUTOR DESCONHECIDO. Comentário em rede social não identificada. [s. d.].

PUNCH, or The London Charivari. London: Punch Office [1841-2002]. Cabeçalho da publicação.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

ANONIMIZADA. Imagem [36 a 55]. Postagem em rede social [S. l.: s. n., s. d.].

TROPO 37 (NÃO TEM)

38 - AFIRMAÇÃO DE GRUPOS ANTISSEMITAS

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.].

HAMAS é um grupo político de resistência anticolonial [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/56s4txxa>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

HAMAS: de onde surgiu, porque defendê-lo... [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 card digital, cor. <https://tinyurl.com/38c367at>

O HAMAS é uma força política que chegou ao poder após vencer uma eleição... [panfleto digital, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/4vcn7j4x>.

VIVA o vitorioso 7 de outubro [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.], 2023. <https://tinyurl.com/26hk3hd4>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.]

7 DE OUTUBRO: 2023-2025. [S.l.: s. n.], 2025. 1 arte digital, cor. <https://tinyurl.com/yyrzphk6>

GLÓRIA aos mártires da resistência palestiniana!: Longa vida às Al Qassam! [panfleto de convocatória, cor]. Lisboa: [s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/2y6c3yhv>

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].

DIAGRAMA social piramidal de atores geopolíticos. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 gráfico conceitual, cor. <https://tinyurl.com/4pb86r2x>.

MANIFESTANTES usam bandeiras e camisetas pró-Hamas em ato pela Palestina [fotografia, cor]. [S.l.: s. n.], 2025. <https://tinyurl.com/2fxpm9z4>.

ANONIMIZADO. Post de divulgação comercial no *Instagram* [s. d.]. <https://tinyurl.com/yc8cu3wt>.

MODELO de camiseta com estampa "HAMAS - Camisa de Resistência" [imagem digital, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/3zed3x6s>

ANONIMIZADO. Postagem no *Facebook*. [s. d.].

NÃO pare de lutar: Por uma Palestina Livre. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 vinheta gráfica, cor. <https://tinyurl.com/2peax534>.

DAY of Resistance: Call to Action [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. Convocação. <https://tinyurl.com/2puwr8zr>.

ANONIMIZADO. Nota de esclarecimento jurídico em postagem. [s. d.].

HEZBOLLAH. Emblema oficial da Resistência Islâmica no Líbano. [S.l.]: Hezbollah [s. d.]. 1 marca gráfica. <https://tinyurl.com/36dc23s9>.

ANONIMIZADO. Manuscrito digital em rede social. [s. d.].

SLOGAN político-religioso manuscrito [imagem, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.].<https://tinyurl.com/mvrn7j3v>.

SLOGAN de celebração religiosa [imagem digital]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. <https://tinyurl.com/3jfumzwt>.

[PAGINA 2] MHIWAR Ahlihna [Eixo do nosso Povo]: emblema caligráfico. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 marca gráfica. Logotipo árabe estilizado com caligrafia circular "انا روحم" (Top esquerdo). https://tinyurl.com/5a9fmcb9 .

THE WALK of Solidarity with Palestinian and Lebanese People Struggle [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.] [s. d.]. Cartaz institucional de marcha "THE WALK OF SOLIDARITY..." (Top central). Referência:. <https://tinyurl.com/n37wss63>.

BUSHNELL, Aaron. I will no longer be complicit in genocide. [S.l.: s. n.], 2024. 1 manifestação textual em card digital, p&b. Citação póstuma de Aaron Bushnell: "I WILL NO LONGER BE COMPLICIT IN GENOCIDE" (Top direito). <https://tinyurl.com/yym2ccap>.

ANONIMIZADO. Postagem memorial no X [s. d.]. "RIP Aaron Bushnell..." (Centro-topo direito)

FREE Palestine: Honor Aaron Bushnell! [cartaz, cor]. [S.l.: s. n.], 2024. Cartaz comemorativo tipográfico "FREE PALESTINE HONOR AARON BUSHNELL!" (Centro-topo direito, abaixo do anterior). <https://tinyurl.com/mr233kks>.

ANONIMIZADO. Comentário no *Facebook*. [s. d.]. Print de comentário curto com fundo branco "NOW 1-5" (Centro esquerdo)

TOWERS of Babel. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 elemento gráfico isolado. Quadrado com textura cinza escrito "TOWERS OF BABEL" (Centro-médio esquerdo). <https://tinyurl.com/52svyrd7>.

NUCLEAR Doomsday. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 elemento gráfico isolado. Quadrado com textura cinza escrito "NUCLEAR DOOMSDAY" (Centro-médio central). <https://tinyurl.com/24ksn6t8>.

DO RIO ao Mar. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 vinheta gráfica textual. Faixa tipográfica preta "DO RIO AO MAR" (Centro-médio direito). <https://tinyurl.com/3cmrwpue>.

ANONIMIZADO. Postagem no X [s. d.].Print de tuíte político em espanhol "MUERTE AL ESTADO GENOCIDA..." (Meio esquerdo)

ANONIMIZADO. Post informativo no *Facebook*. [s. d.]. Print de notícia biográfica "Esse é Mohammed Ghali, dirigente..." (Meio central). <https://tinyurl.com/mrfm3nef>

ANONIMIZADO. Comentário no *Instagram* [s. d.]. Print de comentário em rede social "Heróis anônimos, vida longa..." (Meio direito)

VIVA a resistência. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 elemento gráfico de suporte. Vinheta gráfica verde e vermelha escrita "VIVA" (Meio inferior esquerdo). <https://tinyurl.com/mr3vusm6>.

GLORIOSO: Operação militar em foco. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 ícone textual. Arte com tipografia militar em caixa alta "GLORIOSO" (Meio inferior central). <https://tinyurl.com/4hmtjas4>

ANONIMIZADO. Postagem cronológica no X [s. d.]. Print contendo o histórico "1952 DO DILÚVIO..." (Meio inferior direito)

ANONIMIZADO. Fragmento de Comentário no *Instagram* [s. d.].Print com fundo cinza contendo a palavra isolada "Fado" (Inferior esquerdo)

THE HAMIAN: political review edition. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 cabeçalho digital, cor. <https://tinyurl.com/yebnc5my>. Encarte retangular "THE HAMIAN" (Inferior central)

THE NATIONAL Student Action for Palestine. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 card de mobilização estudantil, cor. Card quadrado de mobilização acadêmica "STUDENT ACTION FOR PALESTINE" (Inferior direito). <https://tinyurl.com/mvpmjkru>.

THE NATION: Solidarity movement graphics. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 logo gráfico. Banner digital minimalista "THE NATION" (Base esquerda). <https://tinyurl.com/3dmkx5ca>.

FREE Palestine activist stamp. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 selo digital. Selo quadrado verde "FREE" (Base central). <https://tinyurl.com/3vwn5t4m>.

FREE Palestine: typography art. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 arte tipográfica digital. Tipografia estilizada com cores da bandeira "FREE PALESTINE" (Base direita). <https://tinyurl.com/4h6nvn9s>.

ANONIMIZADO. Comentário de apoio no *Facebook*. [s. d.]. Print de comentário "Excelente iniciativa..." (Rodapé esquerdo, linha 1)

ANONIMIZADO. Comentário de apoio no *Facebook*. [s. d.]. Print de comentário "Justiça histórica se fazendo..." (Rodapé esquerdo, linha 2)

ANONIMIZADO. Comentário estudantil no *Instagram* [s. d.]. Print de comentário "A luta continua no campus..." (Rodapé central, linha 1)

ANONIMIZADO. Comentário estudantil no *Instagram* [s. d.]. Print de comentário "União dos povos oprimidos..." (Rodapé central, linha 2)

ANONIMIZADO. Comentário de contra-narrativa no X [s. d.]. Print de comentário "História que a mídia não conta..." (Rodapé direito, linha 1)

ANONIMIZADO. Comentário de contra-narrativa no X [s. d.]. Print de comentário "Solidariedade internacional sempre!" (Rodapé direito, linha 2)

VINETE de encerramento e paginação de slide de apresentação iconográfica. [S.l.: s. n.] [s. d.]. 1 elemento de paginação gráfica. Ícone identificador de rodapé de página/Fim de slide (Canto inferior direito extremo)

39 - AFIRMAÇÃO DO NAZISMO, DE HITLER E DO NAZISMO

REICH, Albert. Deutsche Jungvolk [Juventude Allemã] [cartaz, cor]. [ca. 1933-1945].

HOHLWEIN, Ludwig. Bund Deutscher Mädel in der Hitlerjugend [Liga das Moças Alemãs na Juventude Hitlerista] [cartaz, cor]. [ca. 1933-1945].

WITTE (Hamburg). Baut Jugendherbergen und Heime [Construam Albergues e Lares Juvenis] [cartaz, cor]. [ca. 1933-1945].

HOHLWEIN, Ludwig. Der deutsche Student [O Estudante Alemão]: kämpft für Führer und Volk [cartaz, cor]. [ca. 1933-1938].

GURR. Die NSDAP sichert die Volksgemeinschaft [O NSDAP Assegura a Comunidade do Povo] [cartaz, cor]. [ca. 1933-1945].

WEM [Monograma do artista]. Deutsche Kinderschar [Grupo de Crianças Alemãs] [cartaz, cor]. [ca. 1933-1945].

MORGENROTH, Fr.; SCHMIDT, M. Kinder, was wißt Ihr vom Führer? [Crianças, o que vocês sabem sobre o Líder?] [capa]. Ilustrações de Willms. Leipzig: Franz Schneider Verlag [ca. 1933-1934].

MORGENROTH, Fr.; SCHMIDT, M. Kinder, was wißt Ihr vom Führer? [Crianças, o que vocês sabem sobre o Líder?] [capa]. Ilustrações de Willms. Leipzig: Franz Schneider Verlag [ca. 1933-1934].

HOFFMANN, Heinrich (Foto). Ja! Führer wir folgen Dir! [Sim! Líder, nós te seguimos!] [cartaz, p&b]. Berlim: [s. n.], 1934.

LIPHART, Heinrich. Adolf Hitler, der Fahnenträger [Adolf Hitler, o Porta-Bandeira] [pintura, cartaz, cor]. [ca. 1933-1938].

LANZINGER, Hubert. Der Bannerträger [O Porta-Bandeira] [óleo sobre tela]. 1935.

ANTON, Ottomar. Waffen-SS [Cartaz de Recrutamento] [cartaz de propaganda, cor.]. [ca. 1940-1941].

AUTOR DESCONHECIDO. Guarda de honra da SS em funeral de Estado [fotografia, p&b.]. [ca. 1933-1945].

ANONIMIZADA. Postagem em rede social [imagem] [14 a 118]. [S. l.: s. n., s. d.].

lio contra

O antissemitismo está entre as formas mais antigas e persistentes de preconceito da história. Ao longo dos séculos, reinventou-se inúmeras vezes, adaptando-se a diferentes contextos políticos, religiosos, sociais e culturais, sem jamais abandonar completamente os estereótipos e as narrativas que lhe deram origem. No mundo contemporâneo, essas ideias circulam também em novas linguagens — memes, imagens, vídeos, comentários em redes sociais e teorias conspiratórias. O que parece novo nem sempre é novo: muitas das narrativas antissemitas que circulam hoje repetem padrões que atravessam séculos de história.

O atlas *Decodificando o Antissemitismo* reúne pesquisa histórica, sociológica e iconográfica para identificar, contextualizar e explicar os principais tropos, estereótipos e narrativas que estruturam o discurso antissemita. Combinando verbetes analíticos, murais visuais, referências bibliográficas e exemplos contemporâneos, a obra mostra como antigas acusações contra os judeus continuam a reaparecer sob novas formas, adaptadas aos debates e às linguagens do presente.

Ricamente ilustrado e concebido como uma obra de consulta e reflexão, o atlas oferece ao leitor ferramentas para compreender a continuidade histórica do antissemitismo e suas transformações contemporâneas. Mais do que um inventário do preconceito, é um convite ao pensamento crítico, à educação para a cidadania e ao fortalecimento de uma cultura democrática capaz de reconhecer e enfrentar o discurso de ódio em todas as suas formas.

Toda narrativa tem uma história. Este atlas ajuda a decifrá-la.

ISBN 978-65-5505-300-5

CONIB
Confederação Israelita do Brasil

PERSPECTIVA